



*Orquídeas Nativas da Amazônia Brasileira*  
2ª edição revista

Manoela Ferreira Fernandes da Silva  
João Batista Fernandes da Silva



*Orquídeas Nativas da Amazônia Brasileira*  
2ª edição revista

Manoela Ferreira Fernandes da Silva  
João Batista Fernandes da Silva



Ministério da  
Ciência e Tecnologia

Ministério da  
Educação



*Orquídeas Nativas*  
*da Amazônia Brasileira II*

2ª edição revista



**GOVERNO DO BRASIL**

Presidente da República  
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Ciência e Tecnologia  
Sergio Machado Rezende

**MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI**

Diretor  
Nilson Gabas Júnior

Coordenador de Pesquisa e Pós-Graduação  
Ulisses Galatti

Coordenador de Comunicação e Extensão  
Nelson Sanjad

**NÚCLEO EDITORIAL DE LIVROS**

Editora executiva  
Ireneide Silva

Editora assistente  
Angela Botelho

Designer  
Andréa Pinheiro

Apoio técnico  
Tereza Lobão

Museu Paraense Emílio Goeldi

*Orquídeas Nativas  
da Amazônia Brasileira II*

2ª edição revista

Manoela Ferreira Fernandes da Silva

João Batista Fernandes da Silva

Belém  
2010

Produção editorial

**Iraneide Silva**  
**Angela Botelho**

Projeto gráfico, capa e  
editoração eletrônica

**Andréa Pinheiro**

Ilustrações

**Antônio Elielson da Rocha**  
**Alex Pinheiro**  
**Anna Luíza Ilkiu-Borges**  
**Carmem Fidalgo**  
**Gláucia**

Fotografias

**André Cardoso**  
**Antônio Schmidt**  
**Bruno S. Campos**  
**Günter Gerlach**  
**Janduari Simões**  
**Jocir Luz**  
**João Batista F da Silva**  
**Jorge Macêdo**  
**Kleber Lacerda**  
**L. C. Menezes**  
**Maíra Fernandes**  
**Marcos Campacci**  
**Osakada Yasunao**  
**Sérgio Queiróz**  
**Vitorino P. Castro**

---

Silva, Manoela Ferreira Fernandes F da; Silva, João Batista Fernandes da.

Orquídeas Nativas da Amazônia Brasileira II / Manoela F. F. da Silva, João  
Batista F. da Silva. – 2. ed. Rev. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2010.

518 p.:il.

ISBN: 978-85-61377-41-0

1. Orquídeas nativas – Amazônia Brasileira. I. Da Silva, Manoela Ferreira  
Fernandes F. II. Da Silva, João Batista F. III. Título.

CDD – 584.1509811

---



Dedicamos este trabalho  
aos nossos filhos  
**Iuri,**  
**Maíra**  
e **Iara...**  
e aos nossos netos  
**Ana Vitória,**  
**Gabriela**  
e **Benjamin.**



Que importa que ao chegar eu nem pareça pássaro.  
Que importa que ao chegar venha me arrebetando,  
sem aprumo e sem beleza!  
Fundamental é cumprir a missão  
e cumprí-la até o fim.

*Dom Hélder Câmara*





# *A*presentação

O Museu Paraense Emílio Goeldi tem o prazer renovado em disponibilizar a segunda edição do livro *Orquídeas Nativas da Amazônia Brasileira II*. O livro traz a exuberância da flora orquidológica desta região, apresentada não somente pela beleza ornamental das espécies, mas associada a informações sobre habitats e especificidades do comportamento, bem como uma listagem de nomes científicos e outros dados dos estudos realizados continuamente por João Batista Fernandes da Silva e Manoela Ferreira Fernandes da Silva.

A presente edição traz atualizações importantes, como a inserção de *dez* espécies, descritas pela primeira vez nesta publicação e outras novas ocorrências para a flora brasileira, incluindo a espécie *Sobralia imaveirae*, cujo nome é uma homenagem dos autores à Dra. Ima Célia Guimarães Vieira, ex-diretora e pesquisadora especialista da área de Botânica desta instituição. Pelas atualizações e incorporação de espécies novas para a ciência, o livro converte-se em referência para estudos botânicos, para orquidófilos, paisagistas e colecionadores, como também para os não cientistas interessados em conhecer a beleza dessas flores, que encantam a humanidade desde tempos remotos, por sua beleza e perfume, como nos mostram os autores.

A Amazônia abriga a maior diversidade biológica do planeta e, quanto à flora orquidológica, o livro cataloga mais de 134 gêneros e 709 espécies. Desse total, o Pará é um importante tributário, com ocorrência de, aproximadamente, 373 espécies, números que se superam em ritmo acelerado, pela dinâmica das pesquisas, incluindo-se os estudos de impacto e de salvamento do nosso patrimônio genético, na esteira dos grandes projetos implementados na região.

Cabe mencionar que a primeira edição, lançada em 1994, foi fruto da parceria do Museu Goeldi com a Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), sob o patrocínio da Eletronorte, Sectam e Banco da Amazônia. Foi uma empreitada de fôlego, a fim de apresentar uma obra rica em informações e diversidade de espécies, em alto padrão gráfico. Os recursos disponíveis à época foram insuficientes para uma grande tiragem e, pela grande demanda, a primeira edição já “nasceu” esgotada, infelizmente. A nós do Museu Goeldi ficou a missão de viabilizar a segunda edição, o que foi possível em 2009, quando obtivemos e alocamos recursos do Ministério da Ciência e Tecnologia para a presente publicação. Assim, nos debruçamos nesta edição solo, com a consultoria dos autores para as atualizações e o esforço editorial da nossa equipe. Fica, então, o nosso reconhecimento aos primeiros parceiros e o convite para futuras coedições.

Nesta edição, destaco a colaboração de estudiosos das Orchidaceae, como Jorge Macêdo, Sérgio Queiróz, André Cardoso, Marcos Campacci e outros, que se associaram ao Museu Goeldi neste projeto, cedendo imagens mais recentes e de melhor qualidade, além de ilustrações, que enriqueceram a publicação – a todos o nosso muito obrigado.

Aos leitores, oferecemos a divulgação das pesquisas sobre a diversidade de espécies da flora orquidológica nativa da Amazônia, em um conteúdo de inquestionável qualidade científica e técnica, fartamente ilustrado com a beleza e exuberância das espécies estudadas, para uma leitura enriquecedora e prazerosa. Aos colecionadores e orquidófilos oferecemos a oportunidade de conhecer novas espécies, fruto do trabalho primoroso de Manoela e João Batista, a quem agradecemos especialmente.

**Nilson Gabas Júnior**  
Diretor do Museu paraense Emílio Goeldi



# Agradecimentos

Agradecemos a todos que colaboraram para que este livro fosse materializado. Foram quase vinte anos de pesquisa de campo coletando material botânico e registrando as Orchidaceae da Amazônia brasileira. Durante esse tempo, contamos com inúmeras colaborações, algumas em forma de apoio institucional logístico e/ou financeiro, outros como “caronas”, hospedagem, uma acolhida solidária em suas casas ou simplesmente com palavras amigas e gestos de confiança. A todos, qualquer palavra de agradecimento seria pouco.

Mas todo o nosso trabalho e colaborações recebidas seriam quase que inócuos, no que diz respeito à devolução do material estudado à sociedade, se não fosse o apoio para a sua divulgação. Portanto, aqui vão os nossos agradecimentos especiais à Fundação Margareth Mee e ao Museu Paraense Emílio Goeldi pela oportunidade desta segunda edição, permitindo-nos as necessárias atualizações.

Pelo apoio logístico às nossas pesquisas agradecemos ao Ibama, à Companhia Vale, à Eletronorte, à Petrobras, à Primeira Comissão Mista Demarcadora de Limites (Brasil/Venezuela) e ao Exército Brasileiro.

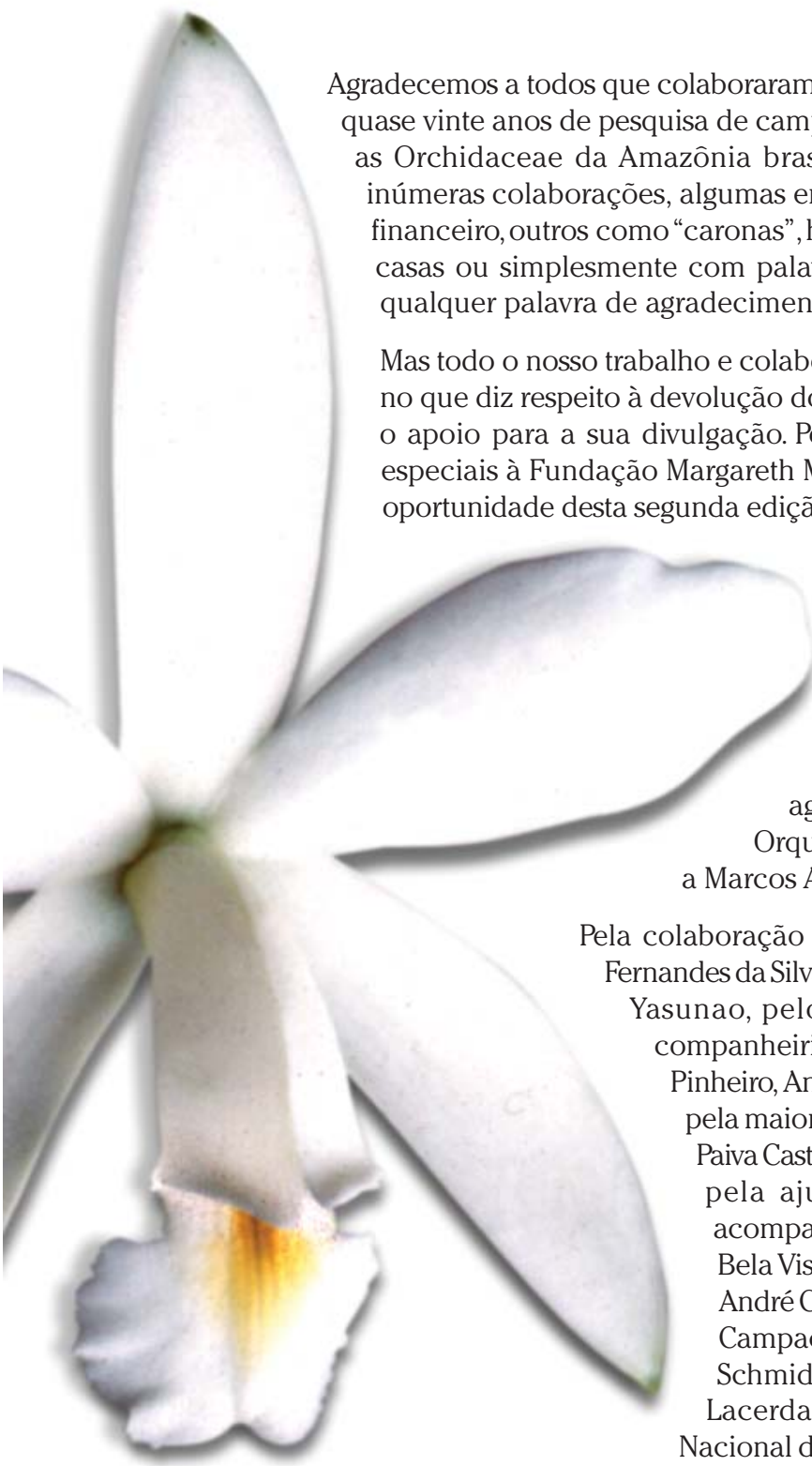
Pela divulgação dos nossos trabalhos agradecemos à Coordenadoria das Associações Orquidófilas do Brasil-CAOB, a Oscar V. Sachs Jr. e a Marcos Antonio Campacci.

Pela colaboração especial agradecemos a Josué e Margarida Fernandes da Silva nas coletas da região do Xingu (PA), a Osakada Yasunao, pelo cultivo da coleção viva, pelas fotos e companheirismo. Aos ilustradores Elielson Rocha, Alex Pinheiro, Ana Luíza Ilkiu-Borges, Carmem Fidalgo e Gláucia, pela maioria das ilustrações aqui apresentadas. A Vitorino Paiva Castro Neto, Marcos Campacci, Alva Dir T. de Oliveira, pela ajuda taxonômica. A André Cardoso pelo acompanhamento desta segunda edição. A Chácara Bela Vista, pelo material fotográfico. A Jorge Macêdo, André Cardoso, Sérgio Queiróz, Bruno Campos, Marcos Campacci, Osakada Yasunao, L. C. Menezes, Antônio Schmidt, Janduari Simões, Máira Fernandes, Kleber Lacerda, Joacir Luz, Günter Gerlach e ao Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia pela cessão de fotos.

A Sílvia Thomé (Sati) pelo acompanhamento nas coletas botânicas no estado de Roraima e a Luís Adão Teixeira, pelo apoio à pesquisa.

À equipe editorial do Museu Paraense Emílio Goeldi composta por Iraneide Silva, Andréa Pinheiro, Angela Botelho e Tereza Lobão.

A todos os ribeirinhos, canoeiros, lavradores, fazendeiros e demais interioranos pela generosa e amigável acolhida e ajuda.





# Prefácio

## Conhecendo mais sobre orquídeas da Amazônia.

O encontro dos europeus com a Amazônia foi sempre uma dramática luta entre o homem e os elementos da natureza, marcada por audácia, coragem, um tanto de loucura e a conhecida compulsão por novos conhecimentos, ir a novos lugares, ver novas gentes.

Além das precursoras passagens de Alonso de Ojeda, Américo Vespúcio, Vicente Pinzón, Diego de Lepe e outros, que resultaram em informações fantásticas, nem sempre fantasiosas, levadas às cortes de Portugal e Espanha, tivemos uma primeira epopeia amazônica, a saga de Orellana, que, voluntário na tropa de Gonzalo Pizarro, saiu do Peru com cerca de 10 mil homens e cavalos, porcos, cachorros, índios, que foram morrendo aos poucos.

Pouco mais de 50 soldados chegaram à foz do “mar Dulce”, com Orellana, e dos que ficaram para trás, com Pizarro, cerca de 80 conseguiram retornar a Quito. A Amazônia cobrava sua quota, em sangue e sofrimento.

Antes, porém, de portugueses e espanhóis, uma linhagem de *Homo sapiens* já se estabelecera na região, como demonstram as famosas cerâmicas da ilha de Marajó, que fazem uma ligação entre a cultura destes primitivos amazonenses e as culturas da América Central. Teriam eles, como os maias, um calendário mais preciso que o dos europeus? Teriam eles a noção, o conceito do zero, que dizem ter faltado à cultura grega clássica? Nunca saberemos, pouco sobrou desses primeiros brasileiros.

Hoje em dia o mundo civilizado, ou dito como tal, redescobre a Amazônia e suas extraordinárias potencialidades. Mais uma vez, fantasias e verdades se misturam, e vamos descobrindo que o “pulmão verde” do planeta é um ecossistema frágil, que o solo, desmatado e pisoteado pelo boi, em pouco tempo perde seu húmus e a fertilidade que parecia eterna. O mundo se interessa pela Amazônia, mas não é necessariamente para protegê-la.

Precisamos urgentemente conhecer a Amazônia. Cada derrubada de mata pode estar condenando à morte espécies de vegetais e animais ainda desconhecidos. O *Homo sapiens* é terrível em sua capacidade de destruição. Um levantamento há pouco publicado fala de centenas de espécies de mamíferos que deixaram de existir em período pequeno da intervenção humana na história do planeta. Uma planta pode deixar de existir se o seu inseto polinizador for extinto pela aplicação irresponsável de agrotóxicos. E esse processo destrutivo não tem volta, o “Jurassic Park” pertence apenas à imaginação fantasiosa.

Precisamos, urgentemente, conhecer a Amazônia, repetimos, pois só podemos defender aquilo que conhecemos. Nós, que temos acompanhado uma pequena parte desta luta para conhecer e preservar a riqueza amazônica, ligada à atuação de orquidófilos, orquidólogos, botânicos e biólogos em geral, temos tido a satisfação de observar pontos de excelência na busca e ordenação de mais e mais conhecimentos. Correndo o risco de pecar por ignorância, sabemos de atuações primorosas de universitários de Macapá, de Manaus, de Belém.

Agora nos chega do Pará, engendrado entre as sombras das árvores do Museu que o suíço Emílio Goeldi fez vicejar na bela Belém, o livro da professora Manoela Ferreira Fernandes da Silva e do sertanista, mateiro, articulista de primeira, fotógrafo, contador de “causos”, meu considerado João Batista Fernandes da Silva, sobre justamente as orquídeas da Amazônia.

Aliando o saber botânico de Manoela, com a experiência e o conhecimento prático de João Batista, temos sem dúvida um livro na tradição de multiplicar conhecimentos dos grandes Barbosa Rodrigues, Hoehne e Pabst. E deixando a Amazônia um pouco mais nossa, um pouco mais brasileira.

***Oscar V. Sachs Jr.***

Editor da Revista Brasil Orquídeas

# Sumário

Agradecimentos .....	7
Prefácio .....	15
Introdução .....	17
Sistemas de classificação .....	19
Formas de vida .....	20
Características estruturais .....	22
Hábito e forma de crescimento .....	22
Raízes .....	23
Pseudobulbos .....	23
Folhas .....	24
Flores e inflorescências .....	26
Frutos .....	33
Aspectos fitogeográficos .....	36
A flora orquídea da Amazônia brasileira .....	38
Gêneros e Espécies .....	41
<i>Acacallis</i> .....	42
<i>Aganisia</i> .....	48
<i>Aspasia</i> .....	50
<i>Barbosella</i> .....	52
<i>Batemannia</i> .....	54
<i>Bifrenaria</i> .....	56
<i>Bletia</i> .....	60
<i>Bollea</i> .....	62
<i>Brachionidium</i> .....	64
<i>Brachystele</i> .....	66
<i>Braemia</i> .....	68
<i>Brassavola</i> .....	70
<i>Brassia</i> .....	74
<i>Bulbophyllum</i> .....	80
<i>Caluera</i> .....	84
<i>Campylocentrum</i> .....	86
<i>Cattleya</i> .....	90
<i>Caularthron</i> .....	108
<i>Chaubardia</i> .....	112
<i>Cleistis</i> .....	114
<i>Clowesia</i> .....	116
<i>Cochleanthes</i> .....	118
<i>Coryanthes</i> .....	120
<i>Cryptarrhena</i> .....	142
<i>Cycnoches</i> .....	144
<i>Cyrtopodium</i> .....	150



<i>Diadenium</i> .....	156
<i>Dichaea</i> .....	158
<i>Dimerandra</i> .....	164
<i>Dryadella</i> .....	166
<i>Duckeella</i> .....	168
<i>Dunstervillea</i> .....	170
<i>Elleanthus</i> .....	172
<i>Encyclia</i> .....	176
<i>Epidendrum</i> .....	196
<i>Epistephium</i> .....	216
<i>Eriopsis</i> .....	220
<i>Eulophia</i> .....	222
<i>Galeandra</i> .....	224
<i>Galeottia</i> .....	234
<i>Gongora</i> .....	238
<i>Habenaria</i> .....	248
<i>Hexisea</i> .....	256
<i>Houlletia</i> .....	260
<i>Huntleya</i> .....	262
<i>Ionopsis</i> .....	264
<i>Isochilus</i> .....	266
<i>Jacquiiniella</i> .....	268
<i>Kefersteinia</i> .....	270
<i>Koellensteinia</i> .....	272
<i>Leochilus</i> .....	276
<i>Lepanthes</i> .....	278
<i>Lepanthopsis</i> .....	282
<i>Leucohyle</i> .....	284
<i>Liparis</i> .....	286
<i>Lockhartia</i> .....	288
<i>Lycaste</i> .....	292
<i>Macradenia</i> .....	294
<i>Macroclinium</i> .....	298
<i>Masdevallia</i> .....	300
<i>Maxillaria</i> .....	306
<i>Mormodes</i> .....	326
<i>Myoxanthus</i> .....	344
<i>Nidema</i> .....	348
<i>Notylia</i> .....	350
<i>Octomeria</i> .....	354
<i>Oeceoclades</i> .....	362
<i>Oncidium</i> .....	364
<i>Orleanesia</i> .....	372
<i>Ornithocephalus</i> .....	376
<i>Otoglossum</i> .....	380
<i>Otostylis</i> .....	382
<i>Palmorchis</i> .....	384
<i>Paphinia</i> .....	388
<i>Peristeria</i> .....	392
<i>Phragmipedium</i> .....	394
<i>Platystele</i> .....	396
<i>Plectrophora</i> .....	398
<i>Pleurothallis</i> .....	400

<i>Polycycnis</i> .....	420
<i>Polystachya</i> .....	422
<i>Psychopsis</i> .....	424
<i>Psygmorchis</i> .....	426
<i>Quekettia</i> .....	422
<i>Reichenbachanthus</i> .....	428
<i>Rodriguezia</i> .....	430
<i>Rudolfiella</i> .....	436
<i>Scaphyglottis</i> .....	440
<i>Scelochilus</i> .....	446
<i>Schomburgkia</i> .....	448
<i>Scuticaria</i> .....	450
<i>Selenipedium</i> .....	452
<i>Sigmatostalix</i> .....	454
<i>Sobralia</i> .....	456
<i>Solenidium</i> .....	462
<i>Stanhopea</i> .....	464
<i>Stelis</i> .....	466
<i>Stenia</i> .....	476
<i>Trichocentrum</i> .....	478
<i>Trichopilia</i> .....	482
<i>Trichosalpinx</i> .....	484
<i>Trigonidium</i> .....	488
<i>Trisetella</i> .....	492
<i>Trizeuxis</i> .....	494
<i>Uleiorchis</i> .....	496
<i>Vanilla</i> .....	498
<i>Wulfschlaegelia</i> .....	502
<i>Xerorchis</i> .....	504
<i>Xylobium</i> .....	506
<i>Zygosepalum</i> .....	508
Relação das espécies da Amazônia brasileira .....	517
Glossário .....	535
Literatura recomendada .....	537



# Introdução

Orchidaceae é considerada a maior família botânica do mundo. O número de espécies conhecidas é difícil de ser precisado, estima-se uma variação entre 15 000 e 35 000 espécies distribuídas em mais de 800 gêneros. O número estimado por Dressler (1981) é de 725 gêneros e 19 192 espécies. Porém, este número tende sempre a aumentar, a cada ano novas descobertas são feitas. Igualmente difícil é precisar qual a proporção entre o número de espécies terrestres e as espécies epífitas.

A beleza e o perfume das flores das orquídeas têm exercido atração ao homem desde épocas remotas, este fato enriqueceu muito a história desta família.

O interesse dos povos orientais pelas orquídeas é muito antigo. O filósofo Confúcio (551-479 a.C.) escreveu que tais plantas possuem um perfume supremo digno de um rei. Um manuscrito chinês (290-307) já menciona as espécies *Cimbydium ansifolium* e *Dendrobium moniliforme*. O primeiro livro sobre cultivo de orquídeas, contendo descrições de espécies e variedades, foi provavelmente escrito em chinês por volta do ano 1.000.

O filósofo Théophraste (371-264), considerado o pai da orquideologia, foi o primeiro a usar o termo “orkis”, do qual se derivou a palavra latina ORCHIS e, conseqüentemente, o nome da família Orchidaceae. A terminologia foi usada devido à presença de um par de bulbos semelhantes a testículos. O mesmo termo foi adotado por Dioscórides, médico do primeiro século, no seu manuscrito sobre plantas medicinais, atribuindo-lhes propriedades afrodisíacas.

O sueco Carl Linnaeus (1707-1778) usou a palavra ORCHIS na sua obra *Species Plantarum*, que é o marco inicial da moderna taxonomia vegetal. Naquela obra, foi incluída a espécie *Calceolus marianus*, em 1753, e mencionadas 62 espécies da família. Outros estudiosos antigos mostraram interesse pelas orquídeas, principalmente como plantas medicinais, como Otto Brunfels de Strasbourg (1488-1534), Leonhard Fuchs (1501-1566) e Jonh Gerard (1542-1612). No manuscrito de Badianus (1552) sobre plantas úteis dos Astecas é relacionada a *Baunilha*, como fortificante, talvez trate-se da espécie *Vanilla odorata*.

O interesse por coleções de orquídeas tropicais iniciou, repentinamente, no século XIX e tal interesse tem sido destacado na literatura, tanto do ponto de vista hortícola como do ponto de vista científico. Como exemplo, no tratado de Darwin, que é uma obra científica clássica, já é citada a polinização de orquídeas por insetos.

A despeito dos antecessores, foi no século XIX o marco do início do uso de técnicas de cultivo, com grande sucesso, em orquídeas epífitas tropicais. No século XX foi conseguida a técnica de enraizamento de orquídeas em casa de vegetação. Até então as plantas cultivadas por grandes colecionadores europeus eram adquiridas através de “caçadores de orquídeas”, financiados por europeus de alto poder aquisitivo. Estas plantas eram provenientes das zonas intertropicais e de outras partes do continente.

Pessoas de várias categorias sociais e com objetivos diversos, como: comerciantes, coletores, cientistas e cultivadores contribuíram para elevar o *status* internacional das orquídeas. O nome científico de muitas orquídeas foi dado em homenagem aos mesmos, desta maneira tornando-os imortais, é o caso de: Cattley, Skinner, Bowring, Loddiges, Lindley, Sander, Lobb, Gardner, Veitch, Low, Godefroy, Van Houtte, Vuyksteke, Lawrence, Gould e outros.

Nas últimas duas décadas, os estudos sobre a família Orchidaceae têm ganhado um grande impulso, tanto do ponto de vista horticultural quanto sob o aspecto taxonômico. Em 1981, Bechtel *et al.* publicaram a primeira edição do livro intitulado “*The manual of cultivated orchid species*” –

rapidamente esgotado. Tanto foi o seu sucesso, que em 1986 era publicada a segunda edição e em 1992 a terceira. Dressler (1981, 1983, 1986, 1993) tem dado a maior contribuição ao conhecimento da complexidade das Orchidaceae. Seus estudos abrangem biologia, diversidade e classificação e são baseados nos resultados de estudos modernos abordando, principalmente, aspectos evolutivos dos grupos taxonômicos. São respeitáveis classificações filogenéticas.

Muitos cientistas vêm realizando revisões de grupos taxonômicos e monografias, destacando-se Carlyle Luer com suas publicações sobre os gêneros: *Masdevallia*, *Pleurothallis* e suas aliadas, nas quais são descritos inúmeros novos Táxons. Outras revisões foram feitas para os gêneros *Odontoglossum* (Bockemuhl, 1989), *Cattleya* e *Laelia* (Withner, 1989, 1990), *Phaphiopedillum* (Karasawa, 1982 & Cribb, 1987), *Aerangis* (Stewart, 1979), *Cymbidium* (Du Puy & Cribb, 1988), *Pleione* (Cribb & Butterfield, 1988), *Chelonistele* (Vogel, 1986) e *Bulbophyllum* da África (Vermeulen, 1987), *Gongora* (Jenny, 1993), entre outras.

Para o Novo Mundo podem ser destacadas as séries Ícones como o *Ícone Plantarum Tropicarum* iniciado em 1980 pelo *Marie Selby Botanical Gardens* e continuado pelo *Missouri Botanical Garden*, o que representa uma continuação da obra *Venezuelan Orchids Illustrated* (1959-1976) de G.C.K. Dunsterville e Leslie A. Garay. Nesta linha de Ícones, foram publicados outros para as Orquídeas da Nicarágua (Hamer, 1982, 1984), Orquídeas do Equador (Dodson & Dodson, 1980-1984), do Peru (Dodson & Bennet, 1989), Bolívia (Vasquez & Dodson, 1982 e Dodson & Vasquez, 1989). A Associação Mexicana de Orquideologia (AMO) publicou a série *Icones Plantarum Orchidacearum*. F. Hamer (1974-1981) publicou *As Orquídeas de El Salvador* em três volumes.

No Brasil, não há registros da data certa da descoberta das primeiras orquídeas. Barbosa Rodrigues referiu-se ao conhecimento de orquídeas pelos índios do Amazonas, que chamavam de *Tupáypy yaracotu* – Flor dos Deuses, às *Cattleyas*.

Embora diversas pessoas tenham se dedicado à coleta e estudo das orquídeas brasileiras, o conhecimento de sua flora ainda está muito incipiente, principalmente em regiões pouco desenvolvidas e mal conhecidas nos seus recursos naturais, como é o caso da Amazônia brasileira.

Atenção maior tem sido dada às espécies ornamentais, como os gêneros *Cattleya* e *Laelia*. Muitas são conhecidas desde o início do século XIX e têm sido bem estudadas, cultivadas e multiplicadas fora do habitat natural. As espécies sem atrativos para orquidofilia e/ou horticultura, e as micro-orquídeas, de uma maneira geral, têm sido pouco estudadas e destacadas nos compêndios sobre o assunto.

Alguns estudiosos destacaram-se na orquidologia brasileira em períodos distintos, tais como: Barbosa Rodrigues (1870 a 1900); Hoehne (1930 a 1950); Brade (1930 e 1940); Pabst (1950 a 1980) e Brieger (1960 a 1980). Outros, principalmente fora do Brasil, deram grandes contribuições neste aspecto, como é o caso de J. Lindley, por volta de 1800 a 1870; Reichenbach f. (1840 a 1890); R. Schlechter (1870 a 1930), aproximadamente, e R. Mansfeld, nas décadas de 1920 a 1930, entre inúmeros outros – em especial na Europa.

Após 1980, embora muitas pessoas ou grupos tenham estudado esta família, ainda está muito aquém do necessário para cobrir a enorme extensão territorial brasileira e resolver os problemas de ordem taxonômica e ecológica, que ainda são muitos. O último trabalho de abrangência geral sobre a flora Orchidaceae do Brasil foi o de Pabst e Dungs (1975-1977), no qual foi citado um total de 2300 espécies – hoje superado. Para o Distrito Federal, por exemplo, no trabalho de Pabst & Dungs, supracitado, foi reportado um total de 175 espécies. Atualmente, os inventários de Heringer-Sales et al. (comunicação pessoal) registraram 230 espécies para a mesma região, como resultados parciais de suas pesquisas.

Para a Amazônia brasileira, vários trabalhos de cunho regional foram desenvolvidos na década de 70 e início dos anos 80 por Pedro Ivo Soares Braga, então pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA). Seus estudos foram direcionados ao tipo ecossistema campina amazônica.

Entre as contribuições sobre o assunto, nos últimos tempos vem sendo desenvolvido o projeto: “Estudo e Conservação de Orquídeas na Amazônia Brasileira”, originariamente intitulado “Salvamento de Orquídeas na Amazônia Brasileira”, ao qual está vinculado este trabalho. Nesta área, destacam-se, também, o esforço de pessoas ligadas às Sociedades de Orquidófilos e trabalhos publicados por pesquisadores de outras regiões, como é o caso de A. Cardoso, A.L. Ilkiu-Borges, F. Miranda, K. Lacerda, F. de Barros e Catharino, G. Romero e Jenny, G. Salazar, V.P. Castro e outros.

O número de espécies de orquídeas amazônicas, citado na literatura, está aquém do conhecido atualmente. A cada fronteira de exploração botânica que se avança, novos táxons são registrados na flora local. O primeiro trabalho de uma série, publicado por Braga em 1977 apresentou uma relação de 48 táxons para a vegetação campina. Em uma próxima publicação do mesmo autor, em 1981, este número elevou-se para 92 e em 1982 apresentou um total de 156 táxons.

Neste trabalho estão apresentadas 642 espécies, acrescentando-se mais 67 espécies do gênero *Catasetum* temos 709 espécies e 131 gêneros na Amazônia brasileira catalogadas até hoje.

## Sistemas de Classificação

A história dos sistemas de classificação de orquídeas remota de longas datas. Iniciou com o nascimento da taxonomia vegetal. Carl von Linné (Linnaeus), considerado o “pai da Botânica moderna”, incluiu 69 espécies e 8 gêneros na primeira edição da sua obra clássica *Species Plantarum* (1753). A maioria das espécies citadas eram europeias. As descrições foram baseadas em trabalhos anteriores como os de L. Fuchs (1542); Dodoneus (1583); Gaspar Bauhin (1620) e em espécimes de sua própria coleção de herbário.

Na segunda metade do século XVII, o número de espécies de orquídeas conhecidas aumentou muito rapidamente com plantas descritas provenientes de coletas do Velho e Novo Mundo Tropical e da Austrália.

No período de 1788-1800, O. Swartz descreveu inúmeras espécies de orquídeas da América Tropical. Foi o primeiro botânico a reconhecer a diferença entre as espécies considerando o número de anteras, que mais tarde serviu para outros autores denominá-las de Monandrae e Diandrae – as que possuem uma ou duas anteras, respectivamente. Na obra *Prodromus Florae Novae Hollandiae*, de Robert Brown, publicada em 1810, o grupo das Monandrae está dividido em quatro subgrupos de acordo com a forma, posição e grau de persistência das anteras, pelas características da massa polínica e pelo hábito. O reconhecimento da importância dos caracteres da antera e das políneas tem servido de base para as classificações posteriores da família.

Em *Mémoires du Muséum d’Histoire Naturelle de Paris* (1812), L.C. Richard publicou um estudo detalhado das peças florais das orquídeas baseado em espécies europeias. A terminologia proposta neste trabalho é utilizada até os dias atuais.

John Lindley, professor de botânica da Universidade de Londres, teve uma destacada participação na classificação das orquídeas tropicais cultivadas em casas de vegetação na Europa. Este fato deu-se no século XIX com a importação europeia, em larga escala, de orquídeas tropicais. Lindley desenvolveu grandes conhecimentos sobre Botânica, Horticultura e Agricultura, sendo seu interesse mais destacado no estudo das orquídeas – marcando o início da moderna orquideologia. Entre 1830 e 1840, este cientista elaborou a obra *Genera and Species of Orchidaceous Plants*, o mais

expressivo tratado de classificação de orquídeas da época. O trabalho apresenta a descrição e classificação de, aproximadamente, 2000 espécies, das quais apenas 10% eram conhecidas até então. A classificação de Lindley apresenta um tratamento por gênero e os gêneros, por sua vez, organizados em tribos. A família Orchidaceae foi dividida em sete tribos. O sistema de Lindley é, basicamente, a nível de tribo. Não obstante a mudança de nome, o mesmo é refletido nos modernos sistemas de classificação. O mesmo autor publicou outros notáveis trabalhos, como: *Sertum Orchidacearum* (1830-1838) *Illustrations of Orchidaceous Plants* (1830-1838) e *Folia Orchidacea* (1852-1859).

A segunda metade do século XIX foi o período mais dinâmico nos estudos sistemáticos das Orchidaceae, destacando-se grandes taxonomistas como: H.G. Reichenbach f. Kräenzlin; R.A. Rolfe; entre outros. Muitas espécies foram descritas e elaboradas monografias, revisões e floras. Porém, o sistema de classificação de Lindley, só foi superado em 1881. George Benthán publicou no *Journal of the Linnean Society*, o primeiro dos três sistemas de classificação moderna, que foi depois ampliado por Joseph Hooker em *Genera Plantarum* (1883).

Em 1889, Ernst Pfitzer rompeu com a linha tradicional do esquema dos sistemas de Lindley, propondo um sistema em *Die Natürlichen Pflanzenfamilien*, de A. Engler e K.A. Prantl. O sistema foi proposto seguindo o trabalho clássico de Darwin, o grupo de orquídeas caracterizado por duas anteras (Cypripedilinae de Pfitzer) refletia o grupo mais primitivo. Depois da divisão inicial considerando os caracteres da antera e pólen, foi dada ênfase à chave, colocando caracteres vegetativos em superioridade aos caracteres florais.

Rudolf Schlechter usou um sistema publicado em *Notizblatt des Botanischen Gartens und Museums zu Berlin-Dahlem* (1926). Suas pesquisas são marcos importantes no estudo sobre orquídeas neste século e servem de base para estudiosos das floras da Nova Guiné, África, América Central e América do Sul.

Os trabalhos mais recentes sobre classificação de orquídeas são marcados por estudos e publicações de Van der Pijl & Dodson (1966); Garay (1972); Dressler & Dodson (1960) e Dressler (1981, 1983 e 1993). Esses sistemas modernos são considerados filogenéticos, baseados nas recentes teorias evolutivas. Os táxons são agrupados de acordo com suas relações evolutivas. Dressler (1993), o mais atual de todos, considerou, além de caracteres morfológicos, informações subsidiárias sobre anatomia, citologia, micromorfologia, química, palinologia, etc.

## Formas de Vida

As orquídeas são encontradas numa variedade muito grande de habitats, praticamente, todos os tipos, exceto os oceanos. São igualmente variáveis suas exigências quanto às condições de altitude, luz, umidade e ventilação. É, portanto, uma família cosmopolita, sendo conhecida desde os ancestrais romanos às ruínas maias. Ocupa todas as regiões do mundo, desde o norte da Suíça e Alaska à Terra do Fogo e ilha Macquarie. São encontradas, também, em oásis de ambientes de deserto extremo. Podem ocupar, praticamente, todos os substratos disponíveis. Suas formas biológicas podem ser: aéreas, epifíticas, rupículas e terrestres, podendo ser, também, folículas, mirmecófilas ou completamente subterrâneas. Algumas espécies ocorrem sobre ninhos de formigas do gênero *Azteca*. Embora habitem os limites das regiões vegetais do mundo, as epifitas, entretanto,

distribuem-se somente nas regiões de clima tropical e subtropical. São nessas regiões que ocorre a maior diversidade da família.

As orquídeas terrestres possuem raízes no solo e predominam nas regiões de clima temperado. Apesar disso, muitas espécies e até gêneros inteiros de orquídeas terrestres ocorrem em regiões tropicais. Por exemplo, o gênero *Habenaria*, que é essencialmente terrestre ocorre no Brasil, sendo representado na flora amazônica por mais de 40 espécies. Não é nesta província fitogeográfica, em território brasileiro, que o gênero está melhor representado. No cerrado, no Brasil central, ocorrem mais de 100 espécies de *Habenaria*. Espécies dos gêneros *Sacoila*, *Spiranthes*, *Cyclopogon* e *Sacoglottis* são outros exemplos de orquídeas terrestres que ocorrem na Amazônia brasileira. A maioria das orquídeas terrestres são de regiões submetidas a pressões ambientais extremas, como o frio intenso nas zonas temperadas ou muito seco, nos trópicos. Nestes casos, nos períodos adversos, normalmente as orquídeas passam por uma fase de dormência, perdendo toda a parte aérea. Há orquídeas que embora terrestres desenvolvem-se em forma de liana escandente, necessitando do suporte de outros vegetais, é o caso de espécies do gênero *Vanilla*.



Figura 1. Exemplo de diversas formas de vida das Orchidaceae. Gêneros: A: *Sacoila* – terrestre; B: *Trizeuxis* – epífita e C: *Cyrtopodium* – rupícola.



As orquídeas epífitas vivem sobre outros vegetais. Neste grupo, está incluído o maior número de espécies de orquídeas – cerca de 70% do total das espécies. A maior concentração destas verifica-se nas regiões tropicais da Ásia, América, Australásia e África, principalmente, nas regiões montanhosas dos trópicos. Há uma diversidade enorme de espécies, variando desde o tamanho de um grão de arroz até a espécie africana gigante, *Grammatophyllum speciosum* que pesa duas toneladas.

Na Amazônia, a maioria das espécies de orquídeas são epífitas, ou seja, vivem sobre outros vegetais. Esta forma de vida, muitas vezes é tida, erroneamente, como parasitismo, na realidade elas apenas utilizam outras plantas como suporte, sem retirar delas água ou nutrientes dos tecidos vivos internos. As vantagens proporcionadas pelo epifitismo são melhores condições de luminosidade e substrato relativamente isento de competição.

As adaptações ecológicas das orquídeas ao epifitismo são no tocante ao suprimento de água e nutrientes. As raízes da maioria das orquídeas epifíticas apresentam uma epiderme multisseriada, o velame, cuja função principal é a absorção de água. A suculência é outra adaptação ecológica entre as orquídeas epífitas para suprir as necessidades hídricas. O epifitismo ocorre somente nos climas temperados e tropicais.

Um número reduzido de espécies de orquídeas vive sobre substrato rochoso, essas são denominadas de rupículas. Trata-se, na realidade, de uma modificação adaptativa do hábito epifítico.

Há orquídeas completamente subterrâneas. A espécie *Rhizanthella gardineri* foi encontrada acidentalmente em escavações feitas na Austrália. *Criptanthemis staretii* é outra espécie australiana subterrânea.

## Características Estruturais

### Hábito e forma de crescimento

As orquídeas são plantas herbáceas, sendo a maioria epífitas ou fitofíticas, originárias de regiões intertropicais de vários continentes.

De acordo com o hábito de crescimento, as orquídeas são agrupadas em dois modelos básicos: monopodial e simpodial.

As monopodiais apresentam crescimento obedecendo um eixo central, isto é, crescimento terminal – não possuem rizoma nem pseudobulbo. Como exemplos de orquídeas com crescimento monopodial podem ser citadas as do gênero: *Vanilla*, *Huntleya*, *Ornithocephalus*, entre outros (Figura 2).

As simpodiais crescem a partir de gemas vegetativas situadas ao longo de um rizoma, sendo, portanto, de crescimento lateral. São exemplos de orquídeas que apresentam esta forma de crescimento, as dos gêneros *Cattleya*, *Oncidium*, *Bulbophyllum*, *Encyclia*, entre outras (Figura 3).



Figura 2. Tipo de crescimento monopodial – *Ornithocephalus* sp.

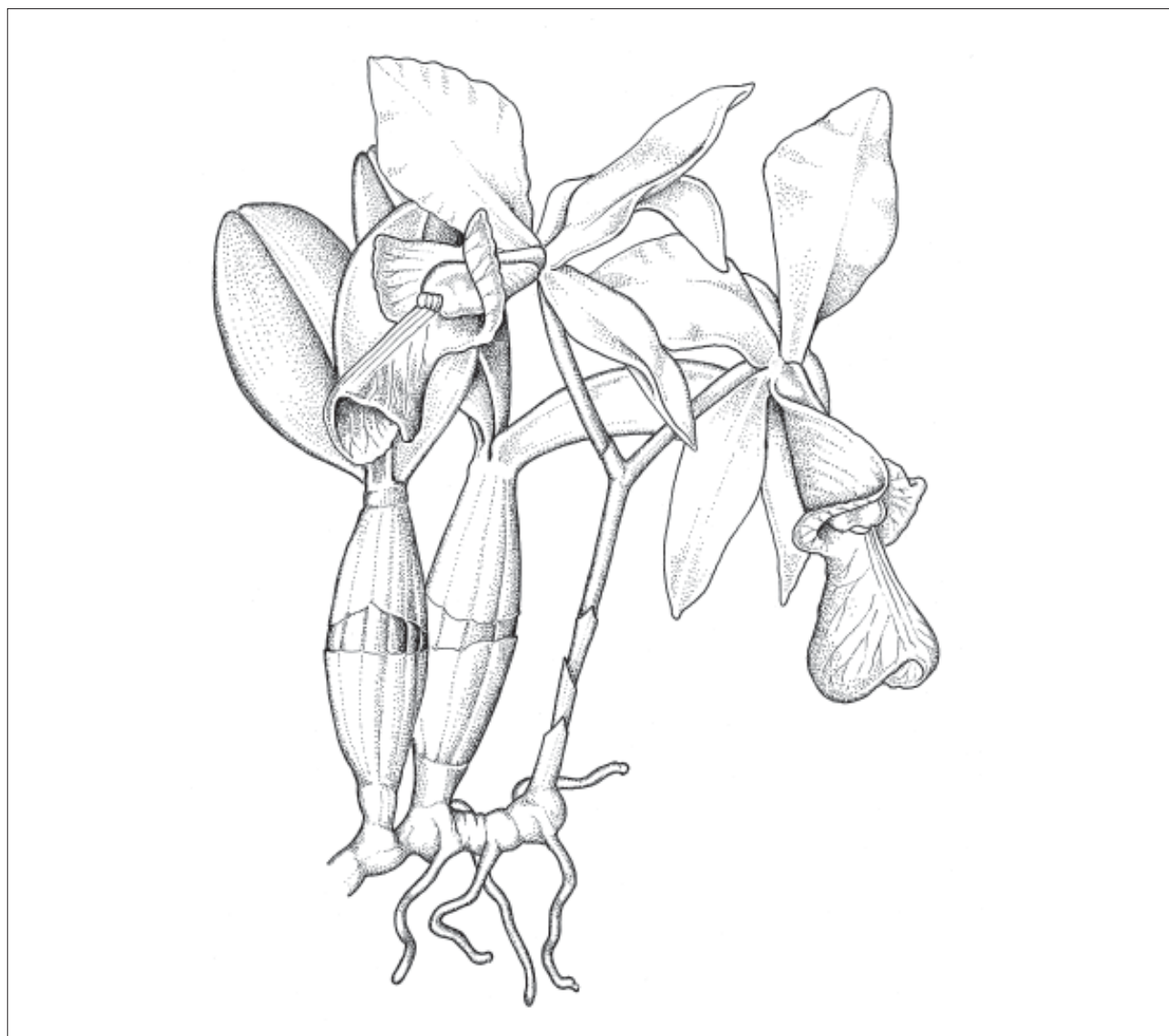


Figura 3. Tipo de crescimento simpodial – *Cattleya nobilior*

## Raízes

As raízes das orquídeas têm dupla função. Servem para fixar a planta ao suporte e para prover a planta de água e dissolver os sais minerais. Uma das características mais marcantes da maioria das orquídeas é a presença de um tecido especial esponjoso que envolve as raízes denominado velame. Este tecido, uni ou multisseriado, formado por células grandes, com grandes espaços preenchidos por ar, possui a coloração cinzento-prateada nas raízes aéreas. O velame não é exclusivo da família orchidaceae, porém, nesta, ele é bem desenvolvido e está presente nas orquídeas epífitas, litofíticas e nas terrestres. A sua função é facilitar a absorção de água e nutrientes, assim como, também na conservação de água e proteção contra alta luminosidade. O velame tem sido reportado para algumas espécies terrestres, como do gênero *Cypripedium*. Uma outra característica marcante das raízes de orquídeas é que são fotossintéticas. Na espécie *Campylocentrum amazonicum* que é áfalo (sem folhas), as raízes desempenham a função das folhas (Figura 4).

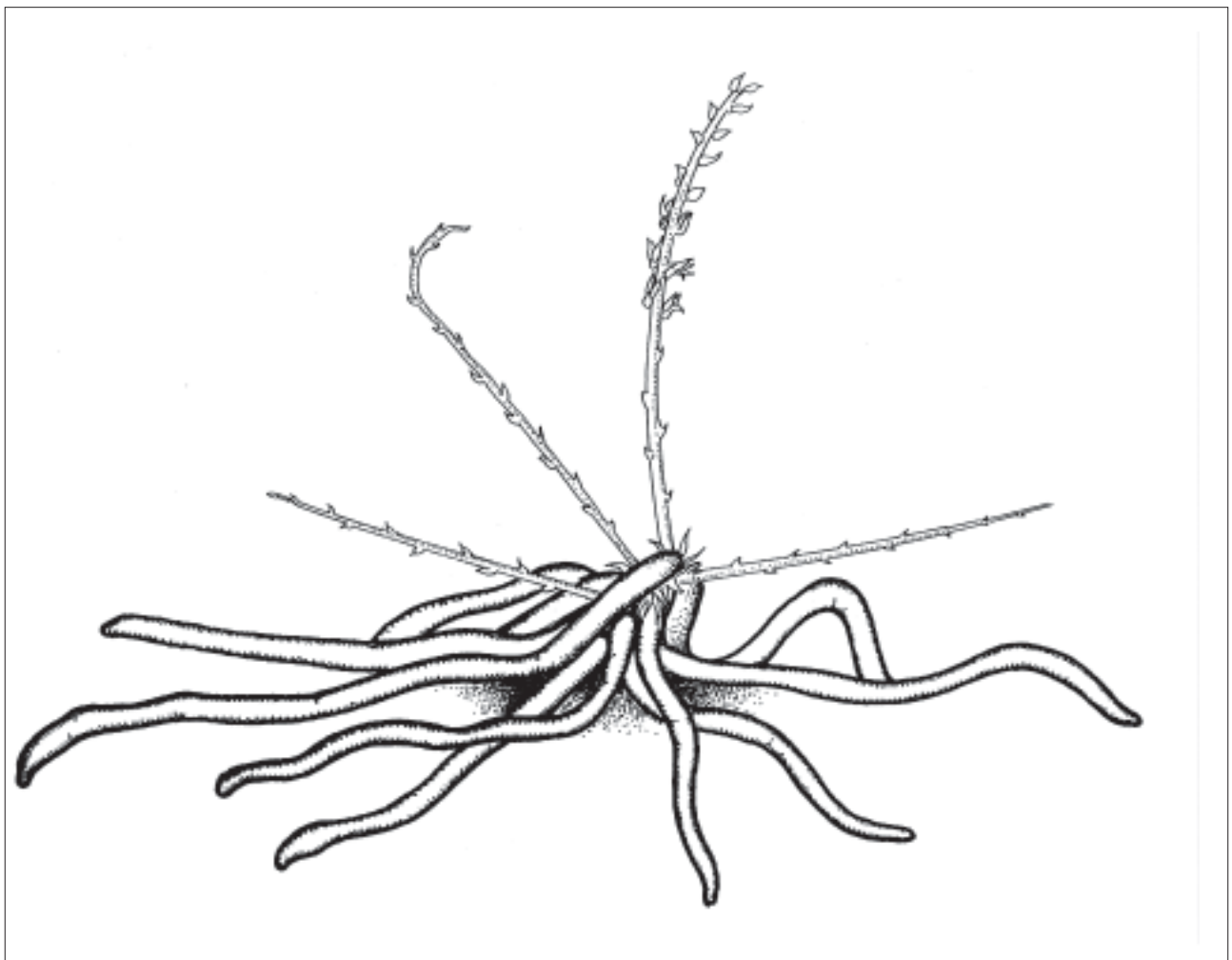


Figura 4. Exemplo de orchidaceae sem folha – *Campylocentrum amazonicum*.

## Pseudobulbos

A maioria das orquídeas epífitas apresenta uma estrutura vegetativa que é o engrossamento do talo denominado pseudobulbo. O pseudobulbo na verdade é o caule modificado, funcionando como órgão de armazenamento. A forma mais comum é arredondada, mas pode ser também ovoide, elipsoide, fusiforme, clavado ou cilíndrico, alongado ou achatado, em alguns casos envolvidos por brácteas secas ou só na base. Os pseudobulbos são estruturas que armazenam água, possibilitando a sobrevivência das orquídeas epífitas em condições ambientais extremas de deficiência hídrica. Ocorrem em muitos gêneros e apresentam uma variedade enorme de forma e tamanho (Figura 5).

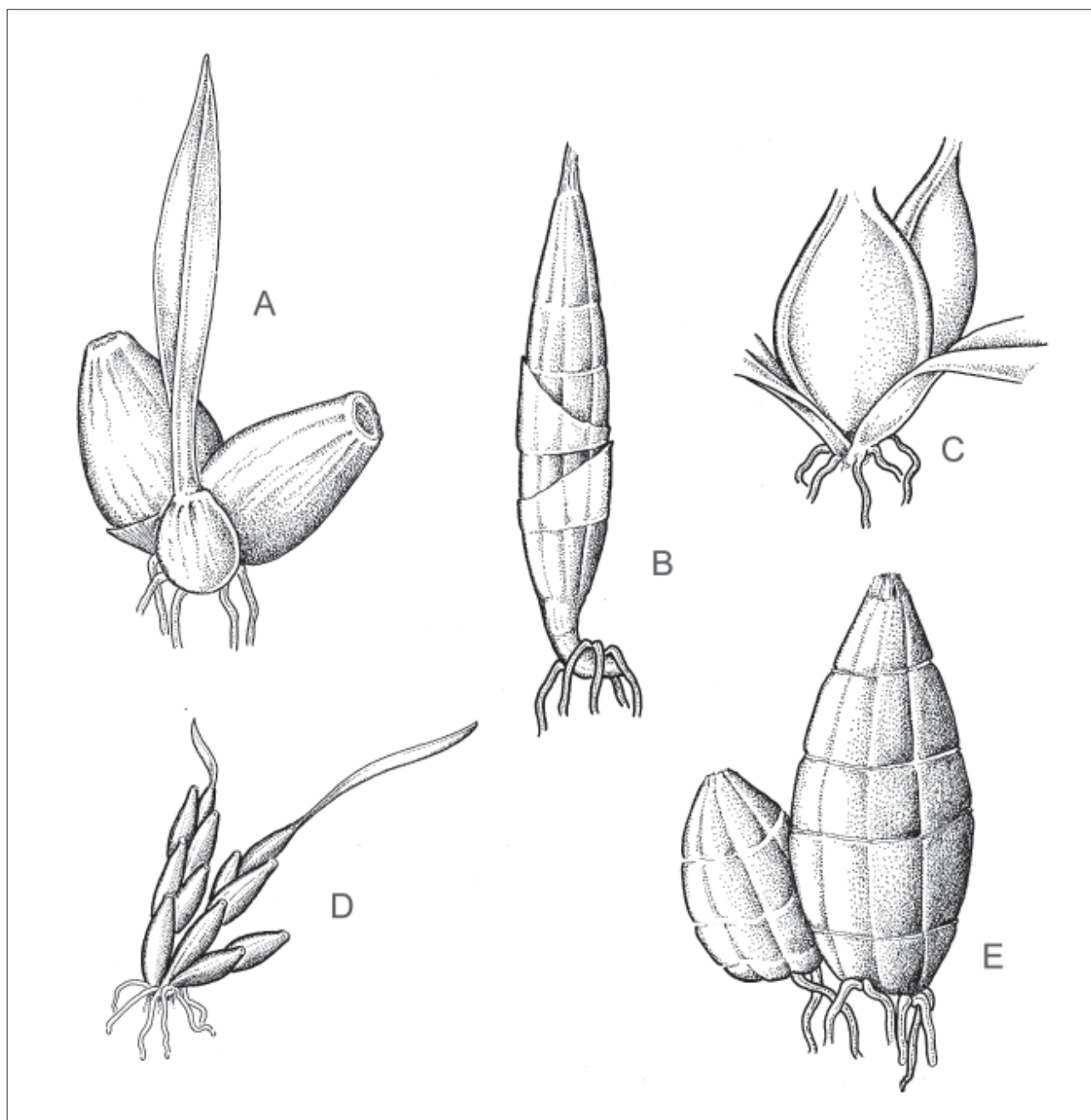


Figura 5. Diversos formas de pseudobulbos: A, E – ovoide; B – fusiforme; C – achatado; D – elipsoides.

## Folhas

As folhas das orquídeas variam muito em tamanho, forma e consistência. As formas podem ser lineares, redondas, codiformes, roliças, aciculares, etc. As nervuras caracterizam duas formas principais de folhas. As que apresentam três ou mais nervuras bem nítidas e as que possuem uma única nervura central. No primeiro caso, as folhas são de textura mais delicadas, como nos gêneros *Sobralia*, *Elleanthus* e *Catasetum*. O outro tipo possui textura mais rija, coriácea ou carnosa, é o caso das *Catleyas* e muitos outros gêneros. As folhas podem ser ainda plicata e conduplicata. Folhas plicatas são de textura fina e membranáceas, com nervuras paralelas. Supõem-se que os táxons que apresentam este tipo de folhas sejam os mais primitivos dentro da família, uma vez que o tipo de folha é parecido com da família Liliaceae, supostamente o ancestral da Orchidaceae. Muitas Orquídeas, especialmente a maioria das que possuem folhas conduplicatas, apresentam a forma de V quando seccionadas transversalmente, são endurecidas devido ao espessamento das paredes celulares fibrosas esclerenquimáticas. Os estômatos são confinados à superfície inferior e a epiderme pode ser muito espessa. Esta característica está relacionada à eficiência no controle de água no interior da planta quando está sujeita à alta radiação solar.

Existem plantas áfilas, isto é, sem folhas, é o caso da espécie *Campylocentrum amazonicum* (Figura 4).

As orquídeas cujo hábito de crescimento é monopodial possuem folhas dísticas, inseridas alternadamente ao longo do ramo. Já as espécies de crescimento simpodial, as folhas se inserem ao longo do ramo, ou em forma de rosetas – quando o ramo é curto, e nas que possuem pseudobulbos, as folhas inserem-se na extremidade do mesmo, em número de uma, duas ou três. O número de folhas no ápice do pseudobulbo pode ser um elemento importante na classificação das espécies ou grupos de espécies. Por exemplo, no gênero *Cattleya* as espécies são agrupadas em unifolioladas e bifolioladas se possuem uma ou mais folhas por pseudobulbo, respectivamente.

As folhas de algumas espécies são completamente cilíndricas, como por exemplo, *Oncidium cebolleta* e *Brassavola martiana* ou ligeiramente cilíndricas. Quanto à consistência, as folhas podem ser membranáceas, coriáceas ou carnosas. Quando armazenam água e outras substâncias são consideradas carnosas ou coriáceas-carnosas (Figura 6).



Figura 6. Diversos tipos de folhas de Orchidaceae.

## Flores e Inflorescências

As flores das orquídeas constituem as principais características para o reconhecimento da família. Localizam-se na extremidade do **pedicelo** que é uma haste em continuação ao ovário. Elas nascem em um axi floral denominado **inflorescência**. Em alguns gêneros, a inflorescência possui uma única flor, que nasce no ápice de um axi denominado **pedúnculo**, é o caso de *Trigonidium*. Porém, a maioria das orquídeas possui inflorescência multiflora. As inflorescências podem ser de vários tipos. Na maioria dos gêneros terrestres e em alguns epífitos, como *Bulbophyllum*, a inflorescência é do tipo **rácemo**, as flores nascem ao longo de um eixo não ramificado. Quando o axi é ramificado recebe o nome de **panícula**, é o caso de muitos gêneros, p. ex. *Oncidium*, podendo ser, ainda, sem pedúnculo, e flores ligadas diretamente ao eixo principal, chamada de **espiga**, ou, ainda, em forma de **corimbo**, **capítulo** ou **umbela** (Figuras 7-10).



Figura 7. Flores e inflorescências: flor solitária.

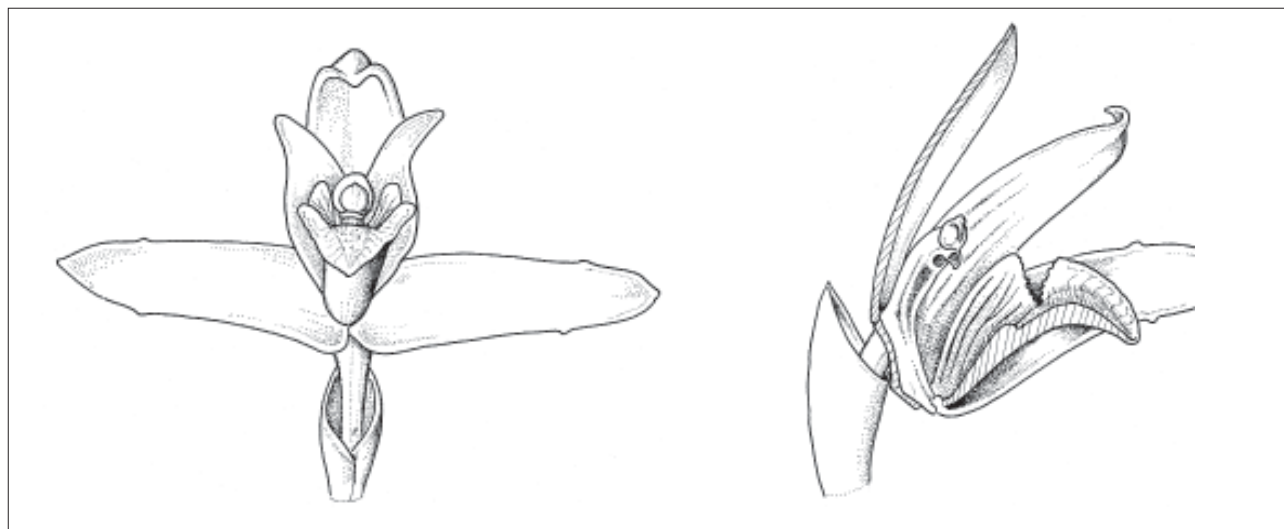


Figura 8. Inflorescência simples.



Figura 9. Inflorescência em rácemo.



Figura 10. Inflorescência em panícula.

As orquídeas, como em outras Monocotiledôneas, menos evoluídas que esta, Liliaceae, Iridaceae e Amarilidaceae, possuem flores em um padrão básico triverticilado. Apesar desta uniformidade no número e arranjo das peças florais, elas apresentam uma diversidade muito grande em tamanho e detalhes na estrutura.

Nas orquídeas de crescimento simpodial, as inflorescências podem ser terminais, axilares ou na base do pseudobulbo (Figuras 11-13).

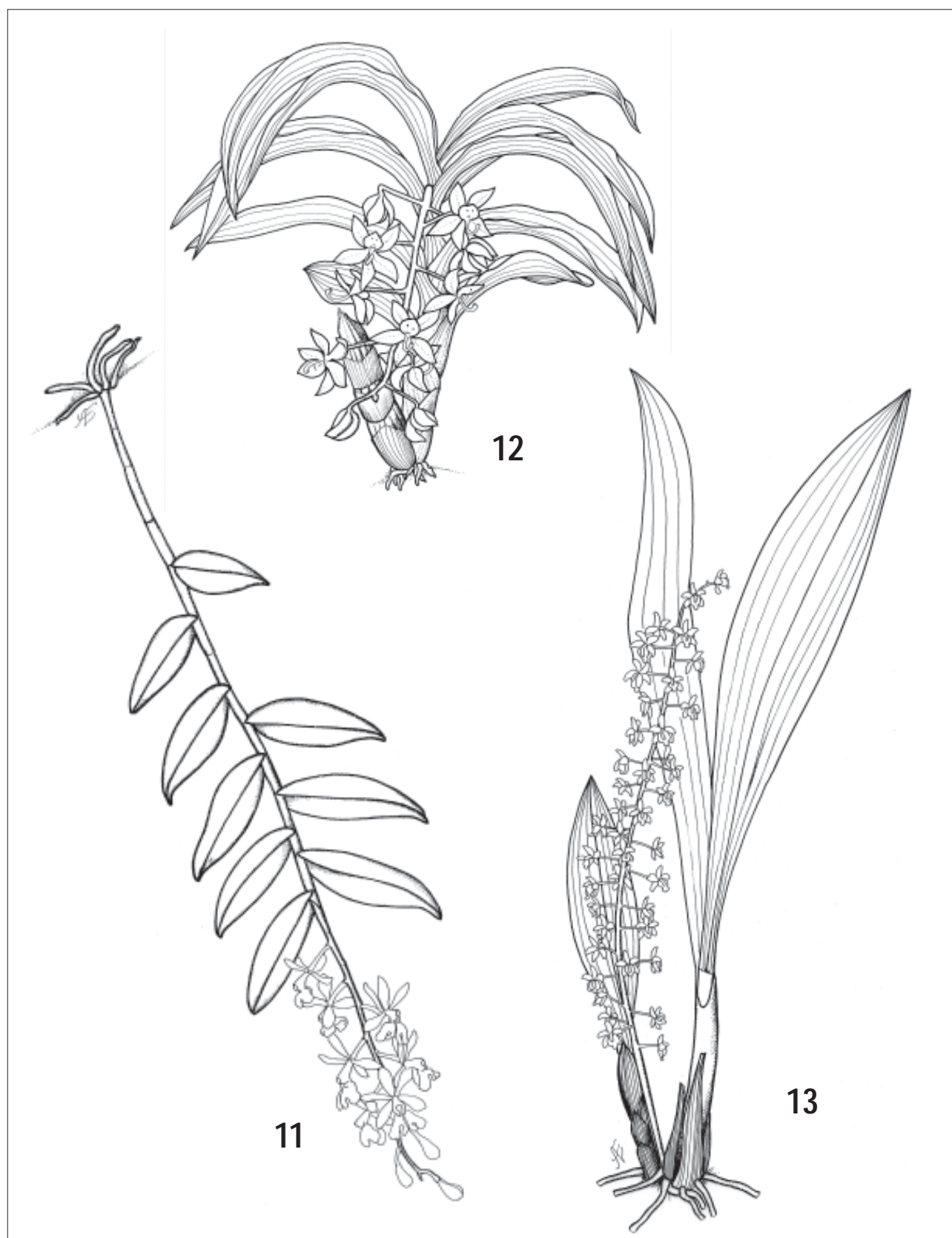


Figura 11. Flores e inflorescências: inflorescência terminal – *Epidendrum*.

Figura 12. Inflorescência axilar – *Cycnoches haagii*.

Figura 13. Inflorescência basal: *Eriopsis*.



Quanto ao tamanho, há orquídeas de flores gigantes. A maior flor de orquídea conhecida é de *Angraecum sesquipedale*, maior flor de Madagascar, mede cerca de 45 cm, incluindo o esporão. A flor de *Cattleya warneri* chega a medir 25 cm de diâmetro. Porém, existem as micro orquídeas de flores minúsculas. Como a menor orquídea é a australiana *Bulbophyllum minutissimum*. A planta toda mede o equivalente a meio grão de arroz e a flor é um pouco maior. Muitas espécies do gênero *Lepanthes* apresentam flores milimétricas. *Pleurothallis spiculifera* Lindl. é uma miniatura de orquídea que ocorre na Amazônia, com flores de 3-4 mm de diâmetro, cujo tipo foi coletado por Spruce no rio Negro, durante suas viagens para a América do Sul no século XIX (1853).

As flores de orquídeas são as mais diversas e bizarras do mundo, vão desde inflorescências grandes multicoloridas formando verdadeiros buquês, a mínimas, ou, ainda, mimetizando animais, o que facilita a atração pelo polinizador. Possuem cores variadas, que vão desde o escuro, as chamadas orquídeas negras, até cores iguais as folhas verdes ou marrons. Apresentam em sua estrutura as seguintes peças: três sépalas, localizadas exteriormente, três pétalas interiormente, sendo duas pétalas iguais e uma diferente, modificada. Esta, em muitos gêneros é grande e colorida, muito vistosa, recebendo o nome de **labelo**. Em alguns gêneros, o labelo é complexo, como em *Stanhopea*, apresentando partes com terminologia específica. Muitos gêneros apresentam labelo minúsculo, é o caso de *Pleurothallis*. O cálice e as pétalas localizam-se inferiormente às demais peças florais para atrair polinizadores. O labelo pode ser trilobado, tripartido ou muito complexo como nos gêneros *Coryanthes* e *Stanhopea*. Possui, muitas vezes, um calo central, podendo ser, também, pubescente. O calo ou pelos são, geralmente, arrumados longitudinalmente de modo a orientar o polinizador em direção ao nectário ou esporão. Em algumas espécies, o esporão é algo proeminente na flor e pode ser muito longo. O labelo é a peça da corola mais externa, servindo como uma plataforma ao inseto polinizador em potencial. Nos gêneros *Stelis* e *Pleurothallis* o labelo não é vistoso, porém, as peças florais são distintas, como nos demais gêneros (Figura 14).

Internamente, e numa posição inferior às demais peças, localiza-se o ovário, fundido ao pedicelo, abaixo do ponto de inserção das demais peças florais. Distingue-se do pedicelo por apresentar três ou seis nervuras; depois da polinização, no ovário desenvolvem-se as sementes. Em continuação ao ovário, encontra-se a **coluna** ou **gimnostêmio**, que é formada por uma estrutura central, única, resultante da fusão dos estames e pistilos.

Na parte inferior da coluna localiza-se uma pequena depressão que corresponde a um lóbulo do estigma denominado de **rostelo**, cuja função é a produção de uma substância adesiva onde é depositada a polínea por ocasião da fecundação.

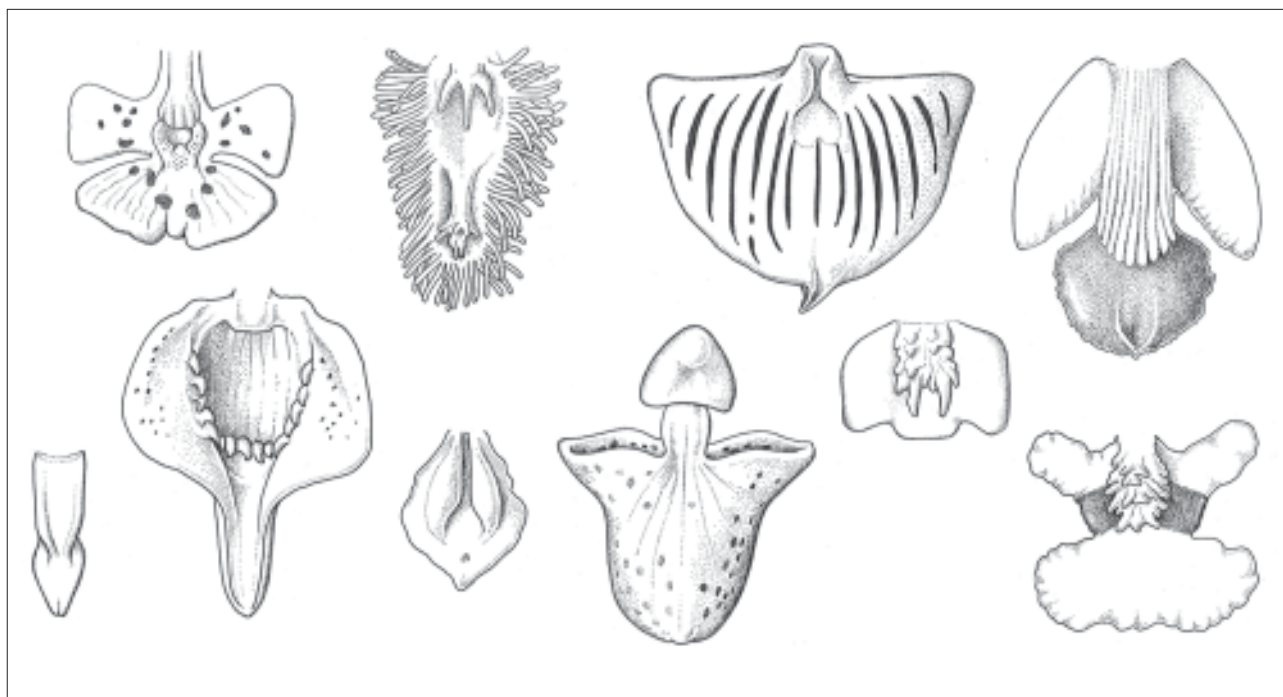


Figura 14. Diversos tipos de labelo de Orchidaceae.

As características mais marcantes nas Orchidaceae, que as diferem das demais monocotiledôneas, são encontradas nas estruturas reprodutivas, estas apresentam-se bem reduzidas. A coluna é uma estrutura resultante da fusão do órgão reprodutor masculino e feminino. O número de anteras e a superfície estigmática são bem reduzidos. A maioria das orquídeas possui uma única antera situada no ápice ou dorsalmente à coluna. A antera é presa a um curto filamento em cuja extremidade há um envólucro, no interior do qual se situa o pólen aglomerado em uma massa chamada **polínea**. O número de políneas varia de duas a oito, dependendo da espécie ou grupo de espécies. A textura da polínea é, também, um caracter de interesse taxonômico. Em alguns grupos, as políneas são farinhentas como nos gêneros *Orchis* e *Ophrys*, em outros são como cera solidificada, como é o caso dos gêneros *Vanda* e *Angraecum*. A polínea cerosa normalmente está inserida em uma pequena estrutura chamada **caudículo**, a forma varia nos diversos grupos de orquídeas. O caudículo, por sua vez, segura cada polínea por uma glândula viscosa chamada **viscidium**. Nos grupos mais evoluídos, as políneas são presas a uma ou duas alças de tecido de origem estigmática, o **estipe**; cada estipe termina em um viscidium. O conjunto formado por polínea, estipe e viscidium é chamado **polinário**. Na superfície da coluna está o **estigma**, que é a parte do órgão reprodutivo feminino. O estigma produz um líquido açucarado no qual os grãos de pólen podem germinar. Em alguns gêneros terrestres como *Habenaria*, por exemplo, as duas superfícies estigmáticas situam-se na extremidade das hastes. Em muitas orquídeas, parte de um dos três lobos do estigma é modificado em forma de rostelo, em forma de uma aba inteira, lobada ou ponteaguda, na extremidade da qual está situado o viscidium pegajoso posicionado de modo que a polínea possa ser contatada pelo polinizador visitante.

Em dois grupos de orquídeas as partes reprodutivas diferem do padrão descrito anteriormente. Nas orquídeas cujas flores são em forma de chinelo (labelo profundamente sulcado), a coluna carrega, preferencialmente, duas anteras, em vez de uma; cada antera localiza-se ventralmente na coluna atrás de uma estrutura central denominada estaminoide, que é uma antera estéril e serve como proteção. As orquídeas deste grupo são consideradas primitivas devido a estas características no órgão reprodutor e estão agrupadas na subfamília Cypripedioidea. Na flora brasileira, esta subfamília é representada por dois gêneros: *Selenipedium* e *Phragmipedium*, ocorrendo três espécies de cada um deles na Amazônia brasileira. O outro grupo é similar a este, possuindo duas ou três anteras férteis, parcialmente livres da coluna central, em flores mais ou menos regulares. Este grupo possui dois gêneros: *Apostasia* e *Neuwiedia*. Não há representante em nossa flora. Estas orquídeas são consideradas, por muitos autores, as mais primitivas de todas.

Alguns gêneros apresentam características específicas na coluna como *Oncidium*, que possui uma aba lateral; *Bulbophyllum* com uma extensão apical denominada **estelidia**; *Solenidium* apresentando uma protuberância basal. Outros gêneros como *Polystachya* e *Dendrobium* possuem uma extensão da coluna na sua base denominado **pé da coluna** que, fundido às sépalas laterais, em sua base, forma um capuz como espora, recebendo o nome de **mentum**. Neste caso, o labelo é inserido no ápice do pé da coluna.

Em muitos gêneros de orquídeas as flores apresentam **heterantia**, que é um tipo de dimorfismo em que as flores da base da inflorescência são diferentes das apicais. Normalmente, as primeiras são estéreis e somente as flores terminais são férteis – é o caso de *Oncidium heterantum*. Os gêneros *Catasetum*, *Cycnoches* e *Mormodes*, todos da subtribo *Catasetinae*, apresentam dimorfismo floral relacionado ao sexo. As flores masculinas e femininas podem estar na mesma planta, em inflorescências separadas ou mesma inflorescência, para que haja a fecundação cruzada. É possível identificar a função sexual de cada tipo de flor através da forma e posição. No gênero *Catasetum*, na maioria das espécies a coluna das flores femininas localiza-se ventralmente e nas flores masculinas são dorsais. Em *Cycnoches egertonianum* as flores femininas são cerca de vinte vezes mais pesadas que as masculinas. Em compensação, as flores masculinas são em número muito maior que as femininas, numa proporção de 25:1.

A maioria das flores das orquídeas são hermafroditas, porém há gêneros com flores unissexuadas, é o caso de *Catasetum*, *Cycnoches* e *Mormodes*.

Muitas características florais evidenciam o quanto é evoluída a família Orchidaceae, tais como: redução do número de peças, fusão das partes e transformação de uma pétala em labelo. Cada tipo de flor está intimamente relacionado ao mecanismo de polinização, o que permite a polinização específica para cada espécie (Figuras 15 a 19).

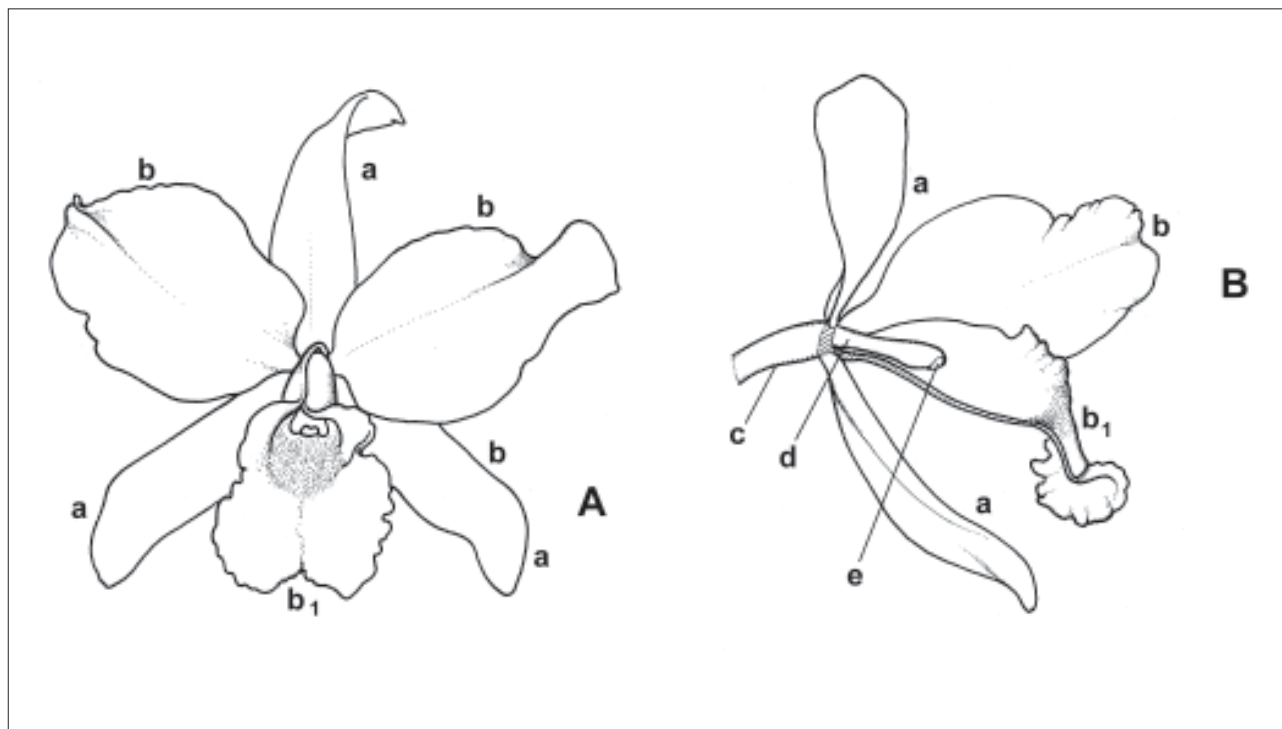


Figura 15. Partes da flor: A. Flor completa: a) sépala; b) pétala; b1) labelo; B. Corte longitudinal mostrando as peças florais: a) sépala; b) pétala; b1) labelo; c) ovário (pedicelo); d) coluna; e) polinário.

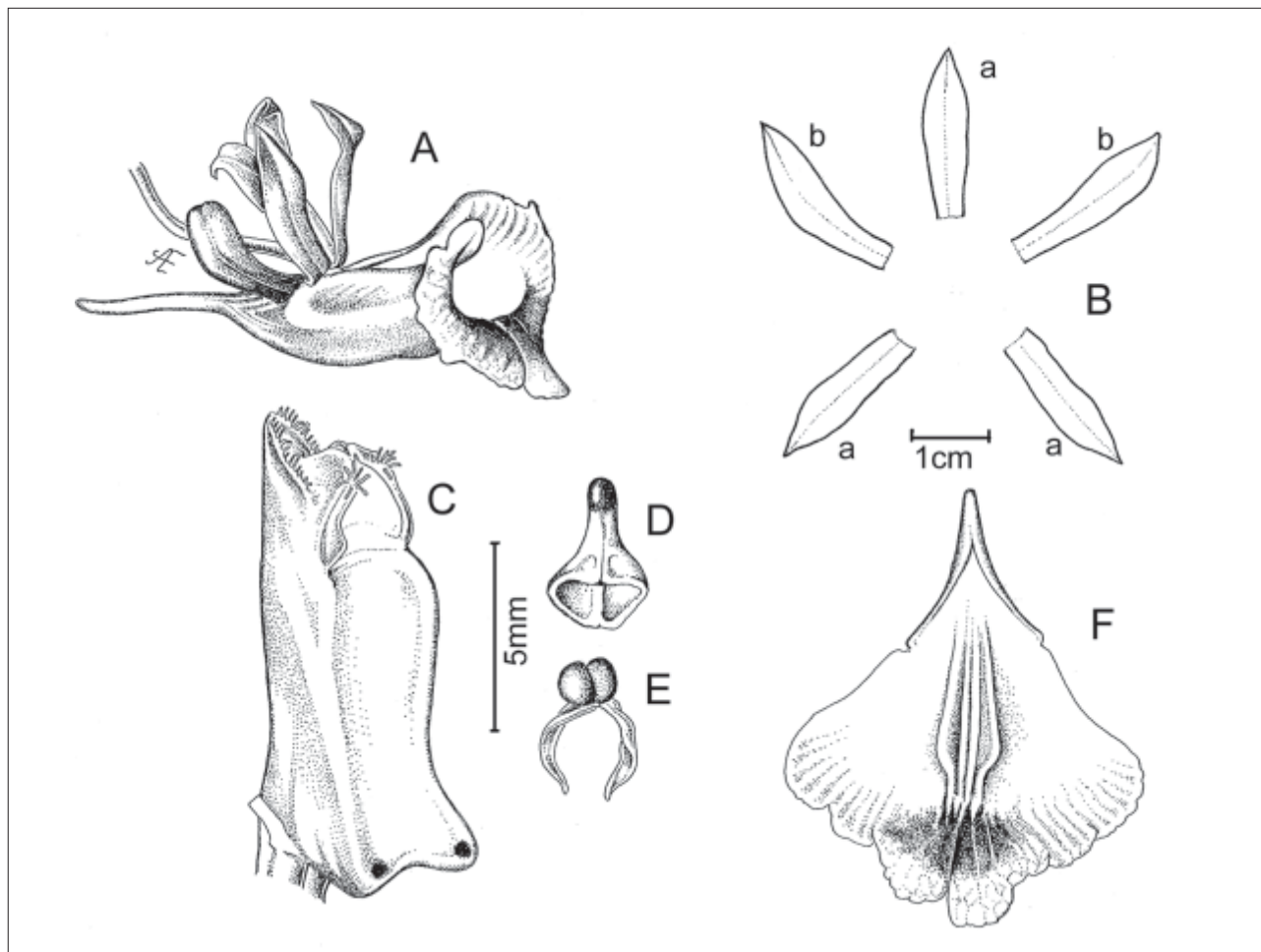


Figura 16. Partes da flor: Flor de *Galeandra* sp. A. Flor em vista lateral; B. diagrama floral: a) sépalas; b) pétalas; C. coluna; D. caudículo; E. Polinário; F. labelo.

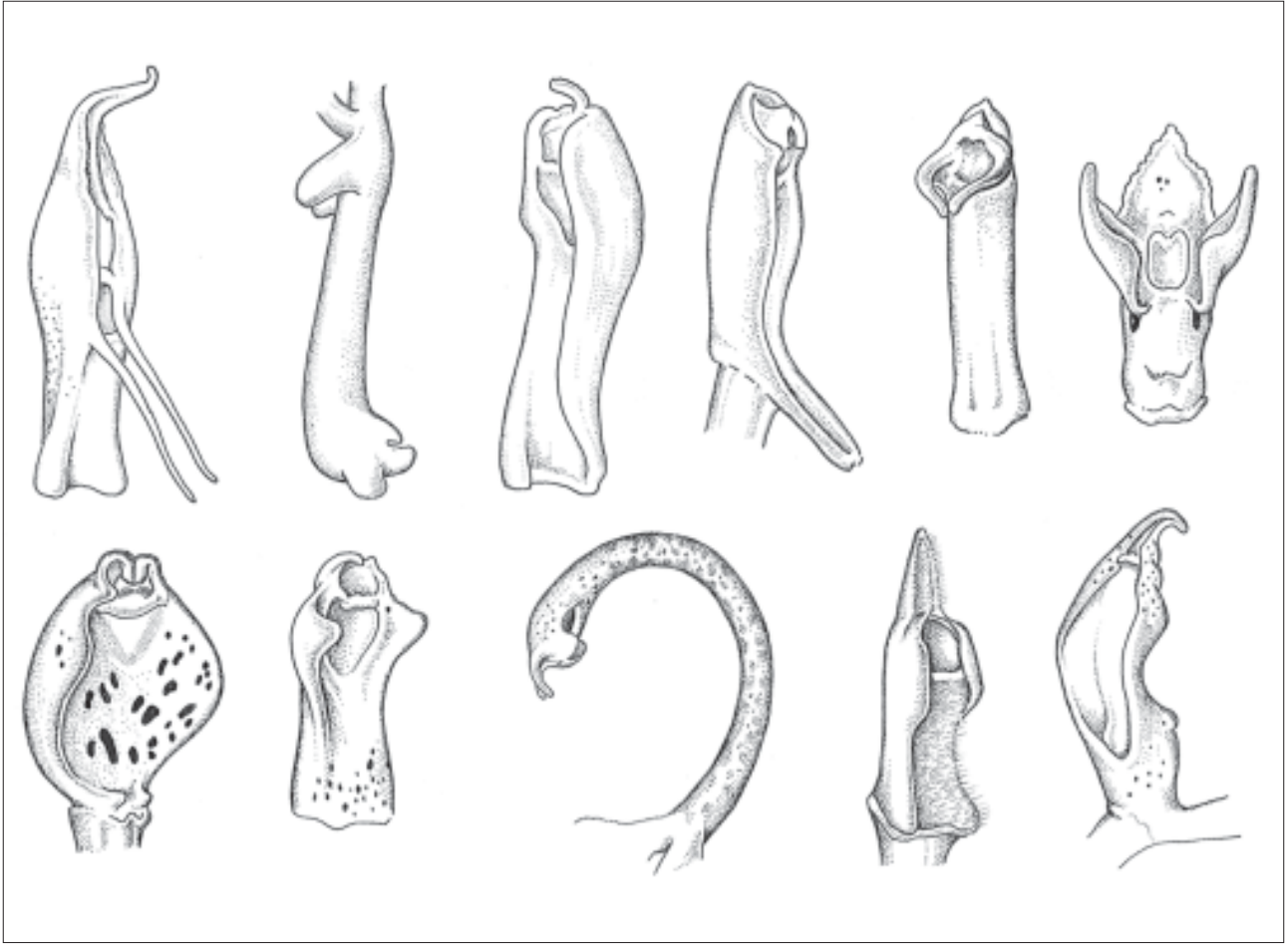


Figura 17. Tipos de coluna de flor de orchidaceae.

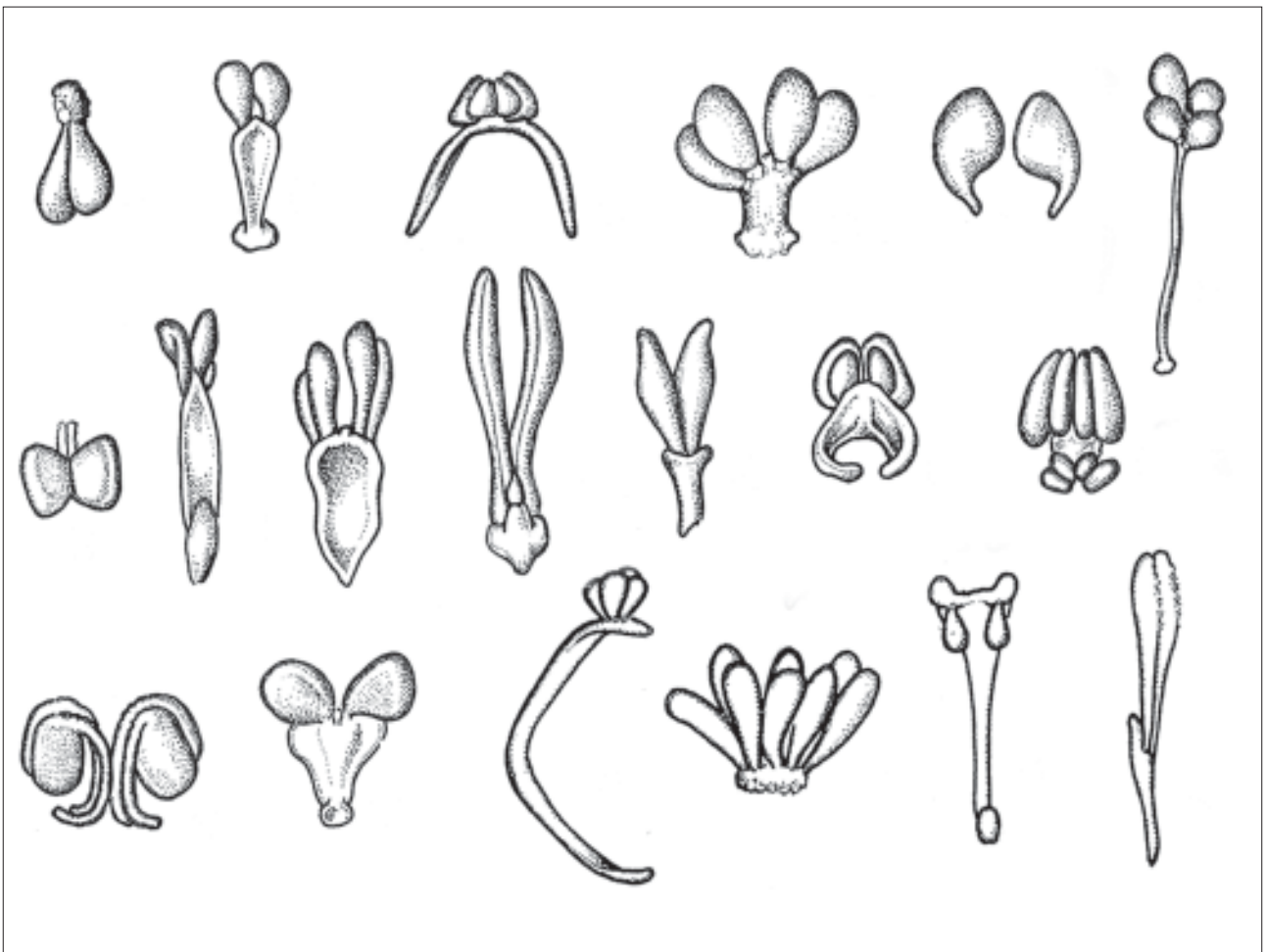


Figura 18. Tipos de antera de flor de orchidaceae.

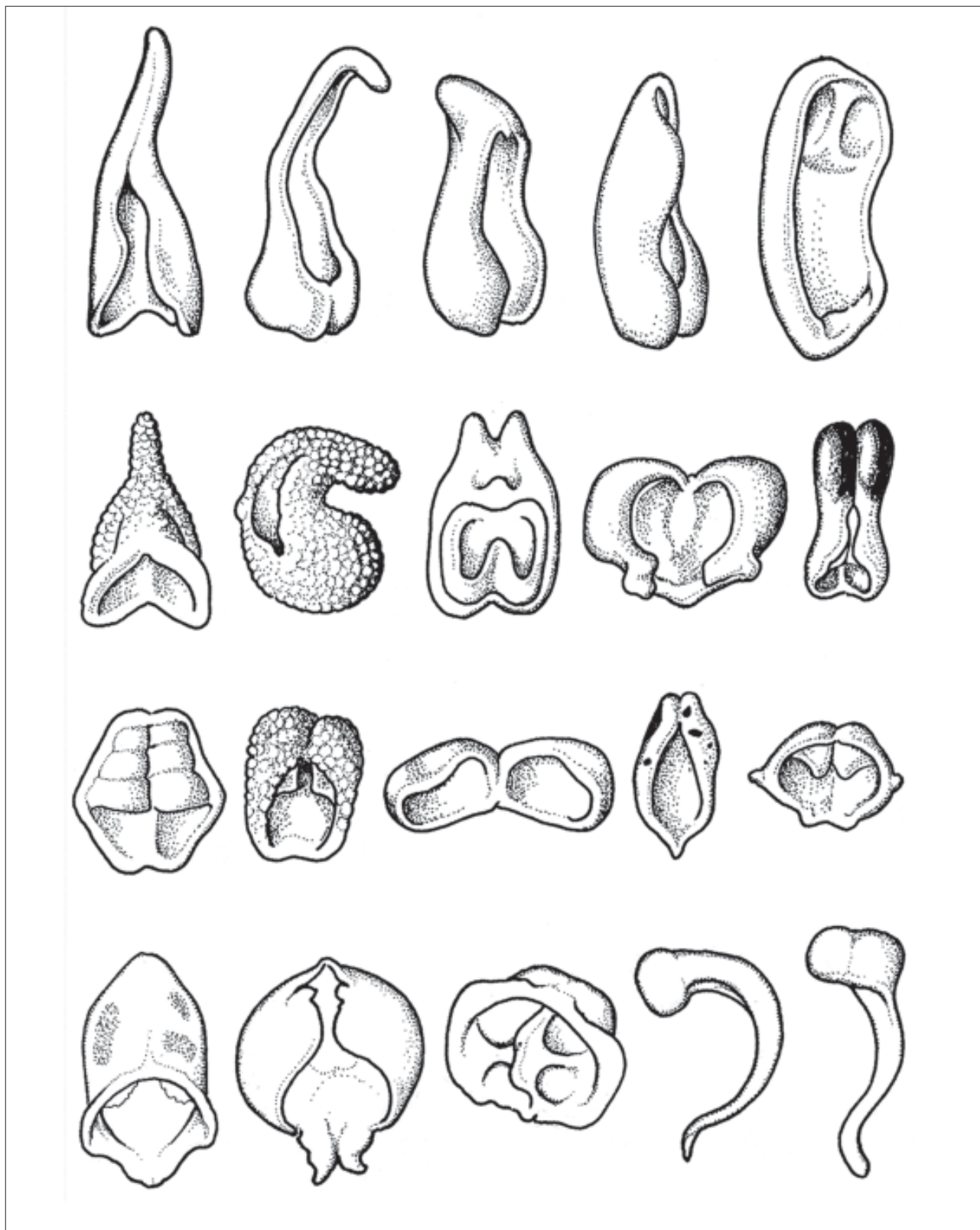


Figura 19. Tipos de caudículo de flor de orchidaceae.

### Frutos

A fertilização ocorre quando o pólen é depositado no estigma da flor. Isto é feito, normalmente, pela ação de vários animais.

Quando a flor é polinizada, o óvulo é fecundado e começa o desenvolvimento do fruto através do desenvolvimento das sementes no interior do ovário trilobular. O fruto é uma cápsula e quando maduro, abre-se ao longo da estrutura das folhas carpelares que o formam, liberando milhares de minúsculas sementes que são dispersadas.

# Aspectos Fitogeográficos

As sementes de orquídeas são muito leves, em geral fusiforme, contendo um pequeno embrião. Um fruto pode conter milhares de sementes, e quando fruto e sementes estão maduros, as sementes são liberadas através de aberturas longitudinais em cada lóculo do fruto. Como são extremamente leves, são dispersadas pelo vento, na maioria dos casos.

A distribuição espacial das orquídeas, assim como dos outros seres vivos, está intimamente ligada a fatores históricos, geológicos e climáticos. O meio ambiente age na estrutura genética dos indivíduos, alterando as composições genotípicas, eliminando alguns caracteres e favorecendo outros. Alguns aparecem irregularmente, embora com baixas frequências, provocando alterações fenotípicas sem direção fixa. Através destas alterações, é enorme a variabilidade de caracteres da família Orchidaceae (BRIEGER, 1960).

Pabst e Dungs (1975), baseados nos processos evolutivos da família Orchidaceae e em função dos fatores ambientais, estabeleceram quatro províncias ecológicas para as Orchidaceae no mundo. Estão distribuídas na América do Sul, como mostra a Figura 20.

1ª Província – Corresponde às regiões com temperaturas médias que vão de 10 a 25°C, com redução durante a noite e umidade relativa do ar por volta de 60% a 100% durante a maior parte do ano. Abrange a Serra do Mar, no Brasil; a faixa média dos Andes; os contrafortes do Himalaia e as serras da Malaya, na Indonésia. O clima é temperado. A geomorfologia caracteriza-se por cadeias de serras, as quais servem de barreira ao ar quente e úmido, que ao subir condensa a água em suspensão, provocando neblina ou chuva. A este fenômeno Rizini (1963) denominou de “precipitação oculta” e ocorre particularmente todo o ano. Nesta primeira província, concentram-se cerca de 60% dos gêneros e espécies de orquídeas sul-americanas, principalmente na Serra do Mar. Esta província é rica em gêneros importantes como *Cattleya*, *Miltonia*, *Sthanhophea* e outros.

2ª Província – Está situada nas regiões quentes da costa da Ásia; África e América do Sul até a região média da Cordilheira dos Andes; Bacia Amazônica, onde as províncias I e II se sobrepõem, e a Bacia do Congo. É caracterizada pelo clima tropical quente e úmido. A temperatura é constantemente alta, entre 25 e 30°C; a umidade relativa do ar varia muito. O grande volume d’água da bacia amazônica propicia uma evapotranspiração intensa, provocando altos índices pluviométricos. Nesta província são encontradas espécies de orquídeas muito apreciadas, pertencentes aos gêneros: *Oncidium*, *Masdevallia* e *Encyclia*.

3ª Província – Abrange todo o Planalto Central brasileiro; a região de domínio morfoclimáticos dos cerrados. Situa-se na região interiorana onde a influência do mar é praticamente inexistente. A geomorfologia é suave; as cotas altitudinais situam-se entre 500 e 1000 m; as variações térmicas são bastante acentuadas. No Brasil, esta região fitogeográfica é formada pelos planaltos de Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás. Há poucas árvores e palmeiras, as orquídeas são, na maioria, terrestres. As epífitas habitam as raras palmeiras ou as árvores das faixas de florestas ciliares. O solo é formado, geralmente, por laterita, a pouca profundidade com uma camada de cascalho, não favorecendo a retenção de umidade. As orquídeas terrestres são adaptadas a longos períodos de seca; perdem as folhas após a floração, rebrotando na época chuvosa. Algumas espécies da região amazônica habitam essa província ao lado de espécies típicas do cerrado, como: *Rodriguezia lanceolata*, *Oncidium ceboleta* e várias espécies de *Habenaria*.

4ª Província – É formada pelas regiões frias no mundo inteiro. Na América do Sul envolve as partes mais altas dos Andes e Patagônia. Nesta província, as chuvas são reduzidas. Orquídeas epífitas são raras. Os gêneros característicos são: *Odontoglossum* e *Ada*. É na segunda província ecológica das Orchidaceae que localiza-se a região amazônica. Segundo Braga (1982), das Orchidaceae que

ocorrem na região amazônica, cerca de 91 gêneros são neotropicais, 7 gêneros são pantropicais, 1 gênero é subtropical e somente alguns dos gêneros neotropicais possuem centro de distribuição na bacia amazônica, são eles: *Orleanesia*, *Duckeella* e *Xerorchis*, o que permitiu àquele autor deduzir que a flora orquídea da região foi amplamente derivada de outras regiões.

5ª Província – Regiões desérticas.

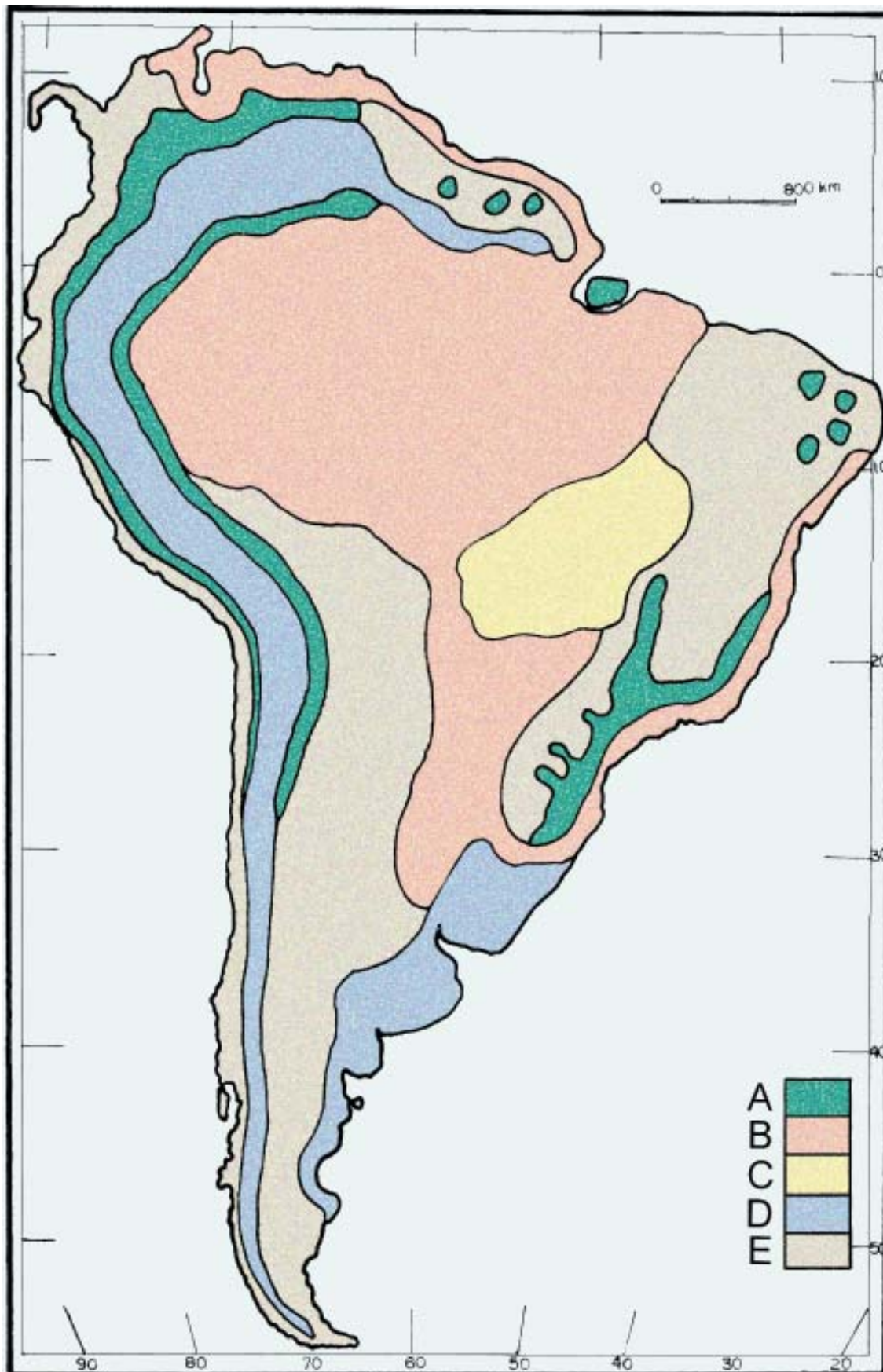


Figura 20. Províncias fitogeográficas da América do Sul: A. Primeira província; B. Segunda província; C. Terceira província; D. Quarta província; E. Quinta província.

# Flora Orquídeica da Amazônia Brasileira

Na Amazônia brasileira, nas duas últimas décadas, tem sido possível alcançar áreas antes inacessíveis, o que vem ajudando a exploração botânica e coleta de material para estudo nunca ou pouco registrado anteriormente. Destacam-se, como regiões pouco conhecidas, as áreas de fronteiras do Brasil ao norte, com as Guianas e Venezuela, os altos cursos dos rios formadores da bacia amazônica e áreas centrais inacessíveis, como a Serra dos Carajás, cujo acesso só foi possível com a descoberta e exploração de minério iniciada na década passada.

Um inventário da família Orchidaceae na Amazônia brasileira está sendo conduzido atualmente, cujos resultados parciais serão mostrados aqui. Serão apresentados dados sobre a diversidade da família Orchidaceae registrada para a Amazônia até o momento, aspectos da ecologia e distribuição destas espécies, destacando-se as novas citações de Orquídeas para a flora brasileira e espécies novas já descritas a partir do material coletado dentro deste projeto.

Os gêneros mais ricos em espécies são: *Catasetum* com 67 espécies. Destas, 43 já eram conhecidas; as demais foram descobertas recentemente, sendo que nem todas foram ainda publicadas; *Pleurothallis* com 46 espécies; *Maxillaria* com 44 espécies; *Epidendrum* com 40; *Habenaria* com 33; *Encyclia* com 20 espécies e muitos outros gêneros com 12, 11, 10, 9, 8 etc. Os gêneros mais ricos em espécies são de larga distribuição na América Tropical. Porém, a maioria, 77 gêneros, correspondendo a 78% do total, estão representados por três ou menos espécies. Destes, 38 apresentaram uma única espécie na região.

Algumas espécies de Orchidaceae, embora apresentem ampla distribuição geográfica, são exigentes quanto às condições ambientais, ocorrendo em habitats específicos. Pode ser citada compondo este grupo *Acacallis fimbriata*, que habita exclusivamente, locais junto a igarapés, florestas ribeirinhas, florestas de igapó e campina de areia branca. Encontra-se distribuída nos estados do Amazonas, Pará, Roraima, Acre, Amapá, sempre em áreas muito restritas e em baixa densidade, podendo ser considerada uma espécie rara. A destruição de seus habitats naturais pode levá-la à extinção. *Eulophia alta* foi registrada em todos os estados da Amazônia brasileira. Sua distribuição estende-se desde a América Central até a América do Sul. É uma planta terrestre, habitando somente lugares abertos com muita luz, como a vegetação de cerrado ou savana, campos cultivados, margem de estradas, etc. *Zygosepalum labiosum*, *Koellensteinia graminea*, *Paphinia cristata* e muitas espécies dos gêneros *Pleurothallis* e *Maxillaria* têm preferência por ambientes sombreados e úmidos. *Catasetum longifolium* é encontrada epifitando somente a palmeira buriti (*Mauritia flexuosa*). *C. planiceps* habita, exclusivamente, solos litofíticos e *C. discolor* ocorre em campo rupestre, campinas, restingas e igapó. *Acacallis cyanea*, no Brasil, ocorre nos estados do Pará e Amazonas; fora do Brasil distribui-se na Colômbia e Venezuela. É uma planta de flores azuladas, possuindo inflorescências multifloridas com flores de tamanho médio e muito vistosas; pode ser considerada rara. Seu habitat natural são os igapós de água preta; muitas vezes as plantas ficam submersas por mais de um mês, por isso, é muito exigente quanto às condições ambientais, sendo difícil o cultivo fora deste ambiente.



A grande maioria da família Orchidaceae apresenta distribuição geográfica restrita e preferência por ambiente específico, especialmente por campina de areia branca, vegetação de igapó e vegetação de altitude. Algumas espécies podem ser consideradas endêmicas de certas regiões: *Brassavola fasciculata*, as citações conhecidas na literatura desta espécie são as do material-Tipo de Pabst (1975) para a região do Alto Rio Solimões, e as coletas dos autores feitas nos rios Urucu, Juruá e seus afluentes. Até o momento não foi registrada ocorrência em outros locais.

As espécies de orquídeas de bonito aspecto ornamental, com potencial para o comércio de floricultura, principalmente em países estrangeiros, não são em grande número na flora amazônica. Os gêneros *Laelia* e *Sophronites*, por exemplo, possuem várias espécies brasileiras, mas nenhuma na Amazônia. O gênero *Cattleya* possui um total de 45 espécies, mas só sete ocorrem na Amazônia brasileira; destas, duas são endêmicas da região – *C. eldorado* e *C. araguaensis*. A primeira é de ocorrência restrita a algumas regiões do estado do Amazonas, nas campinas de areia branca e igapós. É uma espécie muito bonita, possuindo flores grandes e vistosas, com coloração variada que vai do lilás-escuro ao branco. Estas espécies são conhecidas há bastante tempo e, como as demais *Cattleya*, são altamente ornamentais e passíveis de comercialização, desde sua descoberta e descrição, em 1826. *C. araguaensis* ocorre exclusivamente nas bacia do rio Araguaia.

Há espécies que poderiam ser consideradas raras por terem sido registradas uma única vez, mas na realidade esse “status” de raridade é enganoso e pode ser mascarado por distribuição disjunta, como no caso de espécies coletadas, descritas e conhecidas somente para determinados estados, que aparecem, também, em outras regiões. Como exemplo, *Isochilus linearis* e *Leochilus labiatus* conhecidas somente no Nordeste e Sudeste brasileiros e descobertas na Amazônia.

A maioria das espécies de orquídeas da região é representada por plantas sem atrativos horticulturais e muitas delas são difíceis de coletar, por habitarem as copas de árvores muito altas, passando despercebidas nas coletas botânicas normais.

Embora seja reduzido o número de espécies com potencial para o comércio, as orquídeas têm despertado o interesse de colecionadores. Sob este ponto de vista, a Amazônia brasileira é rica em ecossistemas que oferecem grandes atrações com suas peculiaridades florísticas.

Há gêneros e espécies que foram recentemente descobertos e descritos ou citados pela primeira vez para a flora brasileira pelos autores e outros estudiosos em publicações científicas. Estas informações estão apresentadas na *Relação das espécies da Amazônia brasileira* neste trabalho.

*Gêneros e  
Espécies*



# Acacallis

**Gênero:** *Acacallis* Lindl.

**Subfamília:** Epidendroideae

**Tribo:** Maxillarieae

**Subtribo:** Zygopetalinae

O nome *Acacallis* vem da palavra grega “Akakallis”, nome de uma ninfa amada de Apolo.

Quando Reichenbach f. descreveu esta planta com nome de *Aganisia cyanea*, em 1869, Lindley já havia descrito com nome de *Acacallis cyanea* em Fol. Orchid. (1853), sendo válido, portanto, o nome de *Acacallis cyanea* Lindl.

O gênero *Acacallis* foi descrito por Lindley, em 1853, tendo como TIPO o exemplar coletado por Spruce, na cachoeira do rio Tarumã, próximo à cidade de Manaus, estado do Amazonas.

São conhecidas quatro espécies para o Peru, Colômbia, Venezuela e Brasil. Todas as espécies têm flores azuladas, uma folha, e produzem até duas inflorescências arqueadas, surgindo da base do pseudobulbo, com quatro a vinte flores. Crescem em árvores, palmeiras jará (*Leopoldinia pulchra*) ou rastejam pela liteira. Necessitam de muita umidade, ventilação e luz indireta; as raízes, geralmente, crescem em direção ao solo, até encontrá-lo em busca de umidade e alimentação.

*Acacallis hoehnei* é a mais rara e menos conhecida espécie do gênero. Tem flores de tamanho médio e a tonalidade mais azulada que as demais. Durante muitos anos foi confundida com *Acacallis cyanea*, até ser considerada, novamente, uma espécie válida pelos Doutores Karlheinz Senghas e R. Steinhardt, baseado em material procedente de Rondônia, coletado por Vitorino Castro na Chapada dos Parecis.

A espécie tem rizoma longo e roliço, diferenciado das outras que têm rizoma achatado.

*Acacallis rosariana*, descrita recentemente por Vitorino Castro e J. B. F. da Silva, ocorre nos estados de Rondônia e Mato Grosso.

A espécie era confundida com *A. cyanea*. Ao contrário das outras espécies do gênero, tem pseudobulbos aglomerados em rizoma curto e a inflorescência surge no período da brotação.

*Acacallis cyanea*

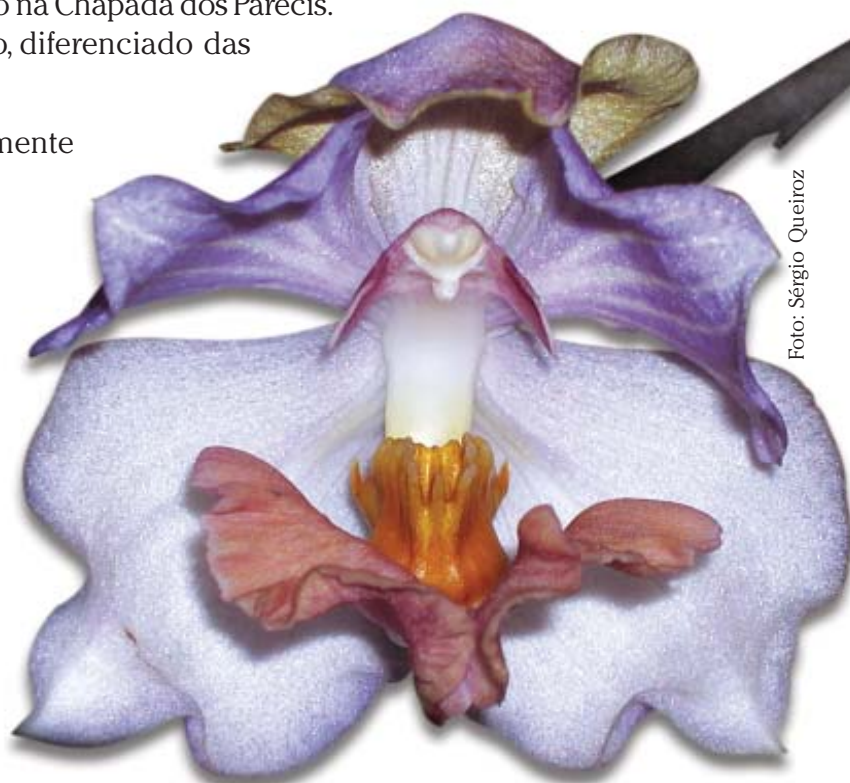


Foto: Sérgio Queiroz



*Acacallis cyanea*  
(Epífita de floresta ribeirinha, igapó e campina)

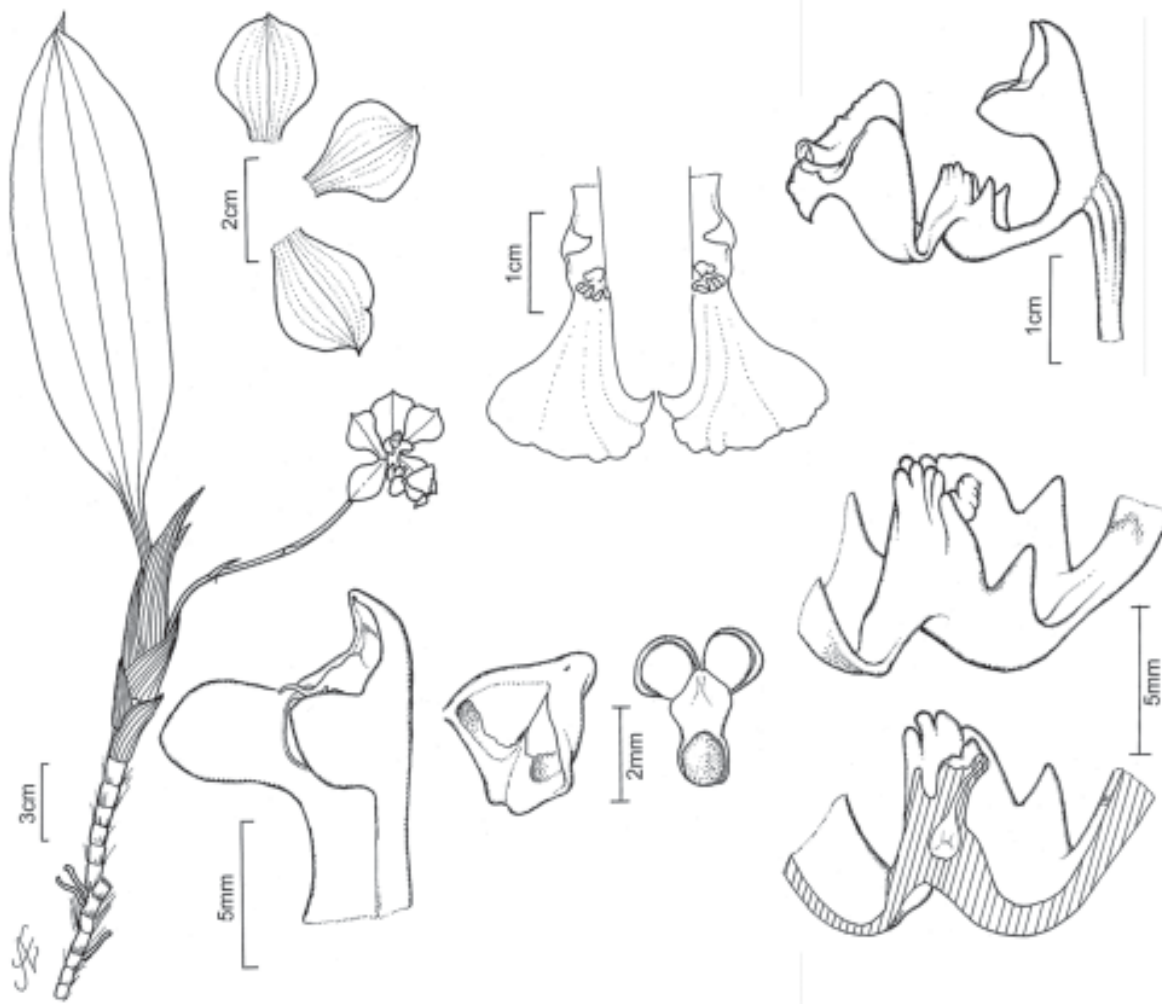




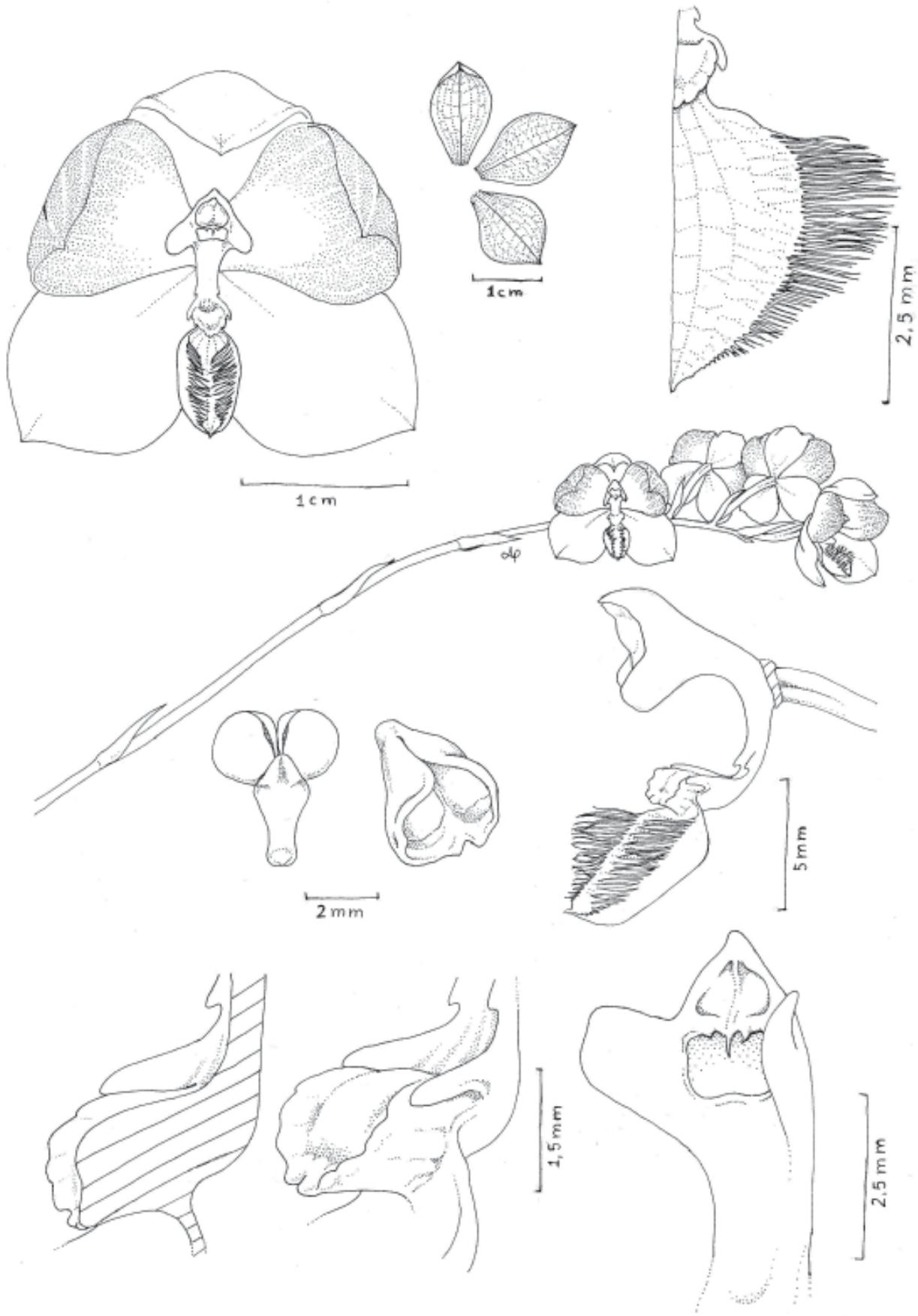
Foto: Sérgio Queiroz

*Acacallis fimbriata*  
(Igapós, várzea e floresta ciliar)

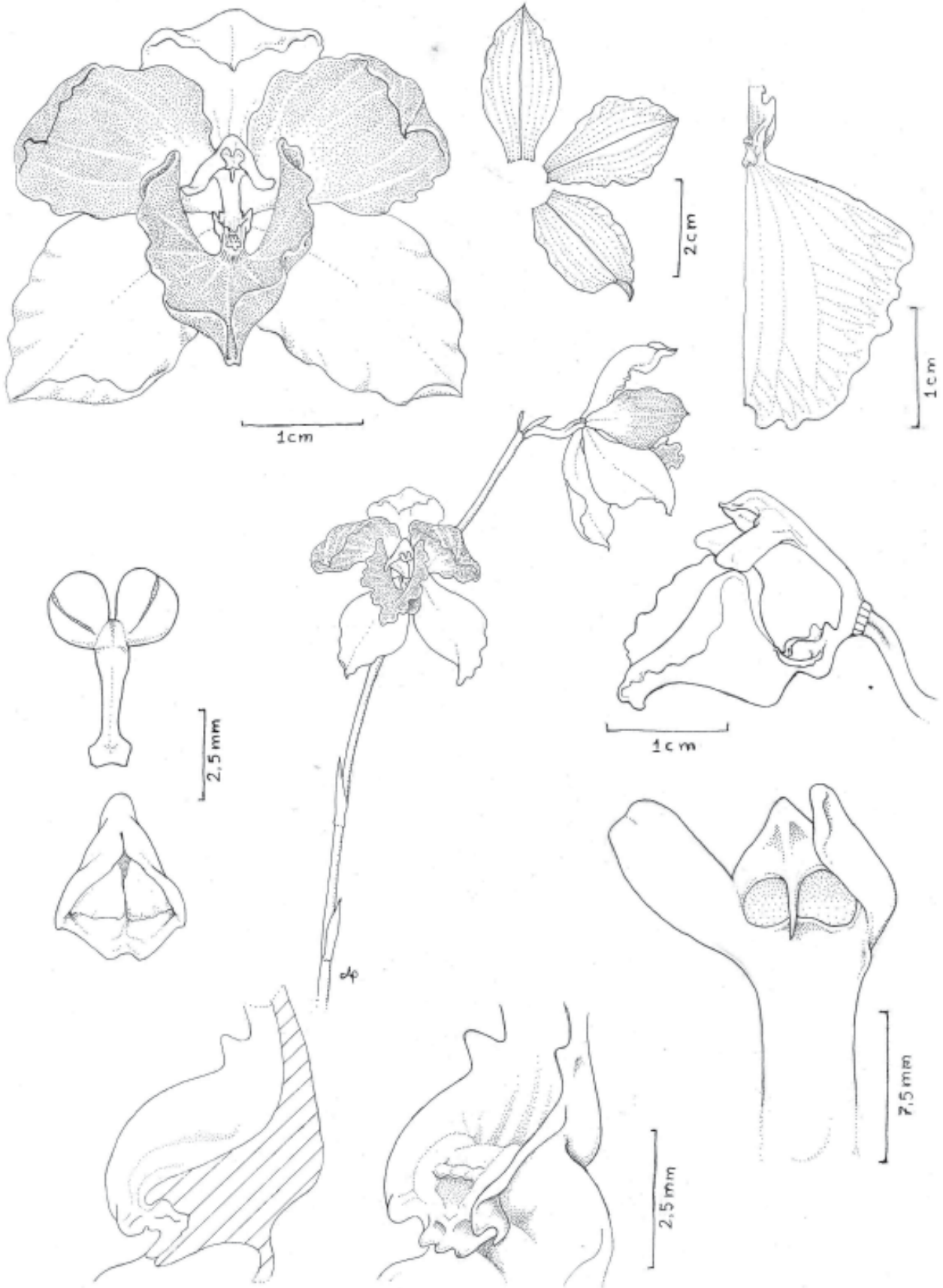


Foto: Antônio Schmidt

*Acacallis hoehnei*  
(Floresta de galeria)



*Acacallis fimbriata*



*Acacallis hoehnei*





*Acacallis rosariana*  
(florestas inundáveis)

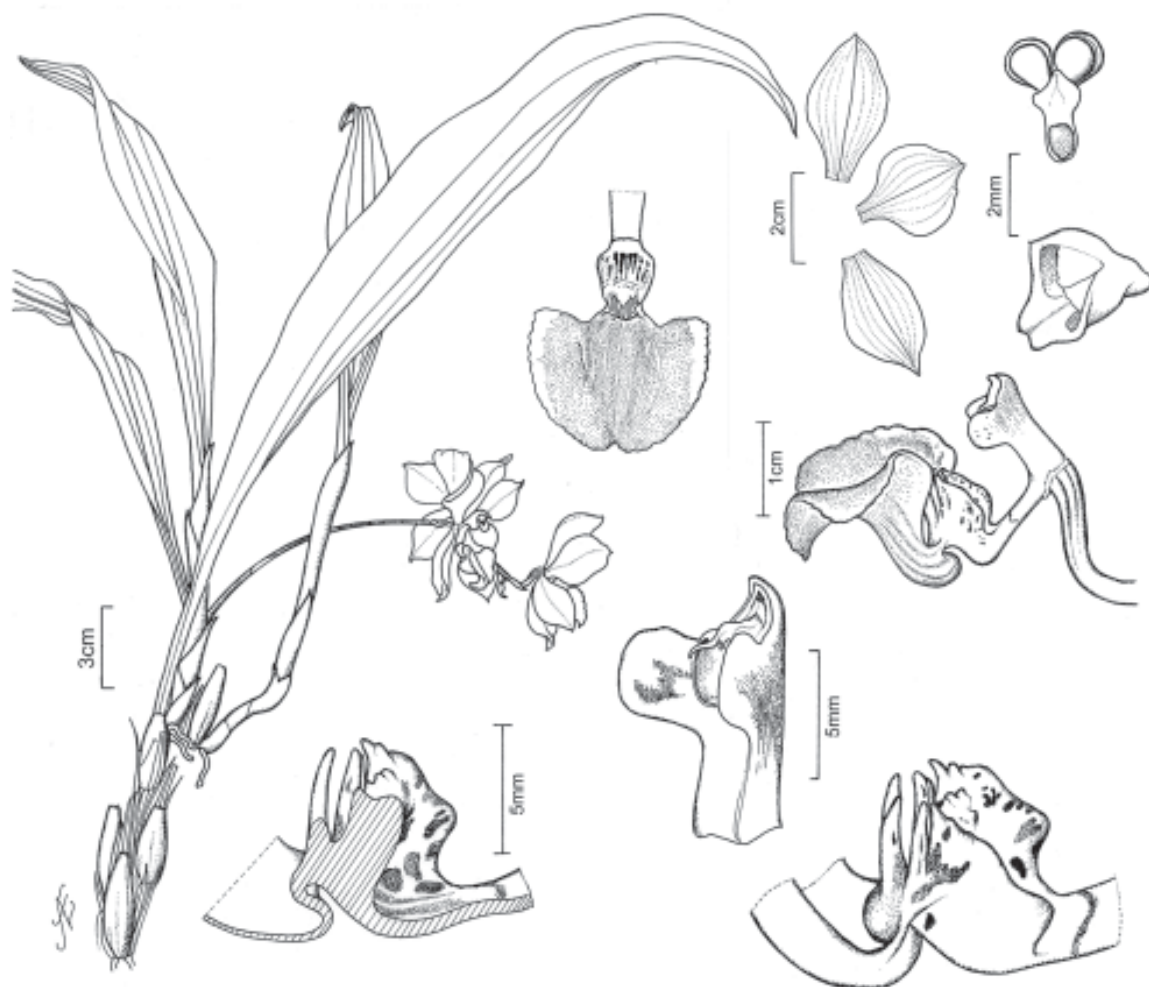


Foto: Sérgio Queiroz

*Acacallis rosariana*



# *Aganisia*

**Gênero:** *Aganisia* Lindl.

**Subfamília:** Epidendroideae

**Tribo:** Maxillarieae

**Subtribo:** Zygotetinae

O nome é derivado do grego “*aganos*” = leve, suave, em alusão à aparência bonita e bem arrumada da planta. O gênero foi estabelecido por John Lindley em 1839 no *Botanical Register* (misc. p. 45), cuja espécie TIPO é *Aganisia pulchella*, a única espécie do gênero, que é aliado ao gênero *Acacallis*. Muitos autores os consideram sinônimos.

É citado para Trinidad e América do Sul, mas sua ocorrência só é conhecida para a costa do Atlântico, infelizmente, pois aí estão situadas as maiores áreas urbanizadas, ou sob impacto de urbanização. No Brasil, ocorre no estado do Pará, no estuário do rio Amazonas. Nos arredores da cidade de Belém (PA) eram encontradas em grandes concentrações nas florestas inundadas ou próximos a nascentes, muito comuns na área metropolitana. Com o crescimento da cidade, a espécie está praticamente desaparecida e corre risco de extinção.

No final de 1999, foi encontrada uma grande população de *Aganisia pulchella* no estado do Maranhão, próximo ao rio Gurupi. A descoberta levou a Sociedade Paraense de Orquidófilos-SPO a executar um plano de proteção para a espécie.



Foto: Sérgio Queiroz

*Aganisia pulchella*  
(Floresta ribeirinha, campina hidromórfica, igapó)

# Aspasia

**Gênero:** *Aspasia* Lindl.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Maxillarieae  
**Subtribo:** Oncidiinae

O nome é originário, provavelmente, do Grego “aspasios”, que significa agradável, prazeroso.

Foi dado, provavelmente, em homenagem a Aspasia, esposa de Péricles ou em alusão à beleza das flores. Foi descrito por John Lindley em 1832. Em 1922, Rudolf Schlechter fez uma revisão do gênero, reconhecendo oito espécies, sendo uma nova descrição e listou duas espécies obscuras. Mais recentemente, em 1974, N. H. Williams revisou o gênero *Aspasia* reconhecendo apenas cinco espécies válidas e uma obscura, podendo ser acrescida mais uma espécie, *Aspasia silvana*, descrita por Fábio de Barros e publicada em 1988 na revista *Hoehnea* 15: 94-99.

São conhecidas três espécies brasileiras: *A. silvana*, *A. lunata* e *A. variegata*, porém, somente a última é conhecida para a Amazônia.

É um gênero de ampla distribuição geográfica, cujas espécies ocorrem na faixa tropical da América Central à América do Sul, da Nicarágua ao Brasil.

*Aspasia variegata*  
 (Floresta de terra firme, floresta ciliar, campina, igapó e várzea)

Fotos: Jorge Macêdo

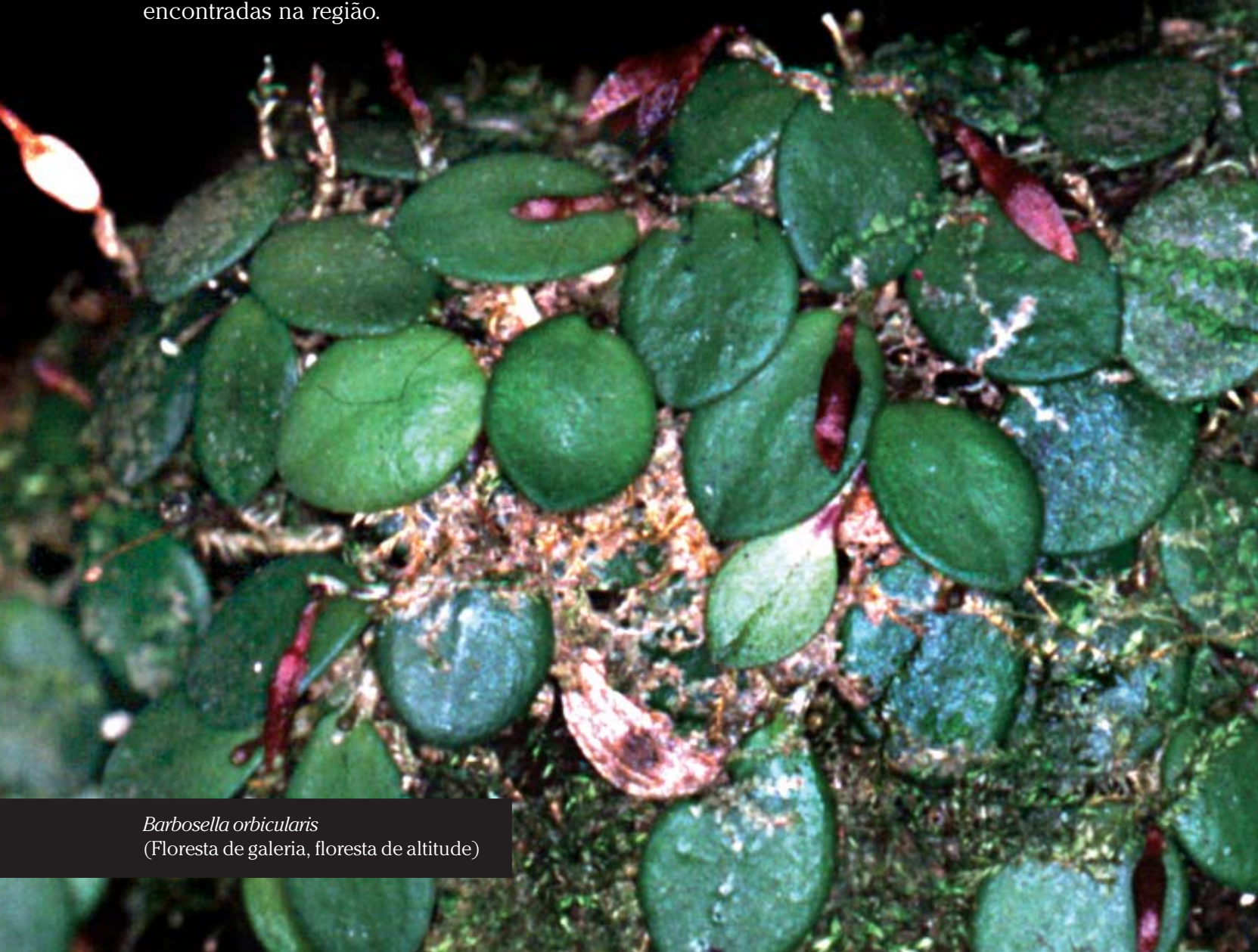


# Barbosella

**Gênero:** *Barbosella* Schltr.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Epidendreae  
**Subtribo:** Pleurothallidinae

O gênero foi descrito, em 1918, por Schlechter, em Fedde, *Repert.* 15. O nome foi dado em homenagem ao ilustre botânico brasileiro João Barbosa Rodrigues (1842-1909), explorador de muitos locais no Brasil, Paraguai e Uruguai; fundador do museu Etnográfico e Botânico de Manaus, o qual dirigiu até 1889, quando aceitou a direção do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Especialista nas famílias Arecaceae e Orchidaceae, descreveu mais de 600 novas espécies e 25 novos gêneros dessas duas famílias.

O gênero *Barbosella* possui aproximadamente 30 espécies, epífitas, distribuídas na América tropical, especialmente na Costa Rica e no Norte da América do Sul. Para a flora brasileira são citadas cerca de oito espécies distribuídas na região centro sul. Na Amazônia brasileira, até o momento, foi registrada somente *B. orbicularis* Luer. Acredita-se que muitas outras espécies do gênero serão encontradas na região.



*Barbosella orbicularis*  
(Floresta de galeria, floresta de altitude)

---

# Batemannia

**Gênero:** *Batemannia* Lindl.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Maxillarieae  
**Subtribo:** Zygopetalinae



*Batemannia colleyi*  
(Floresta de terra firme, floresta ribeirinha e campina)

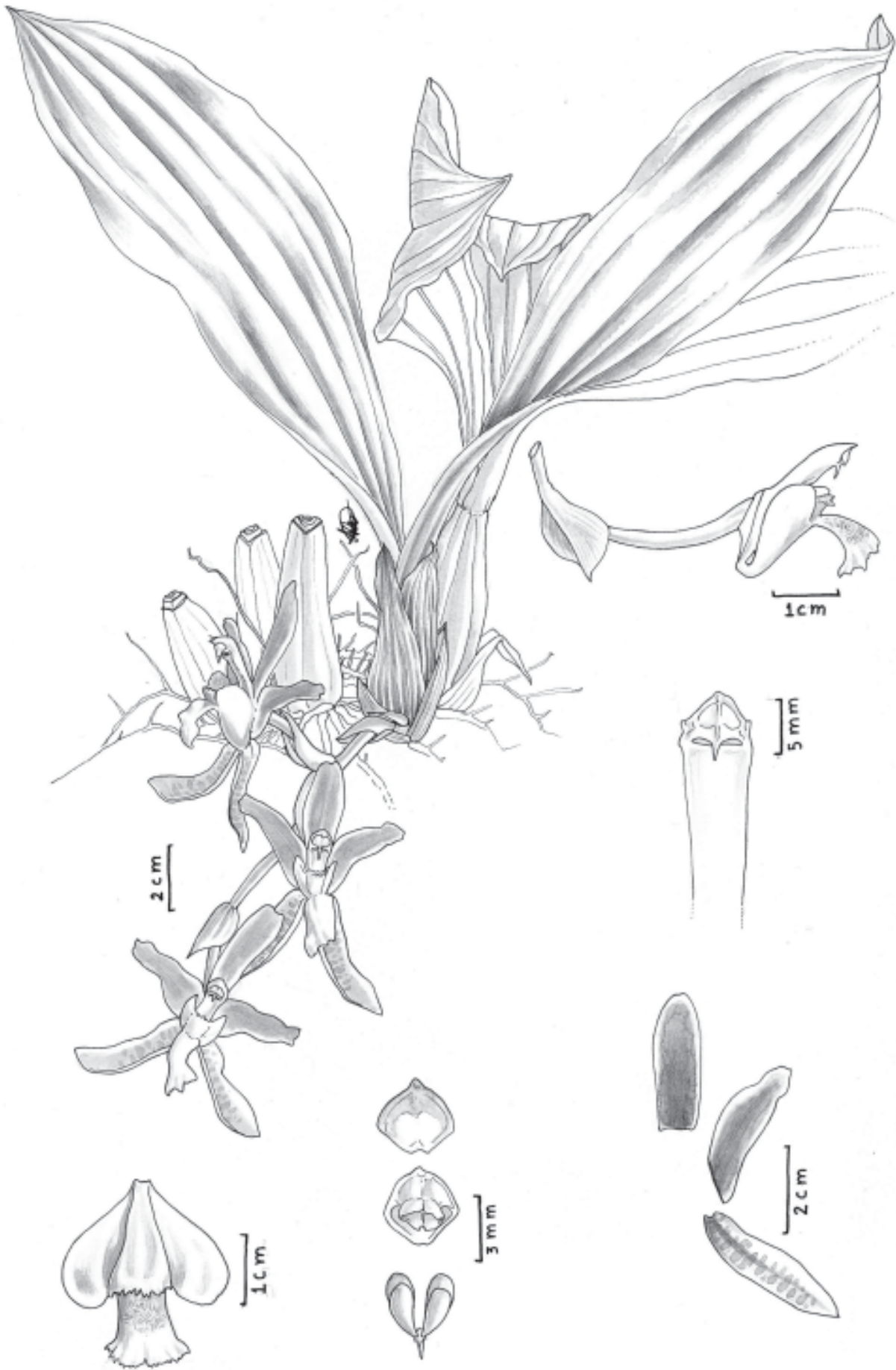
O nome do gênero foi dado em homenagem ao cultivador de orquídeas James Bateman de Knypersley Hall, Cheshire; um ávido coletor e cultivador de orquídeas, no século XIX; autor da grandiosa obra *Orchidaceae of Mexico and Guatemala*. O gênero foi estabelecido por John Lindley em 1834 no *Botanical Register* (t. 1714). Possui apenas duas espécies encontradas na Amazônia brasileira – *B. colleyi* e *B. lepida*, distribuídas na Venezuela, Guianas e Brasil (Amazonas, Pará, Acre, Rondônia, Roraima).

As espécies brasileiras são de floresta densa, campina, igapó e várzea. Nas campinas de areia branca do rio Negro, *B. colleyi* cresce em arbustos e galhos de pequenas árvores próximas do solo, enquanto *B. Lepida* encontram-se alguns exemplares na fronteira do Brasil com a Venezuela, na serra Parima, numa altitude de 1300 a 1500 m. A flor é bem maior que a outra e a planta pode ser confundida com *Galeottia jorisiana*.



*Batemannia lepida*  
(Floresta de altitude)

Foto: Sérgio Queiroz



*Batemannia lepida*

# Bifrenaria

**Gênero:** *Bifrenaria* Lindl.

**Subfamília:** Epidendroideae

**Tribo:** Maxillarieae

**Subtribo:** Lycastinae

O nome é derivado do latim “*bi*” = duas e “*frenum*” = rédea, alça, em alusão a dois estípetes como alças ligando o viscidium à polínea. Este carácter o distingue do gênero *Maxillaria*.

O gênero foi descrito por John Lindley em 1833, em sua obra *Genera and Species of Orchidaceous Plants* (p. 152). Em *Orchidaceae Brasilienses* (1977), de G. Pabst & F. Dungs, foi considerado o gênero *Stenocoryne* Lindl. sinônimo de *Bifrenaria*.

Possui mais de 30 espécies distribuídas na América tropical, do Panamá à América do Sul. No Brasil, o gênero é amplamente distribuído no centro sul.

Para a Amazônia brasileira, são citadas:

*Bifrenaria maguirei*, coletada no estado do Amazonas, próximo à Pedra do Cucuí, por Paulo Cavalcante, depositada no herbário do Museu Paraense Emílio Goeldi e *B. steyermarkii* (Foldats) Garay & Dunsterv, esta última registrada para a flora brasileira a partir de uma coleta recente no monte Caburaí, no estado de Roraima, em 1999. *B. longicornis*, *B. venezuelana*, *B. petiolaris* completam as espécies amazônicas.

Recentemente, Gustavo A. Romero e G. Carnevali desmembraram do gênero, *Bifrenaria maguirei* para um novo gênero (*Guanchezia*) e *Bifrenaria petiolaris* para um outro gênero (*Hylaeorchis*), em *Orchids of Venezuela* (2000).

*Bifrenaria steyermarkii*  
(Epífita, floresta superúmida)





*Bifrenaria longicornis*  
(Floresta úmida, igapó e campina)





Foto: Jorge Macêdo



*Bifrenaria maguirei* = *Guanchezia maguirei*  
(Floresta submontana)



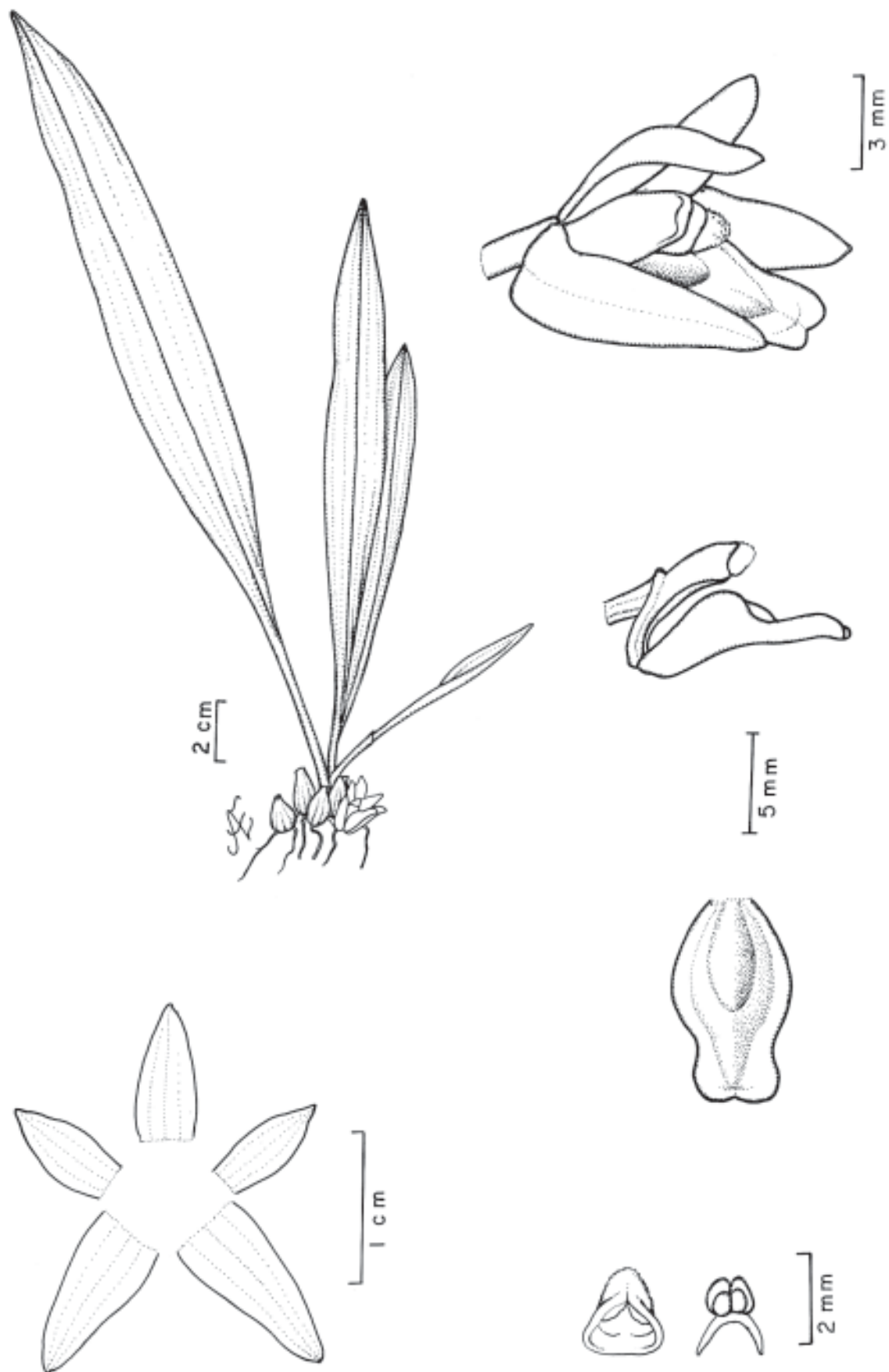
*Bifrenaria venezuelana*  
(Campina)



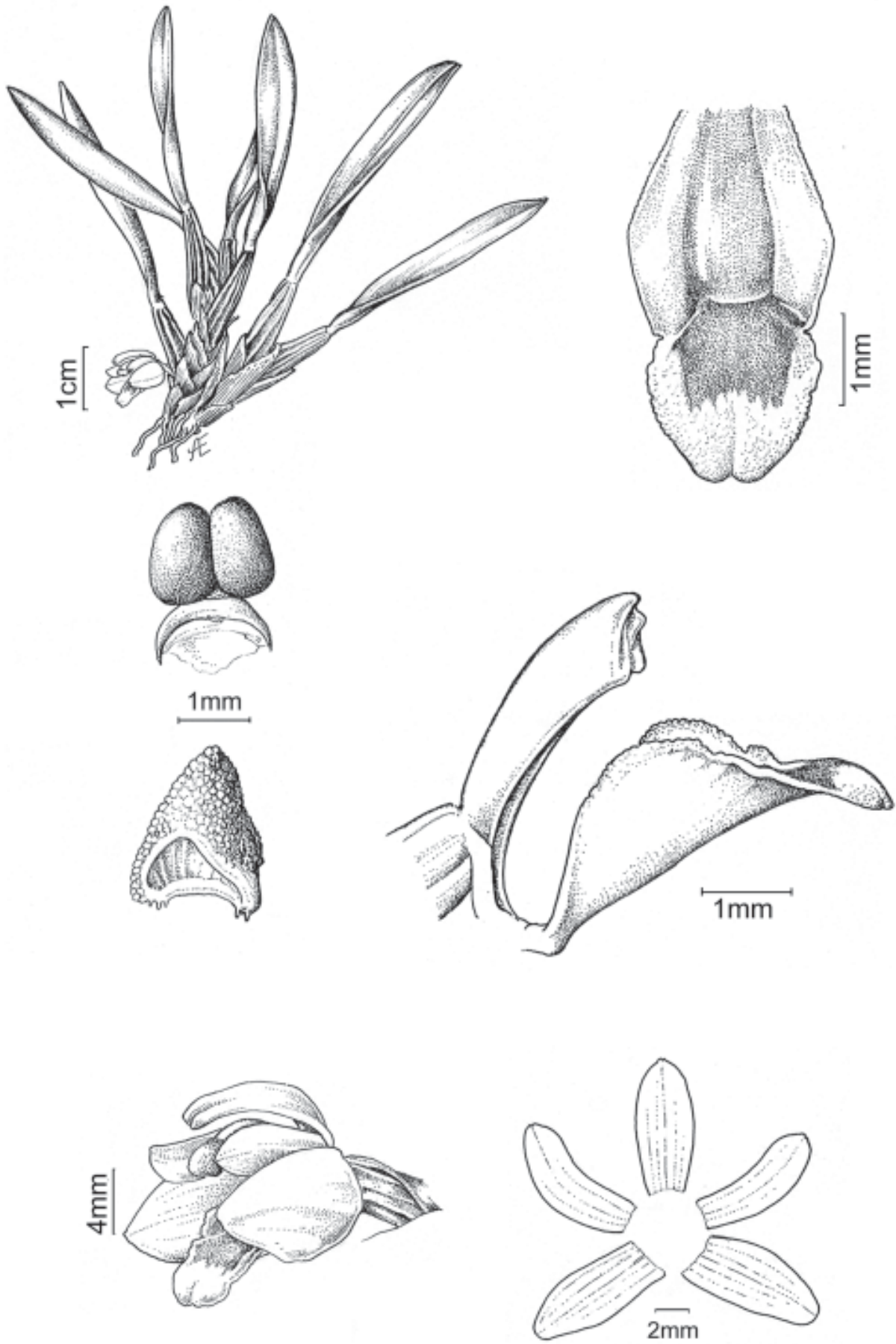
*Bifrenaria petiolaris*  
(Floresta de terra firme, campina)



*Bifrenaria minuta*  
(Floresta de terra firme, igapó e campinarana)



*Bifrenaria petiolaris*



*Bifrenaria minuta*

# Bletia

**Gênero:** *Bletia* Ruiz & Pavon

**Subfamília:** Epidendroideae

**Tribo:** Aretuseae

**Subtribo:** Bletiinae

Descrita por Ruiz e Pavon em *Prodromus Florae Peruvianaes et Chilensis* p. 119, tab. 26.1794, em homenagem a D. Luis Blet, um farmacêutico e botânico espanhol do século XVIII. O gênero é constituído por cerca de 26 espécies distribuídas na América tropical e subtropical, da Flórida a Argentina. São plantas terrestres, com pseudobulbos globosos, folhas plicadas e inflorescência ereta, chegando a um metro de altura. As flores têm colorido brilhante. Para a Amazônia brasileira foi registrada somente *B. catenulata*, que cresce nos barrancos de igarapés rochosos, no cerrado (Sul do Pará), os pseudobulbos sempre banhados por água corrente e em terrenos encharcados, a sol pleno, entre outras ervas. Em Roraima, encontra-se uma pequena planta com inflorescência seca, portanto, adulta, talvez a mesma espécie citada para a Venezuela, *Bletia meridana* (Reichb. f.) Garay & Dusterv. Porém, não foi encontrada a flor deste espécime.



*Bletia catenulata*  
(Cerrado)

# Bollea

**Gênero:** *Bollea* Reichb.f.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Maxillarieae  
**Subtribo:** Zygopetalinae

Foto: Jorge Macêdo



*Bollea violacea*  
(Epífita de floresta úmida nas margens  
de pequenos rios e igarapés)

Descrito por Reichenbach f. em 1852, em homenagem ao Dr. Carl Boll, um horticultor da Alemanha. O gênero foi revisado por J. A. Fowlie em *Orchid Digest* (1969).

Possui cerca de seis espécies distribuídas na América tropical. Para o Brasil, até recentemente, era conhecida apenas *Bollea violacea* Reichb.f., porém, agora foi verificada a ocorrência de mais uma espécie para a Amazônia brasileira: *B. hemixantha* Reichb.f.

Outras espécies ainda não identificadas foram encontradas no estado de Roraima, em ambientes úmidos e sombreados nas várzeas e igapós de rios e pequenos igarapés. Crescem em grandes touceiras e florescem no período chuvoso.



*Bollea* sp.  
(Epífita de floresta úmida nas margens  
de pequenos rios e igarapés)

Foto: Bruno S. Campos



*Bollea hemixantha*  
(Floresta úmida)



# Brachionidium

**Gênero:** *Brachionidium* Lindl.

**Subfamília:** Epidendroideae

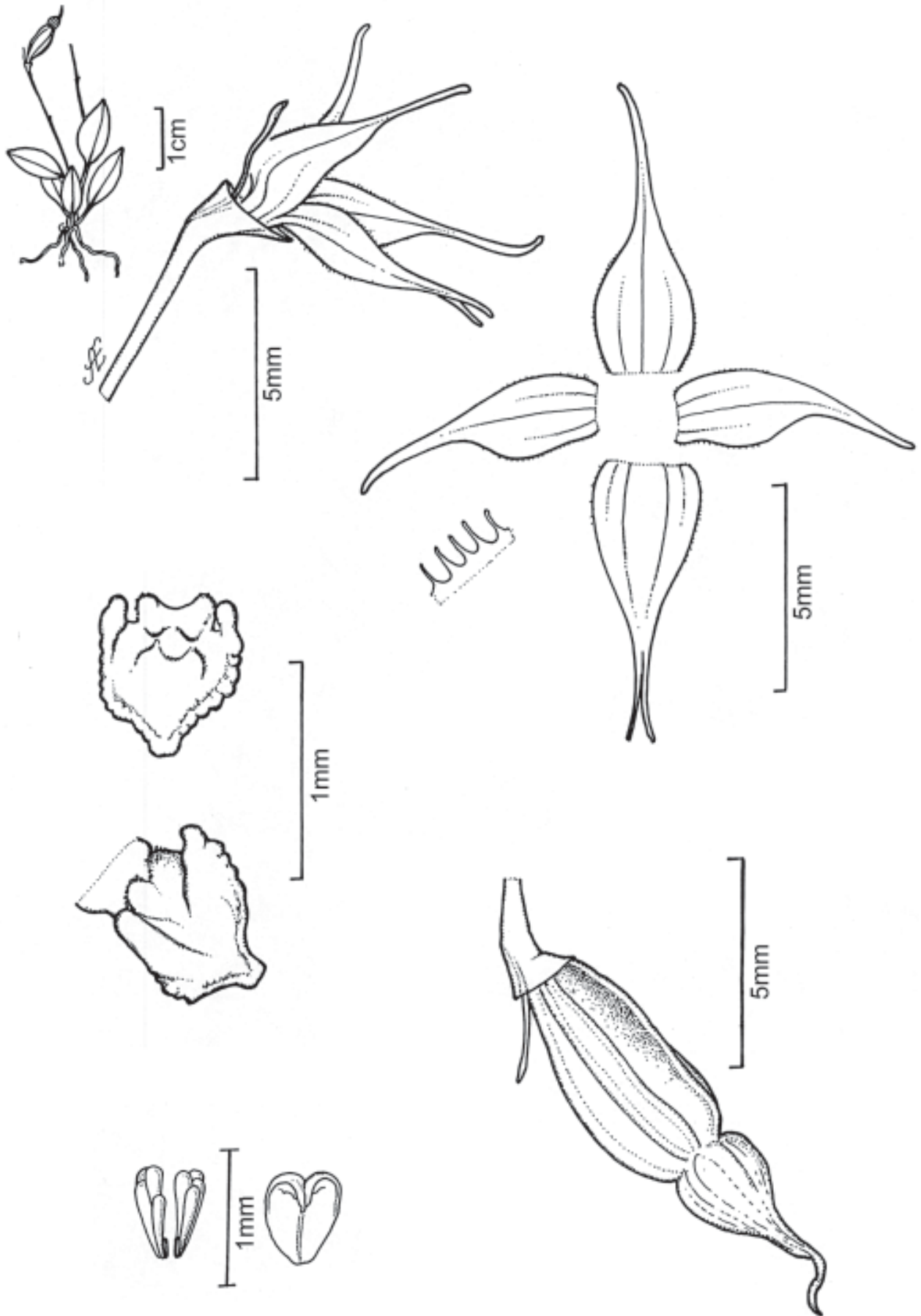
**Tribo:** Eidrendreae

**Subtribo:** Pleurothallidinae

Gênero com 35 espécies dispersas na América Tropical e América do Sul, pequenas plantas com espécies terrestres e epífitas. No Brasil, era conhecida somente *Brachionidium restrepioides*, descoberta e descrita por F. Hoehne como *Yolanda restrepioides*. Ele descreveu este novo gênero porque ela tinha oito políneas e as informações sobre o gênero *Brachionidium* se referiam somente a seis políneas. Os estudos do Dr. Luer sobre o gênero esclareceram o engano de Hoehne, invalidando o outro. Atualmente, foram encontradas outras quatro espécies na Amazônia brasileira na fronteira com a Venezuela, no estado de Roraima. São espécies terrestres que crescem nos barrancos dos rios encachoeirados.

*Brachionidium longicaudatum*  
(Terrestre, barrancos de igarapés  
próximos a cachoeiras)





*Brachionidium longicaudatum*

# Brachystele

*Brachystele guayanensis*  
(Savana)

**Gênero:** *Brachystele* Schltr.  
**Subfamília:** Spiranthoideae  
**Tribo:** Cranichideae  
**Subtribo:** Spiranthinae

O gênero foi descrito por Rudolf Schlechter em *Beih. Bot. Centralb.* vol. 37. abt. 2. p 370. 1920. Cerca de vinte espécies compõem este gênero de plantas terrestres, pequenas e de inflorescência curta com muitas flores distribuídas da Costa Rica a Argentina são encontradas somente em campos naturais, savanas, muitas vezes sujeitas a queimadas. Raízes tuberosas e curtas; as folhas aparecem no período chuvoso, depois da floração. Na Amazônia brasileira é conhecida somente *Brachystele guayanensis*, encontrada no topo da serra Pacaraima, na serra do Tepequém numa altitude de 1.100 metros, porém encontram-se também plantas a 600 m de altitude.

# Braemia

**Gênero:** *Braemia* Jenny  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Maxillarieae  
**Subtribo:** Stenhopeinae

*Braemia vittata*  
(Floresta de terra firme,  
várzea e igapó)

É um gênero novo, monoespecífico, estabelecido em 1985 por Jenny, na revista *Orchidee* 36(1): 38, desmembrado do gênero *Polycycnis*. A espécie TIPO é *Braemia vittata*, antes, *Polycycnis vittata* Lindl. O nome do gênero foi dado em homenagem ao botânico Guido J. Braem.

São plantas epífitas de floresta de terra firme baixa, floresta submontana a 1.000 metros de altitude. Formam grandes touceiras, com folhas até 20 cm de largura por 50 cm de comprimento; inflorescência ereta, com até 30 flores por inflorescência, e aroma forte de baunilha.



Foto: Sérgio Queiroz

*Braemia vittata*

# Brassavola

**Gênero:** *Brassavola* R. Br.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Epidendreae  
**Subtribo:** Laeliinae

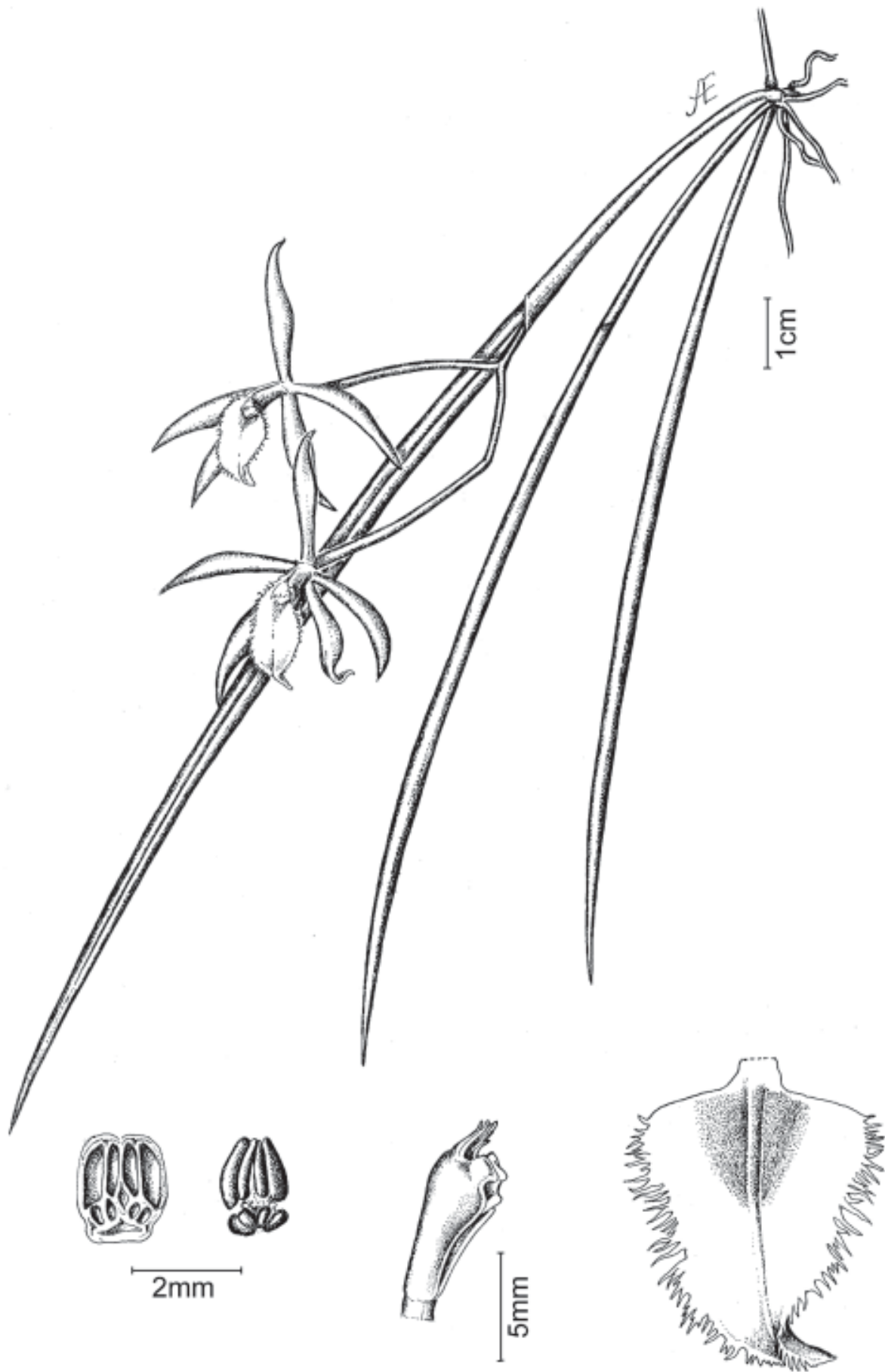
O nome foi dado em homenagem a Antônio Musa Brassavola, um botânico que foi professor de lógica, física e medicina em Ferrara, Itália.

Um gênero com 50 espécies distribuídas por toda a América Tropical do México, América Central até o Brasil e Argentina.

Na Amazônia são conhecidas somente três espécies: *Brassavola fasciculata*, *B. gardneri* e *B. martiana*, todas têm aroma noturno muito agradável. *Brassavola fasciculata*, uma espécie descrita por G. Pabst em 1955, baseado num espécime do Herbário da Embrapa/IAN, de Belém (PA), coletada por Lemos Fróes em 1950, no lago de Tefé (AM). Só foi recoletada 38 anos depois no rio Xidarini, Tefé (AM) e em Carauari (AM) em 1988. Portanto, esta espécie possivelmente é endêmica do centro do estado do Amazonas. *B. gardneri* é uma espécie do cerrado, com ocorrência para os estados de Tocantins, Maranhão, Pará (sul do Pará, nas margens do rio Araguaia) e Amapá, nas florestas que bordeiam os afloramentos rochosos, sendo comum crescer sobre as rochas; chega à Guiana Francesa. *B. martiana* tem ampla distribuição em toda a Amazônia brasileira, desde a foz do rio Amazonas até os países vizinhos: Bolívia, Peru, Colômbia, Venezuela e Guianas.



*Brassavola martiana*  
(Floresta de galeria na savana e igapó)



*Brassavola martiana*

Foto: Sérgio Queiroz



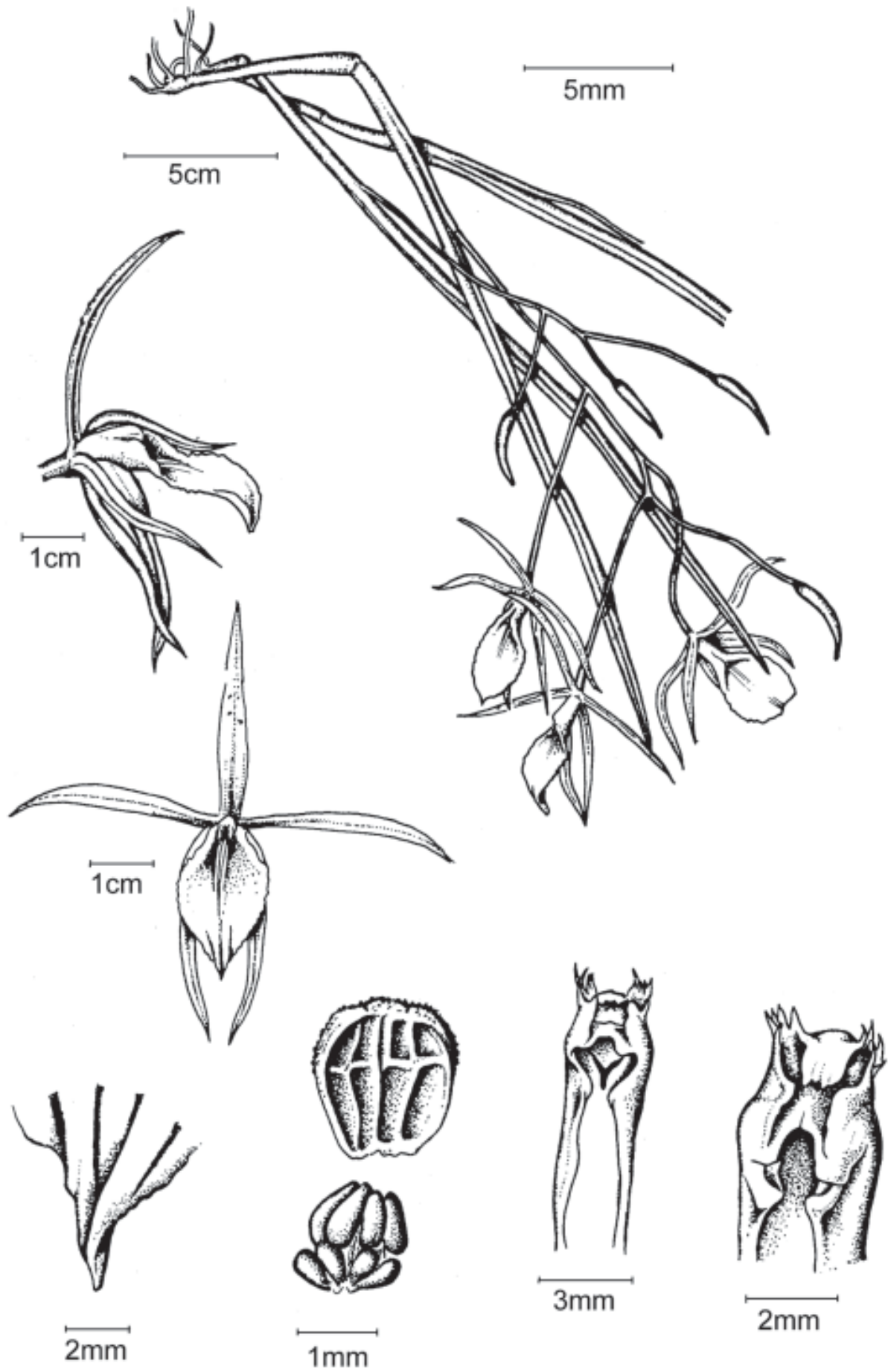
*Brassavola gardneri*  
(Cerrado)

Foto: Marcos Campacci



*Brassavola fasciculata*  
(Floresta ciliar, igapó)





*Brassavola gardneri*

# Brassia

**Gênero:** *Brassia* R. Br.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Maxillarieae  
**Subtribo:** Oncidiinae



**Polinizador**

O nome foi dado em homenagem a William Brass, um botânico e ilustrador que coletou plantas na África do Sul e Guiné, para Sir Joseph Banks. O gênero foi descrito, em 1813, por Robert Brown na segunda edição de *Hortus kewensis* p. 215. Possui mais de 50 espécies distribuídas na América Tropical. Plantas epífitas muito comuns em todas as florestas de igapó, várzeas e margens dos rios e igarapés da Amazônia brasileira. Somente *B. bidens* é terrestre, de terra firme, das ilhas de matas nas savanas, campos rupestres, campinas de areia branca e caatingas do alto rio Negro e tem uma inflorescência ereta, com quase um metro de altura. As espécies mais comuns, como *Brassia chloroleuca*, muitas vezes confundida com *B. caudata*, estão presentes em todos os estados da Amazônia brasileira. *B. lanceana* tem distribuição ampla, ficando mais distante do estuário do rio Amazonas e *B. lawrenceana* ocorre no estado do Amazonas, sendo comum também em Roraima. *B. arachnoidea*, com ocorrência no Acre, acima de Tefé, nos estados do Amazonas e em Roraima. *B. neglecta* e *B. caudata* são do estado de Roraima, das bordas das Serras Pacaraima e Parima, em floresta submontana.

Foto: Jorge Macêdo



*Brassia lawrenceana*  
(Floresta ribeirinha)

*Brassia lanceana*  
(Floresta ribeirinha)

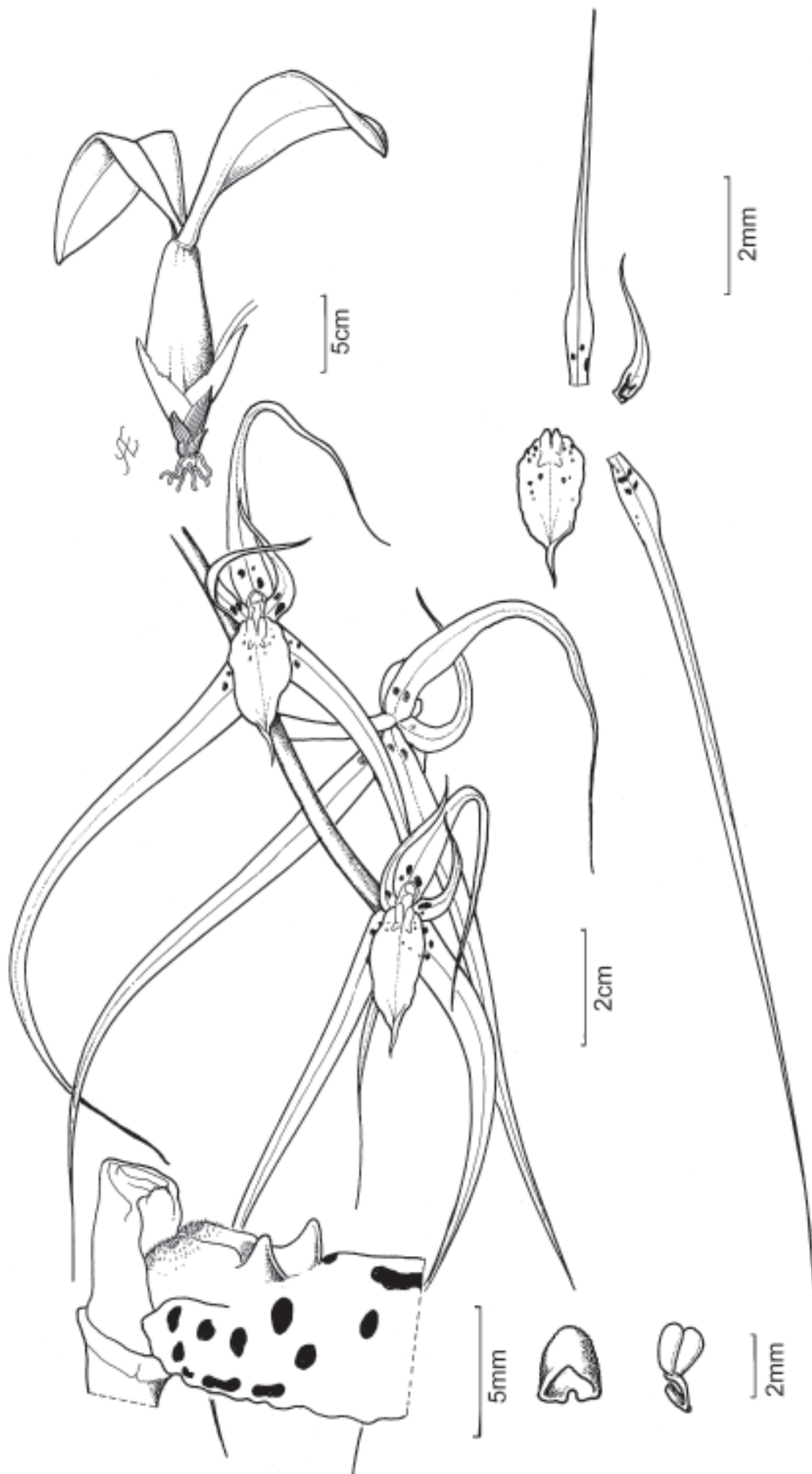


*Brassia neglecta*  
(Epífita de floresta submontana)



*Brassia chloroleuca*  
(Floresta úmida)





*Brassia chloroleuca*



*Brassia arachnoidea*  
(Floresta úmida, igapó)



*Brassia bidens*  
(Floresta ribeirinha,  
campina e igapó)

# Bulbophyllum

**Gênero:** *Bulbophyllum* Thou.

**Subfamília:** Epidendroideae

**Tribo:** Dendrobieae

**Subtribo:** Bulbophyllinae

O nome é derivado do Grego “*bulbos*” = Bulbo, “*phyllon*” = folha, em alusão aos pseudobulbos frondosos da maioria das espécies.

O gênero foi estabelecido em 1822 por Aubert du Petit Thouars em *Orchidées des Iles Australes de l’Afrique* (t. 93-97).

É um grande gênero, possuindo mais de 2.000 espécies, largamente distribuído no sudeste da Ásia e regiões adjacentes e também na África, Austrália e América Tropical. A maioria das espécies brasileiras ocorrem no centro e sudeste, no cerrado. Na Amazônia brasileira, eram citadas somente *Bulbophyllum setigerum*, para os estados do Pará e Amazonas, nas campinas de areia branca e *B. roraimense*. Para o Monte Roraima, foram, porém, acrescentadas mais quatro espécies encontradas nas florestas submontanas e de altitude na fronteira com a Venezuela, no estado de Roraima e *B. insectiferum*, espécie do cerrado do Brasil Central. São plantas pequenas, geralmente epífitas, mas algumas espécies crescem sobre rochas em ambientes áridos. *Bulbophyllum insectiferum* tem hábito rupícola nos estados do Tocantins e Goiás; no Pará são epífitas, preferindo as árvores mais altas da floresta, alojando-se nos galhos finos com líquens em floresta submontana acima de 600 m de altitude.



*Bulbophyllum meridense*  
(Floresta de galeria)

*Bulbophyllum roraimense*  
(Campina e floresta ribeirinha)







*Bulbophyllum bracteolatum*  
(Floresta de altitude)



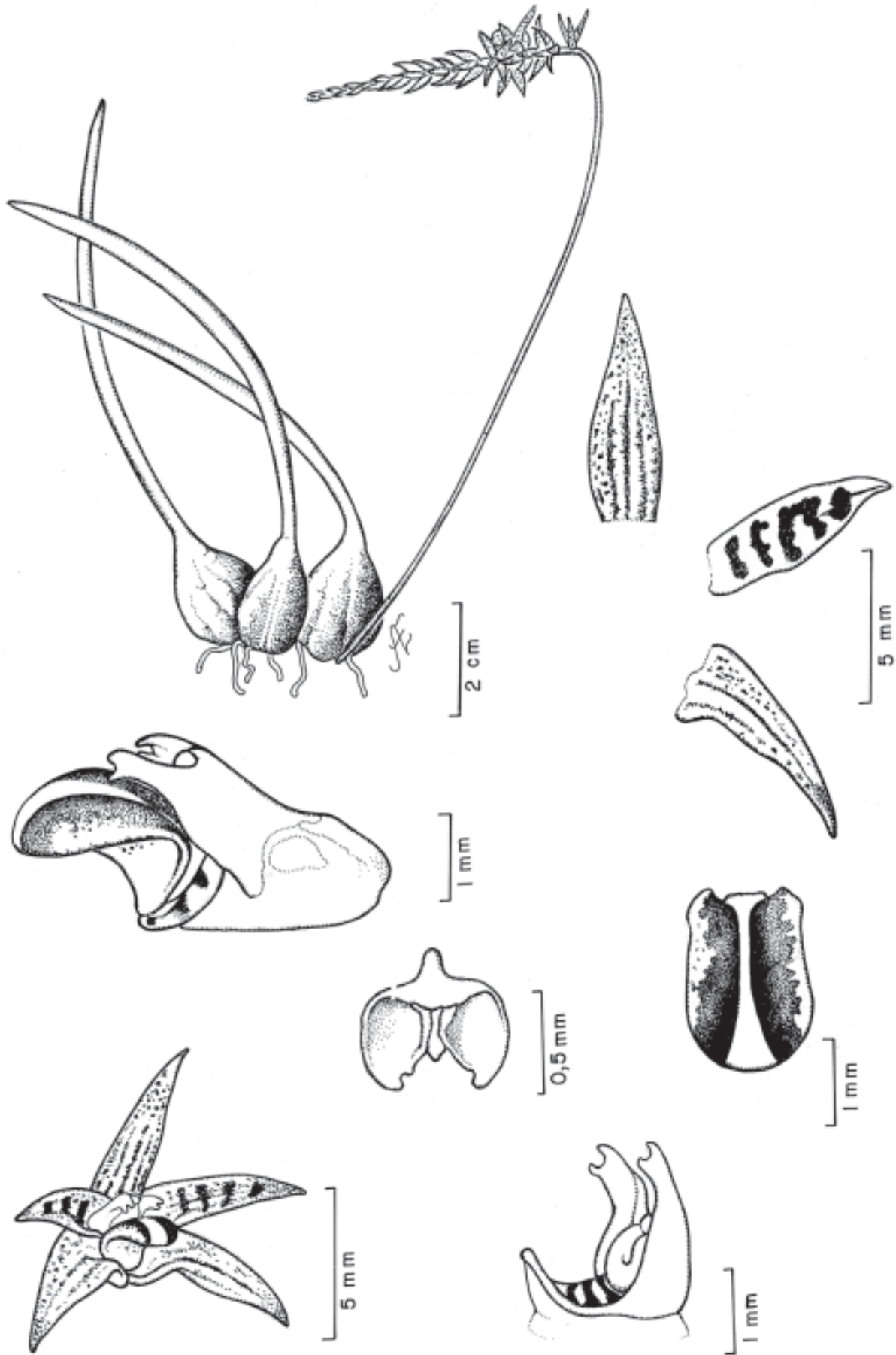
*Bulbophyllum insectiferum*  
(Floresta de altitude)



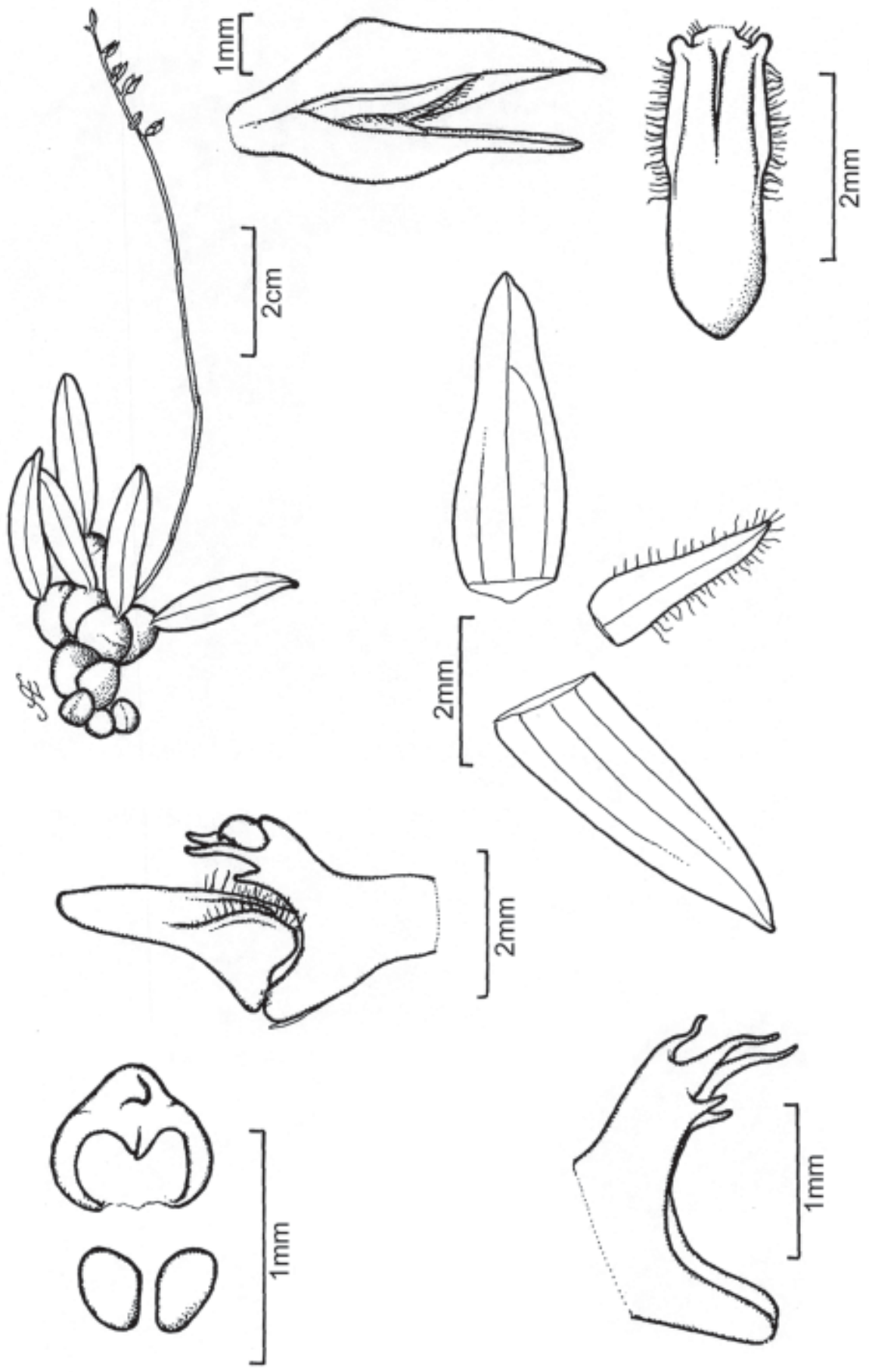
*Bulbophyllum manarae*  
(Floresta de altitude)



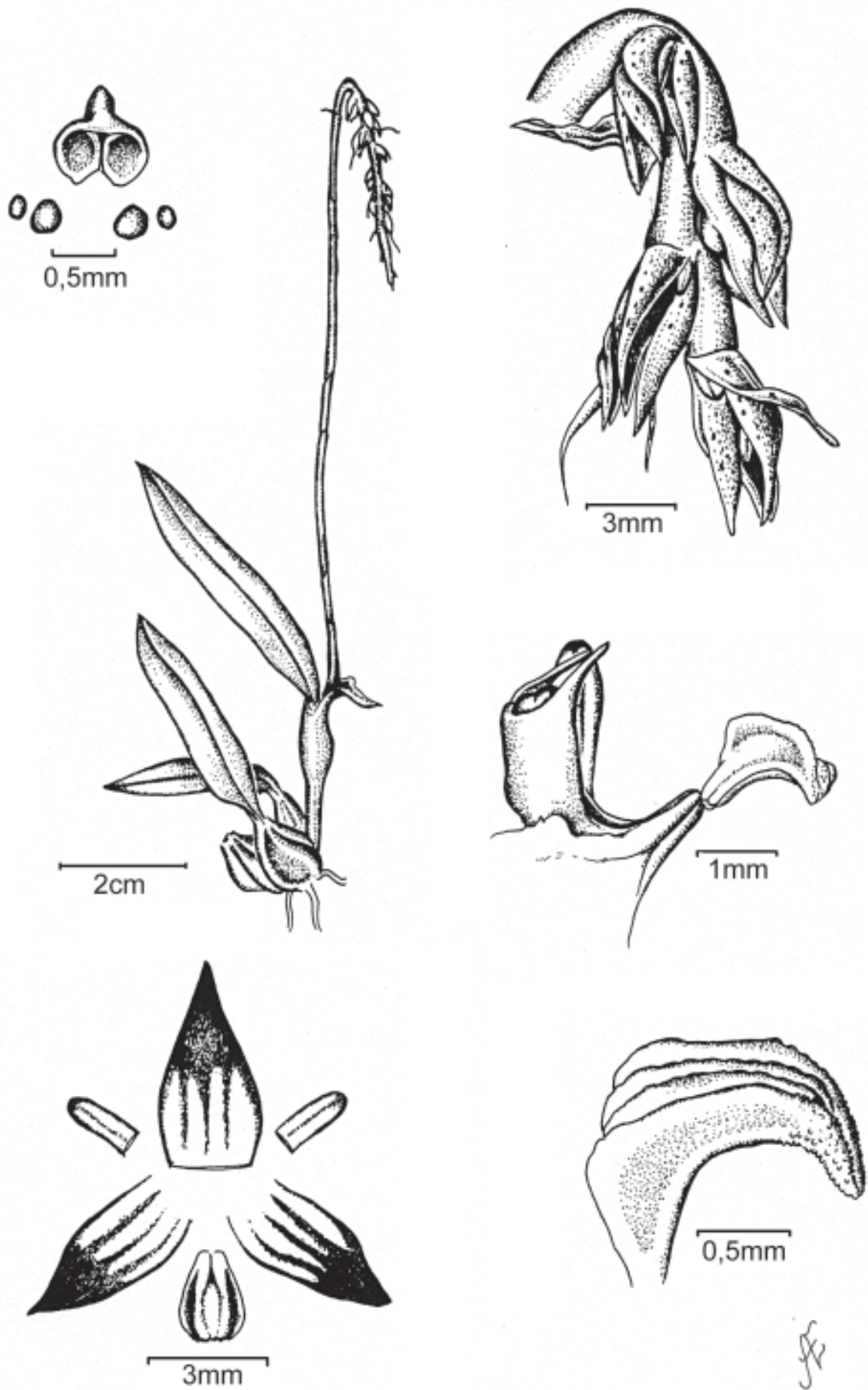
*Bulbophyllum setigerum*  
(Campina e floresta ribeirinha)



*Bulbophyllum insectiferum*



*Bulbophyllum manarae*



*Bulbophyllum setigerum*

# Caluera

**Gênero:** *Caluera* Dodson & Dettermann

**Subfamília:** Epidendroideae

**Tribo:** Maxillarieae

**Subtribo:** Ornithocephalinae

*Caluera* sp.  
(Igapó)

O gênero foi estabelecido em 1983 por Dodson e Dettermann no *Amer. Orch. Soc. Bull* 52(4): 375. Possui apenas duas espécies distribuídas na América do Sul, mais precisamente na Amazônia brasileira e extra brasileira. *Caluera vulpina* Dodson & Dettermann, até o momento, só é conhecida para o Equador, enquanto que *C. surinamensis* tem uma distribuição bem mais ampla. Duas espécies não identificadas foram coletadas recentemente.

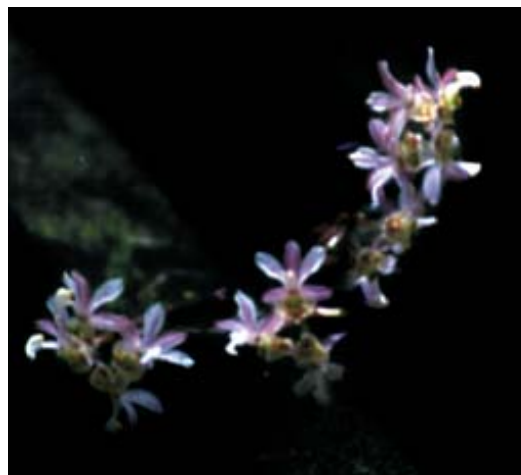


Foto: André Cardoso



*Caluera surinamensis*  
(Floresta de igapó)

Foto: Sérgio Queiroz



*Caluera tavaresii*  
(Igapó)

O nome do gênero foi dado em homenagem ao grande botânico Carlyle A. Luer, que tem contribuído de maneira extraordinária ao conhecimento da família Orchidaceae. São pequenas plantas com as folhas arranjadas em forma de leque; a inflorescência surge da base do pseudobulbo, com três a cinco flores brancas ou pintadas. São plantas difíceis de se ver pelo tamanho e ficam entre os musgos dos troncos e nos galhos das árvores em várzeas e igapós.

A close-up photograph of a Campylocentrum orchid. The image shows several long, thin, yellowish-brown flowers hanging from a green stem. The flowers have a distinctive shape with long, slender petals and sepals. The background is dark and out of focus, highlighting the plant's details.

# Campylocentrum

**Gênero:** *Campylocentrum* Benth.

**Subfamília:** Epidendroideae

**Tribo:** Vandeeae

**Subtribo:** Angraecinae

O nome do gênero deriva do grego “*Kampylos*” = torto “*kentron*” = esporão, em alusão à forma longa, delgada e esporão muito curvado do labelo.

O gênero foi estabelecido, originalmente, por A. Richard e Galeotti, como *Todaroa*, em 1845, porém, o nome já fora usado para outra planta. George Benthán renomeou esta orquídea com o nome de *Campylocentrum* no *Journal of the Linnean Society* pg. 337. 1881. É um dos poucos gêneros no Novo Mundo do grupo *Vandoide*.

Possui cerca de cinqüenta espécies distribuídas em toda a América Tropical, do Panamá ao Sul do Brasil, sendo que para o Equador é citado o maior número de espécies conhecidas até o momento. São plantas adaptadas a ambientes variados, ocorrendo em todos os tipos de florestas, inclusive nas florestas secundárias como capoeira e pomares, adaptando-se a climas diversos. Sustentam-se em poucas raízes – ficando pendurados, estendendo longas raízes aéreas saídas da base das folhas. *Campylocentrum amazonicum*, *C. fasciolla* e *C. poeppigii* não têm folhas e as raízes estendem-se de um centro onde surge a inflorescência.

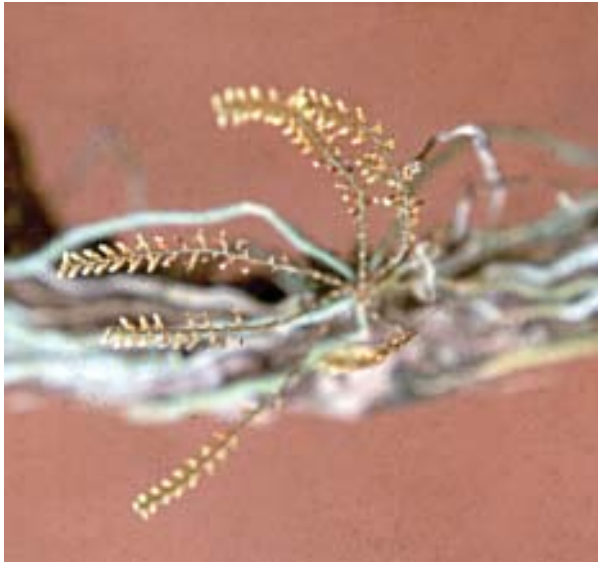
*Campylocentrum huebneri*  
(Floresta ciliar, campina e igapó)



*Campylocentrum poeppigii*  
(Floresta de igapó)



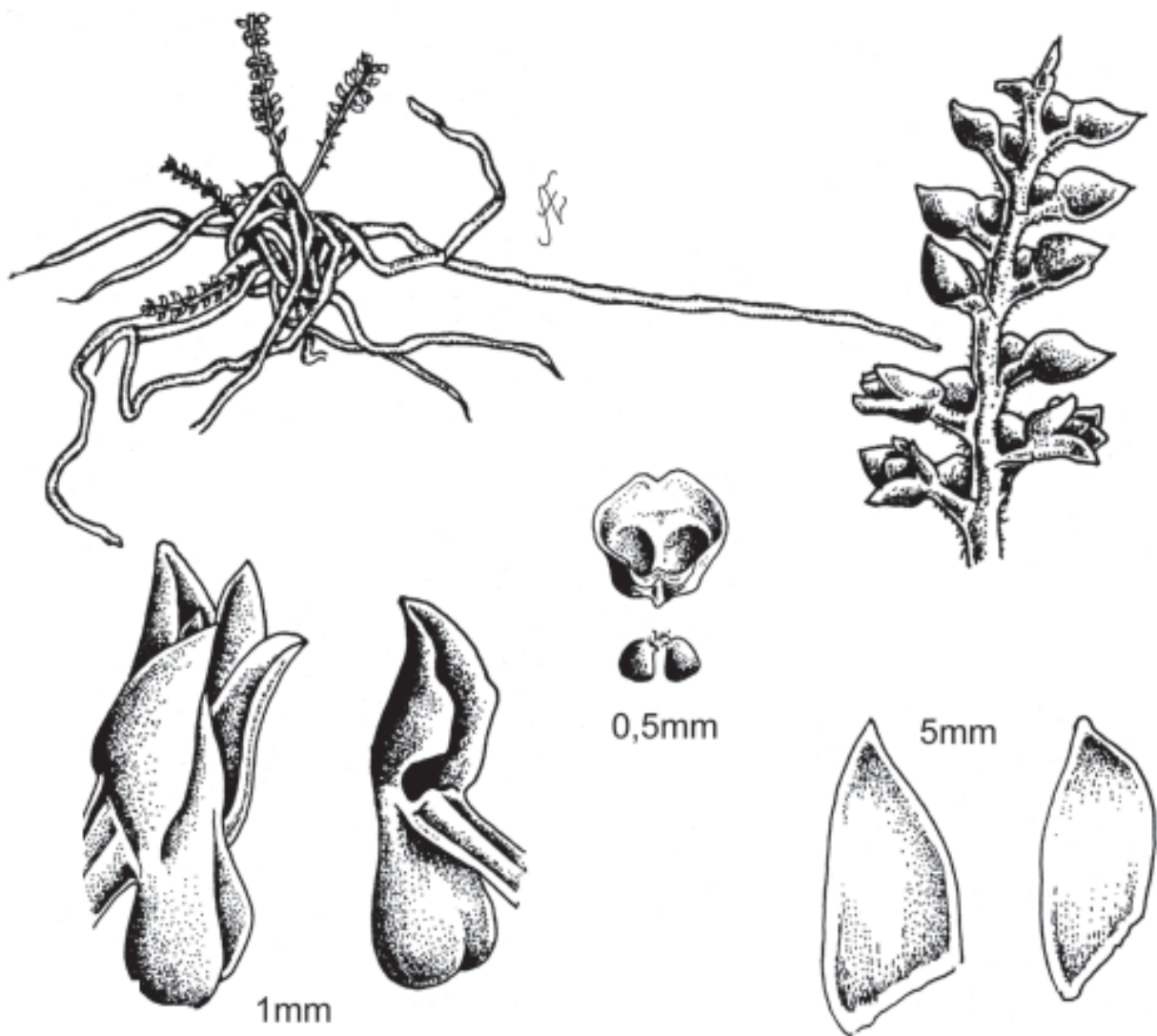
*Campylocentrum micranthum*  
(Floresta de terra firme e campos)



*Campylocentrum burchellii*  
(Campina e igapó)



*Campylocentrum amazonicum*  
(Floresta secundária, floresta de terra firme e campina)



*Campylocentrum amazonicum*



# Cattleya

**Gênero:** *Cattleya* Lindl.

**Subfamília:** Epidendroideae

**Tribo:** Epidendreae

**Subtribo:** Laelinae

O nome foi dado em homenagem William Cattley que foi um dos primeiros cultivadores de orquídeas epífitas a obter sucesso com as mesmas na Inglaterra. John Lindley descreveu o gênero, em 1821, em *Collectanea Botanica* (t.33). É um gênero muito próximo à *Laelia*, possui oito políneas, o que o distingue de *Cattleya* com seis políneas. Muitas espécies são morfologicamente similares, podendo ser facilmente confundidos.

O gênero possui, aproximadamente, 50 espécies distribuídas nos trópicos da América Central e América do Sul. Na Amazônia brasileira, são conhecidas sete espécies e duas espécies híbridas naturais. *C. araguaiensis* e *C. nobilior* são espécies do Brasil central e chegam até as bordas da Amazônia; a primeira no rio Araguaia e a outra chega ao estado de Rondônia. São espécies do bioma cerrado. Na Amazônia central encontram-se *C. eldorado*, *C. luteola* e *C. violacea*. Nas florestas submontanas da grande savana venezuelana, no estado de Roraima, *C. jenmanii* e *C. lawrenceana*. Existem dois híbridos naturais de *Cattleya*: um entre *C. eldorado* e *C. violacea* (*Cattleya brymeriana*) nativa dos estados do Amazonas e Roraima. O outro entre *C. eldorado* e *Brassavola martiana* (*Brassocattleya ruby*), descoberta e publicada pelo Dr. Pedro Ivo Soares Braga, no estado do Amazonas.



Foto: Jorge Macêdo

*Cattleya violacea* (Floresta de terra firme, floresta ribeirinha e de igapó)



Foto: Jorge Macêdo



Foto: Jorge Macêdo

*Cattleya violacea*



Foto: Antônio Schmidt



Foto: Jorge Macêdo



*Cattleya violacea*

*Cattleya violacea*





Foto: Jorge Macedo



Foto: Jorge Macédo



*Cattleya violacea*



Foto: Osakada Yasunao



Foto: Kleber Lacerda

(Floresta de terra firme, floresta ribeirinha e de igapó)



*Cattleya violacea*



*Cattleya violacea*



Foto: Jorge Macêdo

*Cattleya violacea*



*Cattleya luteola*  
(Floresta de terra firme e floresta ribeirinha)



Foto: Jorge Macêdo



Foto: Jorge Macêdo

*Cattleya lawrenceana*





Foto: Jorge Macédo



Foto: Jorge Macêdo

*Cattleya laurenceana*  
(Floresta úmida de altitude)



Foto: Jorge Macédo

*Cattleya jenmanii*  
(Floresta úmida de altitude)





Foto: Jorge Macêdo

*Cattleya jenmanii*  
(Floresta úmida de altitude)



*Cattleya X brymeriana*  
(Igapó)



*Cattleya araguaiensis*  
(Igapó, várzea e cerrado)



*Cattleya nobilior*  
(Cerrado)



*Cattleya eldorado*  
(Floresta de terra firme, campina e igapó)

*Cattleya eldorado*



*Cattleya eldorado*



Foto: Jorge Macêdo

*Cattleya eldorado*



Foto: Jorge Macêdo

*Cattleya eldorado*







*Cattleya eldorado*



*Cattleya eldorado*




Foto: Jorge Macêdo



# Caularthron

**Gênero:** *Caularthron* Raf.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Epidendreae  
**Subtribo:** Laeliinae

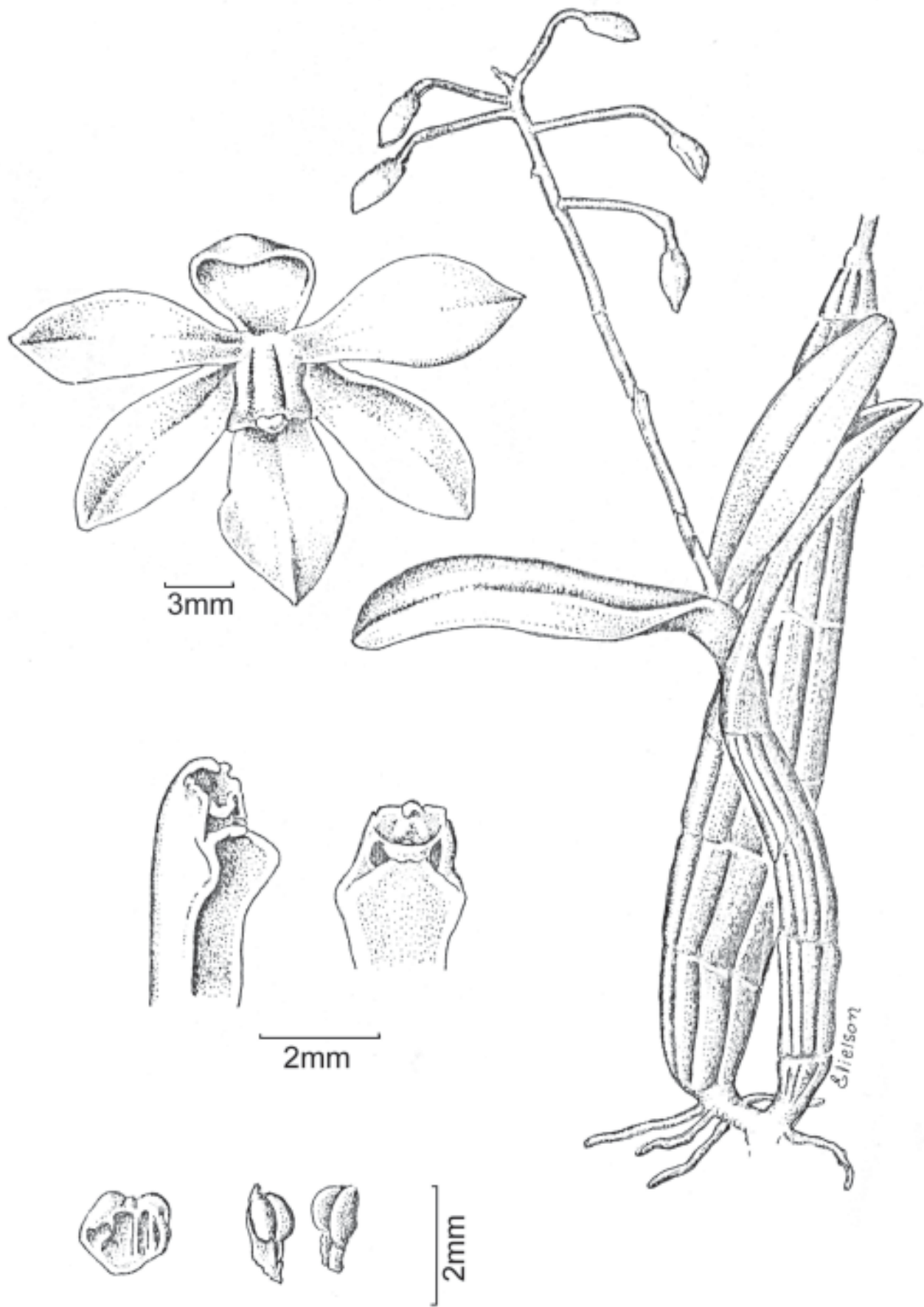




*Caularthron bicornutum*  
(Campina, floresta de galeria e igapó)

O nome refere-se ao fato das folhas da base persistirem aderidas ao pseudobulbo. É derivado do grego; “*Kaulos*” = talo, haste; “*Arthron*” = junção, união.

O gênero foi descrito em 1836 em *Flora Telluriana* (p.40) por S. Rafinesque. Lindley descreveu o mesmo gênero como *Diacrium*. Possui três espécies, distribuídas na América do Sul e Trinidad. As plantas das três espécies são iguais e crescem no mesmo tipo de ambiente. Têm pseudobulbos longos e cilíndricos com duas ou três folhas no ápice. *C. bicornutum* tem a inflorescência racemosa e chega a 50 cm de altura com até vinte flores de cor branca para rosada e labelo com pontos lilás e calo do labelo amarelo. Uma espécie de formiga faz morada nos pseudobulbos, usando como porta uma pequena rachadura na base do pseudobulbo quando maduro. *C. bicornutum* é a espécie mais comum da Amazônia brasileira, ocorrendo também na Colômbia, Venezuela, Guiana e Suriname. *C. bilamellatum* e *C. indivisum* são espécies encontradas somente no estado de Roraima. Que têm flores menores que *C. bicornutum*. Muitas vezes as flores não abrem. São de ambientes áridos, chegando a crescer sobre rochas e são encontradas somente na fronteira com a Guiana.



*Caulanthron indivisum*  
(Floresta de galeria)



*Caularthron bilamellatum*  
(Epífita, floresta seca de galeria)

# Chaubardia

**Gênero:** *Chaubardia* Reichb. f.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Maxillarieae  
**Subtribo:** Zygopetalinae





*Chaubardia surinamensis*  
(Floresta úmida)

O nome foi dado por Reichenbach f. em homenagem ao seu amigo M. Chaubard, botânico francês que trabalhou na flora europeia. O gênero foi estabelecido, em 1825, em *Botanische Zeitung* (p. 671), baseado em *Chaubardia surinamensis*. Um pequeno gênero de quatro espécies, distribuídas nas regiões tropicais da América do Sul e Trinidad.

São pequenas plantas com pseudobulbos escondidos entre as folhas que crescem em forma de leque, em locais úmidos e superúmidos. A inflorescência surge da axila da folha, com uma flor.

*C. surinamensis* é comum em toda a Amazônia brasileira, crescendo nos troncos e galhos de árvores cobertos por musgos. *C. klugii* foi encontrada pela primeira vez na flora brasileira em Carajás, nas florestas úmidas de galeria dos rios encachoeirados. Tanto a planta como a flor são bem maiores que as de *C. surinamensis*.



*Chaubardia klugii*  
(Floresta úmida)



# Cleistes

*Cleistes morritz*  
(Floresta aberta de altitude em clima superúmido)

**Gênero:** *Cleistes* L. C. Rich.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Vanilleae  
**Subtribo:** Pagoniinae

O nome deriva do grego: “*Kleisto*” = fechado, em alusão às flores que não abrem completamente. O nome do gênero foi cunhado por L.C.Richard em *Mémoires du Muséum d’Histoire Naturelle*, Paris (p. 31), em 1818, mas sua publicação válida foi feita por John Lindley em 1840 em *Genera and species of Orchidaceous Plants* (p. 409), Este gênero possui, aproximadamente, 40 espécies distribuídas nas regiões tropicais das Américas, indo da Flórida ao Sul do Brasil. São plantas terrestres que crescem em solos inundáveis nos campos naturais, savanas e nas bordas dos buritizais no cerrado do Brasil central, onde ocorre a maioria das espécies. A parte vegetativa da planta só aparece no período chuvoso quando floresce e frutifica. A inflorescência com os frutos permanecem até estes abrirem para dispersar as sementes. As flores têm cores vivas, mas não abrem totalmente. Para a Amazônia brasileira são citadas somente quatro espécies.

*Cleistes rosea*  
(Campina, cerrado)



# Clowesia



**Gênero:** *Clowesia* Lindl.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Cymbidieae  
**Subtribo:** Catasetinae

O gênero foi estabelecido por John Lindley em *Bot. Register* t. 39, misc. 25. 1843, dado em homenagem ao *Rev. Sr. Clowes*, um horticultor que cuidava da casa de vegetação onde primeiro floresceu o exemplar da espécie TIPO, em Broughton Hall, próximo a Manchester. Mais tarde, outros autores trataram o gênero como *Catasetum*. Em 1975, Dodson, na revista *Selbyana*, deu novamente validade ao nome *Clowesia* e transferiu mais quatro espécies aliadas a *C. rosea*. Vegetativamente, as plantas de *Clowesia* são semelhantes às de *Catasetum*, mas as flores são bissexuadas e os mecanismos de polização são diferentes. A inflorescência rascemosa surge da base do pseudobulbo, é compacta e com muitas flores.

A primeira notícia do gênero na flora brasileira foi baseada na coleta e aquarela de uma planta coletada por Margaret Mee, no rio Aracá, afluente do rio Negro, no estado do Amazonas, e apresentada por Pabst em *Orchidaceae Brasiliensis* como *C. warczewitzii*.

*Clowesia warczewitzii*  
 (Floresta de igapó)

# Cochleanthes

**Gênero:** *Cochleanthes* Raf.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Maxillarieae  
**Subtribo:** Zygotetinae

O nome deriva do grego “*kochlias*” = concha em espiral, “*anthos*” = flor, em alusão à aparência da flor. O gênero foi estabelecido em 1836 por C.S. Rafinesque, em *Flora Telluriana* (p. 45). O gênero tem sido incluído em vários outros, como *Zygotetulum*, *Warszewiczella*, sendo muito próximo de *Chondrorhyncha*. O gênero foi revisado por Senghas em *Die Orchideen* p. 89-96. 1990. *C. aromatica* e *C. discolor* só foram reconduzidas ao gênero em 1954 e 1959 por Schultes & Garay. Cerca de nove espécies, estão distribuídas nas florestas úmidas da América tropical. São plantas de tamanho médio para grande, com folhas dísticas, inflorescência axilar, flores grandes e vistosas. A espécie mais conhecida no Brasil ocorre no estado do Amazonas; plantas epífitas de pequena altura, muito próximas da água, nos igapós e floresta aberta inundável.



*Cochleanthes amazonica*  
(Igapó e floresta inundável)

*Coryanthes* sp.  
(Floresta de igapó)

# Coryanthes

**Gênero:** *Coryanthes* Hooker  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Maxillarieae  
**Subtribo:** Stanhopeinae




O nome é derivado do grego “*koryos*” = capacete e “*anthe*” = flor, devido à forma da flor, cujo labelo é modificado, tornando-a parecida com capacete. A flor de *Coryanthes* apresenta uma estrutura complexa, adaptada e intimamente relacionada à polinização por insetos. Sua forma é descrita como bizarra e até grotesca. O labelo é dividido em três partes: uma superior em forma globular ou de capacete, o HIPOQUÍLIO, uma alongada e algumas vezes canelada, o MESOQUÍLIO e uma em forma de balde, o EPIQUÍLIO, que é parcialmente cheio de néctar, açucarado exudado em gotículas, algumas horas antes da antese por duas organelas da base da coluna.

Abelhas dos gêneros *Euglossa*, *Euplusia* ou *Eulaema* são atraídas para o interior do epiquílio devido ao forte odor que este emite. Uma vez no seu interior, a abelha fica enebriada e cai no líquido nele contido. Suas asas ficam molhadas, por isso não pode escapar por vôo nem pela parede do epiquílio que é escorregadia. Deste modo, o inseto fica preso ao interior deste e o único caminho de saída está entre o epiquílio e o ápice da coluna. Como o espaço para a passagem é reduzido, forçosamente ao passar na extremidade da coluna, em contacto com esta, é removida a polínea que se adere ao seu dorso. Ao visitar uma outra flor, o processo se repete e a polínea que estava aderida à abelha é transferida para esta segunda flor.

O gênero foi descrito primeiro por Sir William Hooker, em 1831, em *Botanical Magazine* (t.3102) e foi revisado, em 1917, por R. Schlechter em *Orchis*. Recentemente, Günter Gerlach & Rainer Schill (1993) apresentaram monografia na qual muitas espécies inéditas para a ciência foram descritas para a flora da Colômbia, Peru e Venezuela.

Na Amazônia brasileira, o número de espécies tem aumentado a cada nova coleta, tanto com espécies inéditas como espécies da flora dos países vizinhos.

A photograph of a Coryanthes rutkissii flower, showing its characteristic hooded structure with a pattern of reddish-brown spots on a lighter background. The flower is attached to a green stem that curves upwards.

*Coryanthes rutkissii*  
(Floresta submontana)

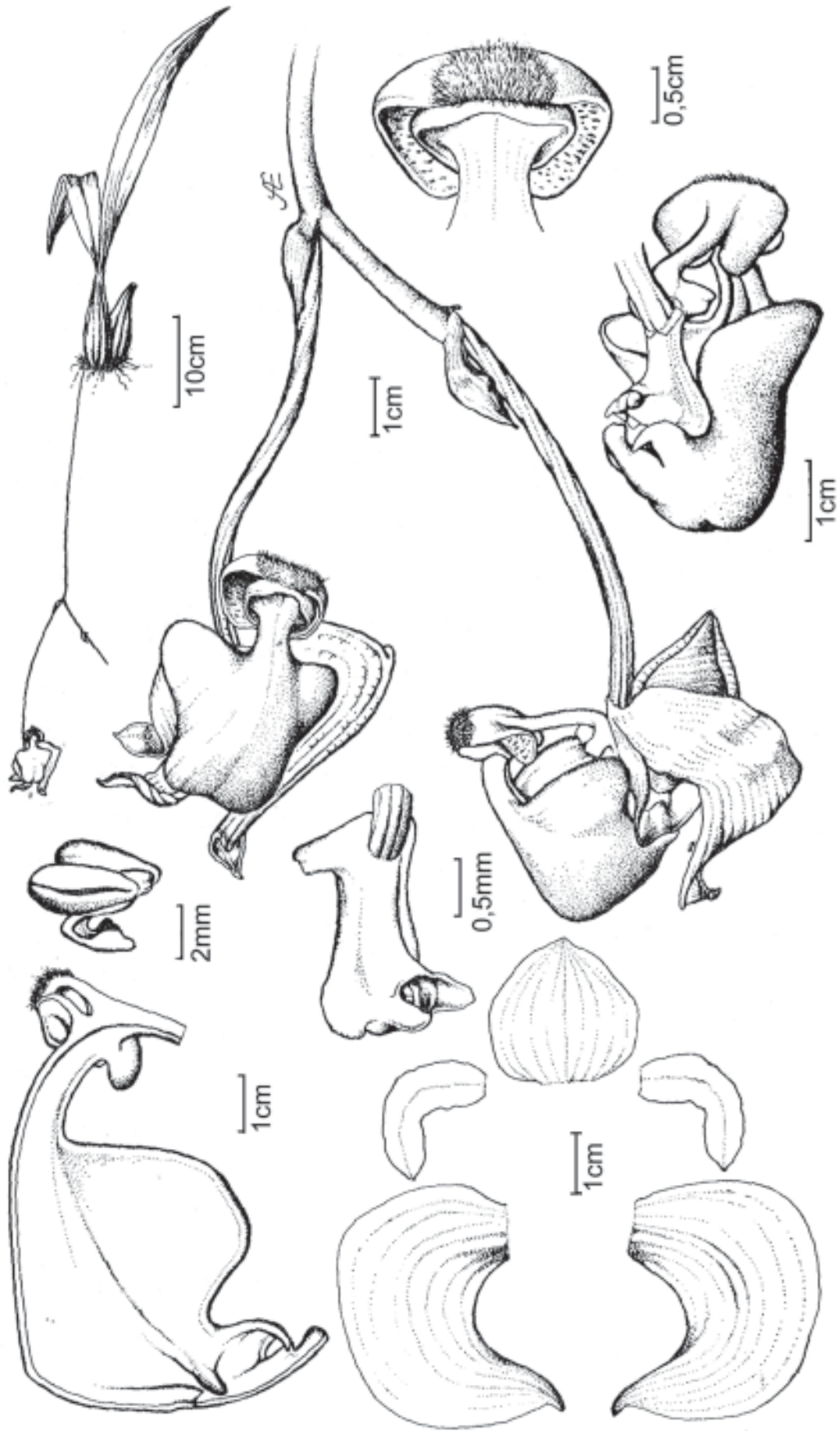
A photograph of a Coryanthes elianae flower, which is a vibrant, solid orange color. It has a similar hooded structure to the one above. The flower is attached to a green stem that curves upwards.

*Coryanthes elianae*

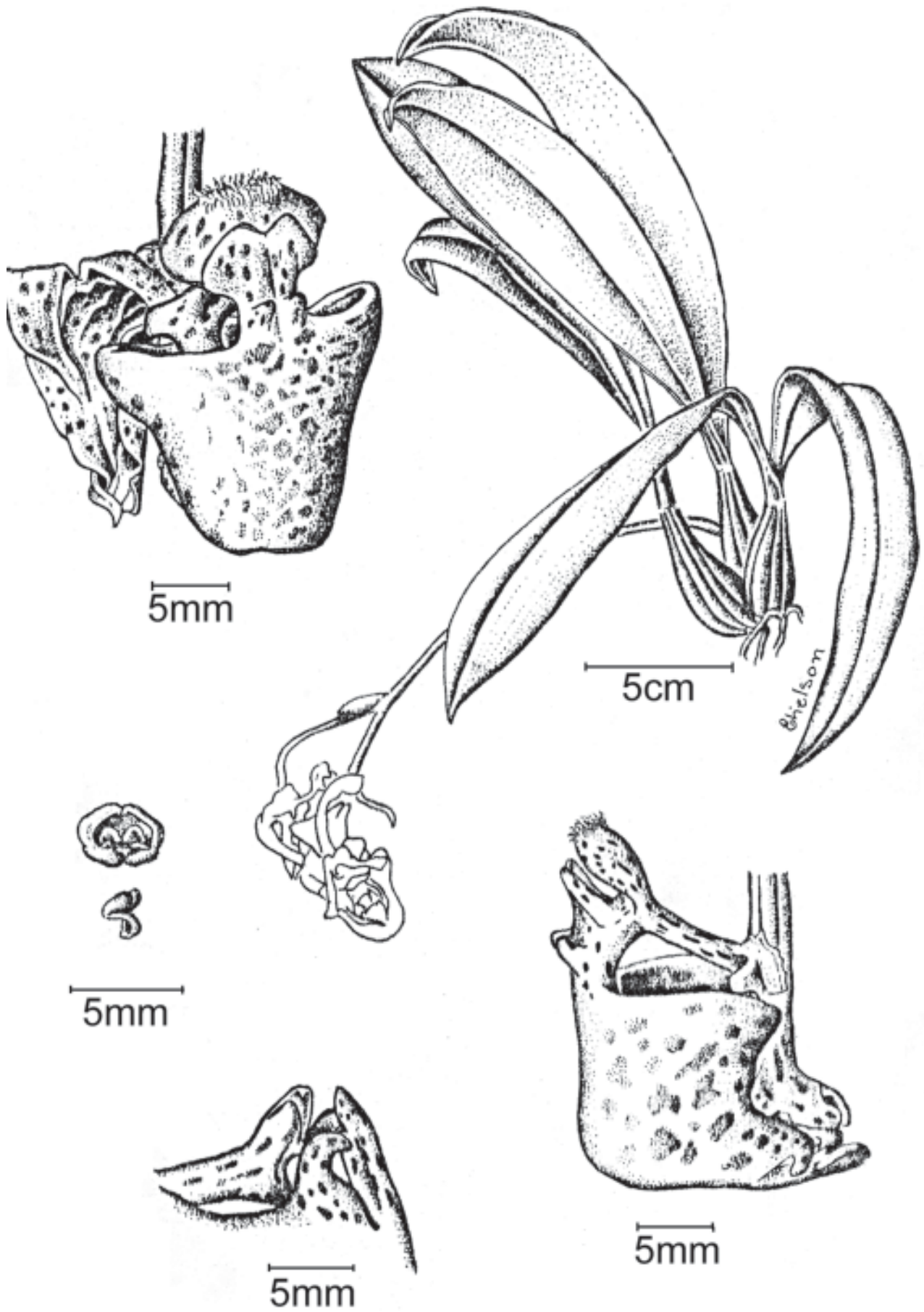


Ilustração: Eitelson Rocha

*Coryanthes elianae*  
(Floresta de terra firme, floresta  
ribeirinha, campina e igapó)



*Coryanthes elianae*



*Coryanthes rutkissii*

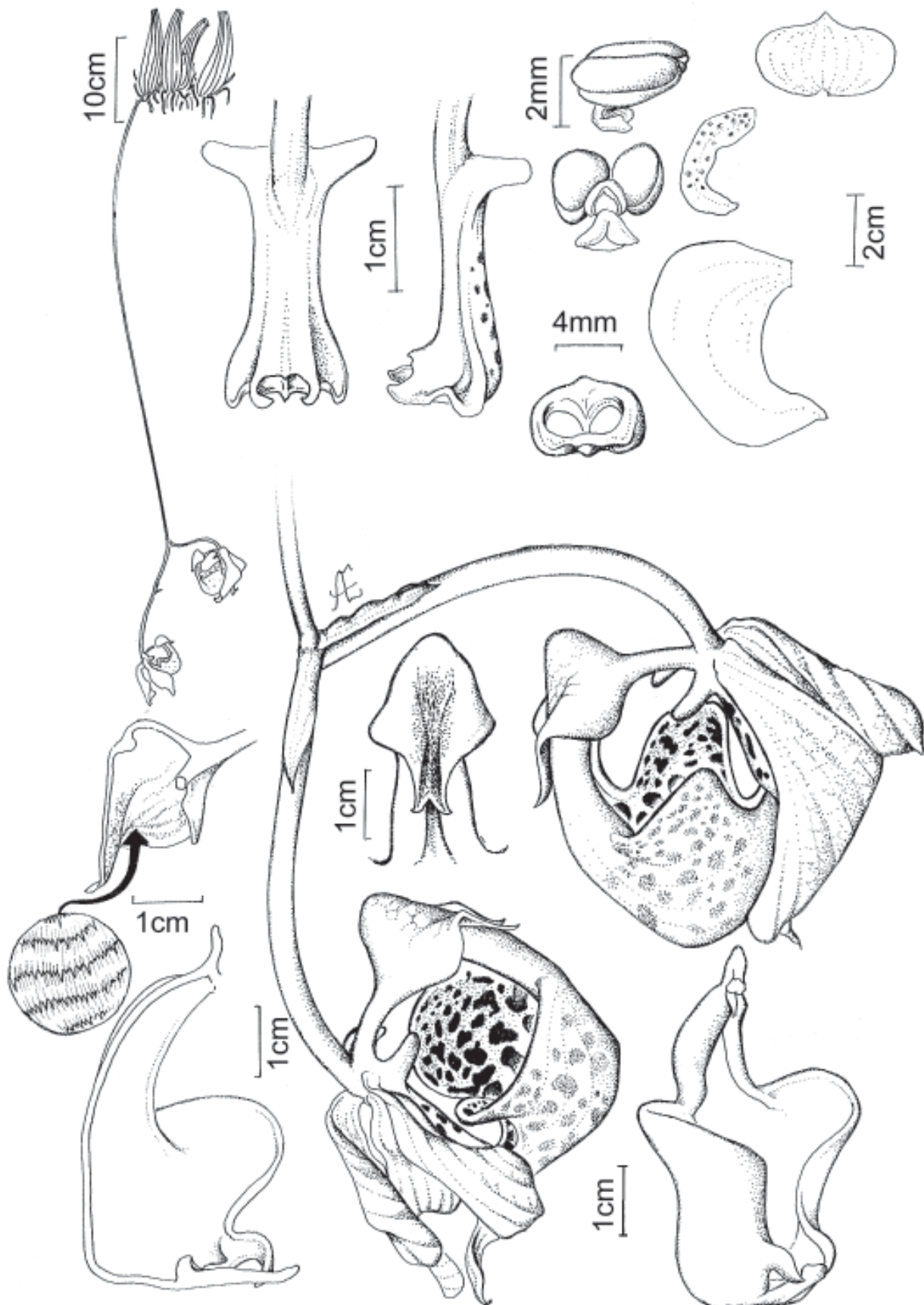




*Coryanthes pacaraimensis*  
(Floresta submontana (1000 m.n.m.))



*Coryanthes cavalcantei*



*Coryanthes cavalcantei*  
(Floresta de várzea)



*Coryanthes speciosa*  
(Floresta de terra firme e floresta ribeirinha)



Foto: André Cardoso

*Coryanthes vieirae*  
(Floresta submontana, floresta úmida)



Foto: Sérgio Queiroz

Foto: G. Gerlach

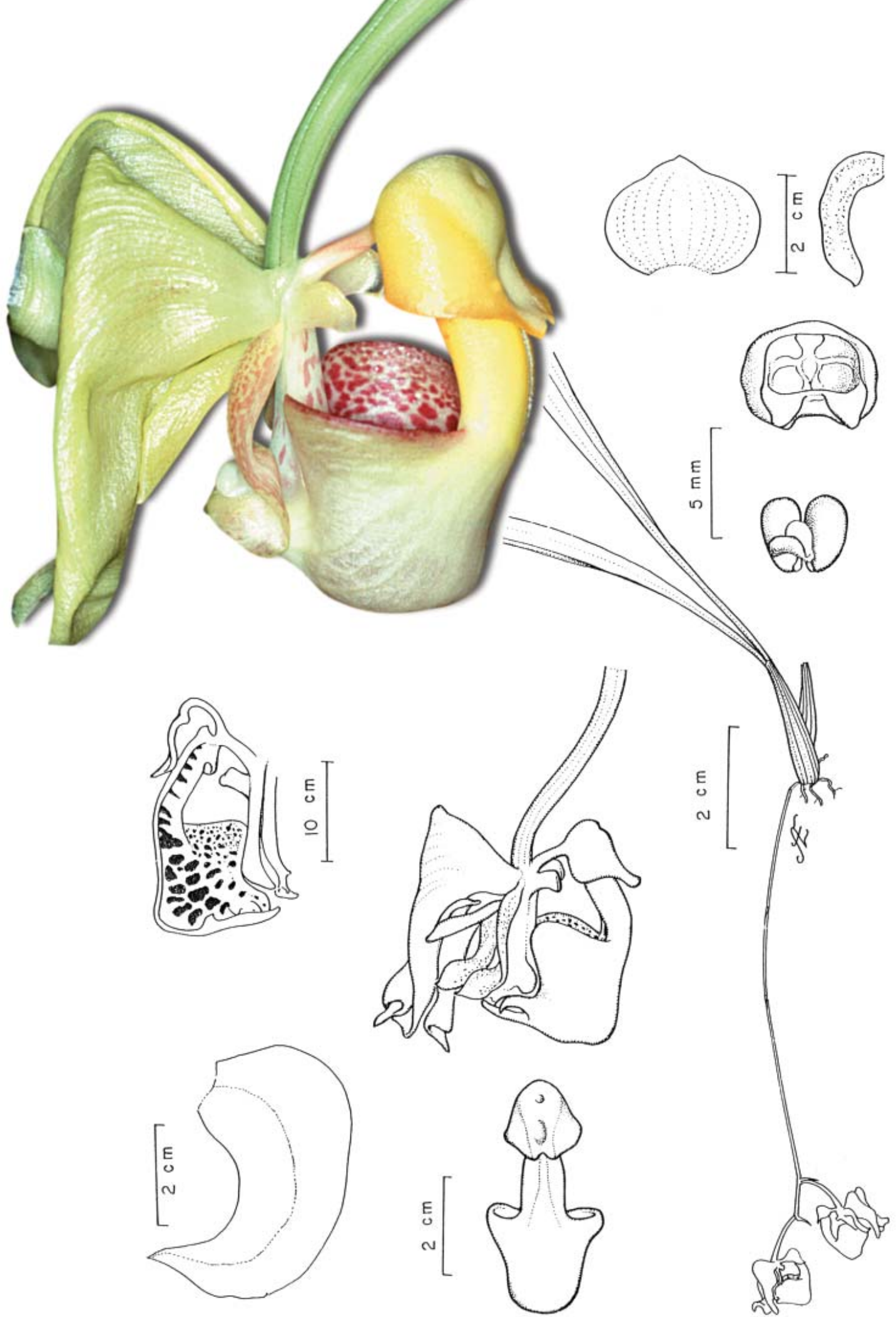


*Coryanthes wenzeliana*

Foto: G. Gerlach



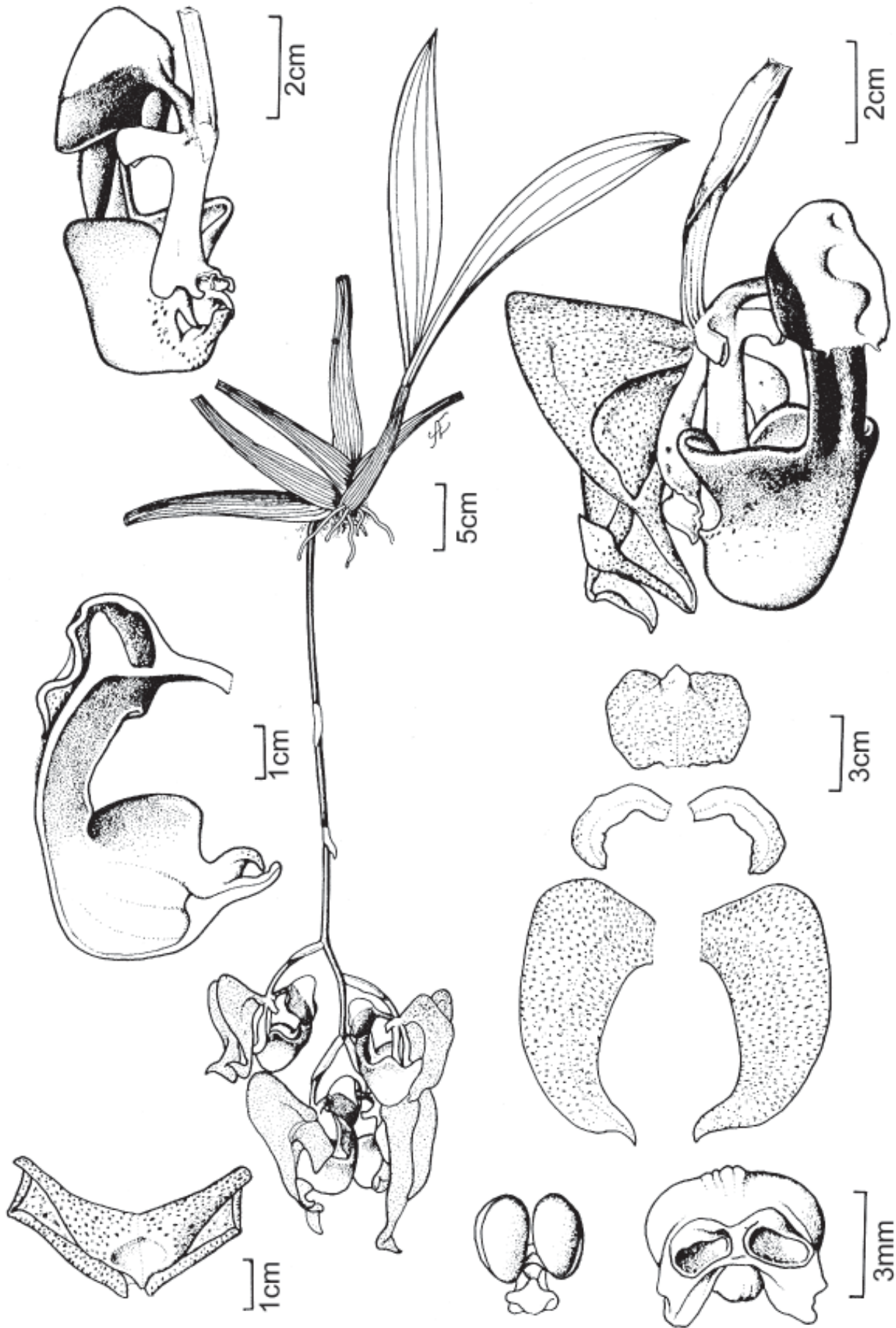
*Coryanthes mistax*



*Coryanthes minima*  
(Floresta de igapó)



*Coyanthes miuaensis*



*Coryanthes miuaensis*  
(Floresta de igapó)



*Coryanthes mastersiana*  
(Floresta de igapó)



*Coryanthes cataniapoensis*  
(Floresta de igapó)

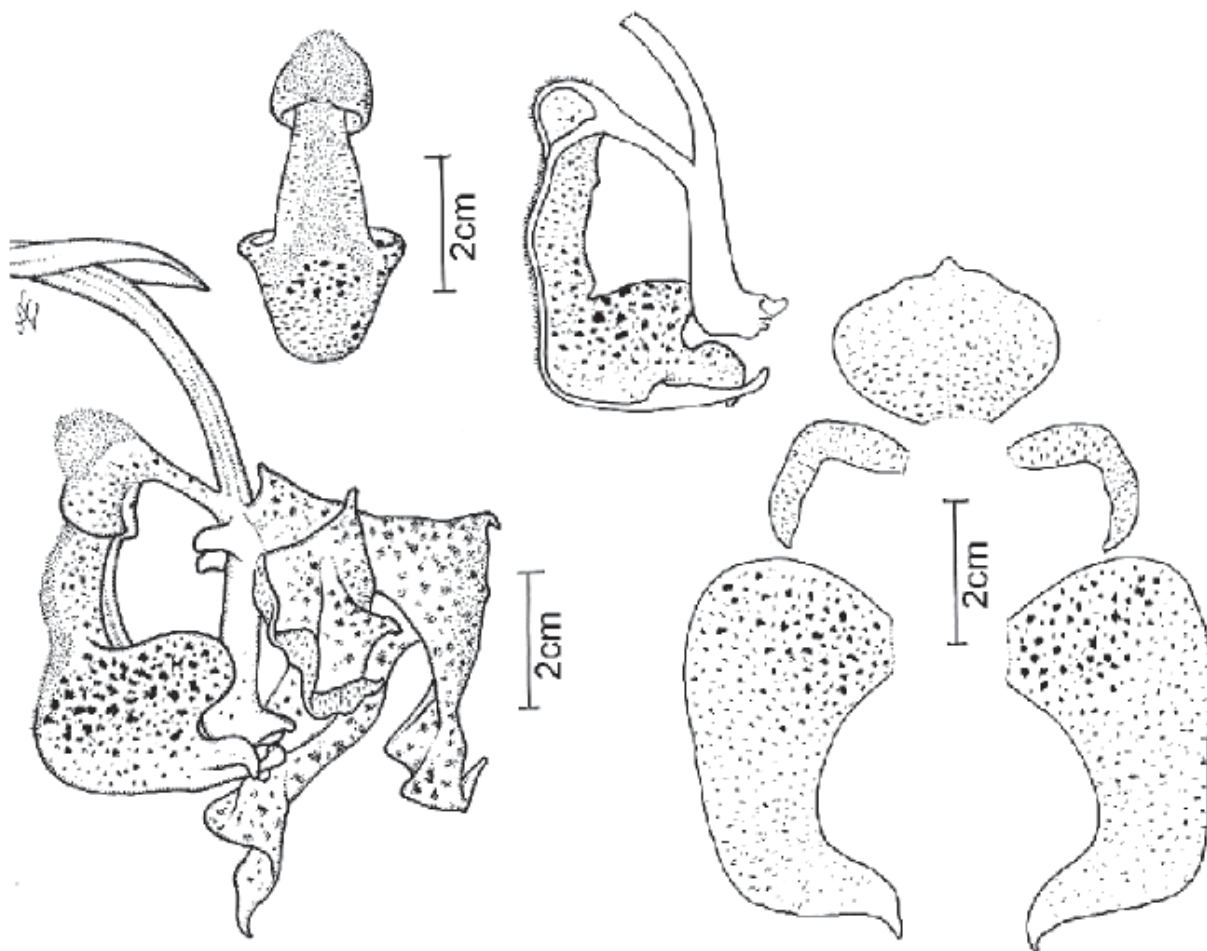


*Coryanthes mastersiana*  
(Floresta de igapó)



*Coryanthes feildingii*  
(Floresta de terra firme)





*Coryanthes tenoriana*  
(Floresta de igapó)

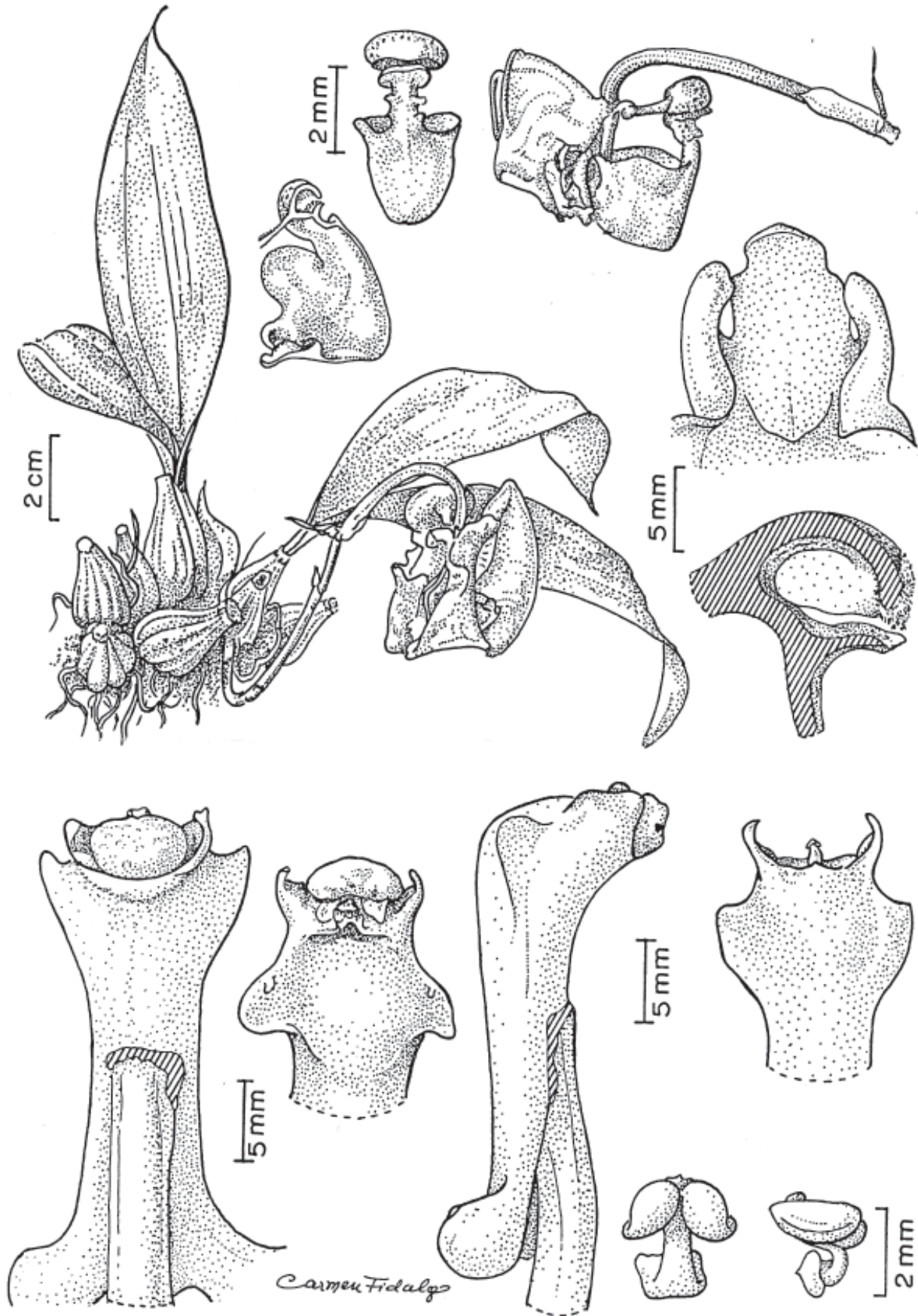


Foto: Osakada Yasunao

*Coryanthes macrantha*



*Coryanthes macrantha*  
(Campina, floresta de terra firme e igapó)



*Coryanthes dasilvae*  
(Floresta de terra firme)



*Coryanthes dasilvae*

# Cryptarrhena

**Gênero:** *Cryptarrhena* Lindl.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Maxillarieae  
**Subtribo:** Cryptarrheninae

O nome deriva do grego “*Cryptos*” = secreto, obscuro, misterioso; “*arrhen*” = estame, em alusão ao ápice da coluna que esconde a antera.

O gênero foi descrito por John Lindley, em 1816, em *Botanical Register* t. 153 e a chave de espécies foi feita por Dressler em 1980, na revista *Orquidea* 7(4): 288, México, validando quatro espécies.



*Cryptarrhena acrensis*  
(Floresta úmida)



São plantas epífitas, pequenas, sem pseudobulbos, de crescimento pendente. *C. lunata* e *C. acrensis* são encontradas na Amazônia brasileira, em floresta densa úmida, nos troncos e galhos de árvores cobertos por musgos. A inflorescência pendente tem pequenas flores de cor esverdeada, às vezes com labelo amarelo.

*Cryptarrhena lunata*  
(Floresta de terra firme, floresta ribeirinha)

# Cycnoches

*Cycnoches loddigesii*  
(Floresta úmida de altitude)

**Gênero:** *Cycnoches* Lindl.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Cymbidieae  
**Subtribo:** Catasetinae

Foto: Jorge Macêdo

O nome deriva do grego “*Kiknos*” = cisne e “*anchen*” = pescoço, em alusão à coluna longa, fina e curva das flores masculinas, imitando o pescoço de um cisne.

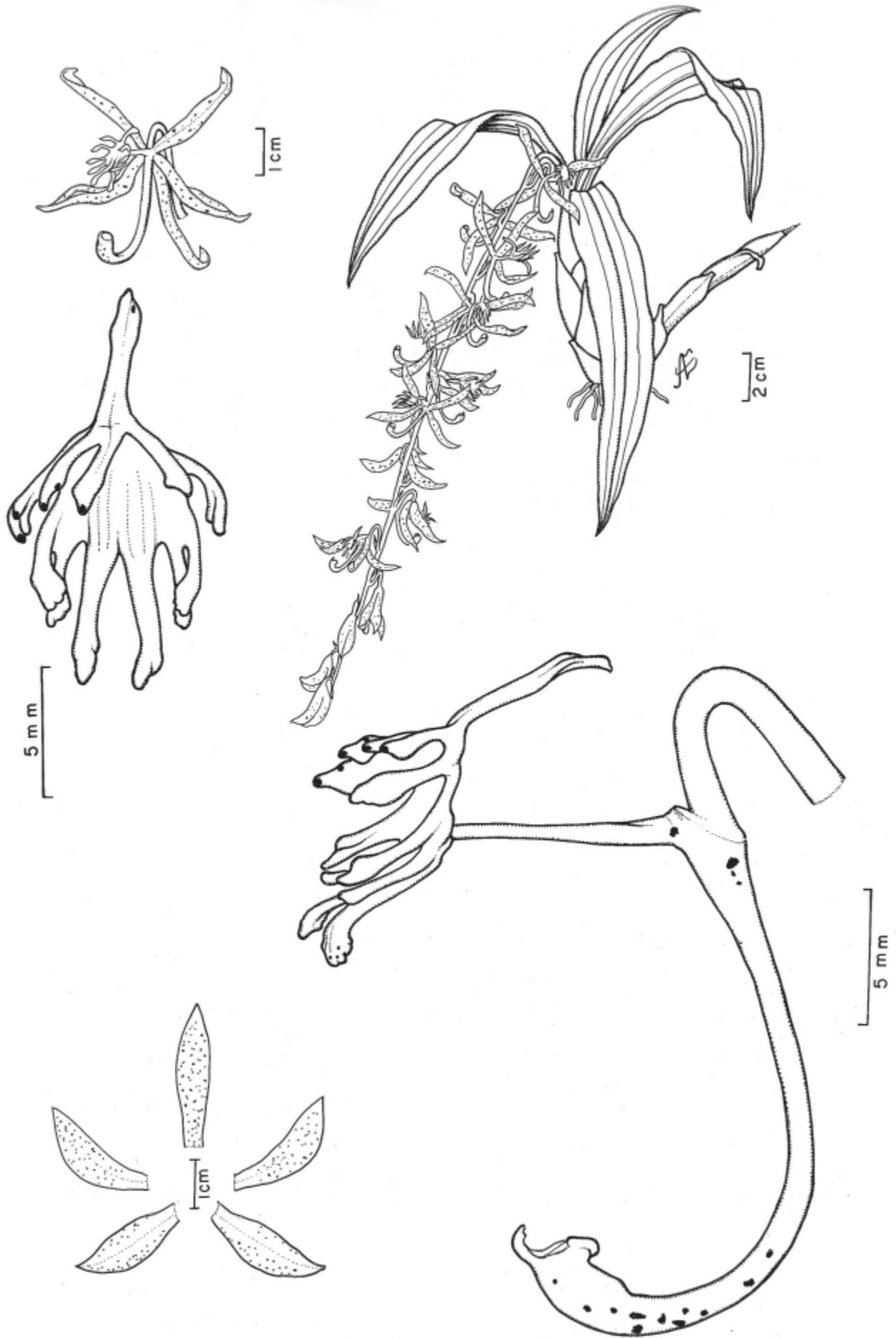
Foi descrito primeiro por John Lindley, em 1832, em *Genera and Species of Orchidaceous Plants* (t. 154). Em 1916, R. Schlechter revisou o gênero em *Orchis*. Este é um outro gênero em que o dimorfismo floral tem dificultado a classificação, especialmente quando se trata de material de herbário incompleto.

Já foram descritas mais de vinte espécies para o gênero, mas não se sabe ao certo quantas espécies são válidas atualmente. Sua distribuição se dá na América Tropical. Para a Amazônia registrou-se, até o momento, quatro espécies, sendo que *Cycnoches manoelae* foi descrita há pouco tempo por V. P. Castro e Campacci, coletada em 1984 na serra de Carajás (PA). As plantas ali encontradas estavam sobre toras de madeira envelhecidas, que com o tempo foram cobertas por ramagens, as plantas desapareceram. Poucos exemplares foram vistos desde então. Em 2000, foram encontradas algumas plantas sobre árvores caídas no meio da floresta em São Félix do Xingu (PA) e um ano depois, recoletaram-se mais plantas em troncos de árvores caídos e envelhecidos, num garimpo abandonado na mesma região, nos interflúvios dos rios Xingu e Iriri.



*Cycnoches manoelae* (flores femininas)  
(Floresta de terra firme e igapó)





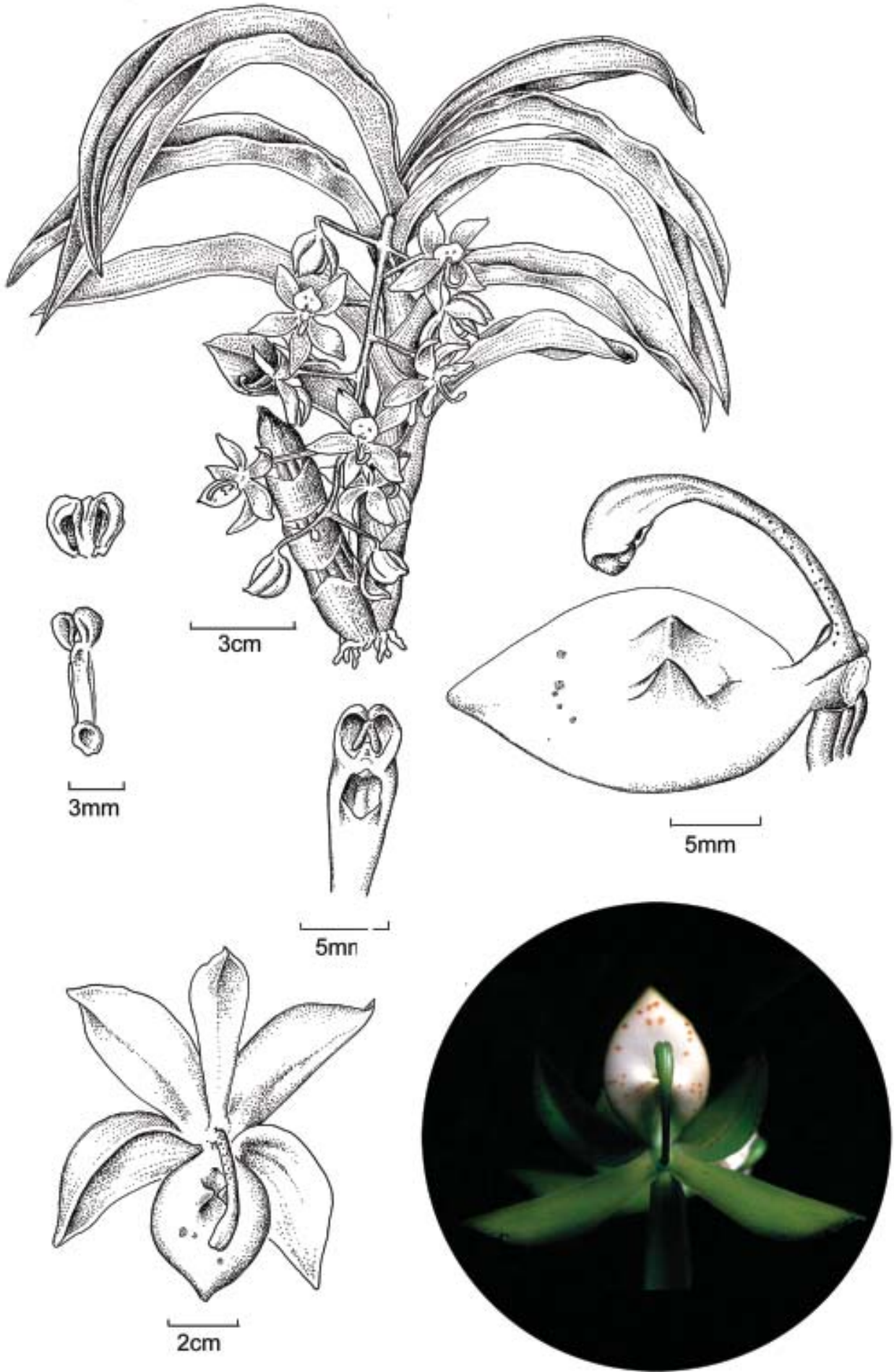
*Cycnoches manoelae* (flores femininas)  
(Floresta de terra firme e igapó)



*Cycnoches manoelae* (flores masculinas)  
(Floresta de terra firme e igapó)



*Cycnoches pentadactylom*  
(Floresta de terra firme e igapó)



*Cycnoches haagii*  
(Floresta ribeirinha, floresta aberta)

# Cyrtopodium

**Gênero:** *Cyrtopodium* R. Br.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Cymbidieae  
**Subtribo:** Cyrtopodiinae

O nome é derivado do grego “*yrtus*” = intumescência curvada e “*podion*” = pequeno pé, referindo-se à forma do pé da coluna encurvado para cima.

O gênero foi descrito pelo escocês Robert Brown, em 1813, na segunda edição de *Hortus Kewensis* (p. 216). A planta que serviu de base para a descrição do gênero de São Vicente nas Antilhas, tinha sido publicada anteriormente como *Cymbidium andersonii* Andrews.

Já foram publicadas mais de setenta espécies para o gênero *Cyrtopodium*, mas nem todas permanecem válidas. Distribui-se nas regiões tropicais e subtropicais das Américas, da Flórida e México ao sul da Argentina. Para a Amazônia brasileira, são citadas mais de dez espécies. Em *Orchidaceae brasiliensis*, Pabast e Dungs (1977) citam além das aqui apresentadas, as seguintes espécies: *C. album* Barb. Rodr., *C. falcilobum* Hoehne & Schltr., *C. poecilum* Reichb.f. & Warm.

A última publicação sobre *Cyrtopodium* é da autoria de L. C. Menezes. A autora acrescenta espécies e esclarece muitas dúvidas referentes a este gênero na Amazônia brasileira.



*Cyrtopodium poecilum*  
(Campo rupestre)



*Cyrtopodium caximboense*  
(Afloramento rochoso)



*Cyrtopodium parviflorum*  
(Terrestre de savana)



*Cyrtopodium cristatum*  
(Terrestre de savana)



*Cyrtopodium paludicum*  
(Terrestre de terrenos pantanosos)

Foto: Sérgio Queiroz



*Cyrtopodium virescens*  
(Terrestre de restinga, campina e savana)

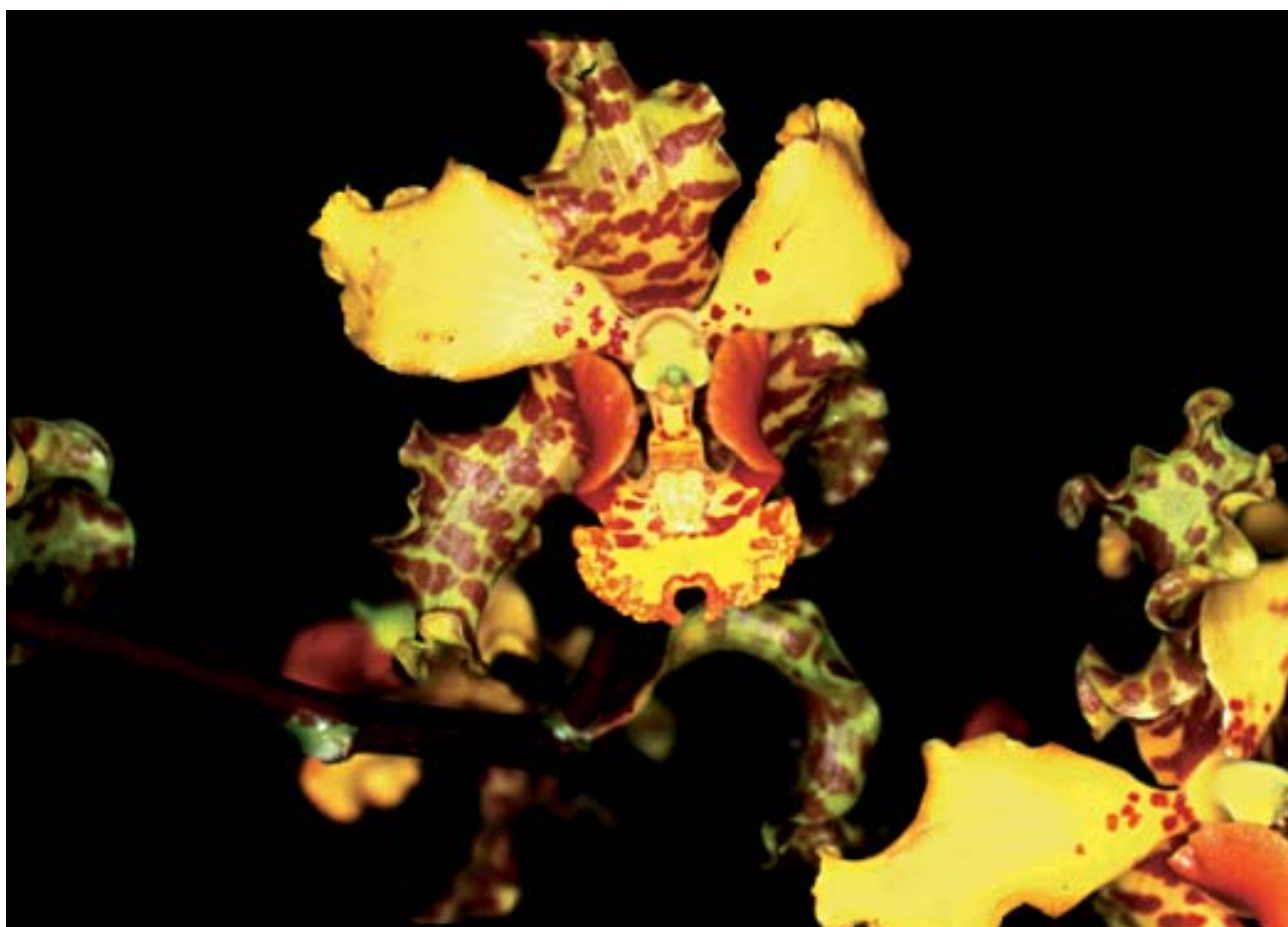


*Cyrtopodium andersonii*  
(Rupícola nos afloramentos rochosos)

Foto: Jorge Macêdo



*Cyrtopodium holstii*  
(Terrestre e rupícula de restinga e savana)



*Cyrtopodium saint-legerianum*  
(Floresta de terra firme e cerrado - epífita)



*Cyrtopodium sameyanum*  
(Terrestre em mata arbustiva)

Foto: L. C. Menezes



# *Diadenium*



**Gênero:** *Diadenium* Poepp. & Endl.

**Subfamília:** Epidendroideae

**Tribo:** Maxillarieae

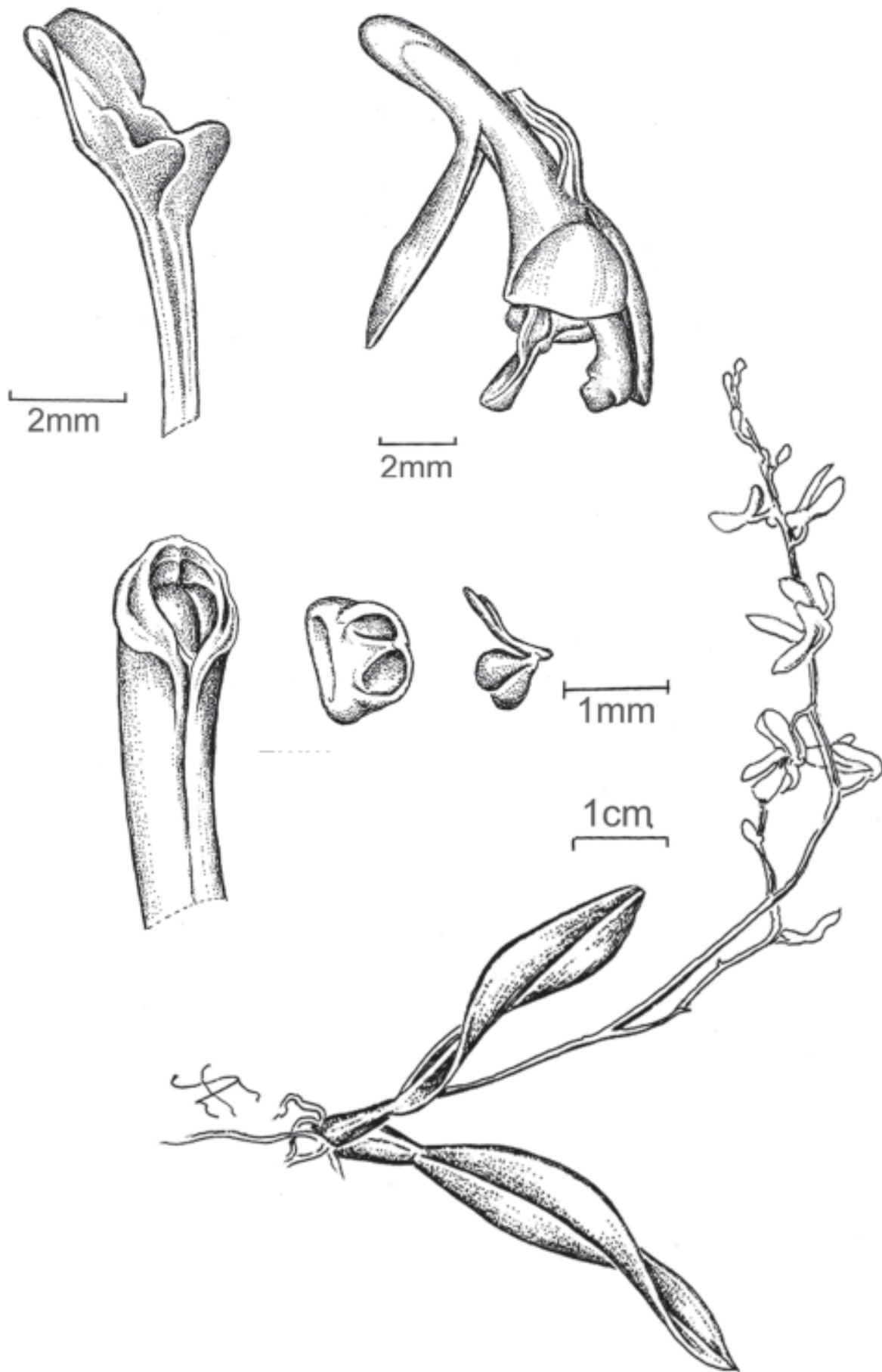
**Subtribo:** Oncidiinae

O nome do gênero vem do grego: “*Di*” = dois; “*aden*” = glândula, devido às duas políneas em massas cerosas localizadas no fim do caudículo lanceolado.

Possui quatro espécies distribuídas da América Central ao norte da América do Sul, ocorrendo uma só espécie no Brasil. São pequenas plantas epífitas que podem ser confundidas com *Campylocentrum* e *Epidendrum*.

A inflorescência em forma de panícula agrega muitas flores pequenas de colorido vivo.

*Diadenium barkeri*



*Diadenium barkeri*  
(Floresta de várzea e floresta de igapó)

# Dichaea

Foto: Sérgio Queiroz



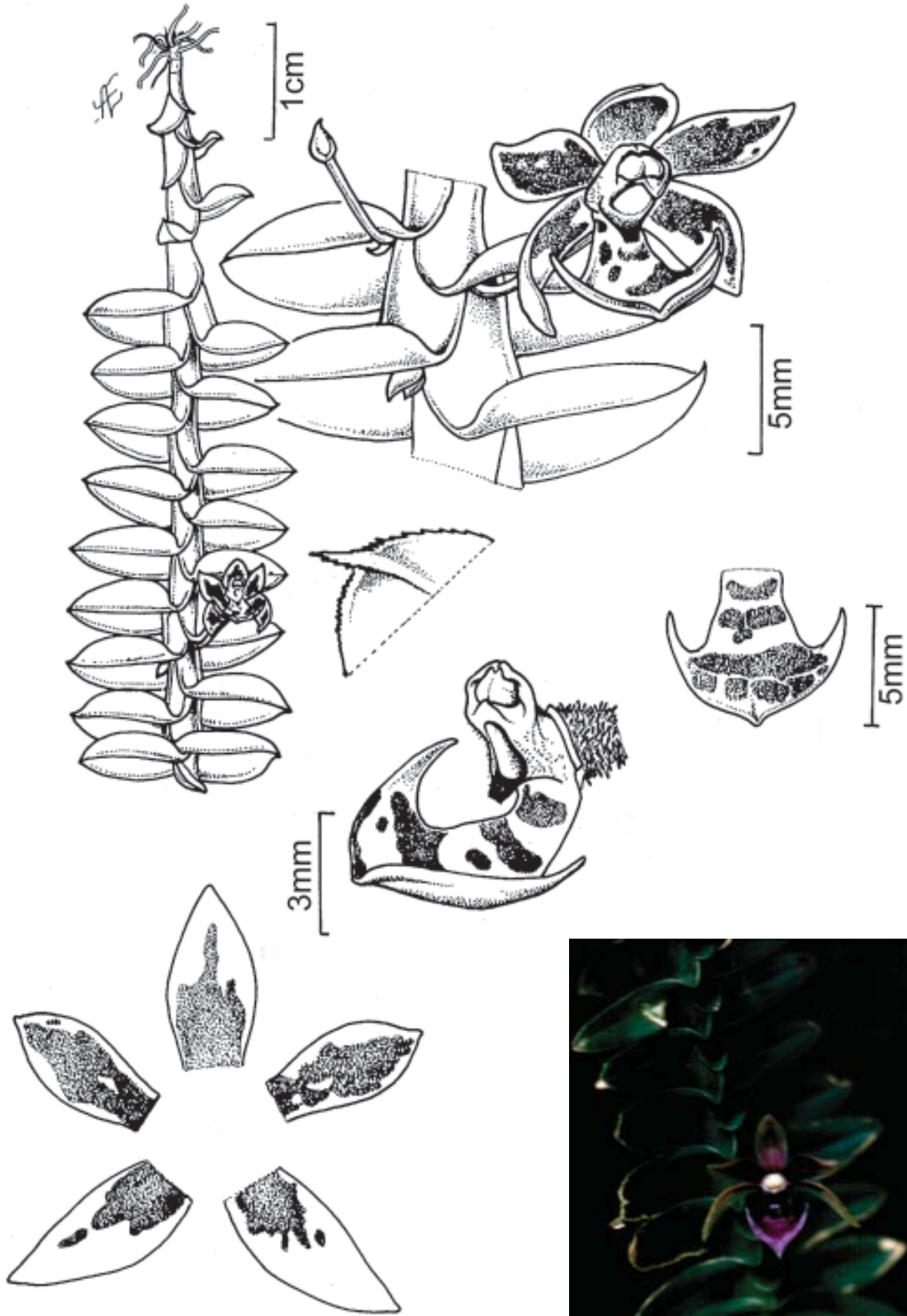
*Dichaea trulla*  
(Floresta de terra firme, igapó, campina)

**Gênero:** *Dichaea* Lindl.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Maxillarieae  
**Subtribo:** Zigopetalinae

O gênero foi descrito originalmente por John Lindley. Tempos depois, outros taxonomistas colocaram essas plantas em outros gêneros, como: *Epidendrum*, *Cymbidium*, *Limodorum*, *Fernandezia* e *Isochilus*. Posteriormente, o gênero foi restabelecido.

É composto de mais de cem espécies distribuídas na América Tropical, com grande diversidade nas florestas da parte baixa e média das montanhas. A Costa Rica e a Colômbia são os seus centros de diversidade.

Novas ocorrências foram registradas para a Amazônia brasileira nos últimos anos com as coletas na fronteira com a Venezuela e Guiana, como *D. hystricina*, *D. kegelli* e outras de clima superúmido nas encostas montanhosas.



*Dichaea kegelii*  
(Floresta superúmida de altitude)



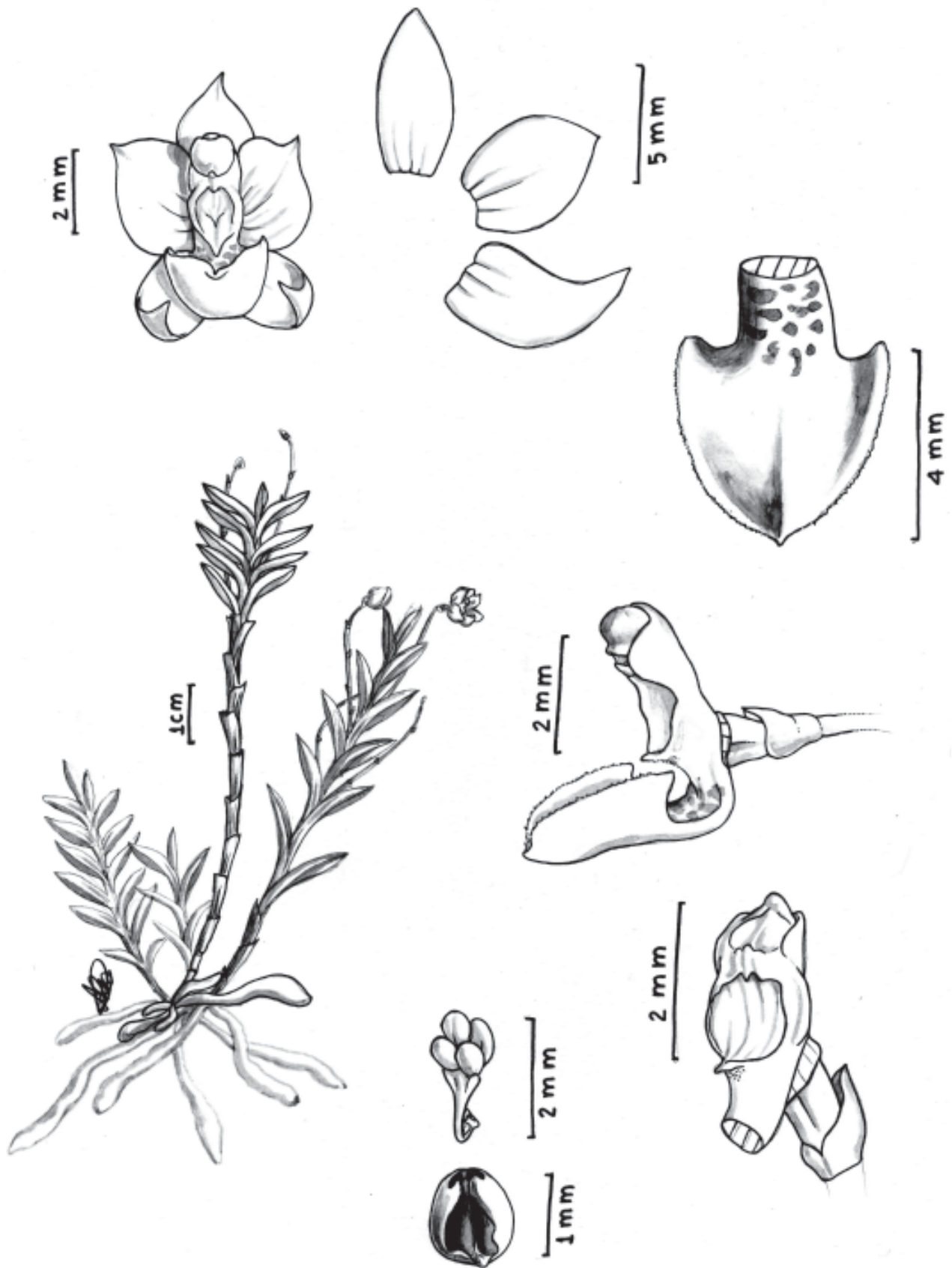
*Dichaea rendlei*  
(Floresta de igapó)



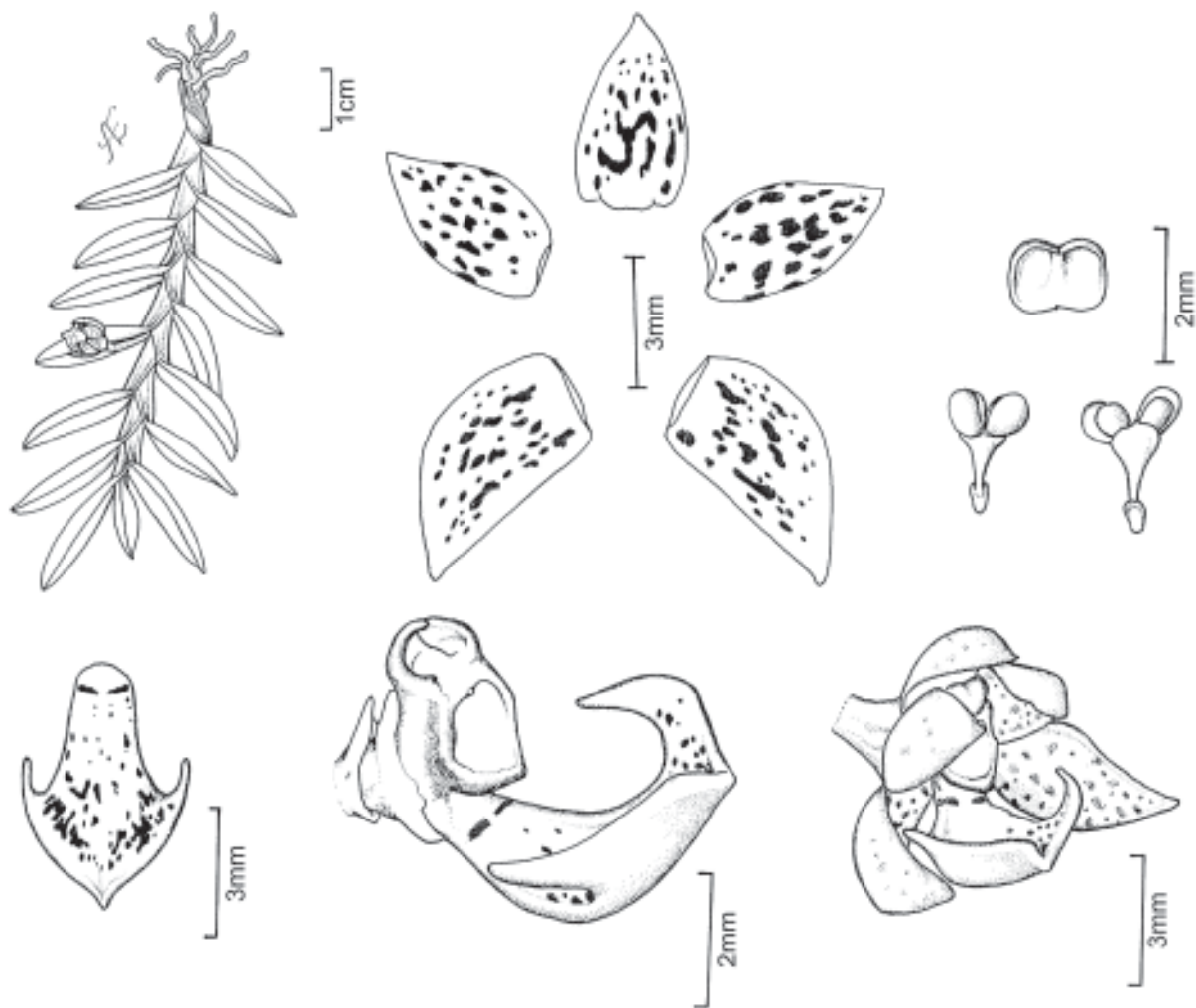
*Dichaea hookeri*  
(Floresta de terra firme, floresta  
de igapó e floresta ribeirinha)

*Dichaea brachypoda*  
(Floresta de terra firme, floresta  
de igapó e floresta ribeirinha)





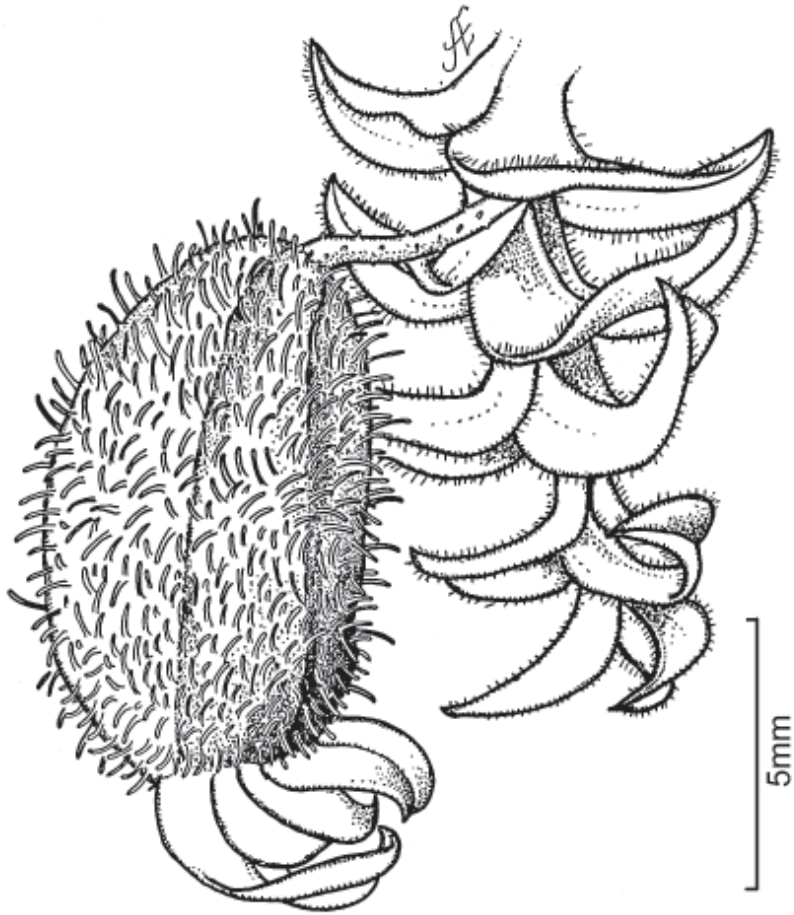
*Dichaea brachypoda*



*Dichaea picta*  
(Floresta úmida e igapó)







*Dichaea hystricina*  
(Floresta submontana superúmida)



*Dichaea muricata*  
(Floresta submontana)



*Dichaea panamensis*  
(Floresta de terra firme e igapó)

*Dichaea morrisii*  
(Floresta submontana superúmida)



# *Dimerandra*

**Gênero:** *Dimerandra* Schl.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Epidendreae  
**Subtribo:** Laelinae

O nome deriva do grego “*di*” = dois, “*meros*” = parte e “*andra*” = estames, em alusão a dois grandes lobos do *clinandrium*.

O gênero foi separado de *Epidendrum*, estabelecido por Rudolf Schlechter, em 1922, em *Fedde, Repertorium Specierum Novarum, Beihefte* (p. 43). Foi revisado, em 1978, por Dressler, na revista *Orquidea* do México (p. 99), que considerou o gênero como monotípico e, em 1986, por E. S. Siegerist, no *Botanical Museum Leaflets of Harvard University* (p.199), que reconheceu oito espécies, o número provável de espécies de *Dimerandra* distribuídas nas regiões tropicais baixas das Américas do Sul e Central e das Índias Ocidentais.

Na Amazônia brasileira, é conhecida somente *D. emarginata*, comum na foz do Amazonas, ficando mais rara para o interior. Uma variedade alba foi coletada recentemente em Castanhal (PA).



*Dimerandra emarginata*

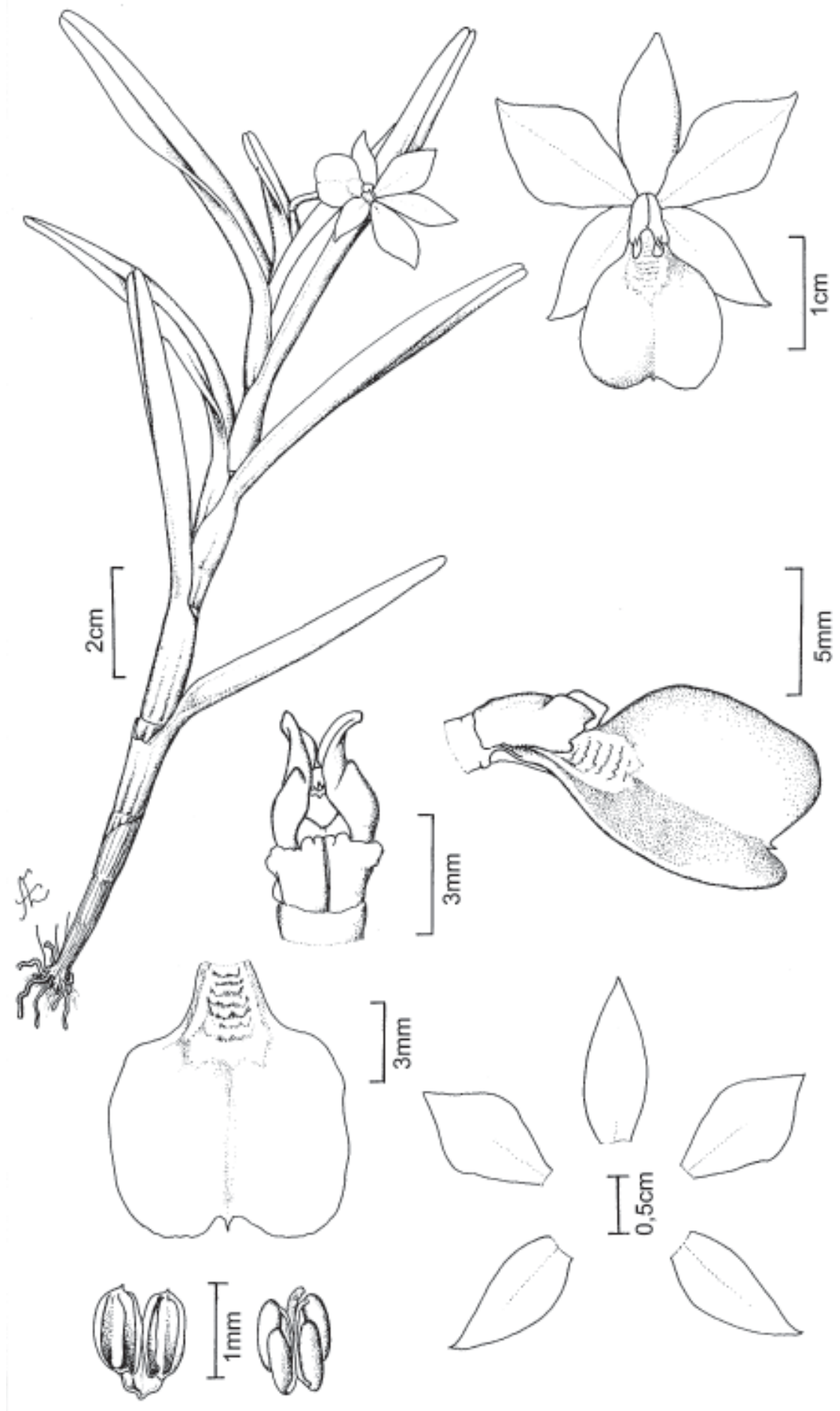


*Dimerandra emarginata*

Foto: Sérgio Queiroz



*Dimerandra emarginata*



*Dimerandra emarginata*  
(Floresta de terra firme, floresta ribeirinha, igapó)

# Dryadella

**Gênero:** *Dryadella* Luer  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Epidendreae  
**Subtribo:** Pleurothallidinae

O gênero foi estabelecido por C. Luer, em 1978, na revista *Selbyana* 2(2-3). Antes, pertencia a *Masdevallia*. Possui cerca de 35 espécies distribuídas na América Tropical, do Panamá a América do Sul. No Brasil, a maioria das espécies são da mata atlântica e apenas uma espécie, *Dryadella osmariniana* (Braga) Garay & Dunsterv., ocorre na Amazônia brasileira em igarapés de florestas ribeirinhas, com muita umidade.

Foto: acervo do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (INPA)

*Dryadella osmariniana*  
(Floresta ribeirinha)





# Duckeella

**Gênero:** *Duckeella* Porto & Brade

**Subfamília:** Epidendroideae

**Tribo:** Vanilleae

**Subtribo:** Pagoniinae

O gênero foi estabelecido por Porto e Brade em 1940. Tanto o nome do gênero quanto da espécie TIPO do gênero, *Duckeella adolphii*, foram dados em homenagem ao grande botânico e coletor, o alemão Adolpho Ducke, que se dedicou ao estudo da flora amazônica na primeira metade do século XX.

O gênero possui apenas três espécies são plantas terrestres, e como as orquídeas do gênero *Epistephium*, não têm nenhuma semelhança com *Orchidaceae*. Crescem sobre afloramentos rochosos, savanas e campinas e são difíceis de encontrar, pois desaparecem após a floração, reaparecendo nas primeiras chuvas. Duas espécies ocorrem na Amazônia brasileira há pouco tempo, era conhecida na região apenas a espécie *D. adolphii* Porto & Brade. Recentemente, registrou-se *Duckeella alticola* C. Schweinf em Roraima e no Amazonas (Brasil).



*Duckeella alticola*  
(Rupestre)

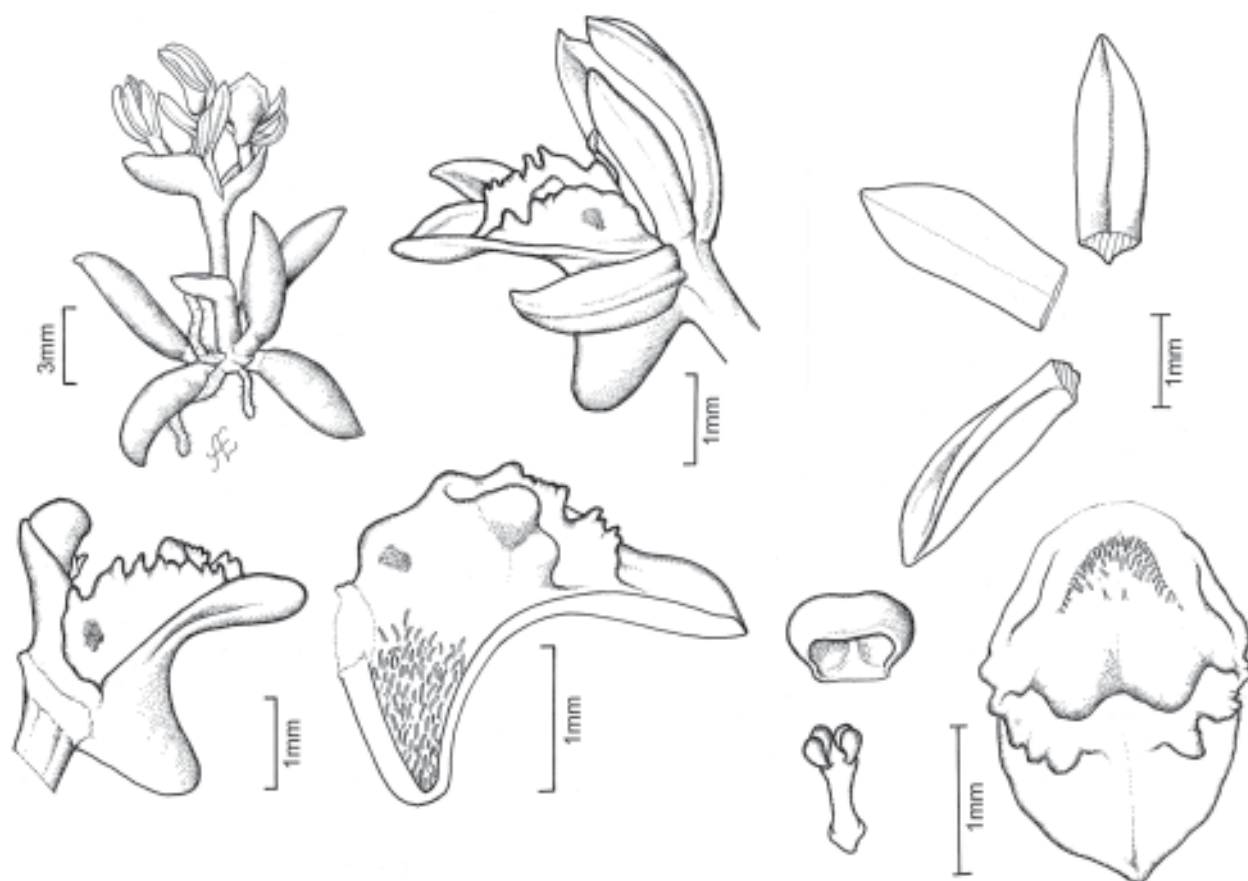
# Dunstervillea

**Gênero:** *Dunstervillea* Garay  
**Subfamília:** Cymbidioideae  
**Tribo:** Maxillarieae  
**Subtribo:** Ornithocephalinae

O gênero foi descrito por Garay em *Venezuela Orchids Illustrated*, em 1972. O nome do gênero foi dado em homenagem ao botânico inglês e entusiasta da flora orquídea da Venezuela, G. C. K. Dunsterville.



É um gênero monoespecífico; *Dunstervillea mirabilis* Garay era conhecida, até pouco tempo, somente para o território venezuelano. Recentemente, foi registrada para a flora brasileira, coletada na serra do Surucucu, no estado de Roraima. São plantas epífitas, com folhas e flores muito pequenas, crescendo em galhos finos de pequenas árvores, na savana no platô da serra do Surucucu, onde foi registrada pela primeira vez em território brasileiro.



*Dunstervillea mirabilis*  
 (Floresta aberta de altitude)

# Elleanthus



**Gênero:** *Elleanthus* Presl.

**Subfamília:** Epidendroideae

**Tribo:** epidendreae

**Subtribo:** Sobraliinae

O nome foi dado em homenagem ao ancestral grego “Helle” ou “Helena”, filha de Athamar e Nephrele, isso devido a algum carácter mitológico.

O gênero foi descrito em 1827 por K. B. Presl em *Reliquiae Haenkeanae* (p. 97). Possui mais de cem espécies distribuídas nas regiões tropicais das Américas, do México ao Brasil, e nas Índias Ocidentais, principalmente nos Andes. Vegetativamente, as plantas lembram *Sobralia*, as flores porém são pequenas e a inflorescência em capítulos. Plantas terrestres ou epífitas, caule ereto com entrenós tipo cana; folha com nervuras aparentes, inflorescência terminal, na maioria das vezes em capítulos, com brácteas clausuradas, mas pode ser racemosa, flores pequenas de colorido forte. Para a Amazônia, são conhecidas cinco espécies, outras aparecerão com coletas intensificadas nas regiões montanhosas, principalmente no estado de Roraima.

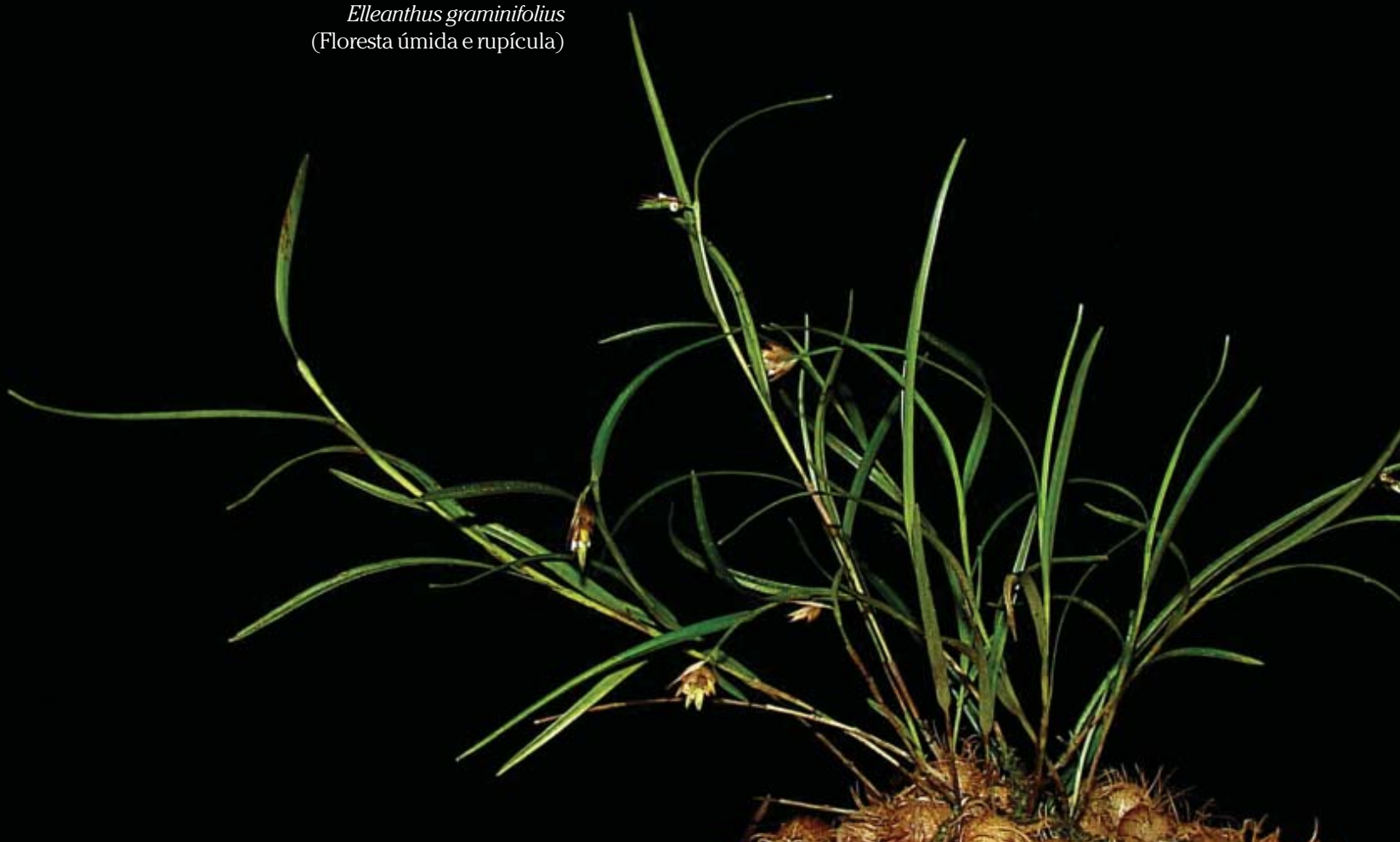
*Elleanthus wagneri*

(Floresta submontana de clima superúmido)



*Elleanthus graminifolius*  
(Detalhe da flor)

*Elleanthus graminifolius*  
(Floresta úmida e rupícula)



*Elleanthus sphaerocephalus*  
(Campina de areia branca)



*Elleanthus* sp.  
(Floresta úmida)

# Encyclia

**Gênero:** *Encyclia* Hook.

**Subfamília:** Epidendroideae

**Tribo:** Epidendreae

**Subtribo:** Laelinae

O nome deriva do grego “*enkyklein*” = em círculo, em alusão ao lóbulo lateral do labelo em volta da coluna.

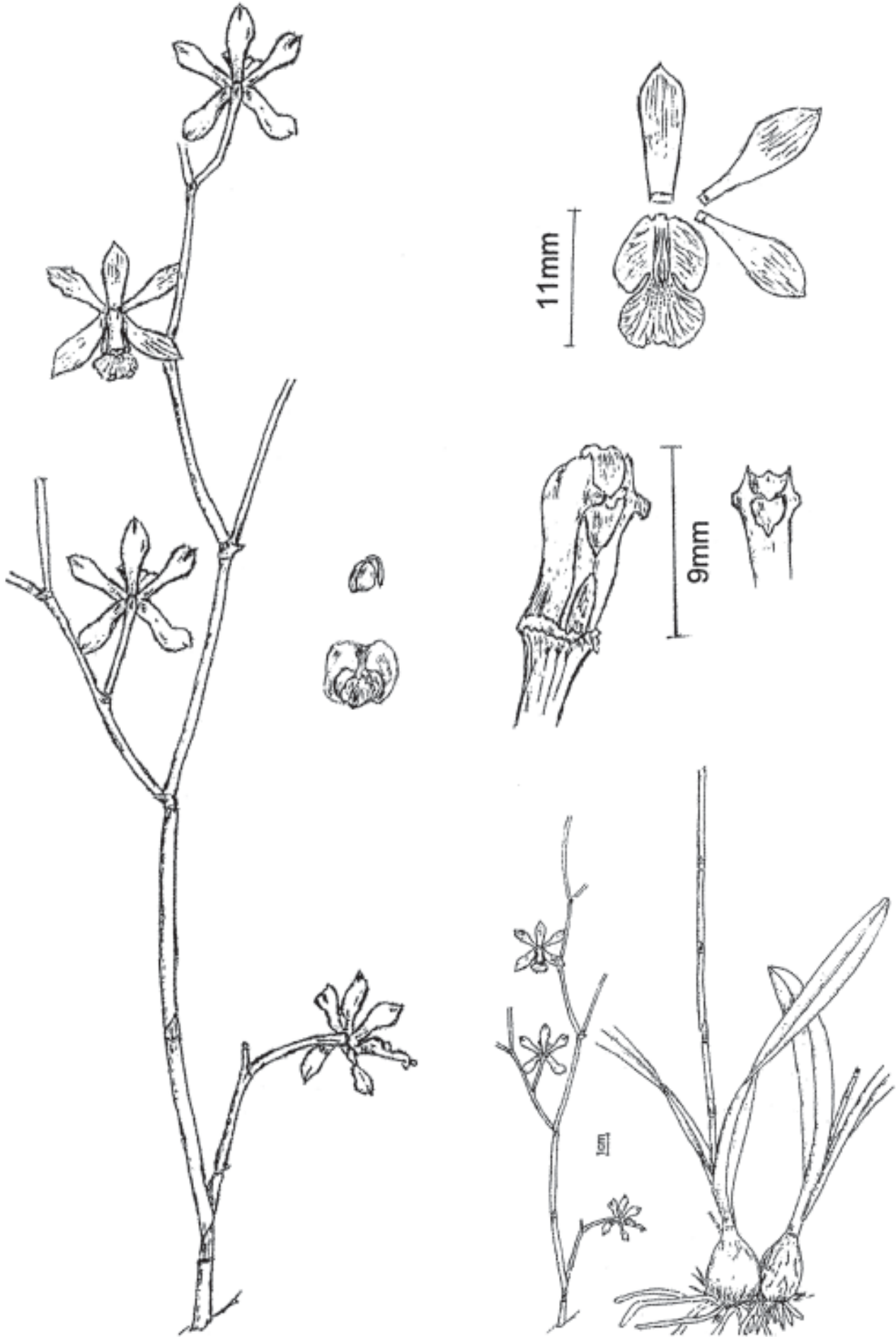
O gênero foi estabelecido por W. Hooker, em 1828, baseado numa planta coletada por Harrison no Brasil, nas proximidades do Rio de Janeiro, a qual deu o nome de *Encyclia viridiflora*. Em 1961 quando Robert L. Dressler reestabeleceu o gênero *Encyclia* em *Brittonia*. Possui mais de 150 espécies distribuídas predominantemente no México e Índias Ocidentais, mas com muitas espécies nas regiões tropicais da América do Sul, em ambientes diversos e hábitos. Podem ser epífitas, rupícolas e terrestres.

Na Amazônia brasileira, as espécies aqui mostradas, estão distribuídas em todos os estados da região, algumas com distribuição bem ampla, outras em regiões específicas.

Foto: Sérgio Queiroz



*Encyclia paraensis*  
(Terra firme, campina e igapó)



*Encyclia gonzalezii*  
Ícones Orchidacearum I

Foto: Sérgio Queiroz



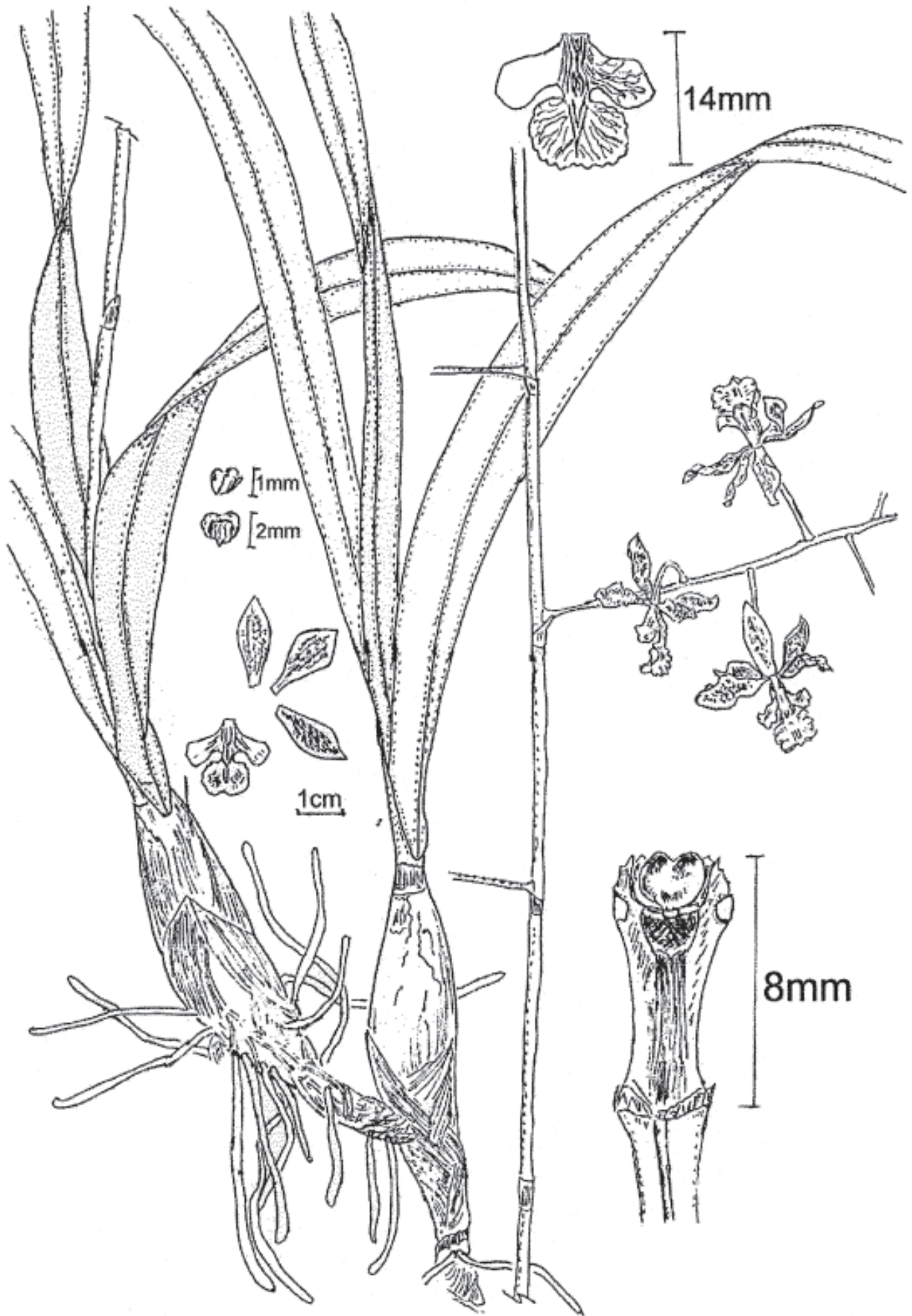
*Encyclia gonzalezii*  
(Floresta de galeria em cerrado)

Foto: Sérgio Queiroz



*Encyclia granitica*  
(Campina, floresta ribeirinha)



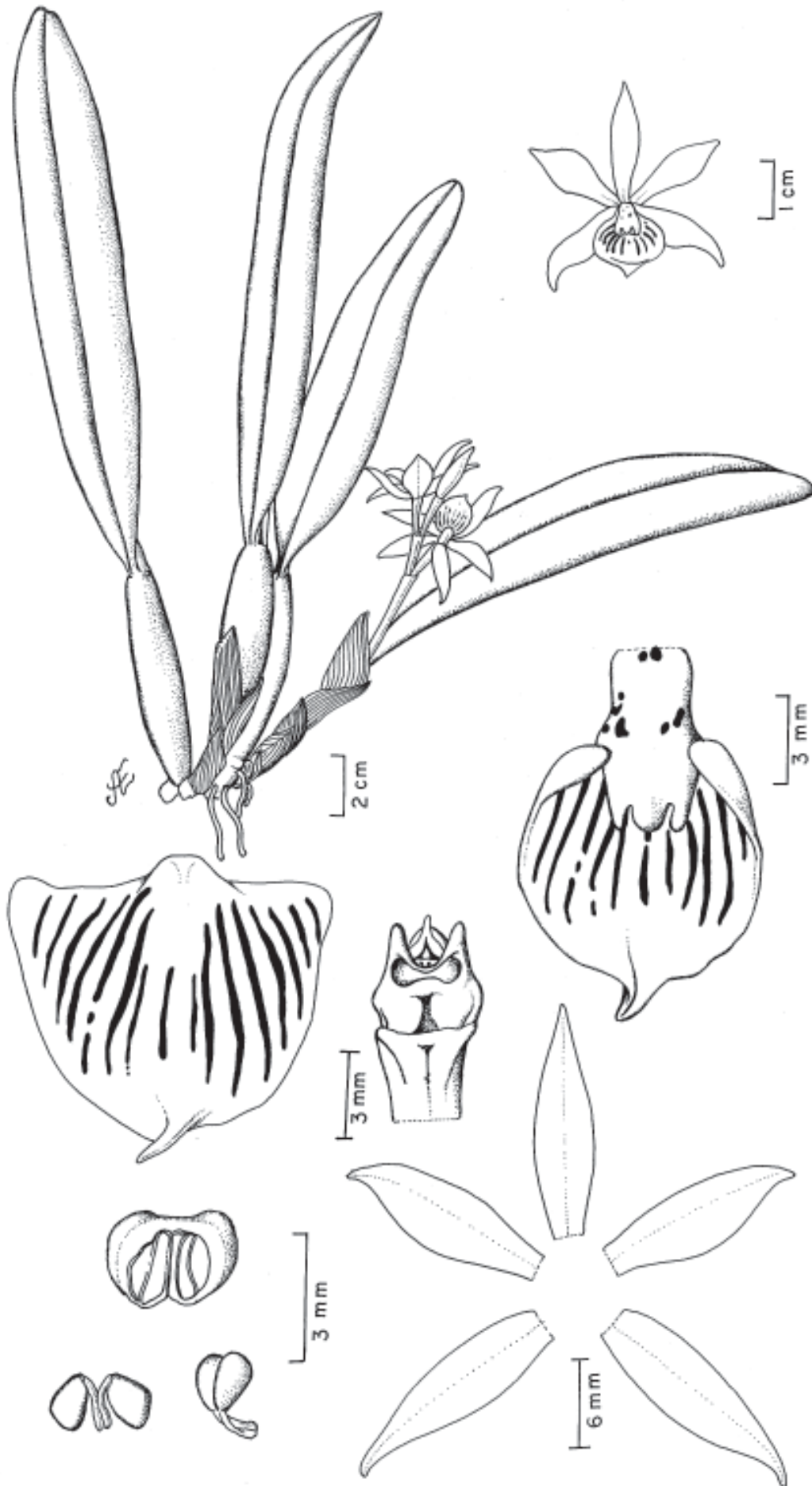


*Encyclia granitica*  
Ícones Orchidacearum I

Foto: Jorge Macedo

*Encyclia fragrans* = *Prosthechea fragrans*  
(Floresta de galeria, floresta de terra firme, igapó, campina,  
floresta ribeirinha, campo rupestre, cerrado e caatinga arenosa)

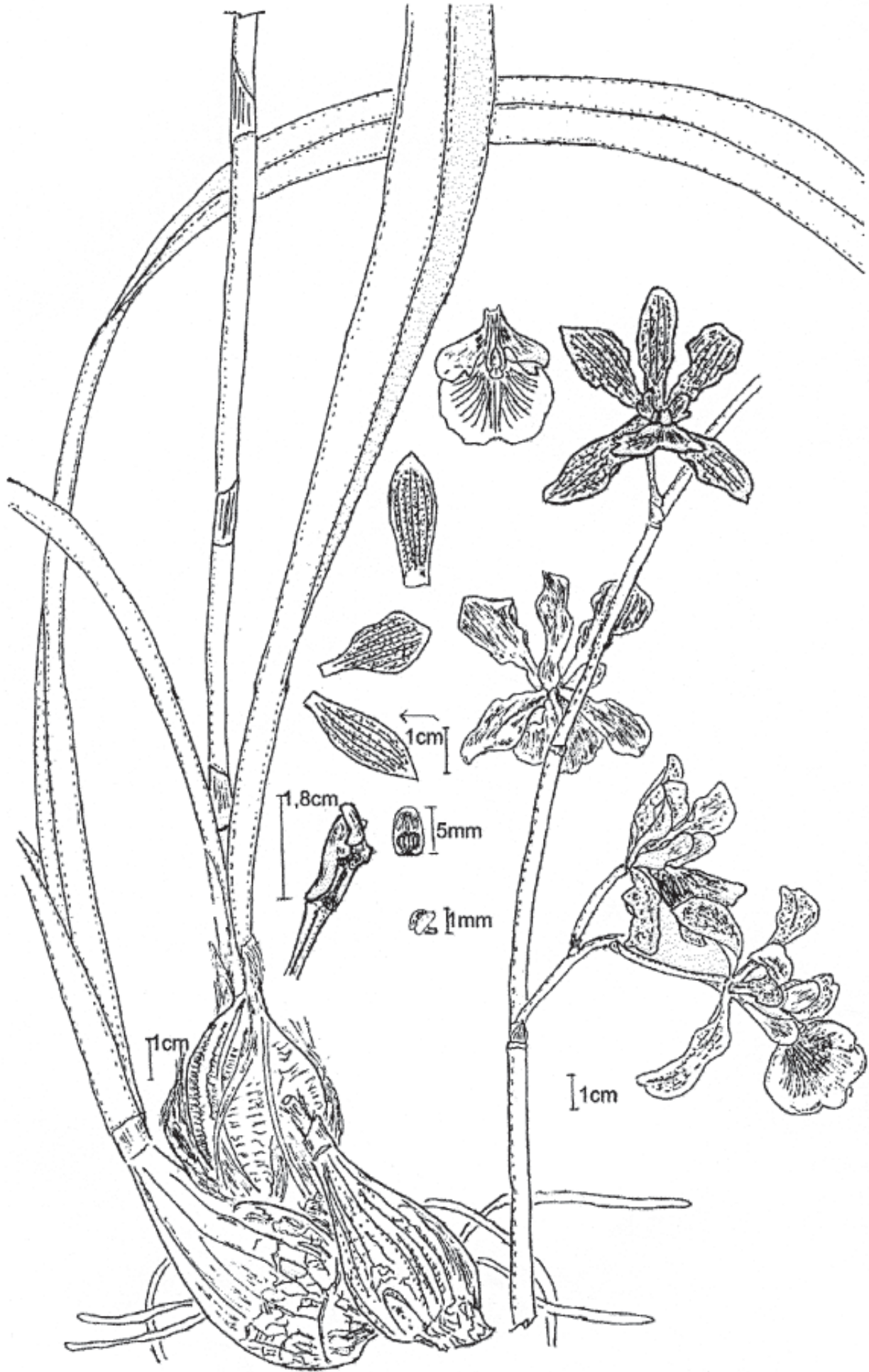




*Encyclia fragrans* = *Prosthechea fragrans*

*Encyclia guianensis*  
(Árvores baixas de savana de altitude)





*Encyclia randii*  
Ícones Orchidacearum I

Foto: Sérgio Queiroz

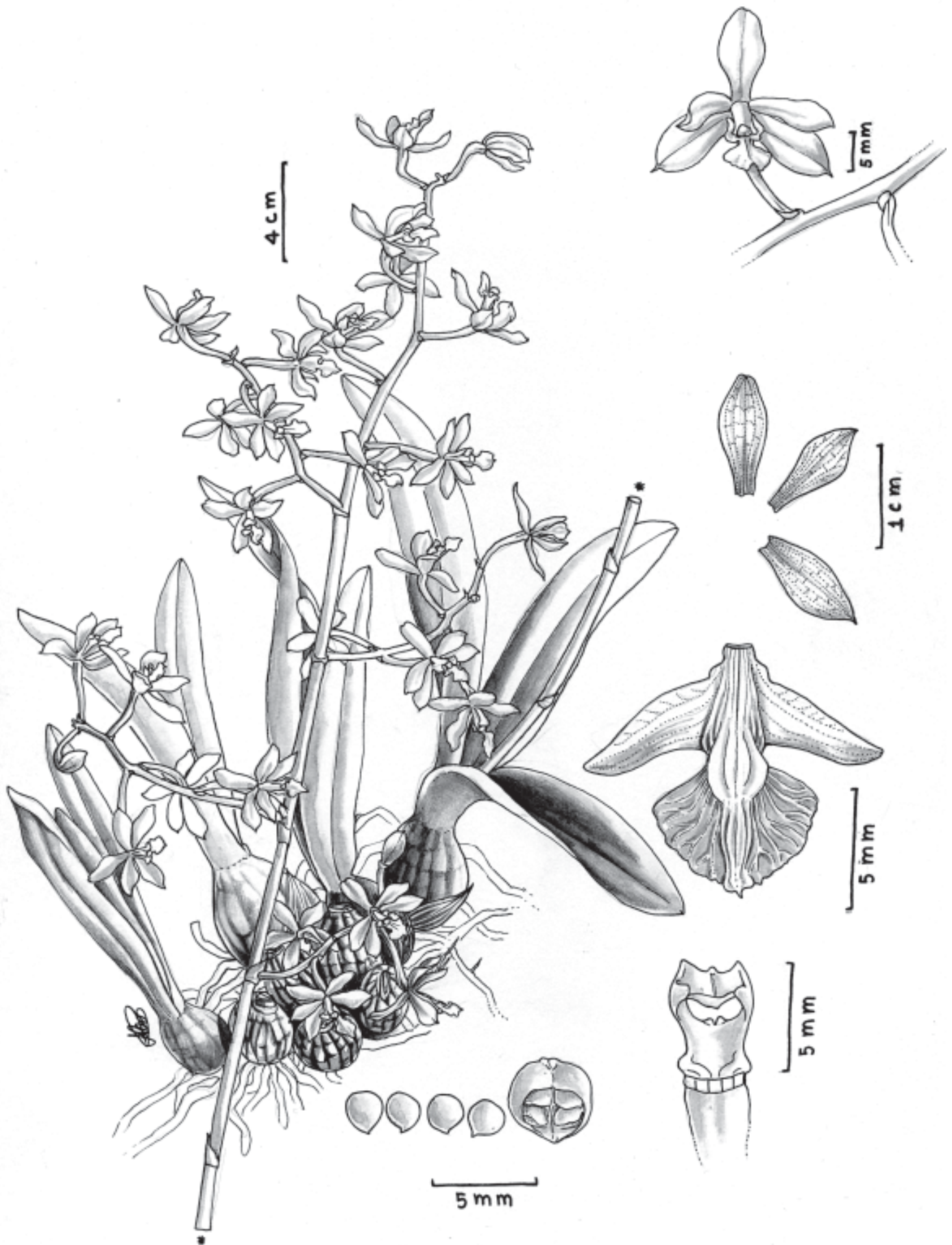


*Encyclia randii*  
(Floresta de terra firme, floresta ribeirinha, igapó e campina)

Foto: Jorge Macêdo



*Encyclia chloroleuca*  
(Todos os tipos de ambientes amazônicos)



*Encyclia chloroleuca*  
Ícones Orchidacearum I

Foto: Bruno Campos



*Encyclia ivonae*  
(Floresta submontana)



*Encyclia yauaperyensis*  
(Igapó)

Foto: Kleber Lacerda

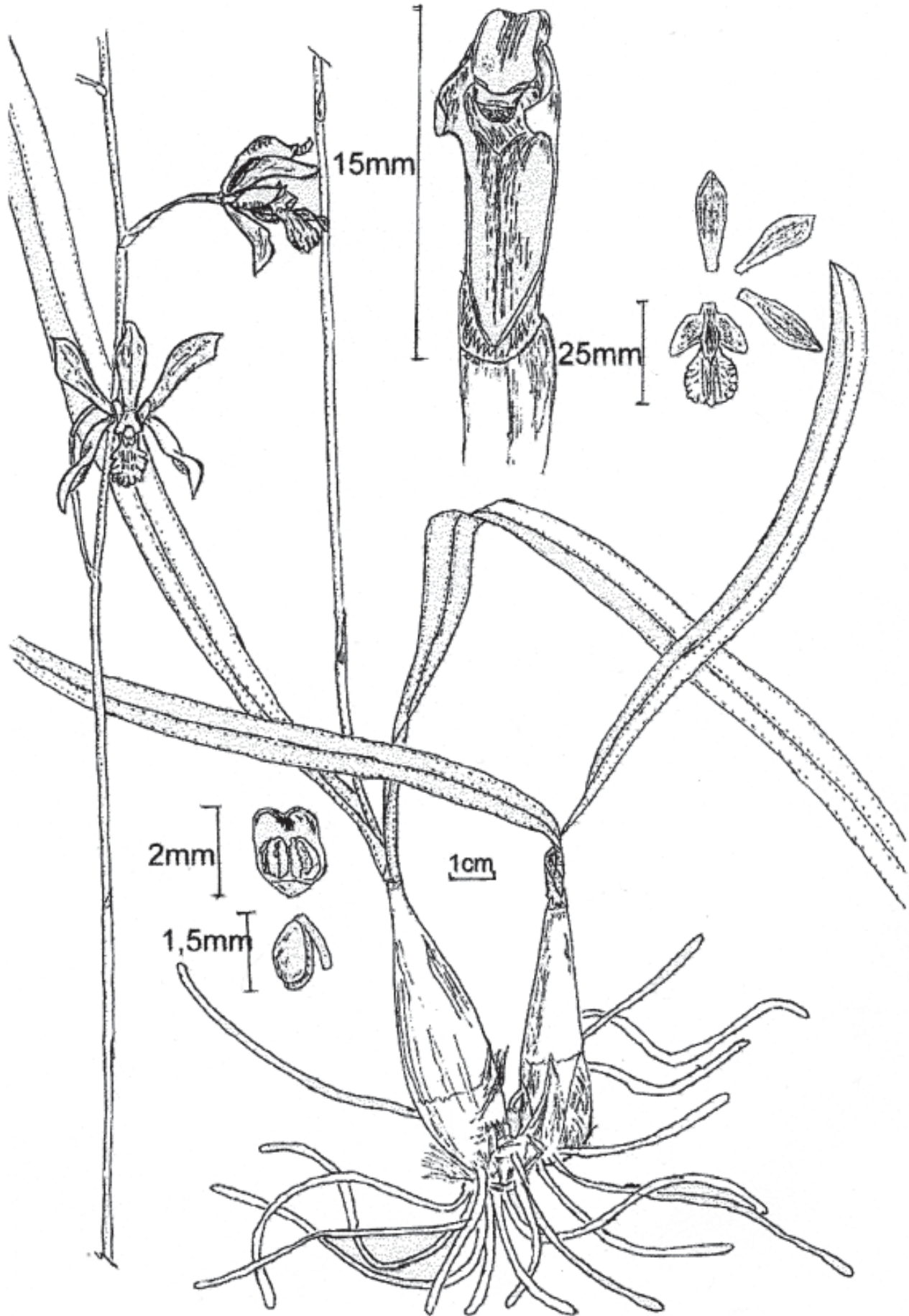


*Encyclia tarumana*  
(Campina)





*Encyclia ivonae*  
(Floresta submontana)  
Ícones Orchidacearum I



*Encyclia tarumana*  
(Campina)



*Encyclia tigrina* = *Prosthechea tigrina*  
(Floresta submontana)



*Encyclia auyantepuiensis*  
(Campo rupestre)

Foto: Bruno Campos



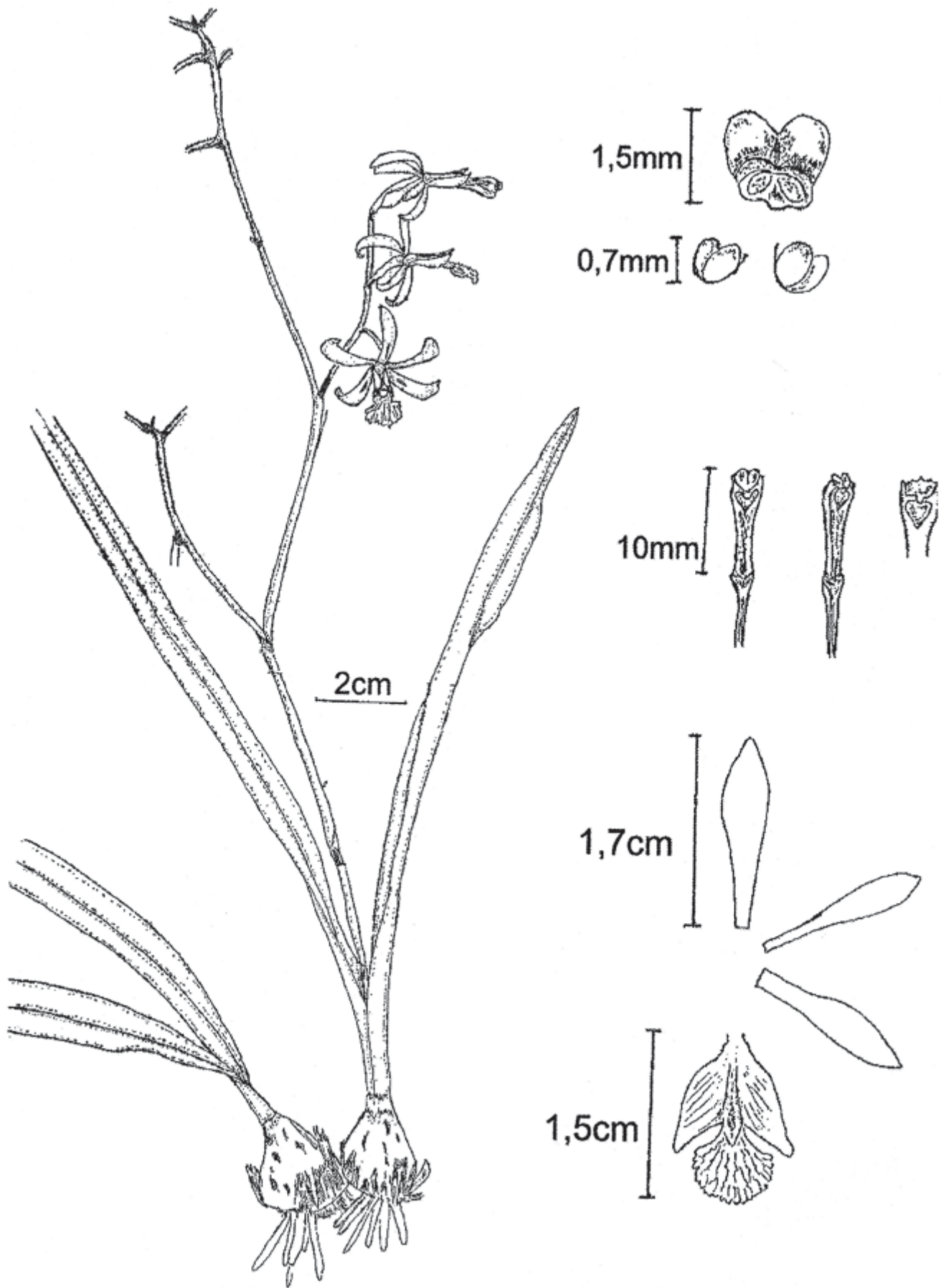
*Encyclia pygmaea* = *Prosthechea pygmaea*  
(Floresta submontana)

Foto: Jorge Macêdo

*Encyclia vespa* = *Prosthechea vespa*  
(Floresta de terra firme, igapó, várzea, campina)

Foto: Jorge Macêdo





*Encyclia conchaechila*  
(Floresta de igapó)  
Ícones Orchidacearum I



Foto: Sérgio Queiroz

*Encyclia conchaechila*



Foto: Sérgio Queiroz

*Encyclia linearifolioides*



*Encyclia linearifolioides*  
(Floresta de terra firme, floresta ribeirinha, cerrado)  
Ícones Orchidacearum I

Foto: Vitorino P. Castro



*Encyclia dasilvae*  
(Floresta de igapó)

Foto: Vitorino P. Castro

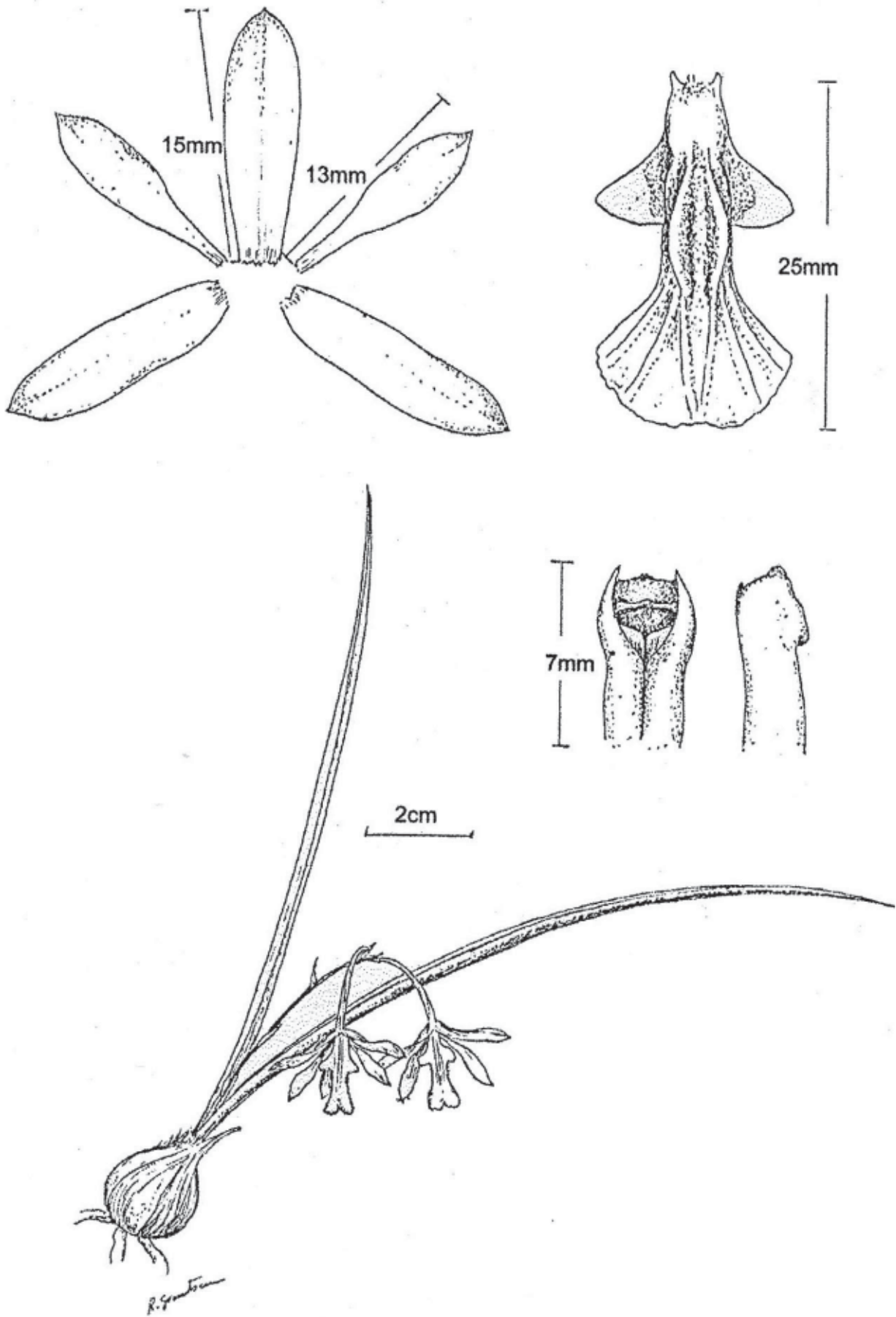


*Encyclia pachyantha*  
(Floresta de galeria em cerrado, campina, igapó e terra firme)



*Encyclia ceratistes*  
(Florestas de terra firme,  
igapó e campina)





*Encyclia cyperifolia*  
(Cerrado)

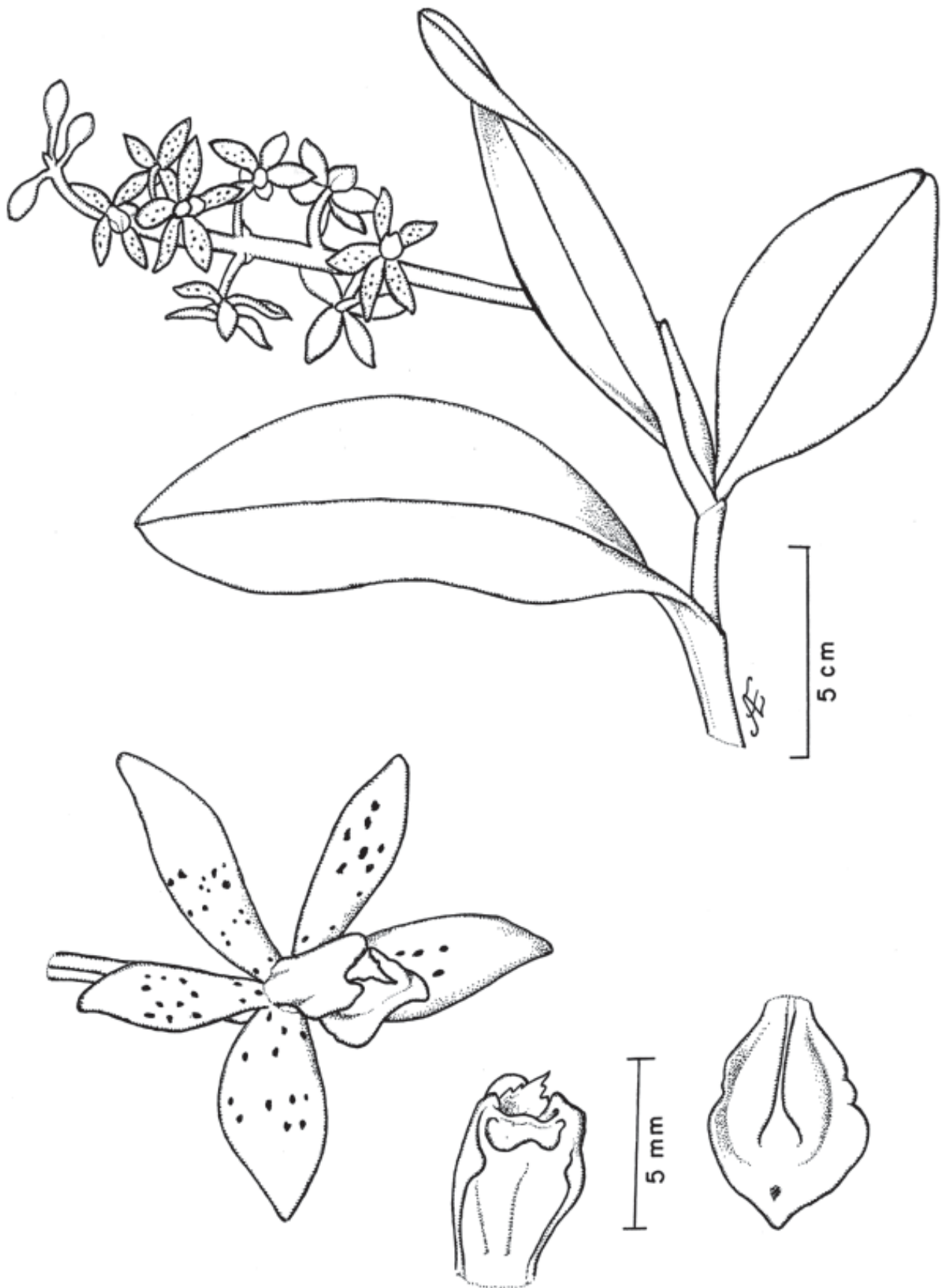
*Encyclia chironi*  
(lgapó)



Foto: Sérgio Queiroz

*Encyclia caximboensis*  
(Campo rupestre)





*Encyclia* sp.  
(Floresta de terra firme e ribeirinha)

# Epidendrum

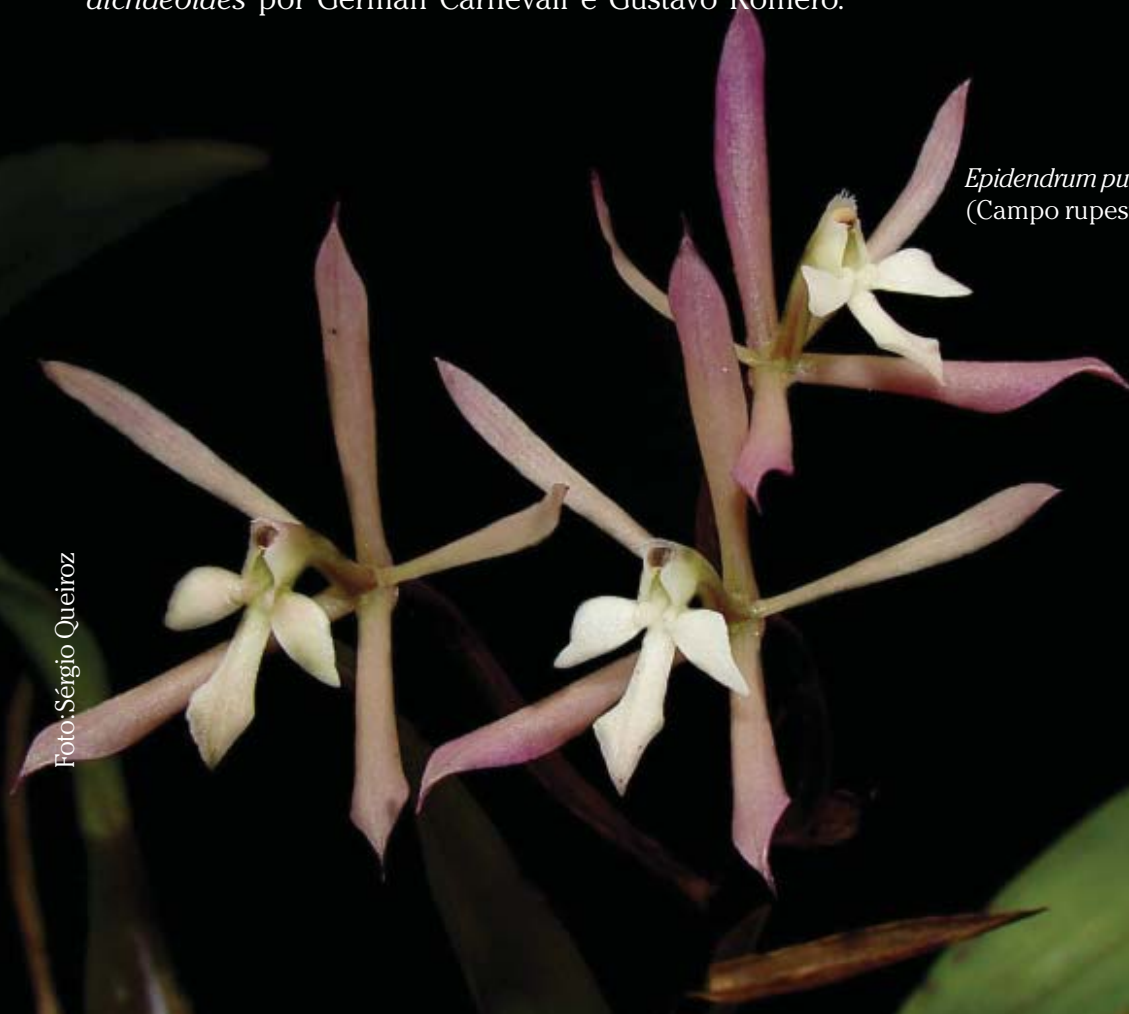
**Gênero:** *Epidendrum* L.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Epidendreae  
**Subtribo:** Laeliinae

o nome é derivado do grego “*epi*” = sobre e “*dendron*” = árvore, em alusão ao hábito epifítico da maioria das espécies. O gênero foi primeiro estabelecido por Carl von Linné (Linnaeus), em 1753, em *Species Plantarum*, publicada em 1763 (p. 1347) e mantido na segunda edição da mesma. Foi o primeiro gênero de orquídeas do Novo Mundo a ser descrita e abrangia todas as epífitas conhecidas na época pelos botânicos europeus.

Com estudos mais criteriosos, foi possível reconhecer a diversidade das orquídeas do Novo Mundo e separar os gêneros distintos. As espécies de *Epidendrum* possuem o labelo colado à coluna, formando um tubo nectário que penetra no pedicelo; normalmente possuem quatro políneas. Os gêneros *Dimerandra*, *Encyclia* e *Oerstedella* faziam parte de *Epidendrum*, hoje estão separados por possuírem rostelos diferentes. Mesmo assim, *Epidendrum* é, provavelmente, o gênero mais numeroso de orquídeas do Novo Mundo.

É formado por centenas de espécies, com distribuição ampla nas regiões tropicais das Américas, da Carolina do Norte ao Sul da Argentina. Pode ser organizado em mais de cinquenta grupos naturais de espécies, a maioria epifítica, mas algumas espécies são terrestres e litofíticas. *Epidendrum nocturnum* Jacq. é uma das espécies mais discutidas do gênero, pela aparência das flores. Para esclarecer estas dúvidas, tem-se o trabalho de Germán Carnevali e Gustavo A. Romero em *Lindleyana* 11(4): 239-249.1996, que descreveram três espécies novas no grupo, mostrando as diferenças dos caracteres vegetativos e florais destas com outras semelhantes já existentes. Registramos aqui, *Epidendrum tumuc-humaciense*, *E. norae* e *E. micronoctunum*, todas com afinidades a *E. nocturnum*. *Neolehmanna pabstii*, descrita em *Bradea* 3: 171. 1981 por Pedro Ivo Braga foi transferido para o gênero *Epidendrum* com novo nome de *Epidendrum dichaeoides* por Germán Carnevali e Gustavo Romero.

*Epidendrum purpurascens*  
(Campo rupestre, floresta aberta)



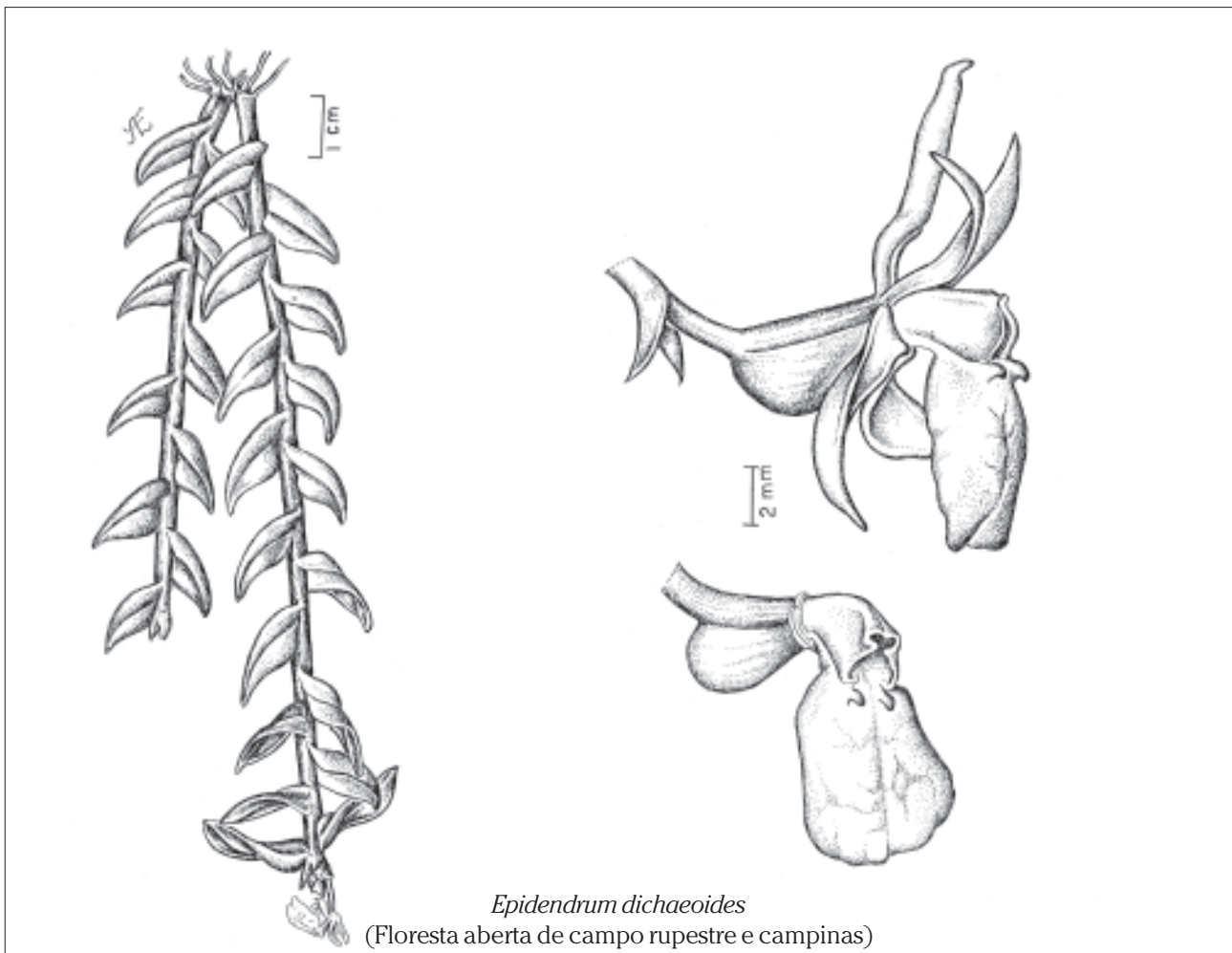
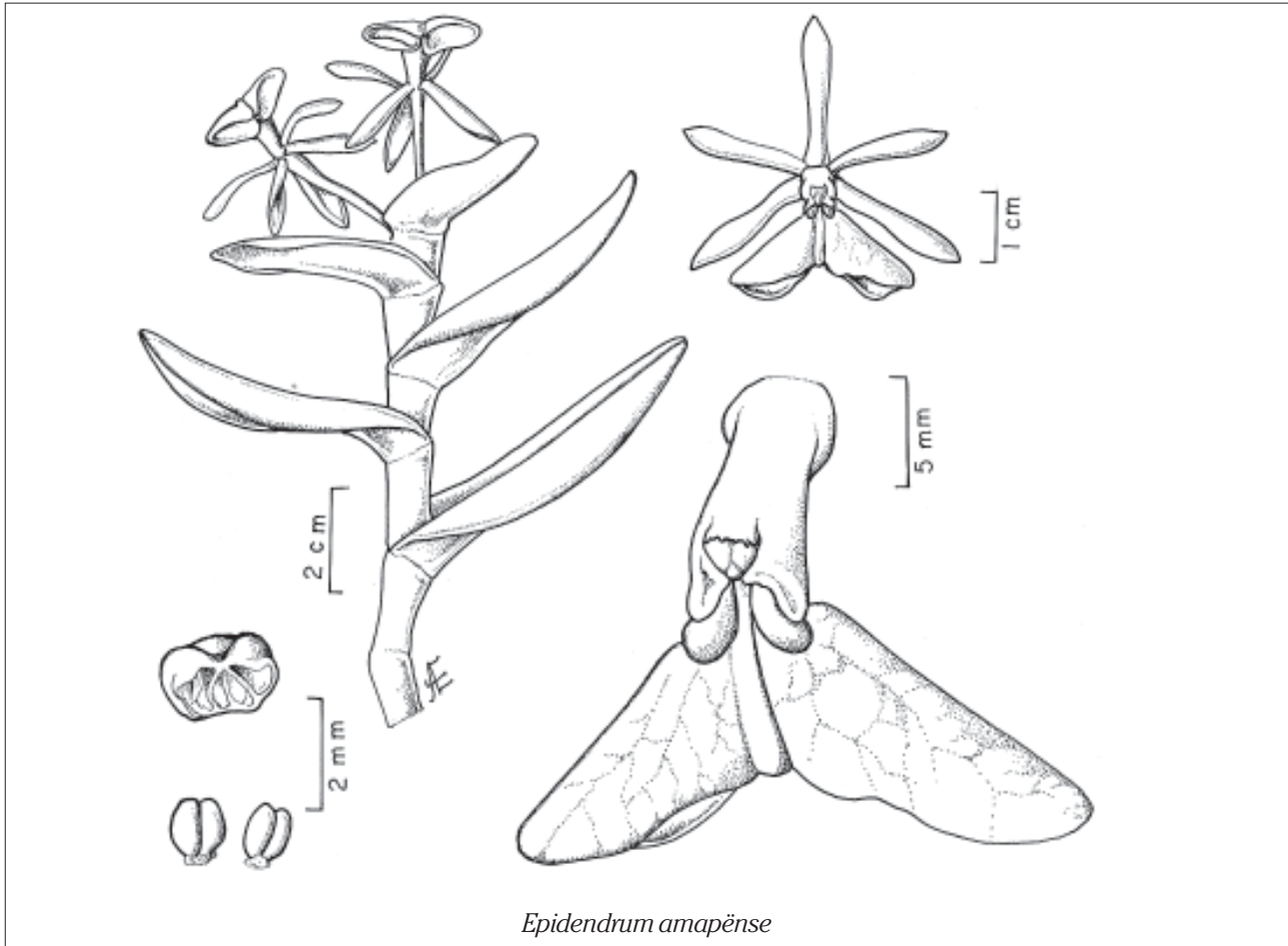


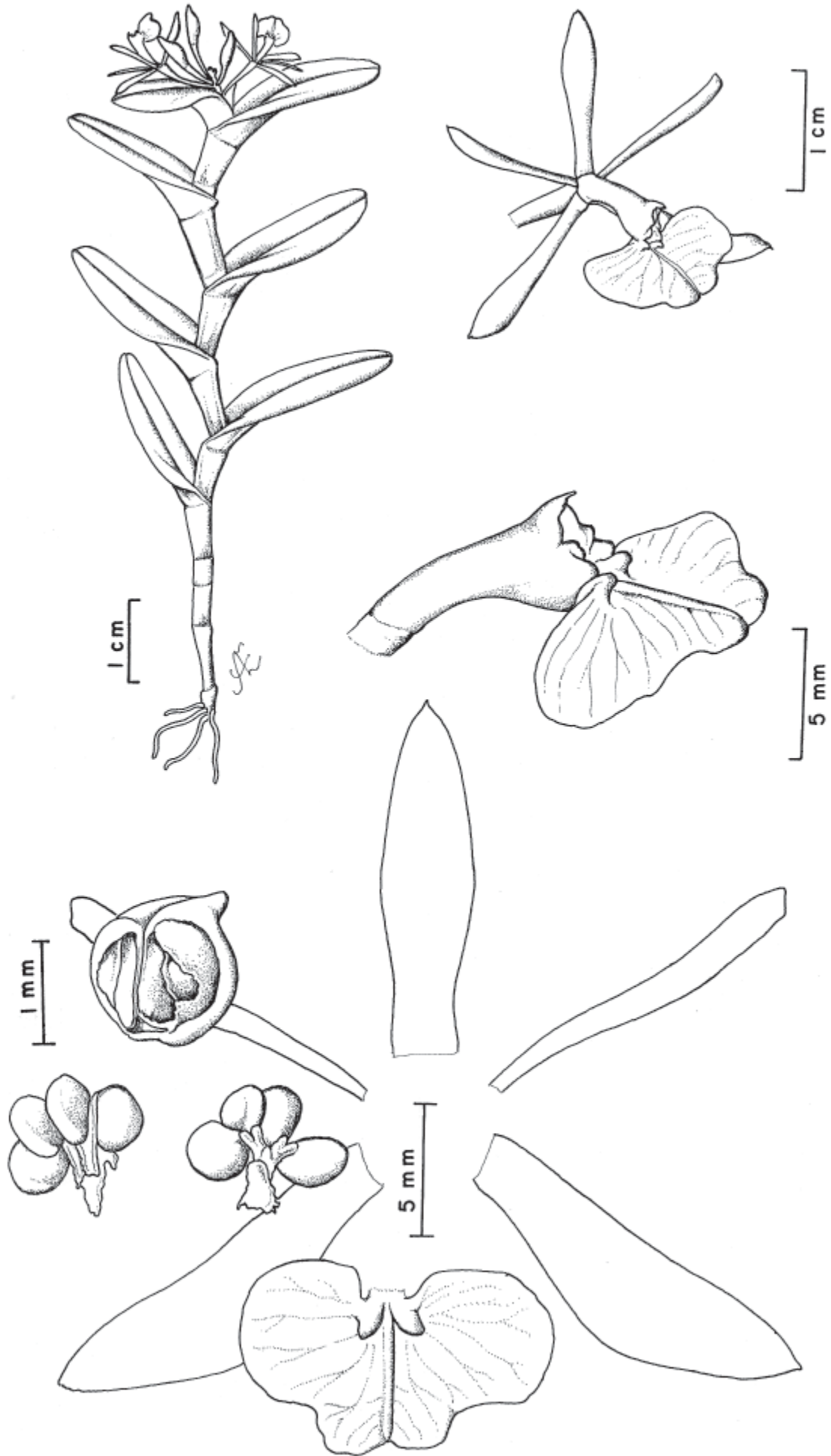


Foto: Sérgio Queiroz

*Epidendrum amapense*  
(Floresta ribeirinha)



*Epidendrum dichaeoides*



*Epidendrum rigidum*

(Floresta de terra firme, de igapó e de várzea; campina, cerrado, campo rupestre e restinga)



*Epidendrum coriifolium*



*Epidendrum rigidum*

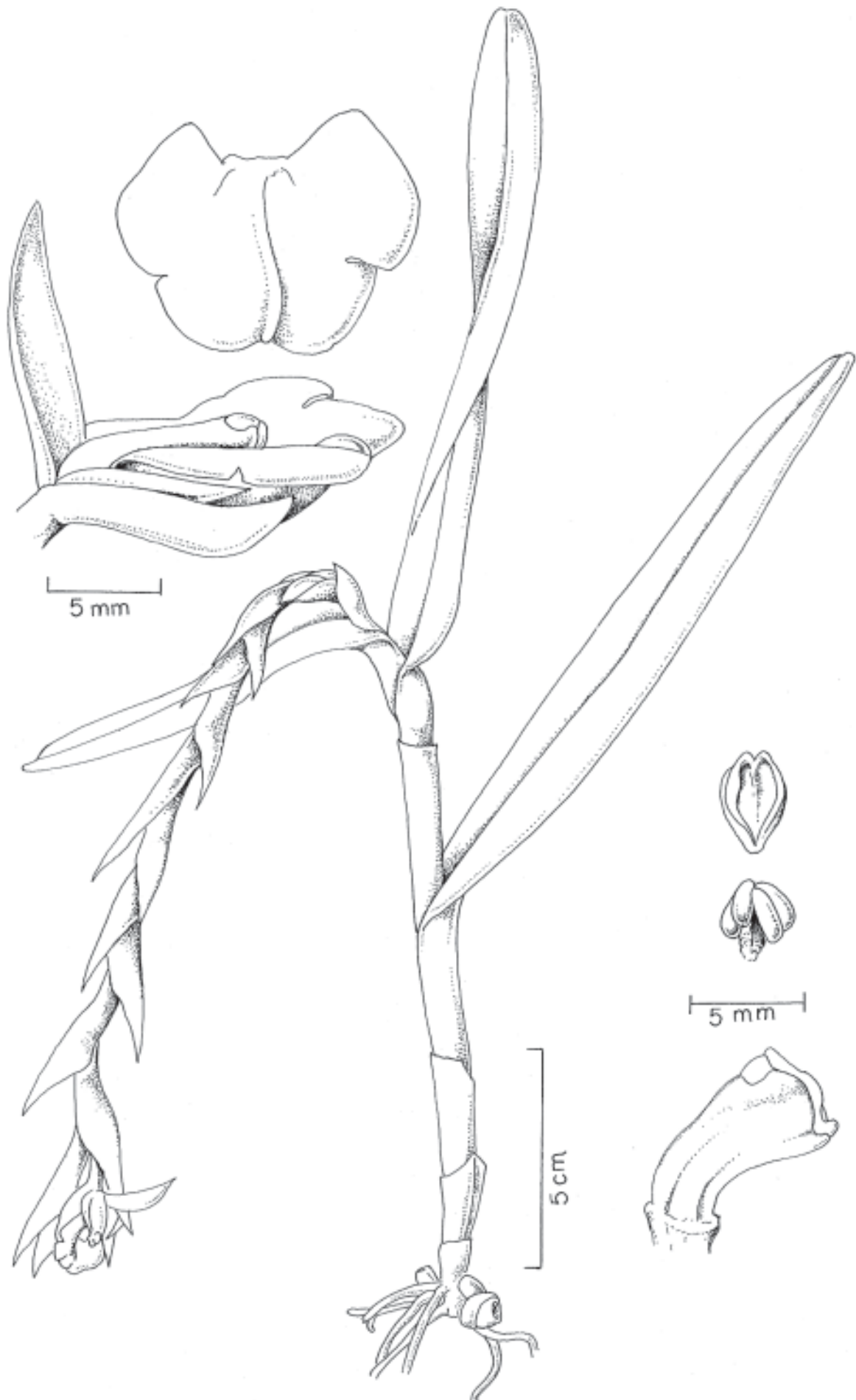
Foto: Jorge Macêdo

Foto: Sérgio Queiroz



*Epidendrum sculptum*  
(Floresta ribeirinha, floresta de terra firme, igapó e campina)



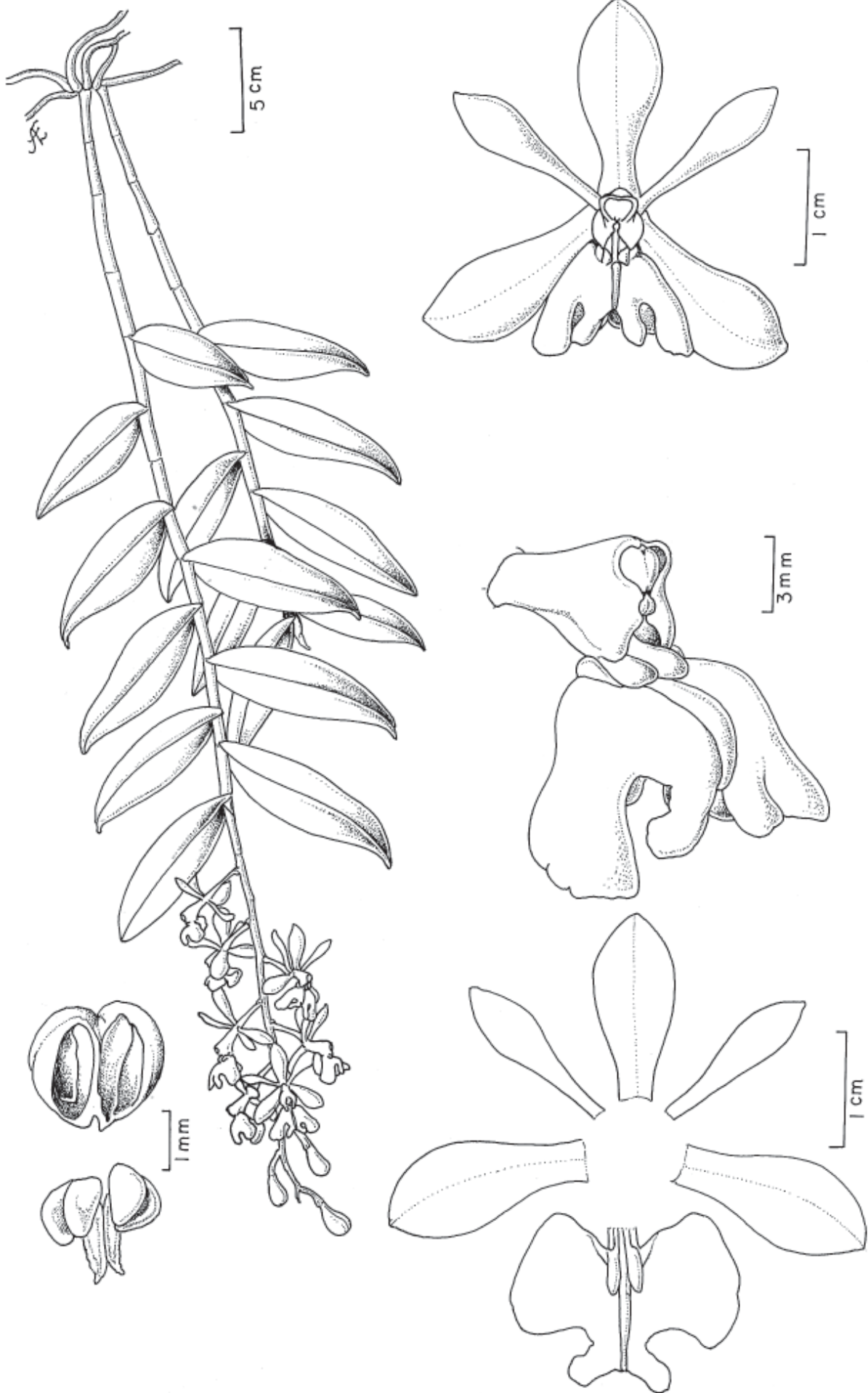


*Epidendrum coriifolium*  
(Floresta úmida de altitude)

Foto: Jorge Macêdo

*Epidendrum coronatum*



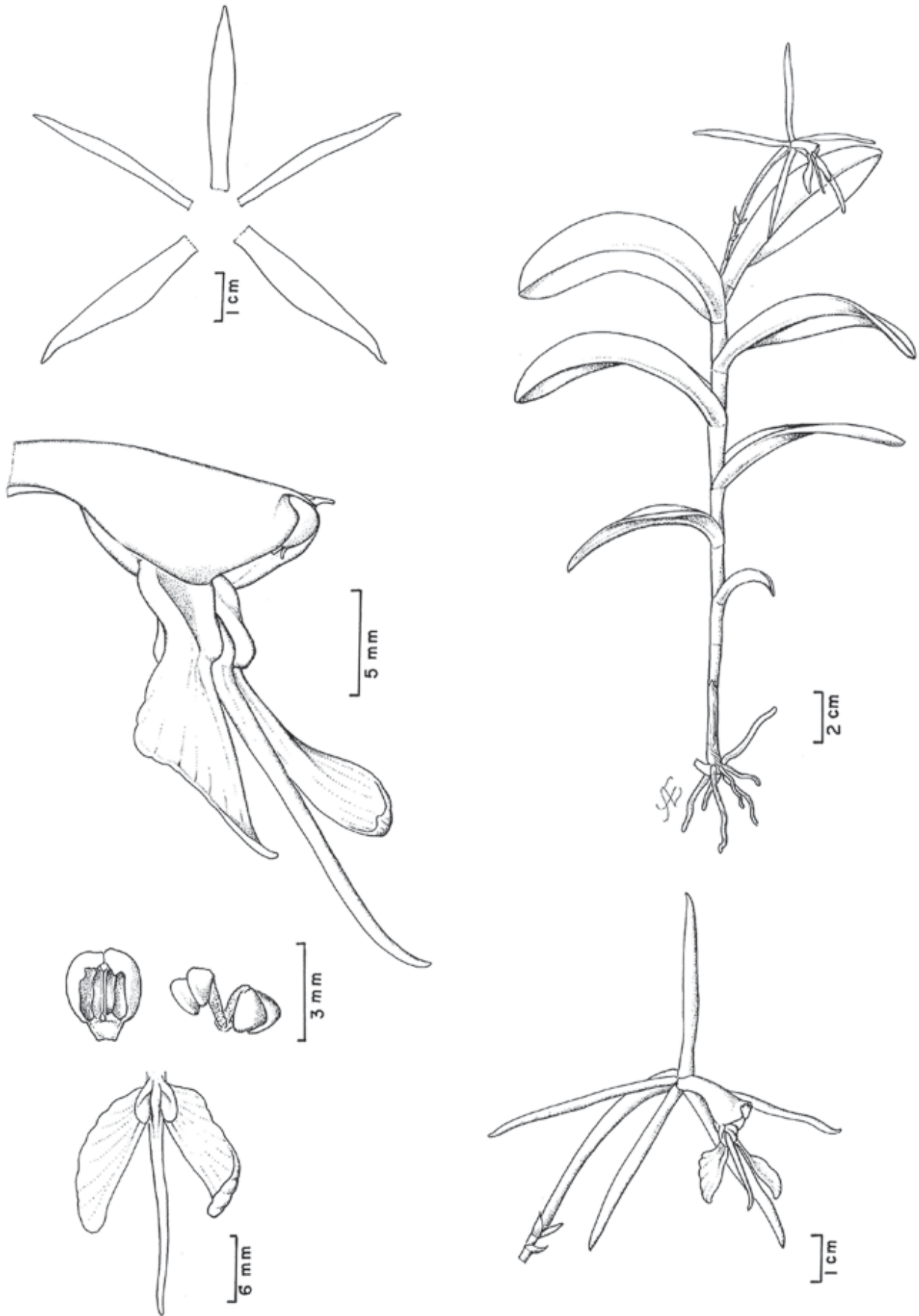


*Epidendrum coronatum*  
(Floresta de igapó)



*Epidendrum queirozianum*





*Epidendrum nocturnum*



*Epidendrum micro nocturnum*  
(Campina, igapó e floresta de altitude)



Foto: Sérgio Queiroz

*Epidendrum nocturnum*  
(Floresta de terra firme, floresta ribeirinha, igapó, campina, campo rupestre, cerrado)



*Epidendrum X foulquieri*  
(Floresta de altitude)



*Epidendrum densiflorum*  
(Igapó, floresta de terra firme e campina)



*Epidendrum imatophyllum*  
(Floresta ribeirinha)



*Epidendrum subulatum*  
(Cerrado)





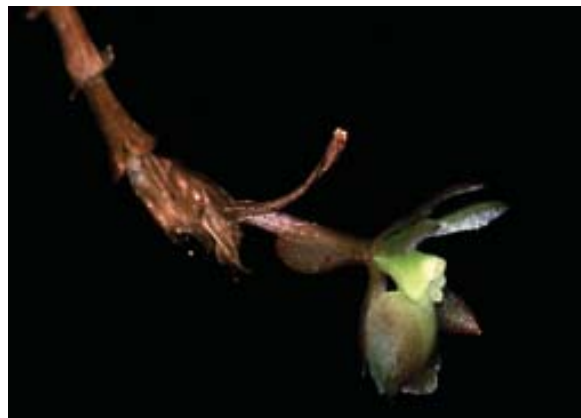
*Epidendrum apaganum*  
(Floresta de igapó)



*Epidendrum smaragdinum*  
(Floresta de igapó e de terra firme)



*Epidendrum calanthum*  
(Terrestre de savana)



*Epidendrum prostratum*  
(Igapó, floresta de terra firme)



*Epidendrum rondoniense*  
(Floresta de terra firme, rupícula)

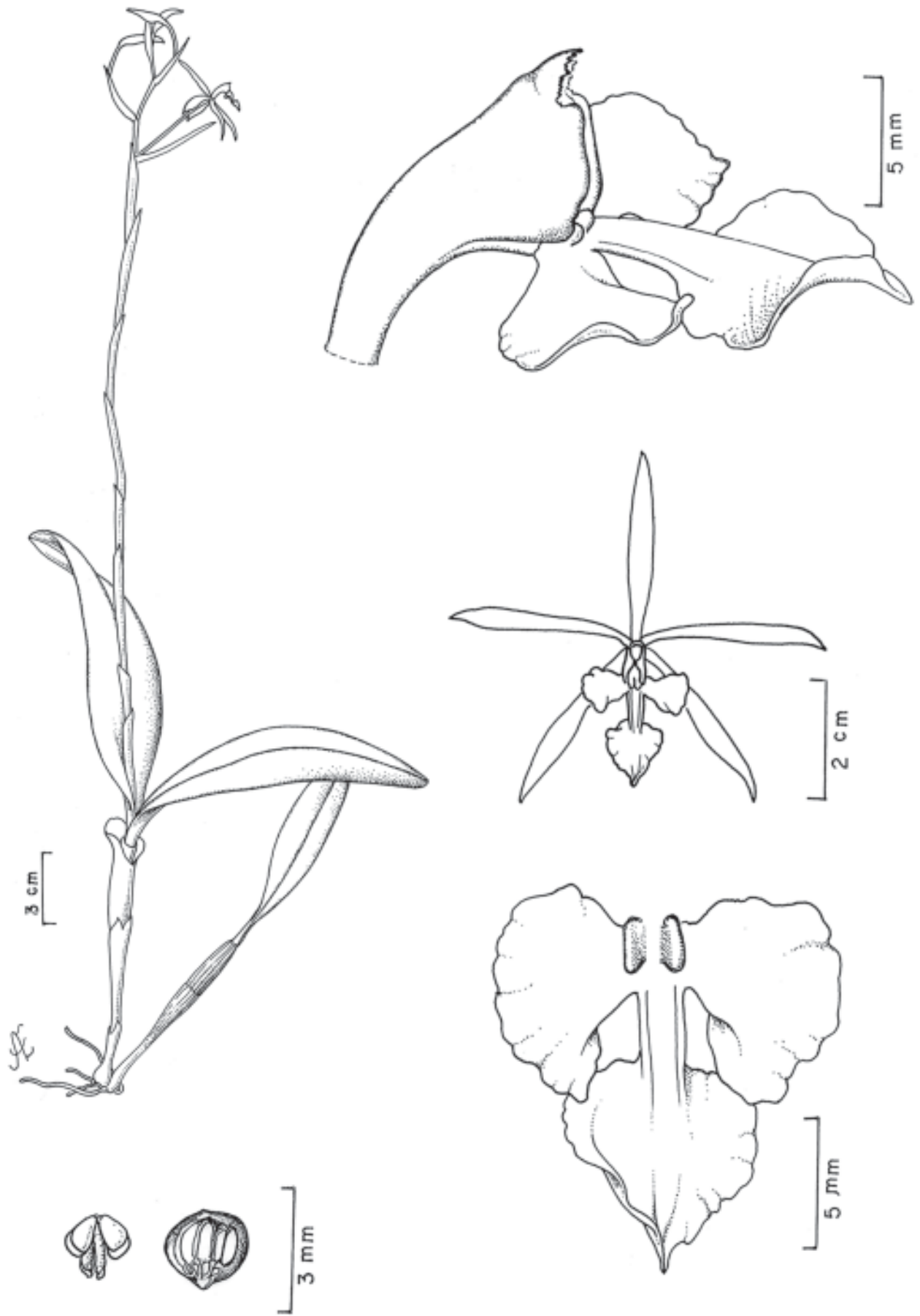


*Epidendrum schlechterianum*  
(Floresta de igapó)



Foto: Jorge Macêdo

*Epidendrum cristatum*  
(Floresta de terra firme)



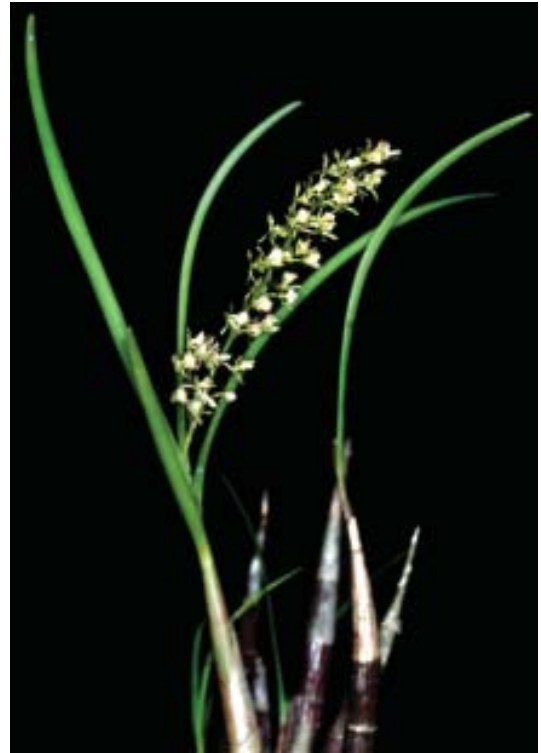
*Epidendrum viviparum*

*Epidendrum viviparum*  
(Floresta aberta)





*Epidendrum ciliare*  
(Floresta de igapó)



*Epidendrum amblostomoides*  
(Cerrado e floresta ciliar)



*Epidendrum carpophorum*  
(Florestas ribeirinhas e de terra firme)



*Epidendrum begotti*  
(Campina, no estado do Pará)



*Epidendrum dendrobioides*  
(Terrestre, savanas úmidas e solos encharcados)



*Epidendrum magnicallosum*  
(Floresta aberta de campo rupestre; campina)

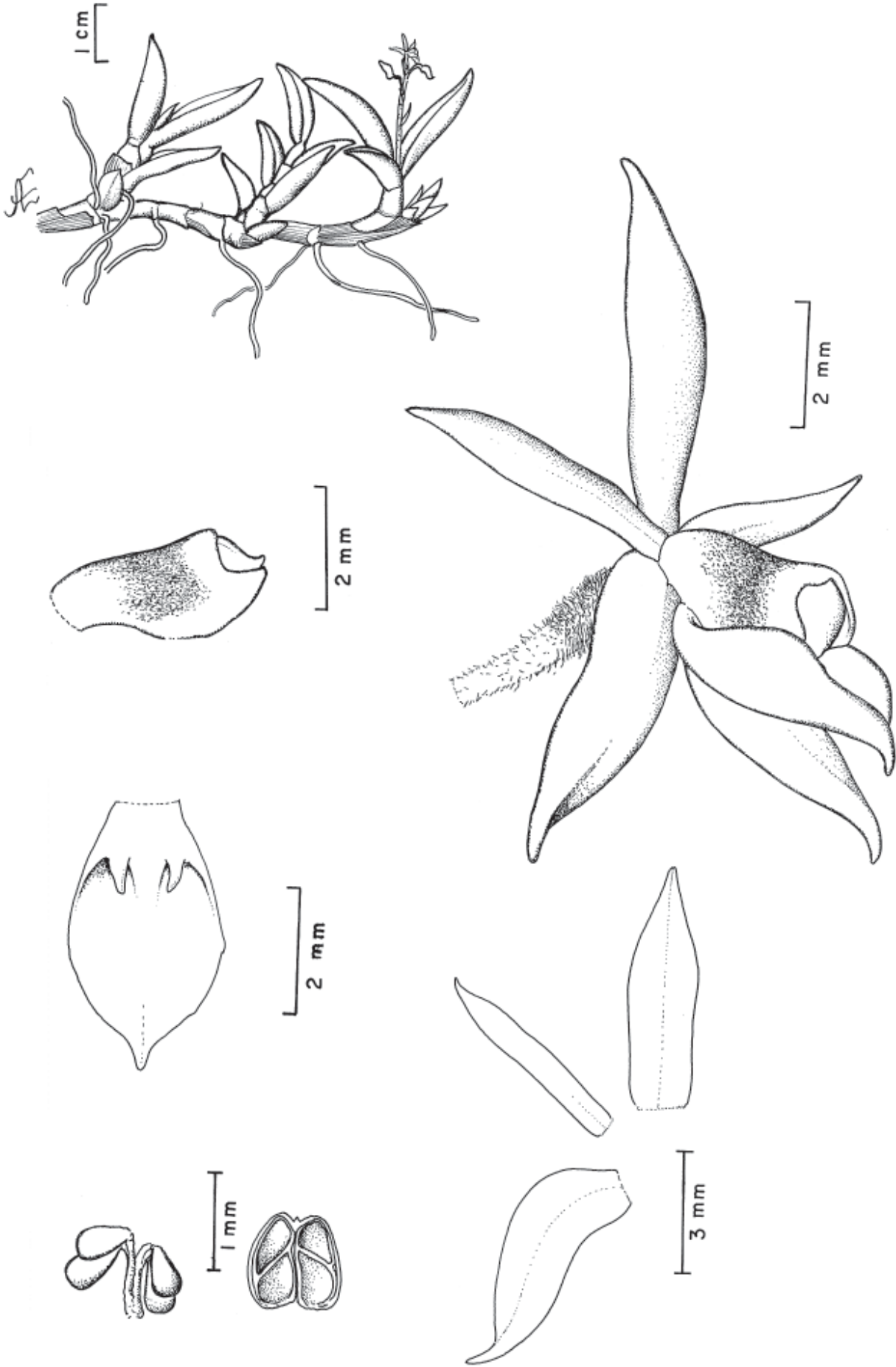


*Epidendrum spilotum*  
(Floresta de galeria)

Foto: Sérgio Queiroz



*Epidendrum microphyllum*  
(Floresta de terra firme, várzea, igapó e campina)



*Epidendrum microphyllum*



Foto: Jorge Macêdo

*Epidendrum X dorotheae*  
(Floresta de igapó)



*Epidendrum X dorotheae*



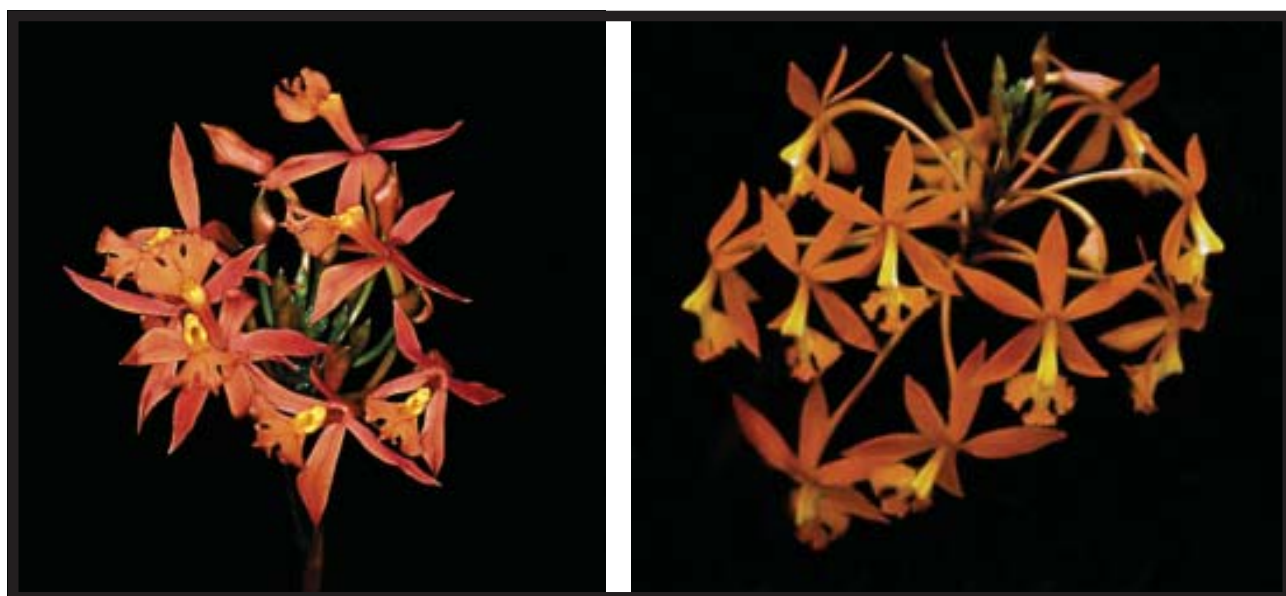


Foto: Sérgio Queiroz

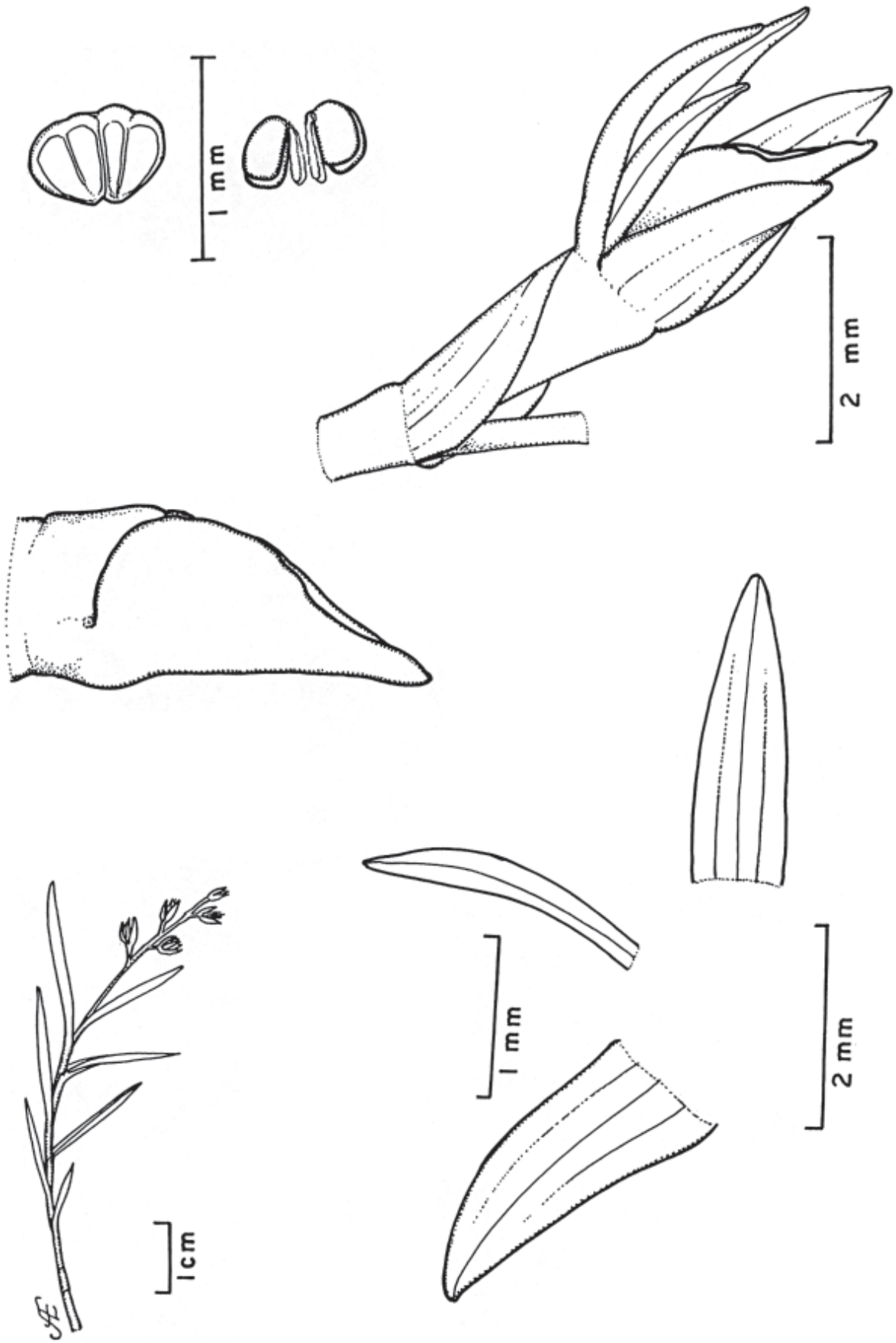




*Epidendrum huebneri*  
(Campina, savana)



*Epidendrum schomburgkii*  
(Floresta úmida)



*Epidendrum miserimum*  
(Floresta de altitude e de clima superúmido)




Foto: Jorge Macêdo

*Epidendrum anceps*  
(Floresta ribeirinha)



Foto: Sérgio Queiroz

*Epidendrum strobiliferum*  
(Todos os ambientes)

A close-up photograph of a white flower of Epidendrum ibaguense. The flower is partially visible on the right side of the frame, showing its petals and stamens. The background is dark and out of focus, with green stems and leaves visible. The text is centered in the lower half of the image.

*Epidendrum ibaguense*  
(Floresta ribeirinha, floresta de terra firme)





Foto: Jorge Macêdo

*Epidendrum ibaguense*





*Epidendrum ibaguense*







*Epidendrum ibaguense*



# Epistephium

**Gênero:** *Epistephium* Kunth  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Triphoreae  
**Subtribo:** Vanillinae

O nome do gênero deriva do latim: “*epistephes*” = circundado, devido o perianto ser circundado por um outro cálice.

Foi descrito por Kunth em *Syn. Pl. Aequin. vol. 1*, pg.340, 1882. Foram descritas mais de vinte espécies, distribuídas na América do Sul, Índias Ocidentais e Brasil. A maioria das espécies brasileiras ocorre no cerrado do Brasil central. São plantas terrestres, de áreas abertas, misturando-se às gramíneas. Muitas vezes são submetidas às queimadas, porém, a parte vegetativa só aparece na época chuvosa, ficando as raízes enterradas, por isso, adaptaram-se à falta de chuva e ao fogo. Têm flores de colorido forte, mas são de pouca duração (em muitas espécies a flor dura somente um dia). Na Amazônia brasileira, a maioria das espécies aparece nos afloramentos rochosos ou nas savanas. *E. ellipticum* foi coletada pela primeira vez na floresta do Catu Belém (PA), em 1914, foi nominada por Mansfeld e descrita por F. Hoehne em *Flora Brasilica, vol. 12,2*, 1945, porém, este nome foi considerado inválido por Williams & Summerhayes. A espécie foi recoletada pelo autor no estado do Maranhão, em 1999, e em 2001 no município de Bragança (PA), em floresta inundável. Diferente das outras espécies do gênero, é perene, floresce constantemente e, também, é a menor planta do gênero.

*Epistephium* sp.  
(Floresta de altitude superúmida)





*Epistephium ellipticum*  
(Floresta alagada)

*Epistephium ellipticum*





*Epistephium parviflorum*  
(Savana em altitude)



*Epistephium hernandii*  
(Savana em altitude)



*Epistephium elatum*  
(Savana rochosa)

# Eriopsis

**Gênero:** *Eriopsis* Lindl.

**Subfamília:** Epidendroideae

**Tribo:** Cymbidieae

**Subtribo:** Cyrtopodinae

O nome derivou-se de um gênero africano de orquídea *Eria*, devido à semelhança com este. *Eriopsis*, significa, portanto, semelhante a *Eria*.

O gênero foi descrito, em 1847, por John Lindley, em *Botanical register Sub. t. 9 e 18*). Possui poucas espécies válidas distribuídas da Costa Rica e Nordeste da América do Sul ao Peru e Brasil. São plantas robustas, epífitas ou terrestres. Na Amazônia brasileira ocorrem duas espécies: *E. biloba* e *E. sceptrum*. Esta última é epífita e cresce formando grandes touceiras que chegam a cobrir galhos inteiros de grandes árvores no igapó. Uma das características desta espécie são as raízes secundárias em forma de agulhas que espetam grande quantidade de folhas caídas das árvores; ocorre em quase todos os rios do estado do Amazonas acima de Manaus. *E. biloba*, espécie das montanhas na fronteira com a Venezuela, cresce tanto sobre rochas como em solos encharcados, não se conhecem plantas epífitas desta espécie, nela as raízes secundárias são ausentes.

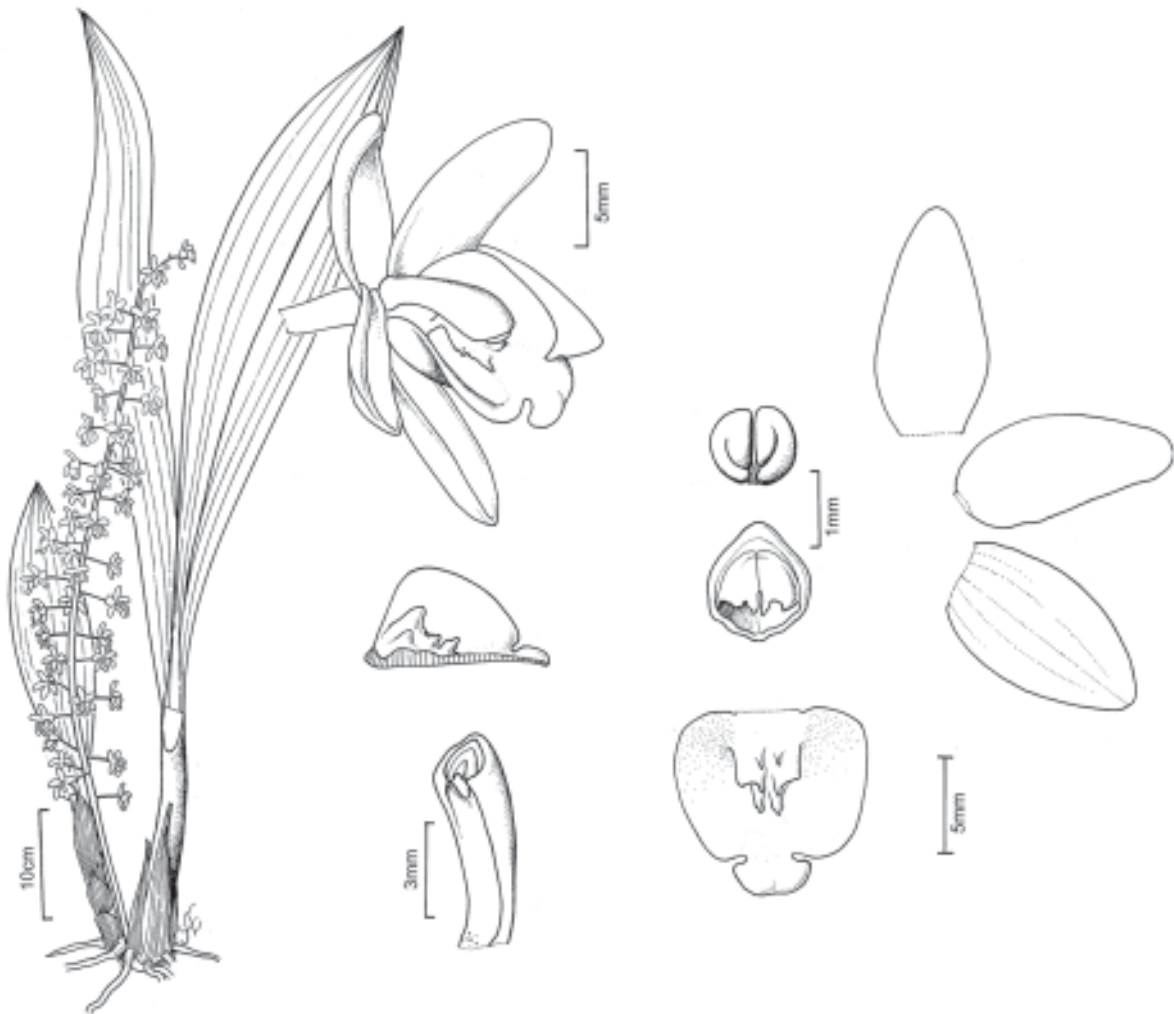
Foto: Jorge Macêdo



*Eriopsis sceptrum*  
(Floresta de igapó)



*Eriopsis biloba*  
(Campos de altitude)



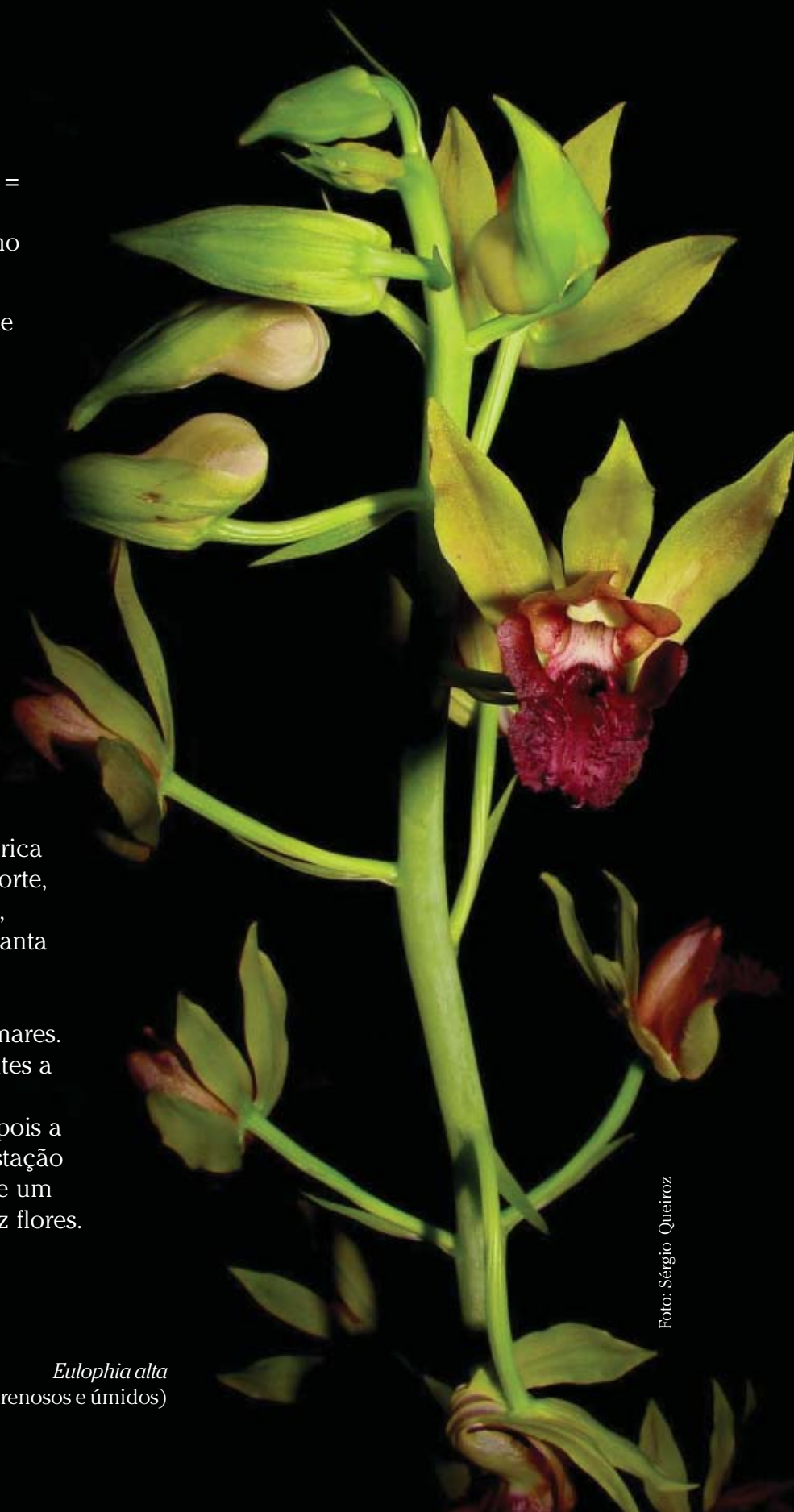
# *Eulophia*

**Gênero:** *Eulophia* R. Br. ex Lindl.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Cymbidieae  
**Subtribo:** Eulophiinae

O nome é derivado do grego “*eu*” = bem, verdade e “*lophos*” = pluma, em alusão ao penacho presente no labelo de algumas espécies.

O gênero foi proposto inicialmente com o nome de *Elophus* pelo botânico escocês Robert Brown, que deu nome a algumas espécies africanas e indianas. Só em 1823, John Lindley o publicou com o nome de *Eulophia*, sugerido pelo próprio Brown, no *Botanical Register* (t. 686). O gênero é formado por mais de 200 espécies distribuídas nas regiões tropicais de todos os continentes, em particular numerosas espécies nas regiões tropicais da África e África do Sul. *Eulophia alta* é a única espécie que ocorre na América Tropical, Flórida, na América do Norte, América Central, Índias Ocidentais, América do Sul tropical. É uma planta terrestre do cerrado e savanas, aparecendo, também, nas áreas desmatadas para agricultura e pomares. Os bulbos subterrâneos, semelhantes a cebola, brotam durante a estação chuvosa; crescem e florescem, depois a parte vegetativa desaparece. Na estação seca, a inflorescência atinge quase um metro de altura, com cerca de dez flores.

*Eulophia alta*  
(Terrestre de solos arenosos e úmidos)





# Galeandra

**Gênero:** *Galeandra* Lindl.

**Subfamília:** Epidendroideae

**Tribo:** Cymbidieae

**Subtribo:** Cyrtopodiinae

O nome é derivado do latim “*galea*” = em forma de capacete, em alusão à forma de capuz da antera da espécie TIPO *Galeandra baueri*.

O gênero *Galeandra* foi estabelecido em 1830 por John Lindley em *Illustrations of Orchidaceous Plants* (t. 8). Desde a descrição original, foram descritas mais de quarenta espécies. Um estudo crítico do gênero concluiu que somente vinte e quatro espécies são válidas. Destas, cerca de vinte ocorrem no Brasil, que é o seu centro de distribuição. A área de distribuição estende-se pela Flórida, México, do Caribe ao Suriname, através da América Central, Brasil e Paraguai. A maioria das espécies é de plantas epífitas, algumas são terrestres de solos inundáveis, como campos naturais e cerrado, outras são de campos rupestres, crescendo na camada de matéria orgânica acumulada sobre as rochas.



*Galeandra lacustris*  
(Floresta de igapó)



*Galeandra devoniana*  
(Floresta de igapó, floresta de galeria, caatinga arenosa)

Foto: Sérgio Queiroz



*Galeandra curvifolia*  
(Floresta de igapó e cerrado)





Foto: Sérgio Queiroz

*Galeandra claesii*  
(Floresta de igapó)



*Galeandra baueri*  
(Cerrado)



*Galeandra villosa*  
(Igapó)

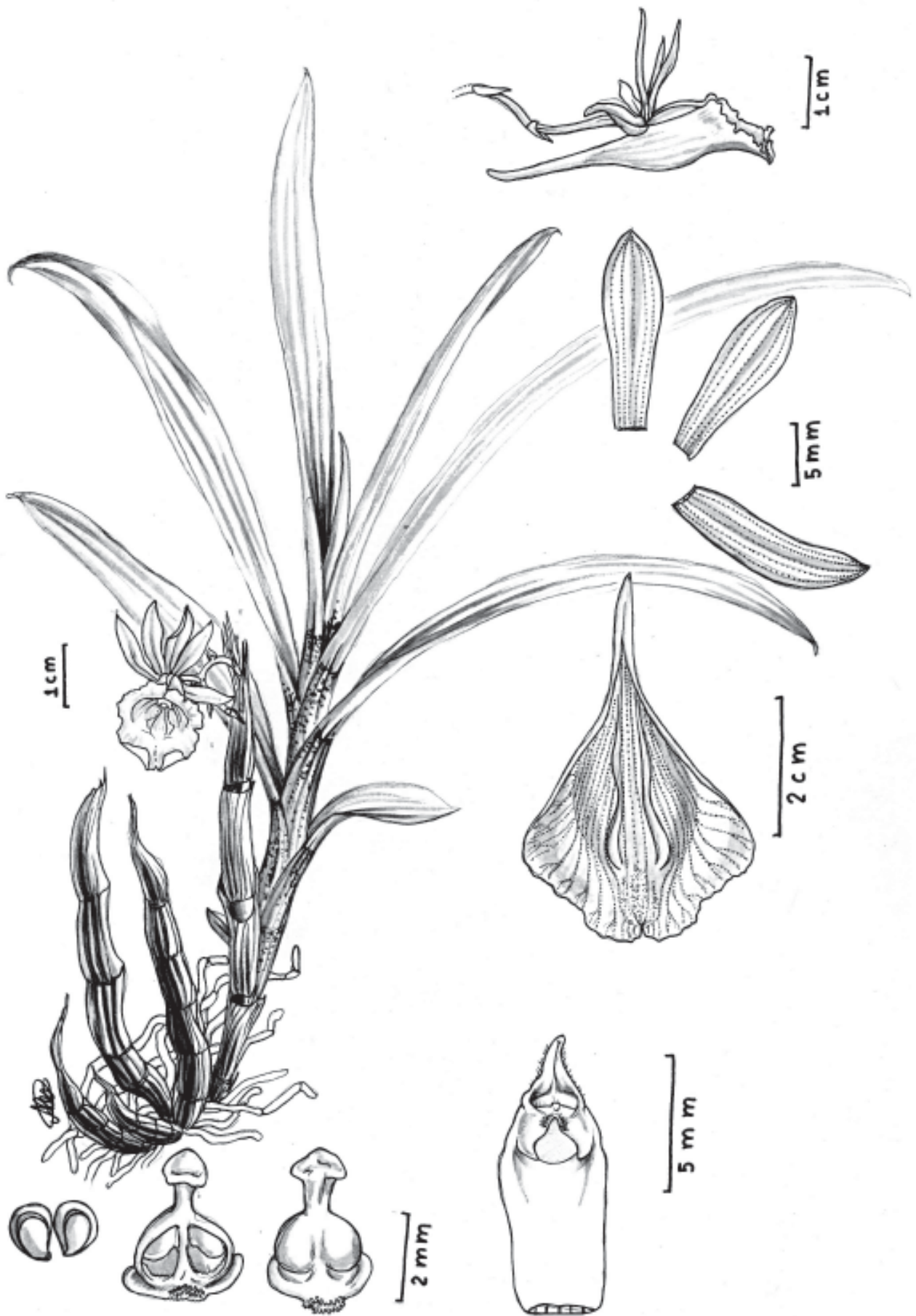


*Galeandra* sp.  
(Cerrado)



*Galeandra chapadensis*  
(Cerrado)

*Galeandra santarena*



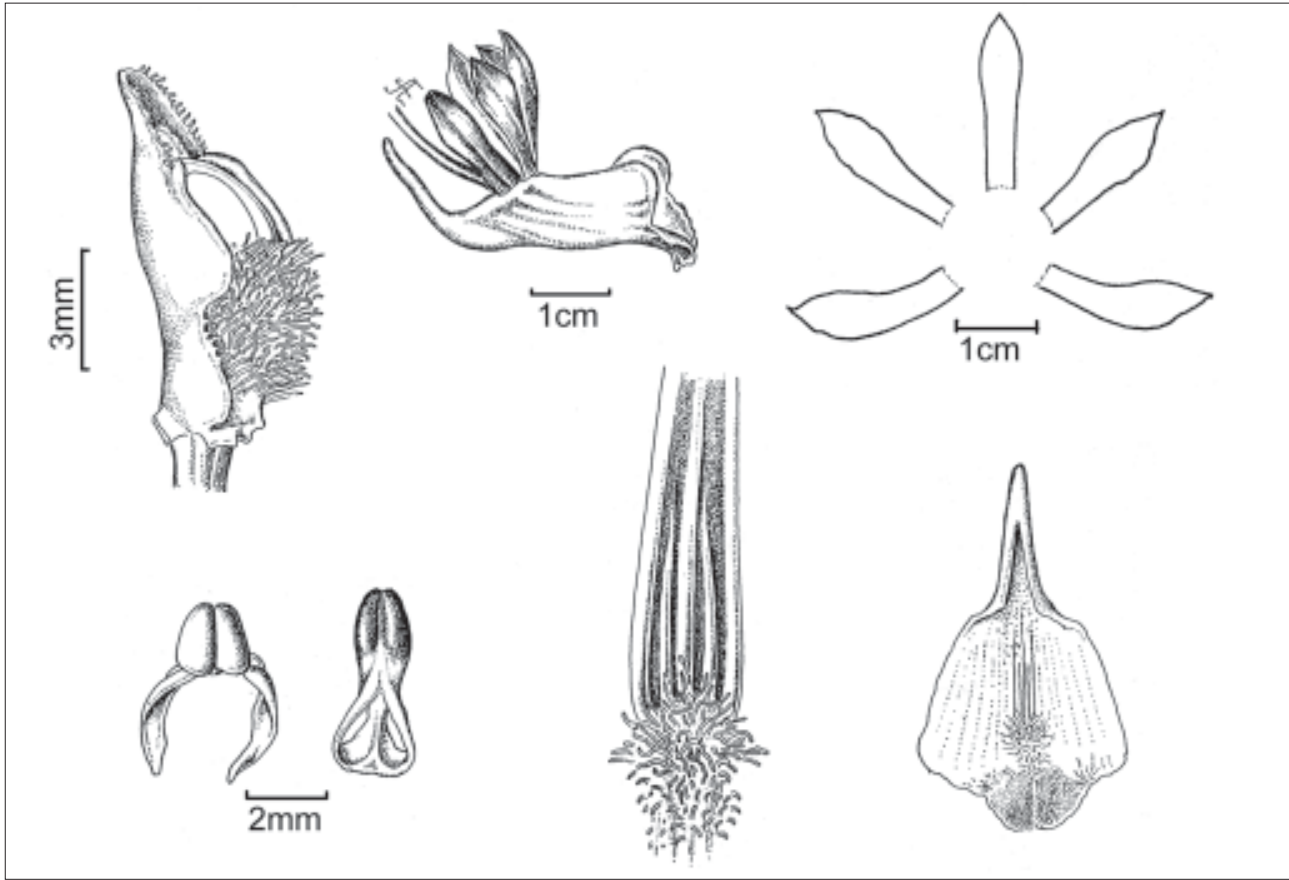
*Galeandra santarena*  
(Floresta de igapó e cerrado)



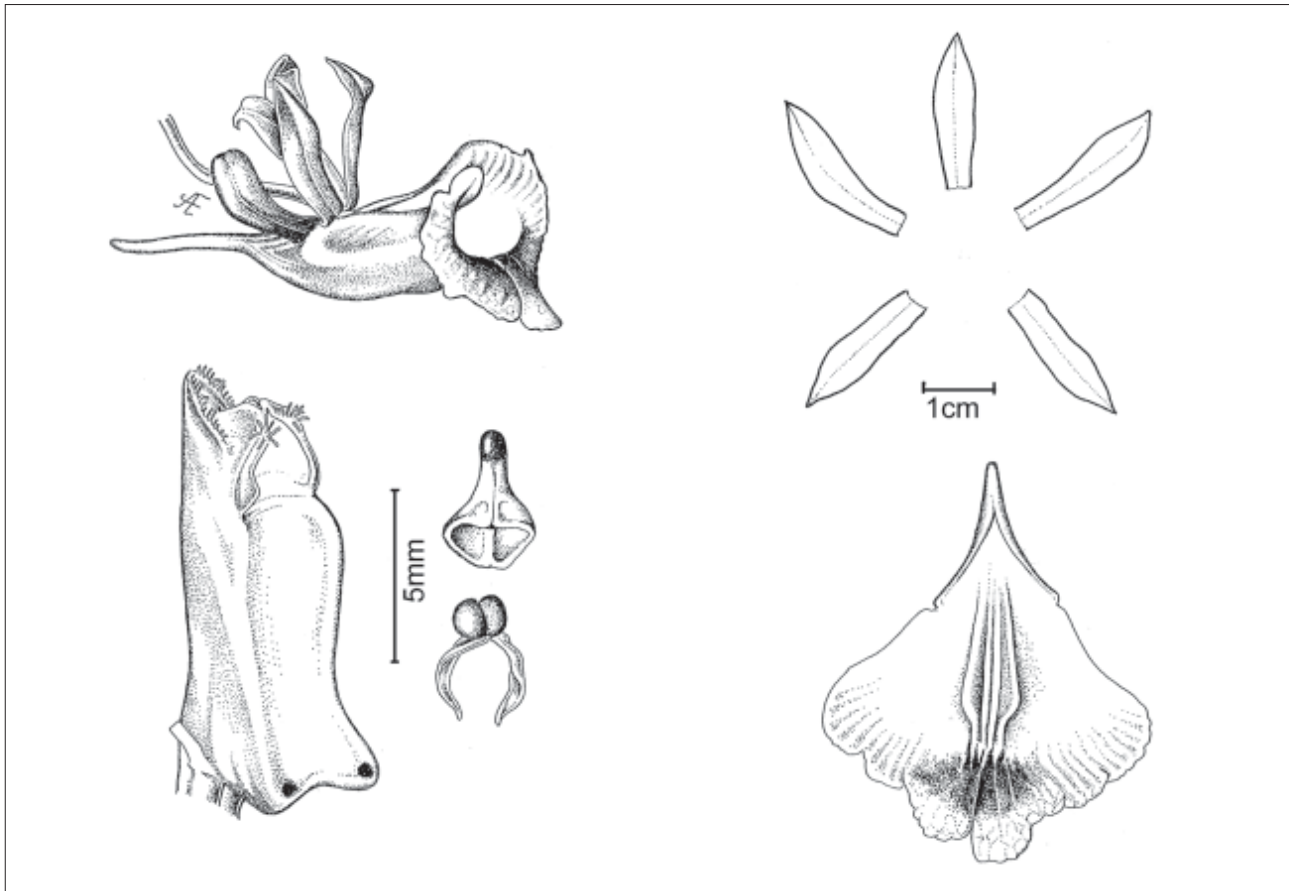
*Galeandra stangeana*  
(Floresta de terra firme e floresta ribeirinha)





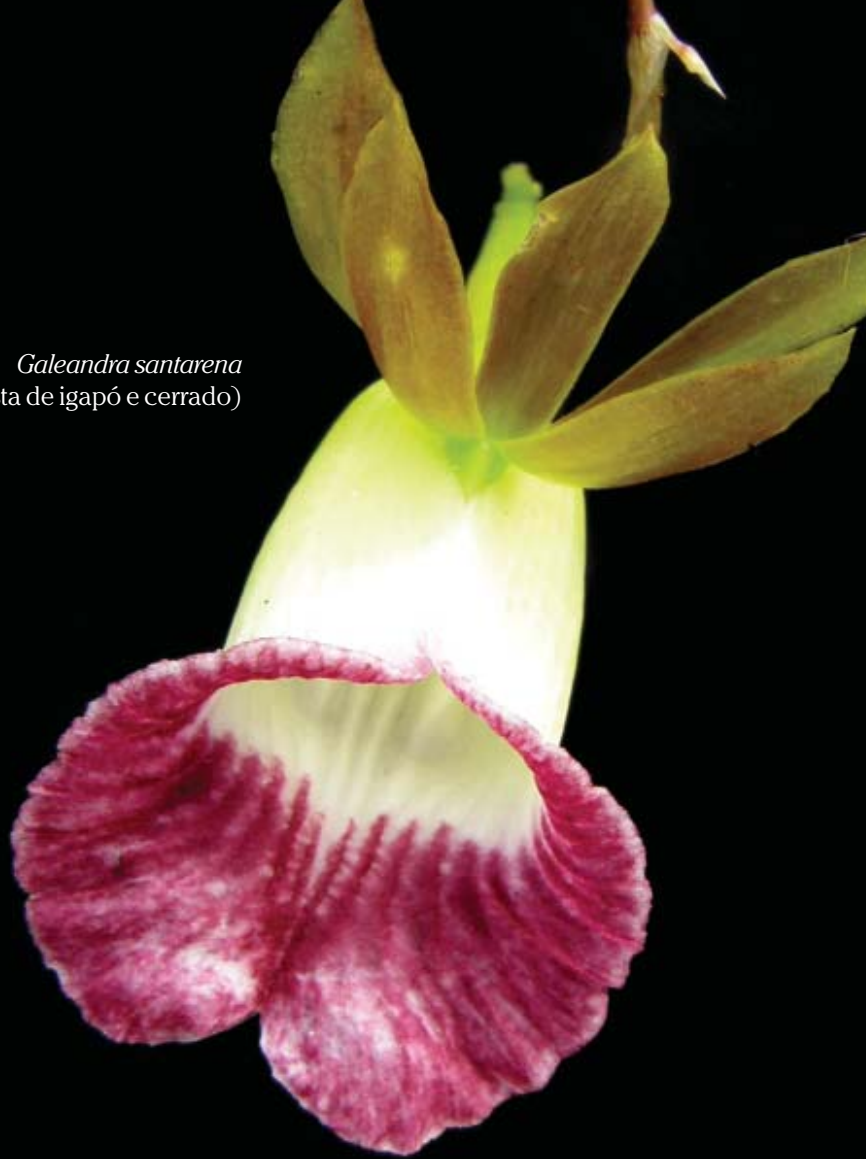


*Galeandra stangeana*  
(Floresta de terra firme e floresta ribeirinha)

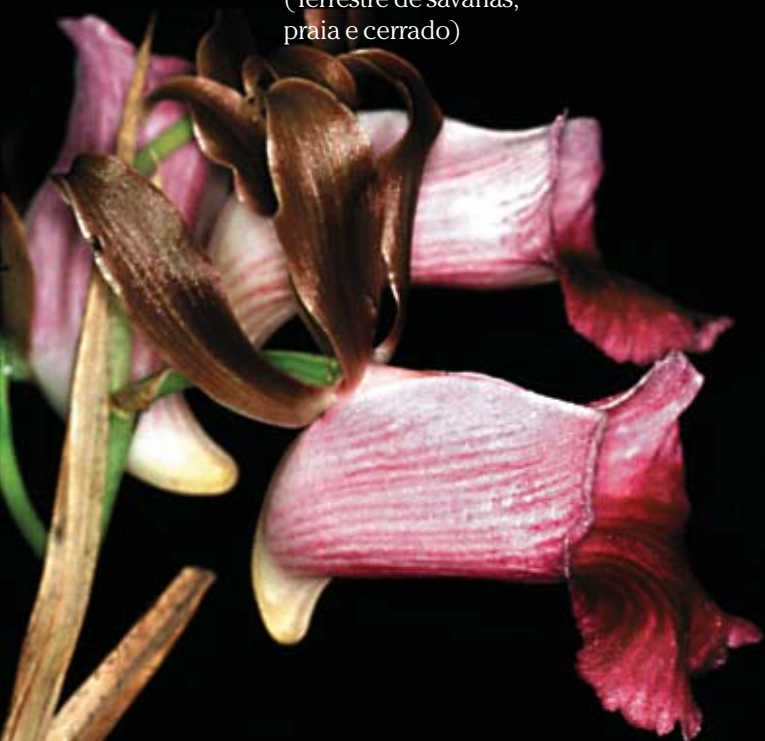


*Galeandra chapadensis*  
(Cerrado)

*Galeandra santarena*  
(Floresta de igapó e cerrado)



*Galeandra montana*  
(Terrestre de savanas,  
praia e cerrado)



*Galeandra stillomisantha*  
(Terrestre de savana e cerrado)



# Galeottia

**Gênero:** *Galeottia* A. Rich.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Maxillarieae  
**Subtribo:** Zigopetalinae

*Galeottia jorisiana*

O gênero foi publicado em 1845 pelo botânico francês Achille Richard. O nome foi dado em homenagem ao colega do autor Henri Galeotti. A espécie TIPO foi *Galeottia grandiflora*, cuja planta foi coletada no México. Depois foi coletada, também, na América Central e Colômbia. O gênero não foi aceito inicialmente por muitos autores, tendo sido sinonimizado com *Batemanina* ou *Zigopetalum*. Atualmente, o nome *Galeottia* é considerado válido. L. A. Garay publicou um estudo do gênero reconhecendo onze espécies (Orquideologia 8: 23-32, 1973). Mais tarde, em 1988, Eric A. Christenson reiterou a validade dessas onze espécies na revista *Lindleyana* 3 (4): 221-223, propondo sete novas combinações para plantas, até então tidas como *Mendoncella*. Recentemente, foram registradas duas novas ocorrências para a flora brasileira no estado de Roraima: *Galeottia burkei* e *G. jorisiana*.



*Galeottia burkei*  
(Terrestre em savana de altitude)



*Galeottia ciliata*

# Gongora



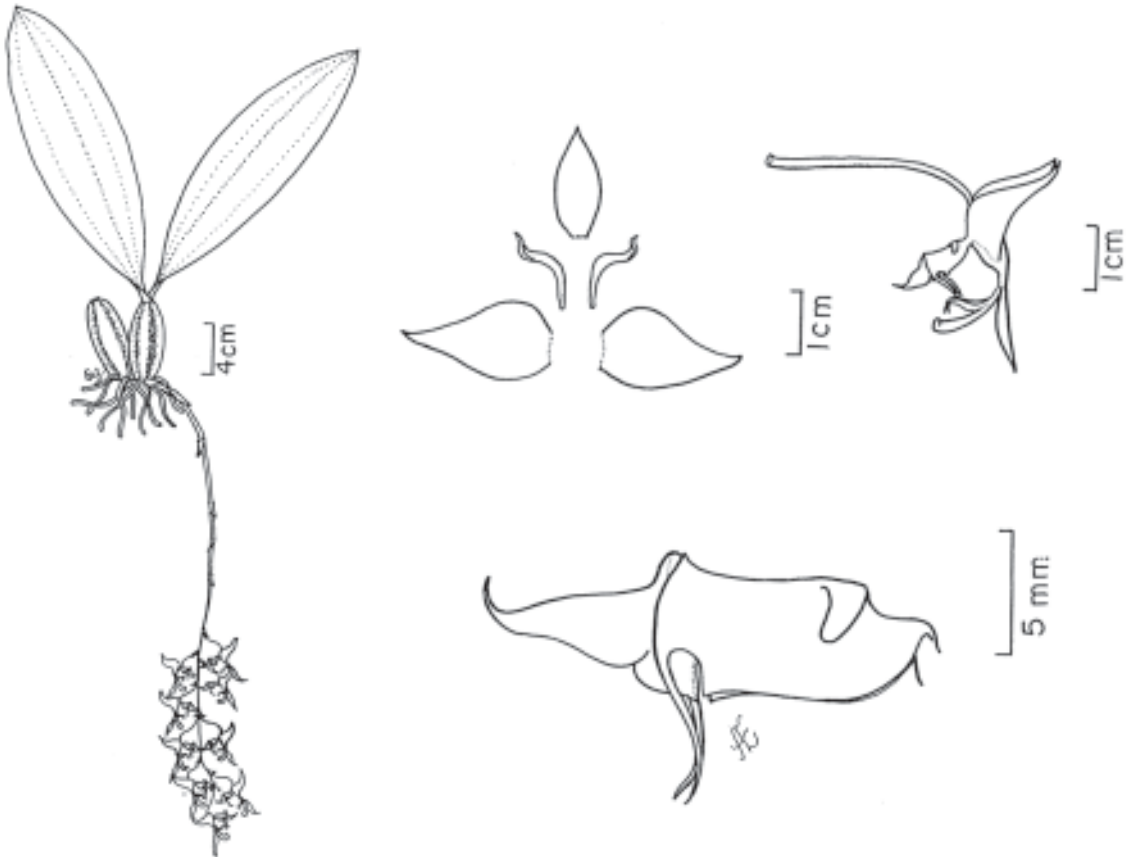
*Gongora juruaensis*

**Gênero:** *Gongora* Ruiz & Pavón  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Maxillarieae  
**Subtribo:** Stanhopeinae

O nome foi dado em homenagem a Don Antonio Caballero y Góngora, vigário de Nova Granada e depois Bispo de Córdoba. O gênero foi descrito em 1794 pelos botânicos espanhóis Hipólito Ruiz e José Antônio Pavon em *Prodromus Florae Peruviana et Chilensis* (p. 227). A descrição foi baseada na espécie TIPO *Gongora quinquenervis*. Muitas espécies têm sido descritas com diferentes nomes por causa do colorido variado das flores, o que tem causado grande confusão na identificação das espécies. Os trabalhos mais recentes foram publicados por Adolf Jenny e esclarecidas muitas dúvidas sobre este gênero. Na Amazônia brasileira, o número de espécies ainda é confuso e indeterminado, por isso, apresenta-se aqui espécies já identificadas. Vegetativamente, as plantas são iguais, com pseudobulbos sulcados e duas folhas com nervuras aparentes no ápice; de ambientes úmidos nos igapós, várzeas e floresta ciliar fechada, formando grandes touceiras; inflorescência longa e pendente com muitas flores. *Gongora minax* é a única espécie que foge à regra de ambiente, pois é do cerrado, crescendo nas palmeiras do gênero *Syagrus* em ambiente seco, com espécies do gênero *Galeandra* e *Catasetum*. O número de espécies reportado é muito variável, de 25 a 50, distribuídas nas regiões tropicais americanas, do México e sul das Índias Ocidentais ao Peru e Brasil.



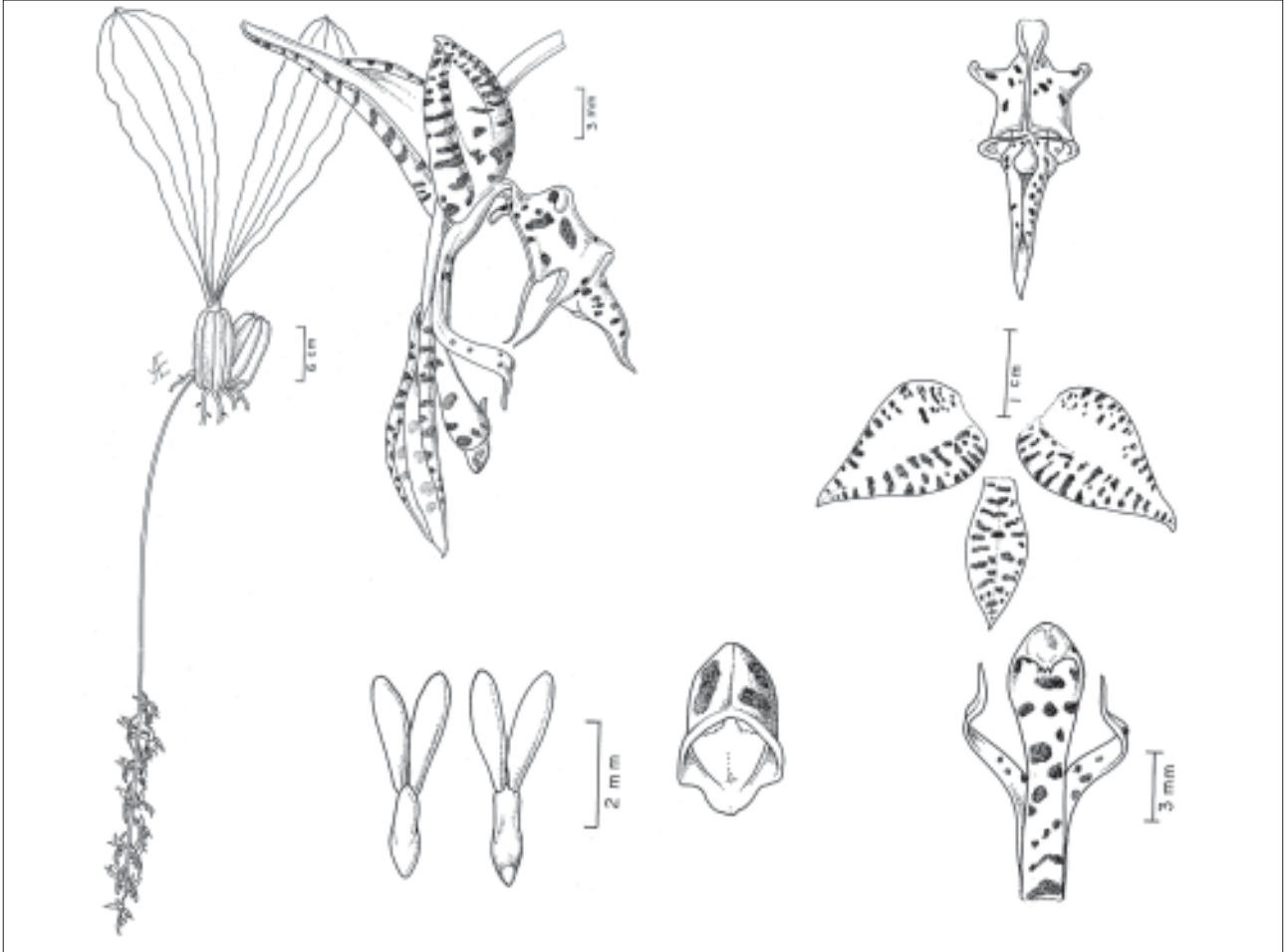
*Gongora histrionica*  
(Floresta ribeirinha, floresta de várzea, floresta de terra firme)



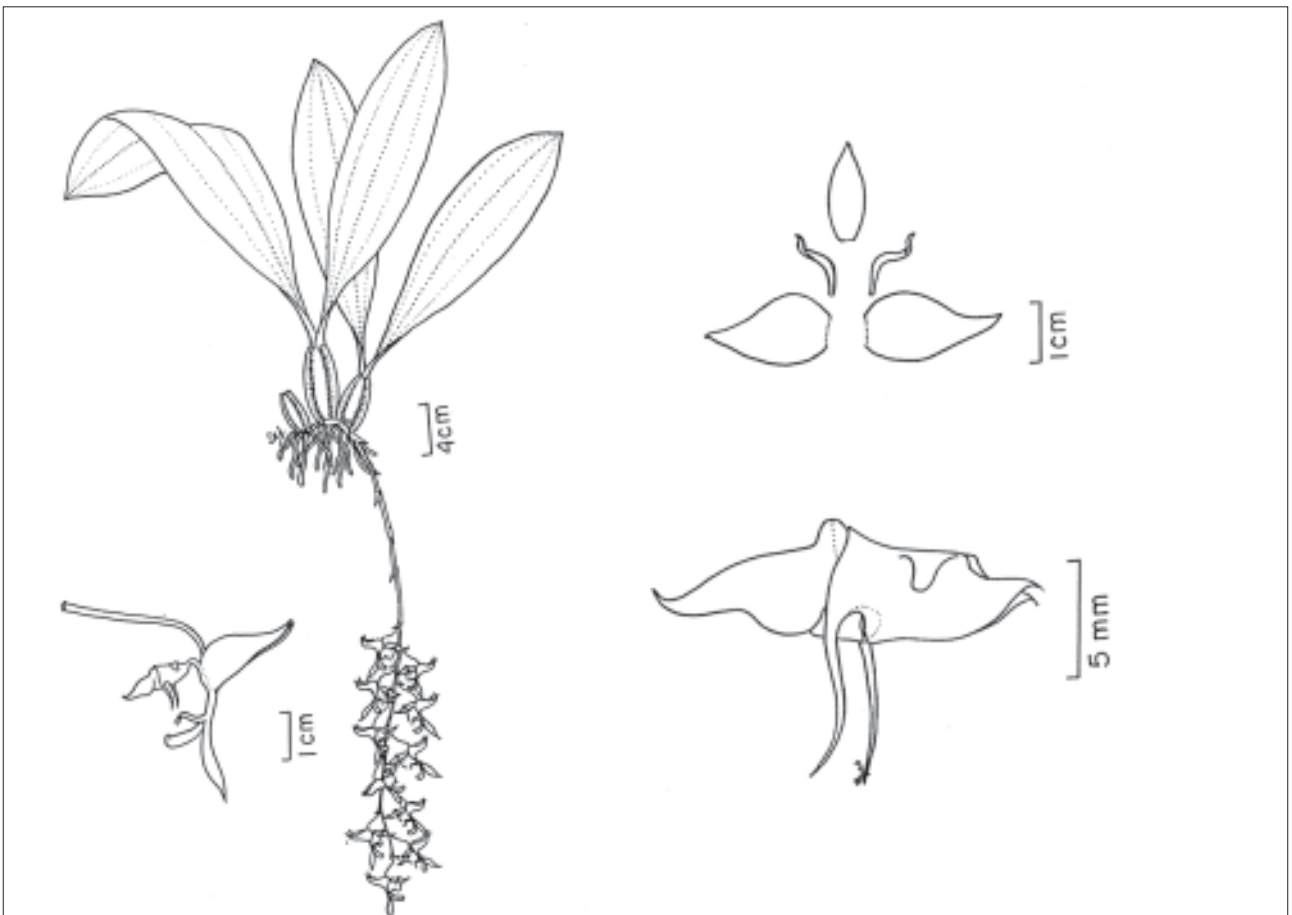


*Gongora pleiochroma*





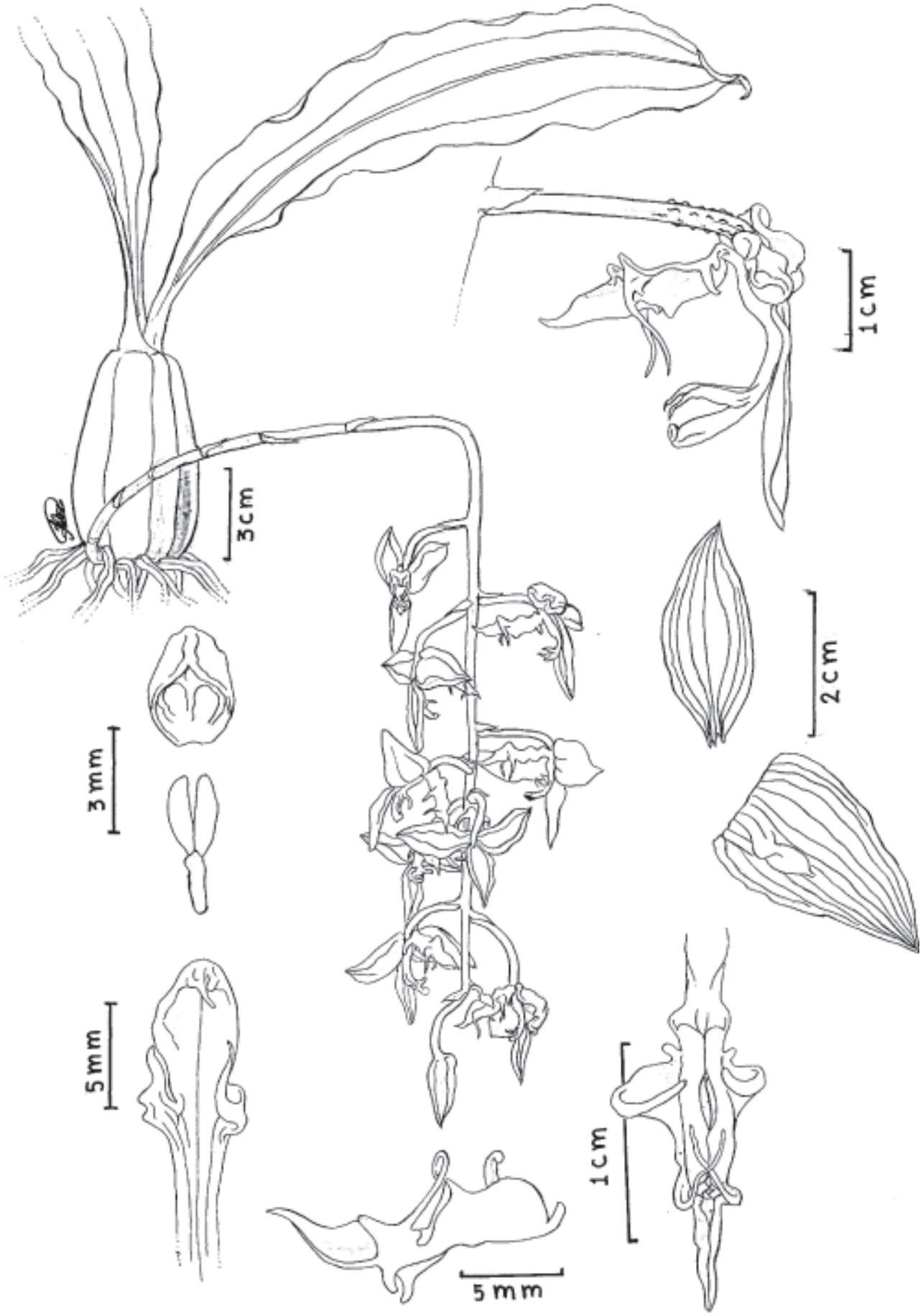
*Gongora pleiochroma*  
(Floresta de várzea, igapó e floresta de terra firme)





*Gongora pleiochroma*





*Gongora jauariensis*  
(Igapó)



*Gongora jauariensis*



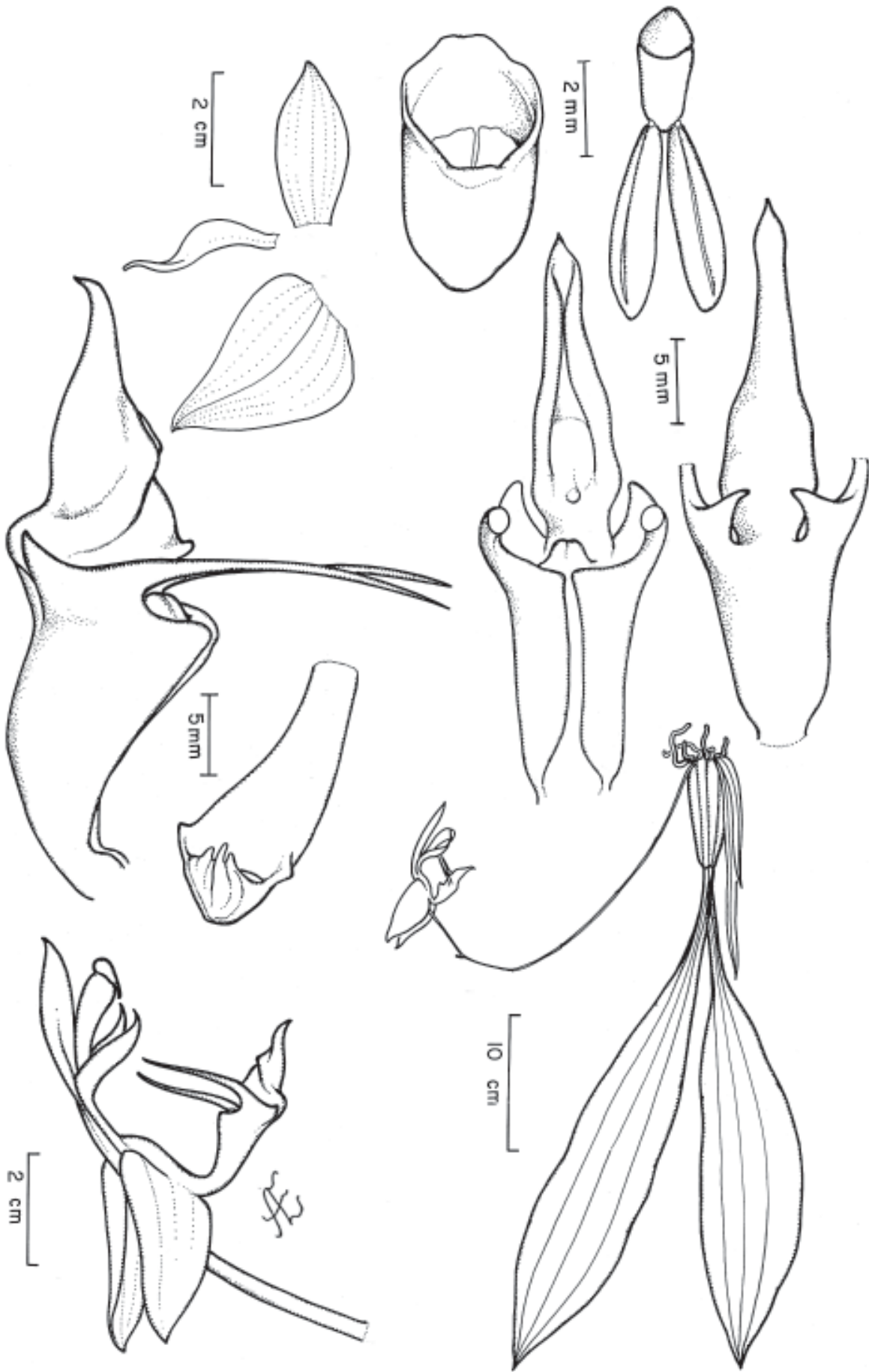
*Gongora atropurpurea*  
(Floresta de igapó)



*Gongora atropurpurea*



*Gongora minax*

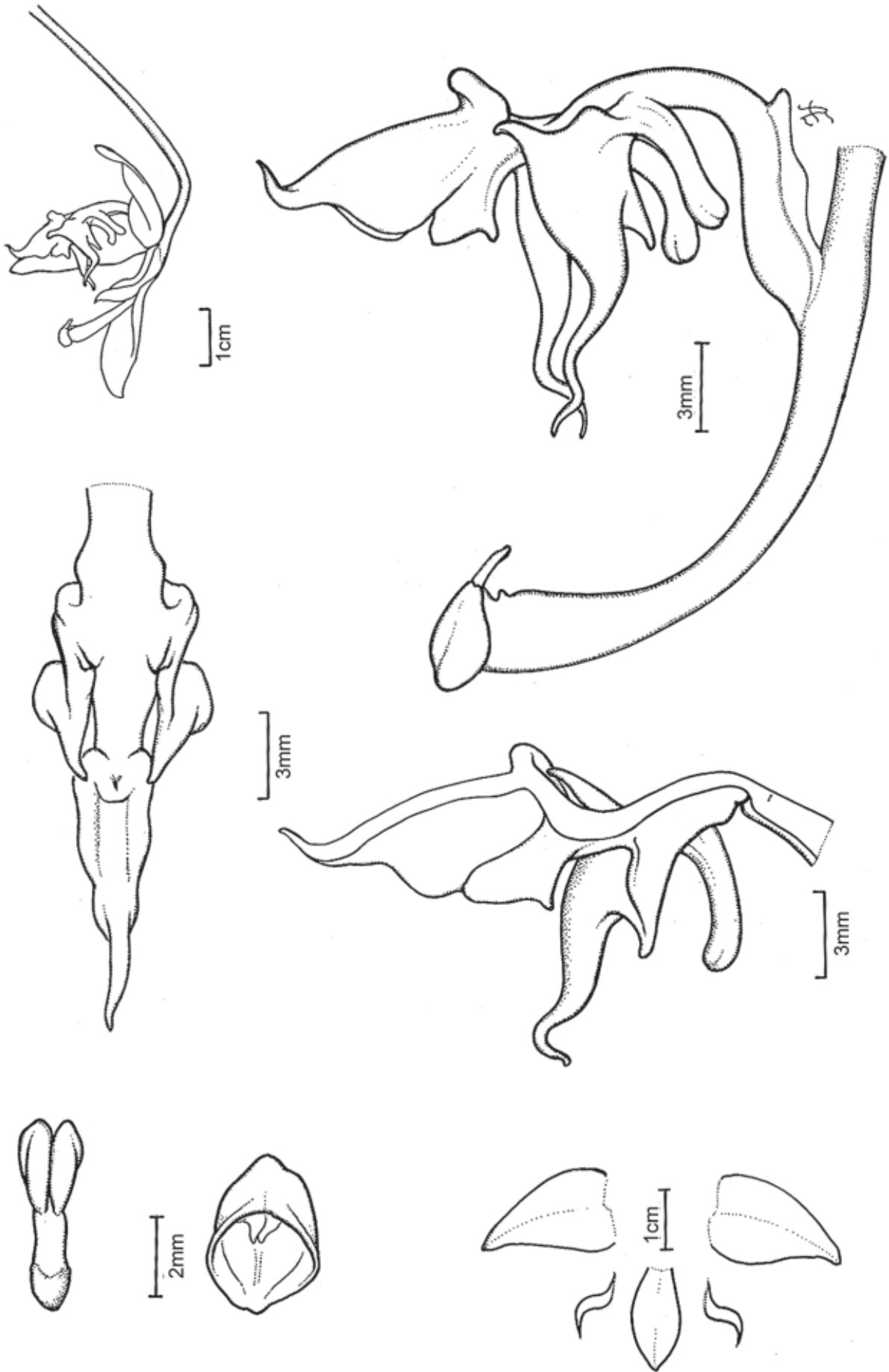


*Gongora minax*  
(Cerrado)

*Gongora miuaiensis*







*Gongora miuaiensis*  
(Igapó)

# Habenaria

**Gênero:** *Habenaria* Willd.  
**Subfamília:** Orchidoideae  
**Tribo:** Orchideae  
**Subtribo:** Habenariinae

*Habenaria trifida*  
(Campos naturais, cultivados e savanas)

O nome deriva do latim “*habena*” = alça, correia; em referência a uma forma de alça que divide as pétalas do labelo.

O gênero foi proposto, em 1805, por C. L. Willdenow, botânico germânico, na quarta edição do *Species Plantarum* (p. 44). É um dos gêneros mais numerosos de orquídeas terrestres, que reconheceu, na época, duas espécies. O gênero foi revisado por F. Kraenzlin em *Das Pflanzenreich* de Engler, quando foram reconhecidas 460 espécies agrupadas em duas seções. Muitos outros estudos foram conduzidos na África e nas Américas. Cerca de 600 espécies compõem o gênero, amplamente distribuídas nas áreas abertas das zonas tropicais e subtropicais de todos os continentes, em especial nas regiões tropicais da América do Sul, África e Ásia. A maioria das espécies é terrestre; há poucas semiaquáticas. A maioria apresenta flores verdes ou brancas, sem atrativos. *Habenaria trifida*, aqui apresentada, é natural de floresta aberta, capoeiras e campos de pastagem de terra firme, e ocorre na maioria dos estados da região amazônica.





*Habenaria longicauda*  
(Aquática e terrestre de terrenos inundáveis)



*Habenaria glazioviana*  
(Cerrado, solo inundável)



*Habenaria spathulifera*  
(Terrestre de terrenos inundáveis)



*Habenaria petalodes*  
(Campos inundáveis)



*Habenaria longipedicellata*  
(Solos inundados)



*Habenaria amazonica*  
(Savana)



*Habenaria heptadactyla*  
(Savana)



*Habenaria amambayensis*  
(Savana)



*Habenaria seticauda*  
(Savanas, campos inundáveis)



*Habenaria depressifolia*  
(Restinga e campina)

*Habenaria depressifolia*

Foto: Sérgio Queiroz



# Hexisea

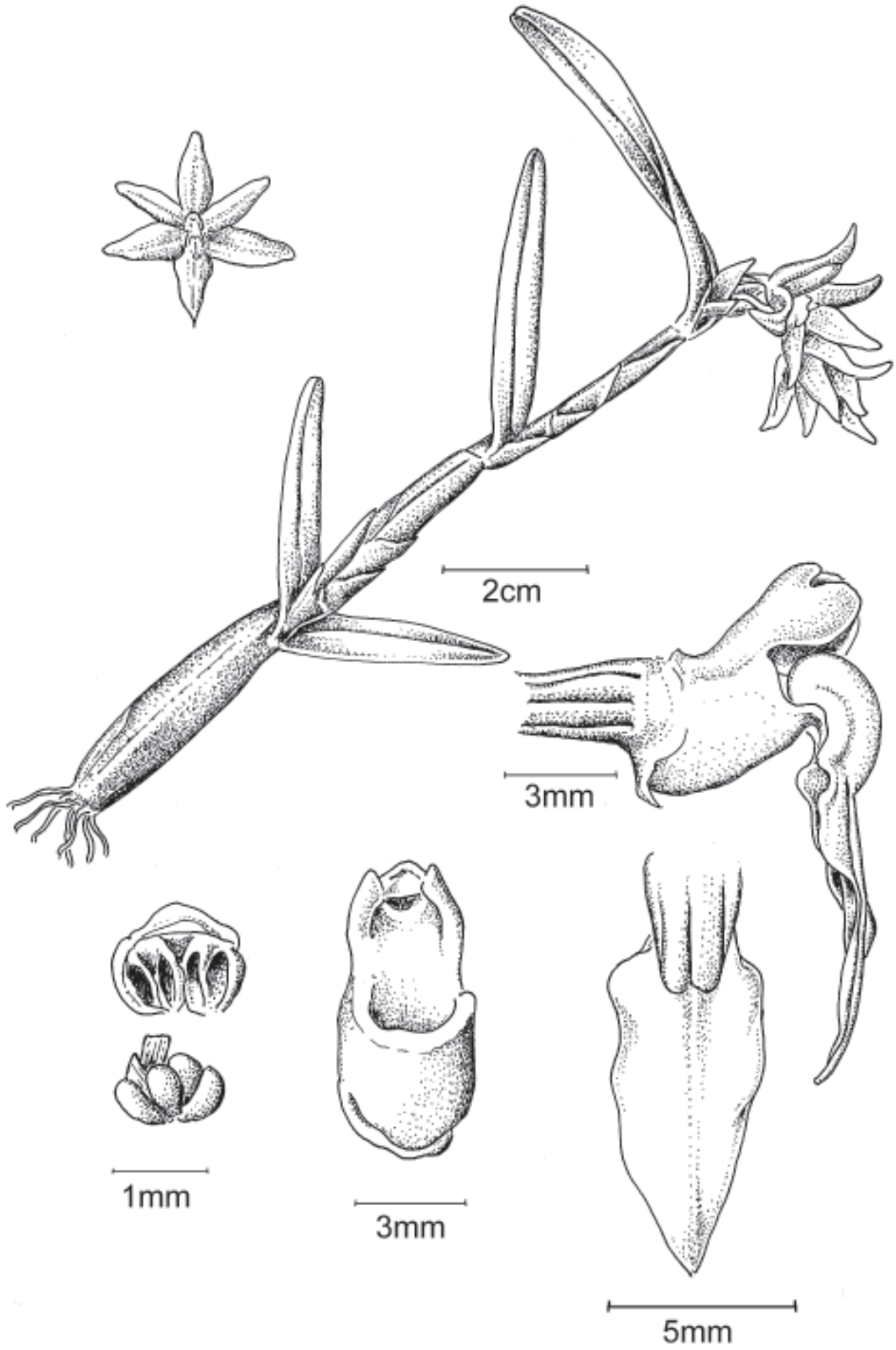
**Gênero:** *Hexisea* Lindl.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Epidendreae  
**Subtribo:** Laeliinae

O nome deriva do grego “*hex*” = seis, “*isos*” = igual, em alusão às seis peças do perianto, por serem quase iguais. O gênero foi descrito por John Lindley, em 1834, em *Journal of Botany* (p. 7) de Hooker. O espécime que serviu de TIPO, denominada *Hexisea bidentata*, veio do Panamá. O labelo é geniculado abaixo da coluna, a junção da continuação do labelo à base da coluna forma um nectário tubular. As cores predominantes das flores são o vermelho, o alaranjado e o amarelo. O gênero possui cerca de cinco espécies epífitas distribuídas na América Tropical, do México ao Peru e Brasil. Na Amazônia brasileira, ocorrem somente *H. bidentata* e *H. imbricata* nas regiões montanhosas da fronteira com a Venezuela, sendo mais abundantes no estado de Roraima.

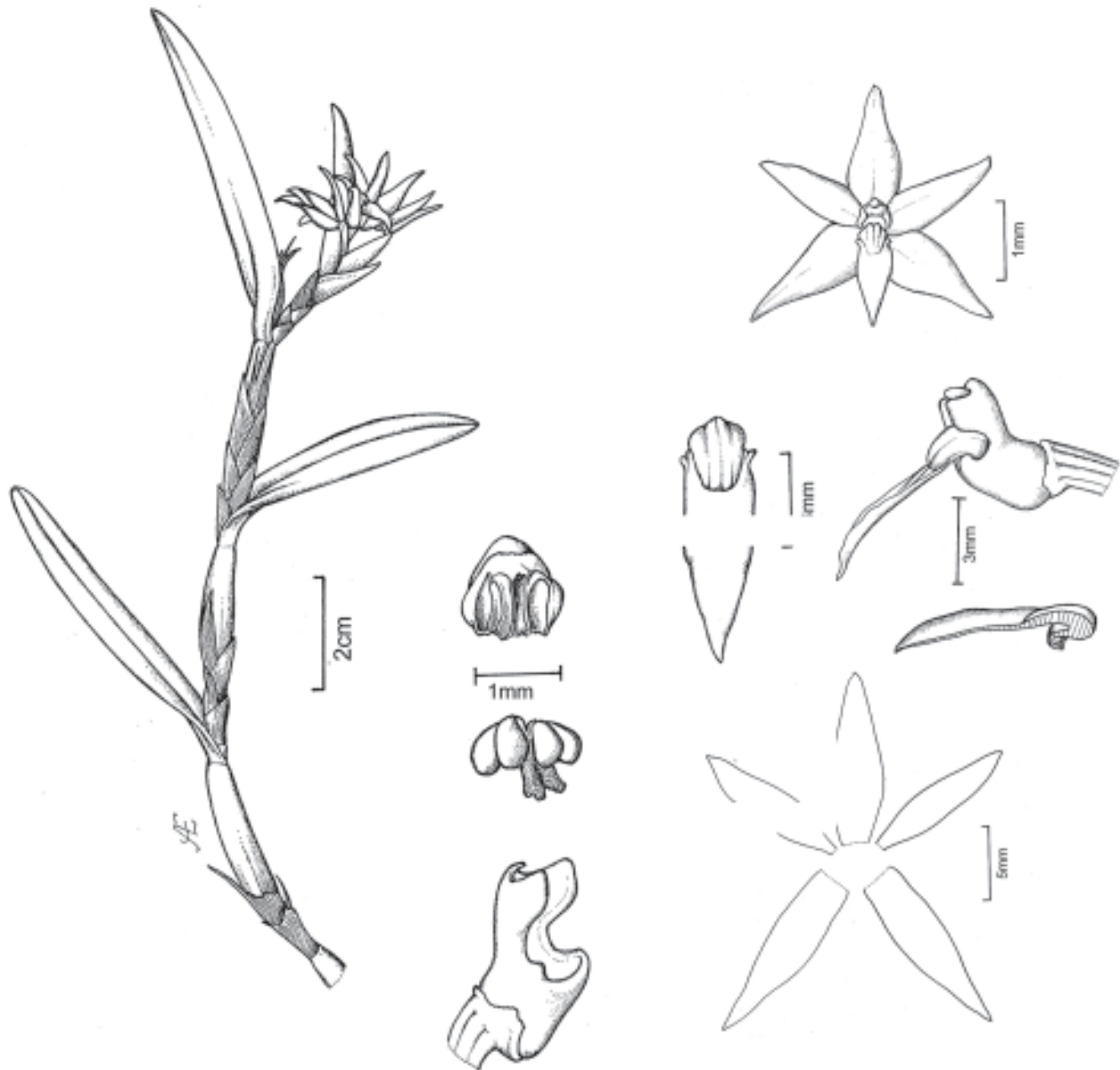
Foto: Jorge Macêdo

*Hexisea bidentata*  
(Floresta de altitude)





*Hexisea bidentata*



*Hexisea imbricata*  
(Floresta de altitude)



# Houlletia

**Gênero:** *Houlletia* Brongn.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Maxillariae  
**Subtribo:** Stanhopeinae



*Houlletia odoratissima*  
(Terrestre em floresta de altitude)

O nome foi dado em homenagem a M. Houliet, coletor da espécie TIPO *Houlletia stapeliaeflora*, cujo espécime foi coletado no Rio de Janeiro (Brasil). Mr. Houliet tornou-se, mais tarde, jardineiro chefe do *Jardin de Plante*, de Paris.

O gênero foi descrito em 1841 por A. Brongniart nos *Annales des Sciences Naturelles* (p. 37).

É um gênero afim de *Paphinia*, possuindo poucas espécies – em torno de sete, distribuídas nas regiões tropicais das Américas Central e do Sul, da Guatemala e Costa Rica à Colômbia, Brasil, Peru e Bolívia. São Plantas terrestres, com pseudobulbos grandes e folhas longas, com inflorescência surgindo da base do pseudobulbo com flores de colorido vivo, muito atrativas. *Houlletia odoratissima* foi coletada pela primeira vez no Brasil na serra Parima na fronteira com a Venezuela em 1991.

# Huntleya

**Gênero:** *Huntleya* Batem. ex Lindl.

**Subfamília:** Epidendroideae

**Tribo:** Maxillarieae

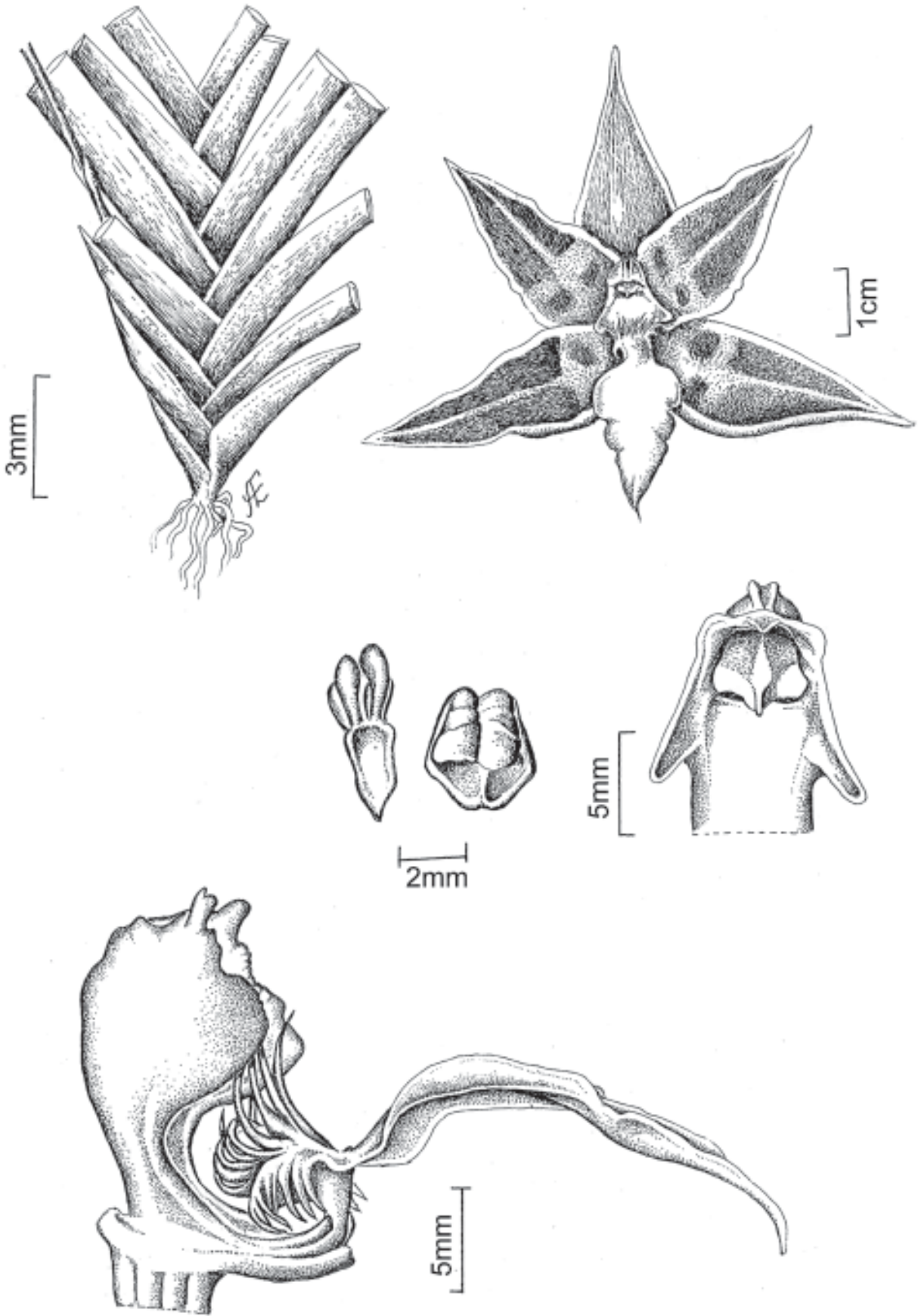
**Subtribo:** Zygopetalinae

O nome foi dado em homenagem a um entusiasta orquidófilo inglês, J. T. Huntley. O gênero foi descrito em 1837 por John Lindley, em *Botanical Register* (sub. tab. 1991). Em 1900, foi revisado por R. A. Rolfe no *Orchid Review*, quando foram reconhecidas seis espécies e uma variedade. J. Fowlie revisou o gênero em 1967 e 1974 no *Orchid Digest*, reconhecendo dez espécies.

A distribuição ocorre desde a América Central, Índias ocidentais e América do Sul. Para o Brasil central, era citada a espécie *Huntleya meleagris* Lindl. Recentemente registrou-se uma espécie para a Amazônia brasileira, até então desconhecida para a nossa flora, em floresta densa, superúmida, na encosta da serra da Neblina. Planta com folhas grandes e rizoma longo, sem pseudobulbos; a inflorescência surge da axila da folha.

*Huntleya lucida*



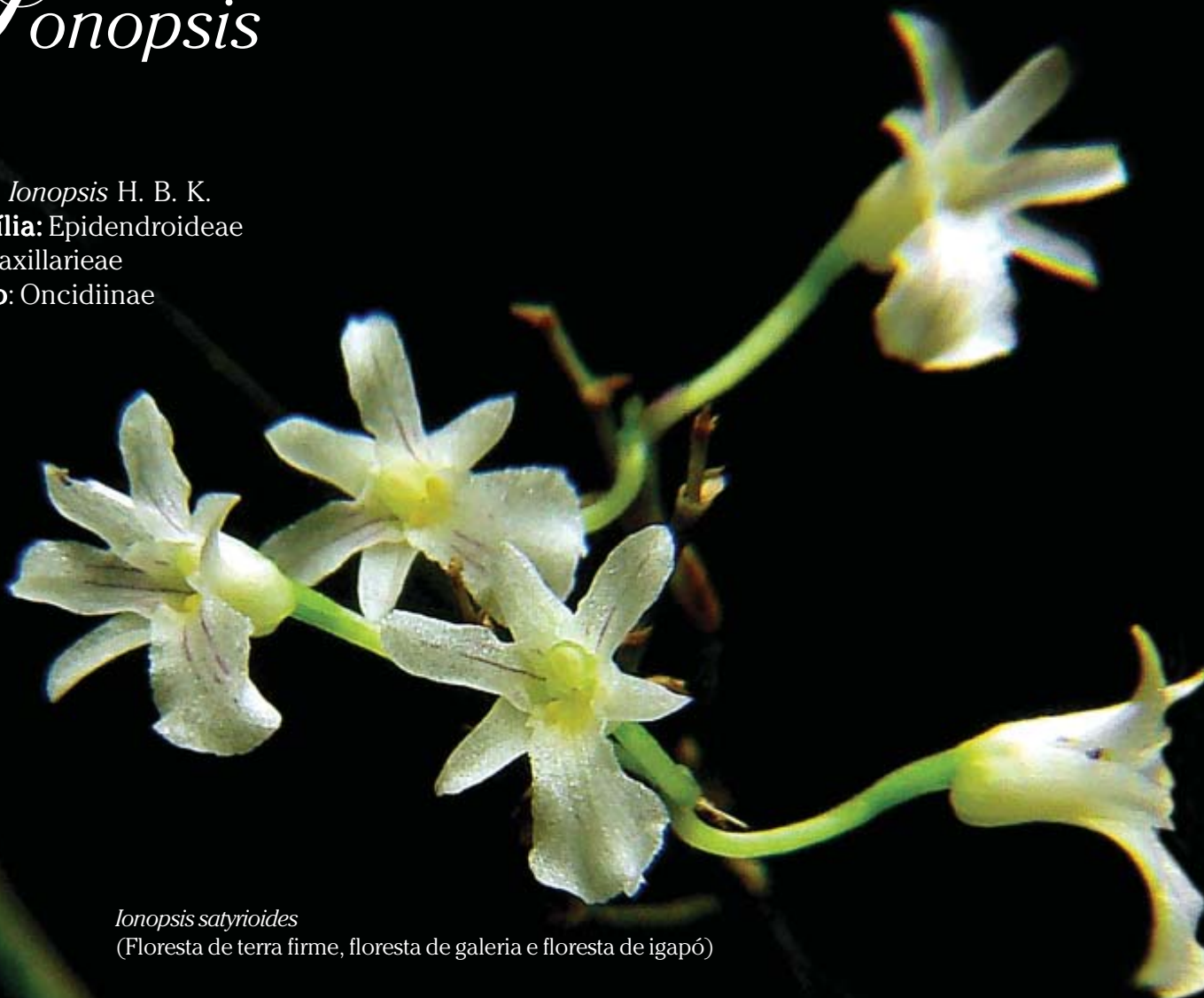


*Huntleya lucida*  
(Floresta úmida de altitude)

# *Ionopsis*

**Gênero:** *Ionopsis* H. B. K.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Maxillarieae  
**Subtribo:** Oncidiinae

Foto: Sérgio Queiroz



*Ionopsis satyrioides*  
(Floresta de terra firme, floresta de galeria e floresta de igapó)

O nome deriva do grego “*ion*” = violeta, “*opsis*” = aparência, em alusão à semelhança das flores com violetas do gênero *Viola*.

O gênero foi descrito, em 1815, na obra *Nova Genera et Species Plantarum* (p. 348, t. 83) de F.H. A. Humboldt, A. Bonpland e C. S. Kunth. É amplamente distribuído da Flórida e México às Ilhas Galapagos; da Bolívia ao Paraguai. Já foram publicadas mais de quinze espécies, porém nem todas são consideradas válidas, talvez duas e, destas, apenas *Ionopsis utricularioides* é encontrada com frequência nas coleções de orquídeas.

São plantas pequenas, com inflorescência maior que as plantas. No caso de *I. utricularioides*, tem inflorescência paniculada com muitas flores no ápice. É comum ser encontrada em fruteiras como goiabeiras, laranjeiras e cuieiras nos pomares, cobrindo totalmente estas árvores.



Foto: Sérgio Queiroz

*Ionopsis utricularioides*  
(Floresta de terra firme, floresta de galeria, floresta de igapó e cerrado)

# *Isochilus*

**Gênero:** *Isochilus* R. Br.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Epidendreae  
**Subtribo:** Laeliinae



*Isochilus linearis*  
(Floresta úmida submontana)

O nome do gênero deriva do latim: “isos” = igual, “cheilos” = labelo, por que o labelo e as sépalas têm a mesma forma.

Um pequeno gênero com cerca de quatro espécies distribuídas na América Central, Costa Rica, Panamá e Guatemala. Plantas epífitas, caule com pequenas folhas distribuídas de baixo até em cima, raízes grossas e inflorescência terminal de flores pequenas de cores vivas do rosa até o violáceo e lilás. *Isochilus linearis* é a única espécie brasileira do Sudeste e Nordeste nas florestas com influência da mata atlântica, encontrada na Amazônia brasileira no estado de Roraima, nas florestas de encosta das serras Parima e Pacaraima.



# *Jacquiniella*

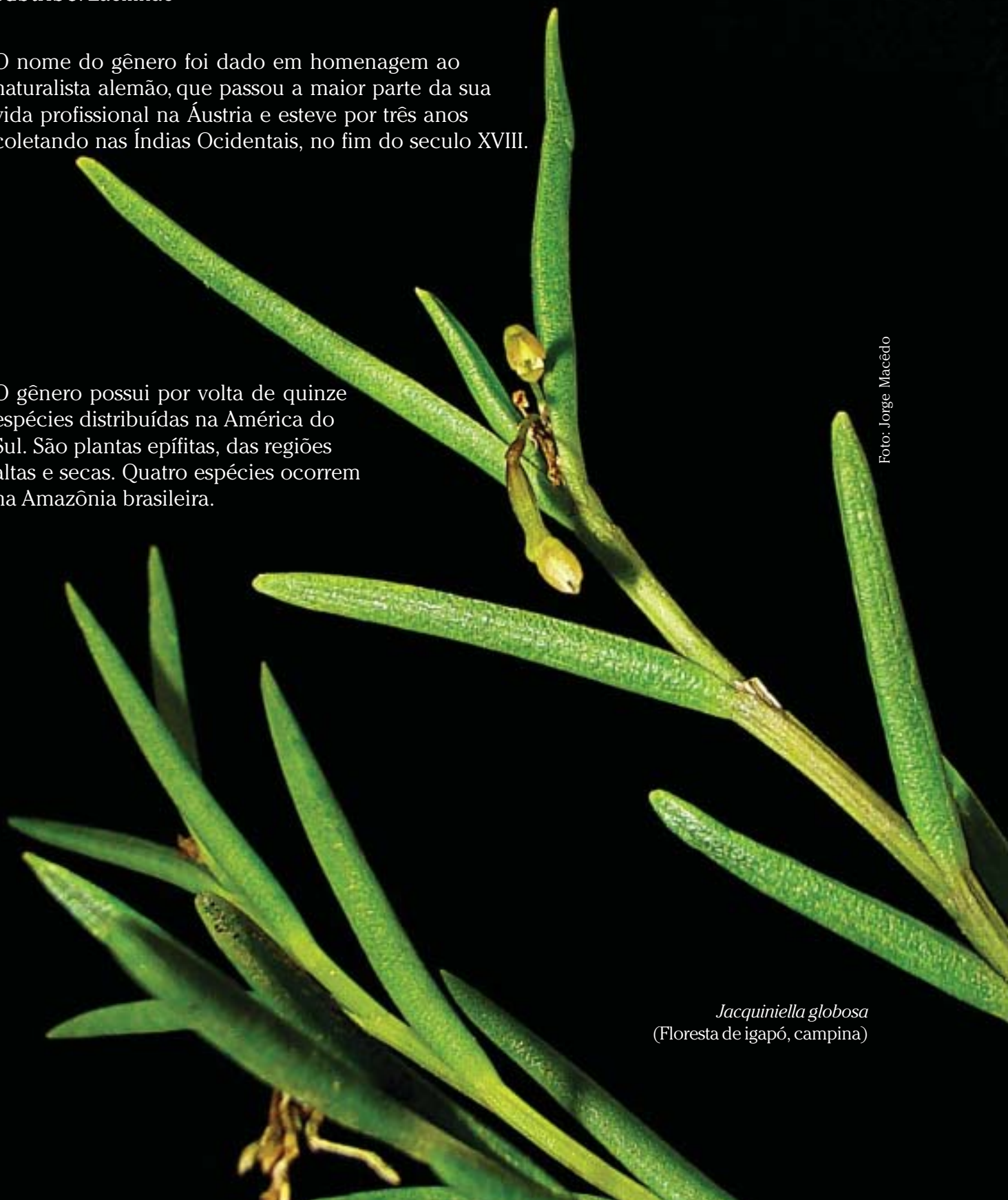
**Gênero:** *Jacquiniella* Schltr.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Epidendreae  
**Subtribo:** Laeliinae

O nome do gênero foi dado em homenagem ao naturalista alemão, que passou a maior parte da sua vida profissional na Áustria e esteve por três anos coletando nas Índias Ocidentais, no fim do século XVIII.

O gênero possui por volta de quinze espécies distribuídas na América do Sul. São plantas epífitas, das regiões altas e secas. Quatro espécies ocorrem na Amazônia brasileira.

Foto: Jorge Macêdo

*Jacquiniella globosa*  
(Floresta de igapó, campina)



# *Kefersteinia*

**Gênero:** *Kefersteinia* Reichb.f.

**Subfamília:** Epidendroide

**Tribo:** Maxillariae

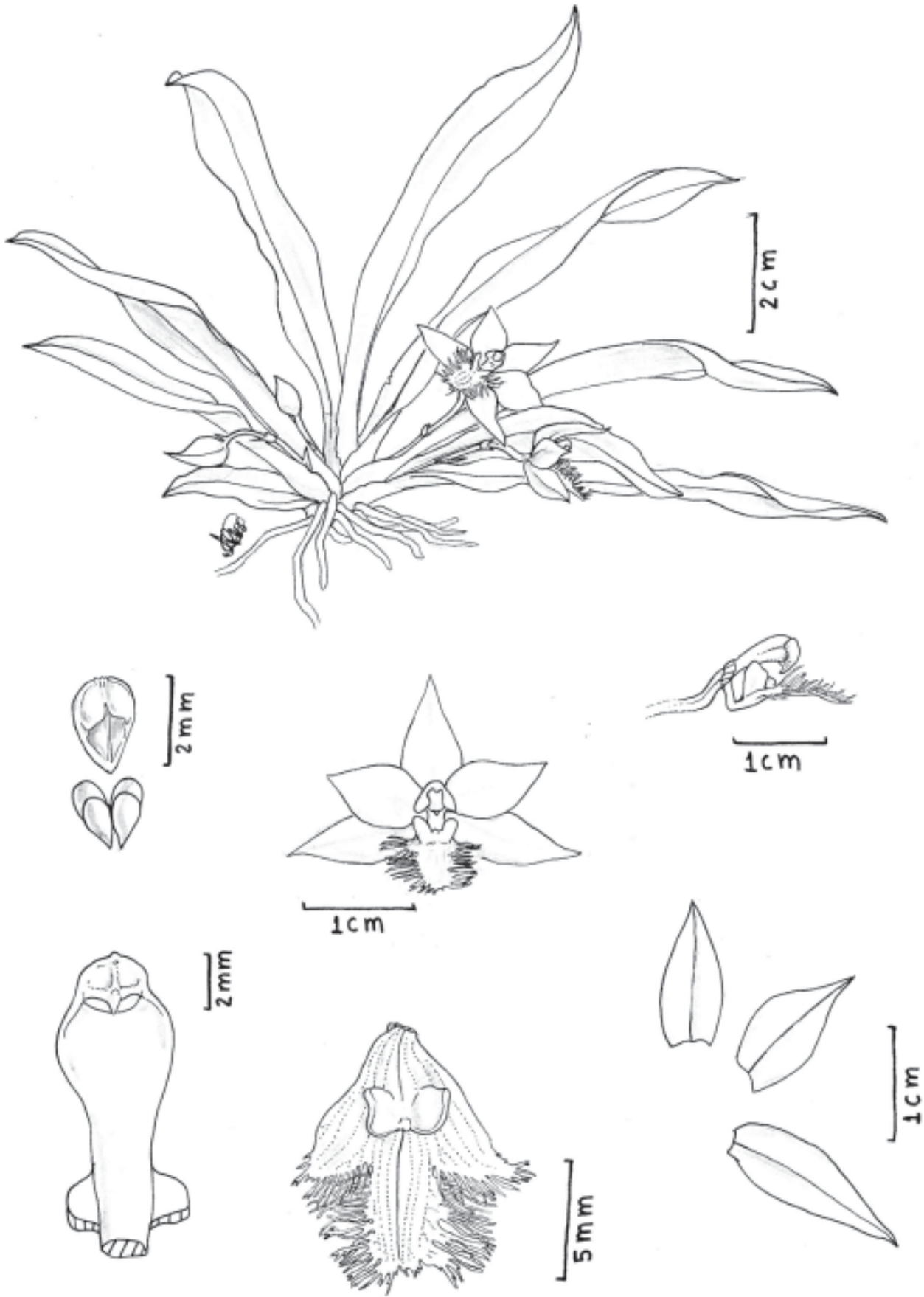
**Subtribo:** Zygopetalinae

O gênero foi descrito por Reichenbach, em 1852, em homenagem a Her Keferstein. As plantas não têm pseudobulbos, semelhantes às *Cochleanthes* e *Huntleyas*. Cerca de trinta espécies já foram descritas da Costa Rica à Colômbia, nas florestas de clima superúmido. As flores são de tamanho médio para grande.

No Brasil, foi coletada pela primeira vez por André Cardoso, em 1999, espécie ainda não identificada.



*Kefersteinia* sp.



*Kefersteinia* sp.  
(Floresta submontana)

# Koellensteinia

**Gênero:** *Koellensteinia* Reichb. f.

**Subfamília:** Epidendroideae

**Tribo:** Maxillarieae

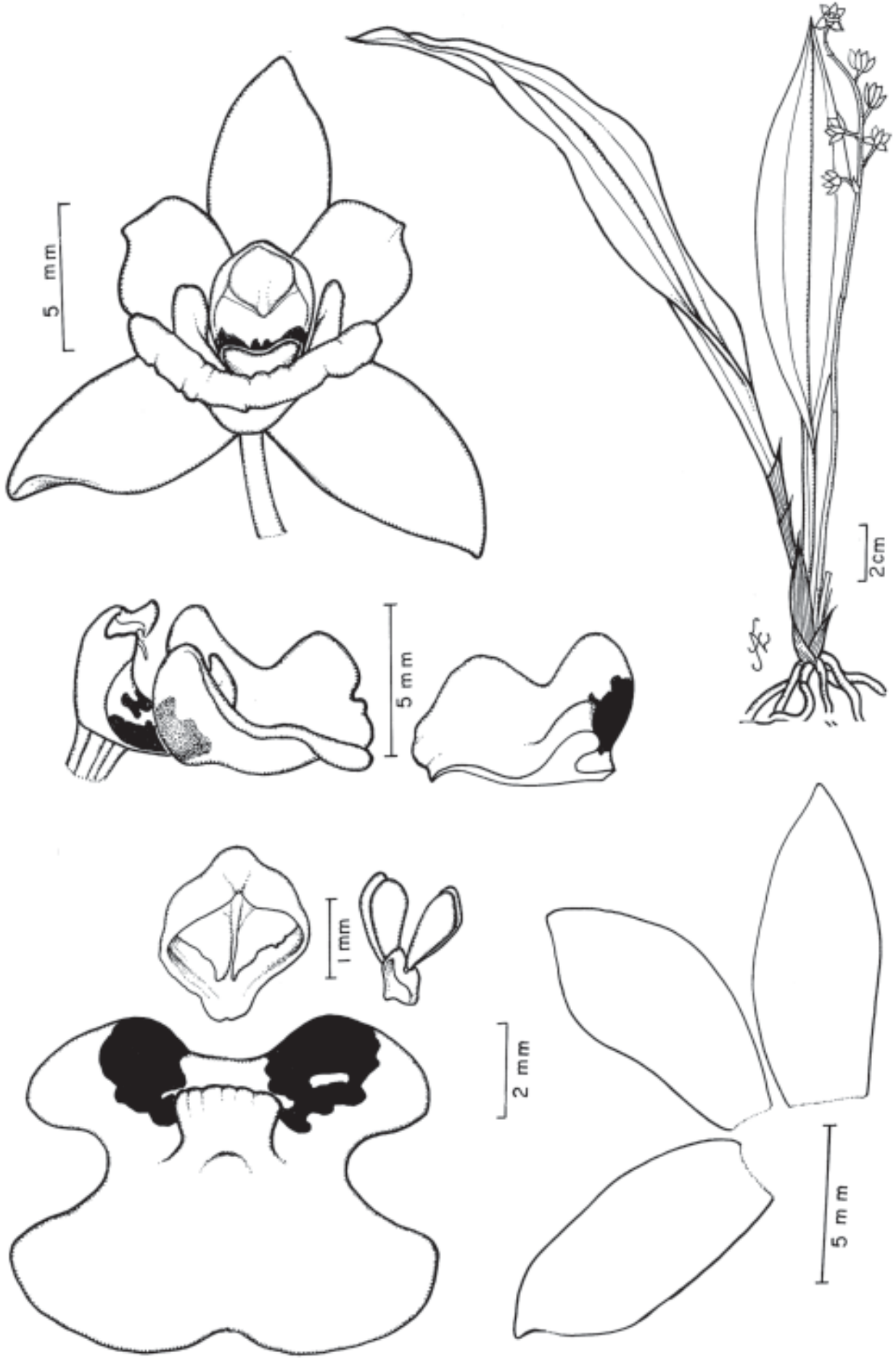
**Subtribo:** Zigopetalinae

O nome foi dado em homenagem ao capitão austríaco Kellner von Koellenstein, coletor e cultivador de plantas.

O gênero foi descrito em 1854 por H. G. Reichenbach em *Bonplandia* 2: 17, p. 17, 1854, baseado em plantas vindas da Venezuela e Colômbia. É um gênero de plantas terrestres do cerrado e savanas do Norte do Brasil, Sudeste e Brasil Central, sempre próximas de cursos d'água em áreas abertas.

*Koellensteinia carraoensis*

As folhas confundem-se com as de algumas *Iridáceas*, *Gramineas* e *Cyperáceas*. *K. graminea* é a única espécie epífita. *K. kellneriana* é terrestre e encontrada nas savanas do estado de Roraima, enquanto que *K. hyacinthoides* é terrestre de solos arenosos das campinas de areia branca e campinaranas inundáveis do Alto Rio Negro, no estado do Amazonas. Uma outra espécie ainda não identificada aparece nos afloramentos rochosos do estado do Amapá.



*Koellesnteinia carraoensis*  
(Savana)

Foto: Sérgio Queiroz

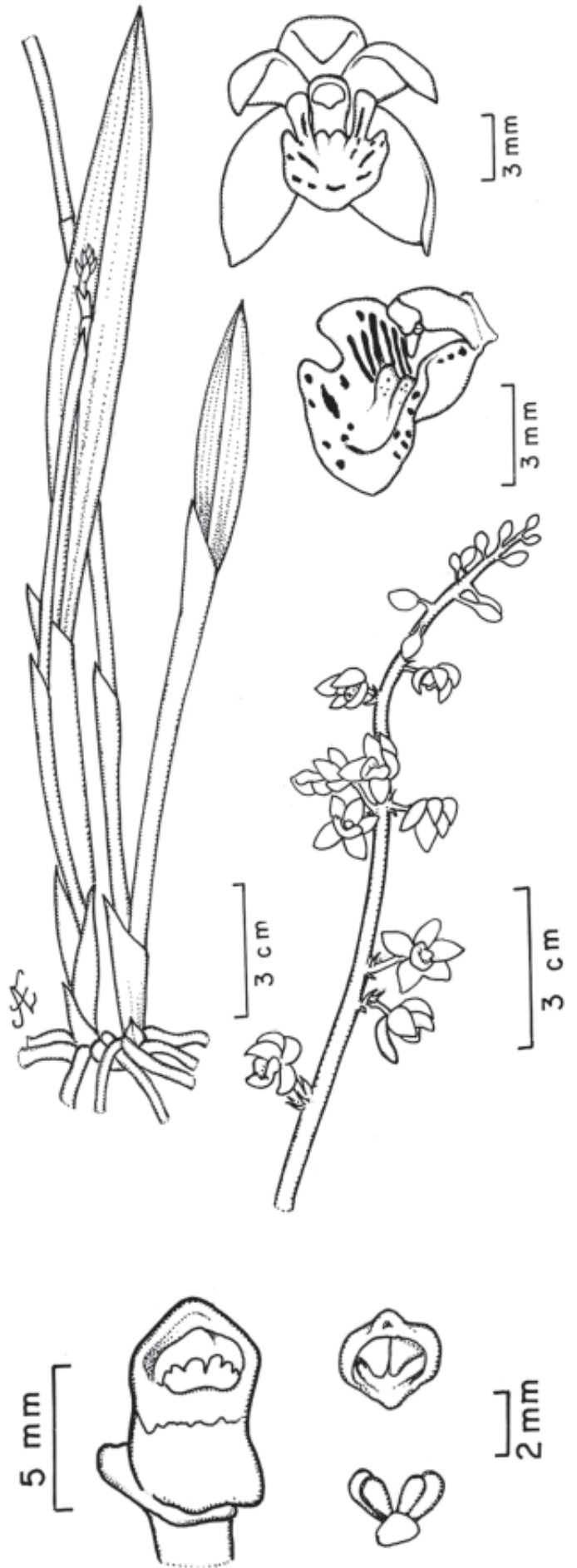


*Koellensteinia graminea*  
(Floresta ribeirinha)



*Koellensteinia hyacinthoides*  
(Campina de areia branca e campinaranas inundáveis)

Foto: André Cardoso



*Koellesnteinia kellneriana*  
(Savana)

# Leochilus

**Gênero:** *Leochilus* Know. & Westc.

**Subfamília:** Epidendroideae


**Tribo:** Maxillarieae

**Subtribo:** Oncidiinae

O nome do gênero deriva do latim: “*leukos*” = branco, “*orchis*” = orquídea, devido às flores brancas.

O gênero foi descrito por G. Knowles e F. Wescott, em 1838, em *Floral Cabinet* (p. 143). Em 1922, foi feita uma revisão, por F. Kraenzlin em *A. Engler's das Pflanzenreich*.

Possui apenas cinco espécies, distribuídas na América tropical. Destas, somente *Leochilus labiatus* ocorre na Amazônia brasileira. Espécie epífita com o mesmo hábito das *Rodriguezias*, crescendo nos galhos mais finos de pequenas árvores nos pomares e margens de igarapés. Este é o primeiro registro do gênero para a Amazônia.



*Leochilus labiatus*  
(Floresta submontana)



# Lepanthes

*Lepanthes* sp.  
(Floresta submontana, clima superúmido)

**Gênero:** *Lepanthes* Sw.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Epidendreae  
**Subtribo:** Pleurothallidinae

O gênero foi descrito, em 1799, pelo botânico suíço Olof Swartz em *Nova Acta Regiae Societatis Scientiarum Upsaliensis* (p. 85), baseado em uma planta que havia sido descrita dez anos antes como *Epidendrum ovale*. Há mais de 1000 espécies de *Lepanthes*, a maioria encontra-se distribuída nas altas altitudes das montanhas da América Central e do Sul e das Índias Ocidentais. O centro de dispersão do gênero está no Equador e Colômbia. Poucas espécies têm distribuição geográfica ampla, a maioria é endêmica de áreas restritas. Na Amazônia brasileira, até pouco tempo eram conhecidas somente *Lepanthes brasiliensis* e *L. helichocephala*, porém, este número aumentou com novas coletas nas regiões montanhosas do estado de Roraima.

Foto: Sérgio Queiroz





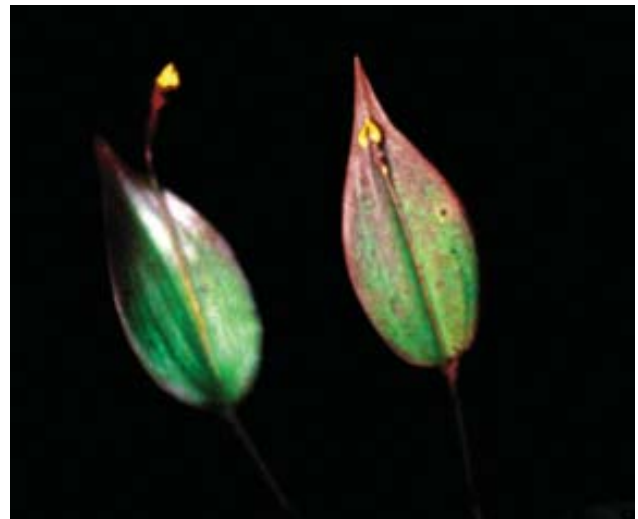
*Lepanthes turialvae*  
(Floresta submontana, clima superúmido)



*Lepanthes helicocephala*  
(Floresta ribeirinha)



*Lepanthes pariaensis*



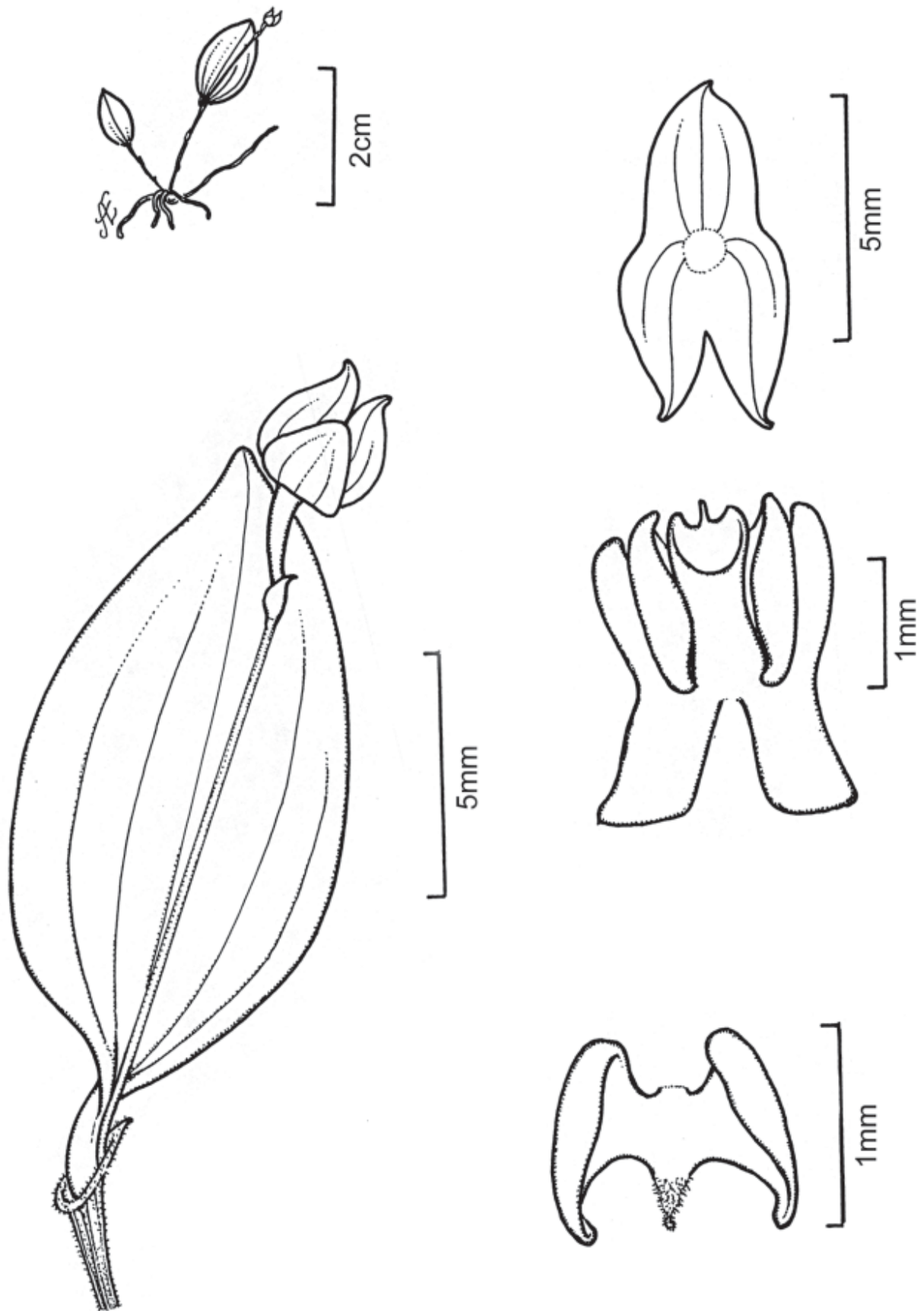
*Lepanthes* sp.



*Lepanthes* sp.  
(Floresta submontana, clima superúmido)



*Lepanthes brasiliensis*  
(Floresta ribeirinha)



*Lepanthes pariaensis*  
(Floresta submontana, clima superúmido)



*Lepanthes* sp.

# Lepanthopsis

**Gênero:** *Lepanthopsis* (Cogn.) Ames  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Epidendreae  
**Subtribo:** Pleurothallidinae

O nome do gênero foi dado devido a semelhança ao seu aliado *Lepanthes*. A espécie TIPO foi descrita primeiro como *Pleurothallis floripecten* por Reichenbach em 1854, baseado em uma planta coletada na Venezuela. Por muitos anos, *Lepanthopsis* foi considerado como uma secção de *Pleurothallis*. Finalmente, em 1933, Oakes Ames o elevou a categoria de gênero no *Botanical Museum Leaflets of Harvard University* (1; p.3).

Possui cerca de quase cinquenta espécies amplamente distribuídas da Flórida, México e Índias Ocidentais, ao sul do Brasil e Peru. São pequenas plantas epífitas, com inflorescência de muitas flores pequenas saindo da base da folha. Na Amazônia brasileira, por falta de coletas, são conhecidas somente duas espécies.

*Lepanthopsis floripecten*  
(Floresta de altitude)



# Leucohyle

**Gênero:** *Leucohyle* Klotzsch

**Subfamília:** Cymbidioideae

**Tribo:** Maxillarieae

**Subtribo:** Oncidiinae

O nome do gênero deriva do latim “*leukos*” = branco, “*orchis*” = orquídea, devido à cor das flores.

Possui apenas cinco espécies, das quais somente duas ocorrem na Amazônia brasileira. São plantas epífitas de florestas úmidas e sombreadas, têm hábito pendente e folhas quase roliças, confundindo-se com pequenas *Brassavolas*. As flores de tamanho menor que as de *Brassavola*, são muito semelhantes, cujo engano levou *L. mutica* ser descrita primeiramente como *Brassavola*, baseada em planta coletada na ilha das Onças em frente a Belém, cujo TIPO está depositado no Herbário do Museu Paraense Emílio Goeldi.



*Leucohyle brasiliensis*  
(Floresta úmida)



*Leucohyle mutica*  
(Floresta de várzea com influência de maré)

# *Liparis*

**Gênero:** *Liparis* L.C. Rich.

**Subfamília:** Epidendroideae

**Tribo:** Malaxidae

O nome deriva do grego “*liparos*” = lustroso, brilhoso ou gorduroso, em referência ao brilho lustroso das folhas de muitas espécies.

O gênero foi descrito em 1818 por L.C. Richard, em *Mémoires du Muséum d’Histoire Naturelle, Paris* p.43,520. É um gênero grande, possuindo mais de 250 espécies, amplamente distribuídas nas regiões temperadas, Japão e China, América Central e do Sul. Na Amazônia brasileira, ocorre somente *Liparis nervosa*. São plantas pequenas que vivem nos húmus sobre rochas, em lugares úmidos e nos areiais embrejados.

*Liparis nervosa*  
(Terrestre e saprófita do interior de floresta e de campo rupestre)



# Lockhartia

**Gênero:** *Lockhartia* Hook.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Maxillarieae  
**Subtribo:** Oncidiinae



*Lockhartia latilabris*  
(Floresta de galeria em  
altitude acima de 1000 m)

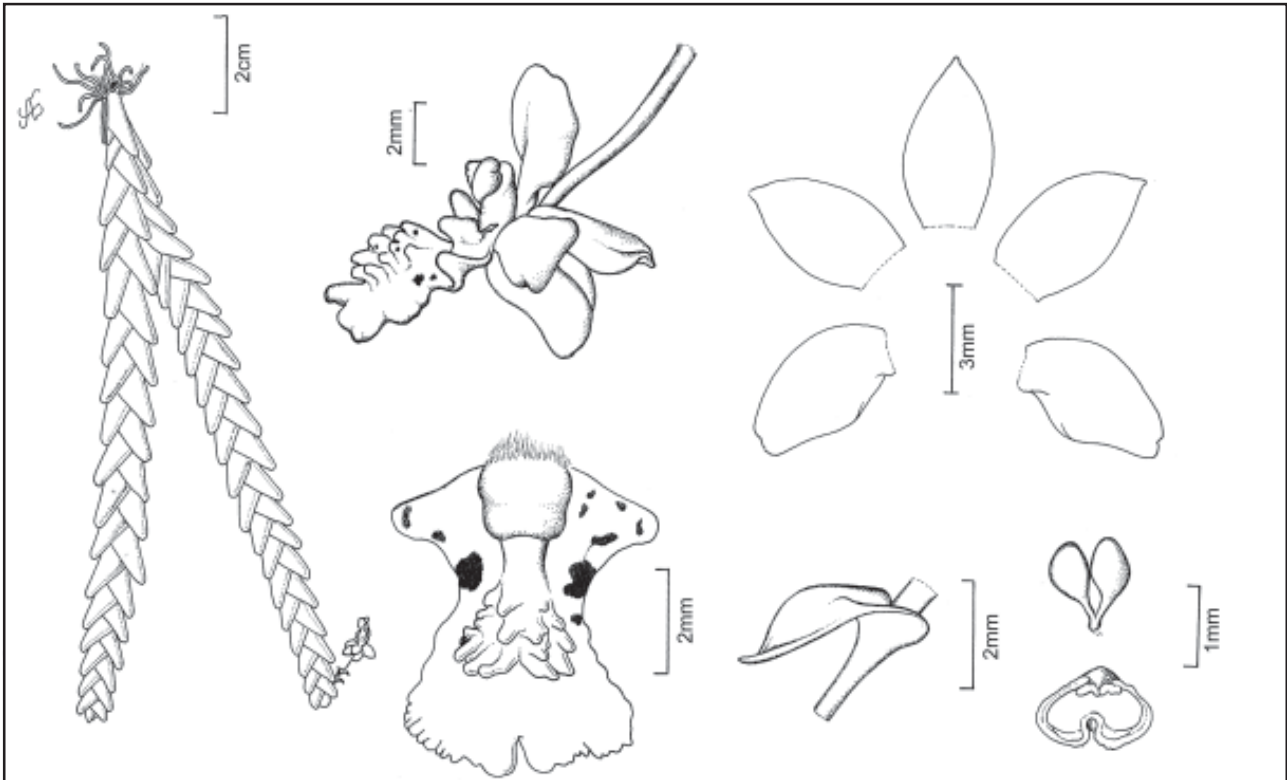
O nome do gênero foi dado em homenagem ao primeiro diretor do Jardim Botânico de Trinidad, David Lockhart, coletor da espécie TIPO, *Lockhartia elegans*, que foi enviada ao Jardim Botânico de Kew, onde floresceu. Foi descrito em 1827 por Sir William Hooker em *Botanical Magazine* (t. 2715). O gênero é composto por mais de trinta espécies distribuídas no México, nordeste e sul da América do Sul e Trinidad. Plantas epífitas, sem pseudobulbos com folhas dísticas equitantes, em muitas espécies de *Lockhartia*; as flores lembram as de *Oncidium*, de cor amarela manchadas de marrom. Quatro espécies ocorrem na Amazônia brasileira, sendo *L. latilabris* uma nova ocorrência para a flora brasileira e *L. ivanae* uma espécie inédita para a ciência, coletada no estado do Pará. Todas são epífitas, formando grandes touceiras nos troncos e galhos mais grossos das árvores em floresta de terra firme, floresta de igapó, várzea e cerrado.



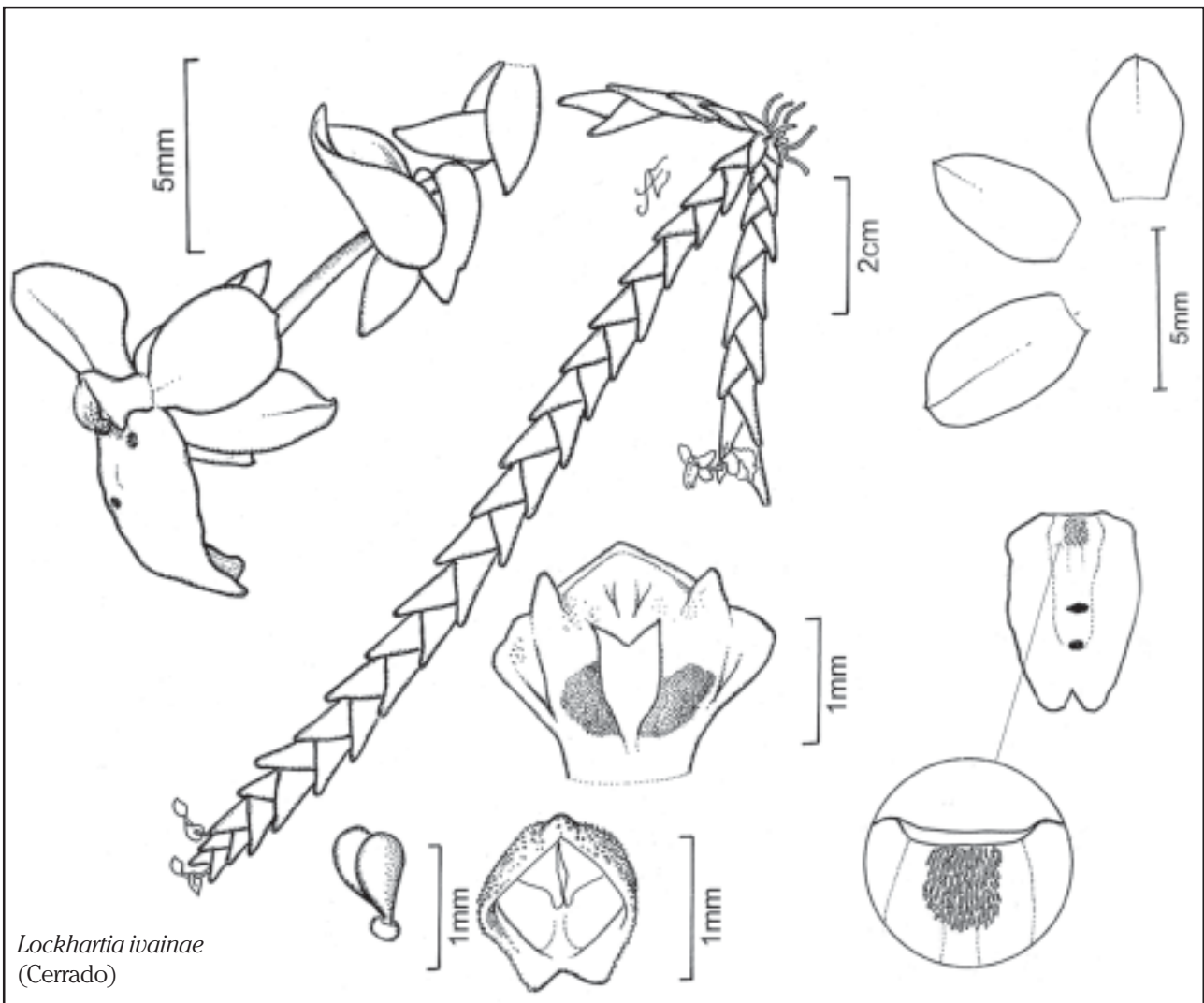


*Lockhartia imbricata*





*Lockhartia imbricata*  
(Todos os tipos de floresta, áreas abertas, pomares, etc.)



*Lockhartia ivainae*  
(Cerrado)



*Lockhartia ivainae*



*Lockhartia lunifera*  
(Floresta de galeria)



# Lycaste

**Gênero:** *Lycaste* Lindl.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Maxillarieae  
**Subtribo:** Lycastinae

*Lycaste aromatica*  
(Floresta úmida)

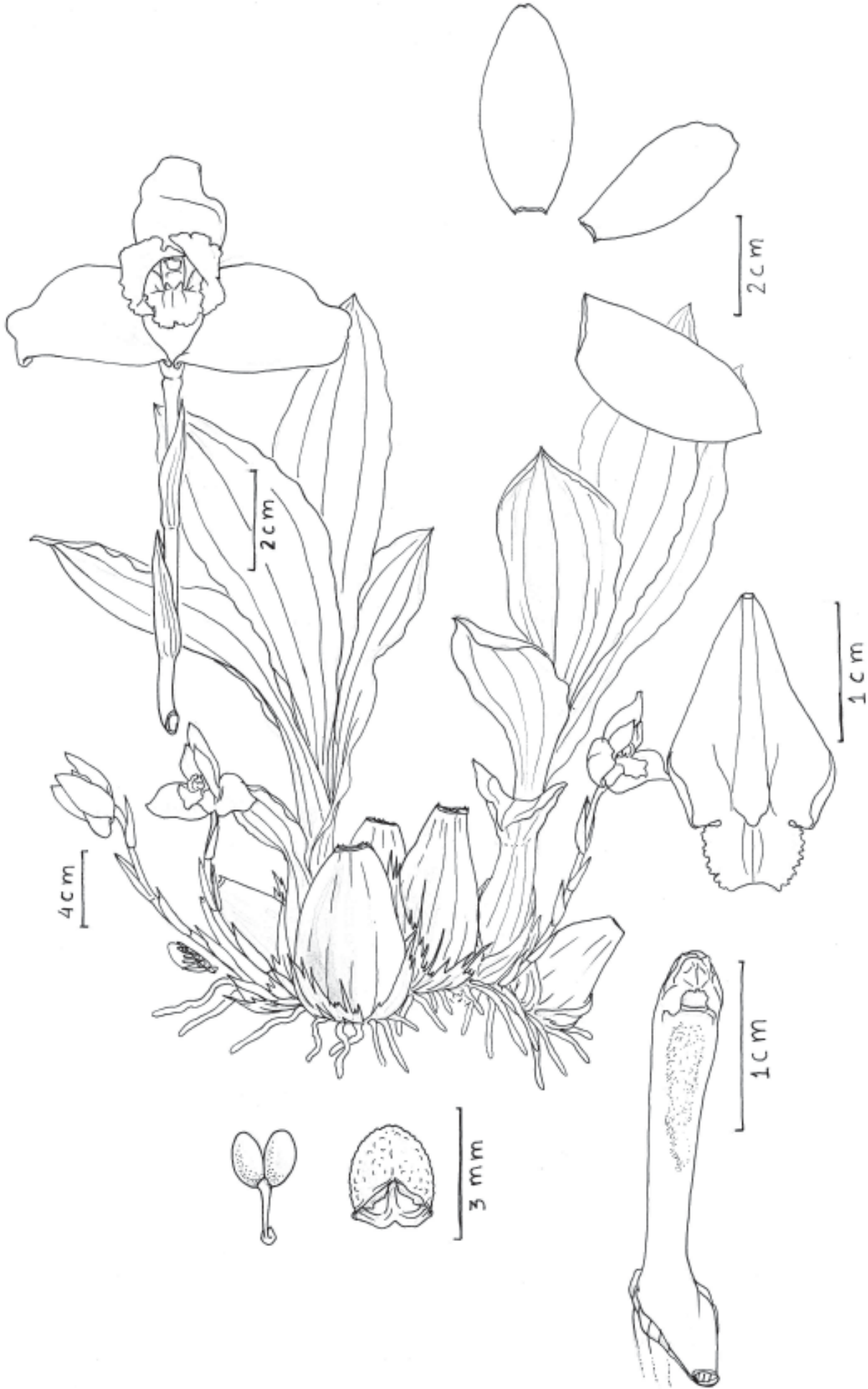
O nome do gênero deriva de Lycaste, a formosa filha do rei Priam, de Tróia. Foi descrito em 1843, por John Lindley, em *Botanical Register* (misc. p.14).

Possui mais de 25 espécies distribuídas do sul do México ao Peru e Bolívia e nas Índias Ocidentais. São plantas epífitas, às vezes rupícolas, com pseudobulbos curtos e um pouco achatados, folhas plicadas, inflorescência simples com uma flor, surgindo da base do pseudobulbo, flores grandes e de colorido variados. As espécies da Amazônia brasileira são dos estados de Rondônia, Mato Grosso e Pará, duas bem distintas, uma delas, aliada à *Lycaste rossiana* Rolfe, *var. mattogrossensis* Barb. Rodr., que segundo Cogniaux seja uma espécie autônoma. Uma outra espécie coletada no rio Curuá-Una no estado do Pará, com flor verde e labelo branco. Possivelmente aparecerão outras espécies nas regiões montanhosas da fronteira com a Venezuela.

*Lycaste macrophylla*

Foto: Sérgio Queiroz





*Lycaste macrophylla*  
(Floresta úmida)

Foto: Sérgio Queiroz



# Macradenia

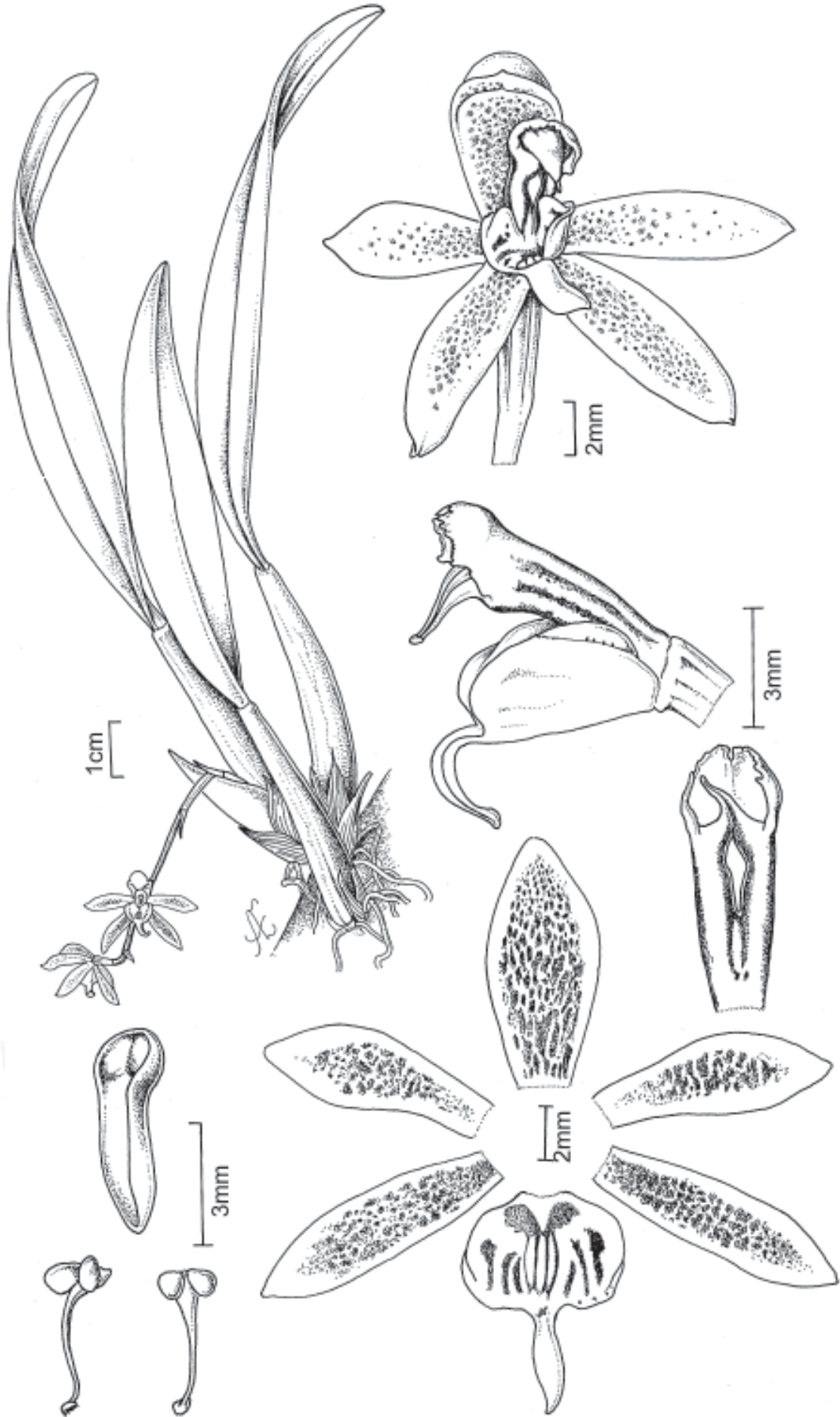
*Macradenia paraensis*  
(Floresta ribeirinha)

**Gênero:** *Macradenia* R. Br.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Maxillarieae  
**Subtribo:** Oncidiinae

O nome do gênero deriva do grego “*macros*” = grande; “*aden*” = glândula, em alusão ao grande apêndice da antera. Possui, aproximadamente, 12 espécies distribuídas na Flórida, Índias ocidentais e América do Sul.

É um gênero muito antigo, foi descrito em 1822 por Robert Brown em *Botanical Register* (t. 612), tendo como TIPO, *M. lutescens*. São plantas epífitas de tamanho pequeno, pseudobulbos aglomerados, pouco sulcados de 3 a 5 cm de tamanho, folhas estreitas, lanceoladas, coreáceas, inflorescência pendente, racemosa e densa com muitas flores, de cor marrom-avermelhada, com a borda do labelo creme. São de ambientes úmidos, geralmente das margens dos rios e igarapés, várzeas e igarapés. Na Amazônia brasileira são conhecidas cerca de cinco espécies.





*Macradenia rubescens*  
(Floresta ribeirinha)



*Macradenia multiflora*  
(Floresta ribeirinha)



*Macradenia brassavolae*  
(Florestas ribeirinhas)

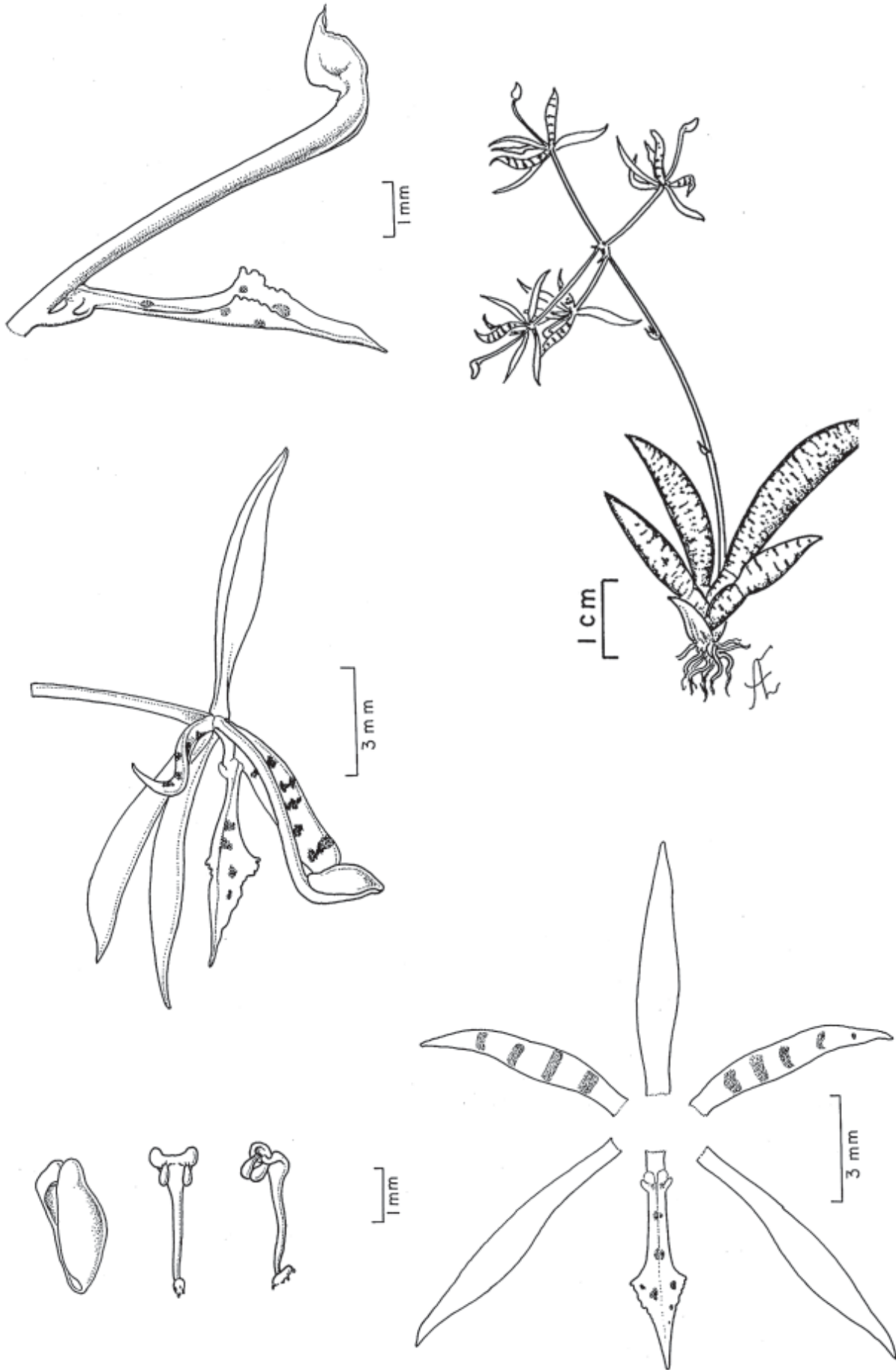
# Macroclinium

Foto: Sérgio Queiroz

*Macroclinium paraensis*  
(Floresta de terra firme)

**Gênero:** *Macroclinium* Barb. Rodr.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Maxillarieae  
**Subtribo:** Oncidiinae

O gênero foi proposto por João Barbosa Rodrigues, em 1822, quando descreveu *Macroclinium roseum* 3m *Gen. Sp. Orch. Nov.* 2: 236, 1822. Porém, sua proposta não foi aceita, e *M. roseum* foi transferido para o gênero *Notylia* por Cogniaux na *Flora Brasiliensis* de Martius. Em 1842, outra planta semelhante foi descrita como *Notylia bicolor* Lindl. e, em 1858, Focke descreveu *Notylia wulfschlaegeliana*. Cerca de outras quinze espécies foram descritas até 1984, quando Dodson revalidou o gênero e transferiu estas espécies para o gênero *Macroclinium*. Na Amazônia brasileira, são registradas três espécies: *Macroclinium roseum*, *M. Wulfschlaegelianum* e *M. mirabilis*. São plantas epífitas e pequenas com as folhas arrumadas em forma de leque, com inflorescência maior que a planta, com até seis flores.



*Macroclinium wulschlaegelianum*  
(Floresta de igapó, várzea e floresta de terra firme)



*Macroclinium mirabilis*  
(Floresta de terra firme e igapó)



*Macroclinium wulschlaegelianum*

# Masdevallia

**Gênero:** *Masdevallia* Ruiz & Pavon

**Subfamília:** Epidendroideae

**Tribo:** Epidendreae

**Subtribo:** Pleurothallidinae

O nome do gênero foi dado em homenagem ao físico e botânico espanhol José Masdeval. Foi descrito em 1794 pelos botânicos espanhóis Hipólito Ruiz e José Antonio Pavon, em *Prodromus Florae Peruvianaes et Chilensis* (p. 112), baseados em uma planta descoberta por eles durante uma expedição ao Peru, foi então descrita a espécie TIPO. É um gênero grande, formado por mais de 350 espécies, amplamente distribuídas do Sul do México às regiões tropicais da América do Sul, sendo que a maior diversidade encontra-se nos Andes do Peru à Venezuela. A maioria das espécies brasileiras estão na mata atlântica. Na Amazônia brasileira, as espécies são mais comuns nos estados do Amazonas e Roraima, porém *Masdevallia minuta* e *M. cuprea* fazem parte da flora dos estados do Pará e Amapá. *Masdevallia manarana* foi coletada pela primeira vez na flora brasileira em 1991 na serra da Neblina.



*Masdevallia sprucei*  
(Floresta ribeirinha, igapó)

Foto: Janduari Simões

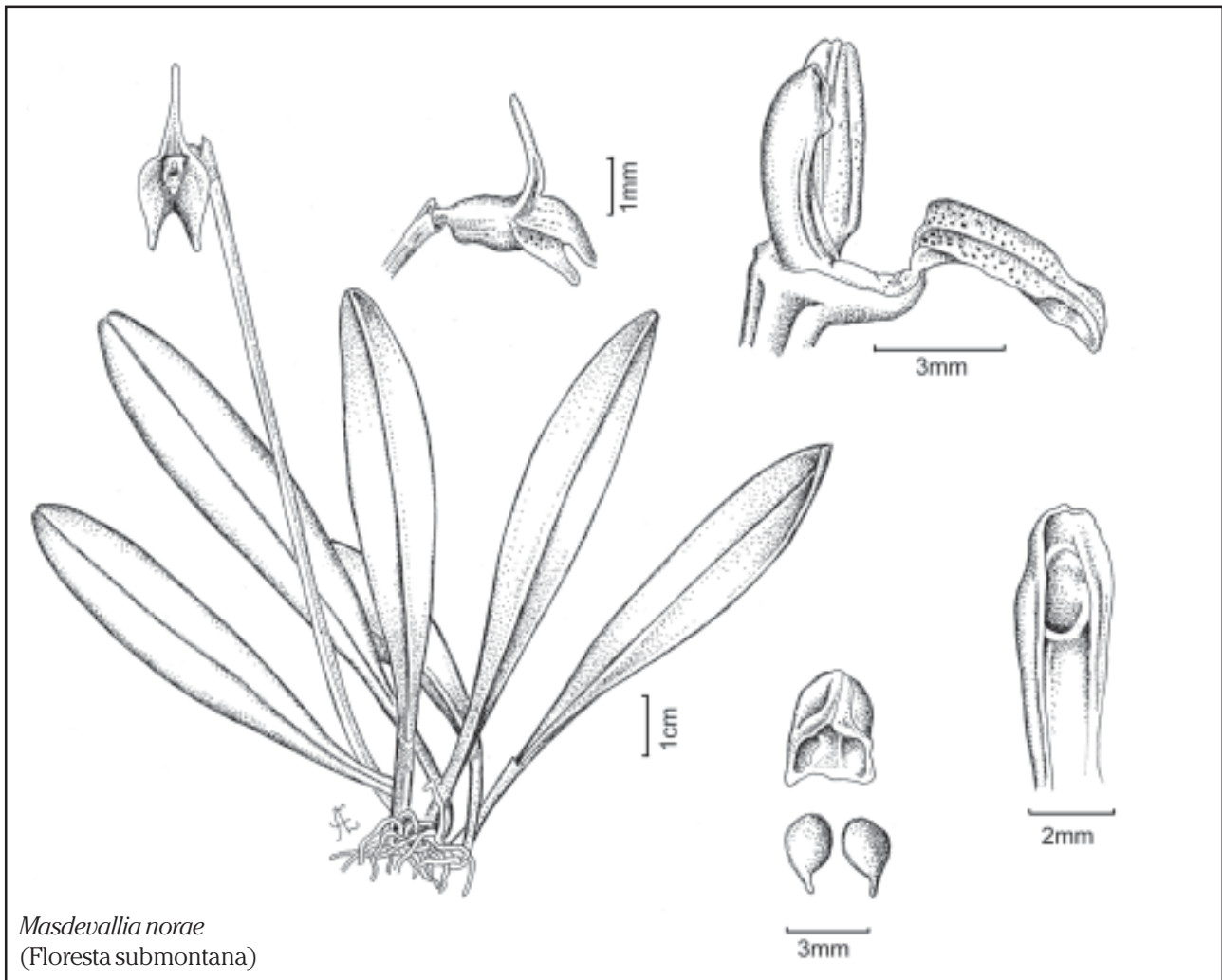
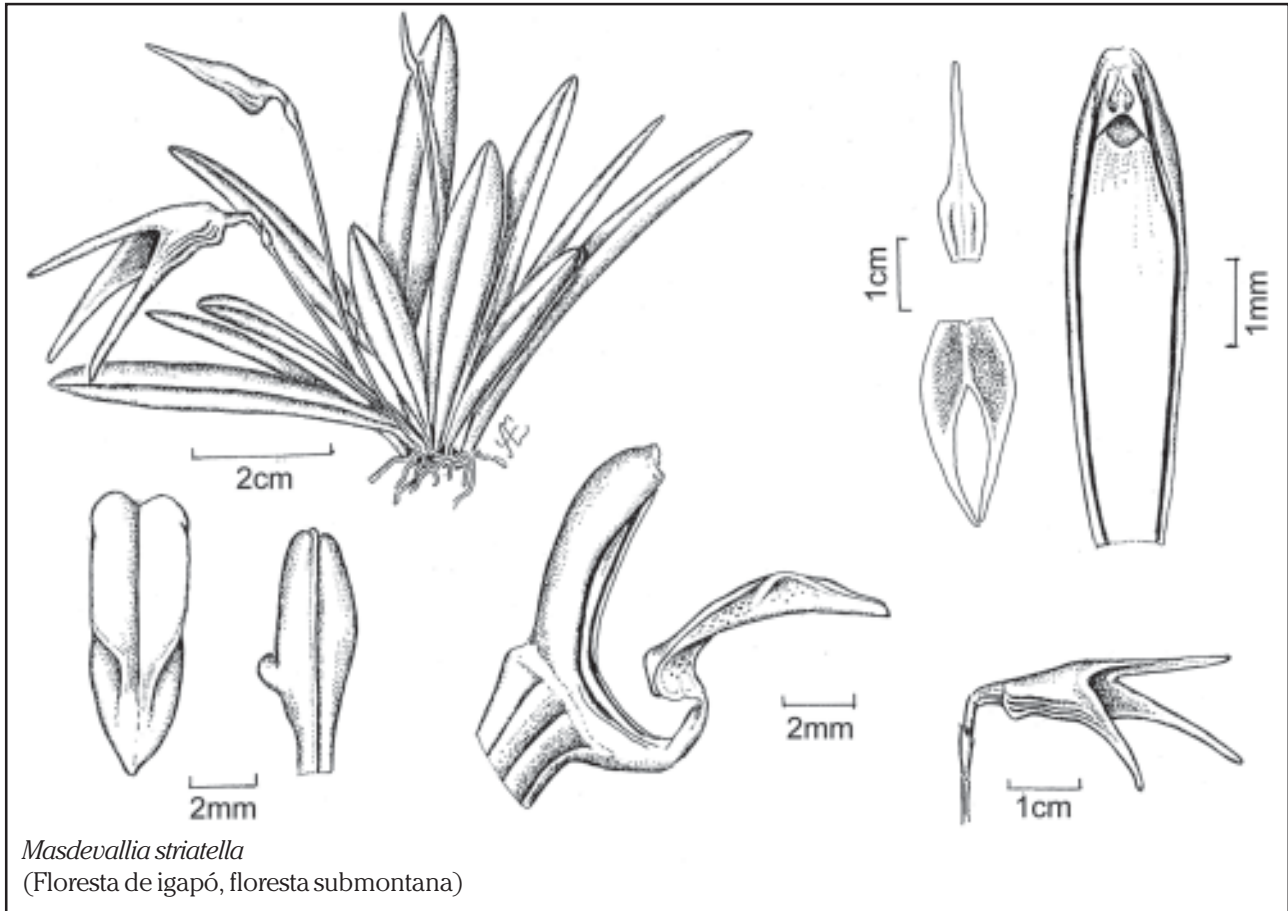


*Masdevallia wendlandiana*  
(Mata de terra firme e floresta ribeirinha, igapó)



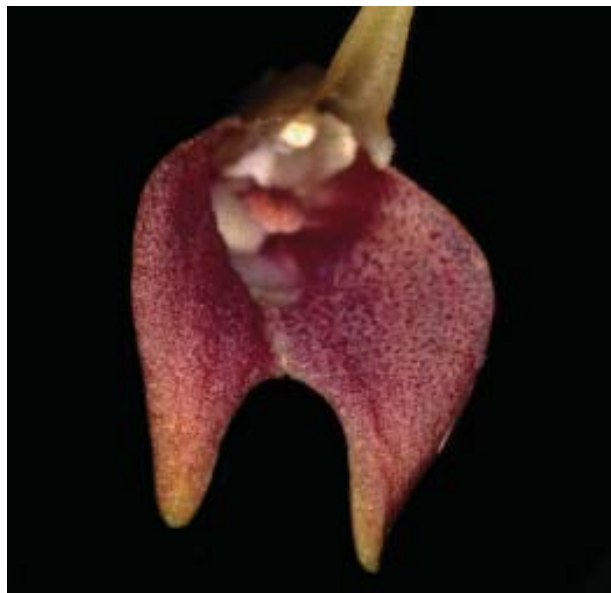
*Masdevallia striatella*



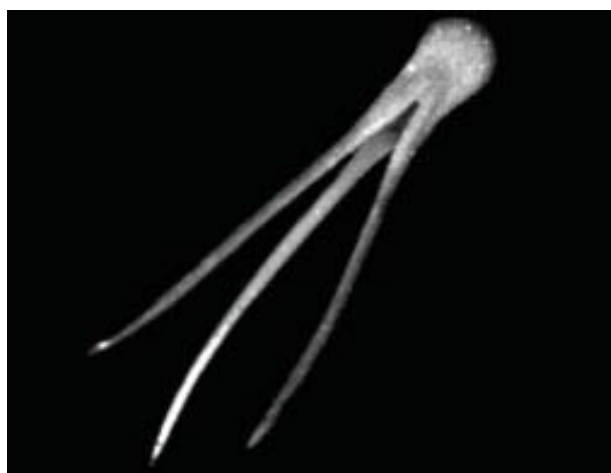




*Masdevallia venezuelana*  
(Floresta submontana e montana)



*Masdevallia norae*



*Masdevallia manarana*  
(Floresta submontana, 2.180 m)



*Masdevallia minuta*  
(Floresta submontana, igapó)

# Maxillaria

**Gênero:** *Maxillaria* Ruiz & Pavon

**Subfamília:** Epidendroideae

**Tribo:** Maxillarieae

**Subtribo:** Maxillariinae

O nome deriva do latim “*maxilla*” em alusão à forma proeminente resultante da junção do pé da coluna com a base das sépalas, parecendo a mandíbula dos insetos.

H. Ruiz e J. Pavon descreveram o gênero em 1794 em *Prodromus Florae Peruvianaes et Chilensis* (p. 116, t. 25). *Maxillaria* é um dos maiores gêneros de *Orchidaceae* do Novo Mundo, com mais de 300 espécies, amplamente distribuídas nas regiões tropicais e subtropicais da América. O gênero é facilmente conhecido por suas folhas coriáceas não plicadas, um destacado mentum formado pela união do pé da coluna com a base das sépalas laterais e pelo viscidium arredondado ou semilunar. A maioria das plantas são epífitas, mas há, também, terrestres e fitofíticas. Algumas possuem pseudobulbos, outras não. As flores são de tamanho, forma e cor variadas.

Foto: Marcos Campacci



*Maxillaria albiflora*  
(Floresta de altitude)

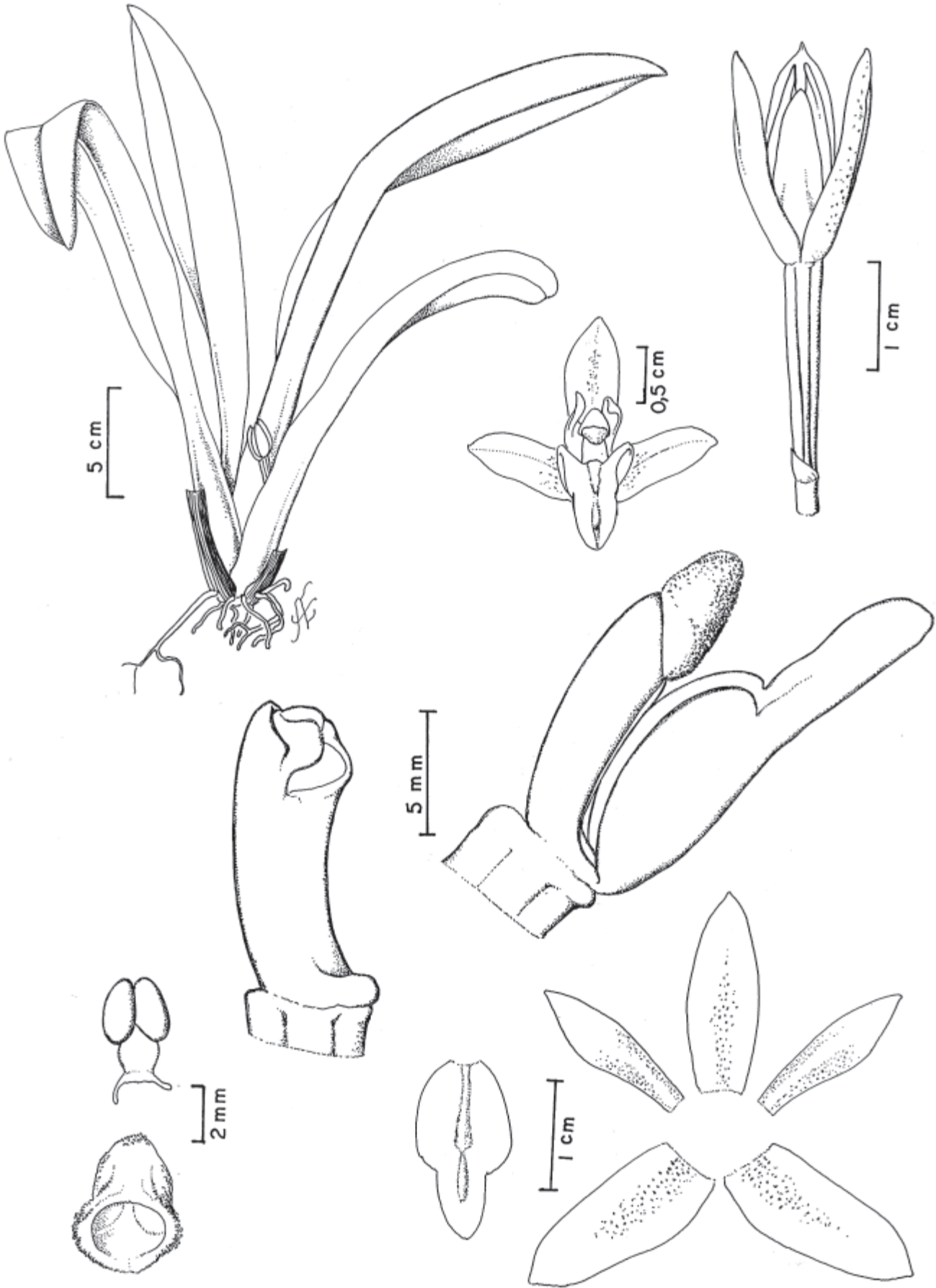


*Maxillaria albata*  
(Floresta de altitude de ambiente superúmido)

Foto: Jorge Macedo



*Maxillaria violaceopunctata*  
(Igapó, floresta de altitude, floresta submontana)



*Maxillaria villosa*  
(Igapó, campina e floresta de terra firme)

Foto: Jorge Macêdo

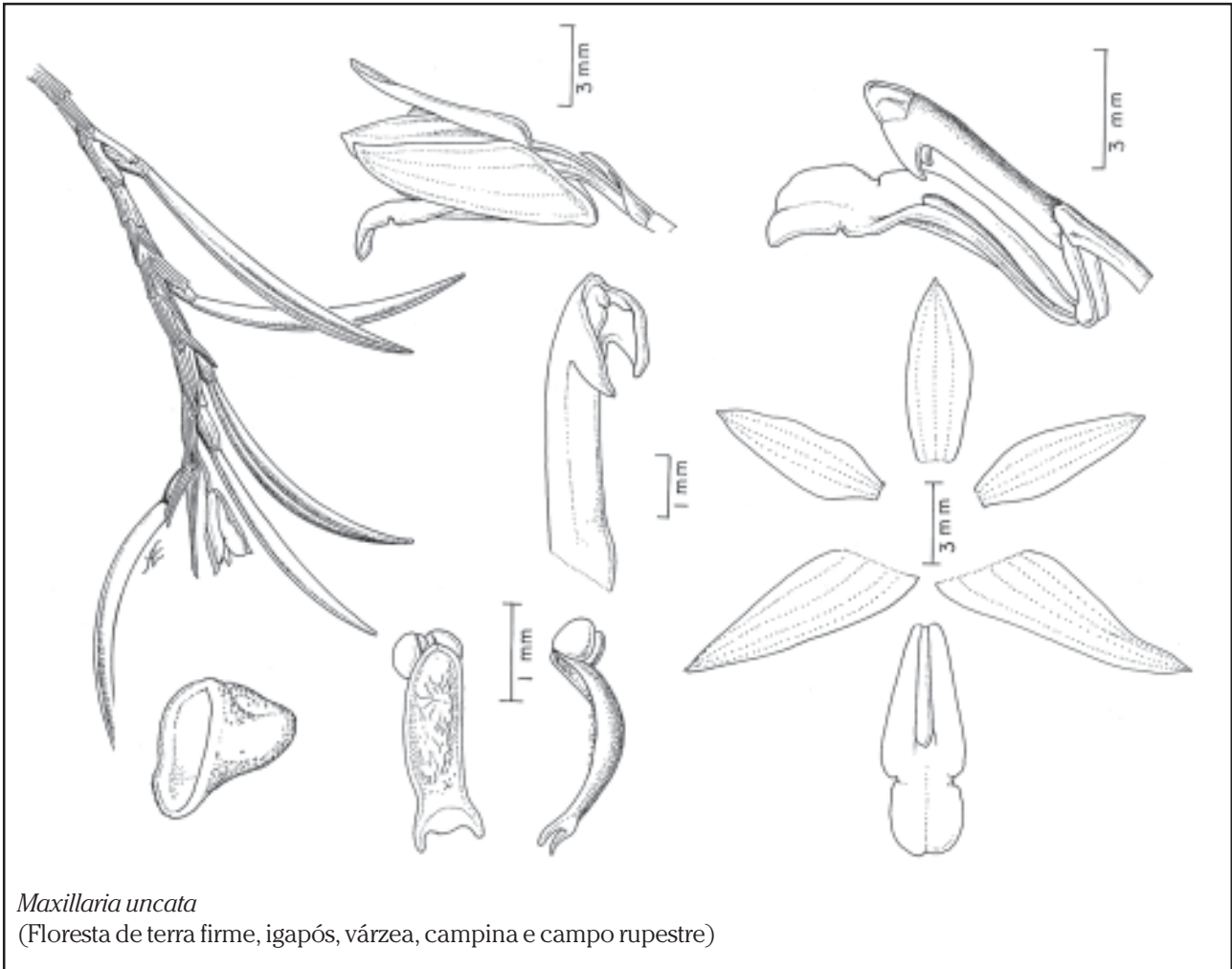


*Maxillaria rufescens*  
(Mata de terra firme e campina)

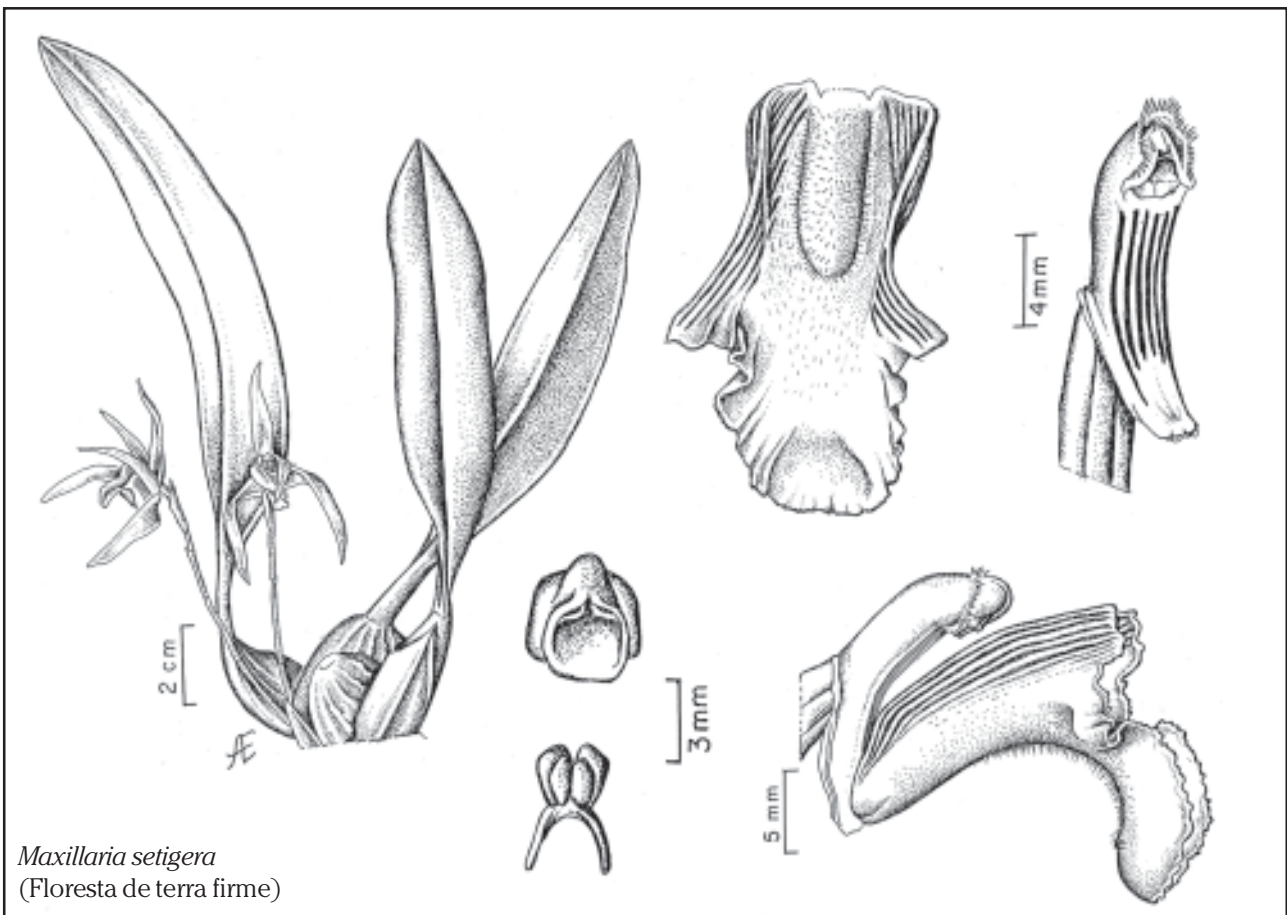
Foto: Sérgio Queiroz



*Maxillaria villosa*



*Maxillaria uncata*  
(Floresta de terra firme, igapós, várzea, campina e campo rupestre)



*Maxillaria setigera*  
(Floresta de terra firme)

Foto: Sérgio Queiroz



*Maxillaria uncata*

Foto: Sérgio Queiroz



*Maxillaria setigera*



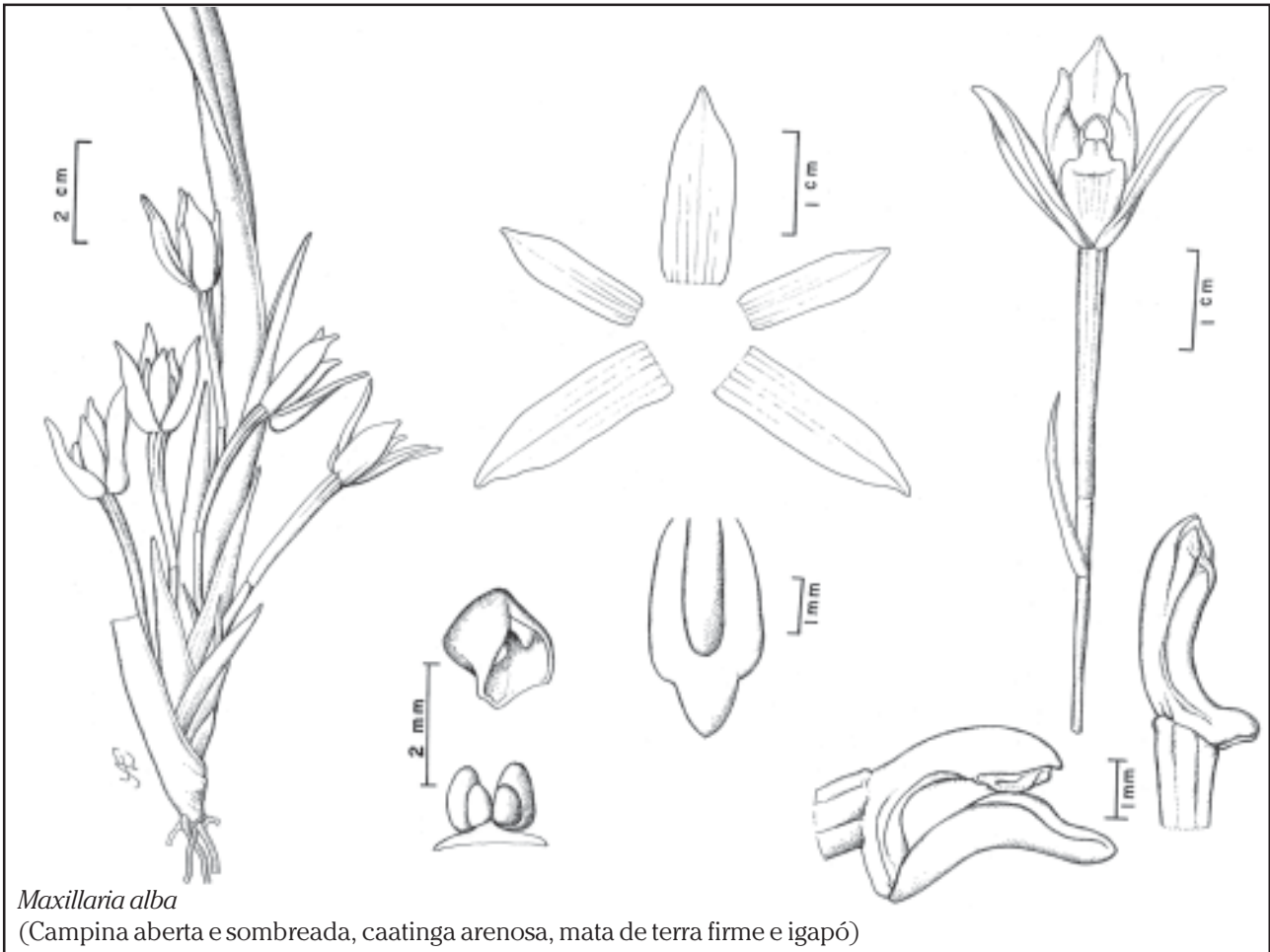
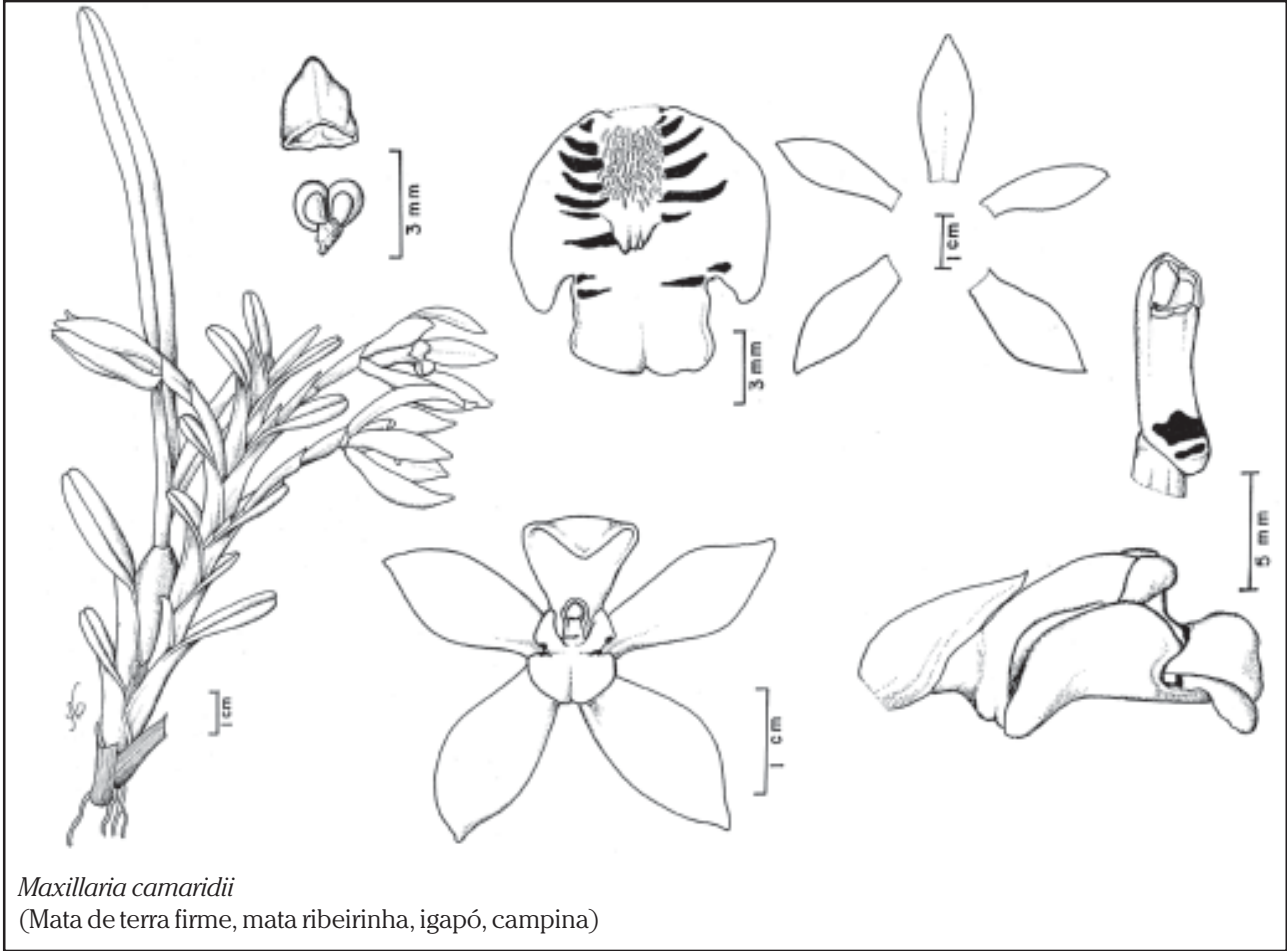


Foto: Jorge Macêdo



*Maxillaria camaridii*

*Maxillaria alba*

Foto: Jorge Macêdo





Foto: Sérgio Queiroz

*Maxillaria brachybulbon*  
(Floresta de igapó, floresta submontana)



Foto: Jorge Macêdo

*Maxillaria superflua*  
(Mata de terra firme, mata ribeirinha, igapó e campina)

Foto: Jorge Macêdo

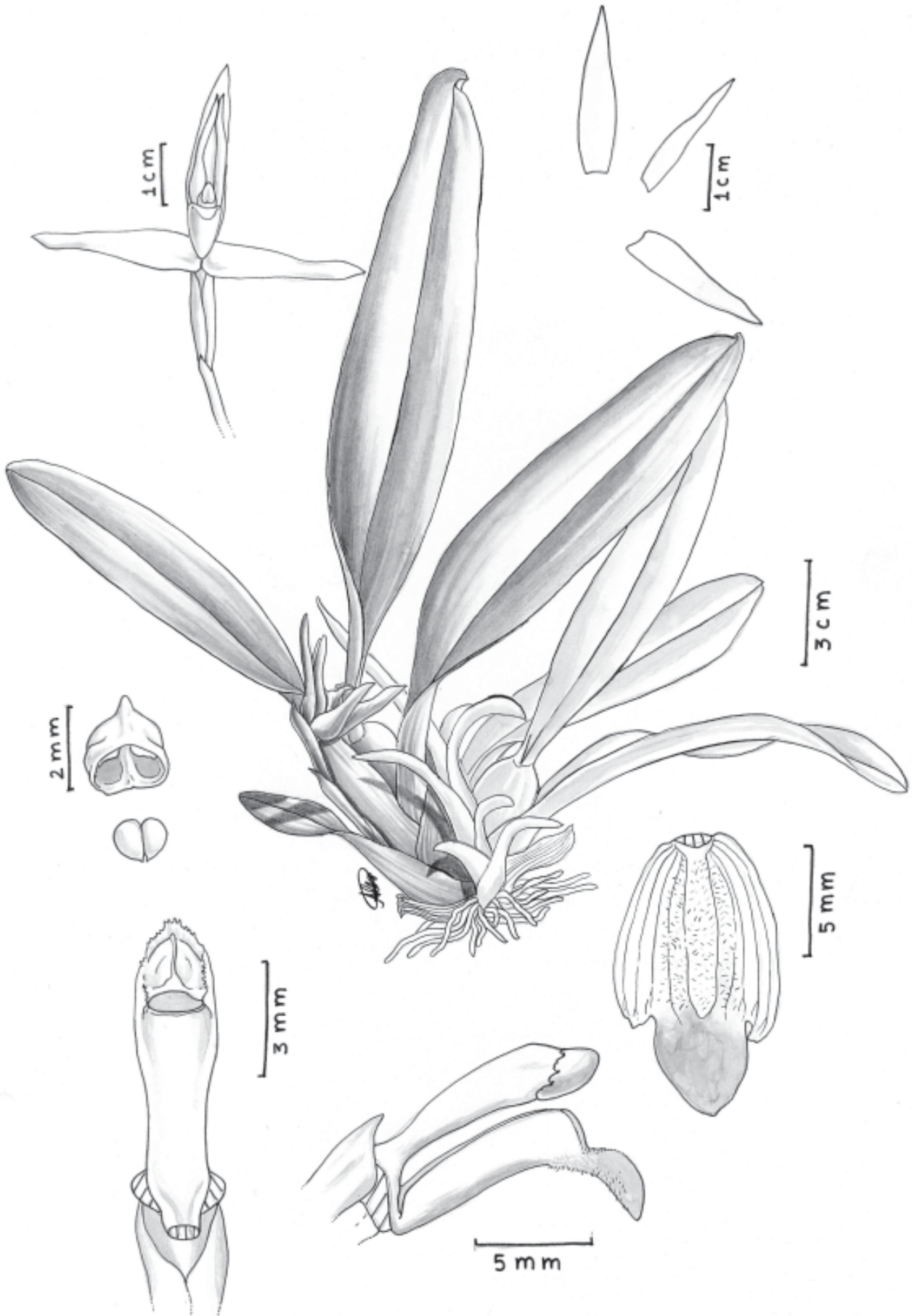


*Maxillaria discolor*  
(Floresta ribeirinha, campina, várzea e igapó)

Foto: Sérgio Queiroz



*Maxillaria amazonica*  
(Floresta de terra firme, várzea, igapó, campina)



*Maxillaria pauciflora*  
(Floresta de terra firme, igapó e campina)



*Maxillaria friedrichsthalii*  
(Floresta de terra firme, floresta de igapó e várzea)

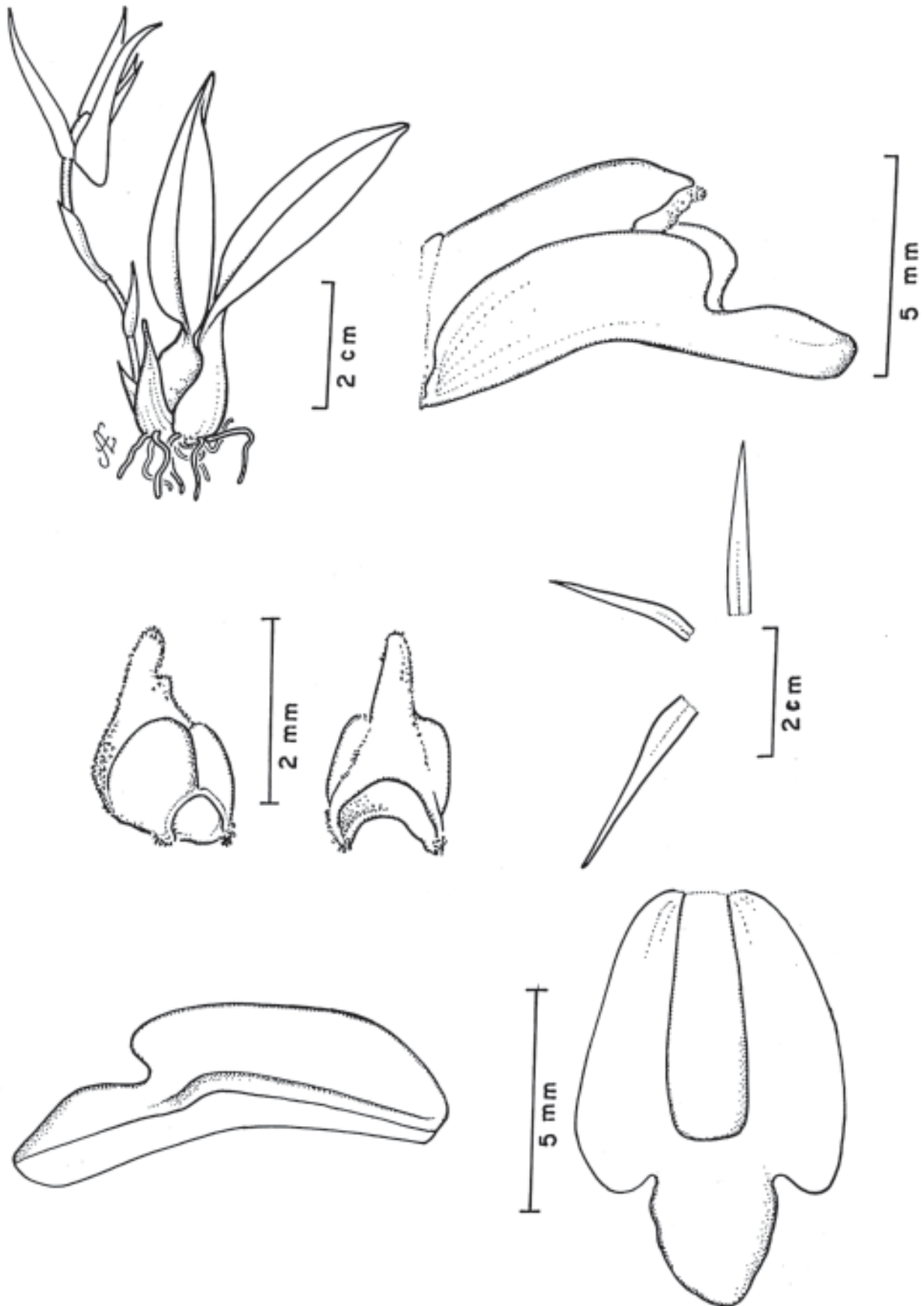


*Maxillaria acutifolia*  
(Floresta de igapó, várzea e terra firme)

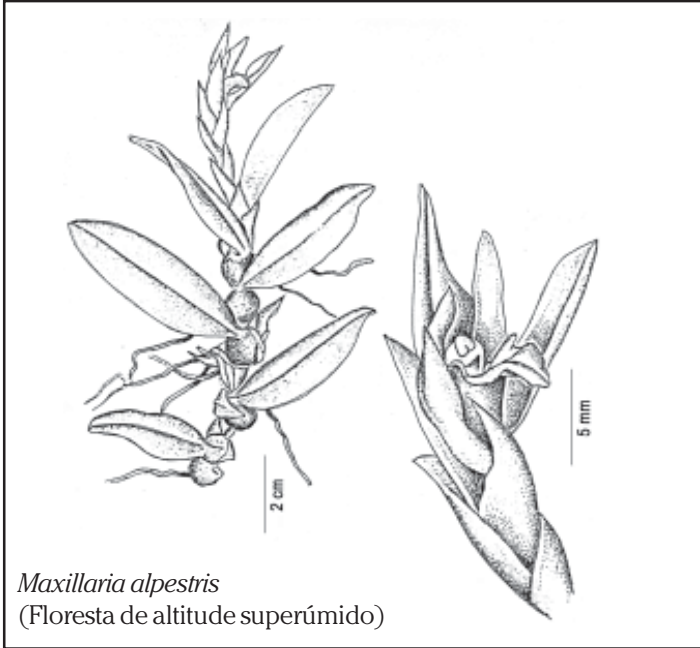
Foto: Jorge Macêdo

*Maxillaria pauciflora*

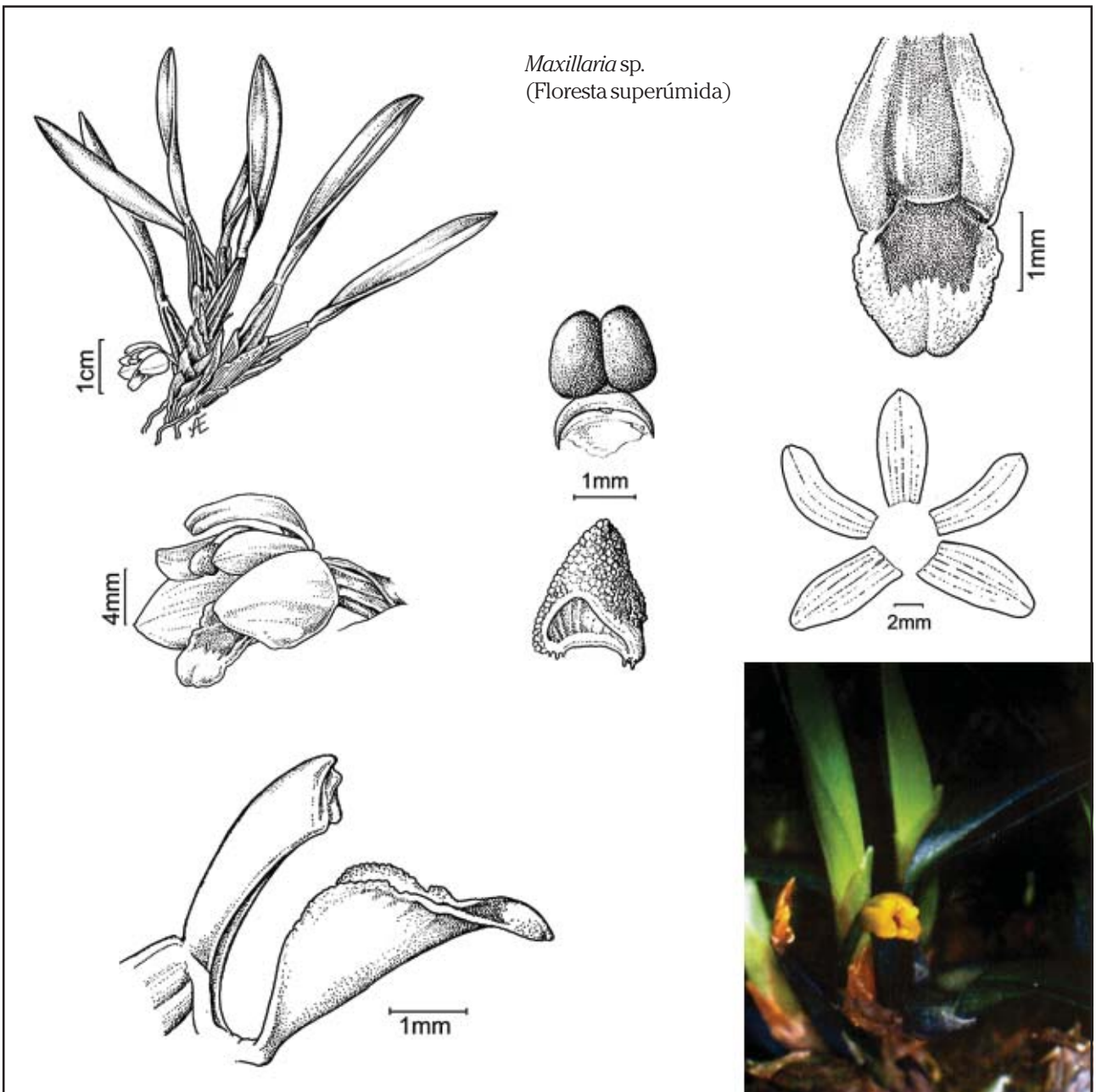




*Maxillaria guadalupensis*  
(Floresta de altitude de clima superúmido)



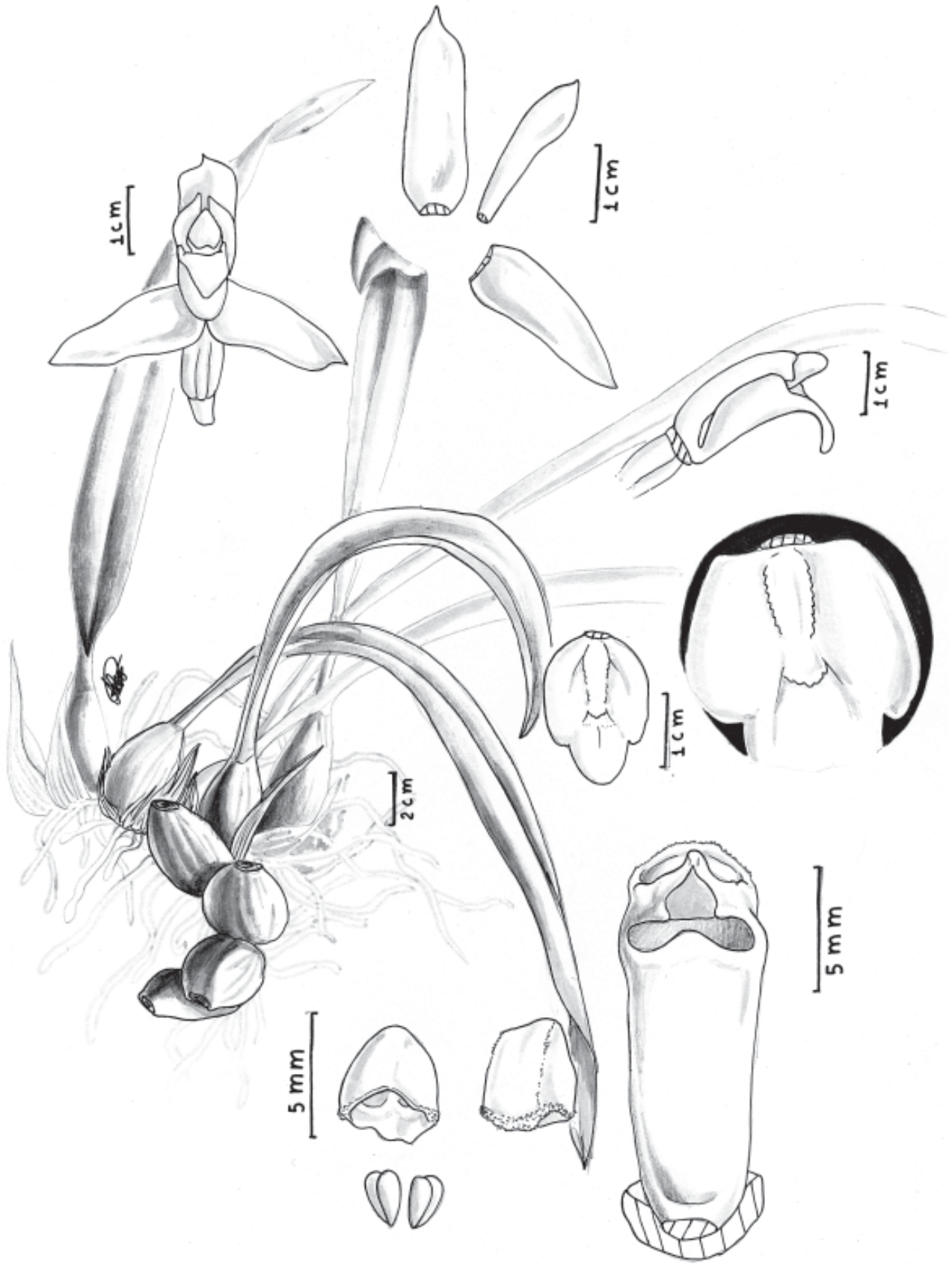
*Maxillaria alpestris*  
(Floresta de altitude superúmido)



*Maxillaria* sp.  
(Floresta superúmida)







*Maxillaria parkeri*  
(Mata de terra firme, campina)

Foto: Sérgio Queiroz

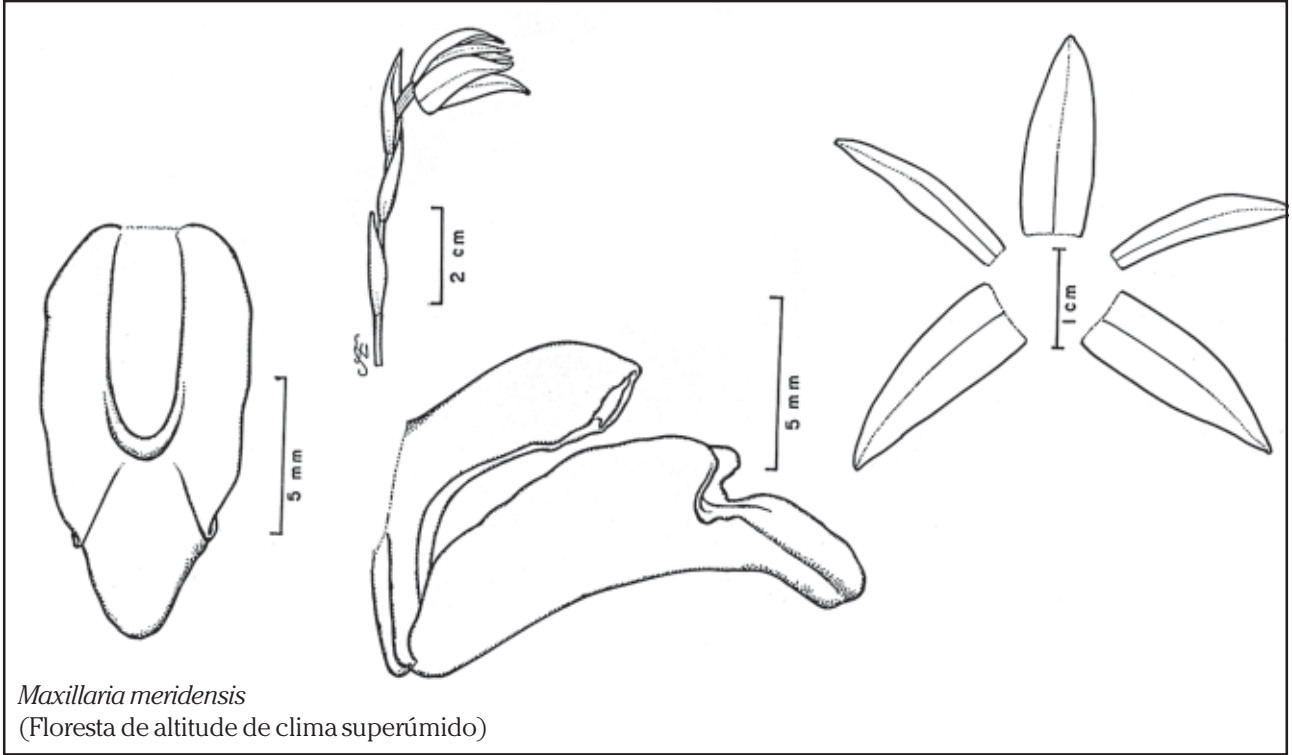


*Maxillaria parviflora*  
(Floresta de terra firme, igapó, várzea, campina e campo rupestre)

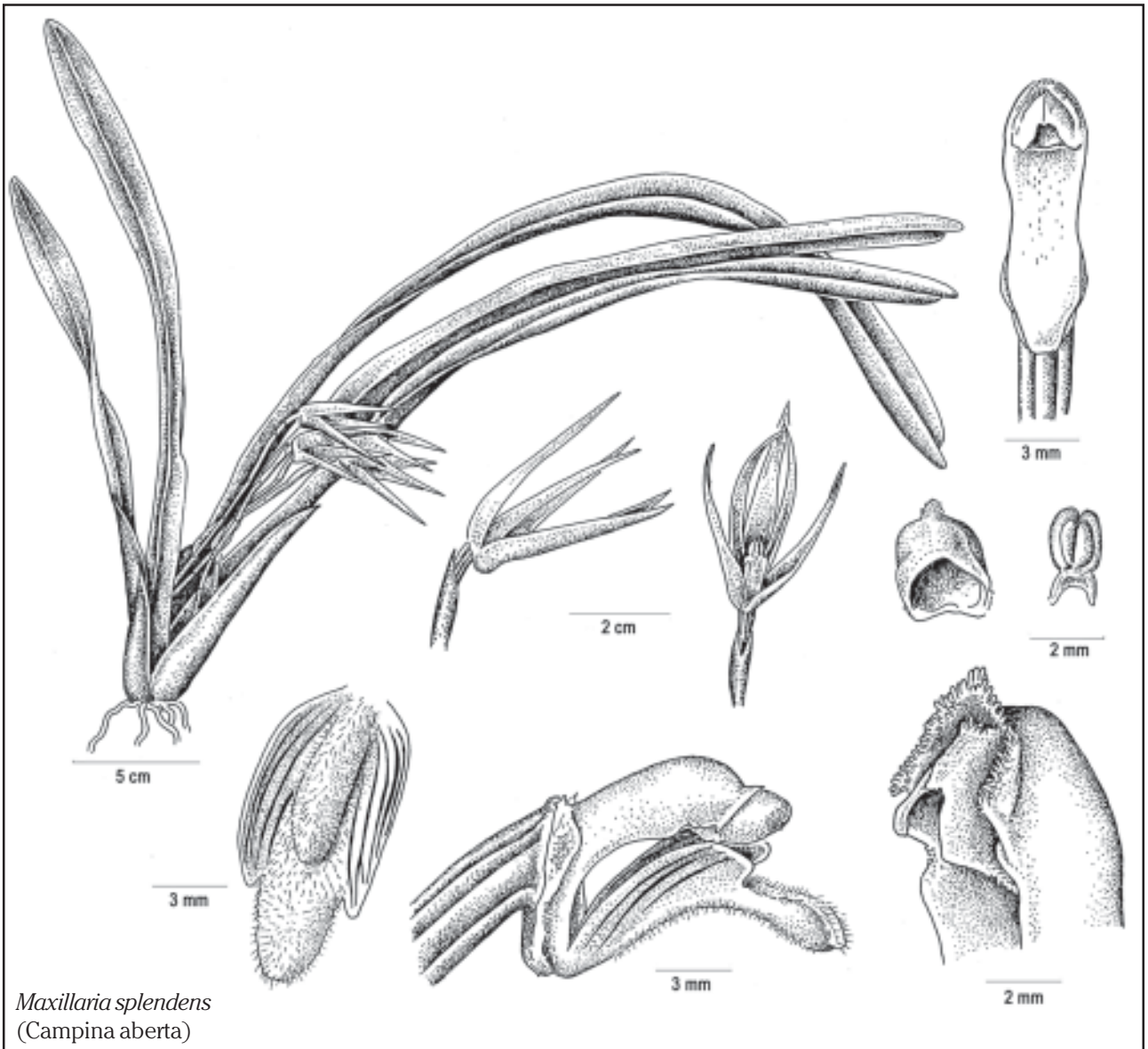
Foto: Jorge Macêdo



*Maxillaria parkeri*



*Maxillaria meridensis*  
(Floresta de altitude de clima superúmido)



*Maxillaria splendens*  
(Campina aberta)

Foto: Sérgio Queiroz



*Maxillaria xylobiflora*  
(Floresta de terra firme, campina, várzea e igapó)

Foto: Sérgio Queiroz



*Maxillaria desvauxiana*  
(Floresta de terra firme, campina e igapó)



*Maxillaria melina*  
(Floresta de altitude de clima superúmido)



*Maxillaria stenophylla*  
(Floresta de altitude)



*Maxillaria nasuta*  
(Floresta de altitude, igapó)



*Maxillaria alticola*  
(Floresta de altitude de ambiente superúmido)



*Maxillaria quelchii*  
(Floresta de altitude de clima superúmido)



*Maxillaria equitans*  
(Igapó)



*Maxillaria aurea*  
(Floresta de altitude)



*Maxillaria brunea*  
(Floresta de altitude)



*Maxillaria auyantepuiensis*  
(Savana de altitude)



*Maxillaria grobyoides*  
(Campina alta, floresta de altitude)



*Maxillaria tenuis*  
(Campina, floresta de terra firme, floresta de altitude)

# Mormodes

**Gênero:** *Mormodes* Lindl.

**Subfamília:** Epidendroideae

**Tribo:** Cymbidieae

**Subtribo:** Catasetinae

O nome deriva do grego “*phantom*” = fantasma e “*eides*” = parecido com, em alusão à forma grotesca das flores.

O gênero foi descrito inicialmente, em 1836, por John Lindley em *Introduction to the Natural System of Botany*, segunda edição (p. 446).

O mesmo autor o uniu ao gênero *Catasetum* que por algum tempo permaneceu como um grupo muito confuso. A taxonomia do gênero é complexa e difícil, algumas espécies apresentam flores polimórficas e com mecanismos de polinização exótico e muito interessante. Charles Darwin foi o primeiro a elucidar os mecanismos de polinização do gênero *Mormodes* ao estudar *M. ignea*, publicado em 1862 em *The Various Contrivances by which British and Foreign Orchids are Fertilised*.

O gênero possui cerca de quarenta espécies distribuídas nas Américas do Sul e Central.

Como as espécies do gênero *Catasetum*, as plantas crescem em troncos e galhos secos, concentrando suas populações nos lagos artificiais com bastante luz e evaporação.

As publicações recentes de Francisco Miranda e Kleber Lacerda têm aumentado muito o número de espécies na Amazônia brasileira, mas, em decorrência de coletas no lago da Hidrelétrica de Tucuruí e lagos no alto das serras do complexo Carajás, têm surgido espécies inéditas para a ciência.



*Mormodes amazonica*  
(Igapó e floresta de terra firme)



*Mormodes carnevalliana*  
(Florestas de galeria no alto da serra Pacaraima)

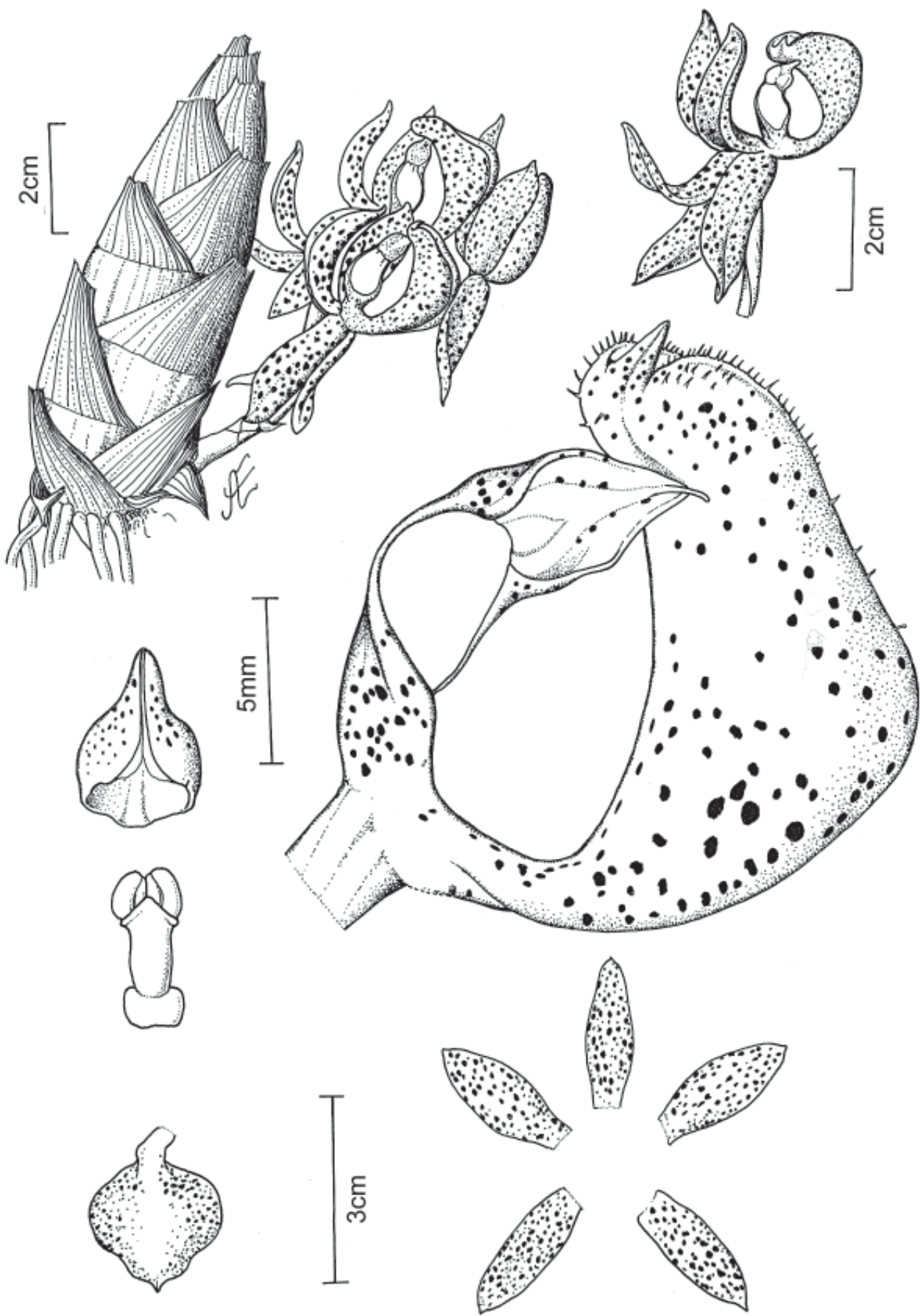




*Mormodes hirsutissima*  
(Florestas abertas e afloramentos rochosos)



*Mormodes hoehnei*  
(Florestas abertas, afloramentos rochosos e lagos artificiais)



*Mormodes dasilvae*  
(Floresta de terra firme ao nível do mar no nordeste paraense)

Foto: Sérgio Queiroz



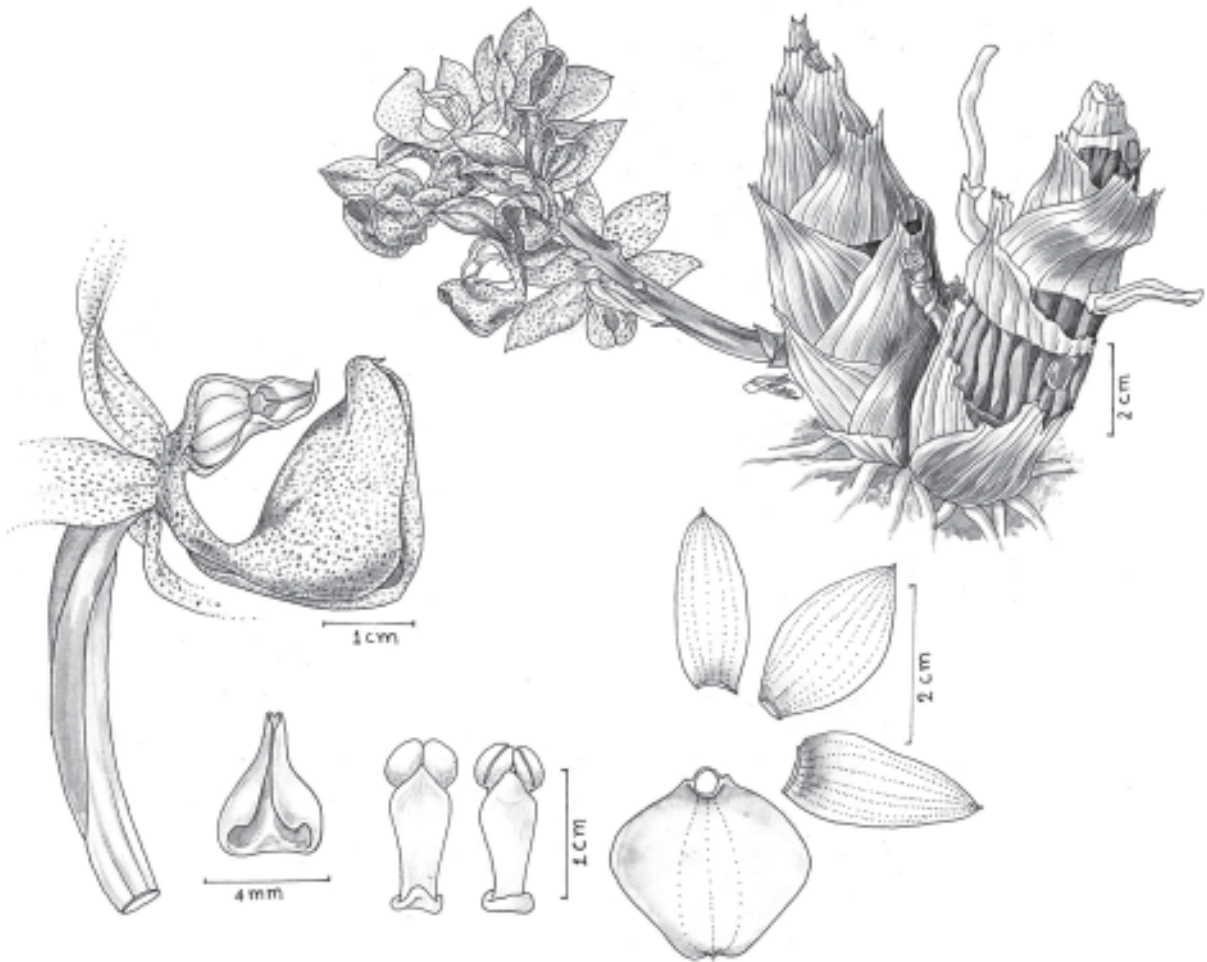
*Mormodes dasilvae*





Foto: Sérgio Queiroz

*Mormodes gurupiensis*  
(Floresta de terra firme, campo de pastagem)



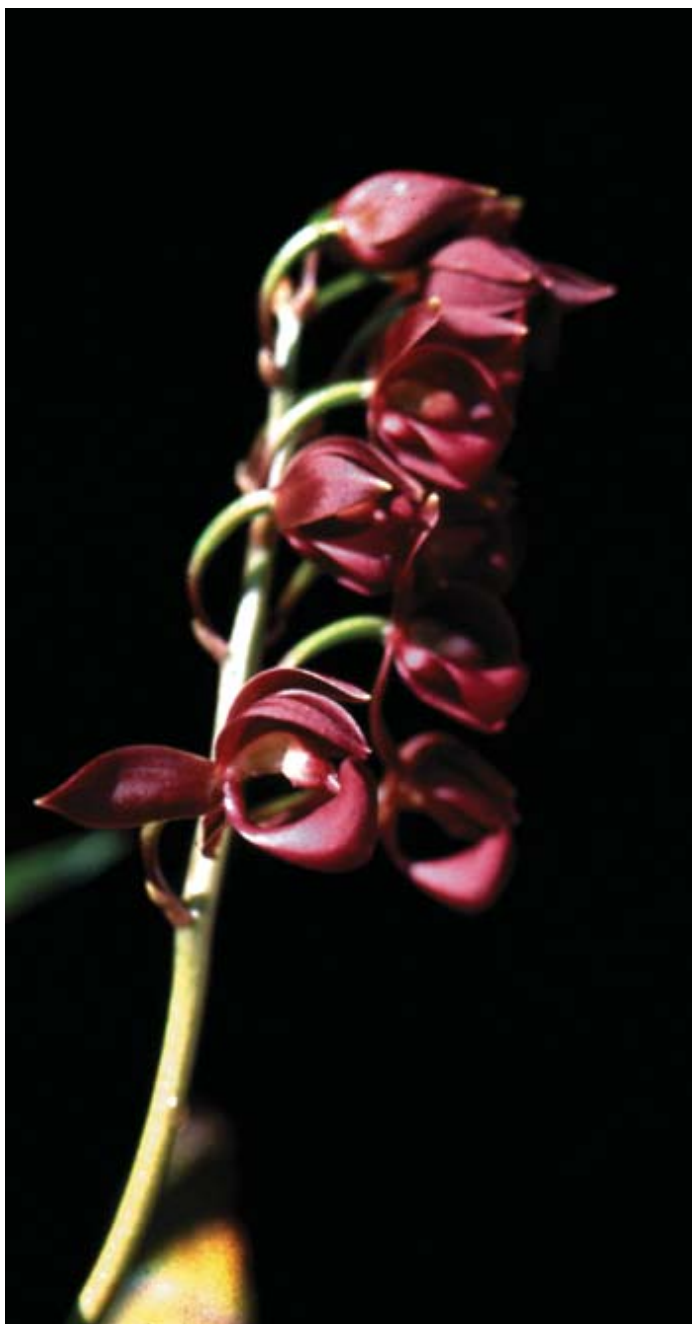


*Mormodes* sp.  
(Florestas abertas e lagos artificiais no centro sul do estado do Pará)

Foto: Sérgio Queiroz



*Mormodes jamanxinensis*  
(Floresta de terra firme)



*Mormodes* sp.



*Mormodes* sp.





*Mormodes* sp.





*Mormodes rosea*  
(Floresta de igapó no Alto Rio Negro)



*Mormodes tapoayense*  
(Florestas abertas, afloramentos rochosos e lagos artificiais)



*Mormodes densiflora*  
(Árvore morta)

Foto: Sérgio Queiroz





*Mommodes paraënsis*  
(Florestas abertas nas regiões montanhosas do centro sul do estado do Pará)

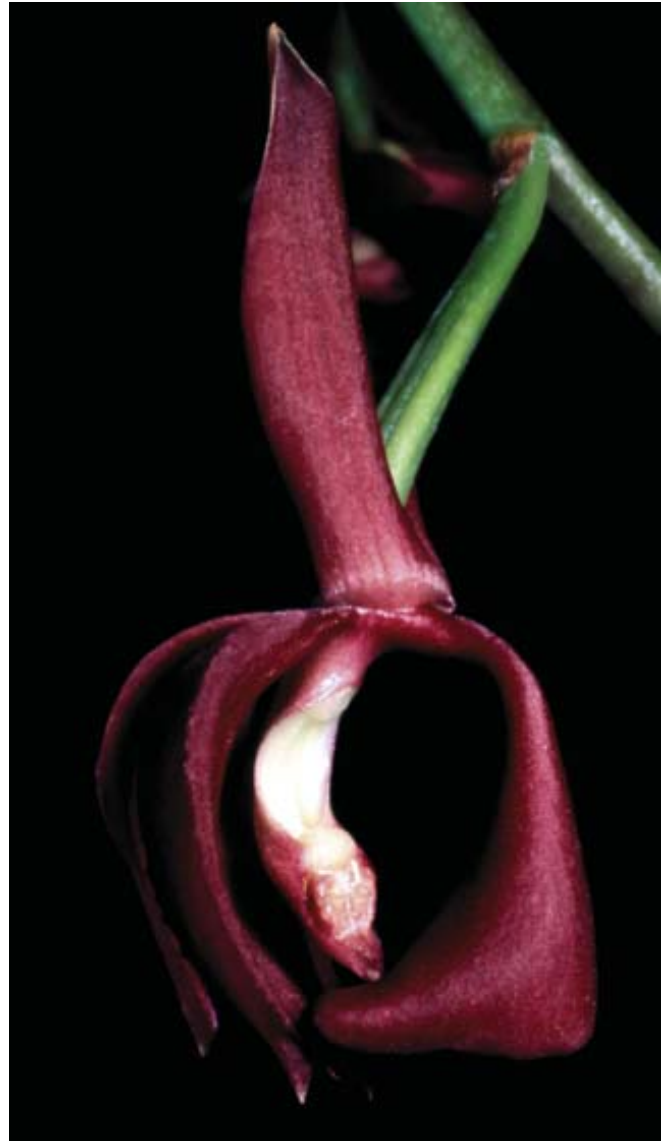


Foto: G. Salazar



*Mormodes paraënsis*





*Mormodes paraënsis*  
(no habitat)

# Myoxanthus

**Gênero:** *Myoxanthus* Poepp. & Endl.

**Subfamília:** Epidendroideae

**Tribo:** Epidendreae

**Subtribo:** Pleurothallidinae



*Myoxanthus aspicensis*  
(Planta terrestre de savana)

Foto: Jorge Macêdo

O gênero foi descrito por Endlicher em 1835, baseado na planta coletada por Eduard Poeppig. Lindley transferiu a espécie para o gênero *Pleurothallis*, chamando-a de *P.poeppig*. Em 1847, Karsten descreveu outra planta de *Myoxanthus* como um novo gênero, *Duboisia*.

O terceiro a estabelecer um novo gênero para espécies de *Myoxanthus* foi Barbosa Rodrigues, em 1882, quando descreveu *Chaetocephala punctata*, espécie transferida para *Pleurothallis* por Cogniaux.

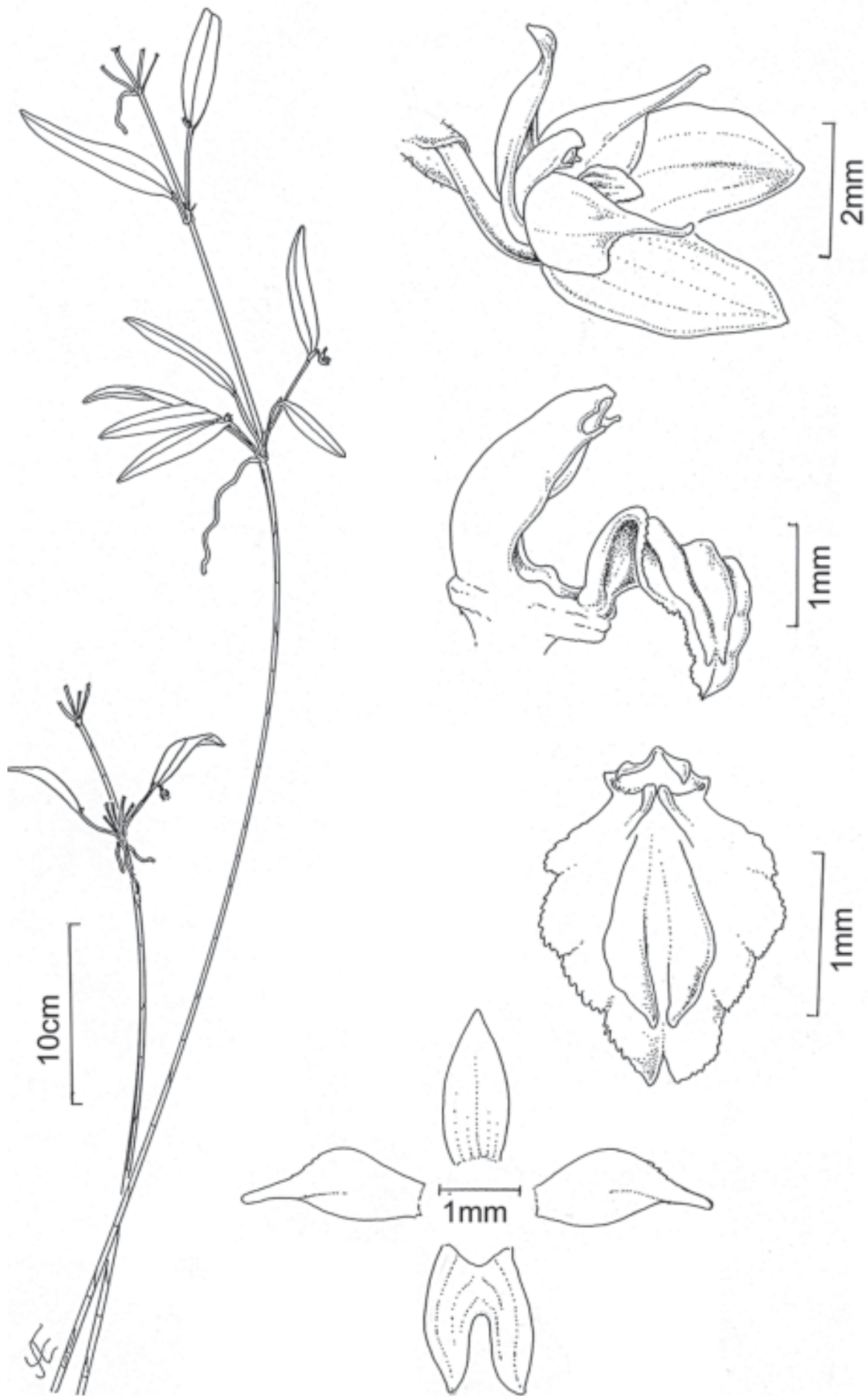
O gênero *Myoxanthus* voltou a ser reconhecido em 1982 pelos estudos de morfologia celular, feitos por Pridgeon. Apesar de morfologicamente variável, tanto vegetativamente como a estrutura floral, as espécies de *Myoxanthus* são reconhecidamente distintas de *Pleurothallis*. Todas as espécies são caracterizadas pelo ramicaulis bem desenvolvido, coberto de tricomas.

O número de espécies chega a cinquenta, distribuídas nas Américas Central e do Sul. Na Amazônia brasileira, já foram registradas cinco espécies que podem ser acrescentadas com intensificação das coletas.



*Myoxanthus uncinatus*  
(Planta terrestre de savana)

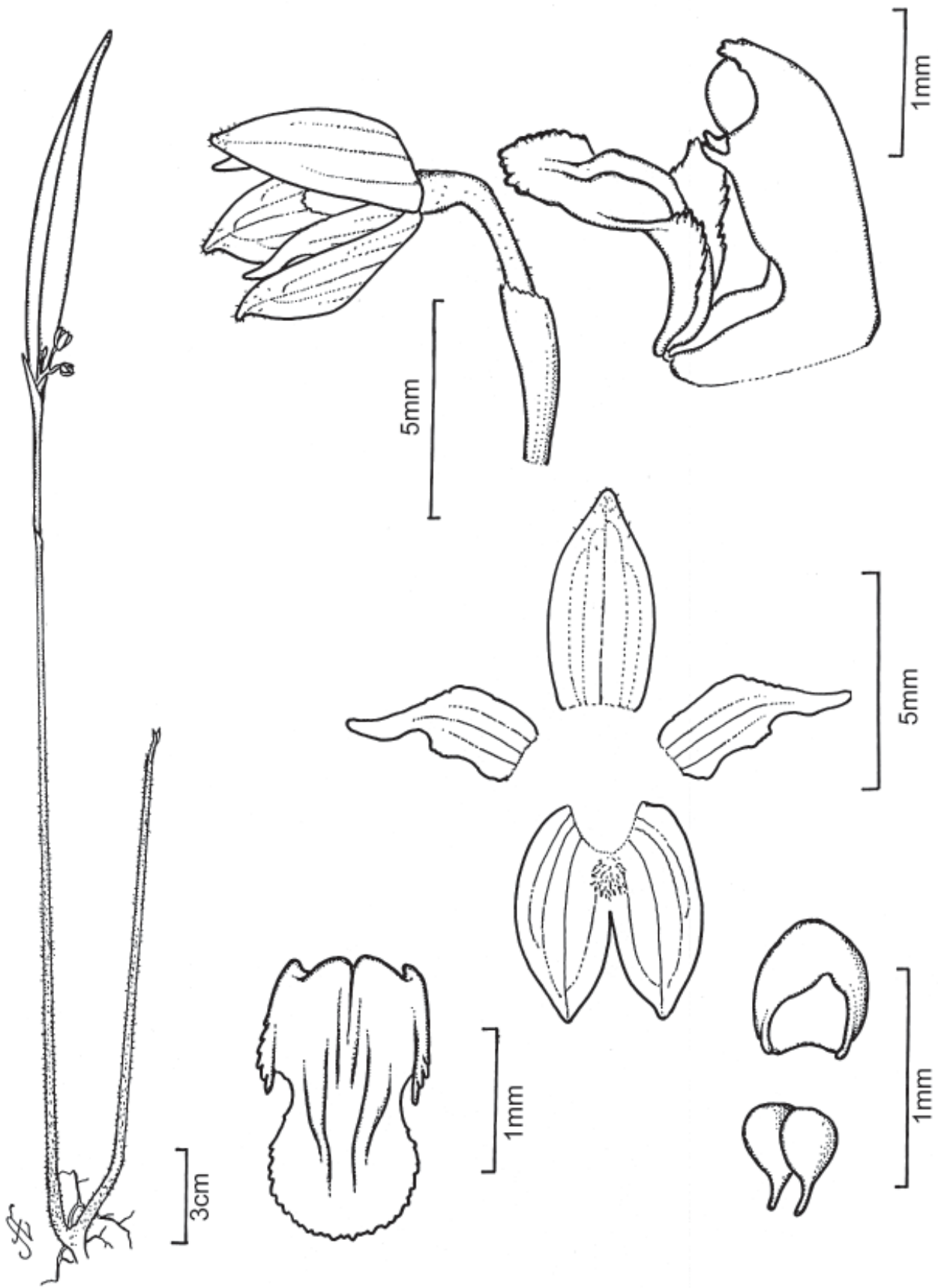




*Myoxanthus parvilabius*  
(Floresta submontana úmida)



*Myoxanthus parvilabius*



*Myoxanthus trachyclamys*  
(Floresta de altitude, superúmida)

# Nidema

**Gênero:** *Nidema* Britt. & Millsp.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Epidendreae  
**Subtribo:** Laeliinae

Em 1858, Reichenbach f. descreveu *Epidendrum ottonis* em *Hanburger Garten-und Blumenzeitung* 14: 213. Baseados nesta espécie, Britton e Millspaugh criaram um novo gênero *Nidema*, em *The Bahama Flora* 94. 1920. Cerca de cinco espécies compõem o gênero, espécies estas mais comuns na Índias Ocidentais, Trinidad, Venezuela e Guiana.

No Brasil, a ocorrência destas espécies era desconhecida, mesmo tendo sido citada a ocorrência de *Nidema ottonis* (Reich. f.) Britt. & Millsp. Em sua obra, *Beih. Bot. Centralb.* 42. 2: pg.104, coletada por Hubner no igarapé do Limão no estado do Amazonas.

Em 1980, Osmar Tomaz de Aquino, um orquidófilo de Manaus, coletou esta espécie na margem do rio Tarumã (AM), porém não foi identificada. Em 1996, o autor e André Cardoso coletaram novamente a espécie no igarapé Sorocaima, na encosta da serra Pacaraima (RR), identificaram-na e depositaram-na no Herbário MG em Belém (PA).

*Nidema ottonis*  
(Campina e floresta  
submontana)

Na verdade, as plantas desta espécie são confundidas com plantas jovens de *Encyclia fragrans*.

*Nidema ottonis* é uma pequena planta, epífita, com pseudobulbo elíptico e uma folha estreita e lanceolada no ápice; a inflorescência terminal é mais curta do que a folha, com três a quatro flores de cor branca; o labelo ínfero está ligado ao pé da coluna.

# Notylia

**Gênero:** *Notylia* Lindl.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Maxillarieae  
**Subtribo:** Oncidiinae

*Notylia yauaperyensis*  
(Floresta de terra firme)

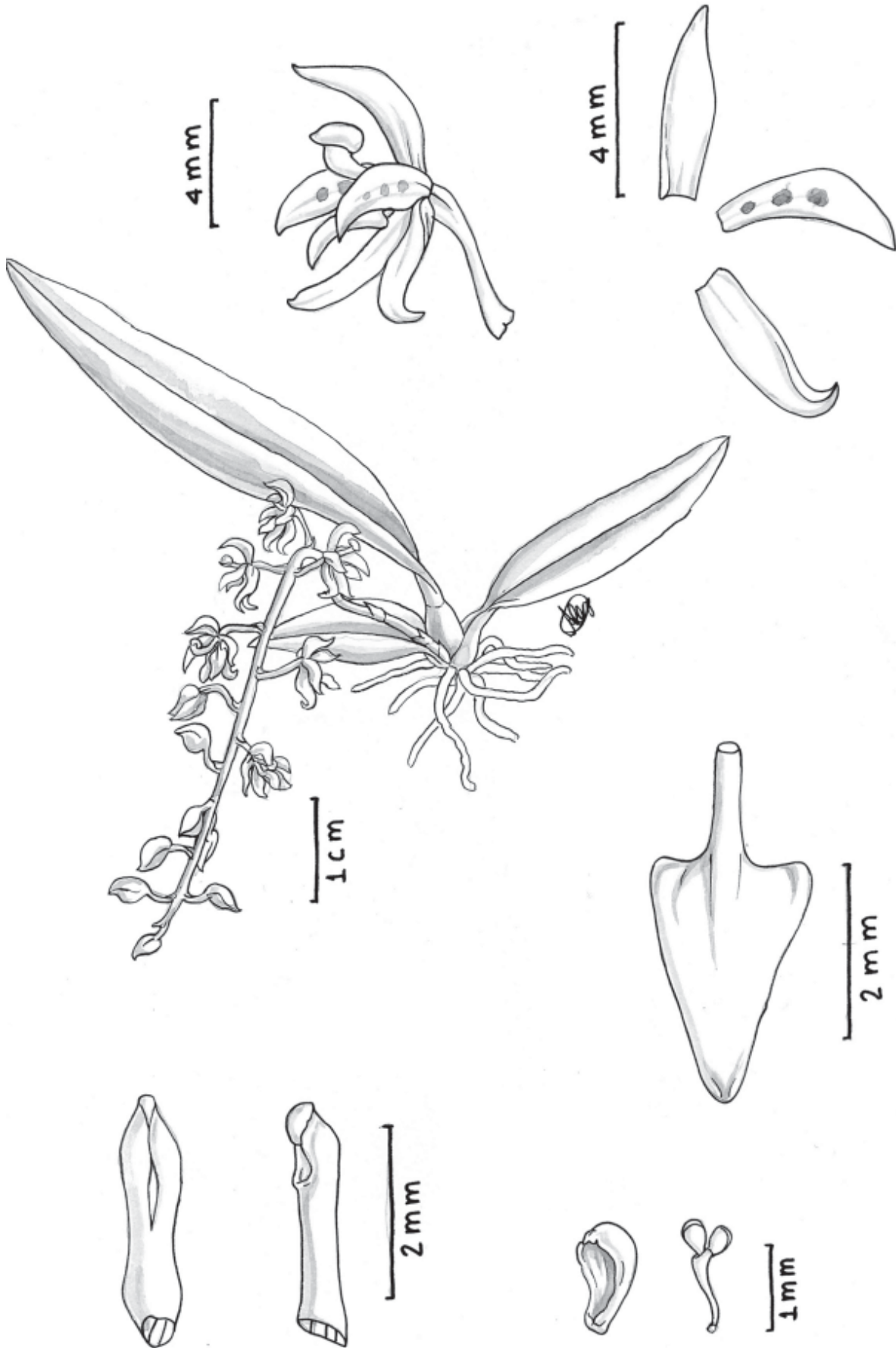
O nome deriva do grego: “*noton*” = costa, “*tylon*” = corcunda em referência à parte apical da coluna recurvada, formando uma calosidade no estigma.

A primeira espécie de *Notylia* foi coletada em Trinidad e descrita por Ker-Gawl como *Pleurothallis punctata* em 1823. O gênero *Notylia* foi proposto em 1825 por John Lindley no *Botanical Register* (sub. t. 930). O número de espécies varia e até 1984 eram consideradas cerca de quarenta espécies. Dodson no *Ícones Plantarum Tropicarum*, pranchas 937, 938 e 939, transferiu algumas espécies para o gênero *Macroclinium*; cerca de 55 espécies permaneceram no gênero. A distribuição geográfica se dá nas regiões tropicais das Américas Central e do Sul. São pequenas epífitas com ou sem pseudobulbos, com inflorescência surgindo da base do pseudobulbo, pendente com muitas flores.

Foto: Sérgio Queiroz



*Notylia peruviana*  
(Igapó, floresta ciliar)



*Notylia angustifolia*  
(Floresta de terra firme)



*Notylia rhombilabia*  
(Floresta de terra firme)



*Notylia angustifolia*



*Notylia aromatica*  
(Capoeira, cerrado, galeria)

Foto: Sérgio Queiroz



Foto: Sérgio Queiroz



*Notylia sagittifera*  
(Capoeira)

*Notylia barkeri*  
(Capoeira, floresta de terra firme, floresta ciliar)



# Octomeria

**Gênero:** *Octomeria* R. Br.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Epidendreae  
**Subtribo:** Pleurothallidinae

*Octomeria amazonica*  
 (Floresta de terra firme,  
 igapó e campina)



O nome deriva do grego “octo” = oito e “meros” = parte, em referência às oito políneas que caracterizam as espécies deste gênero. A primeira espécie de *Octomeria* foi descrita por Linnaeus em 1763 como *Epidendrum graminifolium*, baseado em uma planta coletada em 1703 por Plumier na Martinica, Índias Ocidentais. O gênero *Octomeria* foi proposto em 1813 por Robert Brown na segunda edição de *Hortus Kewensis* (p. 211) de W. Aiton. Aparentemente, as espécies de *Octomeria* assemelham-se às de *Pleurothallis*, porém, o que as difere significativamente é a presença de oito políneas em *Octomeria*, enquanto que em *Pleurothallis* é comum duas ou quatro políneas.

O gênero possui cerca de cinquenta espécies amplamente distribuídas na América Central, América do Sul e Índias Ocidentais.



*Octomeria brevifolia*  
 (Igapó, floresta de terra firme, campina)



*Octomeria flaviflora*  
(Floresta de altitude - galeria)



*Octomeria setigera*  
(Floresta de terra firme)

Foto: Sérgio Queiroz



*Octomeria erosilabia*  
(Floresta submontana)

Foto: Sérgio Queiroz

Foto: Sérgio Queiroz



*Octomeria grandiflora*  
(Floresta de terra firme, floresta ciliar, campina)

Foto: Sérgio Queiroz



*Octomeria minor*  
(Floresta submontana)



*Octomeria yauaperyensis*  
(Igapó, floresta de terra firme, campina)







# Oeceoclades

**Gênero:** *Oeceoclades* Lindl.

**Subfamília:** Epidendroideae

**Tribo:** Cymbidieae

**Subtribo:** Eulophiinae

O nome deriva do grego “*Oikeios*” = privado, particular, próprio; “*klados*” = ramo, talvez em referência a separação que Lindley fez do gênero *Angraecum*, tornando *Oeoclades* em uma tribo distinta ou ramo próprio.

O gênero foi descrito em 1832 por John Lindley em *Botanical Register* (sub t. 1522). Até há poucos anos atrás, E. Pfizer referia-se à espécie do gênero *Oeoclades* como sendo *Eulophidium*, gênero do qual é afim.

É formado por aproximadamente trinta espécies distribuídas nas regiões tropicais da América do Sul, Índias Ocidentais, Flórida, África Tropical, Madagascar, Ilhas Mascarenas e Sicília. *Oeceoclades maculata* é a única representante do gênero no Brasil, amplamente distribuída em todos os estados.



Foto: Sérgio Queiroz

*Oeceoclades maculata*  
(Planta terrestre de sub-bosque de floresta,  
cerrado e campina)

# Oncidium

**Gênero:** *Oncidium* Sw.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Maxillarieae  
**Subtribo:** Oncidiinae

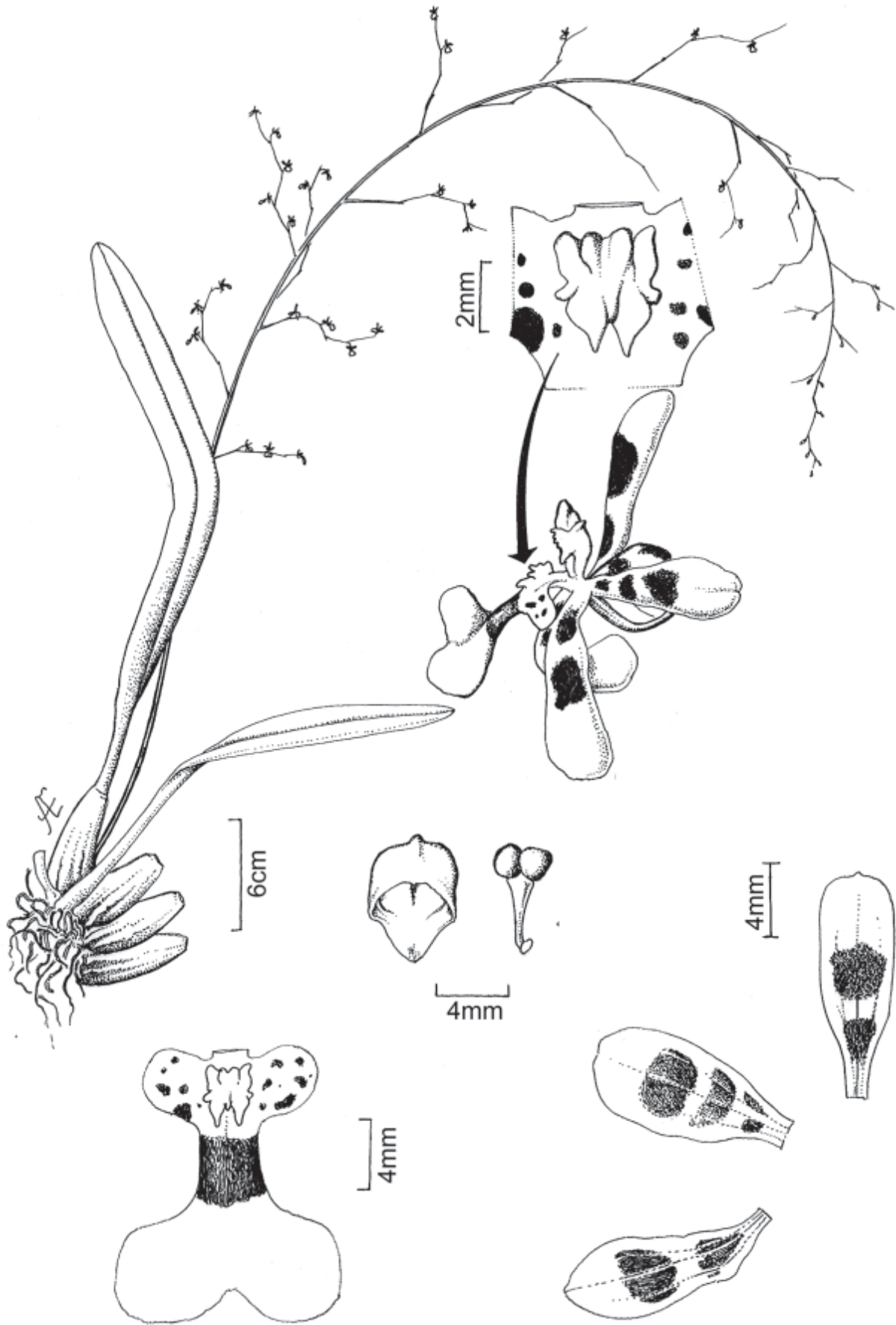
O nome é derivado do grego “*onkos*” = massa, almofada; em referência ao calo que possui no labelo, que foi a base para a descrição do gênero.

O gênero foi descrito em 1800 pelo botânico suíço O. Swartz em *Kungliga Svenska Vetenskapsakademiens Ahandlingar, Stockolm* (p. 239), baseado em várias espécies das Índias Ocidentais, que Linnaeus havia descrito como *Epidendrum*. As controvérsias sobre qual seria a espécie TIPO persistiram por muito tempo. Finalmente foi decidido pelo Comitê de Spermatophytos de que seria *Oncidium altissimum*. Possui entre 400 e 600 espécies, amplamente distribuídas nas Américas tropicais e subtropicais. Gêneros como *Psychmorchis* e *Psychopsis* foram desmembrados de *Oncidium*. Na Amazônia brasileira ocorrem onze espécies, algumas delas incorporadas à flora brasileira nos últimos anos, como *Oncidium boothianum*, *O. nigratum* e *O. schmidtianum*.

Foto: Jorge Macêdo

*Oncidium cebolleta*  
(Mata ribeirinha)





*Oncidium boothianum*  
(Floresta de altitude)

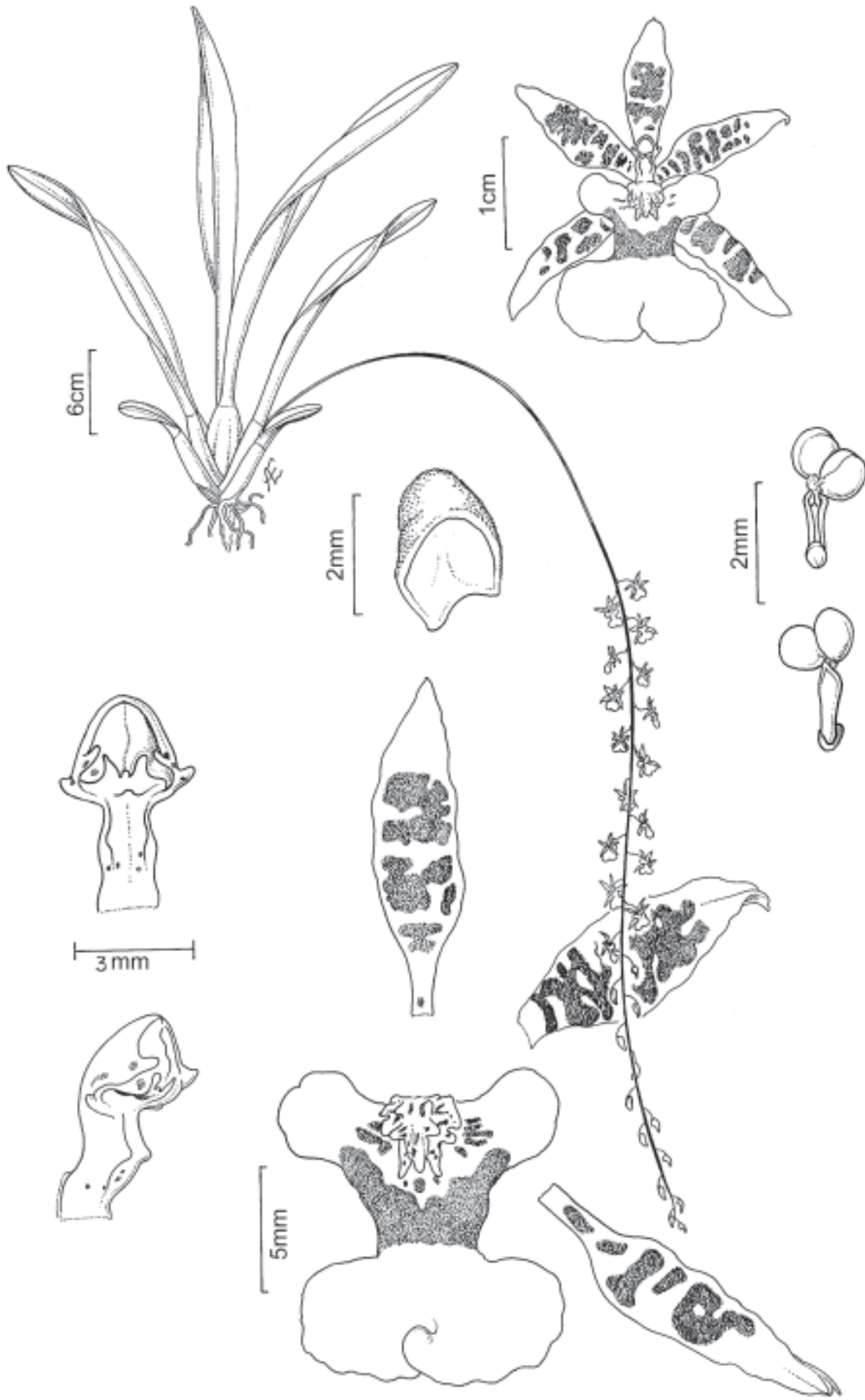
Foto: Jorge Macêdo



*Oncidium lanceanum*  
(Mata de terra firme, mata ribeirinha, igapó)



*Oncidium boothianum*



*Oncidium baueri*  
(Mata ribeirinha, campo rupestre)



*Oncidium baueri*



*Oncidium macropetalum*  
(Cerrado)

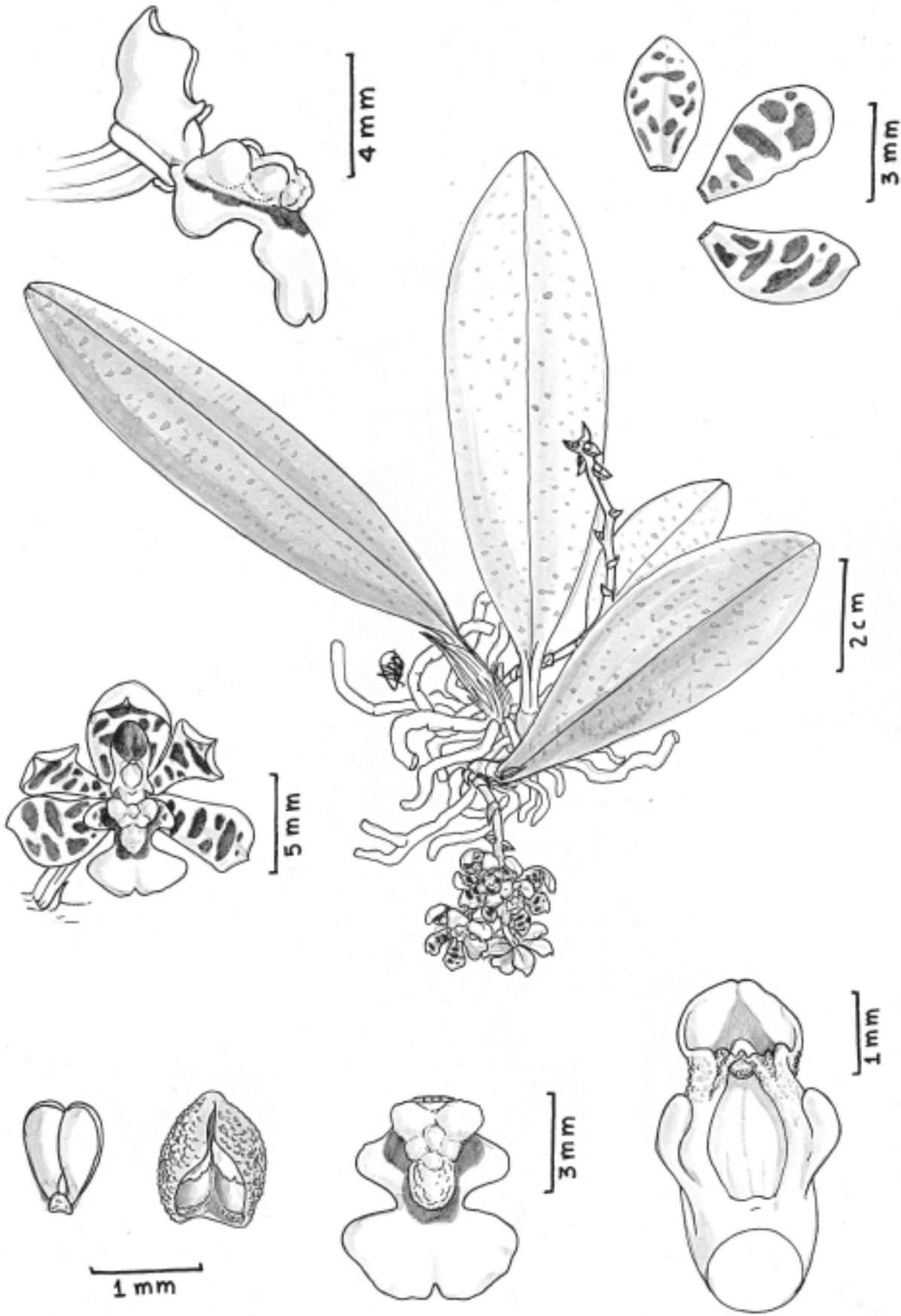


Ilustração: Alex Pinheiro

*Oncidium nanum*  
(Igapó, floresta de terra firme, floresta ciliar, campina)

*Oncidium nanum*





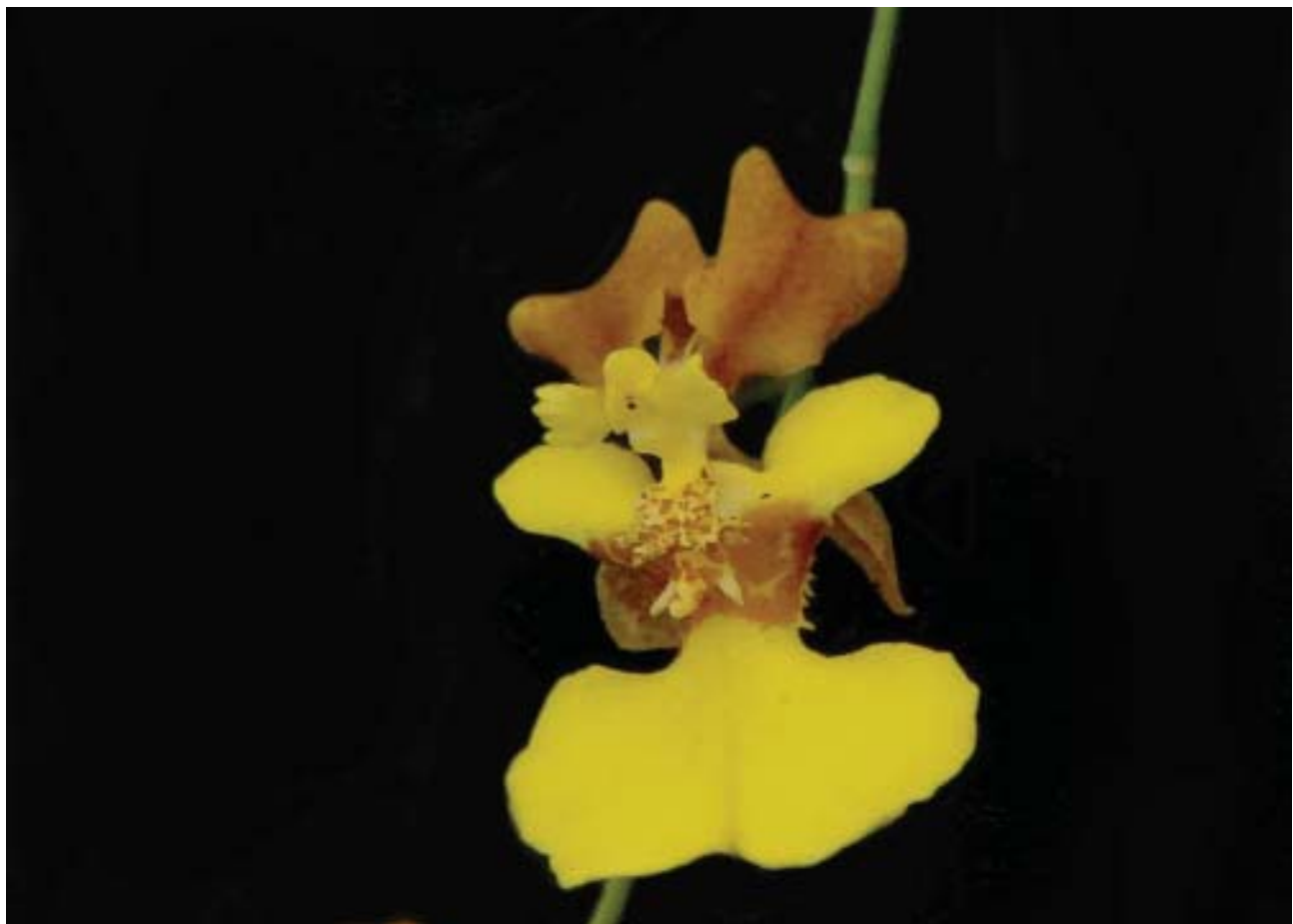
Foto: Joacir Luz



*Oncidium nigratum*  
(Florestas submontana)



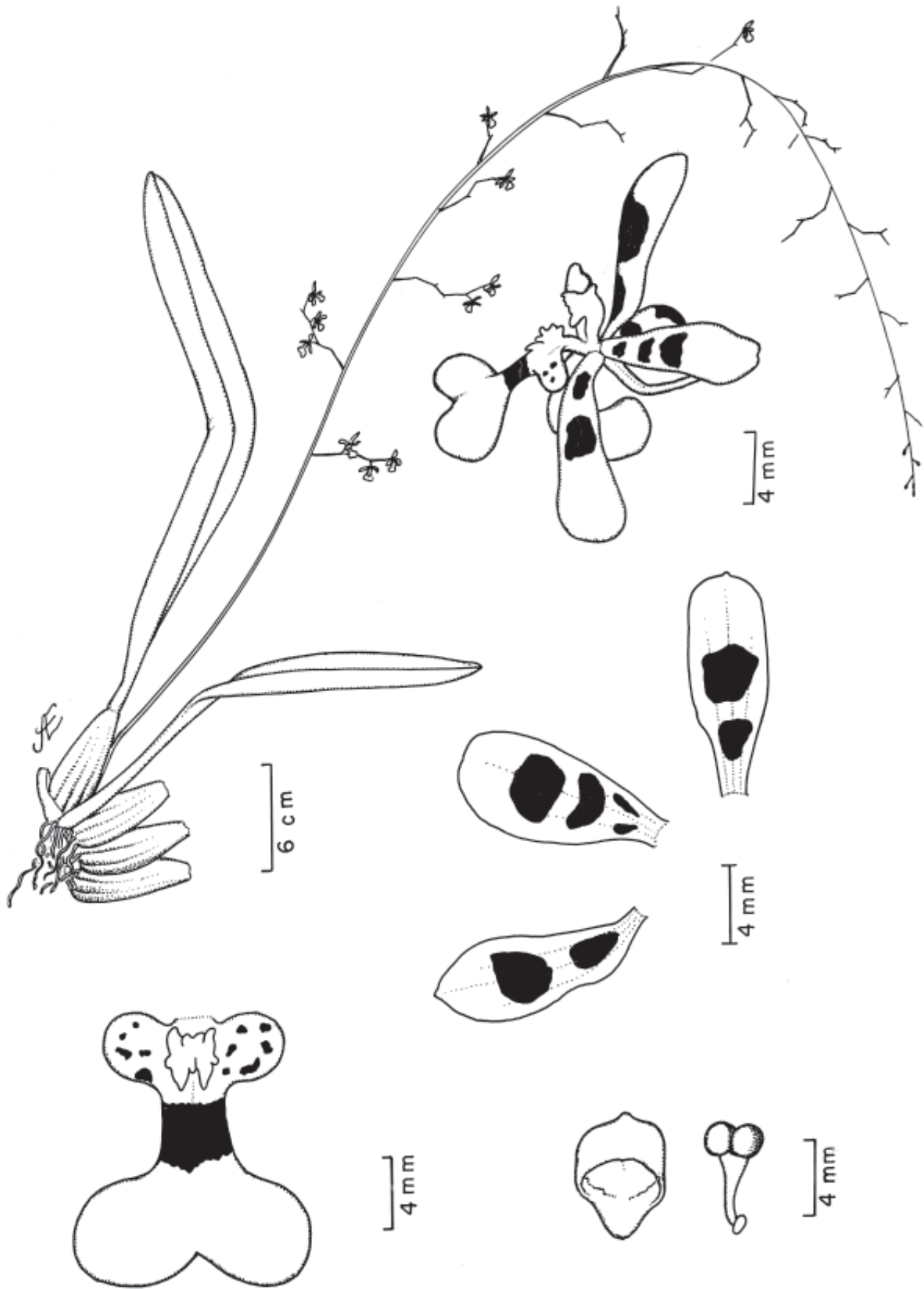
*Oncidium orthostates*  
(Savana, afloramentos rochosos)



*Oncidium fuscopetalum*  
(Cerrado)

*Oncidium morenoi*  
(Floresta de terra firme, floresta ciliar)





*Oncidium schmidtianum*  
(Floresta submontana)

# Orleanesia

**Gênero:** *Orleanesia* Barb. Rodr.

**Subfamília:** Epidendroideae

**Tribo:** Epidendreae

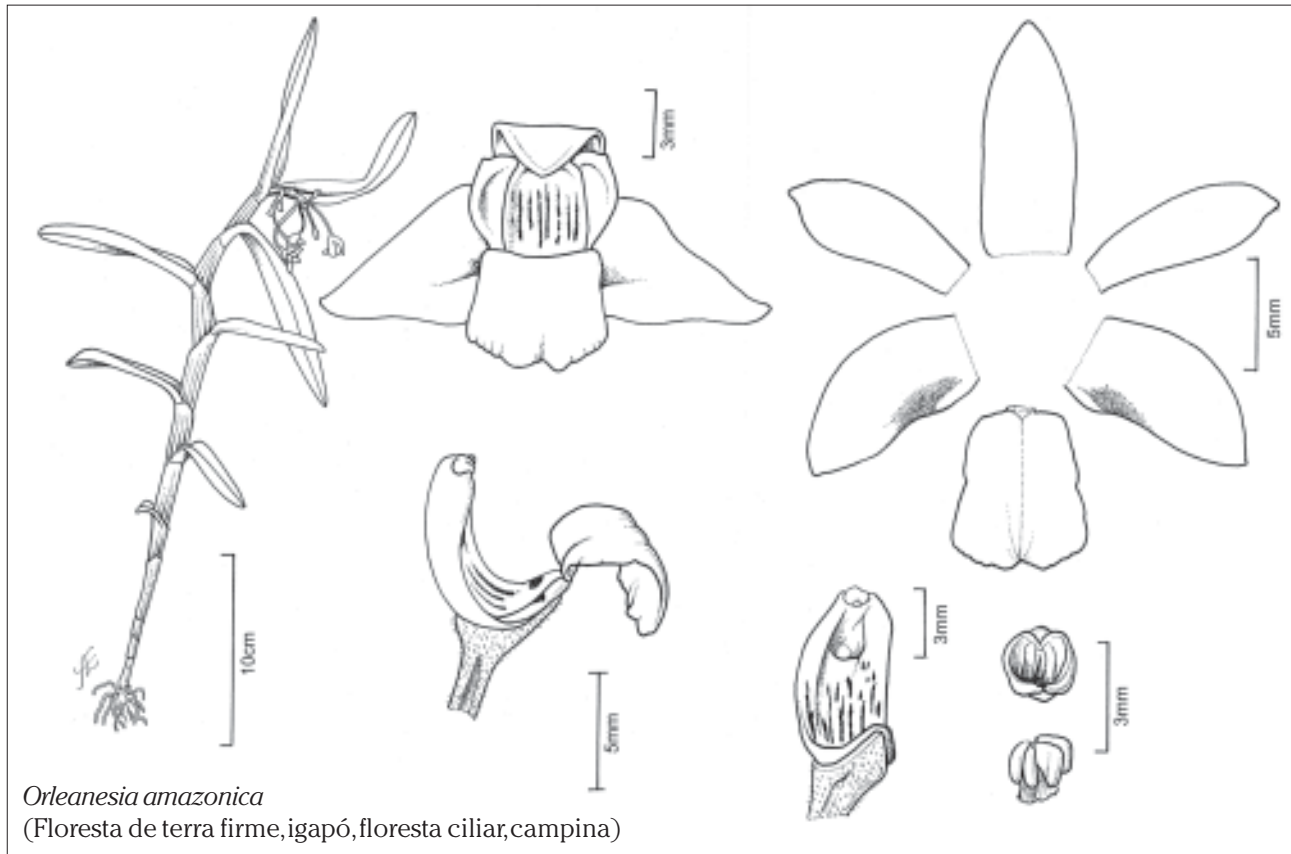
**Subtribo:** Laeliinae

O nome do gênero foi dado em homenagem ao príncipe Gastão de Orleans, um patrono da floricultura.

O gênero foi descrito, em 1877, pelo naturalista brasileiro Barbosa Rodrigues em sua obra *Genera et Species Orchidearum Novarum* (p. 63), baseado em *O. amazonica*. É um gênero nativo da região tropical da América do Sul, Venezuela, Colômbia e Guianas, possuindo poucas espécies, todas epífitas. A maioria das espécies está concentrada em floresta de igapó, principalmente no estado do Amazonas. *O. yauaperyensis* e *O. amazonica* ocorrem também no Brasil central.

*Orleanesia amazonica*





*Orleanesia cuneipetala*  
(Igapó)



# Ornithocephalus

**Gênero:** *Ornithocephalus* Hooker

**Subfamília:** Epidendroideae

**Tribo:** Maxillarieae

**Subtribo:** Ornithocephalinae

O nome do gênero é derivado do grego “*ornis*, *ithos*” = pássaro e “*kephale*” = cabeça, em alusão à forma do ápice da coluna da espécie TIPO, *Ornithocephalus gladiatus*, parecida com a cabeça de um pássaro.

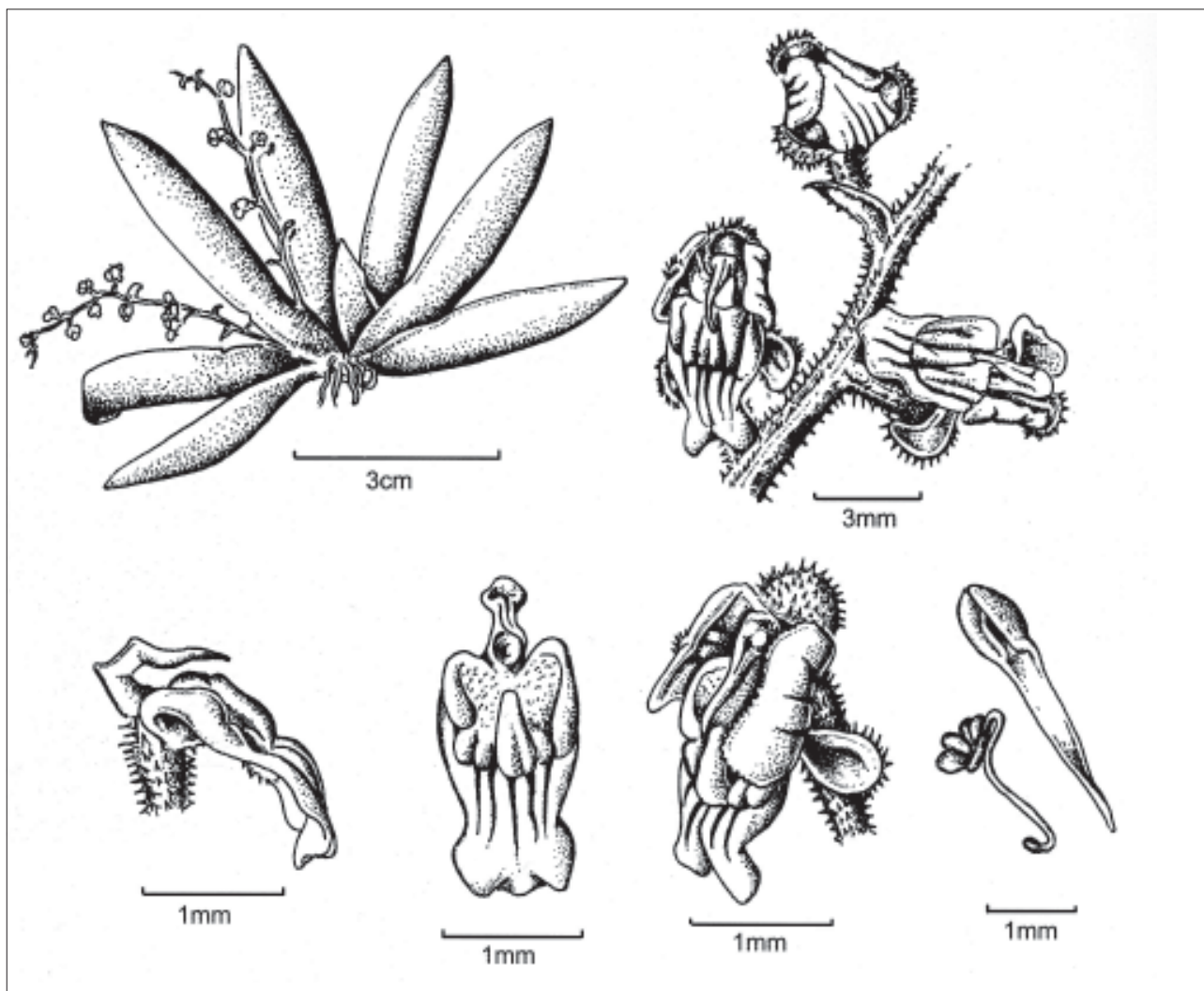
O gênero foi estabelecido, em 1825, pelo botânico inglês William J. Hooker, em sua obra *Exotic Flora* (t. 127). São conhecidas, aproximadamente, 50 espécies, distribuídas nas regiões tropicais das Américas. São plantas epífitas, sem pseudobulbos, rizoma curto, folhas equitantes, organizadas em forma de leque; a inflorescência racemosa surge da axila da folha; flores pequenas esverdeadas ou brancas.

*Ornithocephalus bicornis*  
(Igapó, floresta de altitude)



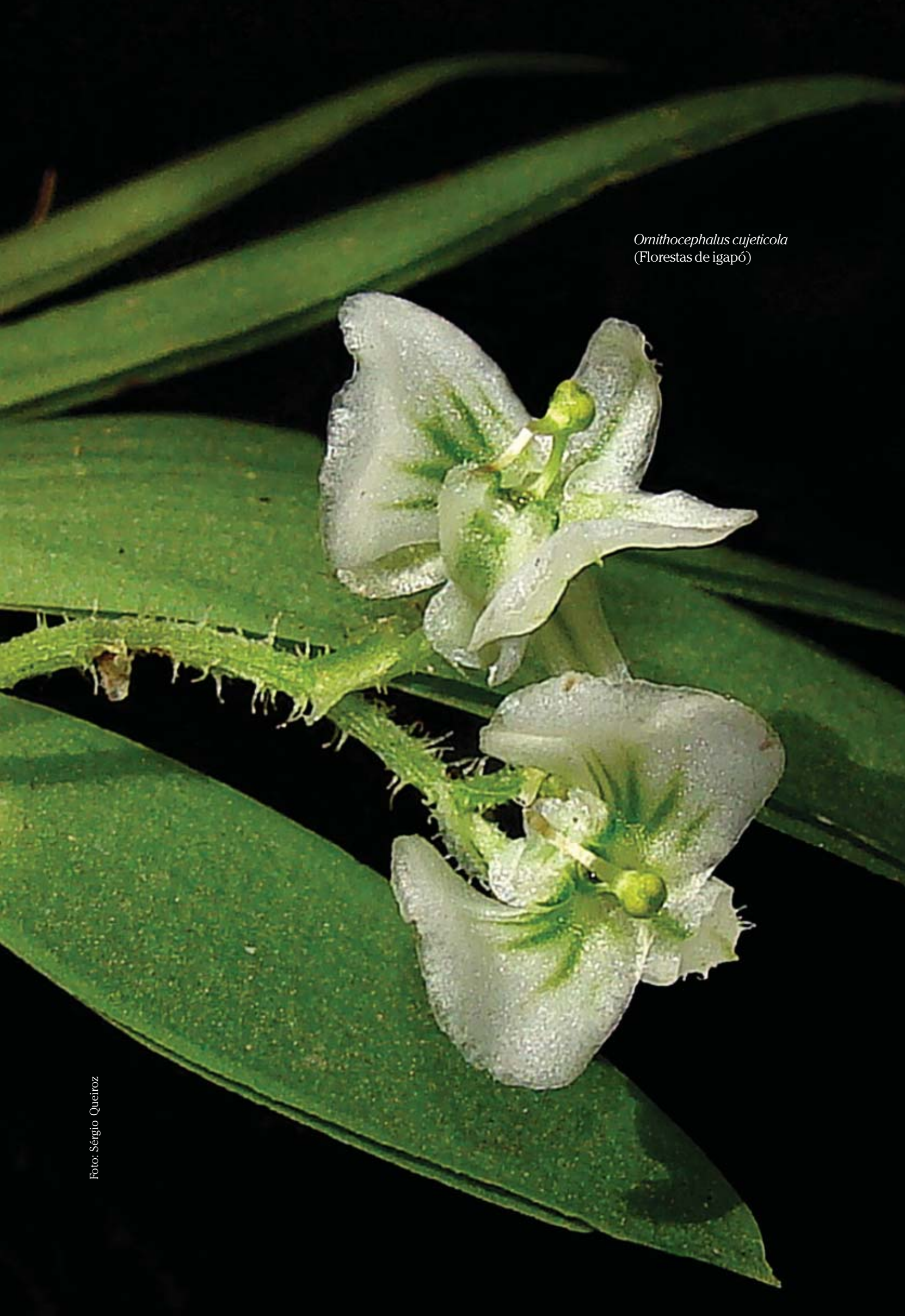
Foto: Sérgio Queiroz

*Ornithocephalus gladiatus*  
(Capoeira, floresta de terra firme, floresta ciliar)



*Ornithocephalus kruegeri*  
(Capoeira, floresta de terra firme, floresta ciliar)

*Ornithocephalus cujeticola*  
(Florestas de igapó)





# Otoglossum

**Gênero:** *Otoglossum* (Schltr.) Garay & Dunsterv.

**Subfamília:** Epidendroideae

**Tribo:** Maxillarieae

**Subtribo:** Oncidiinae

Rudolf Schlechter, quando descreveu *Odontoglossum hoppii*, em *Fedde, Repertorium Specierum Novarum Beihfte*, p. 107, 1924, estabeleceu a secção *Otoglossum* para esta espécie pelas diferenças no hábito de crescimento e estrutura floral. Muitos anos depois, Garay e Dusterville, em *Venezuelan Orchids Illustrated*, vol. 6, p. 41, 1976, na revisão do Gênero da subtribo *Oncidiinae*, resolveram elevar a *Otoglossum* à categoria de novo gênero. O gênero tem oito espécies de crescimento crepitante, distribuídas nas florestas montanhosas da Costa Rica ao Peru. *Otoglossum arminii*, única espécie brasileira ocorre na Amazônia brasileira, na serra da Neblina sobre solo encharcado, misturando-se às outras pequenas ervas, numa altitude de 2100 m. Tem inflorescência ereta de 50 cm com poucas flores.



*Otoglossum arminii*  
(Áreas abertas encharcadas na serra da Neblina)

# *Otostylis*

**Gênero:** *Otostylis* Schltr.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Maxillarieae  
**Subtribo:** Zygopetalinae

*Otostylis* foi descrita por Rudolf Schlechter em *Orchis*, vol. 1 e 2; p. 26, 1918.

As únicas referências sobre este gênero, além da obra de Schlechter, estão em *Flora Brasílica* de F.C. Hoehne (1953), *Orchidaceae brasiliensis*, Pabst e Dungs (1975), *Flora da Venezuela*, onde são citadas quatro espécies. O próprio autor deixa dúvidas quanto à validade do gênero, acreditando que as espécies seriam melhor colocadas no gênero *Koellensteinia* ou *Zygopetalum*, aos quais pertenciam três das quatro espécies descritas.

*Otostylis lepida*  
(Barrancos de rios e igarapés e áreas encharcadas)



Esta é uma confusão que ainda deve ser esclarecida com o conhecimento atual das populações na natureza e material herborizado.

São plantas terrestres, de terrenos encharcados ou úmidos e barrancos de igarapés rochosos, nos estados de Roraima e Amazonas. Possui inflorescência ereta com muitas flores de cor branca com base do labelo amarelo, mais parecidas com flores do gênero *Aganisia* do que com as do *Koellensteinia*. Hoehne cita ocorrências do gênero para Guianas e Trinidad.



*Otostylis brachystalix*  
(Campos encharcados e campinas no Alto Rio Negro)

# *Palmorchis*

**Gênero:** *Palmorchis* Bar. Rodr.

**Subfamília:** Epidendroideae

**Tribo:** Palmorchideae

O gênero foi criado pelo naturalista brasileiro João Barbosa Rodrigues em *Gen. et Spec. Orch. Nov.* vol.1: p. 169, 1877, a partir de plantas coletadas por ele na Amazônia. Em 1898, Rolfe publicou o gênero *Jenmania*, baseado numa planta de Trinidad. No mesmo ano, Zahlbruckner mudou o nome dado por Rolfe para *Rolfea*, homenageando-o, porque o nome *Jenmania* já era usado no grupo dos Líquens. Em 1901, Cogniaux incluiu as duas plantas de Barbosa Rodrigues no gênero *Sobralia*. Schlechter, posteriormente, descreveu *Neobartlettia kuhlmannii*, hoje, também, incorporada ao gênero de Barbosa Rodrigues, atualmente aceito.

As plantas são terrestres e lembram pequenas palmeiras – o que deu significado ao nome. Crescem em terrenos secos; a inflorescência é apical para a maioria das espécies e lateral para *P. pubescens*, espécie de terrenos inundáveis.

*Palmorchis sobralioides*  
(Terrestre de florestas e campinas de solos arenosos)





*Palmorchis puber*  
(Planta terrestre de floresta inundável)



*Palmorchis guianensis*  
(Terrestre de solos arenosos e úmidos)

# Paphinia

**Gênero:** *Paphinia* Lindl.

**Subfamília:** Epidendroideae

**Tribo:** Maxillarieae

**Subtribo:** Stanhopeinae

“Paphia” é o nome Cipriota de Afrodite, foi nomeado também a cidade Paphos.

O gênero foi descrito em 1843 por John Lindley em *Botanical Register* (misc. p. 14), baseado em plantas coletadas pelo diplomata e botânico Alemão R. Schomburgk na Guiana e levadas para a Europa onde floresceram na coleção de M. J. Knight, na Inglaterra. É um gênero pequeno, com, aproximadamente, cinco espécies distribuídas no nordeste da América do Sul e norte da Guatemala. Plantas de tamanho médio, com pseudobulbos e duas folhas no ápice, inflorescência pendente e surge logo após a brotação da nova frente antes de aparecer o pseudobulbo; flores grandes coloridas com manchas marrom-avermelhadas sobre o fundo branco. *Paphinia cristata* tem distribuição mais ampla na Amazônia brasileira, ocorrendo em todos os estados, em ambientes saturados de umidade. *P. grandiflora*, uma espécie endêmica do estado do Amazonas, e suas flores não abrem totalmente. *P. lindeniana* tem até oito flores por inflorescência.



*Paphinia cristata*  
(Mata ribeirinha e igapó)



*Paphinia lindeniana*  
(Igapó)



*Paphinia grandiflora*  
(Florestas sombreadas e campinas)

# Peristeria

**Gênero:** *Peristeria* Hook.

**Subfamília:** Epidendroideae

**Tribo:** Maxillarieae

**Subtribo:** Stanhopeinae

*Peristeria serroniana*  
(Igapó, várzea, floresta ciliar)

O nome deriva do grego “*peristerion*” = pomba, em alusão à figura de uma pomba formada pela coluna e o labelo, no centro da flor da espécie TIPO *Peristeria elata*.

O gênero foi descrito em 1831 pelo botânico inglês Sir William J. Hooker em *Botanical Magazine*, baseado em uma planta proveniente do Panamá. A espécie TIPO é conhecida como “Orquídea do Espírito Divino” ou “Orquídea da Paz” e é a flor nacional do Panamá.

É um gênero pequeno, formado por, aproximadamente, seis espécies cuja distribuição restringe-se às regiões tropicais das Américas, da Costa Rica e sul do Panamá ao Peru e Brasil. *P. elata* Hooker é a única espécie terrestre deste gênero. Na Amazônia brasileira, são conhecidas quatro espécies. São epífitas, pseudobulbos e folhas grandes, inflorescência pendente com flores de forma globular com pequenas pintas marrons sobre a cor creme-avermelhada. São plantas de ambientes saturados de umidade, crescendo nos troncos a pouca altura do solo. Estão presentes em todos os estados da Amazônia.



Foto: Sérgio Queiroz





Foto: Jorge Macêdo

*Peristeria pendula*  
(Floresta de igapó)



Foto: Jorge Macêdo

*Peristeria guttata*  
(Floresta de terra firme, campina, igapó)

# *Phragmipedium*

**Gênero:** *Phragmipedium* Rolfe

**Subfamília:** Cyripedioideae

*Phragmipedium* foi estabelecido por Robert A. Rolfe em 1896 em *Orchid Review*, p. 330. São cerca de vinte espécies nas Américas Central e do Sul. Na Amazônia brasileira, Pabst cita *P. caricinum* (Lindley) Rolfe e Hoehne cita *P. Lindleyanum* (Schomb.) Rolfe, ambas para o estado de Roraima.

Acredita-se que estas espécies possam ser encontradas na serra Pacaraima, pois Garay e Dunsterville referem-se a *P. lindleyanum* para esta região. A única espécie conhecida e coletada pelos autores foi *P. klotzscheanum*, encontrada nos igarapés rochosos, sempre banhada por água corrente.

No Brasil, a espécie é endêmica da serra Pacaraima em altitude de 600 a 1300 m. Ainda são poucas as informações sobre as espécies de Roraima.

A espécie TIPO de *P. klotzscheanum* foi coletada na Guiana por R. Schomburgk.

Em 1848 descrita como *Cypripedium klotzscheanum*, e transferida em 1896 por Rolfe para o gênero *Phragmipedium*.



*Phragmipedium klotzscheanum*  
(Solos úmidos ou encharcados)

# Platystele

*Platystele paraensis*  
(Floresta de terra firme)

**Gênero:** *Platystele* Schltr.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Epidendreae  
**Subtribo:** Pleurothallidinae

O nome do gênero é derivado do grego “*platys*” = parte larga e “*stela*” = coluna, referindo-se à coluna curta com parte superior dilatada.

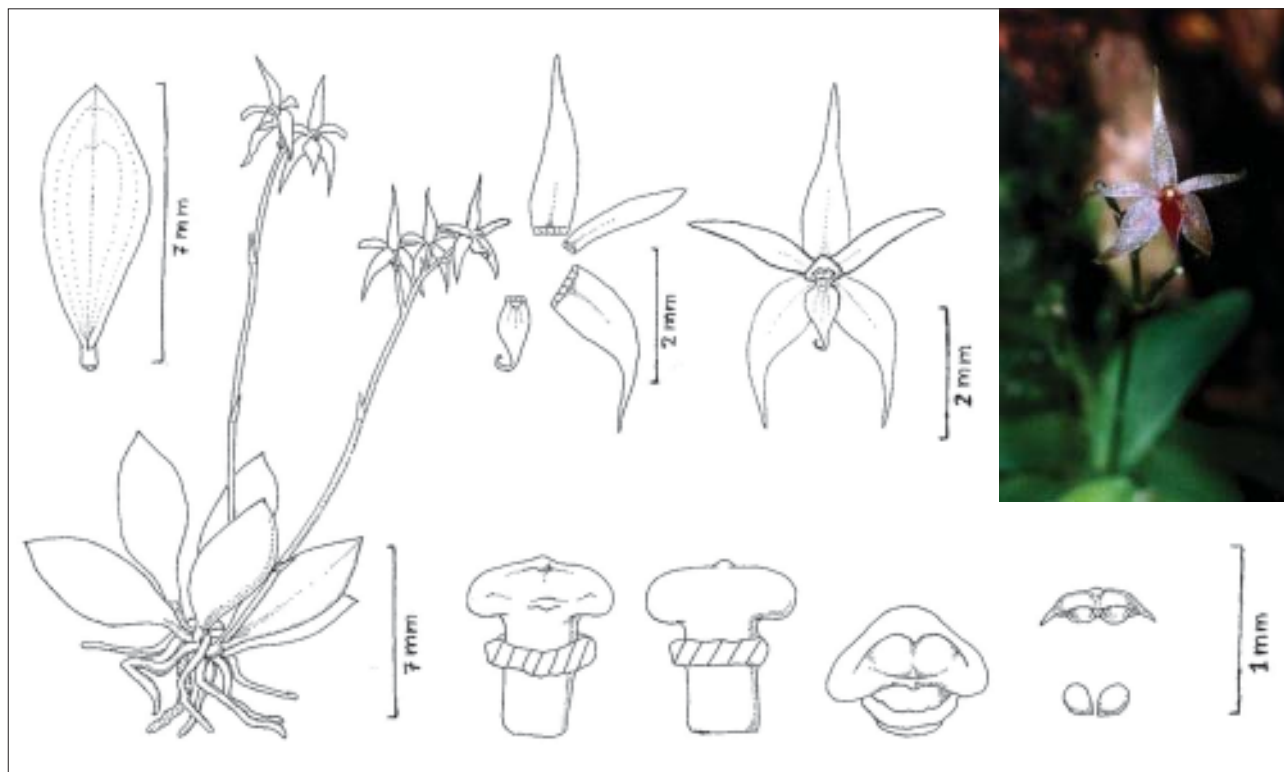
O gênero foi descrito em 1910 por Rudolf Schlechter em *Fedde, Repertorium Specierum Novarum* (p. 565). As plantas de *Platystele* são muito pequenas; é reportada como sendo a menor delas *P. jungermannioides* da América Central, porém muitas outras espécies são pequenas com flores diminutas. São reconhecidas cerca de 73 espécies para o gênero, distribuídas nas Américas Central e do Sul, em florestas de altitude moderada, mas a maior concentração está nas altitudes de 1500-2500 m nos Andes da Colômbia e Equador. O mais completo trabalho sobre o gênero é *Icones Pleurothallidarum VII, Systematics of Platystele* do Dr. Carlyle A. Luer.

A única espécie referida para o sudeste do Brasil é *Platystele oxyglossa* (Schltr.) Garay, tendo como sinônimo *P. pygmaea* Hoehne e *P. brasiliensis* Brade. Na Amazônia brasileira, registra-se *P. Edmundo* Pabst, coletada em 1955 na serra do Cachimbo; *P. microscopica* Luer, coletada pelo autor e André Cardoso, na serra do Surucucu em 1996 e *P. ovalifolia*, coletada pelo autor em São Félix do Xingu em 1979, entre outras coletas nos estados do Amazonas e Roraima. Uma outra espécie ainda não identificada foi coletada pelo autor em setembro de 2001, em São Félix do Xingu-PA.

Foto: Sérgio Queiroz



*Platystele ovalifolia*  
(Floresta de terra firme, igapó, várzea)



*Platystele* sp.  
(Floresta de terra firme)

# *Plectrophora*

**Gênero:** *Plectrophora* Focke  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Maxillarieae  
**Subtribo:** Oncidiinae

*Plectrophora schmidtii*  
(Floresta ribeirinha)

O gênero foi estabelecido por W.O. Focke em *Tijdschr. Natuur. Wetensch.* 1: 212.1848, com base numa planta recebida do Suriname, descrita como *Plectrophora iridifolia*. São plantas pequenas com folhas tipo faca, arranjadas em leque, uma no ápice do pseudobulbo e uma de cada lado deste; a inflorescência surge da base do pseudobulbo, de floração simples. As flores são de tamanho mediano a pequenas, de colorido forte, branco com estrias amarelas ou puramente amarelas. As sépalas laterais formam um grande esporão a partir da base, e as pétalas ficam juntas ao labelo. São encontradas quatro espécies na Amazônia brasileira – *P. cultrifolia*, de cor branca brilhante com listras longitudinais alaranjadas na parte interna do labelo; *P. iridifolia*, um pouco maior, amarela com as listras encombertas; *P. calcarhamata*, uma espécie descoberta por F. C. Hoehne, cujo material foi extraviado durante sua viagem ao rio Tapajós, espécie que recoletamos na serra dos Carajás em 1984 e *P. schmidtiana*, a menor espécie do gênero, coletada por A. Schmidt no estado do Mato Grosso e descrita por Rudolf Jenny.

Foto: Sérgio Queiroz



*Plectrophora iridifolia*  
(Florestas ribeirinhas)

*Plectrophora calcarhamata*  
(Floresta ribeirinha)



*Plectrophora cultrifolia*  
(Florestas ribeirinha, igapós e várzeas)

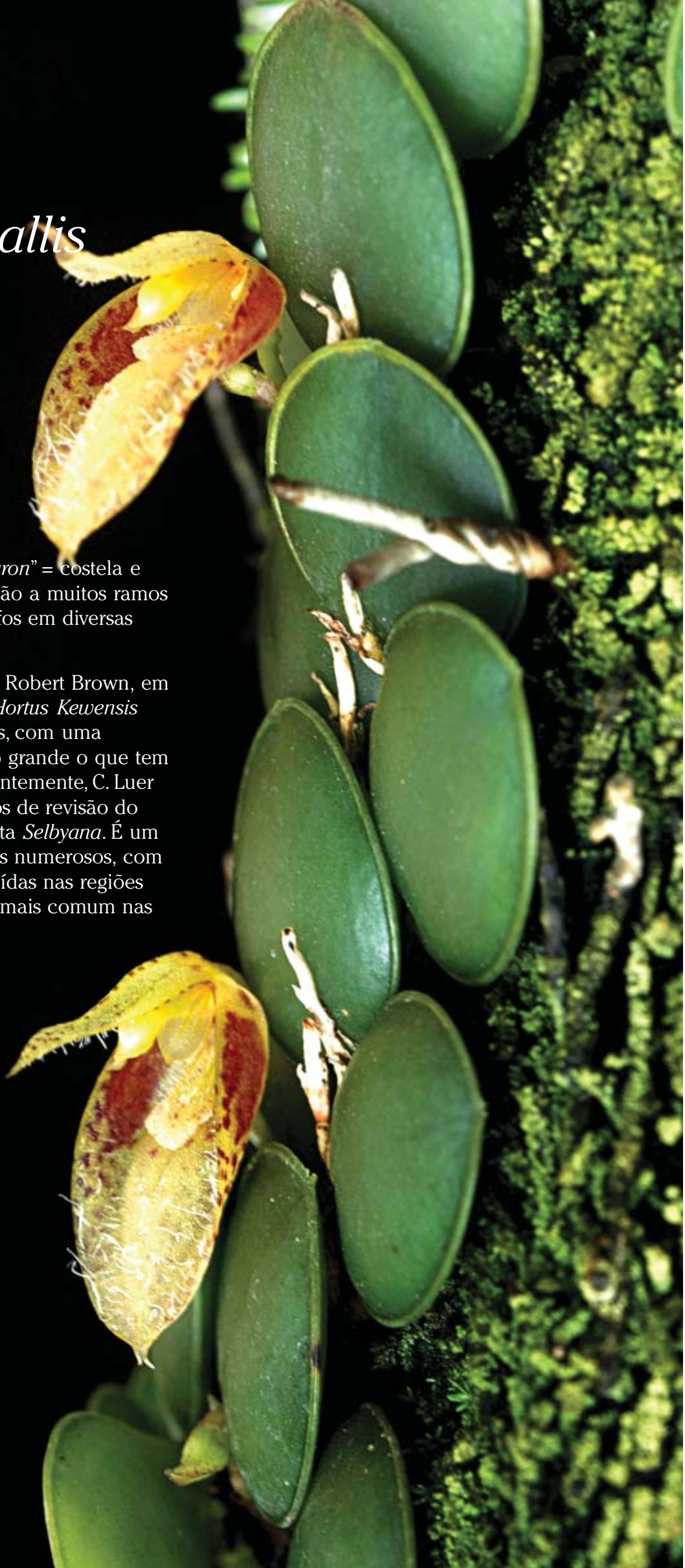
# *Pleurothallis*

**Gênero:** *Pleurothallis* R. Br.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Epidendreae  
**Subtribo:** Pleurothallidinae

O nome deriva do grego “*pleuron*” = costela e “*thallos*” = curto, ramo, em alusão a muitos ramos como costela em forma de tufos em diversas espécies.

O gênero foi estabelecido por Robert Brown, em 1813, na segunda edição de *Hortus Kewensis* (p. 211). São plantas pequenas, com uma diversidade de espécies muito grande o que tem dificultado o seu estudo. Recentemente, C. Luer publicou importantes trabalhos de revisão do gênero, em fascículos na revista *Selbyana*. É um dos gêneros de orquídeas mais numerosos, com cerca de 900 espécies distribuídas nas regiões tropicais das Américas, sendo mais comum nas regiões montanhosas.

*Pleurothallis deterrmannii*  
(Floresta densa de terra firme)





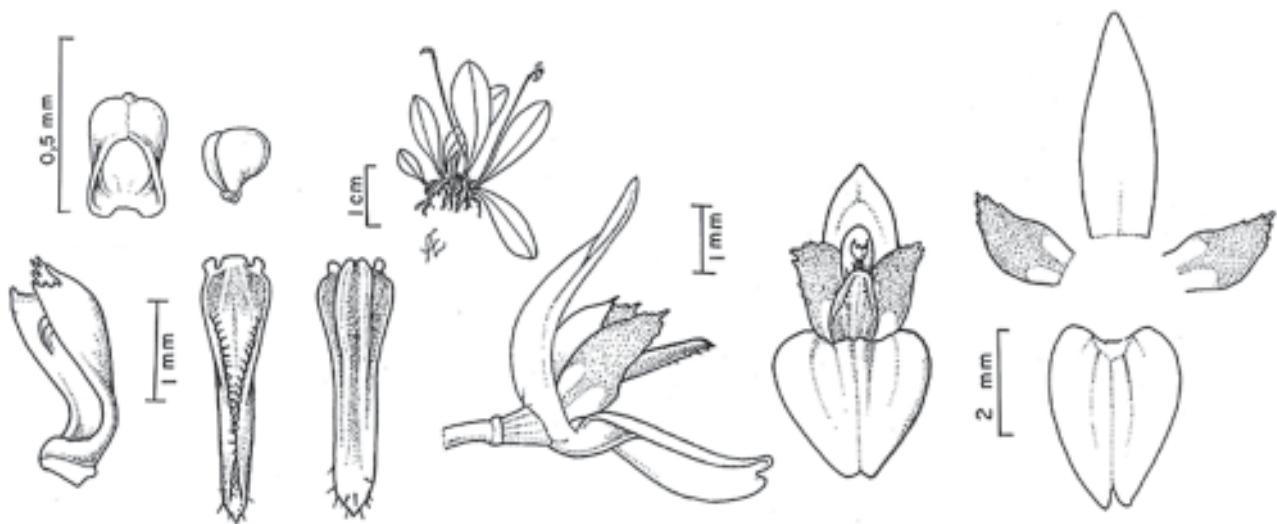
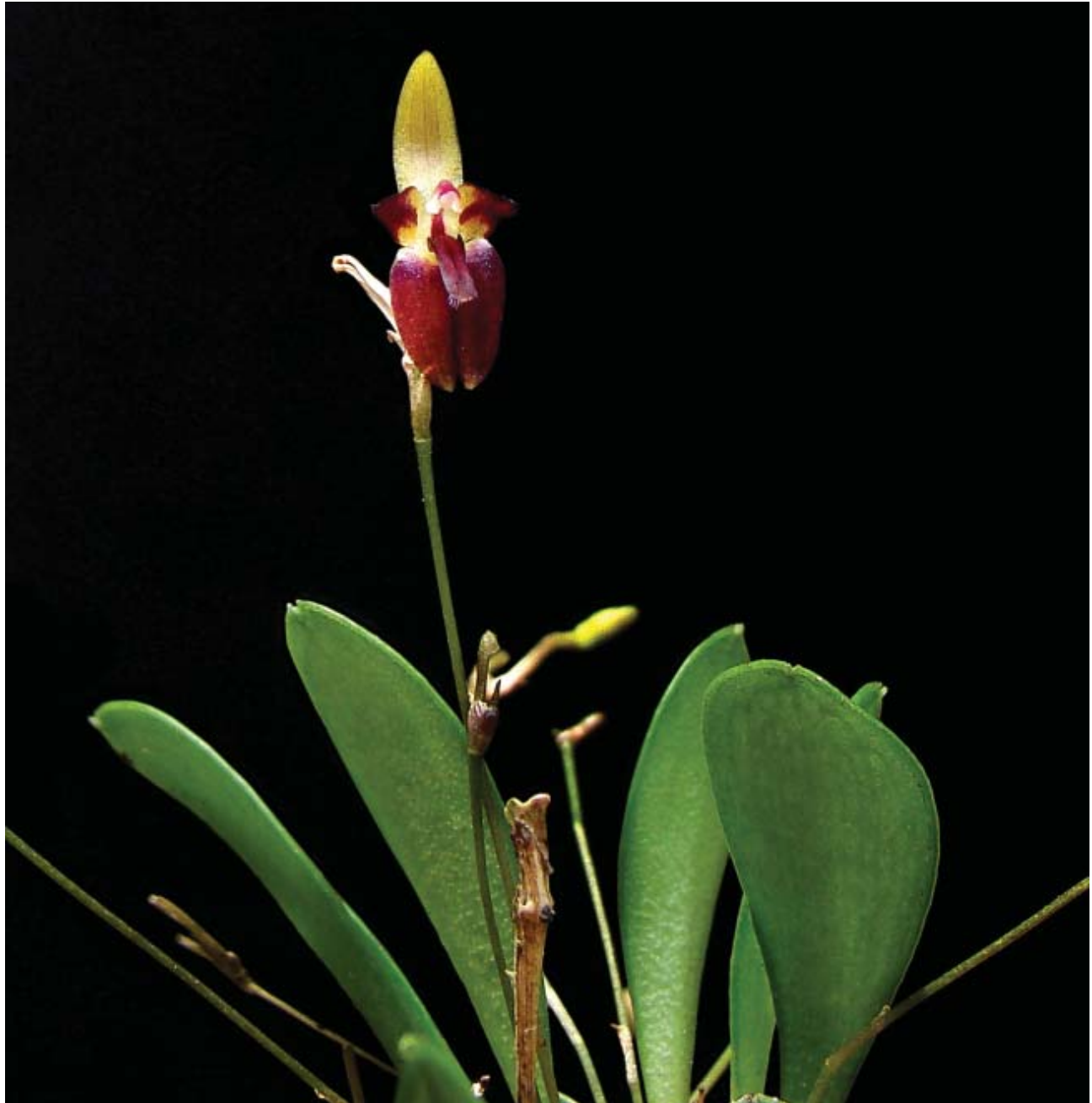
*Pleurothallis breviscapa*  
(Igapó, floresta de terra firme)

Foto: Sérgio Queiroz



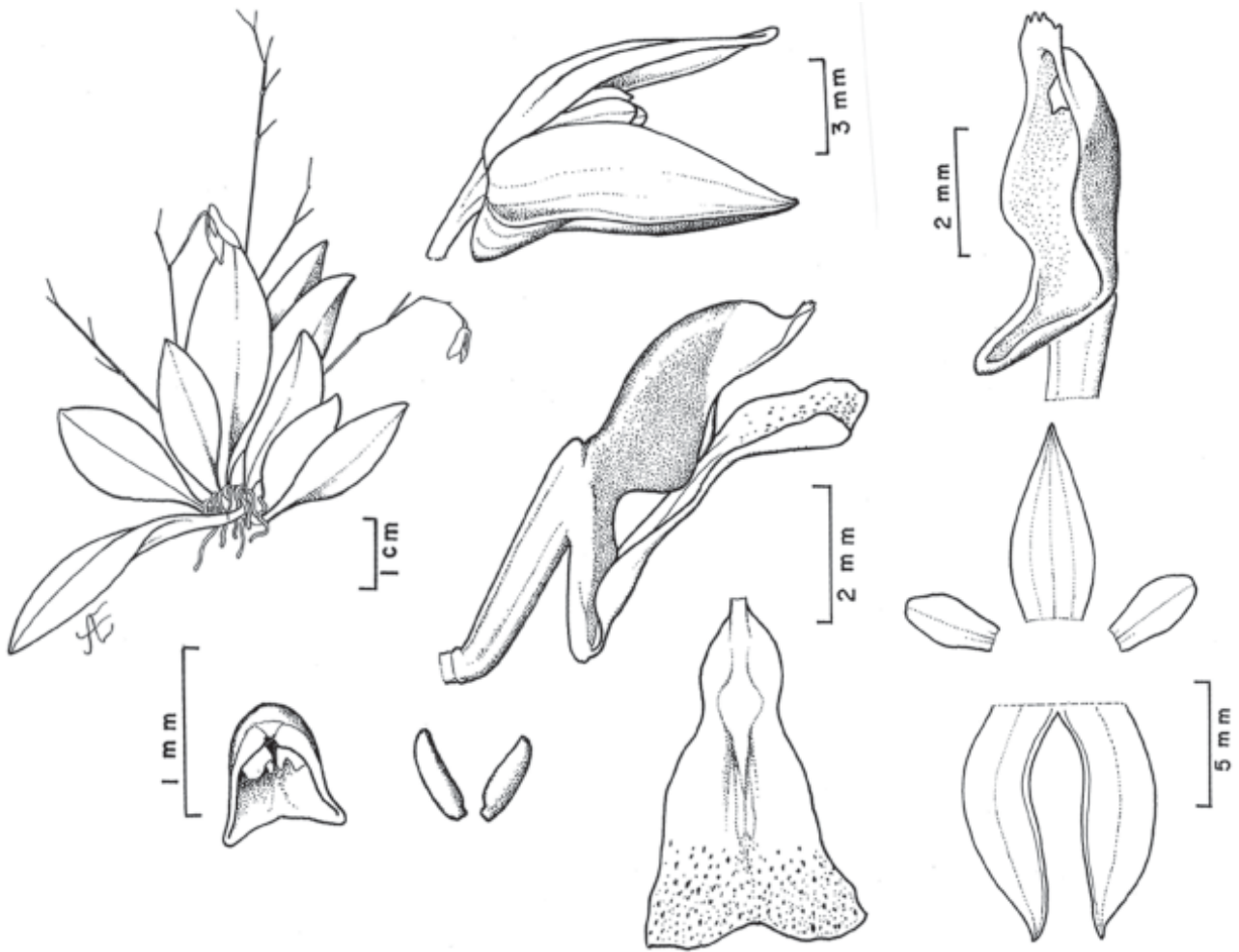
*Pleurothallis glandulosa*  
(Floresta de várzea)





*Pleurothallis barbulata*  
(Floresta de terra firme, igapó)

Foto: Sérgio Queiroz



*Pleurothallis mentosa*  
(Floresta de terra firme, campina, igapó)



*Pleurothallis barthelemy*  
(Floresta de várzea)



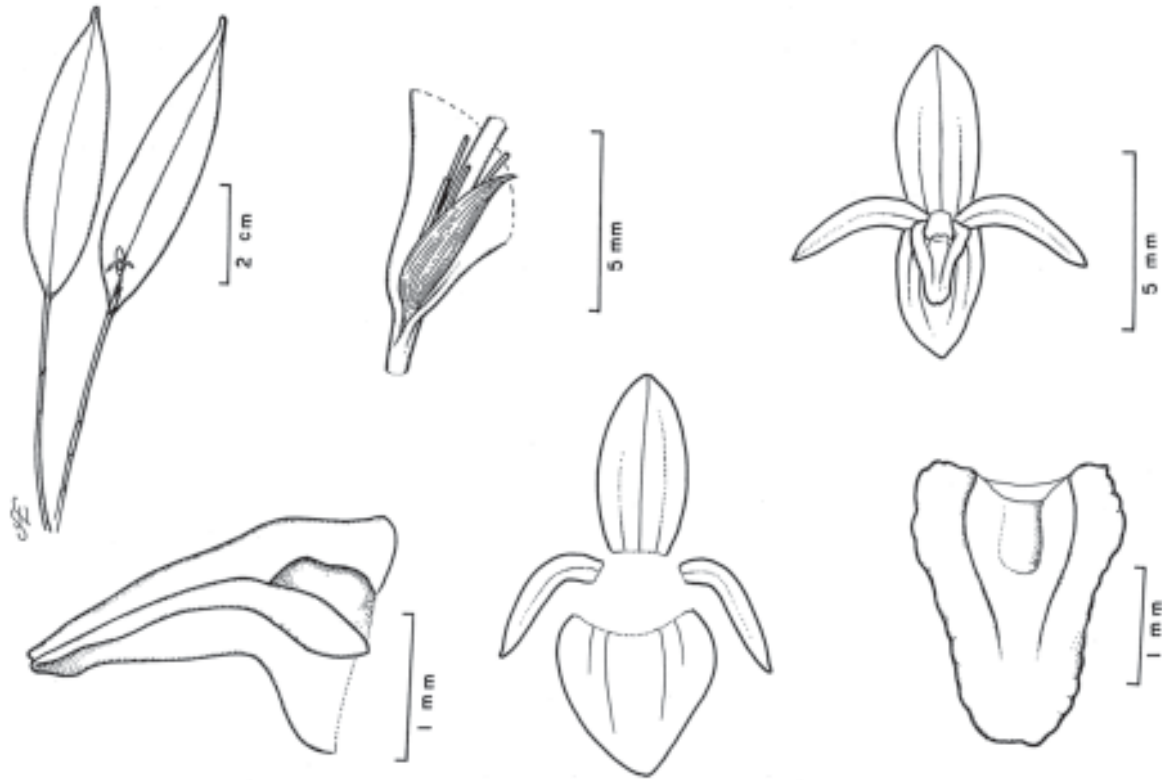
*Pleurothallis brevipes*  
(Floresta de várzea, campina)

Fotos: Sérgio Queiroz



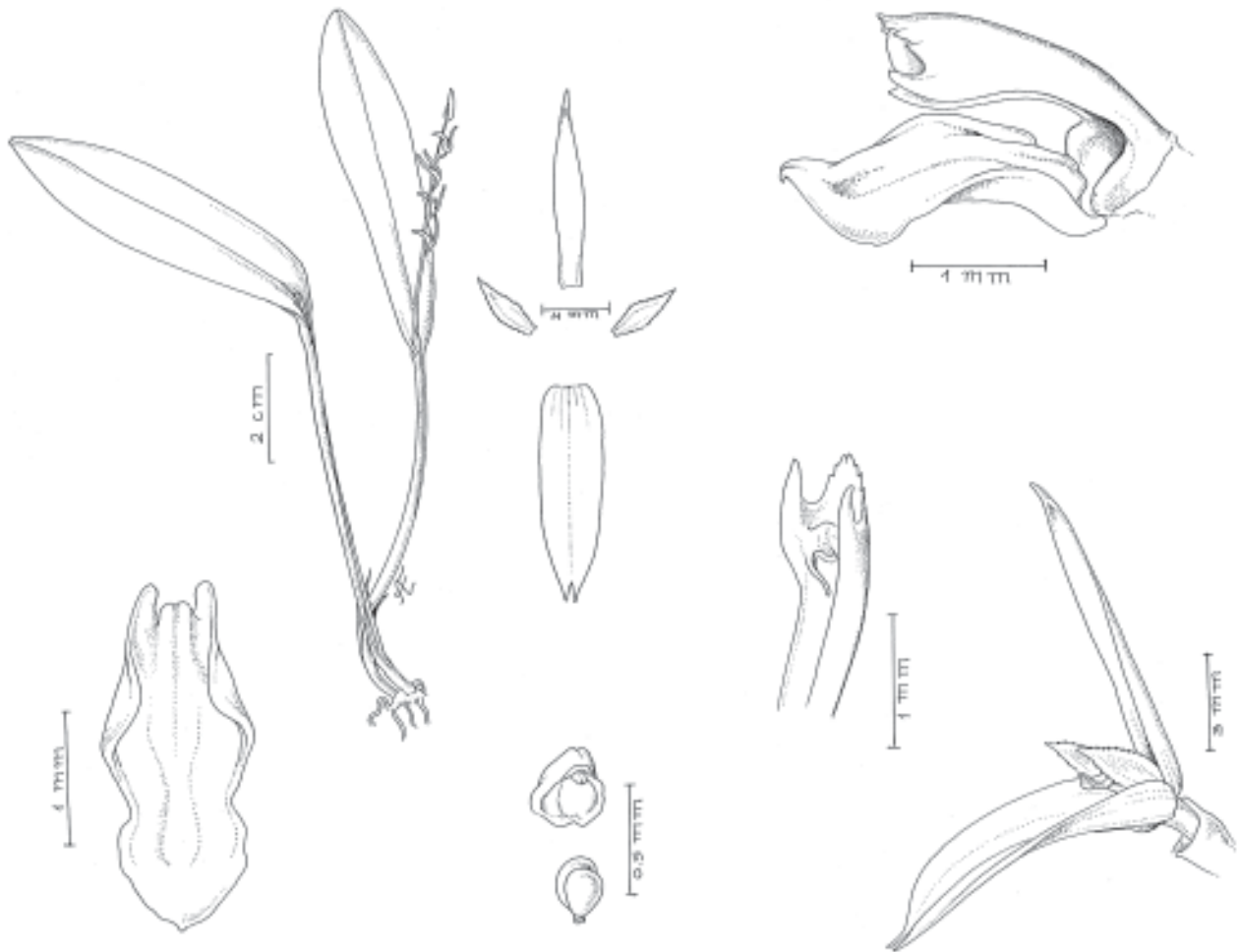
*Pleurothallis picta*  
(Floresta de várzea, igapó e campina)





*Pleurothallis discoidea*  
(Florestas superúmidas)

Foto: Sérgio Queiroz



*Pleurothallis lanceana*  
(Mata ribeirinha, campina aberta, mata de terra firme e igapó)



*Pleurothallis discophylla*  
(Campina)



*Pleurothallis galeata*  
(Floresta de altitude)

*Pleurothallis* sp.  
(Floresta submontana)



*Pleurothallis coffeicola*  
(Campina e igapó)







*Pleurothallis ciliota*  
(Floresta superúmida)



*Pleurothallis ephemera*  
(Floresta de terra firme)



*Pleurothallis hitchcockii*  
(Floresta de altitude)



*Pleurothallis kerrii*  
(Campinas e mata de terra firme)



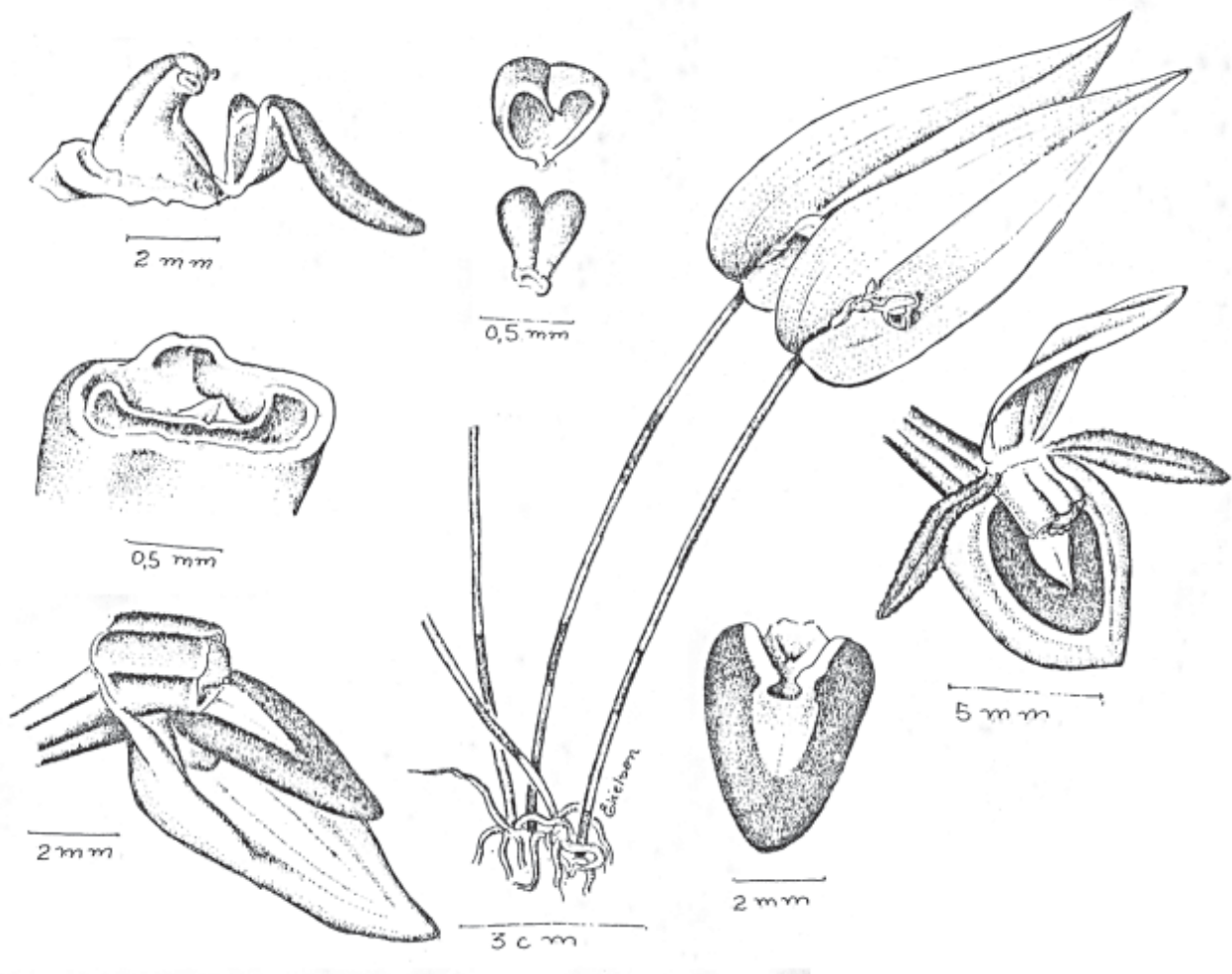
*Pleurothallis sclerophylla*  
(Floresta submontana)



*Pleurothallis grobyi*  
(Mata de terra firme, mata ribeirinha, campina e igapó)



*Pleurothallis fockei*  
(Floresta de terra firme, igapó e campina)



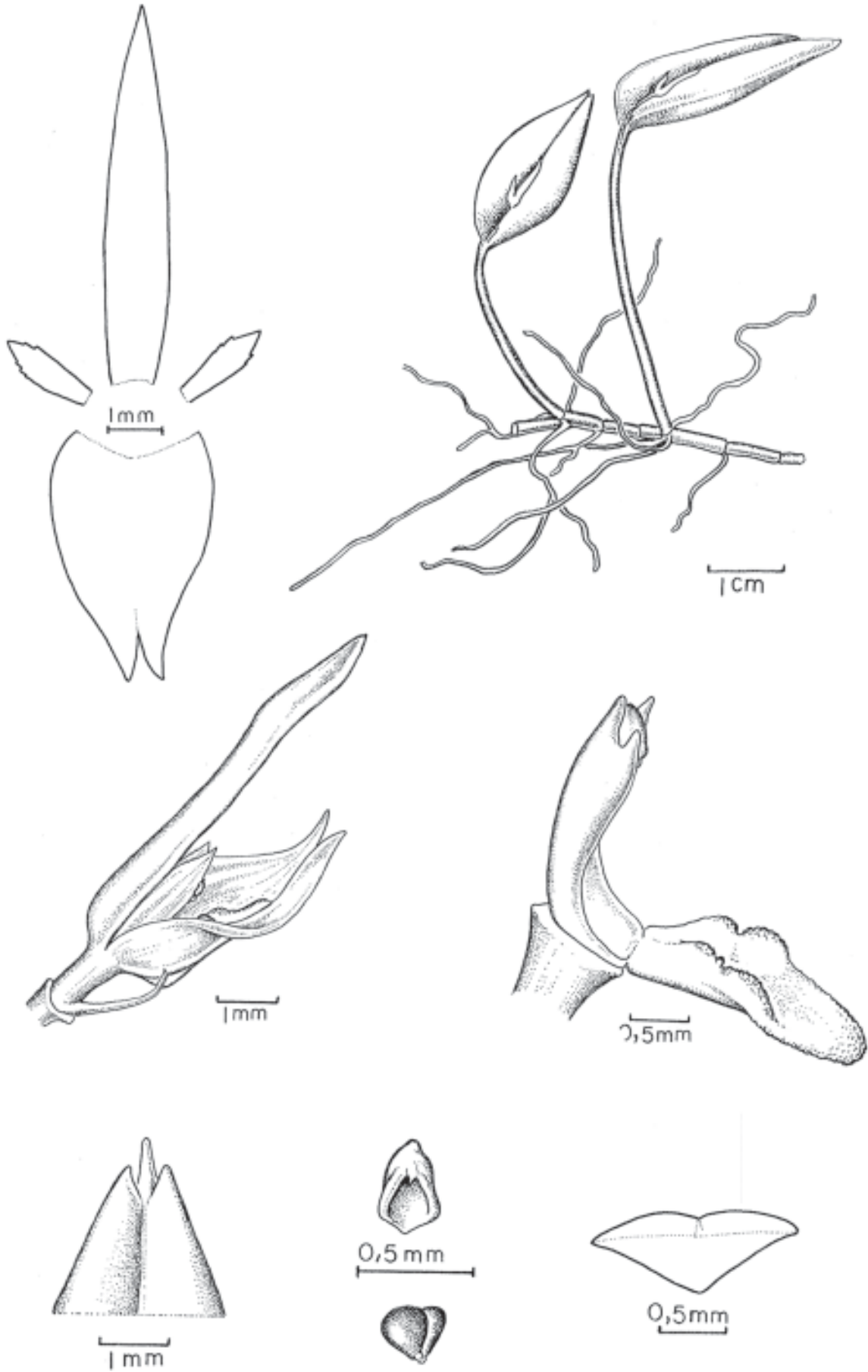
*Pleurothallis monocardia*  
(Floresta submontana)



Foto: Sérgio Queiroz



*Pleurothallis nanifolia*  
(Florestas ribeirinhas e igapó)



*Pleurothallis miqueliana*  
(Igapó e campina)



Foto: Sérgio Queiroz

*Pleurothallis miqueliana*



Foto: Sérgio Queiroz

*Pleurothallis modesta*  
(Mata de terra firme)

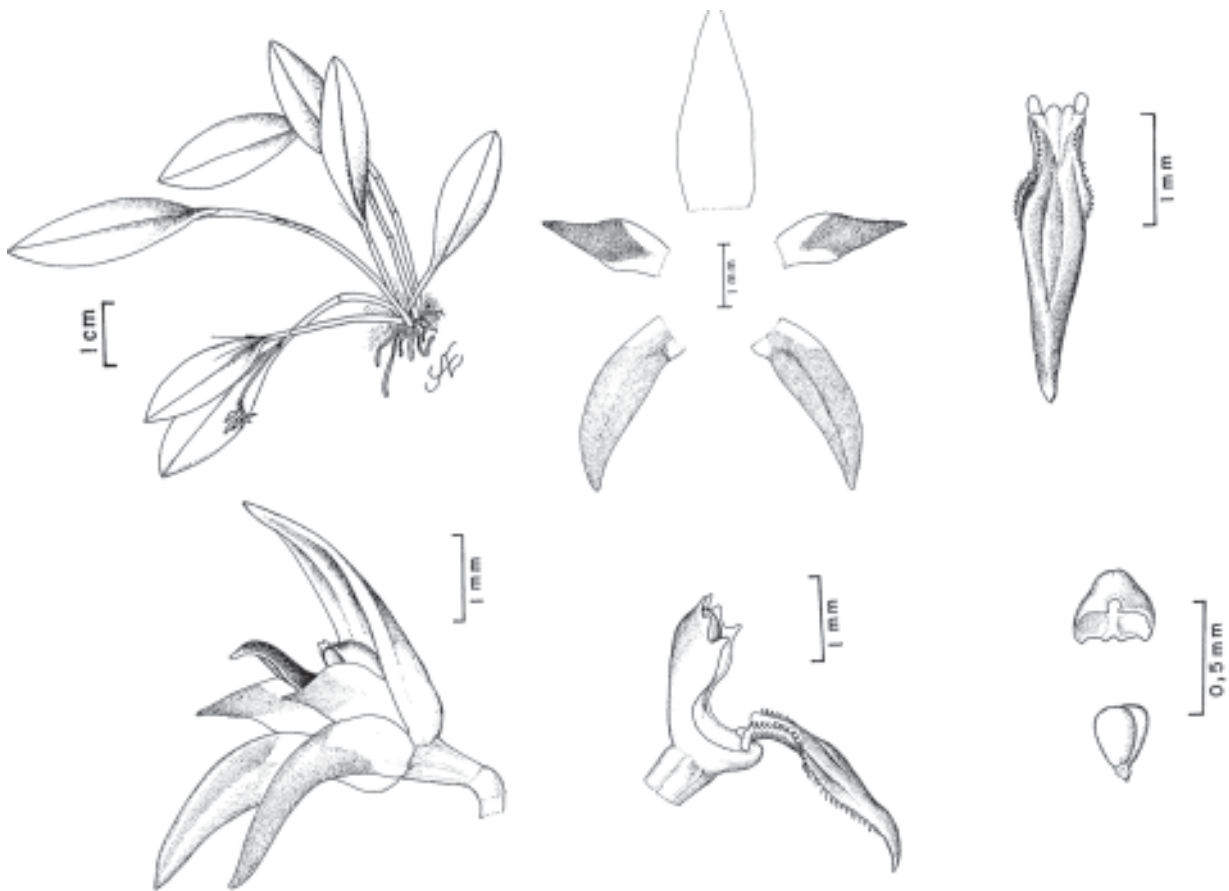


Foto: acervo do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA)



*Pleurothallis peperomioides*  
(Floresta de terra firme)

Foto: Sérgio Queiroz



*Pleurothallis pruinosa*  
(Floresta de várzea, igapó)





*Pleurothallis navicularis*  
(Igapó)



*Pleurothallis semperflorens*  
(Floresta de várzea, igapó e terra firme)



*Pleurothallis ruscifolia*  
(Floresta submontana)

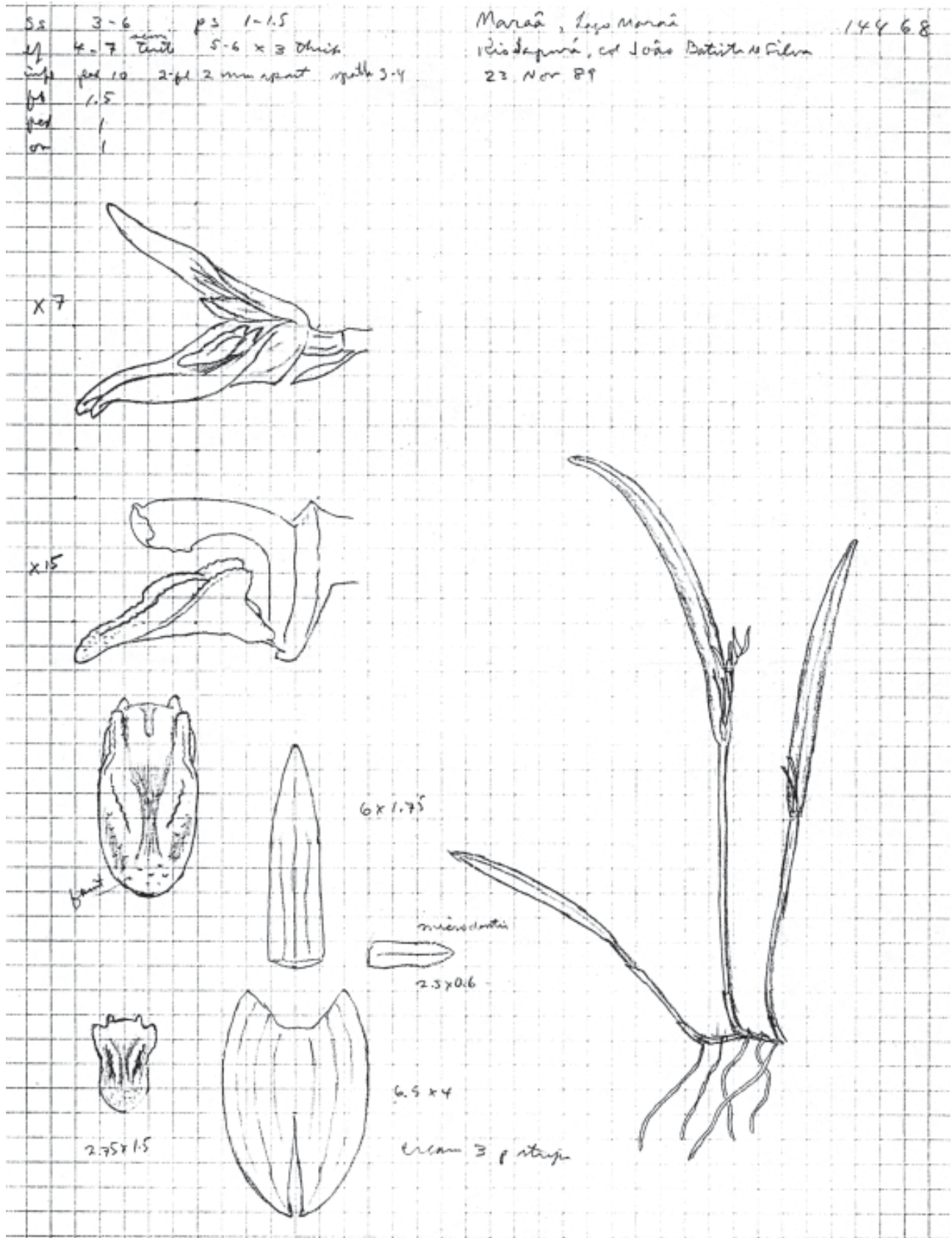
Foto: Sérgio Queiroz



*Pleurothallis* sp.  
(Floresta de terra firme)



*Pleurothallis* sp.



*Pleurothallis* sp.  
 (Rio Japurá – Desenho original de C. Luer para o autor)



*Pleurothallis uniflora*  
(Floresta aberta de terra firme)

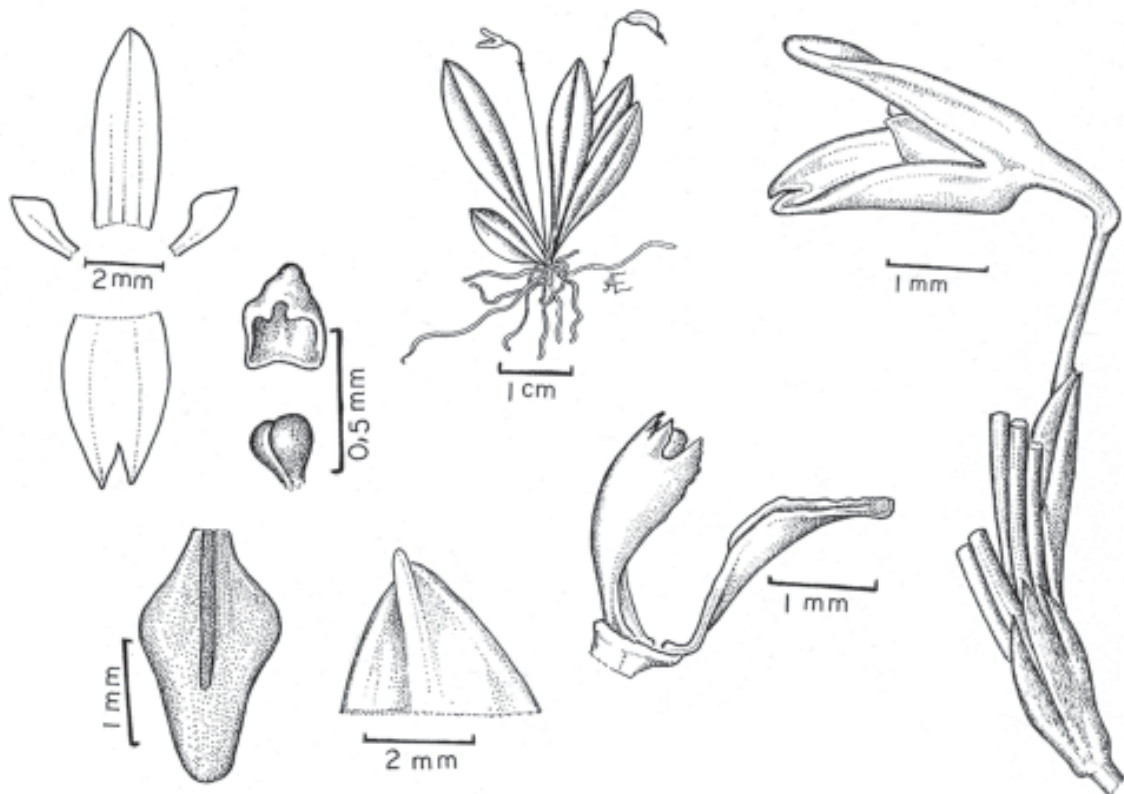
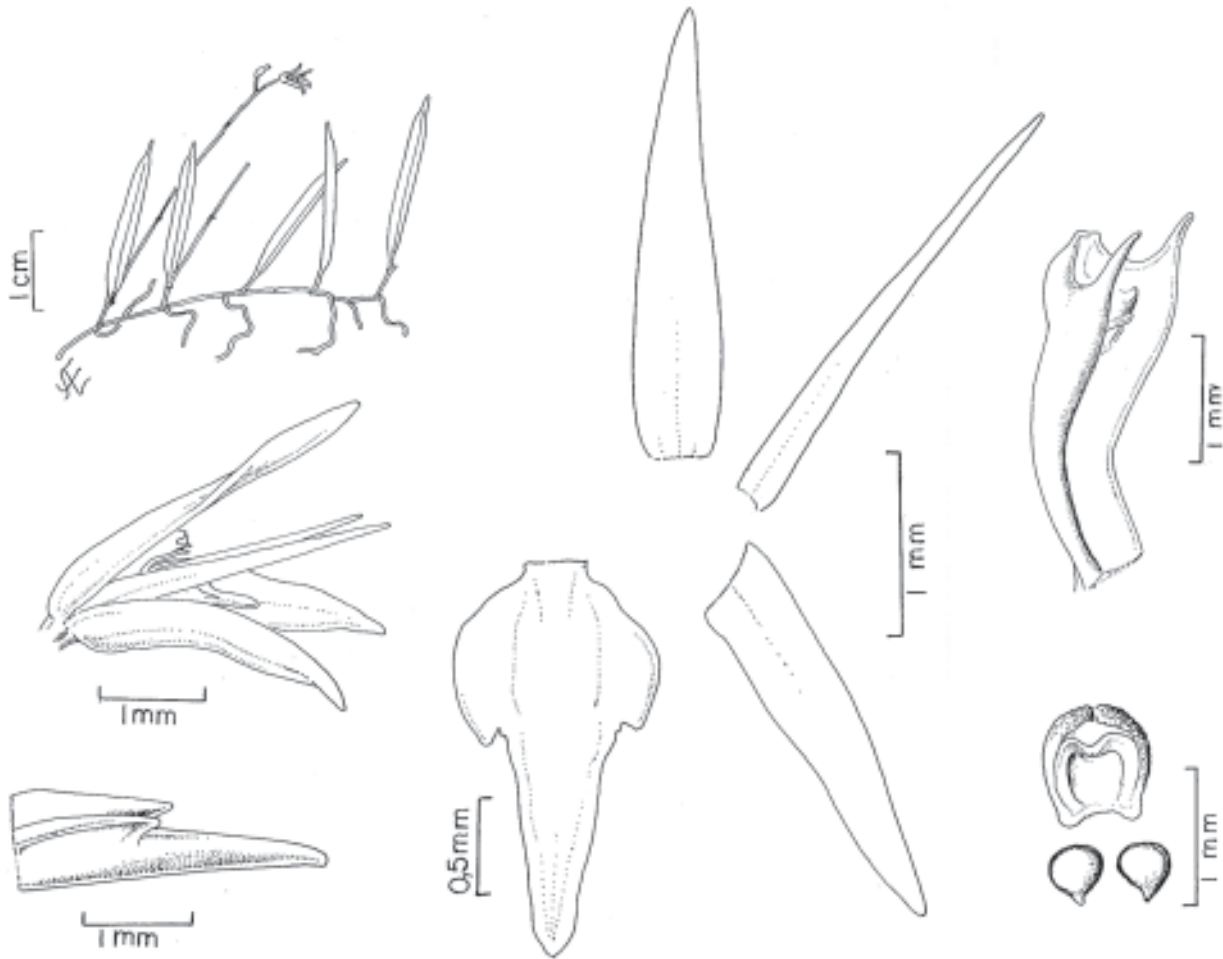
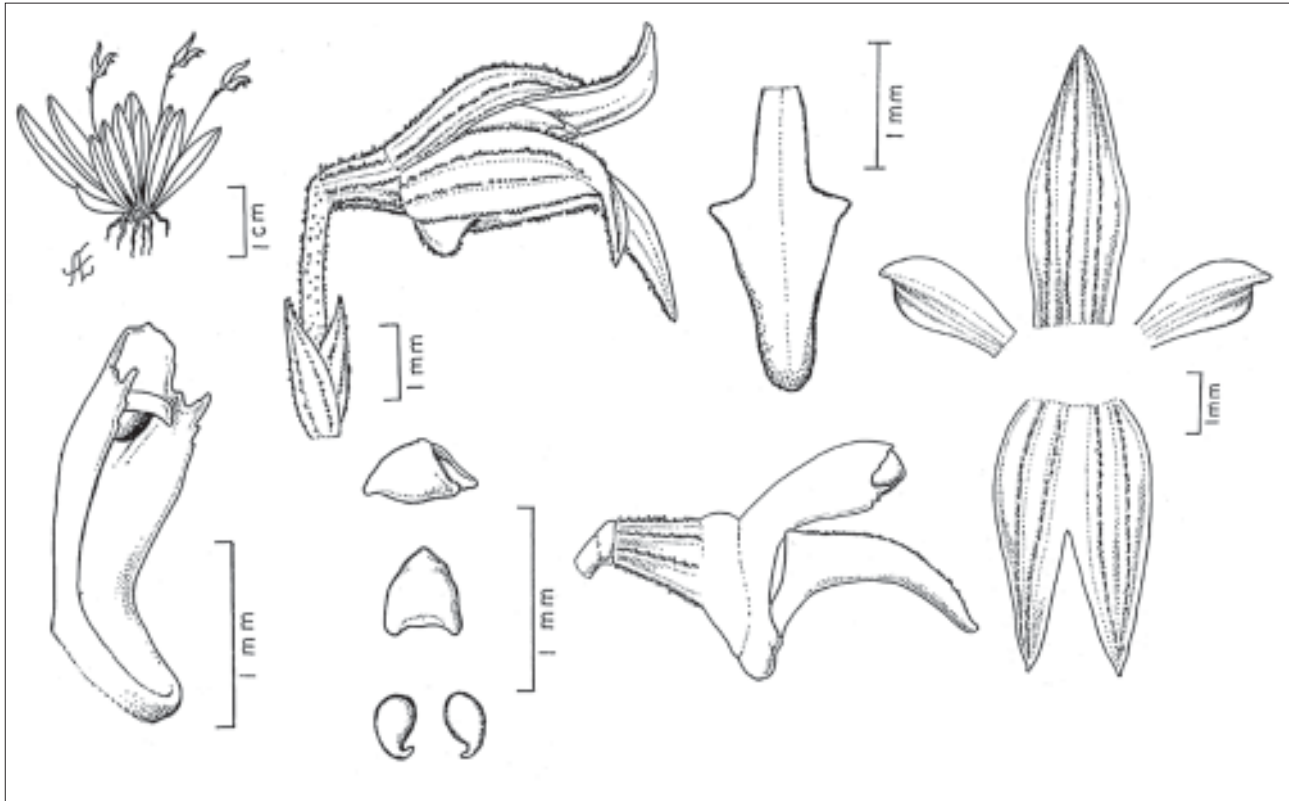




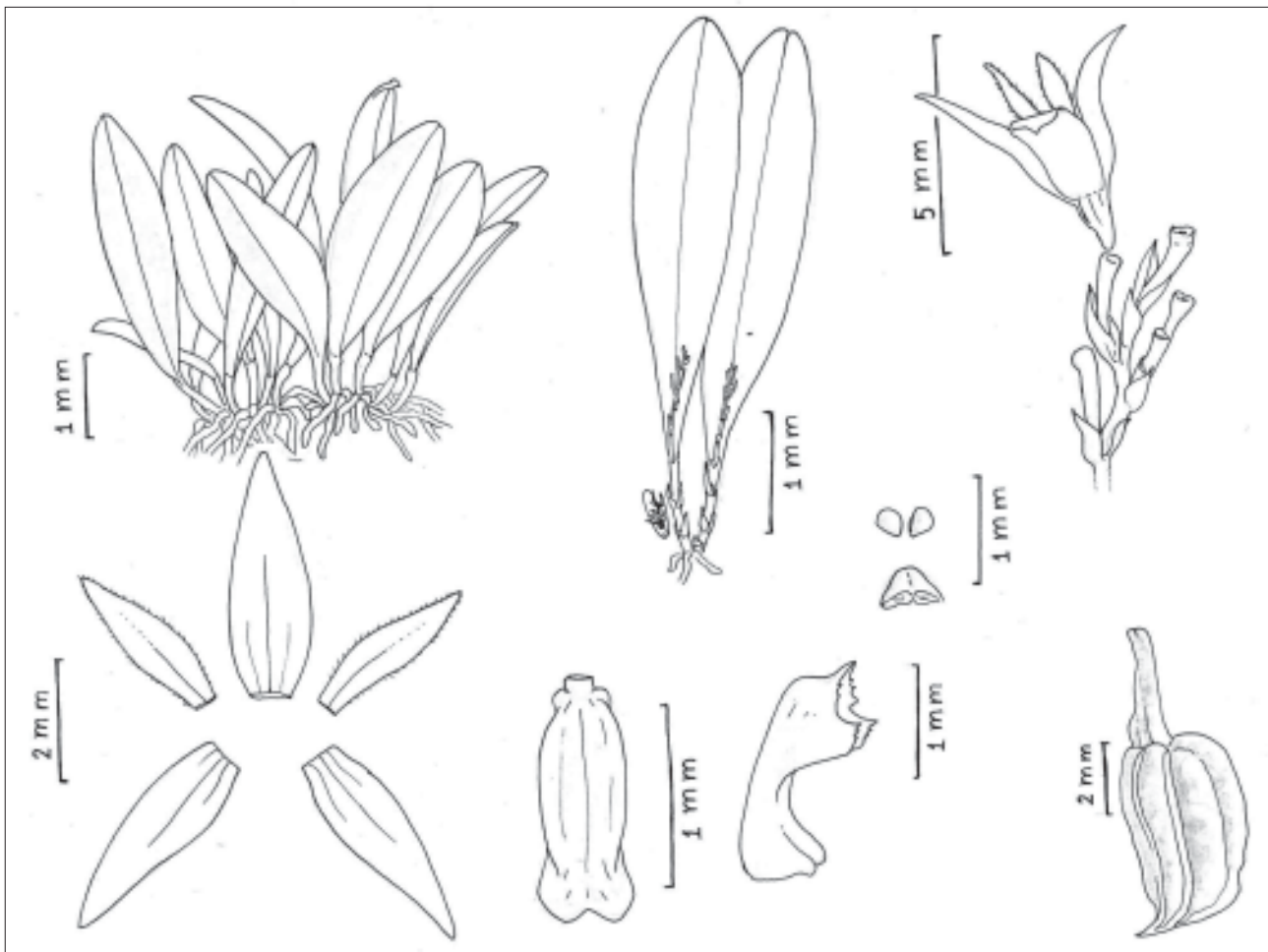
Foto: Sérgio Queiroz

*Pleurothallis spiculifera*  
(Floresta submontana)

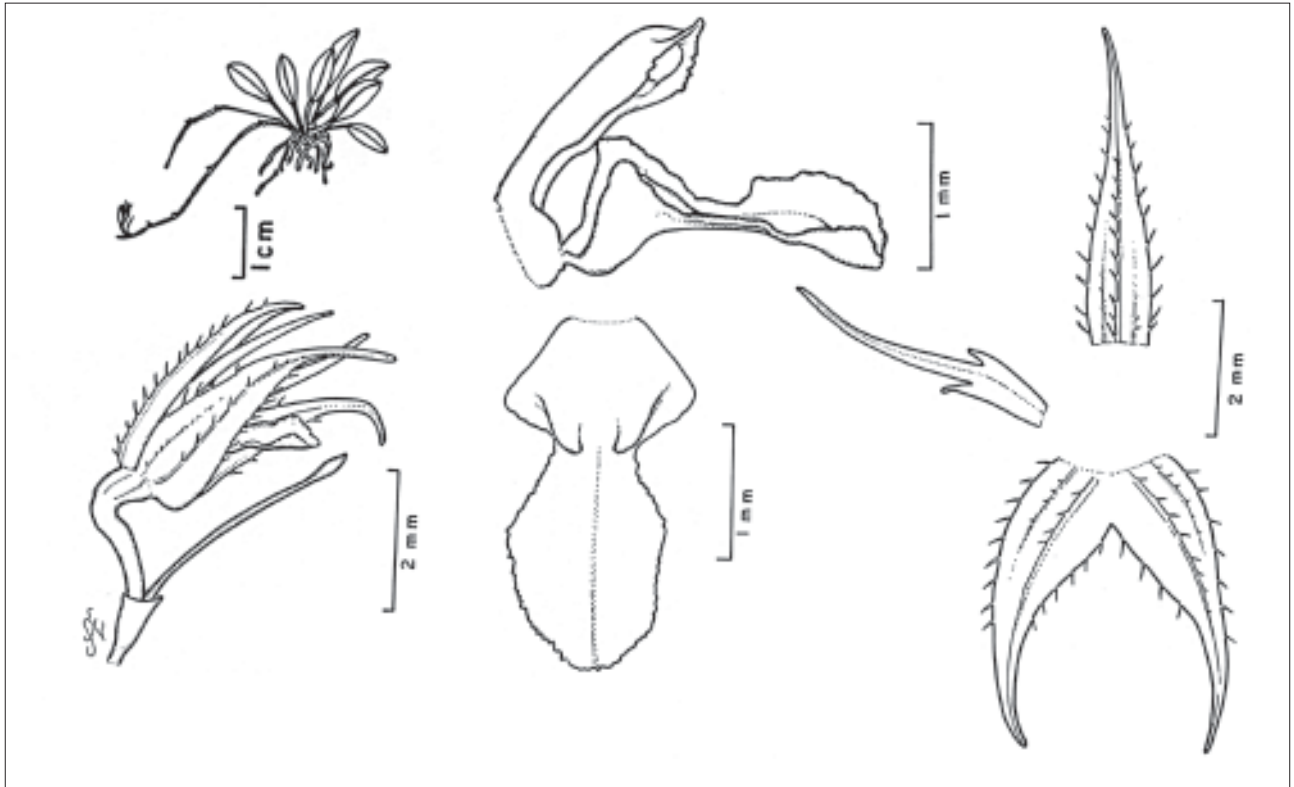




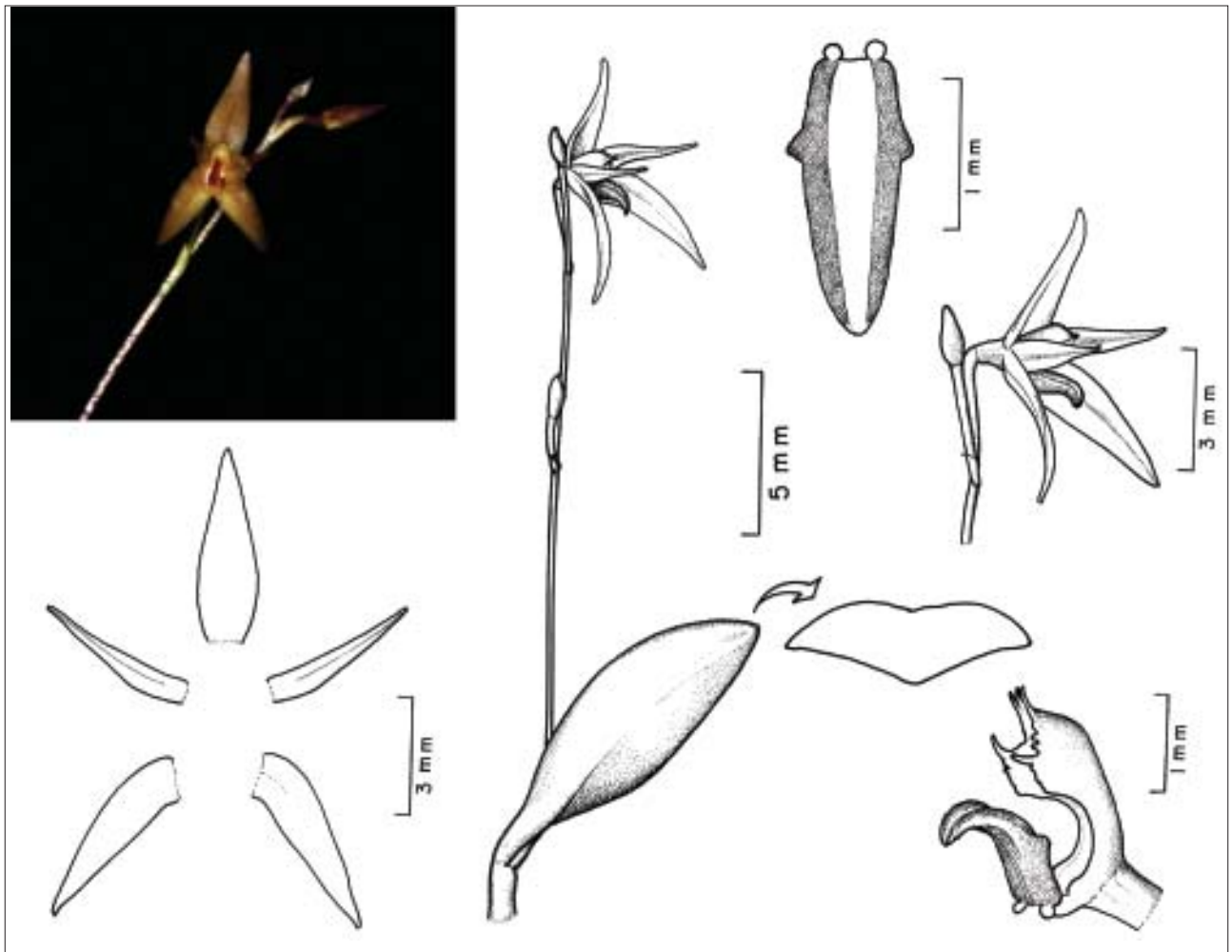
*Pleurothallis vittarifolia*  
(Floresta submontana)



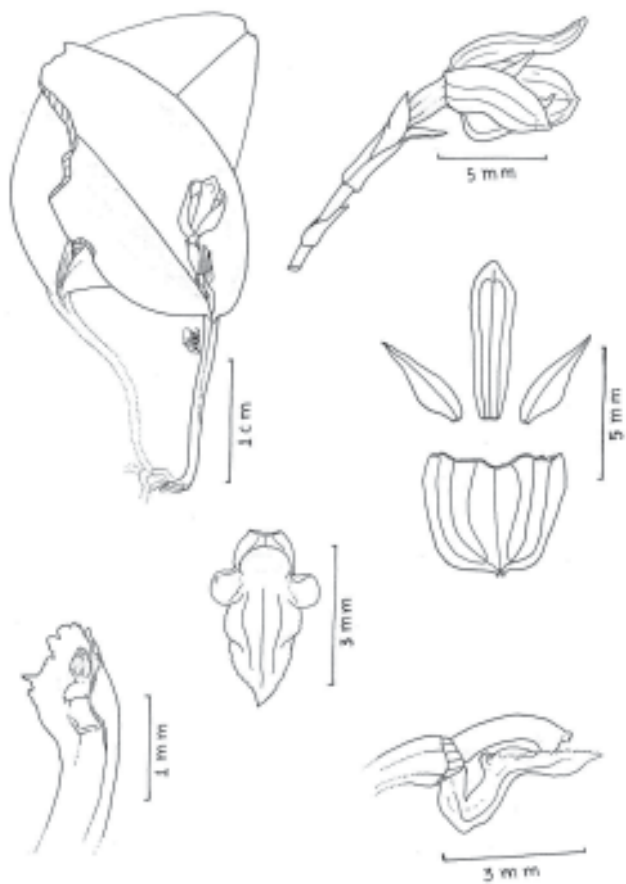
*Pleurothallis pachyphyta*  
(Floresta de terra firme e campina)



*Pleurothallis samacensis*  
(Florestas superúmidas)



*Pleurothallis humilis*  
(Florestas de galeria nas savanas)



*Pleurothallis yauaperyensis*  
(Floresta de igapó)



# Polycycnis

**Gênero:** *Polycycnis* Reichb. f.

**Subfamília:** Epidendroideae

**Tribo:** Maxillarieae

**Subtribo:** Stanhopeinae

O nome do gênero é derivado do grego “poly” = muitos, “kyknos” = ganso, em alusão à semelhança das flores a pequenos gansos.

O gênero foi descrito, em 1855, por H.G. Reichenbach em *Bonplandia* (p. 218). É composto por cerca de sete espécies distribuídas do Panamá, Costa Rica, Colômbia, Guiana, Peru e Brasil. Plantas epífitas de tamanho médio, pseudobulbos juntos, folhas grandes, inflorescência lateral, ereta, arqueada no final, com muitas flores

perfumadas com aroma agradável; de ambientes muito úmidos nas encostas de serras nas proximidades de cachoeiras, ficando sob os respingos da água. Não são muito exigentes de luz solar, preferindo os locais mais sombreados. Na Amazônia brasileira, *P. breviloba* ocorre nos estados de Rondônia Mato Grosso e Pará; *P. muscifera* e *P. barbata* são encontradas mais ao norte nos estados do Amazonas, Acre e Roraima.



*Polycycnis breviloba*  
(Floresta úmida de altitude)



*Polycycnis muscifera*  
(Florestas superúmidas)

# *Polystachya*

**Gênero:** *Polystachya* Hooker

**Subfamília:** Epidendroideae

**Tribo:** Epidendreae

**Subtribo:** Polystachynae

O nome do gênero deriva do grego “*poly*” = muitos, “*stachys*” = grãos em espiga, devido à semelhança da inflorescência de algumas espécies com espiga de grão. O gênero foi estabelecido por Sir William J. Hooker, em 1825, em *Exotic Flora* (t.103), sendo a espécie TIPO descrita originalmente em 1775 como *Epidendrum minutum*, renomeada por Hooker como *Polystachya luteola*. Em 1926, foi revisado por F. Kraenzlin em *Fedde, Repertorium Specierum Novarum, Beihefte*. O número de espécies do gênero varia muito, de vinte a duzentas espécies. A maioria é confinada à África, porém o gênero ocorre nas zonas tropicais e subtropicais dos dois hemisférios.

As espécies aqui citadas estão amplamente distribuídas em todos os estados e ambientes da Amazônia brasileira.



*Polystachya estrelensis*  
(Floresta de terra firme,  
campina, várzea e igapó)



Foto: Sérgio Queiroz

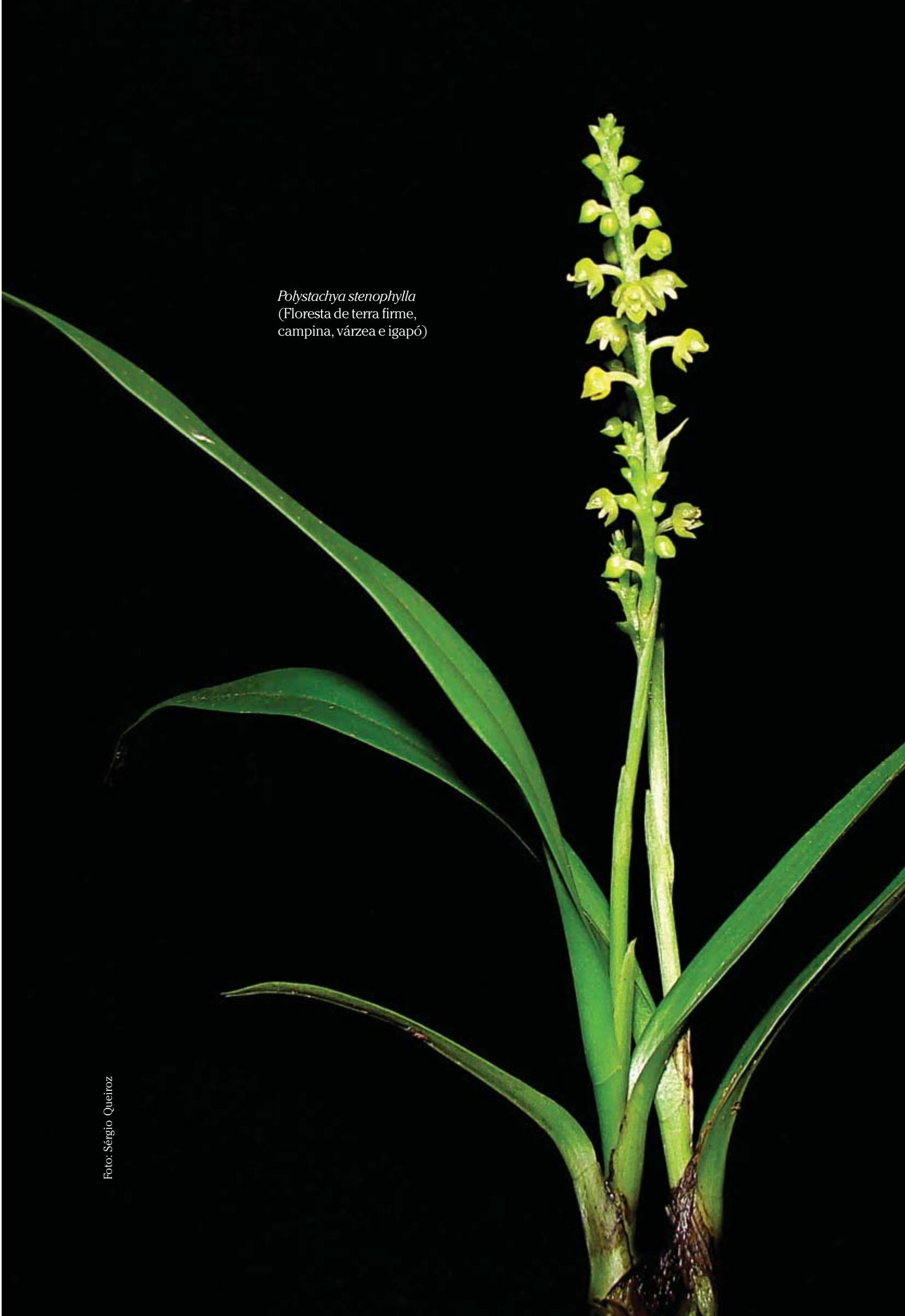
*Polystachya foliosa*  
(Floresta de terra firme, campina, várzea e igapó)



Foto: Sérgio Queiroz

*Polystachya concreta*  
(Floresta de terra firme, igapó, campina e várzea)

*Polystachya stenophylla*  
(Floresta de terra firme,  
campina, várzea e igapó)



# Psychopsis

**Gênero:** *Psychopsis* Raf.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Maxillarieae  
**Subtribo:** Oncidiinae

O gênero foi descrito por C. S. Rafinesque, em 1836, no quarto volume da *Flora Telluriana* p. 40. Porém, até 1982 foi considerado sinônimo de *Oncidium*, quando foi revalidado por E. Lueckel e G. Braem. Plantas epífitas, com uma longa inflorescência com flores repetitivas, muito atraentes. A primeira espécie do gênero foi coletada somente em 2000, no estado de Roraima. Em 2001, os autores coletaram uma outra espécie, ainda não identificada, em São Félix do Xingu, no estado do Pará.

*Psychopsis sanderae*  
(Floresta submontana)



# *Psygmorchis*

**Gênero:** *Psygmorchis* Dodson & Dressler

**Subfamília:** Epidendroideae

**Tribo:** Maxillarieae

**Subtribo:** Oncidiinae

O nome *Psygmorchis* significa “Orquídea engraçada”, em referência à forma característica da planta.

O gênero foi descrito por Dodson e Dressler, em 1972, na revista *Phytologia*. Desmembrado do gênero *Oncidium*, são plantas pequenas, sem pseudobulbos, folhas arrumadas em forma de leque; inflorescência com flores repetitivas que surgem da axila das folhas e tem flores amarelas, grandes, comparadas com o tamanho da planta, semelhantes às de *Oncidium*. Preferem substrato com pouco acúmulo de umidade, como galhos finos de pequenas árvores.



*Psygmorchis glossomistax*  
(Floresta de igapó)



*Psygmorchis pusilla*  
(Floresta aberta, mata de terra firme, campina)

# Quekettia

**Gênero:** *Quekettia* Lindl.

**Subfamília:** Epidendrodeae

**Tribo:** Maxillareae

**Subtribo:** Oncidiinae

O nome *Quekettia* é uma homenagem ao botânico inglês E. J. Quekett. Foi proposto por John Lindley no *Edwards's Botanical Register 25: Misc. 3*, em 1839. É uma planta minúscula, de rizoma curto, com pseudobulbos globulares ou ovoides, guarnecidos por bainhas foliares imbricantes. Na Amazônia brasileira ocorrem duas espécies: *Quekettia microscopica* Lindl. e *Quekettia pygmaea* (Cogn.) Garay & R.E.Schult.



Foto: Sérgio Queiroz

*Quekettia microscopica*  
(Floresta de terra firme, várzea e igapó)



*Quekettia pygmaea*  
(Floresta ribeirinha)

# Reichenbachanthus



**Gênero:** *Reichenbachanthus* Barb. Rodr.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Epidendreae  
**Subtribo:** Laeliinae

O gênero foi descrito pelo naturalista João Barbosa Rodrigues em *Gen. et Sp. Orch. Noc.* 2: 164. 1882. *R. Reflexus* e é a única espécie brasileira. Planta epífita, pendente de folhas roliças, com ramificações. As flores são pequenas, surgindo da base da folha e pouco coloridas. É comum em toda a Amazônia e encontrada em outros países da América do Sul, Guianas e América Central.

*Reichenbachanthus reflexus*  
(Floresta de terra firme, várzea igapó e campina)

*Reichenbachanthus reflexus*  
(Detalhe - flor)



# Rodriguezia

**Gênero:** *Rodriguezia* Ruiz & Pavon  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Maxillariae  
**Subtribo:** Oncidiinae

O nome do gênero *Rodriguezia* foi dado em homenagem ao botânico espanhol Don Manuel Rodriguez. Foi estabelecido por H. Ruíz e José Pavon, em 1794, em *Prodromus Florae Peruvianae et Chilensis* (p. 115, t. 25). Este gênero é composto de, aproximadamente, 35 espécies distribuídas na América Tropical sendo que a maioria ocorre no Brasil. Schlechter revisou o gênero em *Fedde, Repertorium Specierum Novarum* (1919-20), providenciando a chave que separa *Rodriguezia* de *Rodrigueziella* e *Capanemia*. As espécies brasileiras foram separadas em seis grupos por Guido Pabst e Dungs na obra *Orchidaceae Brasiliensis* (1975). Na Amazônia brasileira, *Rodriguezia lanceolata* é a mais comum, amplamente distribuída em todos os Estados; *R. luteola* e *R. candida*, são mais raras, coletadas no Pará e Amazonas, enquanto *R. batemannii*, *R. leana*, somente no estado do Amazonas.



*Rodriguezia lanceolata*

Fotos: Sérgio Queiroz

*Rodriguezia* sp.  
(Floresta de igapó)



*Rodriguezia lanceolata*  
(Mata de terra firme, mata ribeirinha, igapó,  
campina, campo rupestre)





*Rodriguezia luteola*  
(Floresta de igapó, várzea e terra firme)



*Rodriguezia leana*  
(Floresta de igapó)



*Rodriguezia* sp.  
(Floresta de igapó)



*Rodriguezia* sp.  
(Floresta de igapó)



*Rodriguezia* sp.  
(Floresta de igapó)



*Rodriguezia batemanii*  
(Igapó e campina)



*Rodriguezia candida*  
(Floresta de terra firme e várzea)

# Rudolphiella

**Gênero:** *Rudolphiella* Hoehne

**Subfamília:** Epidendroideae

**Tribo:** Maxillarieae

**Subtribo:** Lycastinae

O gênero foi estabelecido por F. C. Hoehne em *Arquivos de Botânica do Estado de São Paulo*, p. 14. 1944, dedicado a Rudolf Schlechter, eminente taxonomista alemão. Alguns autores, como Garay e Dunsterville, consideraram o gênero como *Bifrenaria*, mas é aceito hoje pela maioria dos autores, considerando as diferenças na estrutura floral. Cinco espécies são conhecidas na América do Sul e Panamá, sendo que, *Rudolphiella aurantiaca* (TIPO) e *R. bicornaria*, ocorrem na Amazônia brasileira, do Pará a Roraima, nos igapós, campinas, várzeas e florestas de terra firme. A inflorescência, com muitas flores pequenas e perfumadas, são vistosas e apreciadas pelos orquidófilos.

*Rudolphiella aurantiaca*  
(Igapó, campina e mata  
de terra firme)





# Scaphyglottis


**Gênero:** *Scaphyglottis* Poepp. & Endl.

**Subfamília:** Epidendroideae

**Tribo:** Epidendreae

**Subtribo:** Laeliinae

O nome deriva do grego “*skaphe*” = boliche, “*glota*” = língua, em alusão à forma côncava do labelo. O gênero foi estabelecido, em 1835, por E. F. Poeppig e S. L. Endlicher em *Nova Genera et Species Plantarum* (p. 58). A planta TIPO foi descrita originalmente como *Fernandezia graminifolia* por Ruíz e Pavón, depois foi transferida pelos autores do gênero para *Scaphyglottis graminifolia*. Possui cerca de quarenta espécies distribuídas nas regiões tropicais das Américas.



*Scaphyglottis amethystina*  
(Floresta de terra firme, igapó, várzea,  
floresta de altitude, campina)

Foto: Sérgio Queiroz



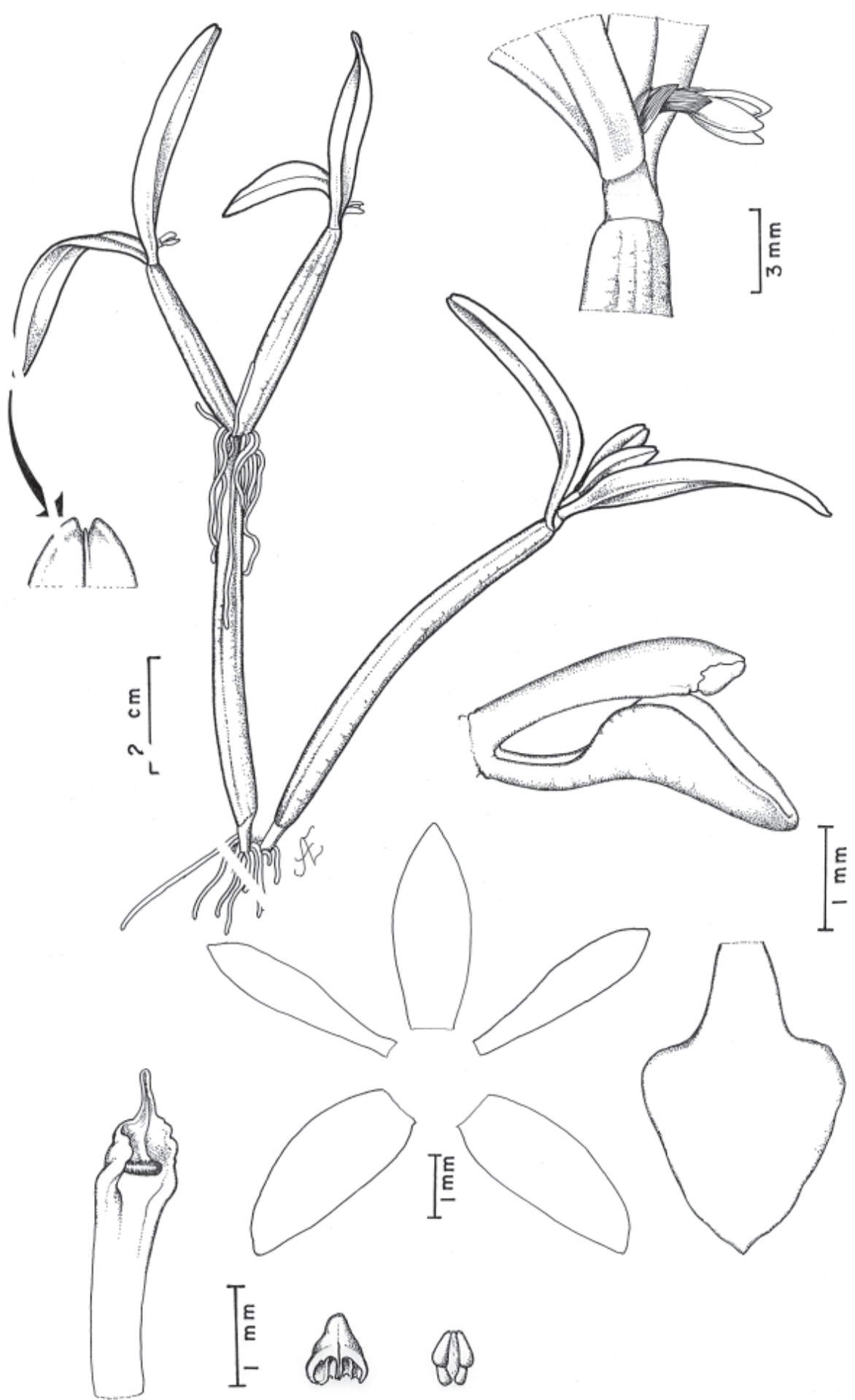
*Scaphyglottis huebneri*  
(Floresta de terra firme, campina, várzea e igapó)



*Scaphyglottis violacea*  
(Floresta de terra firme, igapó, várzea e campina)



*Scaphyglottis sessilis*  
(Floresta submontana)



*Scaphyglottis sickii*  
(Floresta de terra firme, campina, várzea e igapó)

Foto: Sérgio Queiroz

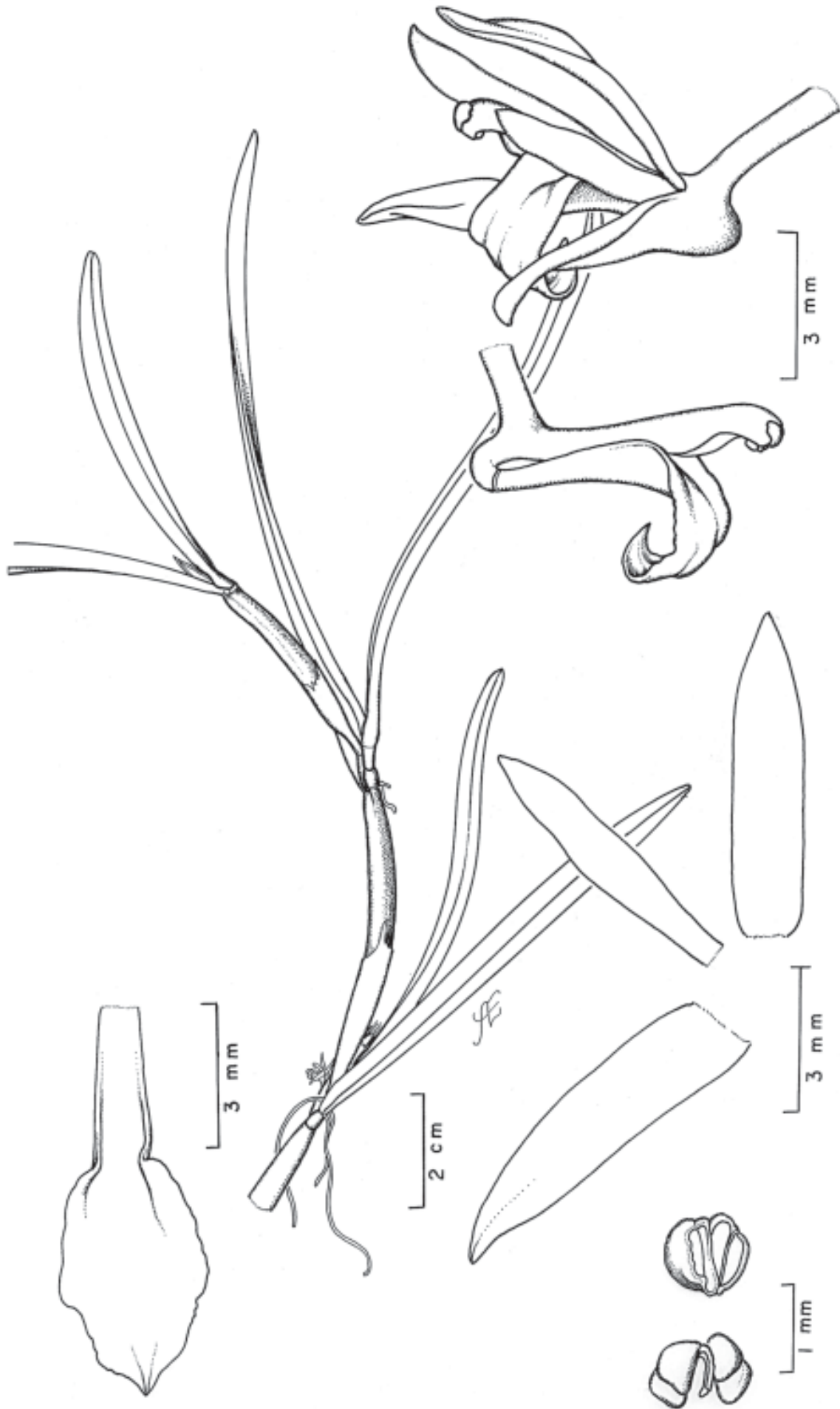


*Scaphyglottis sickii*

Foto: Sérgio Queiroz



*Scaphyglottis prolifera*



*Scaphyglottis prolifera*  
(Floresta de terra firme, igapó, campina)

*Scaphyglottis cuneata*  
(Floresta de terra firme,  
campina, várzea e igapó)



# Scelochilus

**Gênero:** *Scelochilus* Klotzsch

**Subfamília:** Epidendroideae

**Tribo:** Maxillarieae

**Subtribo:** Oncidiinae

O gênero foi estabelecido por Klotzsch em *Otto and Dietrich's Allgemeine Gartenzeitung* p.261, 1841, aliado aos gêneros *Rodriguezia* e *Comparettia* e *Ionopsis*, formado por cerca de vinte e cinco espécies de pequenas plantas epífitas com uma curta inflorescência de poucas flores, que ocorrem do México ao Brasil e Bolívia. Três espécies do gênero são conhecidas na Amazônia brasileira: *Scelochilus ottonis* Kl., *S. paraguaensis* e *S. ealcaratum*, uma das últimas espécies descritas para o gênero, baseada numa planta da Guiana Francesa e encontrada pela primeira vez no Brasil em floresta de várzea com influência de maré no município de Santo Antonio do Tauá (PA), próximo a Belém.



*Scelochilus ealcaratum*  
(Floresta de várzea com influência de maré)

# Schomburgkia

**Gênero:** *Schomburgkia* Lindl.

**Subfamília:** Epidendroideae

**Tribo:** Epidendreae

**Subtribo:** Laelinae

O nome foi dado em homenagem a Sir. Richard Schomburgk (1811-1891), que foi um grande explorador e coletor na então Guiana Inglesa, que em 1865, tornou-se o diretor do Jardim Botânico de Adelaide, Austrália.

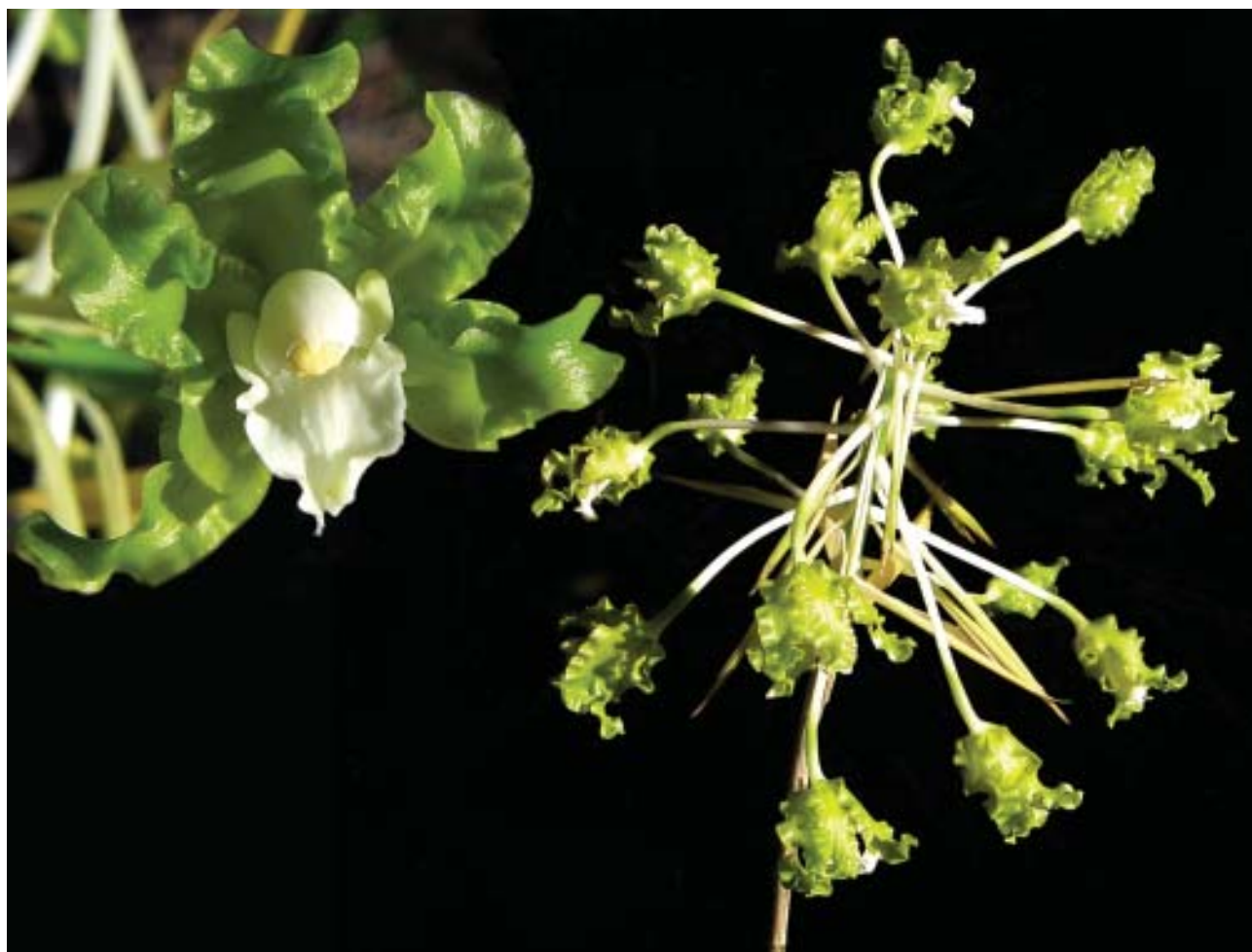
O gênero foi descrito, em 1838, por John Lindley, em *Sertum Orchidacearum* (tt. 10, 13). É composto por, aproximadamente, doze espécies distribuídas nas regiões tropicais da América do Norte, Índias Ocidentais e nordeste da América do Sul. Schlechter revisou o gênero em 1913, estabelecendo duas secções: 1. Secc. *Schomburgkia*, com pseudobulbos fusiformes, folhas longas e inflorescência simples com grandes brácteas pêndulas. 2. Secc. *Chaunoschombugkia*, com pseudobulbos e folhas curtas e inflorescência com brácteas reduzidas. Na seccão 1, estão incluídas as espécies da América do Sul e na 2, as espécies da América Central. Na Amazônia brasileira a espécie mais conhecida é *S. gloriosa*, planta robusta com inflorescência terminal ereta, com rácimo terminal denso, 8 a 20 flores de cor marrom com borda das pétalas e sépalas amarelas e labelo rosado ou branco. Esta espécie está distribuída em todos os estados.

Foto: Sérgio Queiroz



*Schomburgkia marginata*  
(Floresta de igapó)





*Schomburgkia gloriosa*  
(Cerrado, floresta de terra firme, igapó, várzea, campina)

# Scuticaria

**Gênero:** *Scuticaria* Lindl.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Maxillarieae  
**Subtribo:** Zygopetalinae

O nome deriva do latim “*scutica*” = chicote, açoite, referindo-se às folhas pedentes parecidas com um chicote.

O gênero foi descrito, em 1843, por John Lindley, em *Botanical Register* (misc. N° 14). A planta TIPO foi descrita originalmente por Hooker, baseado em uma planta importada da Guiana para a Inglaterra por M. Steele, denominada *Maxillaria steelei*. É composto de cinco espécies com distribuição confinada ao Brasil, Colômbia, Guiana e Venezuela, para *S. steelii*, pois as demais são brasileiras. *Scuticária steelii* é a espécie da Amazônia brasileira, ocorrendo nos estados do Pará, Amazonas e Roraima. Planta epífita dos igapós, florestas de terra firme e ciliar nas nascentes de alguns cursos d’água na serra Pacaraima em Roraima.



Foto: Jorge Macêdo

*Scuticaria steelei*  
(Igapó, várzea, floresta de terra firme)

# *Selenipedium*

**Gênero:** *Selenipedium* Reichb. f.

**Subfamília:** Cyripedioideae

O gênero foi descrito por Reichenbac f. em *Bonplandia*, p. 116.1.854. São plantas terrestres, pubescentes, com inflorescência terminal ou lateral, próximo ao ápice, com muitas flores, atingindo mais de 5 m de altura (*S. Chica*). Atualmente são conhecidas cinco espécies, distribuídas na Costa Rica, Equador, Venezuela e Brasil. As espécies brasileiras só ocorrem na Amazônia: *S. palmifolium*, *S. isabelianum* e *S. steyermarkii*. Na verdade, estas espécies são muito semelhantes e podem ser uma única, já que são plantas pouco conhecidas e coletadas.

*Selenipedium isabelianum* corre grande risco de extinção, pois as florestas naturais, onde a espécie foi descoberta por Barbosa Rodrigues em 1884, foram todas destruídas e as poucas plantas restantes nascem nas florestas secundárias que, também, estão sendo transformadas em campos agrícolas. *S. palmifolium*, segundo as referências bibliográficas, são da mesma região e correm o mesmo risco. *S. Steyermarkii* é uma espécie da Venezuela, descoberta em território brasileiro no final do ano de 2000; está protegida por se encontrar no Monte Caburaí dentro da área do Parque Nacional do Monte Roraima-RR.



*Selenipedium isabelianum*  
(Floresta de terra firme)

# *Sigmatostalix*

**Gênero:** *Sigmatostalix* Reichb. f.

**Subfamília:** Epidendroideae

**Tribo:** Maxillarieae

**Subtribo:** Oncidiinae

O nome deriva do grego “*sigma*” = em forma de C e “*stalix*” = estaca, mourão, provavelmente em alusão à forma arqueada da coluna.

O gênero foi descrito, em 1852, por H. G. Reichenbach em *Botanische Zeitung* (p. 769), baseado na espécie que havia sido descrita anteriormente por Poeppig e Endlicher como *Specklinia graminea*. Este gênero foi colocado em sinonímia de *Pleurothallis*. É composto por um pouco mais que vinte espécies distribuídas nas regiões tropicais das américas, do México ao Peru. Na Amazônia brasileira ocorrem duas espécies: *S. amazonica* e *S. huebneri*, ambas dos estados do Amazonas e Roraima.



*Sigmatostalix amazonica*  
(Mata ribeirinha e igapó)

# Sobralia

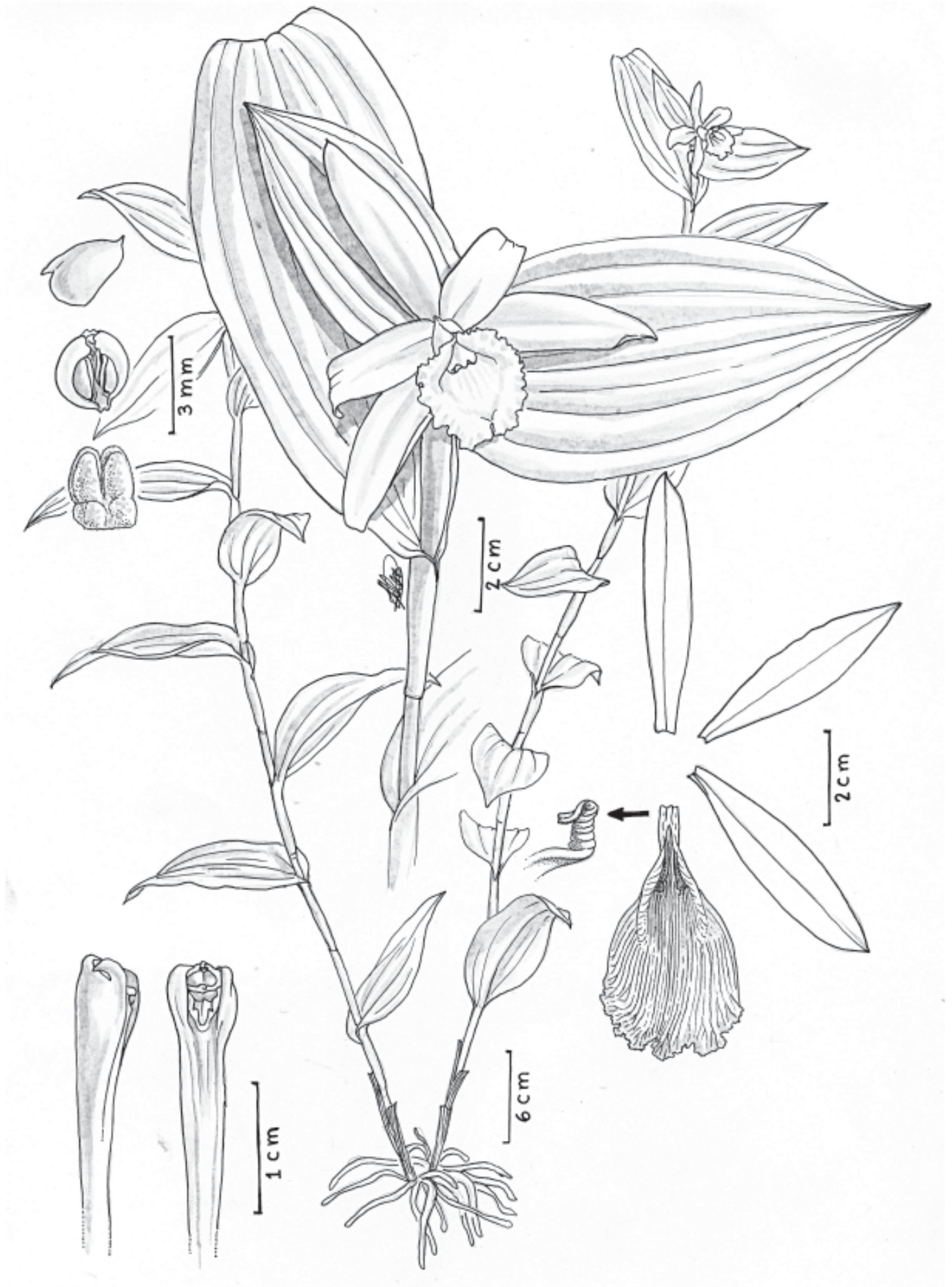
**Gênero:** *Sobralia* Ruiz & Pavón  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Epidendreae  
**Subtribo:** Sobraliinae

O nome do gênero foi dado em homenagem ao físico e botânico espanhol Dr. Francisco Sobral.

O gênero foi descrito, em 1794, pelos botânicos espanhóis Hipólito Ruiz e José Antonio Pavón, baseados em três espécies do Peru, em *Prodromus Florae Peruvianaes et Chilensis* (p. 120, t. 26). Possui cerca de 35 espécies distribuídas nos trópicos, do México e América Central à América do Sul. São plantas terrestres ou epífitas, com rizoma curto, formando grandes touceiras; folhas nervuradas; flores grandes de cores variadas e brilhantes. As espécies terrestres crescem em grandes populações nas campinas e nos campos rochosos em áreas abertas, como é o caso de *Sobralia lilliastrum*. Outras, como *S. augusta*, formam grandes touceiras nos galhos de grandes árvores como as castanheiras. *Sobralia margaritae*, descrita por Pabst, em 1977, recoletada no Projeto Urucu em 1987, é a espécie mais rara na Amazônia. *S. cardosoi* coletada em 1996 na serra do Surucucu e *S. imavieirae* coletada pelo autor em dezembro de 2000, no monte Caburaí, ambas no estado de Roraima.

*Sobralia imavieirae*  
(Floresta de altitude)





*Sobralia imavieirae*



Foto: Sérgio Queiroz

*Sobralia sessilis*  
(Floresta de igapó, várzea e campina)

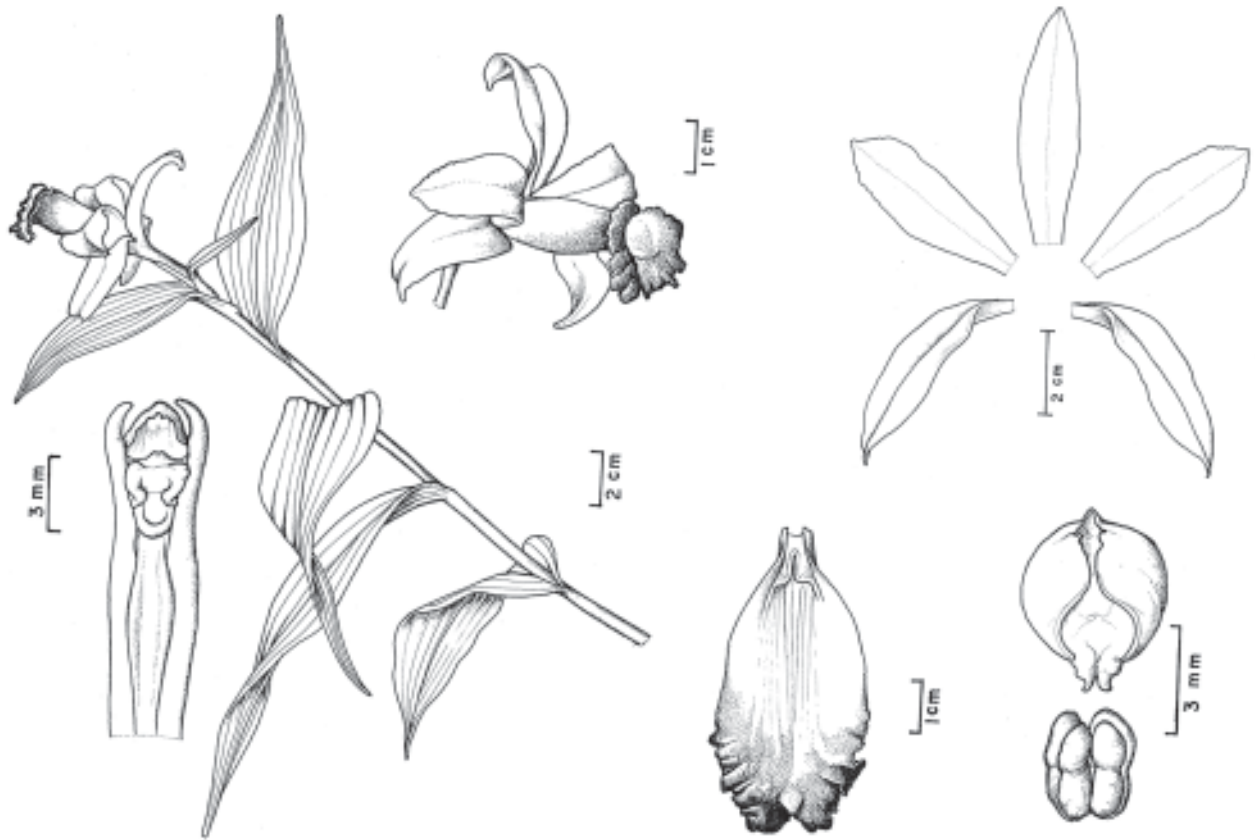


Foto: Sérgio Queiroz



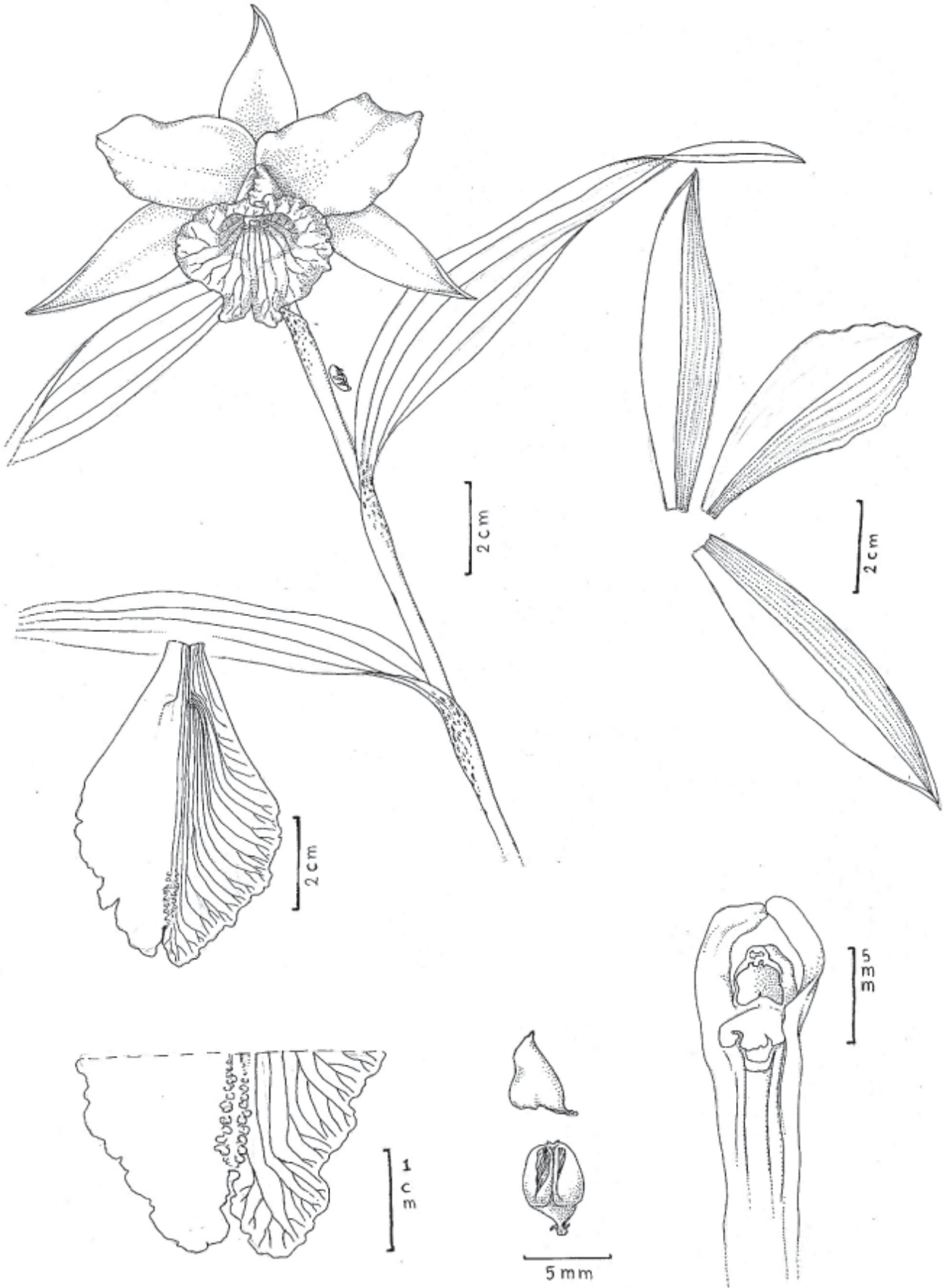
*Sobralia macrophylla*  
(Mata ribeirinha e campina)

Direitos autorais do Royal Botanical Garden's, Kew



*Sobralia augusta*  
(Floresta de terra firme)





*Sobralia cardosoi*  
(Floresta de altitude)



*Sobralia cardosoi*



*Sobralia infundibuligera*  
(Floresta de altitude)



Foto: Sérgio Queiroz

*Sobralia suaveolens*  
(Floresta de igapó e várzea)



*Sobralia granitica*  
(Savana rochosa)



*Sobralia stenophylla*  
(Savana, barrancos e igarapés rochosos)



*Sobralia margaritae*  
(Floresta de terra firme e várzea)

*Sobralia margaritae* R.Br.  
Rio Unapadi - Amazonas  
1974



*Sobralia valida*  
(Terrestre de savana em terra firme)



*Sobralia fragrans*  
(Floresta de igapó e campina)



*Sobralia liliastrum*  
(Campina, campo rupestre)

# *Solenidium*

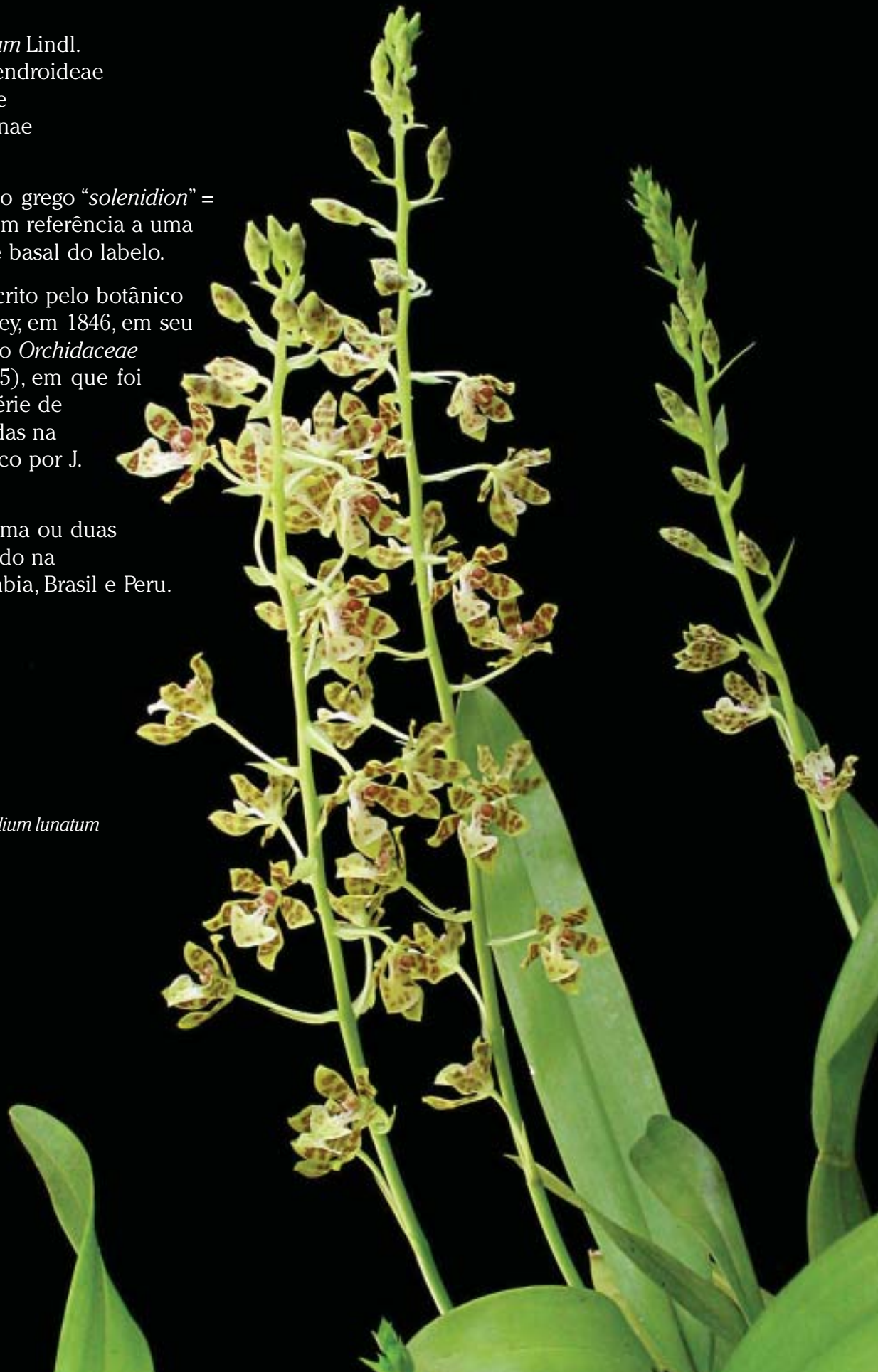
**Gênero:** *Solenidium* Lindl.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Maxillarieae  
**Subtribo:** Oncidiinae

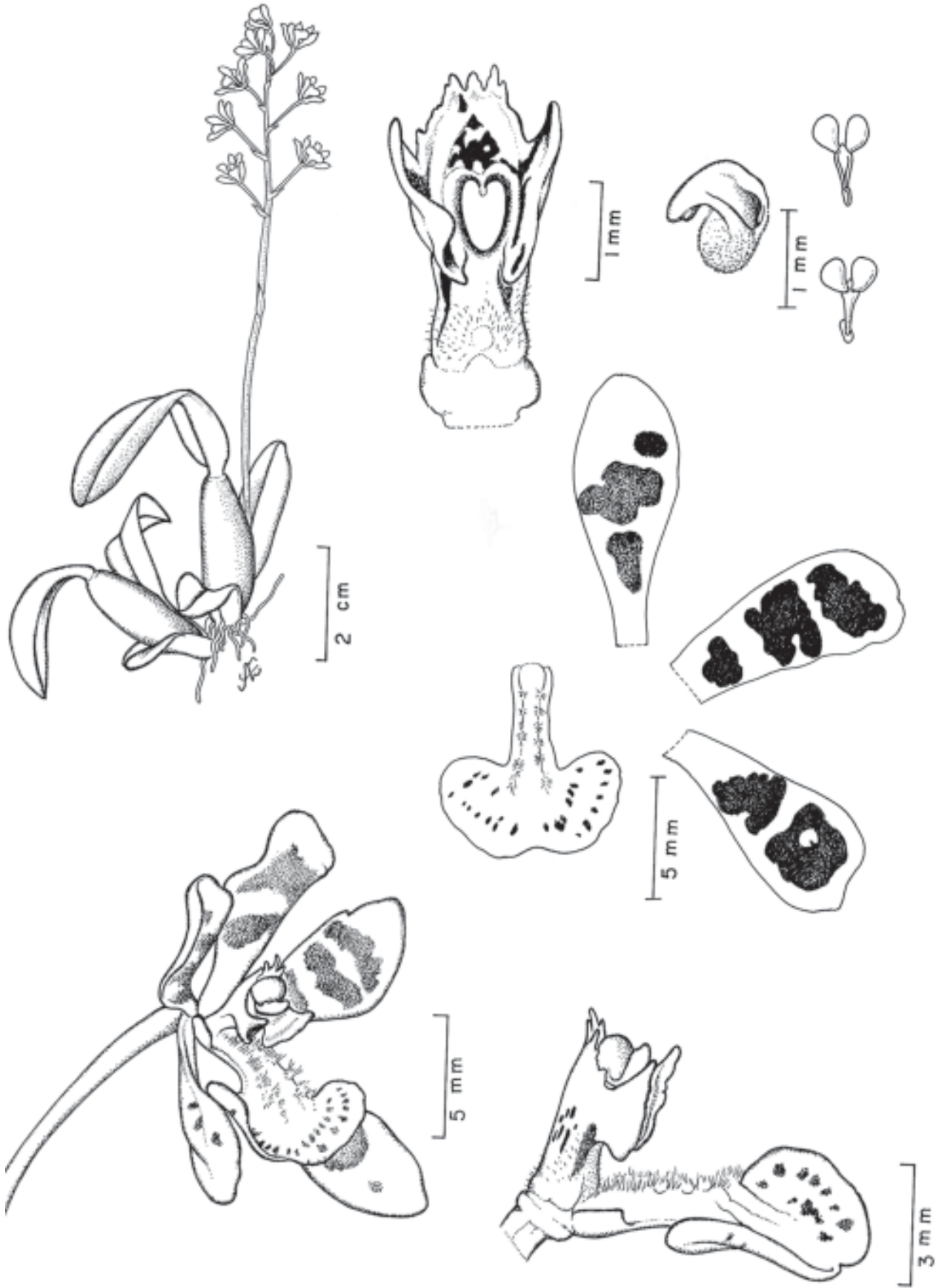
O nome deriva do grego “*solenidion*” = pequeno canal, em referência a uma canaleta na parte basal do labelo.

O gênero foi descrito pelo botânico inglês John Lindley, em 1846, em seu trabalho intitulado *Orchidaceae Lindenianae* (p. 15), em que foi publicada uma série de orquídeas coletadas na Colômbia e México por J. Lindley.

Possui somente uma ou duas espécies, ocorrendo na Venezuela, Colômbia, Brasil e Peru.

*Solenidium lunatum*





*Solenidium lunatum*  
(Mata de terra firme e campina)

# *Stanhopea*

**Gênero:** *Stanhopea* Hooker  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Maxillarieae  
**Subtribo:** Stanhopeinae

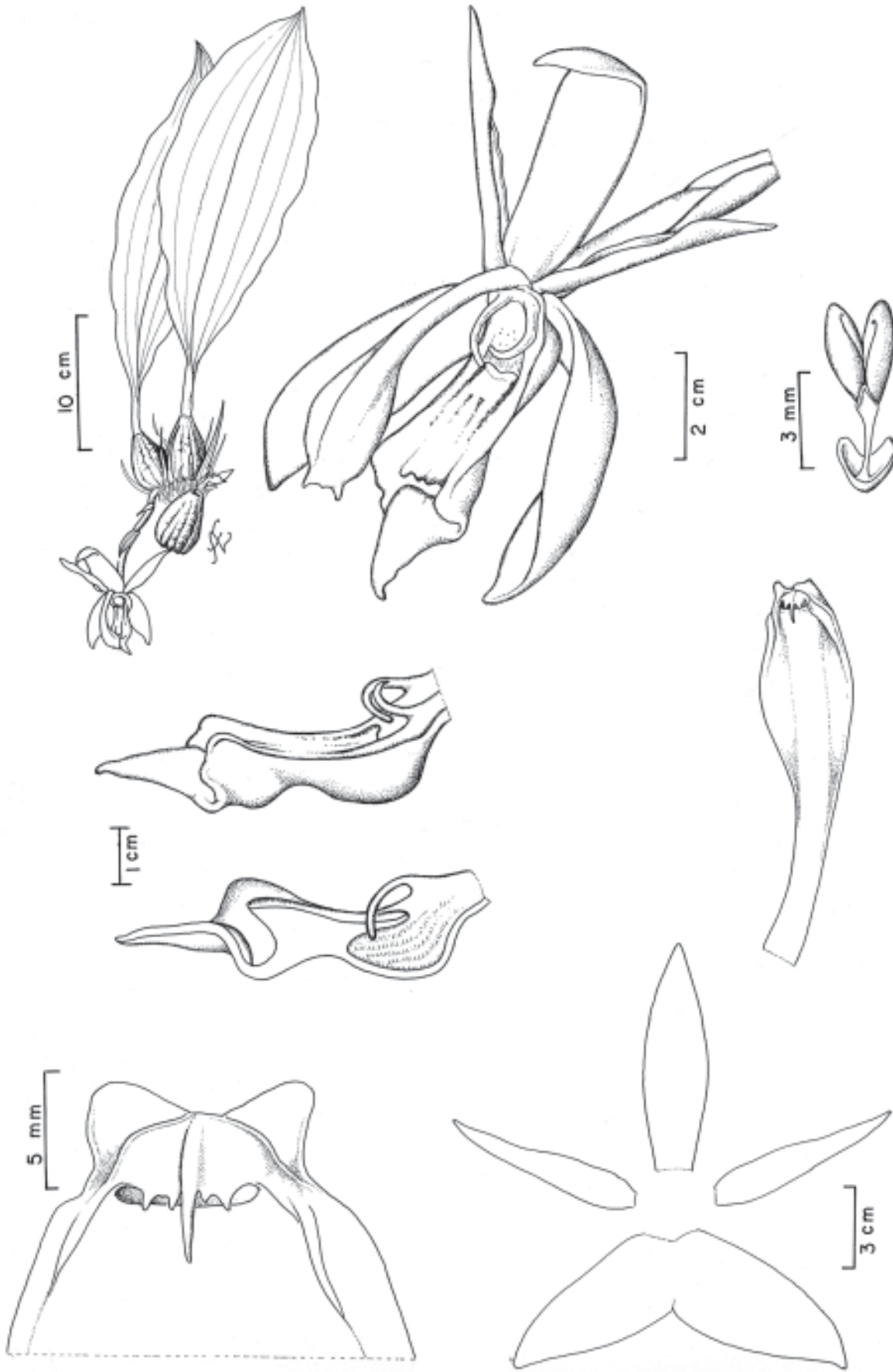
O nome foi dado em homenagem a Philip Henry, conde Stanhope, que foi presidente da Sociedade Médico-Botânica de Londres, de 1829 a 1837.

O gênero foi descrito, em 1829, por Sir William Hooker em *Botanical Magazine*, baseado na espécie brasileira *Stanhopea insignis*. O gênero possui cerca de vinte e cinco espécies amplamente distribuídas nas regiões tropicais das Américas. Muitas espécies têm sido descritas baseadas somente na cor da flor, por isso não são consideradas válidas. Na Amazônia brasileira, somente duas espécies são conhecidas: *S. grandiflora* e *S. candida*.



*Stanhopea candida*  
(Floresta de igapó)





*Stanhopea grandiflora*  
(Mata de terra firme e mata ribeirinha)

Foto: Jorge Macédo

*Stanhopea grandiflora*



# Stelis

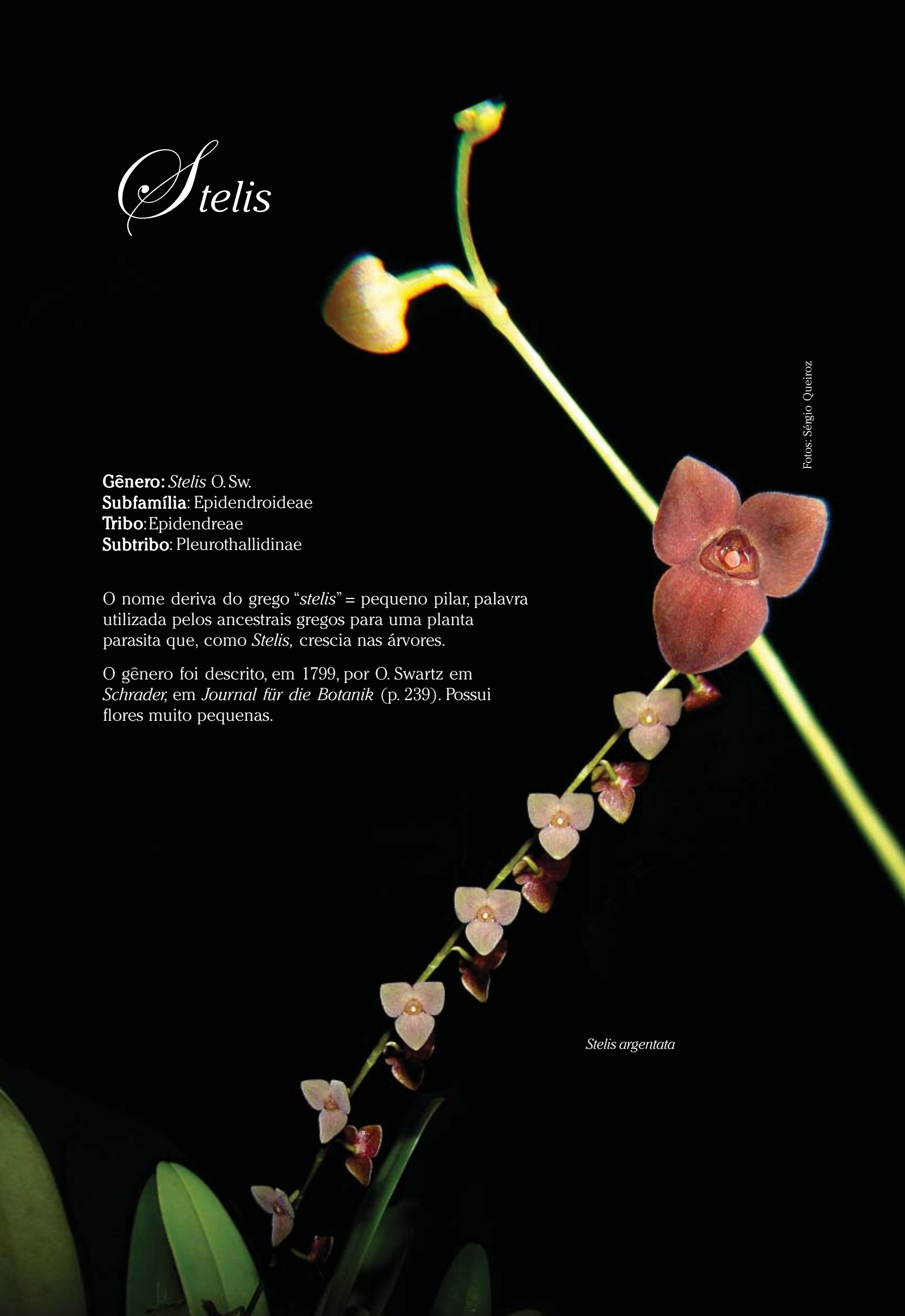
**Gênero:** *Stelis* O. Sw.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Epidendreae  
**Subtribo:** Pleurothallidinae

O nome deriva do grego “*stelis*” = pequeno pilar, palavra utilizada pelos ancestrais gregos para uma planta parasita que, como *Stelis*, cresce nas árvores.

O gênero foi descrito, em 1799, por O. Swartz em *Schrader*, em *Journal für die Botanik* (p. 239). Possui flores muito pequenas.

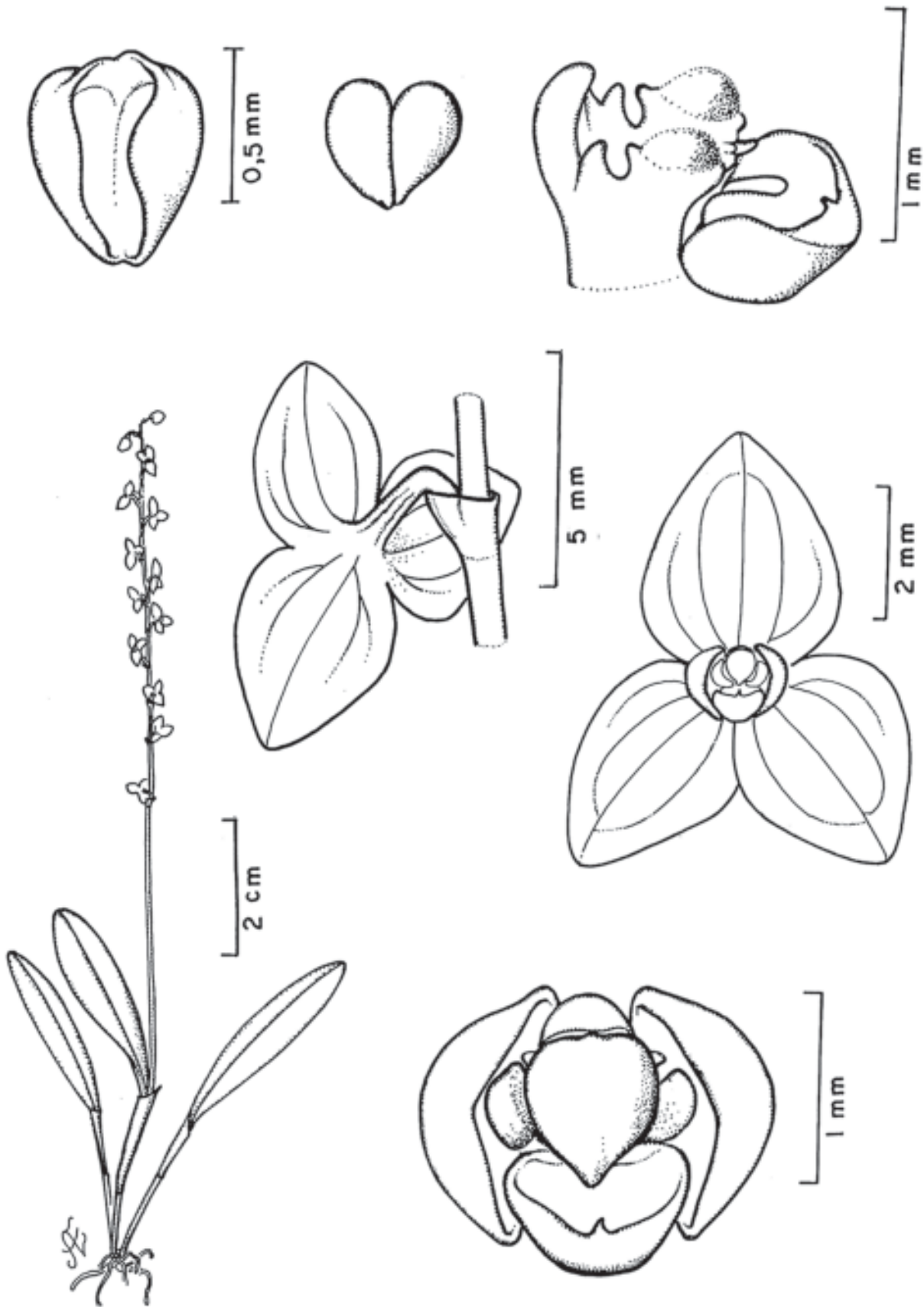
Fotos: Sérgio Queiroz

*Stelis argentata*





*Stelis argentata*



*Stelis argentata*  
(Mata de terra firme)

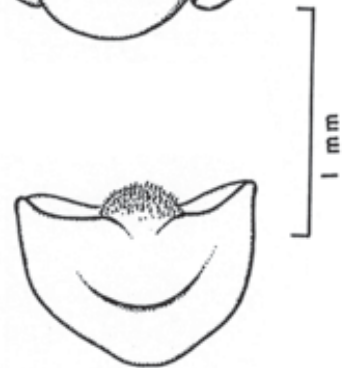
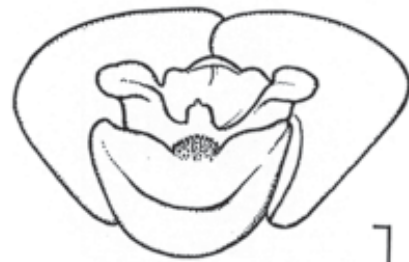
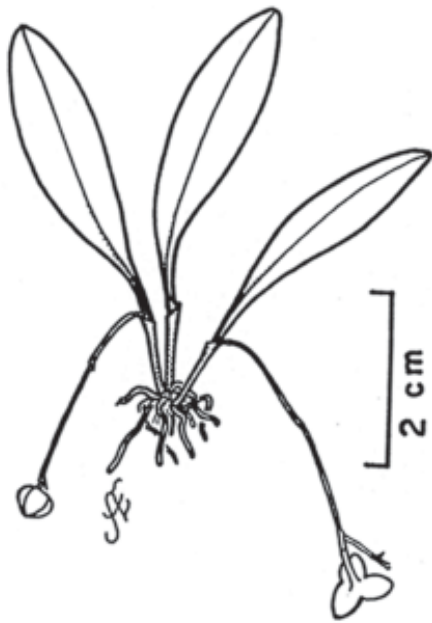
Foto: Sérgio Queiroz

*Stelis* sp.  
(Floresta de altitude)



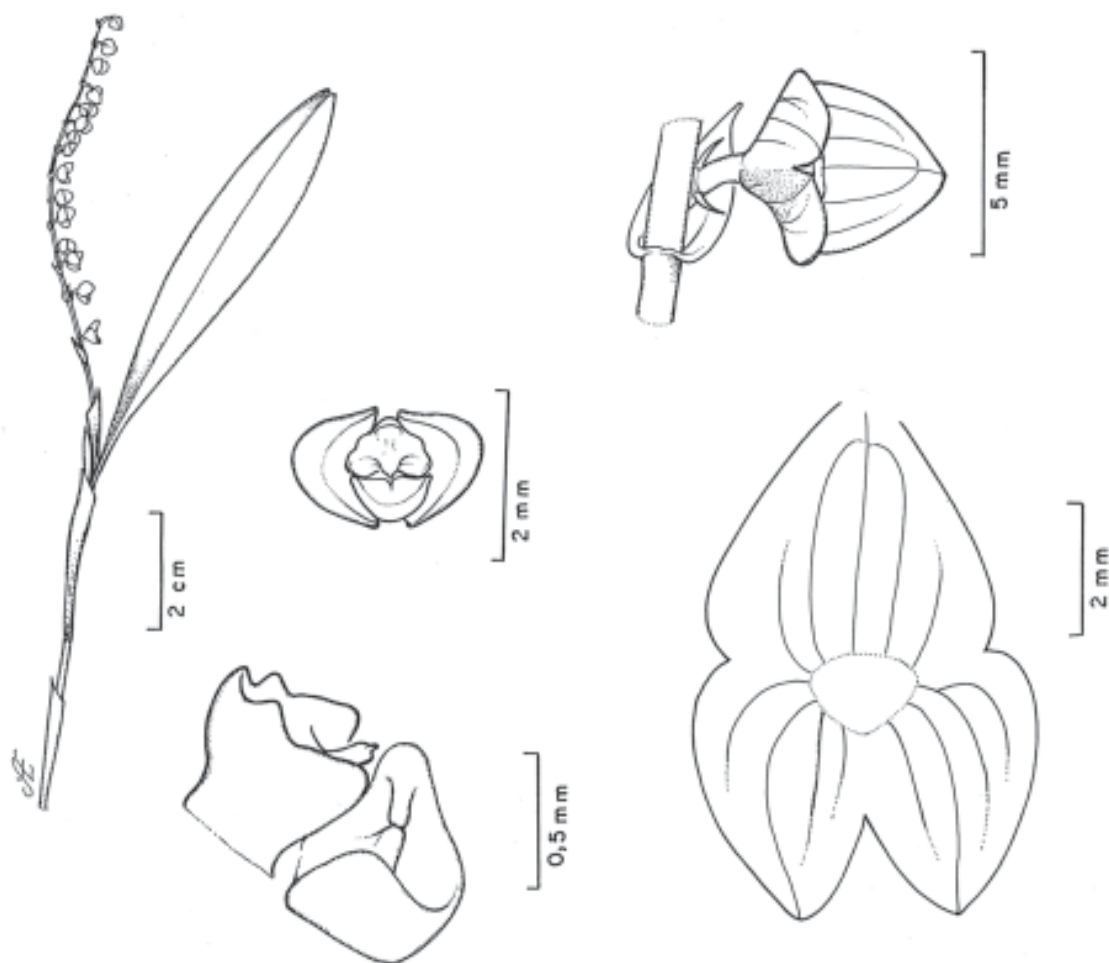


*Stelis* sp.  
(Floresta de altitude)

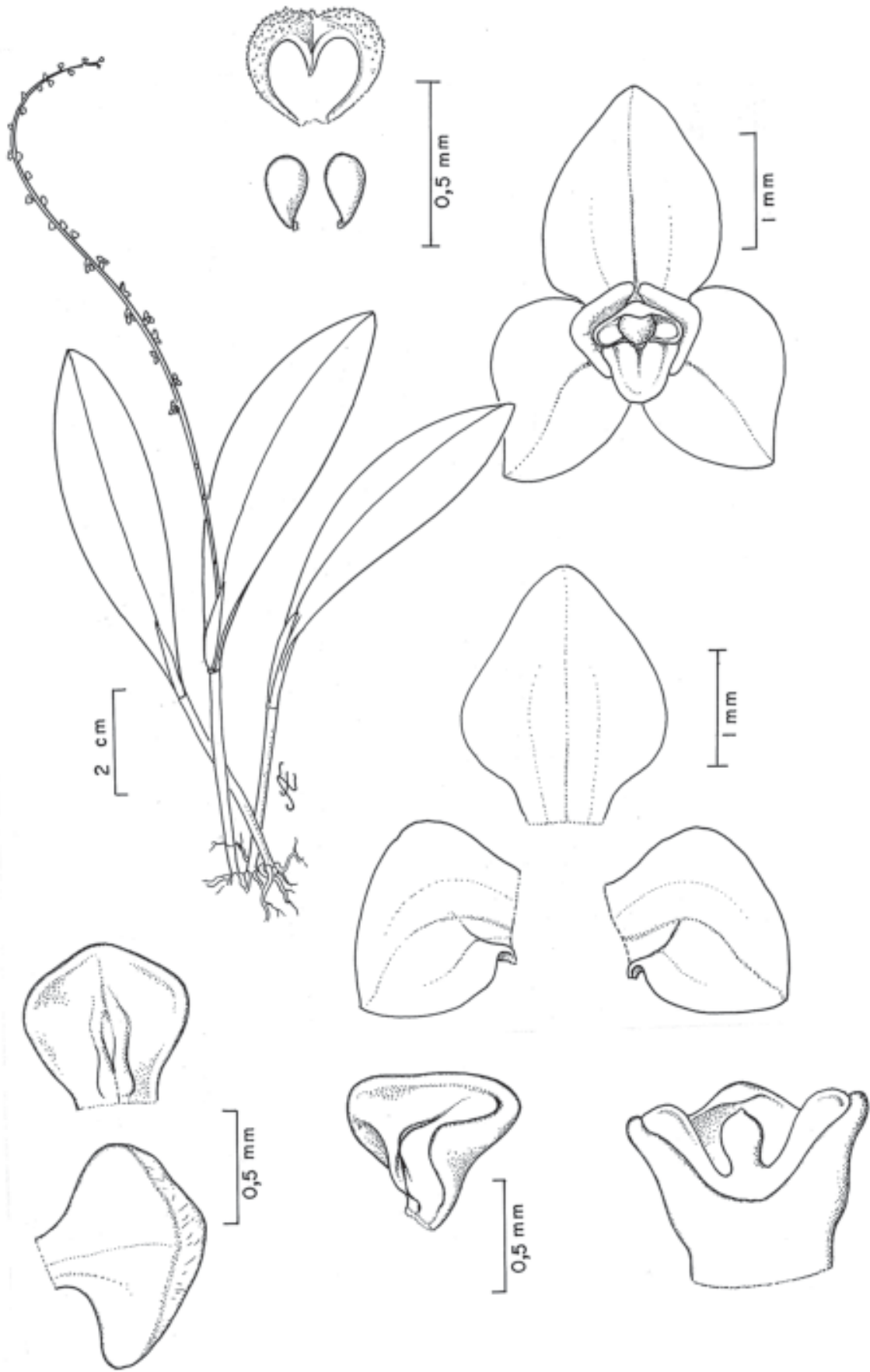




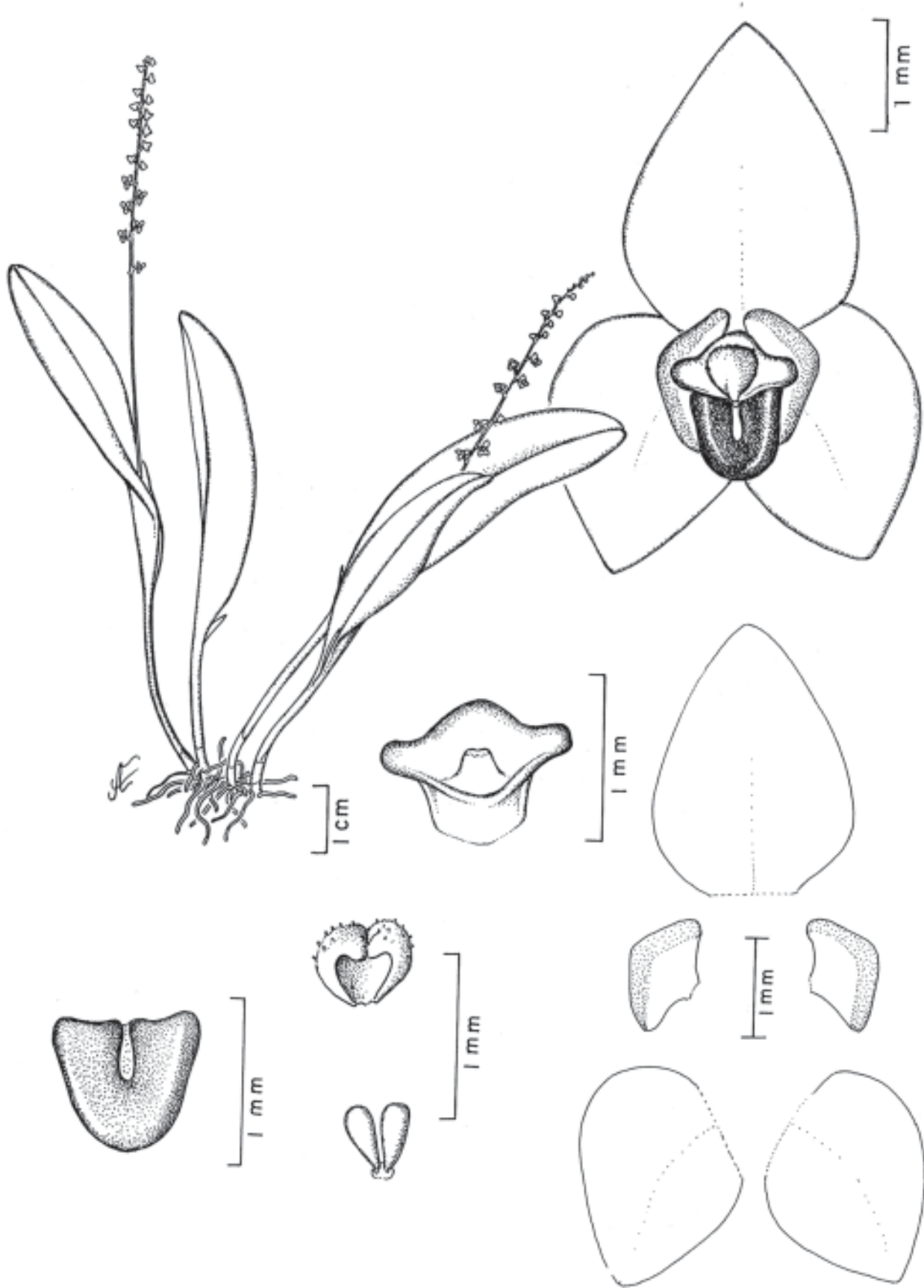
*Stelis cupuligera*  
(Floresta submontana)



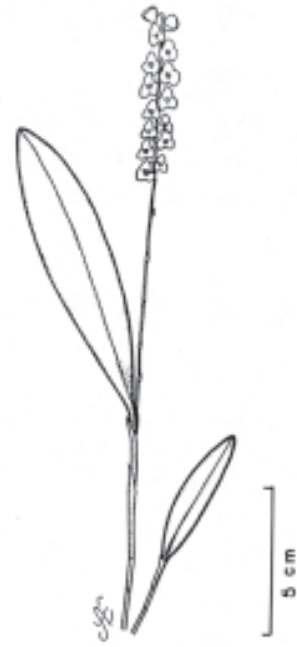




*Stelis paraensis*  
(Floresta de terra firme, igapó e várzea)



*Stelis papaquerensis*  
(Floresta submontana)



*Stelis grassilabris*  
(Floresta ribeirinha)

# Stenia

**Gênero:** *Stenia* Lindl.

**Subfamília:** Epidendroideae

**Tribo:** Maxillarieae

**Subtribo:** Zygopetalinae

O gênero foi descrito por John Lindley em *Botanical Register*, sub.t.1991.1.837. Hoje são conhecidas oito espécies para o gênero, distribuídas nas Américas Central e do Sul. São plantas epífitas de tamanho pequeno; as folhas em forma de leque escondem o pequeno pseudobulbo. Inflorescência pendente com uma única flor de tamanho médio, de cor creme e labelo com pequenos pontos marrons. Na Amazônia brasileira, *Stenia palida* é a única representante do gênero, em floresta submontana superúmida, sombreada, em tronco finos de pequenas árvores a poucos metros do solo, na fronteira com a Venezuela e Guiana, nos estados do Amazonas e Roraima.

Foto: Jorge Macêdo



*Stenia palida*  
(Floresta submontana superúmida)

# Trichocentrum

**Gênero:** *Trichocentrum* Poep. & Endl.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Maxillarieae  
**Subtribo:** Oncidiinae

O nome é derivado do grego “*Trichocentrum*” = espora como cabelo, isto é, longa e muito delgada. O gênero foi descrito, em 1837, pelos botânicos alemães Poeppig e Endlicher, baseados em uma planta do Peru que recebeu o nome de *Trichocentrum pulchrum*.

É formado por, aproximadamente, 25 espécies, amplamente distribuídas do México ao Brasil.

Plantas epífitas, pendentes, pseudobulbos diminutos, folhas coreáceas, macias, inflorescência pendente com 1 a 3 flores, de florestas úmidas, nos igapós e várzeas e florestas de terra firme decíduas. Na Amazônia brasileira são encontradas quatro espécies distribuídas em todos os estados.



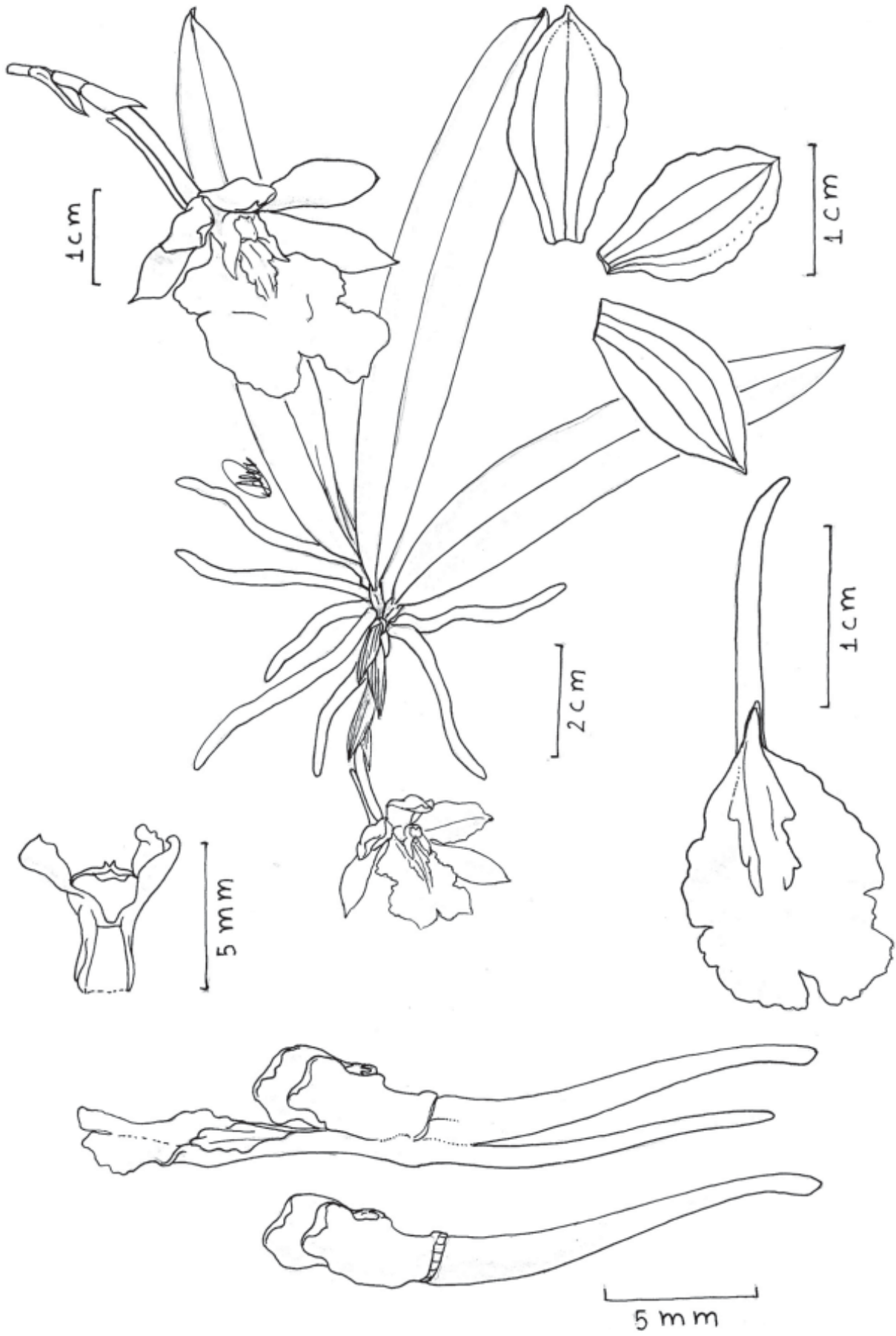
*Trichocentrum albo-coccineum*  
(Mata ribeirinha)



*Tricentrum fuscum*  
(Floresta de várzea)



*Trichocentrum* sp.  
(Igapó)



*Trichocentrum cornucopiae*  
(Floresta de terra firme)



Foto: Jorge Macédo

*Trichocentrum cornucopiae*



# Trichopilia

**Gênero:** *Trichopilia* Lindl.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Maxillarieae  
**Subtribo:** Oncidiinae

O gênero foi descrito por John Lindley em *Nat. Syst. Bot. Ed. 2: 446. 1836*, baseado numa planta do México. É composto por mais de trinta espécies. Plantas epífitas, de clima temperado, de tamanho médio, com a inflorescência surgindo da base do pseudobulbo, com poucas flores de colorido variado. Está amplamente distribuído nos países das Américas do Sul e Central, nas florestas com influência andina. Na Amazônia brasileira, somente *T. albida* é conhecida, mas certamente outras espécies vão aparecer nas florestas submontanas de ambientes superúmidos, principalmente nas montanhas entre o Brasil e a Venezuela.

*Trichopilia albida*  
(Floresta submontana)



# Trichosalpinx

**Gênero:** *Trichosalpinx* Luer  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Epidendreae  
**Subtribo:** Pleurothallidinae

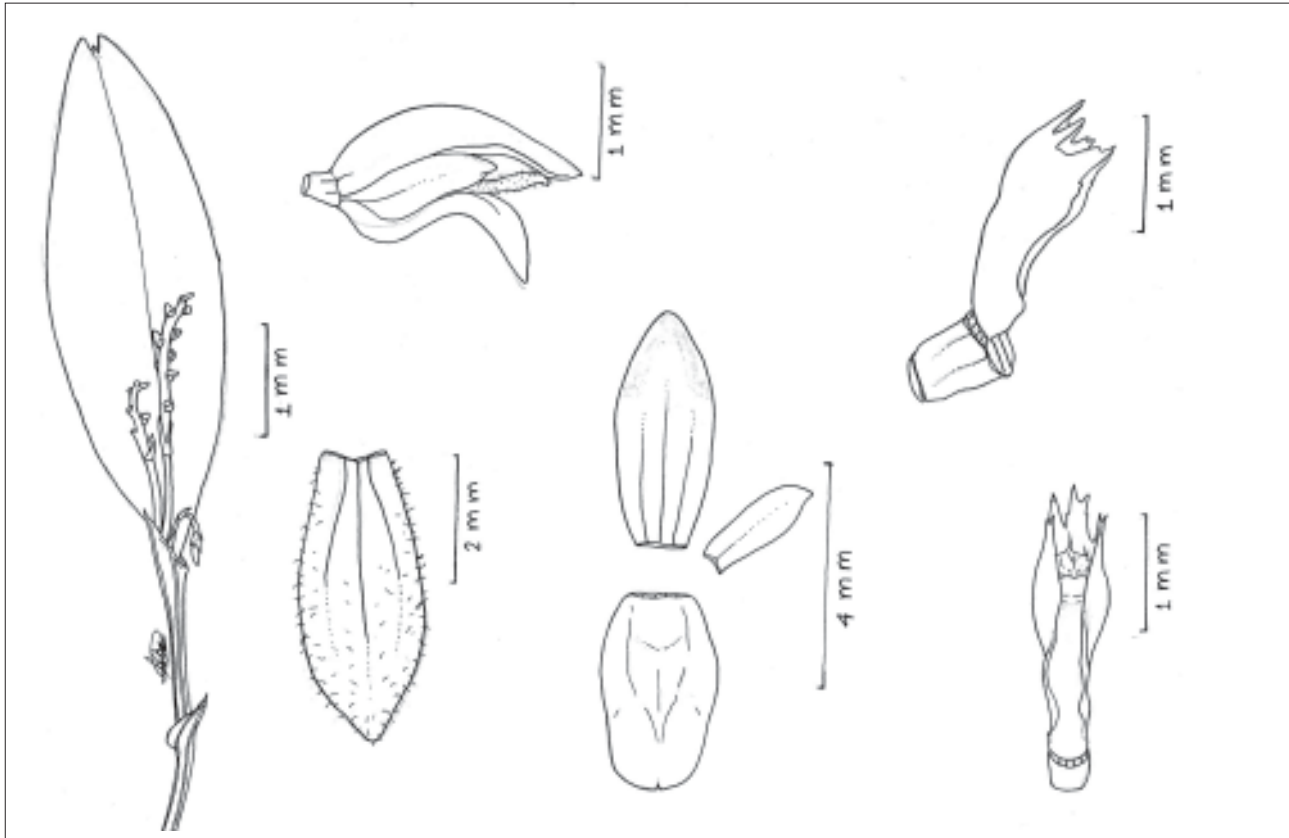
O gênero foi criado por Luer em *Phytologia* 54: 393. 1983. A primeira espécie atribuída ao gênero foi descrita, em 1816, como *Dendrobium pusillum* H.B.K. da coleção de Humboldt e Bonpland, coletada no Equador. Lindley transferiu este para o gênero *Specklinia*, em 1836, e para *Pleurothallis*, em 1842. O próprio Lindley juntou onze espécies de *Pleurothallis* e criou uma subsecção de *Pleurothallis* chamada *Lepantheformis*, com brácteas semelhantes às de *Lepanthes* no ramicaule.

Hoje são conhecidas 108 espécies para o gênero, distribuídas nas Américas Central e do Sul e Antilhas, em florestas úmidas e temperadas. Na Amazônia brasileira ocorrem cerca de sete espécies.

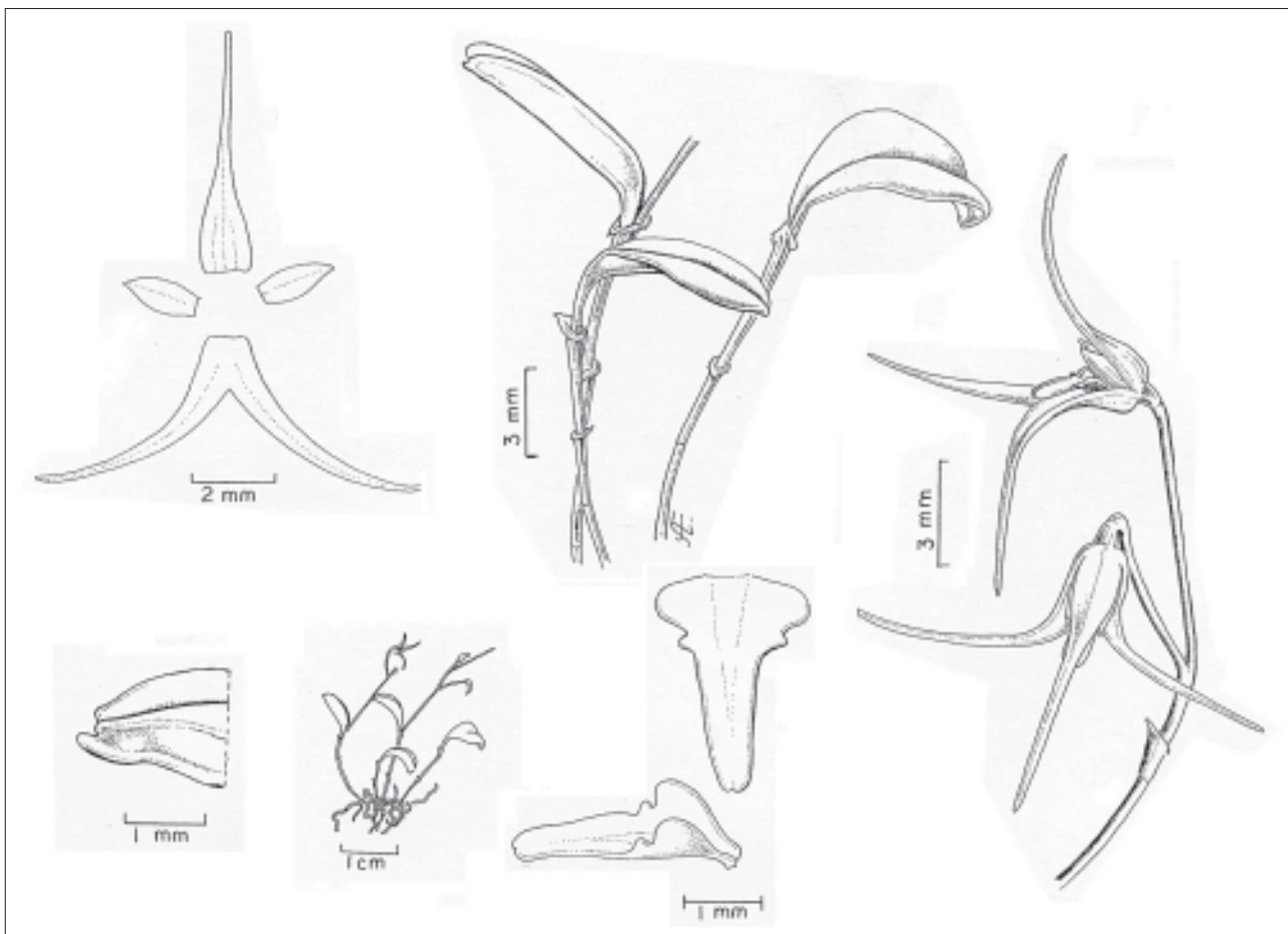
Foto: Sérgio Queiroz



*Trichosalpinx eglei*



*Trichosalpinx egleri*  
(Floresta de terra firme)



*Trichosalpinx intricata*  
(Floresta de altitude)

Foto: Sérgio Queiroz



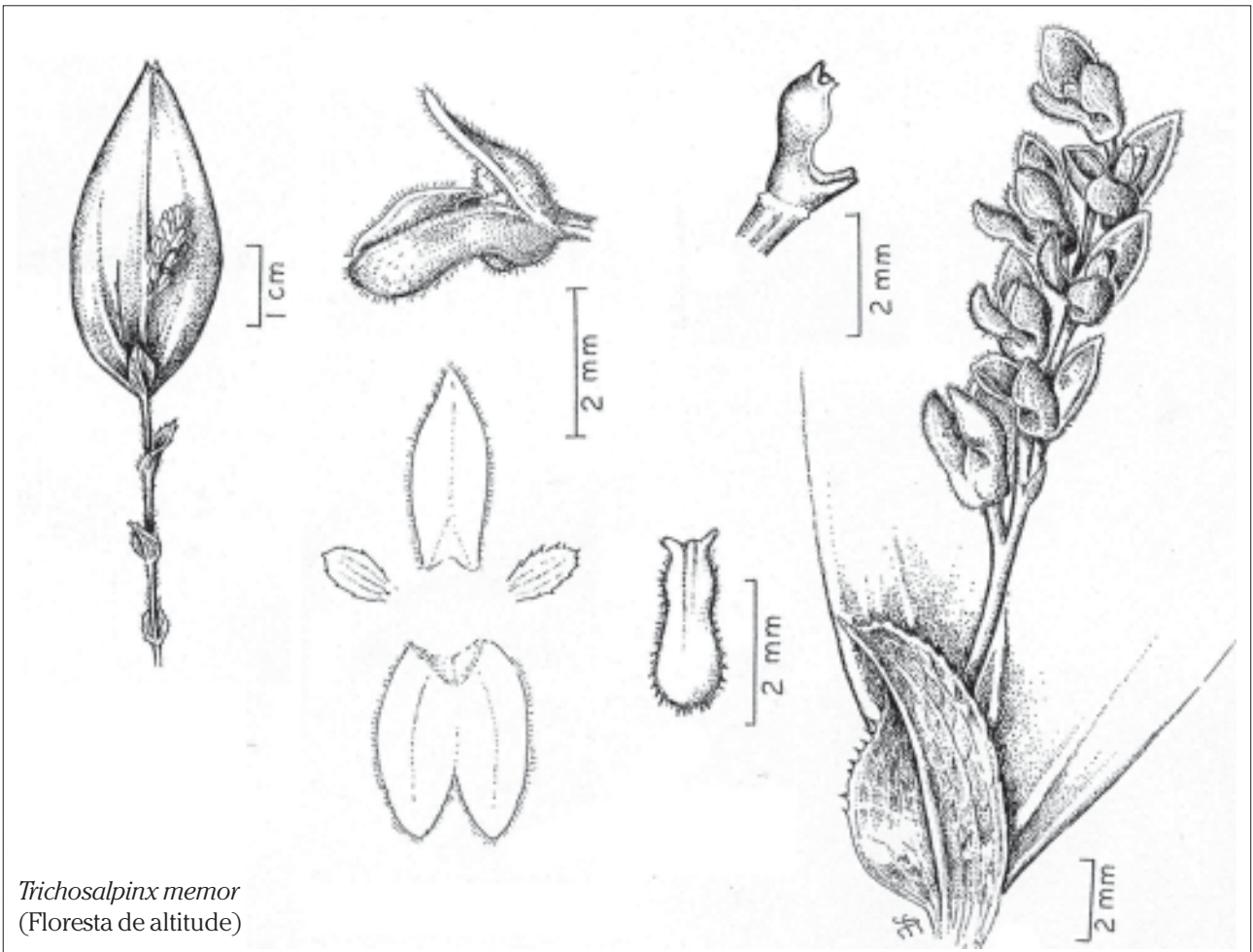
*Trichosalpinx orbicularis*  
(Floresta de terra firme, igapó, várzea e campina)

Foto: Sérgio Queiroz





*Trichosalpinx ciliaris*  
(Floresta de altitude)



*Trichosalpinx memor*  
(Floresta de altitude)

# Trigonidium

**Gênero:** *Trigonidium* Lind.

**Subfamília:** Epidendroideae

**Tribo:** Maxillarieae

**Subtribo:** Maxillariinae

O nome deriva do grego “*trigonos*” = pequeno triângulo, em alusão à forma triangular das sépalas, estigma e viscidium.

O gênero foi descrito em 1837, pelo botânico inglês John Lindley, em *Botanical Register* (t. 1923). A planta TIPO do gênero *Trigonidium obtusum* Lindl. foi descoberta, originalmente, por Colley em Demerara (Guiana). É um gênero pequeno, composto de, aproximadamente, doze espécies distribuídas do México à América do Sul, Brasil e Peru.

*Trigonidium obtusum*  
(Floresta de terra firme,  
campina e igapó)

*Trigonidium acuminatum*  
(Floresta de terra firme,  
igapó, várzea, campina)



Foto: Sérgio



Foto: Sérgio Queiroz

# Trisetella

**Gênero:** *Trisetella* Luer

**Subfamília:** Epidendroideae

**Tribo:** Epidendreae

**Subtribo:** Pleurothallidinae

O gênero foi descrito por Luer em *Phytologia* 47: 57, 1980. A primeira planta conhecida foi descrita por Reichenbach, em 1876, como *Masdevallia triaristella*. Nesta época, plantas do gênero eram muito procuradas pelos colecionadores e cultivadores de orquídeas por causa da beleza de suas flores. Mais tarde, Reichenbach acrescentou mais cinco espécies do gênero em *Masdevallia*. As espécies eram tão diferentes que Kranzlin, em sua monografia de *Masdevallia*, organizou todas estas espécies numa secção do gênero *Masdevallia*. Em 1976, Brieger reorganizou a Secção *Triaristella* criando um novo gênero, mas o nome escolhido de *Triaristella* já estava ocupado por um sporo de fóssil. O nome foi substituído por *Trisetella*, em 1980, por Luer.

O gênero estabelecido por Luer, hoje compreende vinte espécies, distribuídas nas Américas Central e do Sul, sendo que quinze delas ocorrem no Equador. No Brasil, a única representante é *Trisetella triglochis*, encontrada nos estados do Amazonas e Roraima. São plantas pequenas, com inflorescência maior que as folhas, aparecendo sucessivamente no ápice.



*Trisetella triglochis*  
(Floresta de igapó)

# *Trizeuxis*

**Gênero:** *Trizeuxis* Lindl.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Maxillarieae  
**Subtribo:** Oncidiinae

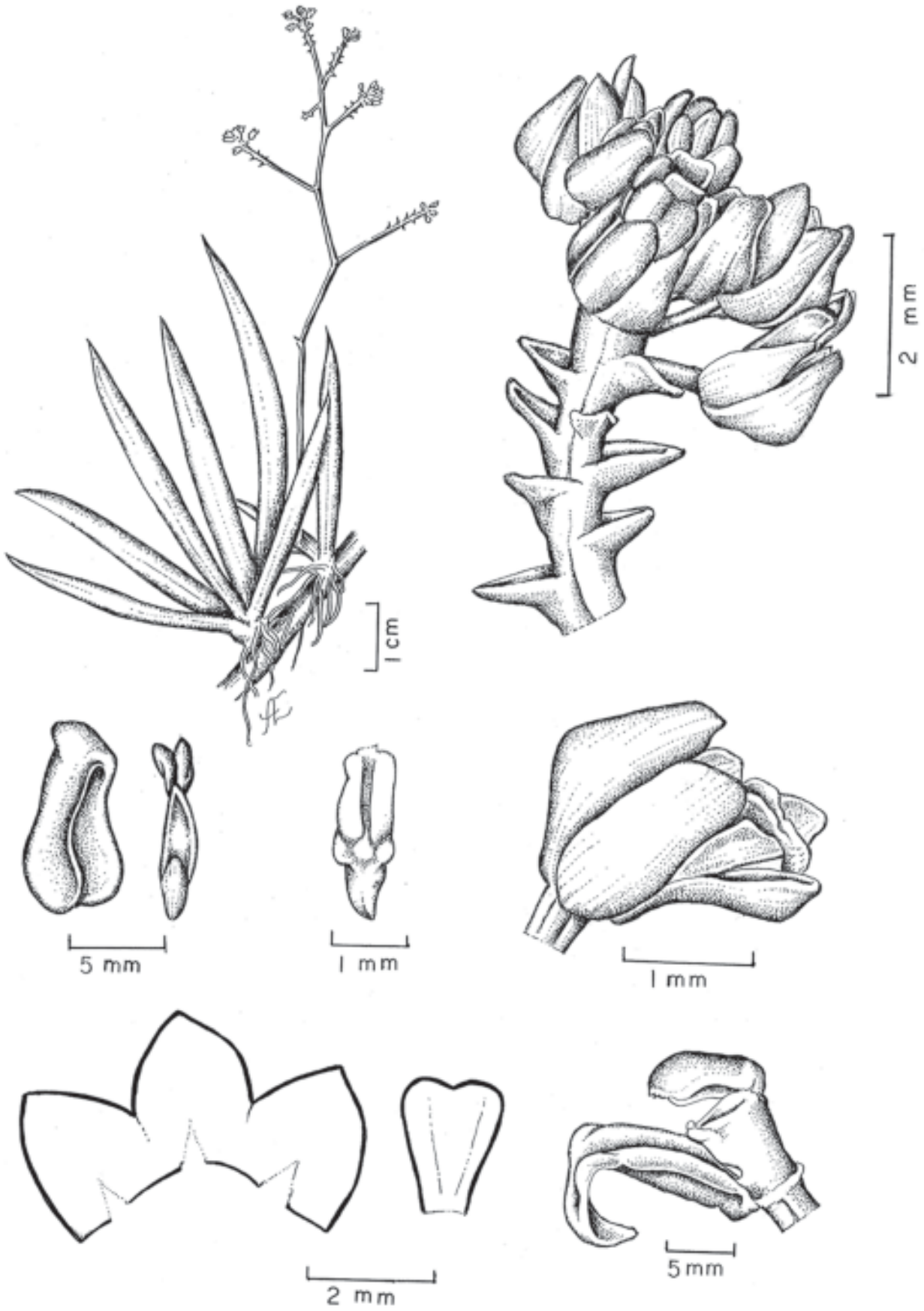
O *Trizeuxis* foi criado por J. Lindley em Coll. Bot. t. 2. 1823. O gênero consiste de uma espécie, *Trizeuxis falcata*, distribuído da Costa Rica ao Brasil. As plantas são pequenas epífitas de pequenos pseudobulbos com folhas compressas em forma de faca.

A inflorescência surge da base do pseudobulbo com muitas flores pequenas juntas no ápice. *Trizeuxis falcata* ocorre em toda a Amazônia brasileira, preferindo os ambientes mais secos, crescendo em pequenas árvores ou nos galhos mais finos.

*Trizeuxis falcata*







*Trizeuxis falcata*  
(Floresta de terra firme, igapó e várzea)

# Uleiorchis

**Gênero:** *Uleiorchis* Hoehne  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Gastrodieae  
**Subtribo:** Gastrodiinae

*Uleiorchis ulei*  
(Saprófita de floresta de terra firme)

*Uleiorchis* foi descrito por FC. Hoehne em *Arq. de Bot. Est. de São Paulo, nov. ser.*, vol. I, fasc. 6, p. 129, tab. 144, 1944, dedicado ao botânico Ernesto Ule, baseado numa planta coletada por Ule no estado de Santa Catarina em 1888. Este exemplar havia sido descrito anteriormente por Cogniaux como *Wulschlaegelia ulaei* em 1895. Hoehne, examinando o material, notou que o formato das flores era totalmente distinto das do gênero *Wulschlaegelia* e estabeleceu um novo gênero: *Uleiorchis*. São plantas saprófitas, sem folhas, com um tubérculo longo de onde surgem as finas raízes acima dele. *Uleiorchis ulei* é uma única espécie conhecida para o gênero que ocorre em todo o Brasil, Venezuela e Guianas.

# Vanilla

**Gênero:** *Vanilla* Mill.

**Subfamília:** Epidendroideae

**Tribo:** Triphoreae

**Subtribo:** Galeolinae

O nome do gênero deriva do vocábulo espanhol “*vanilla*” que significa pequena vagem, referindo-se à vagem das espécies de *Orchidaceae Vanilla*.

O gênero foi descrito primeiro por Philip Miller em 1754, na quarta edição do *Gardner's Dictionary*. Depois, em 1799 por Swartz em *Nova Acta Regiae Societatis Scientiarum Upsaliensis* (p. 66, t.5). É formado por cerca de sessenta espécies amplamente distribuídas nas regiões tropicais. São plantas monopodiais, trepadeiras ou hemiepífitas; as raízes e as folhas aparecem nos entrenós.



*Vanilla gardneri*  
(Floresta de várzea)

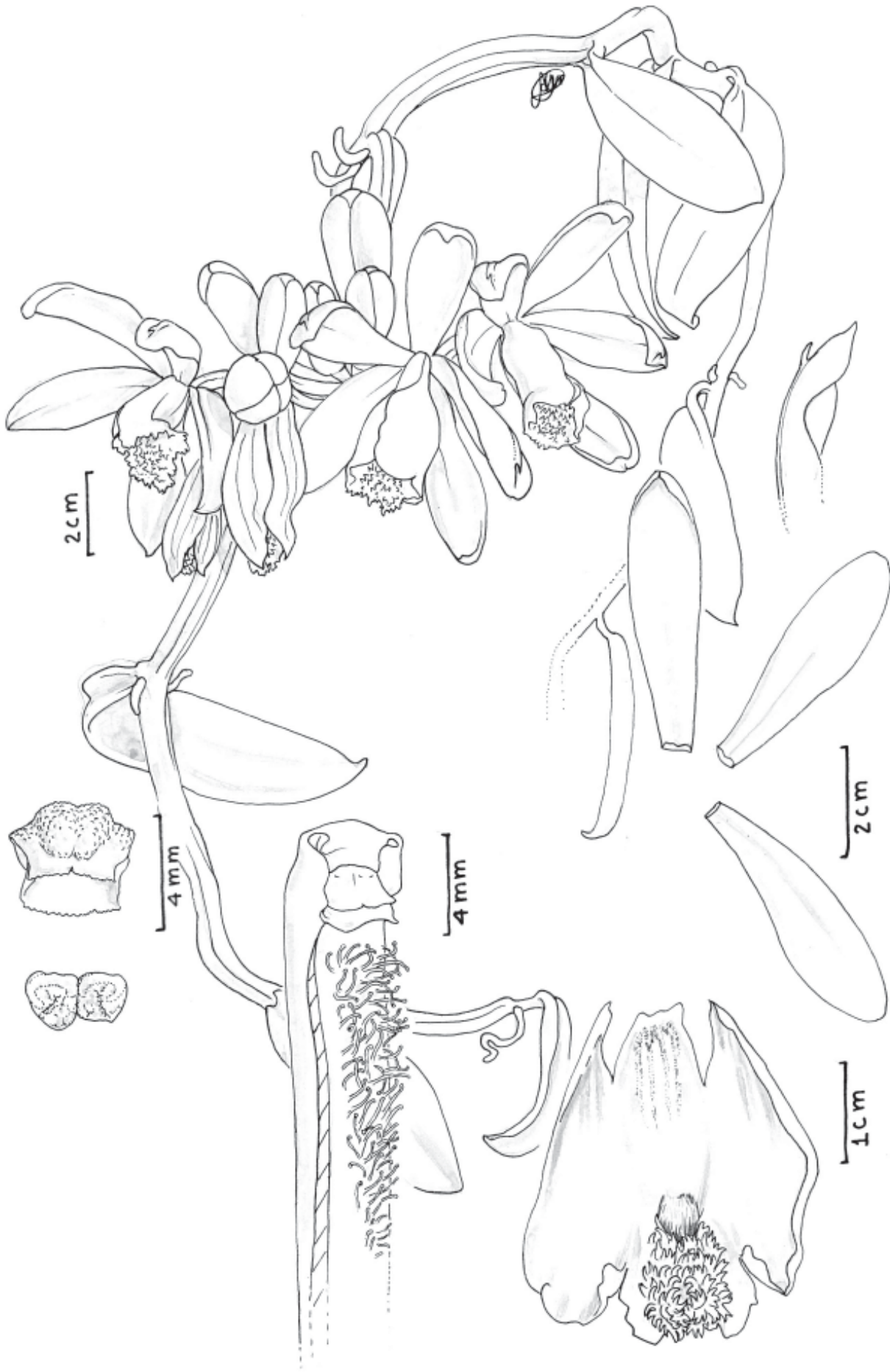


*Vanilla mexicana*  
(desconhecido)



*Vanilla pompona*  
(desconhecido)

Ilustração: Alex Pinheiro



*Vanilla penicilata*  
(Floresta de terra firme)





*Vanilla palmarum*  
(Floresta de terra firme)

# Wullschlaegelia

**Gênero:** *Wullschlaegelia* Reichb f.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Gastrodieae  
**Subtribo:** Wullschlaegeliinae

*Wullschlaegelia calcarata*  
(Saprófita de floresta de terra firme)



Gênero criado por Reichenbach f. em *Bot. Zeith.* p. 131. 1863. São conhecidas somente duas espécies, distribuídas das Guianas até o Paraguai, ambas saprófitas de locais ricos em matéria orgânica. São plantas pequenas e sem folhas, por isso, difíceis de ser reconhecidas como *Orchidaceae*, vistas sem muita atenção. As duas espécies *W. aphylla* e *W. calcarata* devem ocorrer na Amazônia brasileira.



# Xerorchis

**Gênero:** *Xerorchis* Schltr.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Subtribo:** Pogoniinae

O gênero foi descrito por R. Schlechter em *Fedde Repert. Sp. Nov.* vol.9, p. 44. 1911, baseado em plantas coletadas por F.C. Hoehne no rio Juruena (MT). Planta terrestre, caule em forma de zig-zag, com pequenas folhas. As flores de cor amarelada aparecem na axila das últimas folhas solitárias. *X. amazonica* é comum nas campinas de areia branca no rio Negro. Na Venezuela há uma outra espécie: *X. trichorhiza*.

*Xerorchis amazonica*  
(Terrestre de solos arenosos)

# Xylobium

**Gênero:** *Xylobium* Lindl.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Maxillarieae  
**Subtribo:** Lycastinae

O nome do gênero deriva do grego “*xilon*” = longo e “*bios*” = vida, referindo-se ao hábito epifítico. As primeiras plantas do gênero foram descritas como *Maxillaria* e *Dendrobium*. Em 1825, John Lindley descreveu o gênero *Xylobium* em *Botanical Register* (sub t. 897), baseado em uma planta procedente do Rio de Janeiro, Brasil, que ele próprio havia publicado anteriormente como *Dendrobium squalens*. O gênero foi revisado, em 1913, por R. Schlechter em *Orchis*, reconhecendo vinte e quatro espécies, cuja maioria havia sido descrita como *Maxillaria*.

São reconhecidas cerca de trinta espécies para o gênero, distribuídas na América tropical.



*Xylobium variegatum*  
(Floresta úmida)



*Xylobium colleyi*  
(Floresta submontana)



*Xylobium squalens*  
(Floresta ribeirinha)

Foto: Jorge Macêdo



*Xylobium foveatum*  
(Floresta úmida)

Foto: Sérgio Queiroz

# Zygosepalum

**Gênero:** *Zygosepalum* Reich.  
**Subfamília:** Epidendroideae  
**Tribo:** Maxillarieae  
**Subtribo:** Zygopetalinae

O nome deriva do grego “zygon” = cambão, canga (yoke) e do latim “sepalum” = sépala, as bases laterais das sépalas soldadas.

O gênero foi descrito, originalmente, em 1858, por H. G. Reichenbach, em *Nederlandsch Kruidkundig Archief, Leiden* (p. 330), baseado em duas espécies provenientes do Suriname, descritas originalmente como *Zygopetalum*. É um gênero pequeno, formado por, aproximadamente, cinco espécies, distribuídas nas regiões tropicais da América do Sul. *Z. labiosum* ocorre em todos os estados da Amazônia brasileira, enquanto que *Z. lindeniae*, *Z. tatei* e *Z. kegelli*, são encontradas somente no estado do Amazonas.

*Zygosepalum labiosum*  
(Igapó, mata ribeirinha, várzea)





*Zygosepalum labiosum*  
(Floresta de terra firme,  
ribeirinha e de várzea)

Foto: Jorge Macêdo



*Zygosepalum lindeniae*  
(Mata ribeirinha)



*Zygosepalum tatei*  
(Savana de altitude de solo encharcado)

*Relação geral  
das espécies  
da Amazônia*



---

*Acacallis* Lindl.

- Acacallis cyanea* Lindl., Fol. Orchid. 1. 1853.  
*Acacallis fimbriata* (Reichb.f.) Schltr., Orchis 12: 10. 1918. MG 146.078  
*Acacallis hoehnei* Schltr., Orchis 12: 14. 1918.  
*Acacallis rosariana* V.P. Castro & J.B. Silva, Die Orchidee 52(5): 572. 2001. MG 156.679

---

*Aganisia* Lindl.

- Aganisia pulchella* Lindl., Bot. Reg. 2. misc. p. 45. 1839. MG 133.532

---

*Aspasia* Lindl.

- Aspasia variegata* Lindl., Bot. Reg. 22: t. 1907. 1836. MG 145.495

---

*Aspidogyne* Garay.

- Aspidogyne confusa* (C. Schweinf.) Garay, Bradea 2: 201. 1977. MG 145.501

---

*Barbosella* Schltr.

- Barbosella orbicularis* Luer, Selbyana 3(1,2): 10-14. f. 108. 1976

---

*Batemannia* Lindl.

- Batemannia colleyi* Lindl., Bot. Reg. 20: t. 1714. 1834. MG 138.851  
*Batemannia lepida* Reichb.f., Gard. Chron. 9: 588. 1878.

---

*Bifrenaria* Lindl.

- Bifrenaria longicornis* Lindl., Bot. Reg. 24: t. 93. 177. 1838. MG 138.853  
*Bifrenaria maguirei* C. Schweinf. = *Guanchezia maguirei* (C. Schweinf.) G.A. Romero & G. Carnevali, Orch. Venez. 2000.  
*Bifrenaria minuta* Garay Bot. Mus. Leaflet. 18: 206. 1958. MG 138.907  
*Bifrenaria petiolaris* Schltr. = *Hylaeorchis petiolaris* (Schltr.) G. Carnevali, Orch. of Venez. Ed. 2: 1136. 2000. MG 138.899  
*Bifrenaria steyermarkii* (Foldats) Garay & Dunsterv., Venez. Orch. 6: 56. 1976  
*Bifrenaria venezuelana* C. Schweinf., Amer. Orch. Soc. Bull. 34: 38. 1965. MG 132.938

---

*Bletia* Ruiz & Pavon

- Bletia catenulata* Ruiz & Pav., Syst. Veg. Fl. Peruv. e Chil. 1: 229. 1798. MG 138.885  
*Bletia* sp.

---

*Bollea* Reichb.f.

- Bollea hemixantha* Reichb.f., Gard. Chron. Ser. 3-4: 206. 1888. MG 141.276  
*Bollea violacea* (Lindl.) Reichb.f., Bot. Zeit. 10: 668. 1852.  
*Bollea* sp.

---

*Brachionidium* Lindl.

- Brachionidium brevicaudatum* Rolfe, Trans. Linn. Soc. London Bot. 6: 59. 1901.  
*Brachionidium longicaudatum* Ames & C. Schweinf., Bull. Torrey Bot. Club 58: 348. 1931  
*Brachionidium neblinense* Carnevali & I. Ramírez, Ernestia 39: 9. 1986.  
*Brachionidium parvifolium* (Lindl.) Lindl., Fol. Orch. 1. 1859.

---

*Brachystele* Schltr.

- Brachystele guayanensis* (Lindl.) Schltr., Beih. Bot. Centralbl. 37(2): 373. 1920.

---

*Braemia* Jenny

- Braemia vittata* (Lindl.) Jenny, Orchidee 36: 38. 1985. MG 138.872

---

*Brassavola* R. Br.

- Brassavola fasciculata* Pabst, Arq. Bot. Est. São Paulo 3: 126. 1955.  
*Brassavola gardneri* Cogn., Fl. Bras. 3(5): 263. 1898. MG 141.266  
*Brassavola martiana* Lindl., Bot. Reg. 22. Sub t. 1914. 1836. MG 135.353  
*Brassavola* sp.
-



---

**Brassia R. Br.**

- Brassia arachnoidea* Barb.Rodr., Gen.Sp.Orch.Nov.1:97. 1877.MG 132.928  
*Brassia bidens* Lindl., Bot. Reg. 30: misc. 6. 1844. MG 139.445]  
*Brassia caudata* (L.) Lindl., Bot. Reg. 10: t. 832.1824  
*Brassia chloroleuca* Barb.Rodr., Gen.Sp.Orch.Nov.1:97. 1877.  
*Brassia lanceana* Lindl., Bot. Reg. 21. 1784. 1835. MG 138.862  
*Brassia lawrenceana* Lindl., Bot. Reg. 21: misc. 2. t. 18. 1841. MG 141.267  
*Brassia neglecta* Reichb.f., Allg. Gart. 23:322.1856.
- 

**Bulbophyllum Thou.**

- Bulbophyllum bracteolatum* Lindl., Bot. Reg. 24: 57. 1838.  
*Bulbophyllum exaltatum* Lindl., Ann. Mag. Nat. Hist. 10: 186.1842  
*Bulbophyllum insectiferum* Barb.Rodr., Gen. Sp. Orchid. Nov.2: 120.1882.  
*Bulbophyllum manarae* Foldats, Act. Bot. Venez. 3:309. 1968  
*Bulbophyllum meridense* Reich. f., Linnaea 22:836. 1849.  
*Bulbophyllum roraimense* Rolfe, Trans. Linn. Soc. London Bot. 6:61. 1901.  
*Bulbophyllum setigerum* Lindl., Bot. Reg. 24: misc. 21. 1838.
- 

**Caluera Dodson & Dettermann**

- Caluera surinamensis* Dodson & Dettermann, Amer. Orchid. Soc. Bull. 2(4):377-379. 1983.  
*Caluera tavaresii* Campacci & da Silva Col. Orq. Bras. 6: 182 p.2008 JBF da Silva, 1489.  
*Caluera* sp.
- 

**Campylocentrum Benth.**

- Campylocentrum amazonicum* Cogn., Fl. Bras. 3(6): 521. 1906. MG 138.871.  
*Campylocentrum burchellii* Cogn., Fl. Bras. 3(6): 522. 1906.  
*Campylocentrum fasciola* (Lindl.) Cogn., Fl. Bras. 3(6): 520. 1906.  
*Campylocentrum huebneri* Mansf. Notizbl., Bot. Mus. Berlin 10:382. 1928.  
*Campylocentrum micranthum* (Lindl.) Rolfe, Orch. Rev. 11:245. 1903.  
*Campylocentrum pachyrrhizum* (Reichb.f.) Rolfe, Orch. Rev. 11 (128):246. 1903.  
*Campylocentrum poeppigii* (Reichb.f.) Rolf., Orch. Rev. 11:246. 1903.  
*Campylocentrum sullivanii* Fawc. & Rendl., J. Bot. Brit. For. 47: 1288. 1909.
- 

**Catasetum L. C. Rich. ex Kunth**

- Catasetum aculeatum* Miranda & Lacerda, Bradea 6: 7. 1992. MG 145.489.  
*Catasetum alatum* Silva & Oliveira, Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. 17(2):355-366.2001.  
*Catasetum albobirens* Barb.Rodr., Gen. Spec. Orch. Nov.1: 129. 1877. MG 133.547.  
*Catasetum albuquerquei* Silva & Oliveira, Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. 15(2):105-115. 1999.  
*Catasetum aripuanense* Bicalho, Lof. 8: 1. 1963. JBF da Silva, 385  
*Catasetum ariquemense* Miranda & Lacerda, Bradea 6: 7. 1992. MG 139.443  
*Catasetum barbatum* Lindl., Syst. Veg. 1:219. 1844. MG 138.892 .  
*Catasetum bifidum* Oliveira & da Silva, Bol. Mus. Para. Emilio Goeldi. 16(2): 11-129.2000.  
*Catasetum boyi* Mansf., Rep. Sp. Nov. Regni Veg. 28:94. 1930. MG 147.311  
*Catasetum callosum* Lindl. Bot. Reg. 26: Misc. 77. 1840. MG 138.870  
*Catasetum carolinianum* Miranda & Lacerda, Bradea 6: 7. 1992. MG 145.488  
*Catasetum carrenhianum* Silva & Oliveira, Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. 15(2): 105- 115. 1999.  
*Catasetum caxarariense* Silva & Oliveira, Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. 17(2):355-366.2001.519.  
*Catasetum ciliatum* Barb. Rodr. Gen. Sp. Orch. Nov.1. 130. 1877. MG 145.523  
*Catasetum complanatum* Miranda & Lacerda, Bradea 6: 7. 1992. MG 138.856  
*Catasetum confusum* G.A. Romero Brittonia 45(3):237. 1993. MG 147.012  
*Catasetum costatum* Reichb.f., Gard. Chron. 3(1):72. 1887.  
*Catasetum cristatum* Lindl., Trans. Hort. 6:83. 1824. MG 135.356  
*Catasetum cuculatum* Silva & Oliveira, Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. 14(1):63-67. 1998.  
*Catasetum denticulatum* Miranda, Lindleyana 1(3):152. 1986. MG 146.055  
*Catasetum discolor* Lindl. Bot. Reg. 27: Misc. 12. 1841.  
*Catasetum faustii* Bicalho  
*Catasetum ferox* Kraenzl., Gard. Chron. 2: 262. 1895.  
*Catasetum galeritum* Reichb.f., Gard. Chron. 26:616. 1886. MG 138.849  
*Catasetum gamettianum* Rolfe, Gard. Chron. 3(4): 692. 1889. MG 138.852

- Catasetum guianense* G.A. Romero & Jenny Novon 2: 241. 1992  
*Catasetum issanensis* Pabst, Orch. Review 48: 405. 1975.  
*Catasetum kleberianum* Braga, Bradea 6(35): 293-296. 1994.  
*Catasetum gnomus* Lindl. & Reichb. f., Xenia Orch. 2: 171. 1870.  
*Catasetum lanceatum* Miranda, Lindleyana 1(3): 148. 1986. MG 134.976  
*Catasetum longifolium* Lindl., Bot. Regist. 25: Misc. 94. 1839. MG 146.054  
*Catasetum macrocarpum* L.C. Rich. ex Kunth, Syn. Pl. Aequim. 1: 331. 1822. MG 147.424  
*Catasetum maranhense* Lacerda & da Silva, Bradea 8(13): 1998. MG 130.941  
*Catasetum matogrossense* Bicalho, Loef. 17: 1. 1964.  
*Catasetum meeae* Pabst, Orquidea 29: 64. 1967.  
*Catasetum mojuense* Oliveira & da Silva, Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. 14(2): 109-115. 1998.  
*Catasetum multifidum* Miranda, Lindleyana 1(3): 154. 1986 JBF da Silva, 386  
*Catasetum oriximinaense* Campacci & J.B. Fda Silva Col. Orq. Bras. 8: 274-277. 2010 MG 190.655.  
*Catasetum ornithoides* Pabst, Arq. Bot. Est. S. Paulo 3: 130. 1955.  
*Catasetum osakadianum* Silva & Oliveira, Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. 17(2): 355-366. 2001.  
*Catasetum osculatum* Lacerda & Castro Bradea 6(44): 381. 1995.  
*Catasetum palmeirinhense* Oliveira & da Silva, Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. 16(2): 111-129. 2000.  
*Catasetum pileatum* Reichb. f., Gard. Chron. 5(17): 492. 1882.  
*Catasetum planiceps* Lindl., Bot. Reg. 29. 1943. MG 138.895  
*Catasetum pulchrum* N. Br., Lindenia 3(51): 120. 1887.  
*Catasetum parguazense* G. Romero & Carnevali, Ann. Missouri Bot. Gard. 76: 475. 1989. MG 138.899  
*Catasetum reichenbachianum* Mansf., Rep. Sp. Nov. Reg. Veg. 28: 95. 1930.  
*Catasetum richterii* Bicalho, Soc. Campineira de Orq. 3: 127. 1973.  
*Catasetum rigidum* Oliveira & da Silva, Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. 16(2): 111-129. 2000.  
*Catasetum rionegrense* Campacci & G.F. Carr. Col. Orq. Bras. 6: 186 p. 2008  
*Catasetum rivularium* Barb. Rodr., Gen. Sp. Orch. Nov. 1: 130. 1877. MG 138.846  
*Catasetum rolfeanum* Mansf., Notizbl., Bot. Mus. Ber. 10. 1928. MG 135.364  
*Catasetum rondonense* Pabst, Orquidea 29: 65. 1967. MG 146.941  
*Catasetum roseo-album* (Hook.) Lindl., Ann. Missouri Bot. Gard. 76: 459. 1889.  
*Catasetum saccatum* Lindl., Bot. Reg. 26: Misc. 76. 1840. MG 138.890  
*Catasetum seccoii* Silva & Oliveira, Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. 15(2): 105-15. 1999.  
*Catasetum semicirculatum* Miranda Lindleyana, 1(3): 156. 1986.  
*Catasetum stenoglossum* Pabst, Arq. Bot. Est. S. Paulo. 3: 130. 1955. MG 148.454  
*Catasetum teixeiranum* Campacci & da Silva Col. Orq. Bras. 6: 190 p. 2008 JBF da Silva, 2102  
*Catasetum tenebrosum* Kraenzl. Gard. Chron. 3(48): 229. 1910.  
*Catasetum tigrinum* Reichb. f., Gard. Chron. 15: 40. 1881.  
*Catasetum tucuruense* Oliveira & da Silva, Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. 14(2): 109-115. 1998. MG 148.443

---

### *Cattleya* Lindl.

- Cattleya araguaiensis* Pabst., Orquidea 29: 9. 1967. MG 135.352  
*Cattleya X brymeriana* Reichb. f. Gard. Chron. n.s., 1883(2): 492 1883  
*Cattleya eldorado* Linden, Fl. Serres. 28: 13, t. 1826. 1869. MG 139.105  
*Cattleya jenmanii* Rolfe, Bull. Misc. Inform. 85. 1906.  
*Cattleya laurenceana* Reichb. f., Gard. Chron. 23: 338. 1885.  
*Cattleya luteola* Lindl., Gard. Chron. 13: 774. 1853.  
*Cattleya nobilior* Reichb. f., Hort. 30: t. 485. 1883.  
*Cattleya violacea* (Kunth) Rolfe., Gard. Chron. ser. 3, 5: 802. 1889.

---

### *Caularthron* Raf.

- Caularthron bicornutum* (Hook) Raf., Fl. Tellur. 2: 41. 1836. MG 138.891  
*Caularthron bilamellatum* (Reichb. f.) R.E. Schultes, Bot. Mus. Leaf. 18: 92. 1958.  
*Caularthron indivisum* (Bradford ex Griseb) Garay & Dunsterv., Orchids Venez. 107. 1979. MG 138.911

---

### *Chaubardia* Reichb. f.

- Chaubardia klugii* (C. Schweinf.) Garay, Orquideologia 8. 1: 34. 1973. MG 138.863  
*Chaubardia surinamensis* Reichb. f., Bot. Zeit. (Berlin) 10: 672. 1852.

---

### *Chaubardiella* Garay

- Chaubardiella tigrina* (Garay & Dunsterv.) Garay, Orquideologia 4: 149. 1969.
-

---

*Cheiradenia* Lindl

- Cheiradenia cuspidata* Lindl. Fl. Orchid. *Cheiradenia* 1. 1953  
*Cheiradenia imthumii* Cogn., Fl. Bras. 3 (6): 481. 1906.
- 

*Cleistes* L. C. Rich.

- Cleistes morritz* (Reichb.f.) Garay & Dunsterv. Ven. Orch. 4:54. 1966. MG 148.484  
*Cleistes paludosa* Benth. ex Griseb. Fl. Brit. W.I. 637. 1864  
*Cleistes rosea* Lindl., Gen. Sp. Orch. Pl. 410. 1840. MG 156.680  
*Cleistes tenuis* (Reichb.f.) Schltr. Arch. Bot. do Est. de São Paulo 1: 180. 1926
- 

*Clowesia* Lindl.

- Clowesia warczewitzii* (Lindl. & Paxton) Dodson, Selbyana 1: 136. 1975.
- 

*Cochleanthes* Raf.

- Cochleanthes amazonica* (Reichb.f. & Warsc.) R.E. Schults & Garay, Bot. Mus. Leaf. Harvard Univ. 18: 322. 1959.
- 

*Coryanthes* Hooker

- Coryanthes biflora* Barb. Rodr., Gen. Sp. Orch. Nov. 1. 103. 1877. MG 150.754  
*Coryanthes cataniapoensis* G.A. Romero & Carnevali, Ann. Miss. Bot. Gard. 77(2): 454. 1989. MG 156.681  
*Coryanthes cavalcantei* Silva & Oliveira, Coord. Assoc. Orch. do Brasil 25: 21. 1996. MG 149.900  
*Coryanthes dasilvae* F. Barros, Hoehnea 28 (3): 279-283. 2001  
*Coryanthes elianae* Silva & Oliveira, Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi 14(1): 43-51. 1998. MG 151.049  
*Coryanthes feildingii* Lindl. Hort. Soc. 3: 5. 1848.  
*Coryanthes macrantha* (Hook) Hook, Bot. Mag. 58: sub t. 3102. 1831. MG 151.349  
*Coryanthes mastersiana* F. Lehm. Gard. Chron. 29: 483. 1891.  
*Coryanthes minima* Silva & Oliveira Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Bot. 17(2): 269-275. 2001  
*Coryanthes mistax*  
*Coryanthes miuaensis* Silva & Oliveira, Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi 14(1): 43. 1998. MG 150.770  
*Coryanthes pacaraimensis* Campacci & J.B.F. Silva, Col. Orq. Bras. 5: 150. 2007.  
*Coryanthes punctata* Beer Prakt. Stud. Orch. 22. 1854. MG 135.351  
*Coryanthes rutkissii* Foldats, Bot. Soc. Venez. 28: 115. 1969. MG 141.278  
*Coryanthes speciosa* (Hook) Hook, Bot. Mag. 58 sub t. 3102. 1831.  
*Coryanthes vieirae* G. Gerlach., Orquideologia 18: 13. 1991.  
*Coryanthes* sp.  
*Coryanthes wenzeliana*
- 

*Corymborkis* Thou.

- Corymborkis flava* (Sw.) O. Ktze., Rev. Gen. Pl. 2: 658, 1891.
- 

*Cryptarrhena* Lindl.

- Cryptarrhena acensis* Schltr., Notizbl. Bot. Gart. Berlin 6: 126. 1914. MG 133.540  
*Cryptarrhena lunata* R. Br., Bot. Reg. 2 t. 153. 1816.
- 

*Cyclopogon* C. Presl

- Cyclopogon olivaceus* (Rolfe) Schltr. Beih. Bot. Centralbl., Abt. 2 37(2, Heft 3): 392. 1920
- 

*Cycnoches* Lindl.

- Cycnoches haagii* Barb. Rodr., Gen. Sp. Orch. Nov. 2: 221. 1882.  
*Cycnoches loddigesii* Lindl., Gen. Sp. Orch. Pl. 154. 1832.  
*Cycnoches manoelae* P. Castro & Campacci, Coord. Assoc. Orch. Brasil 5(1): 25. 1993  
*Cycnoches pentadactylom* Lindl., Bot. Reg. 29: misc. 18. 1843.
- 

*Cyrtopodium* R. Br.

- Cyrtopodium andersonii* (Lambert ex Andrews) R. Br., Aiton, Hortus Kew, ed. 2, 5: 216. 1813. MG 146.504  
*Cyrtopodium caximboense* L.C. Menezes, Bol. Coord. Assoc. Orquid. Brasil 26: 22. 1996.  
*Cyrtopodium cristatum* Lindl., Bot. Reg. 27: sub t. 8. 1841. MG 135.342  
*Cyrtopodium holstii* L. C. Menezes, Schlechteriana 4(4): 149. 1993.  
*Cyrtopodium paludicolum* Hoehne, List. Orch. Herv. Mus. Nac. Rio de Janeiro 11. 1923.

*Cyrtopodium parviflorum* Lindl., Hooker's J. Bot. Kew Gard. Misc. 2: 672. 1843.  
*Cyrtopodium poecilum* Reichb. f. & Warm. Otia Bot. Hamburg 2: 89. 1881  
*Cyrtopodium saint-legerianum* Reichb. f., Flora 68: 301. 1885.  
*Cyrtopodium sarneyanum* L. C. Menezes, Orquidário 13: 84. 1999.  
*Cyrtopodium virescens* Reichb. f. & Warm., Otia Bot. Hamburg 89. 1881. MG 132.929

### *Diadenium* Poepp. & Endl.

*Diadenium barkeri* (Lindl.) Benth. & Hook., Gen. Pl. 3: 558. 1880.

### *Dichaea* Lindl.

*Dichaea ancoraelabia* C. Schweinf., Amer. Orch. Soc. Bull. 16: 614. 1947.  
*Dichaea brachypoda* Reichb. f., Beith. Orch. Centr. Amer. 78. 1866.  
*Dichaea cornuta* Moore, Trans. Linn. Soc. London, Bot. ser. II 4: 479. 1894.  
*Dichaea hookeri* Garay & H. R. Sweet, J. Arnold Arbor. 53: 395. 1972. MG 133.536  
*Dichaea hystricina* Reichb. f., Flora 48: 279. 1865.  
*Dichaea kegelii* Reichb. f., Linnaea 41: 129. 1877. MG 150.760  
*Dichaea morrisii* Fawc. & Rendle, J. Bot. 48: 107. 1910.  
*Dichaea muricata* (Sw.) Lindl., Gen. Sp. Orch. Pl. 209. 1833. MG 145.545  
*Dichaea panamensis* Lindl., Gen. Sp. Orch. Pl. 209. 1833.  
*Dichaea picta* Reichb. f., Refug. Bot. 84. 1869.  
*Dichaea pumila* Barb. Rodr., Gen. Sp. Orch. Nov. 1: 191. 1877.  
*Dichaea rendlei* Gleason, Bull. Torrey Bot. Club 54: 604. 1927.  
*Dichaea trulla* Reichb. f., Beith. Orch. Centr. Am. 104. 1866.

### *Dimerandra* Schl.

*Dimerandra emarginata* (G. Mey.) Hoehne, Bol. Agric. São Paulo 34: 618. 1934. MG 147.423

### *Dryadella* Luer

*Dryadella osmariniana* (Braga) Garay & Dunsterv., Orch. Venez. 172. 1979.

### *Duckeella* Porto & Brade

*Duckeella adolphii* Porto & Brade na Prim. Reun. Sul-Amer. Bot. (Rio de Janeiro) 3: 32. 1940  
*Duckeella alticola* C. Schweinf., Bot. Mus. Leaflet. Harvard Univ. 19: 195. 1961.

### *Dunstervillea* Garay

*Dunstervillea mirabilis* Garay, Venez. Orch. 5: 70. 1972. MG 151.045

### *Elleanthus* Presl.

*Elleanthus caravata* (Aubl.) Reichb. f., Otia Bot. Pt. 2: 62. 1881.  
*Elleanthus graminifolius* (Barb. Rodr.) B. Lojtnant, Bot. Notiser 129: 447. 1977. MG 148.482  
*Elleanthus sphaerocephalus* Schltr., Fedde. Rep. Beith. 27: 17. 1924. MG 156.684  
*Elleanthus wagneri* (Reichb. f.), Walp. Ann. 6: 474. 1862. MG 148.486  
*Elleanthus* sp.

### *Eltroplectris* Rafinesque

*Eltroplectris roseo-alba* (Reichb. f.) Homer & Garay, Las Orquid. El Salvador 1: 160. 1974.

### *Encyclia* Hook.

*Encyclia auyantepuiensis* Carnevali & I. Ramirez, Lindleyana 9(1): 61. 1994.  
*Encyclia caximboensis* L. C. Menezes, Bol. Coord. Assoc. Orquid. Brasil 41: 15. 1992.  
*Encyclia ceratistes* (Lindl.) Schltr., Edwards's Bot. Reg. 30: misc. 91. 1844.  
*Encyclia chironi* V. P. Castro & J. B. F. Silva, Richardiana 4: 140. 2004. MG 138.935  
*Encyclia chloroleuca* (Hook.) Neumann, Rev. Hort. vol. 4. p. 138. 1845. MG 138.855  
*Encyclia conchaechila* (Barb. Rodr.) Pôrto & Brade, Rodriguesia 1(2): 28. 1935. MG 135.365  
*Encyclia cyperifolia* (C. Schweif.) Carnevali & I. Ramirez, Mongr. Syst. Bot. Missouri Bot. Gard. 45: 1257. 1993  
*Encyclia dasilvae* P. Castro & Campacci, Ic. Orch. Bras. I: Pl 054. 2000.  
*Encyclia fragrans* SW = *Prosthechea fragrans* (Sw.) W. E. Higgins, Phytologia 32(5): 377. 1997. MG 149.886  
*Encyclia gonzalezii* L. C. Menezes, Orch. Dig. 55(1): 24. 1991. MG 138.893  
*Encyclia granitica* (Lindl.) Schltr. Fedde Rep. Beith., 6: 74. 1919. MG 146.068

- Encyclia guianensis* Carnevali & G.A.Romero Lindleyana 9(1):63. 1994.  
*Encyclia ivonae* Carnevali & G.A.Romero, Lindleyana 9(1):59-70. 1994.  
*Encyclia linearifolioides* (Kraenz.) Hoehne, Arq. Bot. Estado São Paulo 1: 19. 1938. MG 135.347  
*Encyclia pachyantha* (Lindl.) Hoehne., Arq. Bot. Est. São Paulo 2: 154. 1952.  
*Encyclia paraensis* P. Castro & Cardoso, Richardiana 3(2):69-73. 2003. MG 138.881  
*Encyclia pygmaea* Hook. = *Prosthechea pygmaea* (Hook.) W.E. Higgins, Phytologia 82 (5):380. 1997.  
*Encyclia randii* (Barb. Rodr.) Porto & Brade, Rodriguesia 1: (2):29. 1935. MG 138.910  
*Encyclia tarumana* Schltr., Beih. Bot. Centralab. 42 (2): 106. 1925.  
*Encyclia tigrina* Linden ex. Lindl. = *Prosthechea tigrina* (Lind) W.E. Higgins Phytologia; 82 (5):381. 1997. MG 139.023  
*Encyclia vespa* Vell. = *Prosthechea vespa* W.E. Higgins., Phytologia 82 (5):381. 1997. MG 138.883  
*Encyclia yauaperyensis* (Barb. Rodr.) Porto & Brade, Rodriguesia 1:29. 1935.  
*Encyclia* sp.

### *Epidendrum* L.

- Epidendrum alsum* Ridl. ex Thurn. Timehri, 5: 102. 1886 MG 148.487  
*Epidendrum amapense* Hagsater & L. Sanchez, Icones Orchidacearum 2. 1993. MG 139.103  
*Epidendrum amazonicorifolium* Hagsater Icon. Orchid. 4: t. 409. 2001.  
*Epidendrum amblostomoides* Hoehne, Arq. Bot. Est. São Paulo. 1(1): 18. 1938. MG 138.889  
*Epidendrum anceps* Jacq., Select. Stirp. Amer. 224. t. 138. 1763. MG 149.885  
*Epidendrum apaganum* Mansf., Notizbl. Bot. Gart. Berlin, 10: 240. 1928.  
*Epidendrum begottii* Castro & da Silva, Bol. Coord. Assoc. Orquid. Brasil. 2: 9- 10. 1995.  
*Epidendrum calanthum* Reichb. f. & Warsc., Bonplandia 2: 111. 1854. MG 145.552  
*Epidendrum carpophorum* Barb. Rodr., Gen. Sp. Orchid. Nov. 2: 148. 1882.  
*Epidendrum ciliare* L., Syst. Nat. ed. 10: 1246. 1759.  
*Epidendrum compressum* Griseb., Fl. Brit. W. Ind. Is. 617. 1864.  
*Epidendrum corifolium* Lindl., J. Hort. Soc. London 6: 218. 1851. MG 138.991  
*Epidendrum coronatum* Ruiz & Pav., Syst. Veg. 1: 242. 1798. MG 138.873  
*Epidendrum cristatum* Ruiz & Pav., Syst. Veg. 1: 243. 1798.  
*Epidendrum dendroboides* Thunb., Pl. Bras. 2: 17. 1818. MG 148.491  
*Epidendrum densiflorum* Hook., Bot. Mag. 67: t. 3791. 1840.  
*Epidendrum dichaeoides* Carnevali & G. Romero Novon 2. 40: 314. 1992. MG 148.457  
*Epidendrum x foulquieri* Chiron, Richardiana 5: 12005  
*Epidendrum huebneri* Schltr., Beih. Bot. Centralbl. 42(2):99. 1925. MG 145.553  
*Epidendrum ibaguense* H.B.K., Nov. Gen. et Sp. Pl. 1: 352. 1816. MG 138.908  
*Epidendrum imatophyllum* Lindl., Gen. Sp. Orch. Pl. 106. 1831. MG 148.497  
*Epidendrum imthurnii* Ridl., Timehri. Trans. Linn. Soc., Bot. 5: 203. 1886.  
*Epidendrum magnicallosum* C. Schweinf., Bot. Mus. Leafl. 11: 96. 1943. MG 148.477  
*Epidendrum micronocturnum* Carnevali & G. Romero, Lindleyana 11(4):241- 243. 1996.  
*Epidendrum microphyllum* Lindl., J. Bot. (Hook.) 3: 85. 1841. MG 141.271  
*Epidendrum miserimum* Reichb. f., Bonplandia 3: 220. 1855.  
*Epidendrum nocturnum* Jacq., Enum. Pl. Carib. 29. 1760. MG 146.052  
*Epidendrum prostratum* Schltr., Beih. Bot. Centralbl. 36 (2):407. 1918. MG 132.931  
*Epidendrum purpurascens* Focke, Tijdschr. Nat. Wet. Nederl. 4: 64. 1851.  
*Epidendrum queirozianum* Campacci & J.B. Fda Silva, Col. Orq. Bras. 8: 282-285. 2010 MG 195.432  
*Epidendrum ramosum* Jacq., Enum. Pl. Carib. 29. 1760. MG 150.742  
*Epidendrum rigidum* Jacq., Enum. Pl. Carib. 29. 1760.  
*Epidendrum rondoniense* L.C. Menezes, Bol. Coord. Assoc. Orquid. Brasil 2(3):22. 1990.  
*Epidendrum schlechterianum* Ames, Sched. Orch. 7: 9, fig. 1. 1924.  
*Epidendrum schomburgkii* Lindl., Bot. Reg. 24: Misc. 15. 1838. MG 148.495  
*Epidendrum sculptum* Reichb. f., Bonplandia, 2: 89. 1854. MG 138.854  
*Epidendrum smaragdinum* Lindl., Bot. Reg. 24. Misc. 32. 1838.  
*Epidendrum spilotum* Garay & Dunsterv., Venez. Orch. 6: 144. 1976. MG 145.496  
*Epidendrum spruceanum* Lindl., Folia Orch. Epidendrum 80: 253. 1853.  
*Epidendrum strobiliferum* Reichb. f., Nederl. Kruidk. Arch. 4: 333. 1858.  
*Epidendrum subulatum* Sw., Nov. Gen. Sp. Plant. Prodr. 123. 1788. MG 135.354  
*Epidendrum viviparum* Lindl., Bot. Reg. 28. Misc. 10. 1841. MG 139.444  
*Epidendrum X dorotheae* P. Hallen, Amer. Orch. Soc. Bull. 27: 311. 1958.

### *Epistephium* Kunth

- Epistephium elatum* Kunth, Syn. Plant. Aequin. 1: 340. 1822. MG 145.537  
*Epistephium ellipticum* Williams & Summerhayes Bull. Misc. Informat. Kew 4: 145. 1928.

*Epistephium hernandii* Garay, Amer.Orch.Soc.Bull.30:498.1961.MG 150.750  
*Epistephium parviflorum* Lindl.,Gener.Sp.Orch.Pl. 433.1840.MG 150.749  
*Epistephium sclerophyllum* Lindl.,Gen.Sp.Orch.Pl.433.1840.  
*Epistephium* sp.

---

### *Eriopsis* Lindl.

*Eriopsis biloba* Lindl., Bot. Reg. 33: sub t. 9. 1847.  
*Eriopsis sceptrum* Reichb.f.& Warsc., Bonplandia 2:98.1854.

---

### *Erythrodes* Blume

*Erythrodes arantanhensis* (Barb.Rodr.),Ames Orchidaceae 7:66.1922.  
*Erythrodes bicornuta* (Cogn.) Pabst,Orquidea 18:213.1957.  
*Erythrodes clavigera* (Reichb.f.),Ames Orchidaceae 7:70.1922.  
*Erythrodes foliosa* (Poepp.& Endl.),Ames Orchidaceae 7:70.1922.  
*Erythrodes mystacina* (Lindl.),Ames Orchidaceae 7:74.1922.  
*Erythrodes pauciflora* (Lindl.),Ames Orchidaceae 7:75.1922.  
*Erythrodes pumila* (Cogn.) Pabst,Orquidea 18:215.1957.  
*Erythrodes rosea* (Lindl.),Ames Orchidaceae 7:75.1922.  
*Erythrodes repens* (Poepp.& Endl.),Ames Orchidaceae 7:75.1922.

---

### *Eulophia* R. Br. Ex Lindl.

*Eulophia alta* (L.) Fawc.& Rendle,Fl.Jamaica 1:112.1910.MG 146.075

---

### *Galeandra* Lindl.

*Galeandra baueri* Lindl.,Bauer Illustr.Orch.Pl.Gen.t.8.1832.MG 156.380  
*Galeandra claesii* Cogn.J.Orch.4:202.1893.  
*Galeandra chapadensis* Campacci, Die Orchidee 52(5): 569.2001.  
*Galeandra curvifolia* Barb.Rodr.,Gen.Sp.Orch.Nov.1:85.1877.MG 145.557  
*Galeandra devoniana* Schomb.ex Lindl.,Sert.Orch.t.37.1838.MG 135.341  
*Galeandra lacustris* Barb.Rodr.,Gen.Sp.Orch.Nov.1:86.1877.  
*Galeandra minax* Reichb.f.,Gard.Chron. 1:786.1874.  
*Galeandra montana* Barb.Rodr.,Gen.Spec.Orchid.Nov.2:175.1882.  
*Galeandra santarena* Monteiro,S.H.e da Silva,Bol.Mus.Para.Emílio Goeldi 18(1):79-84.2002.MG 138.874  
*Galeandra stangeana* Reichb.f.,Bonplandia 4:323.1856.  
*Galeandra stillomisantha* (Vell.) Hoehne.,Arq.Bot.Est.São Paulo 2:146.1952.MG 149.896  
*Galeandra villosa* Barb.Rodr.,Gen.Sp.Orchid. 1:85.1877  
*Galeandra* sp.

---

### *Galeottia* A.Rich.

*Galeottia burkei* (Reichb.f.) Dressler & Christenson,Lindleyana 3(4):221.1989.MG 151.048  
*Galeottia ciliata* (Morel) Dressler & Christenson,Lindleyana 3(4):221.1989.  
*Galeottia jorisiana* (Rolfe) Schltr.,Repert.Sp.Nov.Regn 1 Veg.Beih.6:86.1919.  
*Galeottia negrensis* Schltr.,Beih.Zum Bot.Centralbl.48(2):128.1925.

---

### *Gongora* Ruiz & Pavón

*Gongora atropurpurea* Hook.,*Exot.Fl.* (Edinburgh) 3:t.178.1827.  
*Gongora histrionica* Reichb.f.Bonplandia 2:92.1953  
*Gongora jauariensis* Campacci & da Silva Col.Orq.Bras.7:230 p.2009 MG 109.656  
*Gongora juruaensis* Campacci & J.B.Fda Silva,Col.Orq.Bras.8:286-289.2010 MG 195.43  
*Gongora minax* Reichb.f.,Bot.Zeitung (Berlin) 24:385.1866.  
*Gongora miuuiensis* sp.nov.  
*Gongora pleiochroma* Reichb.f. Hamb.Gart.Blum. 16:421.1860.MG 147.013

---

### *Guanchezia* G.A. Romero & G. Carnevali

*Guanchezia Maguirei* (C.Schweinf.) G.A.Romero & G.Carnevali,Orch.Venez.2000.

---

### *Habenaria* Willd.

*Habenaria allemanii* Barb.Rodr.,Gen.Sp.Orchid.Nov.2:254.1881.  
*Habenaria alterosula* Sunv.& Westra,Acta Bot Neel 30.1981.

- Habenaria amambayensis* Schltr. Repert. Spec. Nov. Regni Veg. 16: 353 1920  
*Habenaria amazonica* Schltr., Beih. Bot. Centralbl. 42: 69. 1925.  
*Habenaria armata* Reichb.f., Bonplandia 2: 10. 1854.  
*Habenaria culicina* Reichb.f., Otia Bot. Hamburg. 79. 1881.  
*Habenaria culmiformis* Schltr., Beih. Bot. Centralbl. 42: 70. 1925. (IAN 55572)  
*Habenaria dentiostriis* Pabst., Arq. Bot. do Est. de São Paulo 3: 2. 1955. (IAN 71561-Tipo)  
*Habenaria depressifolia* Hoehne, Bot. Jahrb. Syst. 68: 136. 1937. MG 146.067  
*Habenaria ernestii* Schltr., Notizbl. Königl. Bot. Gart. Berlin 6: 122. 1914.  
*Habenaria fastor* Lindl. ex Warm. Vidensk. Meddel. Dansk Naturhist. Foren. Kjøbenhavn 90, t. 8, f. 4. 1884  
*Habenaria georgii* Schltr., Beih. Bot. Centralbl. 42: 86. 1925.  
*Habenaria glazioviana* Kraenzl. ex Cogn., Fl. Bras. 3(4): 84. 1893  
*Habenaria heptadactyla* Reichb.f., Linnaea 22: 812. 1849. MG 145.530  
*Habenaria kuhlmannii* Schltr., Beih. Bot. Centralbl. 42(2): 72. 1925.  
*Habenaria lancipetala* Pabst, Orquidea 29: 62. 1967.  
*Habenaria leaoana* Schltr., Beih. Bot. Centralbl. 42 (2): 72. 1925.  
*Habenaria leprieuri* Reichb.f., Linnaea 19: 376. 1846.  
*Habenaria longicauda* Hook., Bot. Mag. 57: t. 2957. 1830. MG 132.930  
*Habenaria longipedicellata* Hoehne, Bot. Jahrb. Syst. 68: 133. 1937.  
*Habenaria macilenta* Reichb.f., Flora 48: 180. 1865.  
*Habenaria marupaana* Schltr., Beih. Bot. Centralbl. 42 (11): 73. 1925.  
*Habenaria minarum* Hoehne & Schltr., Anexos Inst. Mem. But. Secc. Bot. 1(2): 23. 1921.  
*Habenaria obtusa* Lindl., Gen. Sp. Orchid. Pl. 315. 1835. MG 145.532  
*Habenaria petalodes* Lindl., Gen. Sp. Orchid. Pl. 316. 1835.  
*Habenaria pratensis* (Lindl.) Reichb.f., Linnaea 22: 813. 1849.  
*Habenaria quadrata* Lindl., Gen. Sp. Orch. Pl. 316. 1835.  
*Habenaria repens* Nutt., Gen. N. Amer. Pl. 2: 190. 1818. MG 149.864  
*Habenaria roraimensis* Rolfe, Trans Linn. Soc. Lond. Bot. ser. 2 6: 65. 1901.  
*Habenaria schomburgkii* Lindl. ex Benth, Lond. J. Bot. 2: 673. 1843.  
*Habenaria setacea* Lindl., Gen. Sp. Orchid. Pl. 312. 1835.  
*Habenaria seticauda* Lindl., Lond. J. Bot. 2: 673. 1843.  
*Habenaria spathulifera* Cogn., Fl. Bras. 3: 86. 1893.  
*Habenaria sprucei* Cogn., Fl. Bras. 3: (4): 40. 1893.  
*Habenaria staminodiata* Schltr., Repert. Sp. Nov. Regni Veg. 10: 3. 1911.  
*Habenaria subfiliformis* Cogn., Bull. Soc. Roy. Belgique 43: 272. 1907.  
*Habenaria trifida* Kunth, Nov. Gen. Sp. Pl. 1: 330. 1816.

***Hexisea* Lindl.**

- Hexisea bidentata* Lindl., J. Bot. 1: 8. 1834. MG 145.519  
*Hexisea imbricata* (Lindl.) Reichb.f., Ann. Bot. Syst. 6: 470. 1862. MG 150.740

***Houlletia* Brongn.**

- Houlletia odoratissima* Linden ex Lindl., Paxt. Flow. Gard. 3: 172. 1853. MG 139.448

***Huntleya* Batem. ex Lindl.**

- Huntleya lucida* (Rolfe) Rolfe Orch Venez. 24: 236. 1916.

***Hylaeorchis* G.A. Romero & G. Carnevali.**

- Hylaeorchis petiolaris* (C. Schweinf.) Carnevali & G.A. Romero-Gonzalez Orchids Venez. (ed. 2) 1136 2000  
*Hylaeorchis minuta*

***Ionopsis* H. B. K.**

- Ionopsis satyrioides* (Sw.) Reichb.f., Ann. Bot. Syst. 6: 683. 1863. MG 135.348  
*Ionopsis utricularioides* (Sw.) Lindl., Coll. Bot. t. 39-A. 1821. MG 138.909

***Isochilus* R. Br.**

- Isochilus linearis* (Jacq.) R.Br., Hortus Kew. 2 (5): 209. 1813.

***Jacquinella* Schltr.**

- Jacquinella globosa* (Jacq.) Schltr., Repert. Spec. Nov. Regni Veg. Beih. 7: 124. 1920.

*Jacquinia teretifolia* (Sw.) Britton & Wilson, Sci. Surv. Porto Rico & Virgin Isl. 6: 340. 1926. MG 145.524

*Jacquinia leucomelana* (Reichb.f.) Schltr. Repert. Spec. Nov. Regni Veg. Beih. 7: 12. 1920.

---

***Kefersteinia* Reichb.f.**

*Kefersteinia* sp.

---

***Kegeliella* Mansfeld**

*Kegeliella houtteana* (Reichb.f.), L.O. Wms. Ann. Mo. Bot. Gard. 29: 347. 1942.

---

***Koellensteinia* Reichb. f.**

*Koellensteinia carraoensis* Garay & Dunst., Venez. Orchid. Ill. 6: 166. 1976.

*Koellensteinia graminea* (Lindl.) Reichb.f., Walp. Ann. 6: 552. 1863. MG 149.892

*Koellensteinia hyacinthoides* Schltr., Beih. Bot. Centralbl. 42 (2): 126. 1925.

*Koellensteinia kellneriana* Reichb.f., Bonplandia 2: 17. 1854. MG 145.512

---

***Leochilus* Know. & Westc**

*Leochilus labiatus* (Sw.) Kunth Revis. Gen. Pl. 2: 256. 1891

---

***Lepanthes* Sw.**

*Lepanthes brasiliensis* Pabst., Bradea 1(20): 178. 1972.

*Lepanthes exilis* C. Schweinf. Fieldiana 28: 178. 1951.

*Lepanthes helicocephala* Reichb.f., Xenia Orch. 1: 150. 1856.

*Lepanthes pariaensis* Foldv. Act. Bot. Venez. 3: 339. 1938.

*Lepanthes turialvae* Reichb.f. Bonpl. 3: 225. 1855.

*Lepanthes* sp.

---

***Lepanthopsis* (Cogn.) Ames**

*Lepanthopsis floripecten* (Reichb.f.) Ames, Bot. Mus. Leaflet. Harvard Univ. 1(9): 11. 1933. MG 139.442

---

***Leucohyle* Klotzsch**

*Leucohyle brasiliensis* Schltr., Orchideen 469. 1914.

*Leucohyle mutica* (Reichb.f.) Schltr. Die, Orchideen 469, 1914.

---

***Ligeophila* Garay**

*Ligeophila juruensis* Garay, Bradea 2 280: 195. 1977. MG 139.024

*Ligeophila stigmatoptera* (Reichb.f.) Garay; Bradea; 2: 195. 1977.

---

***Liparis* L.C. Rich.**

*Liparis nervosa* (Thunb.) Lindl., Gen. and Sp. Orch. Pl. 237, 1833.

---

***Lockhartia* Hook.**

*Lockhartia elegans* Hook, Bot. Mag. 54: t. 2715. 1827. (1 Feb 1827)

*Lockhartia imbricata* (Lam.) Hoehne, Arq. Bot. Estad. S. Paulo n.s.f.m. 2: 139. 1952. MG 149.860

*Lockhartia latilabris* C. Schweinf. Fieldiana Bot. 28 200. 1951.

*Lockhartia lunifera* (Lindl.) Reichb.f., Bot. Zeit. 10: 767. 1852.

*Lockhartia ivainae* Silva & Oliveira, Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi 17(2): 263-267. 2001. MG 146.090

---

***Lycaste* Lindl.**

*Lycaste aromatica* (Graham ex Hook.) Lindl. Edwards's Bot. Reg. 29: misc. 16. 1843.

*Lycaste macrophylla* (Poepp. & Endl.) Lindl. Edwards's Bot. Reg. 29: misc. 14-15. 1843

*Lycaste rossiana* var. *matogrossensis* Rol. Orch. Venez. 1: 239. 1893.

---

***Macradenia* R. Br.**

*Macradenia brassavolae* Reichb.f. Bot. Zeit. 10: 734, 1852

*Macradenia multiflora* (Kraenl.) Cogn. Fl. Bras. 3: (6.) 115. 1904.

*Macradenia paraensis* Barb. Rodr. Gen. Sp. Orch. Pl. 6: t. 300. 1877

*Macradenia rubescens* Barb. Rodr. Gen. Sp. Orch. Pl. 6: 300. 1877. MG 151.680

---



---

*Macroclinium* Barb. Rodr.

- Macroclinium brasiliense* (Pabst) Dodson Icon. Pl. Trop. 10: 937. 1984  
*Macroclinium mirabilis* (C. Schweinf.) Dodson, Bot. Mus. Leaf. 12: 202. 1946  
*Macroclinium paraense* Campacci & da Silva Col. Orq. Bras. 7: 234 p. 2009 MG 190.660  
*Macroclinium roseum* Barb. Rodr. Gen. Sp. Orch. Nov. 2: 237. 1881.,  
*Macroclinium wulschlaegelianum* (Focke) Dodson Bot. Zeit. 11: 343. 1853. MG 135.344
- 

*Malaxis* Sw.

- Malaxis parthonii* C. Morr. Bull. Acad. Roy. Sci. Bruxelles 5: 485, 1838
- 

*Masdevallia* Ruiz & Pavon

- Masdevallia cuprea* Lindl., Edwards. s. Bot. Reg.; 29: misc. 81. 1843  
*Masdevallia manarana* Carnevali & Ramirez Ernestia 44 fig. 4 1987.  
*Masdevallia minuta* Lindl. Ann. Mag. Nat. Hist. 12: 396. 1843 MG 115.389  
*Masdevallia norae* Luer, Lindleyana, 3: 44. 1983. MG 145.515  
*Masdevallia peruviana* Rolfe, Kew Bull. 112. 1906  
*Masdevallia sprucei* Reichb. f. Ota Bot. Hamb. 1: 17. 1878. MG 148.476  
*Masdevallia striatella* Reichb. f. Gard. Chron. 26: 103. 1886. MG 146.076  
*Masdevallia venezuelana* Sweet Bot. Mus. Leaf. 26: 47. 1978.  
*Masdevallia wendlandiana* Reichb. f. Gard. Chron. ser. 3, 1: 174, 1887.  
*Masdevallia yauaperyensis* Barb. Rodr. Vellozia (ed. 2) 121. 1889.
- 

*Maxillaria* Ruiz & Pavon

- Maxillaria acutifolia* Lindl. Edwards. s. Bot. Reg. 25: misc. 92. 1839.  
*Maxillaria alba* (Hook) Lindl., Gen. and Sp. Orch. Pl. 143, 1832 MG 138.857  
*Maxillaria albata* Lindl. Orch. Linden 19. 1846.  
*Maxillaria albiflora* Ames & C. Schweinf., Sched. Orch. 8: 56. 1925.  
*Maxillaria alpestris* Lindl., Benth. Pl. Hartweg. 154. 1838. MG 139.022  
*Maxillaria alticola* C. Schweinf. Bot. Mus. Leaf. 11: 261. 1945  
*Maxillaria amazonica* Schltr., Beih. Bot. Centralbl. 42 (2): 130. 1925. MG 133.535  
*Maxillaria aurea* (Poepp. & Endl.) L. O. Williams, Caldasia 1 (3): 14 1941  
*Maxillaria auyantepuiensis* Foldats. Bol. Soc. Venez. 22: 266, 1961. MG 145.543  
*Maxillaria bolivarensis* C. Schweinf. Bot. Mus. Leaf. 20; 22. 1962 MG 139.447  
*Maxillaria brachybulbon* Schltr. Fedde Rep. Beih. 19; 55. 1923 MG 150.762  
*Maxillaria brunea* Linden & Reichb. f., Bonplandia 2: 281. 1854 MG 145.527  
*Maxillaria camaridii* Reichb. f., Hamb. Gartenz. 19: 547. 1863. MG 145.505  
*Maxillaria chlorantha* Lindl., Bot. Reg. 23 sub t. 1986. 1837  
*Maxillaria desvauxiana* Reichb. f., Bonplandia 3: 67. 1855. MG 150.739  
*Maxillaria discolor* (Lodd.) Reichb. f. Walp. Ann. 6: 529. 1863. MG 139.446  
*Maxillaria equitans* (Schltr.) Garay, Bot. Mus. Leaf. 18: 208, 1958.  
*Maxillaria friedrichsthalii* Reichb. f., Bot. Zeitung. (Berlin) 10(49): 858. 1852. MG 146.074  
*Maxillaria grobyoides* Garay & Dunsterv., Orch. Venez. 5: 186. 1972. MG 145.548  
*Maxillaria guadalupensis* Cogn., Urb. Symb. Antill. 6: 604. 1910.  
*Maxillaria lactea* Schltr., Repert. Sp. Nov. Regni Veg. Beih. 19: 233. 1923.  
*Maxillaria leucaimata* Barb. Rodr., Gen. Sp. Orch. Nov. 1: 198. 1882.  
*Maxillaria melina* Lindl., Orch. Linden 20. 1846.  
*Maxillaria meridensis* Lindl., Orch. Linden 19. 1846.  
*Maxillaria multiflora* Barb. Rodr., Gen. Sp. Orch. Nov. 1: 117. 1877.  
*Maxillaria nasuta* Reichb. f., Beiotr. Orch. Centramer. 104. 1866. MG 145.533  
*Maxillaria notylioglossa* Reichb. f., Bonplandia 2: 16. 1854.  
*Maxillaria parkeri* (Hook.) Hook., Bot. Mag. 54: t. 2729. 1827. MG 138.904  
*Maxillaria parviflora* (Popp. & Endl.) Garay, Bot. Mus. Leaf. 21 (9): 285. 1967.  
*Maxillaria pauciflora* Barb. Rodr., Gen. Sp. Orch. Nov. 1: 116. 1877.  
*Maxillaria pendens* Pabst, Bradea 1: 176. 1972.  
*Maxillaria quelchii* Rolfe, Trans. Linn. Ser. 2, 6: 64. 190. MG 148.479  
*Maxillaria rufescens* Lindl., Bot. Regist., vol. 21 sub tab. 1802, 1835. MG 150.764  
*Maxillaria setigera* Lindl., Bot. Reg. 31: misc. p. 30, 1845.  
*Maxillaria splendens* Poepp. & Endl., Nov. Gen. ac Spec. Pl. 1: 38. 1836. MG 146.944  
*Maxillaria squamata* Barb. Rodr., Gen. Sp. Orch. Nov. 1: 118. 1877.

*Maxillaria stenophylla* Reichb.f., Bonplandia 2: 17. 1854.  
*Maxillaria superflua* Reichb.f., Cat. Orch. Schill. p.45. 1857. MG 146.053  
*Maxillaria tenuis* Schweinf., Bot. Mus. Leaf. Harvard, 11:289. tab. 18. 1945. MG 138.987  
*Maxillaria uncata* Lindl., Bot. Reg. 23: sub. t. 1986. 1837.  
*Maxillaria villosa* (Barb. Rodr.), Cogn. Flor. Bras. 3-6: 34. Pl. 12. 1904.  
*Maxillaria violaceopunctata* Reichb.f., Bonplandia 3: 216. 1855.  
*Maxillaria xylobiflora* Schltr., Fedde Rep. 27: 76. 1929. MG 145.546  
*Maxillaria* sp.

---

### *Mesadenella* Pabst & Garay

*Mesadenella otonduzii* Schltr., Pabst & Garay. Arch. Jard. Bot. Rio de Janeiro 12: 207-208. 1952

---

### *Mormodes* Lindl.

*Mormodes amazonica* Brade, Arq. Serv. Flor. 1: 51. 1939. MG 135.340  
*Mormodes atropurpurea* Lindl., Nat. Syst. Bot. 2: 246. 1836.  
*Mormodes carnevaliana* Salazar & G. Romero. Lindleyana 9(4): 255. 1994.  
*Mormodes cucumerina* Pabst, Bradea 1(19): 167. 1972.  
*Mormodes dasilvae* Salazar, Orch. Dig. 57 (2): 69. 1993. MG 141.272  
*Mormodes densiflora* Miranda, Lindleyana 4: 95. 1989.  
*Mormodes elegans* Miranda, Lindleyana 4: 98. 1989.  
*Mormodes hirsutissima* Miranda, Lindleyana 4: 98. 1989.  
*Mormodes hoehnei* Miranda & K. Lacerda, Bradea 6 (14): 125. 1992.  
*Mormodes issanense* Miranda & K. Lacerda, Bradea 6 (14): 127. 1992.  
*Mormodes gurupiensis* Campacci & da Silva Col. Orq. Bras. 7: 238 p. 2009 MG 190.658  
*Mormodes jamanxinensis* Campacci & J.B.F. da Silva Col. Orq. Bras. 8: 290-293. 2010 MG 195.429  
*Mormodes kleberi*  
*Mormodes paraënsis* Salazar & da Silva, Lindleyana 8 (2): 73-76, f. 1. 1993. MG 146.072  
*Mormodes rosea* Barb. Rodr. Gen. Sp. Orchid. 1: 131. 1882  
*Mormodes sinuata* Reichb.f. & Warm., Otia Bot. Hamburg 90. 1878.  
*Mormodes tapoayense* Miranda & K. Lacerda, Bradea 6 (14): 129. 1992.  
*Mormodes tigrina* Barb. Rodr., Gen. Sp. Orch. Nov. 1: 131. 1882.  
*Mormodes vernixioidea* Pabst, Bradea 2 (10): 56. 1975.  
*Mormodes* sp.

---

### *Myoxanthus* Poepp. & Endl.

*Myoxanthus parvilabius* (C. Schweinf.) Luer, Selbyana 7: 49. 1982. MG 149.897  
*Myoxanthus aspicensis* (Reichb.f.) Luer, Mon. Syst. Bot. 15: 38. 1986. MG 145.551  
*Myoxanthus uncinatus* (Fawc.) Luer, Mon. Syst. Bot. 15: 38. 1986.  
*Myoxanthus trachychlamys* Schltr., Fedde Rep. Beih. 17: 23. 1922.  
*Myoxanthus* sp.

---

### *Nidema* Britt. & Millsp.

*Nidema ottonis* (Reichb. f.) Britt. & Millsp. Bahama Fl. 94 1920

---

### *Notylia* Lindl.

*Notylia angustifolia* Cogn., Symb. Antill. 6: 618. 1910.  
*Notylia aromatica* Barker ex Lindl., Bot. Reg. 27: misc. p. 77. 1841.  
*Notylia barkeri* Edward's, Bot. Reg. 24 misc. 90. 1838. MG 135.345  
*Notylia cardioglossa* Reichb.f., Xenia Orchids 1: 49. 1854.  
*Notylia durandiana* Cogn. Fl. Bras. 3(6): 124. 1904.  
*Notylia flexuosa* Schltr., Beih. Bot. Centralb. 42(2): 142. 1925.  
*Notylia lyrata* S. Moore, Trans. Linn. Soc. London, Bot. 4: 477. t. 32.  
*Notylia microchila* Cogn. Fl. Bras. 3(6): 124. 1904.  
*Notylia peruviana* (Schltr.) C. Schweinf., Bot. Mus. Leaf. 12: 205. 1946.  
*Notylia platyglossa* Schltr., Notizbl. Vonigl. Bot. Gart. Berlin 6: 125. 1914.  
*Notylia punctata* (Ker. & Gawl.) Lindl. Edwards. s, Bot. Reg. 28: misc. Sub t. 930. 1842.  
*Notylia rhombilabia* C. Schweinf., Bot. Mus. Leaf. 12: 206. 1946. MG 149.883  
*Notylia sagittifera* (H.B.K.) Link & Kl., Ic Pl. Rar. 43: t. 18. 1841. MG 135.346  
*Notylia yauaperyensis* Barb. Rodr., Vellozia (ed. 2) 1: 131. 1891.

---

**Octomeria R. Br.**

- Octomeria amazonica* Pabst, Orquidea (Niteroi) 29:8. 1967. MG 145.513  
*Octomeria brevifolia* Cogn., Fl. Bras. 3(4):643, 1896. MG 148.478  
*Octomeria cordilabia* C. Schweinf., Bot. Mus. Leaf. 19:204. 1961.  
*Octomeria deltoglossa* Garay, Bot. Mus. Leaf. 18:201. 1958.  
*Octomeria erosilabia* C. Schweinf., Bot. Mus. Leaf. 3:85. 1935. MG 145.528  
*Octomeria flaviflora* C. Schweinf., Bot. Mus. Leaf. 19:207. 1961. MG 138.888  
*Octomeria grandiflora* Lindl., Bot. Reg. 28: misc. p. 64. 1842.  
*Octomeria integrilabia* C. Schweinf., Bot. Mus. Leaf. 3:87. 1935.  
*Octomeria lancipetala* C. Schweinf., Bot. Mus. Leaf. 19:210. 1961.  
*Octomeria minor* C. Schweinf., Bot. Mus. Leaf. 3:89. 1935. MG 149.868  
*Octomeria nana* C. Schweinf., Bot. Mus. Leaf. 19:11. 1961.  
*Octomeria petulans* Reichb. f., Hamb. Garten-Blum. 15:59. 1859.  
*Octomeria serpes* Schltr., Beih. Bot. Centralbl. 42(2):92-93. 1925.  
*Octomeria setigera* Pabst An. 14° Congr. Soc. Bot. Bras. 17. 1964.  
*Octomeria spathulata* Reichb. f., Hamb. Garten-Blum. 16:424. 1860.  
*Octomeria steyermarkii* Garay & Dunsterv., Orch. Venez. 3:204. 1965.  
*Octomeria schultesii* Pabst, Arq. Bot. Estado de São Paulo 3:268. 1962.  
*Octomeria taracuana* Schltr., Beih. Bot. Centralbl. 42(11):43. 1925.  
*Octomeria yauaperyensis* Barb. Rodr., Vellozia 1:122. 1891.

---

**Oeceoclades Lindl.**

- Oeceoclades maculata* (Lindl.) Lindl., Gen. and Sp. Orch. Pl. 237. 1833.

---

**Oncidium Sw.**

- Oncidium baueri* Lindl., Orch. Pl. Gen. t. 7. 1833.  
*Oncidium boothianum* Reichb. f., Bonplandia 2:14. 1854. MG 145.486  
*Oncidium cebolleta* (Jacq.) Sw., Vet. Acad. Handl. 21:240. 1800.  
*Oncidium fuscopetalum* (Hoehne) Garay, Bradea 1(40):407. 1974. MG 135.343  
*Oncidium heteranthum* Poepp. & Endl., Nov. Gen. Et Sp. 1. 34. 1836  
*Oncidium lanceanum* Lindl., Trans. Hort. Soc. Lond. 2:100. t. 7. 1836.  
*Oncidium macropetalum* Lindl., Sert. Orch. 48. 1841.  
*Oncidium morenoi* Dodson & Luer., Selbyana 1(1):44. 1975. MG 138.886  
*Oncidium nanum* Lindl., Bot. Reg. 28: misc. p. 37. 1842.  
*Oncidium nigratum* Lindl., Paxt. Fl. Gard. 1:78. 1850.  
*Oncidium orthostates* Ridl., Timehri 5:204. 1886. MG 133.534  
*Oncidium schmidtianum* Reichb. f., Flora 69:549. 1886.

---

**Orleanesia Barb. Rodr.**

- Orleanesia amazonica* Barb. Rodr., Gen. et Sp. Orch. Nov. 1:64. 1877. MG 138.876  
*Orleanesia cuneipetala* Pabst, Arq. Bot. Est. SP. 3:127. 1955.  
*Orleanesia maculata* Garay, Canad. J. Bot. 34:256. 1956  
*Orleanesia richteri* Pabst, Congr. Bot. Bras. 19. 1954.  
*Orleanesia yauaperyensis* Barb. Rodr., Vellozia ed. 2. 1:124. 1891. MG 138.884

---

**Ornithocephalus Hooker**

- Ornithocephalus bicornis* Lindl., Bot. Voy. Sulphur 172. 1843.  
*Ornithocephalus kujeticola* Barb. Rodr., Gen. Sp. Orch. Nov. 1:133. 1877. MG 148.472  
*Ornithocephalus gladius* Hook., Exot. Fl. 2:t. 127. 1824. MG 141.270  
*Ornithocephalus graciliscapus* Cogn., Bull. Soc. Bot. Belg. 1906:334. 1907.  
*Ornithocephalus kruegeri* Reichb. f., Walp. Ann. 6:495. 1863. MG 145.514

---

**Otoglossum (Schltr.) Garay & Dunsterv.**

- Otoglossum arminii* (Reichb. f.) Garay & Dunsterv., Orch. Venez. 6:41. 1976. MG 148.474

---

**Otostylis Schltr.**

- Otostylis brachystalix* (Reichb. f.) Schltr., Orchis 12:39. 1918.  
*Otostylis lepida* (Linden & Reichb. f.) Schltr., Orchis 12:40. 1918.
-

---

***Palmorchis* Bar. Rodr.**

- Palmorchis duckei* Hoehne, Arq. Bot. do Est. de São Paulo 6: 133. 1945.  
*Palmorchis guianensis* (Schltr.) C. Schweinf. & Correll, Bot. Mus. Leaf. 8: 113. 1940.  
*Palmorchis puber* (Cogn.) Garay, Caldasia, 8: 518. 1962.  
*Palmorchis pubescens* Barb. Rodr., Gen. Sp. Orch. Nov 1: 170. 1877.  
*Palmorchis sobralioides* Barb. Rodr., Gen. Sp. Orch. Nov 1: 170. 1877.
- 

***Paphinia* Lindl.**

- Paphinia cristata* Lindl., Bot. Reg. 29: misc p. 14. 1843. MG 146.062  
*Paphinia grandiflora* Barb. Rodr., Gen. Sp. Orch. Nov. 1: 124. 1877.  
*Paphinia lindeniana* Reichb. f., Flora 70: 497. 1887. MG 133.542
- 

***Pelexia* L.C. Rich.**

- Pelexia goninensis* (Pulle) Schltr., Beih., Bot. Centralbl. 37(2): 408. 1920.  
*Pelexia laxa* (Poepp. & Endl.) Lindl., Gen. Sp. Orch. Pl. 482. 1840.  
*Pelexia maculata* Rolfe, Kew Bull. 7. 1893.
- 

***Peristeria* Hook.**

- Peristeria aspera* Rolfe, Lindeniana 6: 57. 1891.  
*Peristeria guttata* Knowl. & Westc., Fl. Cab. 2: 99. 1838. t. 70. MG 133.546  
*Peristeria pendula* Hook., Bot. Mag. 63. t. 3479. 1836.  
*Peristeria serroniana* (Barb. Rodr.) Garay, Arq. Jard. Bot. RJ. 13: 47. 1954.
- 

***Phragmipedium* Rolfe**

- Phragmipedium caricinum* (Lindl. & Paxton) Rolfe, Orch. Rev. 4: 332. 1896.  
*Phragmipedium klotzscheanum* (Reichb. f.) Rolfe, Orch. Ver. 4: 332. 1896. MG 138.990  
*Phragmipedium lindleyanum* (R. H. Schomb. Ex Lindl.) Rolfe, Orch. Ver. 4: 332. 1896.
- 

***Platystele* Schltr.**

- Platystele edmundoi* Pabst, Anais. Congr. Soc. Bras. Bot. 16. 1964.  
*Platystele ovalifolia* (Focke) Garay & Dunsterv., Orch. Venez. 2: 268. 1961. MG 148.494  
*Platystele paraensis* Campacci & da Silva Col. Orq. Bras. 7: 242 p. 2009 MG 190.659  
*Platystele* sp.
- 

***Plectrophora* Focke**

- Plectrophora calcarhamata* Hoehne Linh., Tel. Estr. MT. Gross. Anexo 5 1: 57 Pl. 46. 1910.  
*Plectrophora iridifolia* Focke, Tijdschr. Wet. 1: 212. 1848. MG 146.506  
*Plectrophora cultrifolia* (Barb. Rodr.), Cogn. Fl. Bras. 3-6: 185. 1904.  
*Plectrophora schmidtii* Jenny & Pupulin, Orquidário 11: 79. 1997.
- 

***Pleurothallis* R. Br.**

- Pleurothallis barbulata* Lindl., Folia Orch. Pleuroth. 40. 1859.  
*Pleurothallis barthelemyi* Luer, Bull. Mus. Natl. Hist. Nat., B, Adansonia 16(2-4): 231. 1994 (1995).  
*Pleurothallis brevipes* Focke, Tijdschr. Natuur Wet. 2: 198. 1849.  
*Pleurothallis breviscapa* C. Schweinf., Bot. Mus. Leaf. 3: 79. 1935.  
*Pleurothallis ciliota* Schltr., Fedde. Rep. 23: 36. 1926.  
*Pleurothallis coffeicola* Schltr., Fedde. Rep. 27: 50. 1929. MG 146.051  
*Pleurothallis consimilis* Ames Orchidaceae 7: 116. 1922.  
*Pleurothallis cryptantha* Barb. Rodr., Gen. Sp. Orch. Nov. 1: 13. 1877.  
*Pleurothallis cymbicalli* Pabst, Arq. Bot. Est. São Paulo 3(5): 268. t. 67A. 1962.  
*Pleurothallis determannii* Luer, Selbyana 7(1): 117. 1982.  
*Pleurothallis discoidea* Lindl., Bot. Reg. 21 sub t. 1797. 1835. MG 148.483  
*Pleurothallis discophylla* Luer & Carnevali, Novon 3(2): 158. 1993.  
*Pleurothallis ephemera* Lindl., Companion Bot. Mag. 2: 356. 1836. MG 148.442  
*Pleurothallis fockei* Lindl., Folia Orch. Pleurothallis 23. 1859. MG 145.497  
*Pleurothallis funera* Cogn., Fl. Bras. 3-4: 567. 1896.  
*Pleurothallis galeata* Lindl., Ann. Mag. Nat. Hist. 15: 107. 1845.  
*Pleurothallis glandulosa* Ames, Sched. Orch. 6: 60-61. 19  
*Pleurothallis grobyi* Batem. ex Lindl., Bot. Regist. 21. tab. 1797 (1835). MG 132.934

- Pleurothallis hitchcockii* Ames, Orchidaceae 7: 117. 1922.  
*Pleurothallis humilis* C.Schweinf. Field Mus. Nat. Hist. Bot. 28: 185. 1951.  
*Pleurothallis kernii* Braga, Bradea 3(23): 170. 1981.  
*Pleurothallis lanceana* Lodd., Bot. Cab. 67 18: t. 1767, 1831. B.D.MG 135.350  
*Pleurothallis marginalis* Reichb.f., Bonplandia (Hanover) 3(15-16): 224-225. 1855.  
*Pleurothallis mentosa* Cogn., Fl. Bras. 3(4): 400, pl. 84, f. 1 1896. MG 138.865  
*Pleurothallis miqueliana* (Focke) Lindl., Fol. Orch. Pleurothallis 17. 1859. MG 138.866  
*Pleurothallis modesta* (Barb. Rodr.) Cogn., Fl. Bras. 3-4: 449. 1986. MG 139.021  
*Pleurothallis monocardia* Reichb.f., Bonplandia 3: 72. 1855. MG 146.945  
*Pleurothallis nanifolia* Foldats, Bol. Soc. Ven. 22: 258. 1961. MG 132.937  
*Pleurothallis navicularis* Lindl., Fol. Orch. Pleurothallis 6-7. 1859.  
*Pleurothallis pachyphyta* Luer, Selbyana 1(3): 302, f. 302. 1975.  
*Pleurothallis peperomioides* Ames, Sched. Orch., 6: 64-65. 1923.  
*Pleurothallis picta* Lindl., Bot. Reg. 21 sub t. 1797. 1835. MG 132.935  
*Pleurothallis plumosa* Lindl., Edward's, Bot. Reg. 28: misc. 72. 1842.  
*Pleurothallis pluriracemosa* Garay, Arq. Jard. Bot. Rio 12: 174. 1952.  
*Pleurothallis polygonoides* Griseb, Fl. Br. W. Ind. Is. 609. 1864.  
*Pleurothallis pruinosa* Lindl., Bot. Reg. misc. p. 75. 1842. MG 149.895  
*Pleurothallis ruscifolia* (Jacq) R.Br., Ait. Hort. Kew ed. 2-5: 211. 1831.  
*Pleurothallis samacensis* Ames, Sched. Orch. 2: 22. 1923.  
*Pleurothallis sclerophylla* Lindl., Bot. Reg. 21: sub t. 1797. 1835. MG 146.942  
*Pleurothallis semperflorens* Lindl., Folia Orch. Pleurothallis 40. 1859.  
*Pleurothallis serrifera* Lindl., Fol. Orch. Pleurothallis 34. 1859.  
*Pleurothallis spiculifera* Lindl., Folia Orch. Pleurothallis 43. 1859.  
*Pleurothallis sprucei* Lindl., Fol. Orch. Pleurothallis 35. 1859.  
*Pleurothallis taracuana* Schltr. Beih., Bot. Centralbl. 13. 2. 91. 1925.  
*Pleurothallis uniflora* Lindl. Hooker, Comp. Bot. Mag. 2: 355. 1836.  
*Pleurothallis vittarifolia* Schltr., Fedde. Rep. Beih. 19: 26. 1923. MG 148.441  
*Pleurothallis warmingii* Reich.f., Otia bot. Hamburg. 2: 93. 1881.  
*Pleurothallis yauaperyensis* Barb. Rodr., Vellozia ed. 2-1: 116. 1891.

---

#### *Polycycnis* Reichb. f.

- Polycycnis breviloba* Summerh. Ex Cooper Orch. Venez. 36: 315. 1928.  
*Polycycnis muscifera* (Lindl) Reichb.f., Bonplandia 3: 218. 1855.  
*Polycycnis surinamensis* C.Schweinf., Bull. Torrey Bot. Club. 75: 224. 1848. MG 150.733

---

#### *Polystachya* Hooker

- Polystachya concreta* (Jacq) Garay & Sweet., Howard, Fl. Less. Antill. Orch. 178. 2974. MG 145.509  
*Polystachya estrelensis* Reichb.f., Linnaea 25: 231. 1852. MG 138.894  
*Polystachya foliosa* (Lindl.) Reichb.f., Walp. Ann. Bot. t. 6: 640. 1863. MG 138.860  
*Polystachya stenophylla* Schltr., Beih. Bot. Centralbl. 13. 11: 113. 1925. MG 138.887

---

#### *Prescottia* Lindl.

- Prescottia estachyoides* (Sw.) Lindl., Bot. Reg. 22: sub. t. 1916, 1836.

---

#### *Prosthechea* W.E. Higgins

- Prosthechea fragrans* (Sw.) W.E. Higgins, Phytologia 82 (5): 380. 1997  
*Prosthechea pygmaea* (Hook.) W.E. Higgins, Phytologia 82 (5): 380. 1997  
*Prosthechea tigrina* (Lindl.) W.E. Higgins, Phytologia 82 (5): 380. 1997  
*Prosthechea vespa* (Vell.) W.E. Higgins, Phytologia 82 (5): 380. 1997

---

#### *Psilochilus* Barb. Rodr.

- Psilochilus modestus* Barb. Rodr., Gen. Sp. Orch. Nov. 2: 273. 1881.

---

#### *Psychopsis* Raf.

- Psychopsis sanderae* (Rolfe) Luckel & Braem, Die Orchidee 33: 6. 1982. MG 156.686

---

#### *Psygmorchis* Dodson & Dressler

- Psygmorchis pusilla* (L.) Dodson & Dressler, Phytologia 24: 289. 1972. MG 132.932  
*Psygmorchis glossomistax* (Reichb.f.) Dodson & Dressler, Phytologia 24. 4: 289. 1972.
-

---

**Quekettia** Lindl.

*Quekettia microscopica* Lindl., Bot. Reg. misc. 3: 1839.

*Quekettia pygmaea* (Cogn.) Garay & R. E. Schult. Rhodora 59: 288. 1957.

---

**Reichenbachanthus** Barb. Rodr.

*Reichenbachanthus reflexus* (Lindl.) Brade, Rodriguesia (2): 55. 1935. MG 150.738

---

**Rodriguezia** Ruiz & Pavon

*Rodriguezia batemanii* Poepp. & Endl., Nov. Gen. Sp. Pl. 1: 41. 1836. MG 132.933

*Rodriguezia candida* Batem. Ex. Lindl., Bot. Reg. 23. t. 1927. 1837.

*Rodriguezia lanceolata* Ruiz & Pav., Syst. Veg. 1: 219. 1798.

*Rodriguezia leeana* Reichb. f. Gard., Chron. New ser. 20: 38. 1883. MG 148.471

*Rodriguezia luteola* N. E. Br., Gard. Chron. 1: 688. 1883. MG 149.898

*Rodriguezia* sp.

---

**Rudolfiella** Hoehne

*Rudolfiella aurantiaca* Hoehne, Ar. Bot. Est. São Paulo. 1: 13. 1943. MG 150.767

*Rudolfiella bicornaria* (Reichb. f.) Hoehne, Fl. Bras. 10. 12 (7): 2. 1953.

---

**Sacoila** (Rich.) Garay

*Sacoila lanceolata* (Aubl.) Garay, Bot. Mus. Leaf. 28 (4): 352. 1980. MG 146.505

---

**Sarcoglottis** Presl.

*Sarcoglottis acaulis* (J. E. Sm) Schltr., Fedde Rep. Beih. 6: 53. 1919.

*Sarcoglottis amazonica* Pabst, Bul. Inst. Nac. Pesq. Amazonia Bot. 31: 1. 1969

*Sarcoglottis aphylla* (Ridl.) Schltr., Beih. Bot. Centralbl. 37(2): 474. 1919.

*Sarcoglottis grandiflora* (Lindl.) Klotzsch., Allg. Gart. 10: 107. 1842. MG 146.952

*Sarcoglottis villosa* (Poepp. & Endl.) Schltr., Beih. Bot. Centralbl. 37(11): 423. 1920.

---

**Scaphosepalum** Pfitzer

*Scaphosepalum breve* (Reichb. f.) Rolfe J. Bot. 28: 136 1890

---

**Scaphyglottis** Poepp. & Endl.

*Scaphyglottis amazonica* Schltr., Beih. Bot. Centralbl. 42(2): 94. 1925.

*Scaphyglottis amethystina* (Reichb. f.) Schltr., Beih. Bot. Centralbl. 36(2): 456. 1918. MG 138.880

*Scaphyglottis bilobulata* Schltr., Repert. Sp. Nov. Regni Veg. 19: 113. 1923.

*Scaphyglottis cuneata* Schltr., Beih. Bot. Centralbl. 36(2): 398. 1918.

*Scaphyglottis floribunda* Mansf., Notizbl. Bot. Gart. Berlin 10: 378. 1928.

*Scaphyglottis fusiformis* Griseb., Fl. Br. W. Ind.; 623. 1864. MG 138.989

*Scaphyglottis grandiflora* Ames & Schweinf. Bull. Torr. Bot. Cl. 58: 349. 1931.

*Scaphyglottis huebneri* Schltr. Beih. Bot. Centr. 42 (2): 95. 1925. MG 145.538

*Scaphyglottis leucantha* Reichb. f., Linnaea 22: 856. 1850.

*Scaphyglottis prolifera* Cogn. Flor. Bras. 3 (5): 15. 1898.

*Scaphyglottis sessilis* Reichb. f., Linnaea 41: 84. 1876.

*Scaphyglottis sickii* Pabst, Orquidea 18: 7. 1956.

*Scaphyglottis violacea* Lindl., Bot. Reg. 22: t. 19. 1901.

---

**Scelochilus** Klotzsch

*Scelochilus ecalcaratum* Determann, Selbyana 7(1): 88. 1982.

*Scelochilus ottonis* Kl. Allgem., Gart. 9: 261. 1841.

*Scelochilus paraguaensis* Garay & Dunsterv., Orch. Venez. 5: 268. 1972.

---

**Schomburgkia** Lindl.

*Schomburgkia gloriosa* Reichb. f., Hamb. Gartz. 16: 178. 1860. MG 138.806

*Schomburgkia marginata* Lindl. Sert. Orch. t. 13. 1838.

---

**Scuticaria** Lindl.

*Scuticaria steelei* Lindl. Bot. Reg. 29: misc. p. 14. 1843.

---

---

***Selenipedium* Reichb. f.**

- Selenipedium isabelianum* Barb.Rodr., Gen.Sp.Orch.Nov 1:201. 1877.MG 149.891  
*Selenipedium palmifolium* Reichb.f., Xenia Orch.v.1.p.5 tab.2. 1854.  
*Selenipedium steyermarkii* Foldats, Bol.Soc.Vem.22:253. 1961.
- 

***Sigmatostalix* Reichb. f.**

- Sigmatostalix amazonica* Schltr.Beih.Bot.Centralb.42 (2):148.1925.MG 133.544  
*Sigmatostalix huebneri* Mansf., Fedde.Rep.36:62. 1934.MG 148.460
- 

***Sobralia* Ruiz & Pavón**

- Sobralia augusta* Hoehne, Arq. Bot. Est. São Paulo 1:28. 1944.  
*Sobralia cardosoi* Campacci & da Silva Col.Orq.Bras.7:254 p.2009 MG 190.654  
*Sobralia fimbriata* Poepp.& Endl., Nov.Gen.Sp.Pl. 1:54. 1836.MG 145.534  
*Sobralia fragrans* Lindl., Gard. Chron. 598. 1853.  
*Sobralia granitica* G.A.Romero & G.Carnevali, Harvard Pap.Bot.5(1):184.2000.  
*Sobralia imavieirae* Campacci & J.B.F.da Silva Col.Orq.Bras.8:298-301.2010 MG 194.670  
*Sobralia infundibuligera* Garay & Dunsterv., Orch.Venez.3:290. 1965.  
*Sobralia liliastrum* Lindl.Gen.Sp.Orch.Pl.177. 1833.MG 149.880  
*Sobralia macrophylla* Reichb.f., Bot.Zeit. 10:713. 1852.  
*Sobralia margaritae* Pabst, Bradea 2(24):166. 1977.  
*Sobralia pumila* Rolfe, Kew Bull.337. 1893.  
*Sobralia sessilis* Lindl., Bot. Reg. 27: misc. 3. 1841.  
*Sobralia stenophylla* Lindl., Folia Orch.Sobralia 2. 1854.  
*Sobralia suaveolens* Reichb.f., Gard.Chron.9:622. 1878.MG 138.848  
*Sobralia valida* Rolfe, Kew Bull.65. 1909.  
*Sobralia yauaperyensis* Barb.Rodr., Vellozia 2(1):131. 1891
- 

***Solenidium* Lindl.**

- Solenidium lunatum* (Lindl.) Kraenzl., Pflanzenr. Heft 80:316. 1922.MG 126.790  
*Solenidium racemosum* Lindl., Orch. Linden. 15. 1846.
- 

***Spiranthes* L.C. Rich.**

- Spiranthes Callifera* C.Schweinf.Bot.Mus.Life 20(1):1. 1962.
- 

***Stanhopea* Hooker**

- Stanhopea grandiflora* (Lodd.) Lindl., Gen.and Sp.Orch.Pl.158.1832.MG 141.268  
*Stanhopea candida* Barb.Rodr., Gen.Sp.Orch.Nov. 1.101. 1877.MG 133.543
- 

***Stelis* O. Sw.**

- Stelis argentata* Lindl., Edwards's Bot.Reg.28:misc 64. 1842.MG 150.761  
*Stelis calotricha* Schltr.Notizbl., Bot.Mus.Berlin 7:323. 1919.  
*Stelis cupuligera* Reichb.f., Bonplandia 2:114. 1854.  
*Stelis endresii* Reichb.f., Gard.Chron. 1373. 1870.  
*Stelis filiformis* Lindl., Folia Orch.Stelis 6. 1859.  
*Stelis grassilabris* Reichb.f., Gard.Chron. 16:717. 1881.  
*Stelis lindleyana* Cogn., Fl. Bras. 3(4):346. 1896.  
*Stelis papaquerensis* Reichb.f., Linnaea 22:822. 1850.  
*Stelis paraensis* Barb.Rodr., Gen.Sp.Orch.Nov.2:88. 1877.MG 133.538  
*Stelis yauaperyensis* Barb.Rodr., Vellozia (ed.) 1:120-121. 1891.  
*Stelis* sp.
- 

***Stenia* Lindl.**

- Stenia palida* Lindl., Edwards's Bot.Reg.23 sub t.1991. 1837.MG 139.108
- 

***Trichocentrum* Poep. & Endl.**

- Trichocentrum albo-coccineum* Lindl.Belg.Hort.; 15.103. 1865.MG 138.859  
*Trichocentrum cornucopiae* Linden & Reichb.f.Gard.Chron.; 266. 1866.MG 147.007  
*Trichocentrum fuscum* Lindl.Bot.Reg.; t.1951. 1837.MG 151.681  
*Trichocentrum* sp.
-

---

*Trichopilia* Lindl.

*Trichopilia albida* Wendl., Allgem. Gart. 19:362. 1851. MG 156.677

---

*Trichosalpinx* Luer

*Trichosalpinx blaisdeellii* (S.Wats.) Luer, Phytologia 54:394. 1983.

*Trichosalpinx cedralensis* (Ames) Luer, Phytologia 54:394. 1983.

*Trichosalpinx ciliaris* (Lindl.) Luer, Phytologia 54:395. 1983.

*Trichosalpinx dura* (Lindl.) Luer, Phytologia 54:395. 1983.

*Trichosalpinx egleri* (Pabst) Luer, Phytologia 54:395. 1983. MG 149.875

*Trichosalpinx intricata* (Lindl.) Luer, Phytologia 54:396. 1983. MG 148.485

*Trichosalpinx memor* (Reichb.f.) Luer, Phytologia 54:396. 1983. MG 138.986

*Trichosalpinx orbicularis* (Lindl.) Luer, Phytologia 54:396. 1983. MG 145.499

*Trichosalpinx pusilla* (H.B.K.) Luer, Phytologia 54 (5):397. 1983.

---

*Trigonidium* Lindl.

*Trigonidium acuminatum* Batem. ex Lindl., Bot. Reg. 23: misc. p. 74. 1838. MG 149.862

*Trigonidium obtusum* Lindl., Bot. Reg. vol. 23. tab. 1923. 1837.

---

*Trisetella* Luer

*Trisetella triglochis* (Reichb.f.) Luer, Phytologia 47:58. 1980.

---

*Triphora* Nutt.

*Triphora amazonica* Schltr., Beih. Bot. Centralbl. 42 (2): 75. 1925.

*Triphora carnosula* (Reichb.f.) Schltr., Beih. Bot. Centralbl. 42 (2): 76. 1925.

*Triphora duckei* Schltr., Beih. Bot. Centralbl. 42 (2): 75. 1925.

---

*Trizeuxis* Lindl.

*Trizeuxis falcata* Lindl., Coll. Bot. t. 2. 1823.

---

*Uleiorchis* Hoehne

*Uleiorchis ulei* (Cogn.) Brieger, Die Orchidee 7(25-28):392. 1975.

*Uleiorchis* sp.

---

*Vanilla* Mill.

*Vanilla aromatica* Griseb. F., Brit. W.L. 638. 1864.

*Vanilla bahiana* Hoehne, Arq. Bot. Est. São Paulo 2: 103. 1950.

*Vanilla bicolor* Lindl., Bot. Reg. misc. 37. 1838.

*Vanilla cristagalli* Hoehne, Arq. Bot. Est. São Paulo 1: 125. 1944.

*Vanilla cristato-callosa* Hoehne, Arq. Bot. Est. São Paulo 1: 126. 1944.

*Vanilla gardneri* Rolfe, Kew Bull. 177. 1895.

*Vanilla grandiflora* Lindl., J. Linn. Soc. Bot. 6: 138. 1862. MG 145.568

*Vanilla mexicana* Mill., Gard. Dict. Ed. 8. n. 1. 1786.

*Vanilla ovata* Rolfe J., Linn. Soc., Bot. 32. 451. 1896.

*Vanilla palmarum* Lindl., Gen. Sp. Orch. Pl. 436. 1840.

*Vanilla penicilata* Garay & Dunsterv., Orch. Venez. 3: 324. 1965.

*Vanilla planifolia* Hoehne, Comm. Lin. Telegr. Bot. 1: 27 t. 5. 1919.

*Vanilla pompona* Schied., Linnaea 4: 573. 1829. MG 149.929

*Vanilla pusurara* Rodr. Jr. ex. Hoehne, Arq. Bot. Est. São Paulo 1: 127. 1949.

*Vanilla sprucei* Rolfe, Journ. Linn. Soc., Bot. 32. 461. 1896.

*Vanilla trigonocarpa* Hoehne, Arq. Soc. Bot. Est. São Paulo 1. 126. 1944.

*Vanilla uncinata* Huber ex Hoehne, Arq. Soc. Bot. Est. São Paulo 8. 269. 1937.

---

*Wulschlaegelia* Reichb f.

*Wulschlaegelia aphylla* (Sw.) Reichb. f., Bot. Zeit. 21: 131. 1863.

*Wulschlaegelia calcarata* Benth., J. Linn. Soc., Bot. 18: 342. 1881.

---



---

*Xerorchis* Schltr.

*Xerorchis amazonica* Schltr., Fedde. Rep. 11: 45. 1912.

*Xerorchis trichorhiza* (Kraenzl.) Garay, Canad. J. Bot. 34: 241. 1956.

---

*Xylobium* Lindl.

*Xylobium colleyi* (Batem. ex Lindl.) Rolfe, Gard. Chron. ser. 3. 7: 288. 1890. MG 138.983

*Xylobium foveatum* (Lindl.) G. Nicholson III. Dict. Gard. 4: 225. 1887. MG 138.879

*Xylobium variegatum* (Ruiz & Pav.) Garay & Dunst. Venez. Orchid. III. 2: 342. 1961

*Xylobium squalens* (Lindl.) Lindl., Bot. Reg. 11: sub t. 897. 1825

---

*Zygosepalum* Reich.

*Zygosepalum lindeniae* (Rolfe) Garay & Dunst. Venez. Orchid. III. 3: 336. 1965. MG 133.545

*Zygosepalum kegelii* (Reichb. f.) Garay & Dunsterv., Venez. Orch. III. 3: 336. 1965

*Zygosepalum labiosum* (L.C. Rich.) Garay, Rev. Soc. Col. Orq. 1(3): 2. 1967. MG 148.448

*Zygosepalum tatei* (Ames & Schweif.) Garay & Dunsterv., Venez. Orch. III. 5: 318. 1972. MG 148.488

---

# Glossário

- Ação antrópica** Ação causada pelo homem.
- Afluentes** Água residuária ou outro líquido, parcial ou completamente tratado, ou tem seu estado natural, que flui para um reservatório, corpo de água ou instalação de tratamento.
- Arbusto** Vegetal lenhoso, de pequeno porte, ramificado desde a base e, em consequência, desprovido total ou quase totalmente de um tronco.
- Árido** Em que não há umidade; seco; estéril; deserto.
- Arqueada** Curvada em arco.
- Axila** Ângulo formado pelo encontro de dois órgãos ou partes de uma planta.
- Bainha** Parte basal e achatada da folha, que a prende ao caule envolvendo-o total ou parcialmente.
- Bizarra** Esquisita, estranha, extravagante.
- Botânico** Indivíduo que se dedica ao estudo da botânica (vegetais).
- Bulbo** Sistemas caulinares subterrâneos que armazenam reservas; costuma ser considerado um caule modificado, mas com todo um sistema caulinar com seu eixo, suas gemas, primórdios foliares e folhas modificadas.
- Campinas** Campo extenso e sem árvores; formação vegetal herbácea; campo limpo.
- Ciliar** Faixa estreita de mata na margem da água; mata ripária ou de galeria.
- Colonização** Ato ou efeito de estabelecer colônia.
- Coluna** Estrutura constituída pelo concrecimento em grande extensão dos filetes e estigmas.
- Crescimento ascendente** Que vai subindo ou progredindo.
- Densa** Compacto, unido, espesso, apertado.
- Dispersão** Disseminação, separação das partes reprodutoras (frutos e sementes) pelo vento, pela água, pelos animais, pela força da gravidade ou mecanismo explosivo das próprias plantas.
- Efêmeras** Que só dura um dia; de pouca duração.
- Endêmica** Diz-se de uma espécie que vive exclusivamente em determinado país ou área, bastante frequente.
- Epífitas** Vegetais que vivem sobre outras plantas sem retirar seus nutrientes; não se trata, portanto, de parasitas, já que o hospedante serve somente para suporte.

- Espécie rara** Espécie pouco comum ou pouco frequente.
- Espécies inéditas** Espécies novas, original.
- Espora** Apêndice em geral cônico, existente na corola, principalmente, ou no cálice de certas flores.
- Estigma** Parte apical do pistilo, de forma variada, por vezes dilatada e glandulosa que recebe os grãos de pólen.
- Estuário** Desembocadura de um rio no mar, onde se misturam águas doce e salgada.
- Extinção** Ação ou efeito de extinguir-se.
- Florestas secundárias** Mata que nasce depois da derrubada da floresta virgem.
- Forma de roseta** Disposição das pétalas imitando uma rosa.
- Gramíneas** Família de plantas monocotiledôneas, em que se incluem importantes cereais, algumas espécies de relva ou grama, a cana-de-açúcar, etc.
- Grotesca** Oposto ao sublime.
- Habitat** Emprega-se com frequência ao lugar em que se cria a planta.
- Hábito** Porte, aparência ou aspecto de uma planta.
- Inflorescência** Nome dado a um grupo de flores; qualquer sistema de ramificação terminado em flores.
- Labelo** Termo usado para designar a pétala maior e mais vistosa das orquídeas.
- Lobos** Recorte pouco profundo e arredondado.
- Monoespecífico** Relativo a uma única espécie no gênero.
- Musgos** Segundo grupo em que se divide os briófitas, com o protonema bem perceptível e filamentoso e o gametófito cormofítico.
- Nativas** Própria do lugar onde nasce; nato, peculiar.
- Orquidófilo** Indivíduo que coleciona orquídeas.
- Pantanosos** Relativo a pântano, alagadiço.
- Pendentes** Dependurados.
- Pétalas** Cada um dos segmentos da corola das flores (geralmente colorido).
- Planta parasita** É uma planta heterótrofa, incapaz de fabricar seus próprios nutrientes e possui raízes sugadoras.
- Polinização** A deposição do pólen, o seu transporte da antera ao estigma.
- Pseudobulbos** Caule em forma de bulbo e espessado de certas orquídeas.
- Raízes tuberosas** Com aspecto de tubérculo; diz-se de um órgão entumescido; pode ser um caule ou uma raiz.
- Rebrota** Renasce, ressurgue.
- Ribeirinhas** Que se encontra ou mora próximo de um rio ou ribeiro.
- Rizoma** Caule frequentemente subterrâneo, horizontal, rico em reservas; distingue-se da raiz pela presença de nós, gemas e escamas.

- Rochoso** Formado de rochas, pedregoso.
- Rupestres** Diz-se de alguma coisa pertencente ou relativa às rochas.
- Saprófitas** Vegetação heterotrófica (incapaz de produzir compostos orgânicos a partir de inorgânicos) e que vive de compostos orgânicos produzidos por outros, decompondo-os.
- Savanas** Tipo fisionômico de vegetação, principalmente entre mata e campo; tipicamente de árvores pequenas, espalhadas com capim e ervas.
- Sépalas** Cada um dos segmentos do cálice das flores (geralmente verde).
- Sinonímia** Qualidade das palavras sinônimas.
- Várzea** Terreno plano baixo, às vezes inundado, que margeia os rios.
- Viscidium** Substância viscosa, pegajosa, encontrada na base do polinário de orquídeas.
- Vulnerável** Suscetível de ser ferido ou tocado.



# Referências

- BARROS, F.; CATHARINO, E. L. M. Ocorrência, no Brasil, de *Chaubardia Klügii* (C. Schweinf.) Garay. **Orquidário**, v.6, n.4, p.149, 1992.
- BRAGA, M. M. N. ; BRAGA, P. I. S. Estudos ecológicos na campina da Reserva Biológica INPA/SUFRAMA, Km 45. **Acta Amazonica**, v.5, n.3, p.247-260, 1975.
- BRAGA, P. I. S. Aspectos biológicos das Orchidaceae de uma campina da Amazônia Central. **Acta Amazonica**, v.7, n.2, p. 1-89, 1977. Suplemento.
- \_\_\_\_\_. **Aspectos biológicos das Orchidaceae de uma campina da Amazônia Central. II- Fitogeografia das campinas da Amazônia Brasileira**. 1982. 305p. Tese (Doutorado) – INPA/FUA, Manaus, 1982.
- \_\_\_\_\_. Atração de abelhas polinizadoras de Orchidaceae com auxílio de iscas-odores na campina, campinarana e floresta tropical úmida da região de Manaus. **Ciênc. & Cult.**, v.28, n.7, p. 767-773, 1976.
- \_\_\_\_\_. Estudo da flora orquidológica do Estado do Amazonas. III-X *Brassocattleya rubyi* Braga (Orchidaceae) híbrido natural novo da flora amazônica. **Acta Amazonica**, v.8, n.3, p. 371-378, 1978.
- \_\_\_\_\_. Orquídeas das campinas da Amazônia Brasileira. In: ENCONTRO DE ORQUIDÓFILOS E ORQUIDÓLOGOS, 1., 1981, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1981. p. 19-43.
- Da SILVA, J. B. F.; OVERAL, W. As orquídeas da Amazônia. In: **Amazon wildlife: Insight Guide**. Singapore: Apa Publ., 1991.
- DRESSLER, R. L. **Phylogeny and Classification of the Orchid Family**. Oregon: Press Portland, 1981. p. 314.
- DUNSTERVILLE, G. Algumas orquídeas das mais altas regiões do Brasil. **Orquídea**, v.30, n.1, p. 16-31, 1973.
- LUER, C. New species and sub specific Taxa in *Madevallia*. **Lindleyana**, v.3, n.1, p. 17-70, 1988.
- MIRANDA, F. E. New orchid species from Brazil. **Lindleyana**, v.1, n.3, p. 148-157, 1986.
- \_\_\_\_\_. New orchid species from Brazil. **Lindleyana**, v.4, n.2, p. 94-102, 1989.
- \_\_\_\_\_.; LACERDA, K. G. Estudos em *Catasetinae* (Orchidaceae)-2. **Bradea**, v.6, n.14, p. 122-133, 1992.
- PABST, G. F. J. ; DUNGS, F. **Orchidaceae Brasiliensis I**. Hildesheim: Kurt Schemersow, 1975.
- \_\_\_\_\_. ; \_\_\_\_\_. **Orchidaceae Brasiliensis II**. Hildesheim: Kurt Schemersow, 1977.
- ROMERO, G. A. A new *Catasetum* species (Catasetinae, Orchidaceae) from Goiás, Brazil. **Brittonia**, v.45, n.3, p. 237-239, 1993.
- \_\_\_\_\_. ; JENNY, R. Contributions towards a monograph of *Catasetum* (Catasetinae, Orchidaceae) I: A checklist of species, varieties and natural hybrids. **Harvard Papers**, v.4, p.59-84, 1993.

SALAZAR, G. A. A new specie of *Mormodes* (Orchidaceae) from Brazil. **Bradea**, v.6, n.9, p. 65-67, 1992.

\_\_\_\_\_; Da SILVA, J. B. F. da. *Mormodes paraensis*, a new orchid species from Brazil. **Lindleyana**, v.8, n.2, p. 73-76, 1993.

SILVA, M. F.; SILVA, M. F.F. da. *Calluera* Dodson (Orchidaceae) – Nova ocorrência para o Brasil. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi**, v.11, n.2, p. 227-230, 1995.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **Orquídeas nativas da Amazônia**. I. O gênero *Catasetum* Kunth. Belém: FUNTEC/SECTAM–MPEG, 1998. 160 p.

\_\_\_\_\_; OLIVEIRA, A. T. de. *Coryanthes elianae* e *Coryanthes miaoense*: duas novidades da família Orchidaceae para o Estado do Amazonas, Brasil. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi**, v.14, n. 1, p. 43-51, 1998.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. *Catasetum cucullatum*. Uma nova espécie de Orchidaceae para o Estado do Amazonas, Brasil. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi**, v.14, n. 1, p. 63-67, 1998.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Uma nova espécie de *Coryanthes* Hook (Orchidaceae) para o Estado do Pará. **Revista da Coordenadoria das Associações de Orchidaceae do Brasil** (CAOB), v.25, p. 21-23, 1996.

\_\_\_\_\_; Da SILVA, J. B. F.; ROCHA, A. E. S.; OLIVEIRA, F. P. M.; SILVA, M. F.; QUEIROZ; O. H. A. Inventário da família Orchidaceae na Amazônia Brasileira. Parte I. **Acta Botanica Brasilica**, v.9, n.1, p. 163-175, 1995.